COLLECÇÃO
DE
MONUMENTOS INEDITOS
PARA A HISTORIA DAS CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES
EM AFRICA, ASIA E AMERICA

PUBLICADA
DE ORDEM DA CLASSE DE SCIENCIAS MORAES, POLITICAS, E BELLAS LETTRAS
DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

E SOB A DIRECÇÃO
DE
RODRIGO JOSÉ DE LIMA FELNER,
SOCIO EFFECTIVO DA MESMA ACADEMIA.

OBRA SUBSIDIADA PELO GOVERNO DE PORTUGAL.

TOMO II.

1.ª Serie.

HISTORIA DA ASIA.

LENDAS DA INDIA

POR

GASPAR CORREA

PUBLICADAS

DE

ORDEM DA CLASSE DE SCIENCIAS MORAES, POLITICAS E BELLAS LETTRAS

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

E SOB A DIRECÇÃO

DE

RODRIGO JOSÉ DE LIMA FELNER,

SOCIO EFFECTIVO DA MESMA ACADEMIA.

OBRA SUBSIDIADA PELO GOVERNO DE PORTUGAL.

LIVRO SEGUNDO

EM QUE SE RECONTÃO OS FAMOSOS FEITOS D'AFONSO D'ALBOQUERQUE, LOPO SOARES, DIOGO LOPES DE SEQUEIRA, D. DUARTE DE MENEZES, D. VASCO DA GAMA VISOREY, D. ANRIQUE DE MENEZES.

LENDA DE 17 ANNOS ACABADOS NO ANNO DE 1526.

TOMO II.

LISBOA

NA TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1860.

AFOSO·DALBOQVERQVE

JESUS CHRISTO.

No primeyro Liuro he recontado todo o milagroso descobrimento da India polas primeyras naos que partirão do Reyno de Portugal, no ano de 1497, que tornarão o ano de 1500, em que partio outra armada, e depois cad'ano huma armada com Capitão mór de viagem, até o ano de 1505, em que passou á India por Visorey dom Francisco d'Almeida, principal fidalgo de Portugal, que gouernou a India até o ano de 1509, que he lenda de doze annos: as armadas, e capitães dellas e seus aquecimentos, tudo em penturas, como no dito Liuro parece. E ora este segundo Liuro, em que recontarey, a Deos prazendo, da Lenda do illustre Afonso d'Alboquerque, que ficou na gouernança da India após o Visorey dom Francisco; o qual Afonso d'Alboquerque gouernou a India até seu fallecimento, e após elle outros Gouernadores, que neste volume hirão entitulados, de que farey suas Lendas, com protestação de a nenhum tirar nada do bem ou mal que fizerão em suas gouernanças. He verdade que quando comecey esta acupação de escreuer as cousas da India erão ellas tão gostosas, per suas bondades, que daua muyto contentamento ouvilas recontar; mas, porque as boas cousas pouquo durão, as bondades se forão danando e comrompendo, como ao diante direy, que nom deixarey de escreuer, pera que cada hum aja o galardão de seu bem e do mal, neste mundo nas lingoas e memorias das gentes, e no outro, ante Deos, cada hum auerá direita satisfação de seus merecimentos.

CAPITULO I.

DE COMO PARTIDO PERA O REYNO O VISOREY DOM FRANCISCO, AFONSO D'ALBOQUERQUE, QUE FICOU NA GOUERNANÇA, DEU PRESSA A' CARREGAÇÃO DAS NAOS, E COM O MARICHAL E CAPITÃES TOMOU CONSELHO PER HIR DESTROIR CALECUT, AO QUE O MARICHAL VINHA DETERMINADO, DO QUE DERÃO CONTA A ELREY DE COCHYM; E O QUE SE NYSSO PASSOU, COM VIR COJEBEQUI PEDIR PAZES.

PARTIDO o Visorey pera o Reyno, como dito he, ficando Afonso d'Alboquerque em sua gouernança da India, elle, como homem prudente, consirando em sy tamanha cousa como a gouernança da India, cousa de tamanho pezo, e tamanha conta auia de dar a Deos do que mal acertasse, e a ElRey, que nelle confiára tamanho encargo de auer de ministrar a India, e a melhorar com paz e guerra, como milhor fosse pera segurança do Estado Real; e que pera cousa tamanha, elle era hum só homem, e nom sabia que amigos acharia verdadeiros, que o ajudassem com verdadeiros conselhos quando lhos pedisse, auendo de mandar seruir tantos e tão nobres fidalgos, e bons caualleiros que auia na India, todos mancebos querençosos de ganhar honra per feitos de suas armas, que sempre querião cousas de guerra, e nos conselhos que dessem sempre s'encrinarião á guerra, o que elle nom satisfazendo suas vontades, e apetites, lhes ficaua em desgraça, e descontentes, que nunqua lhes pareceria bem cousa que elle fizesse, de que podião soceder inconuenientes que lhe dessem muytos trabalhos. E mórmente muyto maginaua no feito de Calecut, em que o Marichal vinha tão acezo pera o fazer, per vontade d'ElRey, que lho apontaua no regimento que lhe dera; polo que notificaua que nom vinha á India, com tão poderosa armada, senão pera ganhar a honra de leuar a Portugal 'apresentar a ElRey as portas da casa d'ElRey de Calecut, em que elle se vinha estar á viração do mar; que estauão na praya, feitas de madeira de riquos lauores, assentadas sobre esteos; e sobre tudo as portas d'essa casa que se chama çarame d'El-

Rey, as quaes erão lauradas marauilhosamente, com imagens d'alimarias e aues em chapas de prata e ouro. Em guarda desta casa estauão sempre de dia e de noite dozentos nayres com suas armas; o que o Rey assy tinha por vaidade de seu estado. E porque deste çarame muyto falauão a ElRey, que dizia que seria grande enjuria a ElRey de Calecut lho tomar e queimar, e nysto praticaua muytas vezes, e * o * Marichal era homem mancebo e muyto da graça e priuança d'ElRey, se offereceo a ElRey que lhe leuaria as portas d'este çarame; que lhe désse armada e gente, e poderes, que lho nom estoruassem Gouernador nem Visorey que estiuesse na India: do que muyto aprouve a ElRey, e tudo lhe concedeo como elle quis, polo que o Marichal assy vinha tão poderoso, e, sobre tudo, achar a elle assy auexado e preso, que da sua mão o metera em sua gouernança, polo que estaua mais poderoso pera querer fazer toda sua vontade. No que o Gouernador muyto tinha o sentido e maginação, porque via em seu regimento que ElRey lhe fazia remate dizendo, que nas cousas que elle mandasse, fizesse o que fosse mais seu seruiço, com que toda a carga a elle ficaua; e porque o Çamorym Rey de Calecut era muy poderoso de gente de guerra, e sua cidade muy defensauel por caso de sua má desembarcação, em que na praya, por ser costa braua, sempre o mar muyto arrebentaua, em tal maneyra que sómente os pescadores naturaes da cidade com suas almadias fazião as desembarcações, que muytas vezes se alagauão. Afóra ysto tinha bem entendido que se Calecut estiuesse em paz Cochym ficaua manso e quieto, de que resultaua grande bem a ElRey pera sua carregação da pimenta, que era o lume dos olhos de Portugal, que lhe ElRey sobre todalas cousas muyto encarregaua, porque, nom hindo pimenta da India, Portugal nom podia suprir o tamanho gasto que elle fazia, do que de toda esta tamanha sostancia resultaua o ganho e perda seu, * no * bom acertar, ou errar; e correndo com seu pensamento estas tamanhas sostancias, com seu bom entendimento, bem alcançaua que a paz da India era a verdadeira saluação de todolos socessos e auessos que da guerra resultão: polo que em seu coração assentou sempre seus feitos trabalhar per modos de paz e amigo, e muyto se escusar de guerra, polo que em sy determinou quanto pudesse dessimular com o Marichal como nom fosse a Calecut; e com este sentido se muyto trabalhou por assentar em boas amizades os fidalgos que forão da parte do Visorey em suas contendas. E porque o Marichal muyto

se apressaua a carregar as naos pera hir a Calecut, elle o muyto fallaua ao Gouernador, que nysso lhe mostraua muyta vontade, e ambos muytas vezes hião fallar a ElRey de Cochym, que daua muyto auiamento, e tambem forão a Coulão carregar duas naos. O Marichal bem entendia que sua hida a Calecut auia de ser mais de força que de vontade da gente, por * que * no feito auia perigo e trabalho certo e nenhum proueito, o que elle sabia que assy se trataua onde auia praticas, e arreceaua muyto que se sobre o feito se ouvesse conselho, o que se nom podia escusar, nom acharia vontades senão nos seus de sua armada, que com elle ouvessem de tornar ao Reyno; polo que hum dia, estando elle e o Gouernador com ElRey de Cochym fallando, o Marichal lhe disse: « Senhor, » « ElRey de Portugal, teu Irmão, tem tanta paixão contra ElRey de Ca- » « lecut, polos males que tem feitos neste teu Reyno, que sempre, em » « quanto viuer, lhe ha de mandar fazer quanto mal puder; e com esta » « vontade me manda a mym que vá enjuriar ao Çamorym, e lhe quei- » « mar o seu çarame e lhe leuar as portas d'elle. E pera o fazer me deu » « esta tamanha armada, com tanta gente que trouxe, confiando que a » « ysso farás toda' ajuda, pois tudo he pera grandeza de tua honra. »

ElRey de Cochym era muyto sesudo e muy entendido nas cousas, e respondeo ao Marichal que tudo dizia verdade, e por ysso elle era tanto amigo d'ElRey de Portugal seu Irmão, que antes lhe queria fazer proueito que todo o bem de seu Reyno, « e que mais folgara de lhe ter já » « carregadas suas naos antes que ver nellas embarcadas as portas do ça- » « rame, que vens buscar, porque a carga destas naos leuão a Portugal » « muyto bem, e leuando as portas do çarame sómente leuarão prazer, » « e quá ficará trabalho, e com o prazer das portas póde ser que hirão » « muytos pezares, porque nas cousas da guerra Deos tem o nacibo. » Esta palaura de nacibo tratão antre sy estas gentes, assy como nós dizemos ventura. D'esta reposta d'ElRey ficou o Marichal descontente, porque teue maginação que o Gouernador ysto tinha praticado com ElRey em sua ausencia; e mostraua rezão, que nom ha ninguem que antes nom queira a paz que a guerra, polo bem e mal que de hum e d'outro socede. E com esta maginação, que em sy tomou o Marichal, fallou com alguns fidalgos seus amigos que o praticassem com o Gouernador: o que assy fizerão; mas elle, como estaua d'auiso n'esta cousa, sempre deu repostas de que nom entendião sua tenção, porque o caso se auia de tratar em conselho,

e d'elle sayria o que se ouvesse de fazer; que bem sabia que ninguem auia de querer perigo e trabalho, sem proueito, que em Calecut nom auião d'achar.

O Marichal, que nom trazia o sentido senão n'esta cousa, mais que na carga das naos, querendo concrusão no que desejaua, fallou com o Gouernador, dizendo que o tempo se encurtaua pera o que se auia de fazer; que por tanto mandasse fazer a gente prestes, e se partiria com as naos que já estauão carregadas, e que as outras ficarião carregando e se hirião a Calecut. O Gouernador lhe respondeo: «Senhor Marichal,» «as cousas de tanto pezo, como esta, seria erro hir a determinação dian-» «te e o conselho detrás;» e mais porque o feito auia de ser com mãos alheas nom podia ser bom sem as vontades de seus donos. O Marichal ficou agastado, porque era homem de sua vontade, e respondeo que o conselho nom auia de ser em contrairo do que ElRey mandaua; sómente o conselho fosse o modo do feito como se ordenaria, e nom pera mais outro entendimento. O Gouernador lhe disse: «Senhor, per qualquer» «via que seja, o conselho nom se escusa; ajuntarsehão todos os fi-» «dalgos, e lhe apresentarês o mandado d'ElRey nosso senhor, e vossa» «mercê lhe falara e moestrara o que *elle manda; e* do que com el-» «les assentardes vós tomareys o feito.» O que assy foy assentado. Então forão chamados os principaes fidalgos que auia pera ysso, que forão dom Antonio de Noronha, que seruia de capitão de Cochym, e Lionel Coutinho, Manuel Paçanha, Pero Afonso d'Aguiar, Ruy Freire, Gomes Freire, Francisco de Sousa Mancyas, Francisco de Sá, Jorge da Cunha, Fernão Paes d'Andrade, Jorge da Silueira, Manuel de Lacerda, Francisco Pereira Coutinho, Duarte de Mello, Francisco de Tauora, Rodrigo Rabello, Bastião de Sousa, dom Luiz Coutinho, Ayres da Silua, Gaspar Pereira, sacretario. E sendo assy todos juntos, o Marichal prepôs a pratica, dizendo que a milhor cousa que auia no mundo, depois d'amar a Deos, era a honra, perque os homens fidalgos e de primor auião de nom estimar as vidas; e sobre todo o mór ponto d'honra era obedecer seu Rey e senhor, a que todos erão obrigados quantos alli estauão; polo que lhe noteficaua que ElRey seu senhor mandaua destroir a cidade de Calecut, com conselho do Gouernador, que estaua presente; sobre o que se fizera diligencia e tinha sabido que o Çamorym estava doente na serra, e a cidade estaua sem gente nem apercebimento, polo que nom auia nenhum inconueniente pera

deixar de se fazer este feito, sobre o que lhe muyto apontou outras sostancias que fazião ao caso. E porque n'estes casos cada hum quer a honra, os mais concederão que se fizesse; ao que o Gouernador nom quis contrariar, vendo os votos de todos, e mandou aperceber toda a gente, e •o• Marichal todos os de sua armada.

ElRey de Calecut, vendo tamanha armada, tomou muyta sospeita que vinha pera lhe fazer mal, e praticando com seus regedores, assentou mandar seu recado ao nouo Gouernador, e lhe pedir pazes, pera descobrir sua sospeita. Mandou vir Cojebequi, o mouro de que já fiz tanta menção atrás, e perante elle fez grandes juras em seus pagodes, e cerimonias, que elle faria paz com os nossos, que durasse pera sempre; que por tanto fosse ao Gouernador com este recado, e que, se esta paz assentasse, por ysso lhe daria toda' sua fazenda, e lhe faria muytas mercês. Do que o mouro se encarregou, e veo a Cochym, e falou com o Gouernador, dizendo todo o que dizia o Çamorym, e o que lhe vira jurar; que elle ouvesse seu conselho, porque bem deuia de ter sabido as cousas que erão passadas sobre pazes do Çamorym: o que o mouro assy o disse ao Gouernador, dizendo que tudo lhe punha diante, que elle fizesse o que fosse sua vontade, porque em quanto viuesse nunqua em seu coração aueria o contrairo do que falasse na boca aos portuguezes; que por ysso nom estimaua quanto tinha perdido, e sobre ysso a vida, que tinha sabido que por ysso auia de perder. O Gouernador lhe deu muytos agardecimentos, e prometimentos de boas satisfações, se as d'elle quigesse; dizendo que tambem elle lhe auia de fallar verdade; que elle estaua já prestes pera logo partir e hir pelejar e destroir Calecut, polo mandar ElRey seu senhor, e nom podia al fazer; que por tanto visse o que queria fazer. O Cojebequi fallou muyto com o Gouernador, e lhe dixe que se tornasse a Calecut, sem concerto de paz, causaria que a cidade se apercebesse de muyta gente; que ficaria com elle na sua nao, e que depois do feito faria o que visse que lhe compria. Polo que o Gouernador logo o mandou embarcar na sua nao, e com elle dous mouros que o acompanhauão, perque nom pudessem mandar recado a Calecut, e fossem testimunhas que Cojebequi fôra assy logo leuado á nao com elles, perque nom pudessem escreuer, nem mandar recado a Calecut.

CAPITULO II.

DE COMO O GOUERNADOR E O MARICHAL FORÃO GUERREAR A CIDADE DE CALECUT, E ESTANDO PERA PARTIR DE COCHYM CHEGOU VASCO DA SILUEIRA, QUE VEO COM RECADO DE DUARTE DE LEMOS, DA COSTA D'ALE'M, PEDIR NAUIOS E GENTE PERA HIR GUERREAR ORMUZ, DE QUE FICOU SEM DESPACHO ATE' O GOUERNADOR TORNAR DE CALECUT, PERA ONDE LOGO PARTIO COM O MARICHAL E TODO O PODER DA INDIA.

JA' atrás fica contado que Duarte de Lemos partio de Moçambique pera Ormuz, [1] * a * tomar os nauios de Afonso d'Alboquerque e ficar conquistando Ormuz, e Afonso d'Alboquerque vir gouernar a India; o qual Duarte de Lemos correo ao longo da costa, e foy a Quiloa, onde meteo por capitão da forteleza Francisco Pereira [2] * Pestana, * que vinha prouido por ElRey, e leuou Pero Ferreira, que era capitão pera Çacotorá, e tomou muytos mantimentos, e foy seu caminho a Çacotorá, onde chegado meteo por capitão da forteleza a Pero Ferreira, porque dom Afonso nom quis mais ser capitão, indaque tinha alguns meses por acabar de seruir, e Duarte de Lemos lhe deu hum nauio, que viéra de Çofala da companhia de Vasco Gomes d'Abreu, pera n'elle se vir pera a India, e dom Afonso o mandou concertar, mas era tão podre que se foy ao fundo sobre amarra. Chegando Duarte de Lemos a Çacotorá soube que Afonso d'Alboquerque era hido pera' India assy desbaratado, e que ficaua tudo de guerra; e por ysso nom foy pera Ormuz, e se foy pola costa de Fartaque, e cabo de Guardafuy, andar ás prezas gastando o tempo, até que lhe derão os ponentes, que entrou o cabo de Roçalgate, e foy correndo a costa, roubando e queimando o que podia, no mar e na terra; e no porto de Mascate queimou muytas naos, e tomou muytas fazendas, o que assy fez no porto d'Ormuz, mas com a cidade nom entendeo, por que estaua muy apercebida com muyta gente. Então se tornou caminho de Çacotorá, e de caminho despedio Vasco da Silueira na nao Sancta Cruz, em que mandou tambem Diogo Correa, e Antão Nogueira seu cunhado, pera que todos muyto requyrissem ao Visorey, ou 'Afonso d'Alboquerque, se fosse

[1] * e * No autographo. [2] * Testana * Autogr.

Gouernador, que mandasse nauios e gente, porque com a que tinha nom podia guerrear Ormuz, que estaua muyto aprecebido; e muyto encarregando a todos, e a Vasco da Silueira que logo lhe tornasse com reposta. E despedida a nao, elle se foy a Çacotorá, onde achou dom Afonso, porque o seu nauio se perdera, como disse que se fôra ao fundo, e ahy esteue pouquos dias, e se tornou a partir, e foy andar no cabo de Guardafuy, em que tomou muytas prezas, que foy vender a Melinde, onde se carregou de mantimentos com que se tornou a Çacotorá, a esperar a reposta que lhe auia de leuar Vasco da Silueira; o qual veo seu caminho, e chegou a Cochym estando o Gouernador com o Marichal embarcandose pera Calecut, como já disse, e Vasco da Silueira deu as cartas ao Gouernador, que lhe disse que fosse a Calecut, e que acabado o feito o despacharia o milhor que pudesse.

E porque a pimenta nom acodia tanta pera se acabarem de carregar todas as naos, e o tempo se hia encurtando pera o que se auia de fazer, tendo o Marichal carregada sua nao, e de Pero Afonso d'Aguiar, e de Braz Teixeira, se recolheo com toda a gente de sua armada, e o Gouernador com toda a da India, que já estaua prestes, e se partirão pera Calecut, ficando, pera que carregando as naos se hirem após elle, que já estauão meas carregadas, a nao de Francisco de Sousa Mancyas, Gomes Freire, Jorge Lopes, e Francisco Coruinel, armadores. E o Gouernador fez capitão da forteleza de Cochym Antonio Real, que era alcayde mór e patrão de Cochym; e os capitães das naos se forão com o Marichal, que nom forão nas naos senão a gente do mar. E estando com toda a gente recolhida pera dar a vela, o Marichal se foy ao Gouernador e o fez vir á sua nao, onde pôs bandeyra na quadra, e vierão todolos capitães e fidalgos ao chamado do Marichal; e sendo todos juntos na tolda da sua nao, mostrou huma patente d'ElRey, de total poder que lhe daua em toda a gente que leuasse ao feito de Calecut, per vertude da qual defendeo, sô pena de morte, que pessoa nenhuma desembarcasse em Calecut senão com a ordem que se désse; tratando e assentando logo com todos o modo de sua desembarcação, que auia de ser ante menhã, com a maré chea, que o mar era mais manso, porque o que mais compria guardar era a desembarcação, pera que ElRey de Cochym dera vinte paraos grandes, com marinheiros que sabião o modo do desembarcar de Calecut, que o Marichal repartio polos capitães. E foy assentado que a

gente saysse em duas batalhas, huma com elle, e outra com o Gouernador, que ambos a hum tempo sayrião a terra, que seria a hum sinal de fogo que o Marichal faria. Então hirião, e o Gouernador auia de tomar terra da banda de Cochym, e o Marichal da banda de Cananor; e sendo desembarcado na terra, a hum tiro de berço, que o Marichal faria, andaria ao longo da praya, devagar, perque a gente fosse descansada, até chegar ao çarame, de que ninguem tocasse nas portas d'elle, porque ElRey as mandaua leuar; e que tomadas as portas daria na cidade, em que daua escala franqua: o que todo assy ordenado, os capitães se tornarão a suas naos e embarcações.

O Gouernador hia em huma galeota com a milhor gente que auia na India e com elle andarão em Ormuz, sómente Manuel Teles, e Antonio do Campo, que andauão com o Marichal, que lhe dera seu seguro de os leuar pera Portugal. Com o Gouernador s'embarcarão os homens que esperauão de andar com elle e ganhar mercês na India, que hindo polo caminho lhe forão fallando e aconselhando que nom perdesse nada de sua honra que podia ganhar n'este feito, que era o primeyro de sua gouernança, em que deuia muyto trabalhar mostrar bom começo de sua honra tamanha como tinha nas mãos, no que mais deuia a sy que a outrem; que o Marichal seu sobrinho era homem mancebo que nom vinha buscar mais honra que leuar a ElRey as portas do çarame; que elle o tomasse, e tirasse as portas e lhas entregasse, pois a ysso vinha, e nom queria mais que a nomeada de leuar as portas a Lisboa; mas que elle, como Gouernador que era, fizesse o feito, pois auia d'arriscar sua pessoa, e todos que com elle auião de hir, e ante elle morrer, por ganhar honra polo seruirem, pois com elle auião de seruir na India, e o Marichal se hiria pera Portugal com os seus, a que ElRey faria suas mercês, e elles ficauão com o trabalho e com a honra que lhe d'ahy ficasse; que por tanto elle trabalhasse por chegar primeyro ao çarame, e lhe tirasse as portas e as entregasse ao Marichal, pois a ysso sómente vinha, e por grampoar sua honra mostrára poderosa patente, pondo pena de morte a toda a gente, o que fôra escusado, pois bastára o mandar vossa senhoria, que he Gouernador da India. Ao qual conselho todos ajudarão, oferecendose a morrer ante elle.

O Gouernador, como era muyto entendido, ouvio a todos, e lhe respondeo com muytos agardecimentos, dizendo que elle vinha a fazer o

seruiço d'ElRey, assy como o tempo lhe désse lugar, o que elles assy fizessem, sem nenhum fazer desmando, o que lhe muyto encomendaua. Erão na companhia do Gouernador, dom Antonio de Noronha seu sobrinho, Fernão Peres d'Andrade, e seu irmão Simão d'Andrade, que erão já reconciliados com o Gouernador, porque erão da valia do Visorey em suas contendas; e Francisco Coutinho, Francisco de Tauora, Bastião de Miranda, Jorge da Silueira, Manuel de Lacerda, Duarte de Mello, Antonio da Costa, Simão Martins de Miranda, Gonçalo d'Almeida, Bastião de Crasto, e outros muytos, todos homens mancebos pera bom feito; e Diogo Fernandes de Beja, moço da camara d'ElRey, muyto da amizade do Gouernador, que viera n'esta armada, e Ayres da Silua, fidalgo mancebo, e Antão Nogueira, e Jusarte Pacheco, assinado caualleiro nas guerras de Cochym com Duarte Pacheco seu pay, como já disse no Liuro primeyro; e com a mais gente que o Gouernador tinha per rol em suas embarcações, que passauão de setecentos homens, afóra bons escrauos, valentes homens, que leuauão seus senhores com suas armas. Na companhia do Marichal todos os capitães das naos, a saber: dom Luiz Coutinho, Braz Teixeira, Bastião de Sousa, Rodrigo Rabello, que veo de Cananor a este feito, Manuel Paçanha, Pero Afonso d'Aguiar, Gomes Freire, Ruy Freire, Francisco de Sousa Mancyas, Jorge da Cunha, Francisco de Sá, Vasco da Silueira, Diogo Correa, e outros honrados fidalgos, que com elle vierão, e Manuel Teles, Antonio do Campo, Francisco Coruinel, Francisco Marequos, Jorge Lopes Bixorda, capitães armadores. Todos estes capitães com suas gentes, que passaua de oitocentos homens, gente limpa, bem armada, que todos se forão concertando até sorgir no porto de Calecut, que sendo vista tamanha armada fez grande medo na terra, mórmente perque o Çamorym hy nom estaua, que jazia doente d'ahy a cinquo legoas, mas o catual e védor da fazenda, e os regedores que estauão na cidade, logo com breuidade chamarão muyta gente de guerra, e se aperceberão o milhor que puderão, fazendo tranqueiras em que assentarão muyta artelharia, e puserão muyta gente em guarda do çarame, porque todo o mais ao longo da praya erão casinhas de palha, de pescadores, porque a cidade era pera dentro, antre palmeiras e aruoredos, em que auia nobres casas de mercadores e homens principaes, casas grandes de madeira, e cubertas d'olá, todas mal arruadas, e espalhadas.

CAPITULO III.

COMO O GOUERNADOR E MARICHAL DESEMBARCARÃO NA CIDADE DE CALECUT A' ESCALA VISTA, E FOY TOMADO O ÇARAME D'ELREY, E PER DEBATES, QUE O MARICHAL TEUE COM O GOUERNADOR, ELLE SE FOY A'S CASAS D'ELREY, QUE ROUBOU E QUEYMOU, E SE TORNANDO FOY MORTO COM MUYTOS FIDALGOS E GENTE, E O GOUERNADOR COM MUYTA GENTE FERIDO.

A armada sorgio no porto casy sol posto, e gastarão a noite em cada hum se concertar suas armas e rezar suas orações, e s'encomendar a Deos, que ha muyto vinhão confessados. E tiuerão vigia no fogo, que fez o Marichal huma hora ante menhã, que cada capitão tinha seus batés e paraos prestes, em que tinhão bons marinheiros, que sabião a temperança do mar pera desembarcar; em que toda a gente embarcada, os capellães, que hião nas embarcações, de cyma do bordo da nao lhe fazião a confissão geral e assoluião, com que cada hum se foy a sua bandeyra. O Marichal quando fez o fogo hia já nos batés pera terra, que sendo perto deixarão fateyxas por popa, pera se tornarem 'alar pera fóra quando quigessem. A corrente d'agoa leuou o Marichal muyto abaixo d'onde ouvera de desembarcar, onde acodirão muytos naires, que seus capitães nom deixarão sayr á praya, sómente estauão metidos antre as casas, porque ainda fazia escuro, com que o Marichal desembarcou á sua vontade toda a gente, * que * pôs em ordem, e com sua bandeyra diante começou 'andar ao longo d'agoa pera o çarame, e os batés e paraos hião tambem após elle.

O Gouernador com os seus, que tiuerão bom cuidado, s'embarcarão, e forão estar junto da praya, que como virão o sinal do fogo logo desembarcarão á sua vontade, porque os naires assy estauão antre as casas, o que assy ordenarão os regedores por milhor fazerem seu feito. O Gouernador, com sua bandeyra e gente em ordem, foy caminho do çarame, que estaua perto, e deu a dianteira a dom Antonio, seu sobrinho, com Jorge da Silueira, Jusarte Pacheco, Ayres da Silua, Simão d'Andrade, Manuel de Lacerda; mas a cobiça foy tamanha que nom tiuerão ordem, e o Gouernador, tocando as trombetas, chamando por Santyago, de * que * tinha seu abyto, chegarão ao çarame, que logo negros, que pera ysso leuauão machados, começarão a cortar pera tirar as portas, e

lhe tirarão as chapas ricas que tinhão d'ouro e prata, ao que sayrão até quinhentos mouros e naires com grande grita, cometerão os nossos muy fortemente, e derão fogo em sua artelharia, que tirou pera o mar e nom fez mal nenhum á gente, que os nossos andauão ás lançadas com os mouros fortemente, em que ouve muy grande peleja, mas sentindo o ferir de nossas lanças, que inda nom tinhão sentido, os naires de Calecut se tornarão a recolher pera dentro antre as casas, porque inda nom era bem menhã, e sentirão a vinda da gente do Marichal, que vindo pola praya, que ouvio tirar 'artelharia e ouvio a grita, logo vio que o Gouernador lhe tomára a dianteira, e vio logo grande fogo, que os nossos puserão nas casas antre que se colherão os mouros, do que o Marichal ouve muyta paixão, dizendo palauras muy agastadas: « Agora acabo de crer » « as cousas d'Afonso d'Alboquerque. O Visorey acertou, e eu errey. » E se deixou hir devagar; e porque escrarecia o dia sayo muyta gente d'antre as casas a pelejar com elle, e mórmente frecheyros, que tirauão rasteyro do longo do chão, com que muyto encrauauão os homens, polo que então forçadamente deu Santyago nos mouros, que logo se retornarão, sempre pelejando até se meterem per antre as casas, que o Marichal foy seguindo, correndo ao longo das casas pera o çarame até *que* os mouros largarão o campo, com que o Marichal tornou a sayr á praya, porque era menhã crara, onde o Gouernador se veo pera elle, dizendo: « Senhor, dai muytos louvores a Nosso Senhor » « por vos dar acabado este vosso tão honrado feito, e tendes ganhado a » « mór honra de Calecut, que nunqua outrem ganhara, que fostes o pri- » « meyro Capitão que com gente armada á escala vista entrastes a cida- » « de de Calecut, e d'ella ganhastes o que quisestes, que as portas do » « çarame já estão embarcadas. » O Marichal hia devagar ouvindo o Gouernador, que acabando de fallar, esteue quêdo em modo de desdem, com a cabeça deitada pera huma banda, e lhe respondeo muy sequo, dizendo: « Afonso d'Alboquerque, essas graças dai vós a Deos, que vos deu » « essa tanta honra, que as que lhe eu darey he por me mostrar esta » « boa menhã que me fizestes. A honra he vossa, que a soubestes ganhar » « e comuosquo fica, que eu vos nom quero nada d'ella, porque estou » « corrido de vir pelejar com negrinhos nús, que fogem como cabras. » E dixe a hum homem seu que fosse onde estauão as portas e as deitasse ao mar; e então tirou o capacete da cabeça, e o deu a hum seu page,

e 'adarga e lança, e pôs hum barrete de grã, e tomou huma cana na mão, e chamou Gaspar o lingoa, dizendo que lhe fosse mostrar as casas d'ElRey, em que hiria tomar outras portas, com mais honra que as que se acharão na praya, « que me furtarão ; e saberá ElRey meu senhor que » « com huma cana na mão, e barrete na cabeça, fui ás casas d'ElRey » « de Calecut, e saberá os enganos de medos e bioqos que lhe metem com » « este tão afamado Calecut, que nom tem senão negrinhos nús, com que » « he vergonha pelejarem homens armados. O Visorey me fallou a ver- » « dade d'este tão honrado feito. » O Gouernador em [1] * quanto * o Marichal fallaua estaua recostado em sua lança, e 'adarga deitada ás costas, e toda a gente derrador, e estaua muy afrontado ouvindo as palauras do Marichal, e sem agastamento lhe respondeo : « Senhor, as portas, » « que se acharão na praya, de Portugal as viestes buscar, e este vos he » « o Calecut de que fazem bioqos, e pois nom quereys as portas acha- » « das na praya, e quereys hir tomar outras milhores, Nosso Senhor vos » « ajude ; mas eu vos certifiquo, que se fizerdes esse caminho, que os » « negrinhos nús, que fogem como cabras lá per dentro, os achareys tão » « fortes mercadores que vos custará muyto suas fazendas, que tem em » « casas de palha, quanto mais as casas d'ElRey ; que vos muyto peço » « por mercê que tal caminho nom façaes, e nos tornemos a recolher em » « quanto temos tempo, porque d'aqui ás casas d'ElRey he muy longe e » « máos caminhos, porque nom póde hir a gente senão em fio, e antes » « que lá chegueys acharês muytos trabalhos, e lá chegareys muy cança- » « do, e acharês muytos d'estes negrinhos, que estão folgados e bem ar- » « mados. E fallouos verdade, e por tanto vos peço por mercê que nom » « vades. » O Marichal estaua com sua paixão, e respondeo : « Por ysso » « vou lá ; porque achando esses armados, que dizeys, então auerey que » « achey em Calecut que fazer. Eu nom vos peço conselho, nem vos cha- » « mo. Ahy tendes os bateys, podeysuos embarquar, pois estaes conten- » « te com vosso bom feito. »

E mandou Manuel Falcão, valente caualleiro, seu alferez, que andasse com a bandeyra, e o Gaspar lingoa diante, que lhe hia mostrando o caminho. O Marichal mandou a Pero Afonso que leuasse hum berço encarretado, que trazia, e o leuou com tres bombardeiros, e mari-

[1] * qamdo * Autogr.

nheiros com camaras, pilouros, e poluora em hum barril. A gente, cobiçosa do que podia roubar nas casas d'ElRey, seguirão após o Marichal.

O Gouernador, vendo assy hir o Marichal, e muyta gente que hia após elle, ficou fallando com os seus, dizendo: «Façamonos prestes,» «porque hoje será o que Deos quiser, que muytos vedes hir e os nom ve-» «reys tornar. Nom lhe posso valer, por que ElRey me tirou o poder» «neste lugar.» Então ajuntou a gente que ficava, e deixou em guarda da praya e batés dom Antonio de Noronha seu sobrinho, Duarte de Mello, e Rodrigo Rabello, e com elles dozentos homes, e lhes encomendou que os batés estiuessem prestes, e se homes viessem feridos logo fossem embarcados. O Gouernador levou seiscentos homes, e foy ao longo da praya, queimando casas, e muytas naos que estauão varadas e paraos, onde nom achou gente que lhe regystysse, ao que o Gouernador logo disse que toda a gente acodira após o Marichal; que compria nom tardar. Então foy entrando pola cidade, pondo fogo até chegar á estrada das casas d'ElRey, que era muy larga; e foy pondo fogo da banda da terra, e nada pera a banda do mar. O Marichal leuou o caminho direito ás casas d'ElRey atrauessando a cidade, leuando a gente em fio, porque as ruas erão estreitas; e hia pondo o fogo polas casas, que achauão sem gente, que todos hião afastados do Marichal, sem quererem pelejar com elle. O vento era da terra, e trazia o fumo sobre a gente que hia após o Marichal, com que se tornarão muytos á praya, que nom puderão hir com o fumo e quentura do fogo. As ruas perque hia o Marichal erão muy estreitas, como azinhagas, e d'ambas as partes paredes de pedra altura de mea lança, e per cyma, que he chea, tem as casas e seus palmares, e da rua sobem ás casas per cabeças de pedras que estão metidas nas paredes como degraos de poço. Hião com o Marichal até quatrocentos homes, capitães, fidalgos, gente luzida, porque o fumo tolheo que nom fosse a gente.

O Gouernador, como foy na estrada, pôs sua gente em ordem, e mandou Diogo Fernandes de Beja que se tornasse pera dom Antonio, e que com a gente que tiuessem entrassem pola cidade, pondo fogo por toda, até o caminho per que hia o Marichal, e se fossem após elle: o que elles assy fizerão, mas chegando ao caminho acharão tanto fogo que nom puderão passar, e se tornarão onde estauão, onde o fumo lhes daua trabalho, que era muy grande, porque toda a cidade ardia.

O Marichal seguio seu caminho, e foy dar em um grande terreiro

antre muytas casas, onde estauão no meo do terreiro humas grandes casas de madeira de lauores e grandes varandas, que erão d'aposento d'embaixadores. Nellas e no terreiro auia muytos naires, e gente, mouros armados, os quaes muy esforçadamente sayrão ao encontro dos nossos, sem nenhum temor, ferindo e afrechando, com que os nossos que hião diante se retiuerão: o que sendo dito ao Marichal o qual andou adiante; e entrarão no terreiro com os mouros Lisuarte Pacheco, e Vasco da Silueira, que pelejauão com espadas d'ambolas maos, e com elles Manuel Teles, Diogo Correa, Ruy Freire, dom Luiz Coutinho, que derão tal chegada aos mouros que os fizerão largar o terreiro, ficando mortos e caydos no chão mais de cento, e o fogo posto nas casas. Aqui foy morto Lisuarte Pacheco de huma frechada pola garganta, e Antonio da Costa decepado caydo no chão, que nom ouve quem o tornasse aos batés e hy morreo, e feridos muytos de frechadas polas pernas, de que alguns se tornarão pera os bateys, que no caminho forão mortos dos naires e gente que seguia após o Marichal; o qual seguio seu caminho e foy dar na estrada junto das casas d'ElRey, onde lhe sayrão huma soma de naires, que logo forão desbaratados, e se recolherão a huns vallados grandes, que cerquauão as casas d'ElRey, d'onde tirauão muytas frechadas. No terreiro das casas de madeira foy morto o regedor da cidade, o que logo correo 'a noua a ElRey: assy como os nossos hião fazendo lhe leuauão o recado; do que o Rey teue muyta paixão, e nom quis ver tres cabeças dos nossos, que lhe leuarão, dizendo que nom tinha naires, pois que os portuguezes chegarão a ver suas casas. O Marichal entrou as casas d'ElRey, e deixou em guarda da porta Ruy Freire, que era torto de hum olho, com cem homes que defendessem as portas, a que acodião muytos naires pera entrar, que os nossos defendião. Dentro nas casas auia hum grande pateo com muytas portas de casas muy lauradas, e chapeadas com pastas de cobre lauradas, e douradas, e per cyma grandes varandas de grandes lauores. Os nossos, com machados que leuauão escrauos e marinheiros, quebrauão os cadeados das portas, onde acharão muytos caixões cheos de ricos panos branqos, e de seda e d'ouro, e veludos, e brocados de Meca, e andores, gornicydos os páos e canas d'ouro e prata, que fazião pedaços, e entrouxauão o ouro e prata, que cada fidalgo trazia seus criados e marinheiros, que entrouxauão e guardauão cada hum a seu cabo, cada hum quanto mais podia, porque tudo era fa-

to riquo, que logo mandauão pera os batés: os quaes todos matauão os naires polos caminhos, que andauão a este roubo, que das casas d'ElRey á praya era hum tiro de berço. Ruy Freire, que guardaua a porta, vendo tanto fato no pateo, furtou do que os outros tomauão, e carregou vinte marinheiros e escrauos de sua companhia, e encomendou a guarda da porta a Francisco Coutinho, que com elle estaua, e foy caminho da praya; que tambem foy morto com todos, que hum só escrauo, muyto ferido, foy ter aos batés, que deu a noua do que era feito do Marichal. Vendo os naires, que andauão por cyma das casas, os nossos tão acupados no roubar, entrarão por detrás das casas per vallados que quebrarão, e entrarão no pateo ás cotilladas com os nossos que andauão acupados no roubo, e matarão dous e ferirão outros: ao que todos acodirão, e os naires forão enxorados fóra das casas, que leuarão muyta parte do fato, porque a ysso entrarão, de que os nossos tiuerão mais paixão que dos que ficauão mortos e feridos.

Dentro em huma casa [1] * quebrarão * outra porta, em que dentro na casa acharão muytos caixões cheos de fanões, que he sua moeda d'ouro, que tirarão fóra, e cada hum guardaua o que podia. Dentro nesta casa auia outra porta fechada, que tinha os fechos por dentro. Era toda chapeada de pasta de cobre dourada, que cuidarão que era ouro segundo reluzia, e dentro dizia o lingoa que estaua o tysouro d'ElRey, pólo que os nossos puserão muitas forças por quebrar as portas, e nom podião, porque erão muy fortes, e nom tinhão com que as poder quebrar; e estando n'este trabalho, chegarão á porta das casas quatrocentos naires que ElRey mandara vingar a morte do regedor, determinados todos a morrer. E por acerto tambem após estes naires chegou o Gouernador com sua gente, que deu nas costas dos naires e os fez fogir e largar a porta, que elles vinhão determinados a ter as portas, e outros entrar por detrás e matar quantos estauão dentro; e assy afastados da porta estauão detrás dos vallados tirando muytas frechas, com que fazião muyto mal. A estrada era chea de gente que vinha após o Gouernador, o que elle vendo esteue quêdo com sua gente, afastado das portas grande espaço. Então mandou Gaspar Pereira, sacretario, dizer ao Marichal que elle o estaua ally agardando, e que a gente era muyta, e crecia muyta mais; que lhe

[1] * quebrando * Autogr.

pedia que logo se saysse, e se contentasse com o feito, que era muyto, e se fossem, porque nom tinha gente, que toda era hida pera os batés com seu roubo, e tinhão o caminho mal auiado e comprido, e já grande calma, que era casy meo dia. O Marichal nom deu por este recado com 'acupação que tinha, de quebrar a porta do tysouro, e respondeo ao Gouernador que sem elle viera ally, e que sem elle se tornaria; que se fosse elle, se quigesse. Então o Gouernador andou até perto da porta, e encomendou a gente aos capitães, e mórmente a Fernão Peres d'Andrade, e seu irmão Simão d'Andrade, e Manuel de Lacerda; e pôs em guarda da porta, porque a gente nom entrasse a tomar o fato, a Martim Coelho, * e * Francisco de Tauora, e elle só foy onde estaua o Marichal, e lhe disse: « Senhor, estimai vossa honra e vida mais que o roubo que po- » « deys d'aquy leuar, e olhai que nom estamos em lugar, nem tempo, de » « byqos e pontos d'honra. Requêrouos da parte d'ElRey nosso senhor » « que vos sayaes, e nom estêmos mais aquy hora nem ponto, que se o » « nom fazemos todos seremos mortos, e ElRey nosso senhor perderá seu » « estado; e d'isto nom escaparemos, segundo a muyta gente que acode. » « O caminho perque viestes he todo queimado, que teremos muyto mais » « trabalho. » O Marichal disse que se saysse e encaminhasse a gente, e elle ficou pondo o fogo nas casas, e muyto fato que nom puderão leuar. O Gouernador saydo fóra, vendo que a gente era muyta, e que se fosse pola estrada lhe farião muyto mal, mandou caminhar por outras ruas estreitas, por onde hirião mais guardados da muyta gente, e disse ao Marichal que mandasse diante da gente homens que a tiuessem, que nom fosse em fogida; o que o Marichal arreceou, e disse ao Gouernador que elle fosse diante fazendo o campo franco: o que assy fez, que tomou a dianteira, retendo a gente, e o Marichal ficou detrás de toda a gente, e detrás d'elle Pero Afonso com o berço tirando, que nom ousauão os naires entrar pola rua; e postoque as ruas erão sombrias a calma era grande, e nas ruas huma terra solta, que aleuantaua tanto pó que os homens se afogauão. Os naires e mouros, como nom podião pelejar nas ruas, hião por cyma das paredes e vallados tirando muytas frechadas, e jagunchadas d'arremesso, e pedradas, e deitando páos e rama nas ruas, com que embaraçauão muyto o caminho aos nossos, com que muytos cayão, e empedião os que vinhão atrás, com que auia muyta detença no andar. E tantos páos deitarão no caminho, e grandes pedras, com que

o berço nom pôde andar, e o deixarão; com que os naires entrarão na rua após os nossos muyto pelejando, ficando, atrás do Marichal, Pero Afonso d'Aguiar, Manuel Paçanha, Lionel Coutinho, Vasco da Silueira, Gomes Freire, que fazião voltas aos naires quando auia lugar, que elles logo fogião e tornauão a vir, porque andão ligeiros desarmados d'armas pesadas. O Marichal era homem grosso, e cansava muyto, e foy largando algumas armas, como todos fazião por se alyuarem e desafrontarem, e andauão quanto podião, com as adargas emparandose das frechas, e a lugares lhe tomauão as lanças de cyma das paredes, e todos os portuguezes andauão quanto mais podião, e os fidalgos detrás remetendo muytas vezes com os naires, o que era trabalho perdido, porque elles em dous saltos fogião e logo tornauão a ferir; onde assy vindo sayrão a humã rua larga onde estauão muytos naires com o catual d'ElRey, que muyto cometerão os nossos, a que o Marichal fez volta, e ouve grande peleja, porque os naires nom timião morte e vinhão çarrar com os nossos, em que ouve alguns mortos e feridos, e como os naires já trazião conhecimento do Marichal, hum, que nom estimou a vida, chegou, e ferio o Marichal por detrás em hum pé, no calcanhar, que o decepou, que logo cayo, a que derão os naires grande grita, e seguindo vitoria cometerão os nossos muy denodadamente. Acodirão todos a querer leuar o Marichal, mas a moltidão dos imigos era tamanha que nom puderão, e os nossos se puserão em sua defensão; onde Vasco da Silueira com sua espada d'ambas as mãos fez façanha de mortos e feridos, que nom ousaua naire a lhe chegar, ao que ajudaua fortemente Lionel Coutinho, Manuel Paçanha, Jorge da Cunha, Francisco de Miranda, Pedro Fernandes Tinoco, Francisco Coutinho, Gomes Freire, Fernão Brandão, e outros homens fidalgos, que todos fizerão famoso feito, que derrador do Marichal pelejauão, que tanto fizerão que de já nom poder bolir os braços todos ally forão mortos, e leuadas suas cabeças e a bandeyra real.

O Gouernador, que hia diante do Marichal hum tiro d'espingarda, sayo da rua, e deu em outra rua larga que era já perto da praya, que fazia encruzilhada d'outra rua, em que achou muyta gente que lhe fizerão grande cometimento; mas como os nossos ally erão muytos juntos, e honrados fidalgos, mórmente Fernão Peres d'Andrade, e Simão d'Andrade seu irmão, Ayres da Silua, Jorge Fogaça, Manuel de Lacerda, Francisco de Tauora, Gonçalo d'Almeida, Simão Martins de Miranda, e ou-

tros valentes caualleiros, com corpo de quatrocentos homens, se repartirão contra ambas as ruas, em que fizerão tanto mal aos imigos que nom ousauão chegar, sómente a moltidão das frechas era todo o mal dos nossos. O Gouernador nom quiz caminhar, aguardando polo Marichal que chegasse, pera d'aquy passarem todos juntos; ao que chegou gente do Marichal que disserão que ficaua caydo, e auia peleja, polo que o Gouernador fallou aos capitães que tiuessem as ruas como estauão, que elle tornaua secorrer o Marichal; e fez volta com poucos homens, que ninguem quis tornar, mas elle assy hindo vierão dar com elle a gente, que vinha fogindo, do Marichal que já era morto, com quantos com elle ficauão; com que o Gouernador se tornou onde primeyro estaua. Os naires, que vinhão vitoriosos matando e ferindo os nossos, que fogião sem defensão, chegarão a esta encruzilhada, dando grandes gritas, dizendo per sua lingoa que Marichal e todos ficauão mortos; com que todos tomando grande coração cometerão os nossos muy fortemente. Os capitães pelejauão, e nom podião reter a gente, que toda hia fogindo, vendo que era perto a praya; polo que conueo ao Gouernador, por se milhor poder soster, se meter pola rua estreita por onde hia a gente; o que vendo os imigos lhe derão grande apertão, mas o Governador, ficando na traseira com muy esforçados fidalgos, sosteue todo o pezo dos imigos, porque toda a gente hia de corrida pera a praya, já todos desbaratados, sem lanças nem espadas. O Gouernador, com o rostro nos imigos, hiase recolhendo, e pelejando fortemente com sómente corenta ou cincoenta homens que o ajudauão, até que sayndo d'esta rua, que entraua em outra, lhe derão huma frechada no braço esquerdo, que foy no cotouelo por detrás, que muyto sentio, que lh'encrauou os ossos, com que assy caminhando, de cyma de hum vallado ao sayr d'esta rua lhe derão com hum zaguncho de remesso polo pescoço, com que lhe passarão hum gorjal, e cayo, porque vinha já muyto cançado, e homem velho; a que logo acodirão muytos seus que hião com elle, e mórmente hum Antonio Fernandes, homem cafre, valente caualleiro, e Jorge Coelho, Lopo Mendes Botelho, Ruy Bernaldes, que deixando as armas tomarão ao Gouernador sobre huma adarga e correrão pera a praya, ficando detrás em sua defensão todos os fidalgos que hião emparando a gente, que já toda hia em fogida quanto podia. Os capitães da praya, vendo os principaes homens que chegarão, que lhe disserão o desbarato que hia, se ordenarão pera secor-

rer, mas virão que nom podião, porque a rua era chea dos nossos que hião fogindo, e tambem ouverão medo que mouros sayssem á praya, que matassem os que hião assy fogindo a se embarcar; e por esta causa estiuerão, como estauão, dando pressa a embarcar os feridos, e dos batés tirando os berços pilouros perdidos, que fizerão fauor aos nossos, que ouvirão que erão já perto da praya, mas chegando alguns que disserão que o Marichal era morto com muyta gente, e que o Gouernador vinha com muyto trabalho, então dom Antonio, e Diogo Fernandes de Beja, deixando em guarda da praya Duarte de Mello, Rodrigo Rabello com cem homens, dom Antonio com cem homens, e Diogo Fernandes com outros cento, se meterão por outras ruas ahy junto, pondo fogo, que com a viração que ventaua correo per toda a cidade, a que acodio sua gente, e os nossos pelejando forão até onde lhe disserão que o Gouernador era ferido, e o leuarão á praya, com que então atrauessarão a outra rua, e forão ter com os fidalgos que hião na defensão e emparo da gente, e dom Antonio, e Diogo Fernandes se puserão detrás de todos, e com sua gente, que hia folgada, fizerão tal resistencia aos imigos que os fizerão afastar, e os nossos se recolherão todos á praya, que os mais erão feridos de frechadas.

O Gouernador, chegado á praya, foy logo embarcado, e mandou a Rodrigo Rabello que tiuesse muyta guarda na praya e fizesse embarcar a gente, e elle se meteo no seu batel, onde lhe atarão as feridas, e ally esteue mandando recolher a gente, onde o veo tomar a galeota; e mandou que toda 'armada tirasse á cidade, que forão os pilouros tantos que inda fizerão muyto mal, porque tudo era cheo de moltidão de gente que acodio, e todauia muytos chegauão perto, * e * d'antre as casas e o mato tirauão muytas frechas perdidas com que ferião a gente na praya, a que os nossos remetião, mas elles logo fogião e logo tornauão. Rodrigo Rabello com dozentos homens correo após os frecheiros, e os correo muy longe, e se tornou de pressa, e se meteo escondido antre hum heruaçal grande, e meterão as lanças baixas, que nom forão vistos, e os frecheiros tornarão a vir e fazer sua obra. Rodrigo Rabello lhe deu nas costas, onde ficarão mais de cento mortos, e muytos feridos, que se forão estar muy longe.

Dom Antonio de Noronha, Diogo Fernandes de Beja, enuejosos d'este feito, ajuntarão trezentos homens e entrarão pola cidade, e na primeyra

rua acharão gente miuda, e molheres que vinhão pera suas casas, porque lhe dizião que todos os nossos erão mortos; na qual gente fizerão grande mortindade, que correrão a rua até sayr a outra banda muyto longe, e se tornarão a sayr á praya, longe d'onde estauão os batés. A gente que se embarcaua, que dysto nom sabião, vendo os nossos assy longe cuidarão que erão mouros; ouverão tamanho medo que se deitauão a nado pera os batés, e se afogauão, e nom ouvião brados, que lhe dauão, dizendo que era gente nossa. N'este feito sómente ouve alguns feridos de frechas perdidas, e nom ousarão mais de chegar os imigos; com que a gente teue vagar pera se embarcar, sem ficar na praya mais que os capitães, que todos andauão feridos de frechas, antre os quaes ouve prefias de quem se embarcaria derradeiro, que estauão na borda d'agoa, e porque nom auia gente. Apareceo muyta gente pola borda da praya, a que os berços fizerão fogir, e sobre as prefias ficarão derradeiros Diogo Fernandes, e dom Antonio, que ambos juntos s'embarcarão, ficando mortos até trezentos homens, em que passarão de setenta fidalgos, e outros bons caualleiros, e mais de quatrocentos feridos, de que muytos morrerão, e ficarão aleijados.

O Gouernador, recolhido na galeota, mandou Duarte de Mello no bargantym, que foy tomar todolos serlugyões e fisyquos, e corressem toda 'armada, e fossem curados todos os feridos, encomendando muyto aos capitães seu repairo, e o Gouernador logo despachou as naos do Reyno, e deu as capitanias dos capitães mortos a outros fidalgos que lhas pedirão, e gastou todo o dia em escrever a ElRey cousas que comprião de fóra, e no feito de Calecut nom fallou nada, dizendo que hião muytos que tudo virão com os olhos. Mandou arrecadar todas as cousas do Marichal, e se fez leylão do que se podia danar e perder, e tudo metido em suas arquas, fechadas e pregadas, e asselladas, e na nao do Marichal meteo por capitão Pero Afonso d'Aguiar, e a não de Pero Afonso deu a Gaspar Pereira, que se quis hir n'ella; e fez Pero Afonso Capitão mór das naos, porque apresentou hum aluará d'ElRey em que mandaua que Pero Afonso d'Aguiar fosse por capitão de quaesquer naos da carga, que nom fossem com o Marichal. E nestas naos se foy Rodrigo Rabello á sua capitania de Cananor, e as naos tomarão seu gengiure e provimento, e se partirão em dez de janeiro do anno de 1510.

Rodrigo Rabello nom quisera tornar pera Cananor, porque estaua

por oulheyro até que viesse dom Afonso capitão de Çacotorá, que auia de ser capitão; mas o Gouernador lhe disse que se fosse estar por capitão, porque dom Afonso nom auia de vir em desposição pera seruir a capitania, e mais que elle o auia d'acupar em outra cousa; e encomendou a Rodrigo Rabello que leuasse alguns dos feridos, como leuou muytos, porque Cananor era bom pera enfermos.

CAPITULO IV.

COMO O GOUERNADOR SE TORNOU A COCHYM, E CURANDO DE SUAS FERIDAS, DESPACHOU AS NAOS DO REYNO, E PROUEO OUTRAS COUSAS, E MANDOU REPOSTA A DUARTE DE LEMOS A ÇACOTORA' D'ONDE VINDO DOM AFONSO CAPITÃO SE PERDEO NA ENSEADA DE CAMBAYA, E MORREO, E A GENTE FOY CATIUA. E MANDOU MESSAGEM A ELREY DE BISNEGA', E FEZ 'ARMADA PRESTES PERA HIR AO ESTREITO DE MECA.

O Gouernador esteue no porto de Calecut dous dias, despachando as cousas como já disse, e se partio pera Cochym. O Çamorym, sendolhe contado o que era feito, e lhe apresentando as cabeças e riquas armas dos mortos, e a cabeça e bandeyra do Marichal, de nada se mostrou contente, dizendo que ficaua com muyta deshonra, pois nom tiuera gente que defendessem 'os portuguezes que nom vissem suas casas dos olhos, pois nom erão vinte mil, mas forão tão pouqos, vindo em carreira por ruas estreitas, que com pedras os puderão matar; polo que já pera sempre ficaua deshonrado, e lhe nom auerião medo de cada dia os portuguezes lhe hirem queimar suas casas, porque certo estaua que quando ElRey de Portugal soubesse que sua gente morreo per máo recado, e sem ordem do seu Gouernador, e em Calecut ficaua sua bandeyra, que elle a mandaria buscar com tanta armada, e gente bem ordenada, que sem duvida d'elle tomarião grande vingança. E mandou logo em hum çarrado, ahy onde matarão o Marichal, enterrar seu corpo, e sobre a coua pendurar a bandeyra, e junto com elle os outros corpos mortos, a que achauão ricas armas, que todas mandou pendurar em huma varanda de suas casas, e as lanças postas em cauides, limpas do sangue, e assy as armas, tudo muyto concertado, e huma pedra alta á cabeceira do Marichal; com

letras talhadas que contauão sua morte; o que assy esteue muyto tempo, até quando ao diante direy.

O Gouernador chegado a Cochym foy logo visitado d'ElRey com muyto pesar do feito, affirmando que tinha sabido que em Calecut ficarão mortos mais de dois mil homens, e o Çamorym muy enjuriado de portuguezes armados chegarem a suas casas, e lhe ficaua muy grande temor da vingança que auia de vir de Portugal. O Gouernador lhe disse: « Senhor, os homens contumazes e soberbos são desordenados, com que » « causão sua perdição: o que assy fez o Marichal, que, se ficára vivo, » « o mal nom fôra tanto; mas elle nunqua aparecêra ante ElRey, de » « vergonha de seu erro. » Com que ElRey se tornou a sua casa.

O Gouernador, com suas feridas abertas, mandou logo dar muyta pressa no corregimento d'armada, pera passar ao estreito de Meca, que lhe ElRey mandou que fosse a primeyra cousa que fizesse, entrasse o estreito e fosse queimar as galés do Turquo que estauão em Suez, e no Toro, que são os portos em que se ellas fazem. E por animar a gente lhe mandou fazer hum pagamento geral de soldo e mantimento, a cada hum seis meses de seu vencimento, e á gente do mar e officiaes de toda' sorte a cada hum dez meses, com que a gente ficou muy contente; e aos fidalgos e os feridos mercê de dinheiro além de seus pagamentos, e fazer muytos mantimentos e muyto prouimento pera 'armada, e na nao que viera Vasco da Silueira mandou Diogo Correa com reposta a Duarte de Lemos, que elle auia de hir ao estreito de Meca, e auia de hir com elle; e mandou que fosse a Baticalá e carregasse a nao d'arroz e trigo, se achasse, e açuqere e manteiga; o que assy fez, com que foy a Çacotorá com a nao carregada. Tambem o Gouernador despachou as naos do Reyno, que já estauão carregadas, que foy Francisco de Sousa Mancyas, Jorge Lopes Bixorda, Francisco Coruinel, armadores, e Gomes Freire, e Francisco de Sá, Bastião de Sousa, que todos de Cochym partirão pera o Reyno rota batida, per que de Cananor lhe trouxerão o gengiure a Cochym. Bastião de Sousa e Francisco de Sá ambos fizerão conserua, e nauegando juntos de noite forão ter nos baixos de Paduá, que estão defronte das ilhas de Maldiua, onde encalharão dereitas sem quebrar; ao que concertarão os batés o milhor que puderão, e aleuantarão os bordos, e meterão dentro agoa, biscoito, cousas de comer, que nom auião de cozinhar; em que se meterão os capitães com os pilotos e a mais gente que

puderão, e se tornarão a Cochym. A gente que ficou nas naos lhe puserão escoras das bandas com as vergas que cortarão; o que tudo ordenou e mandou hum caualleiro honrado, que ficou por oulheyro, chamado Fernão de Magalhães, que em Calecut fôra muyto ferido, o qual teue muyto cuidado que nom se quebrarão arquas nem ouve roubar, porque os capitães hião pera pedir ao Gouernador nauios, com que tornassem ás naos a saluar as fazendas que se nom molharão; os quaes capitães em oito dias chegarão a Cananor, d'onde mandarão recado ao Gouernador, o qual logo mandou Gonçalo de Crasto em huma carauella com hum dos pilotos, que forão ás naos e carregarão na carauella as milhores cousas, até que mais nom pôde carregar, e recolhida toda a gente puserão fogo ás naos, porque já estauão cheas d'agoa: com que se tornarão a Cochym; no que Fernão de Magalhães muyto trabalhou, e fez muyto seruiço e em tudo fez bom recado.

Este Fernão de Magalhães era da criação d'ElRey, e veo á India com o Visorey dom Francisco, e foy no feito dos rumes, e sempre nas armadas, e em Calecut, muyto ferido, e perdeo n'estas naos sua pobreza, e proue se foy a Portugal, e andou em requerimento de seus seruiços, e pedia a ElRey cem réis d'acrecentamento em sua moradia, o que lhe ElRey nom quis fazer, do que se agrauou, e foy pera Castella viuer em Seuilha, onde se casou; e porque tinha muyto saber n'arte da nauegação, e espirito, que se lançou a ysso, se concertou com os regentes da casa da Contratação de Seuilha, com que lhe deu o Emperador huma armada de cinco nauios com que nauegou, descobrindo nouo caminho pera Maluco, o que foy no anno de quinhentos e dezanoue, como adiante em seu lugar contarey; com que deu depois muyto trabalho a Portugal.

Na nao em que foy Diogo Correa pera Çacotorá tambem foy Antão Nogueira, e per elle mandou dizer a Duarte de Lemos o Gouernador que elle se ficaua fazendo prestes com 'armada, e todo seu poder, pera entrar o estreito de Meca; que lá se verião, e lhe daria armada e gente pera Ormuz. Chegando a nao a Çacotorá nom estaua hy Duarte de Lemos, que era hido ao cabo de Guardafuy; e sabendo dom Afonso que Afonso d'Alboquerque seu tio gouernaua a India, e o que era passado, rogou muyto a Diogo Correa, e 'Antão Nogueira, mostrandolhe cartas do Gouernador, que deixassem o recado pera Duarte de Lemos, e a elle leuassem á India, porque seu tio lhe escreuia que o auia muyto mester;

o que tambem lho rogou o capitão Pero Ferreira; o que elles folgarão de fazer, esperando que por ysso o Gouernador lhe faria mercê. E logo se fez prestes, e dom Afonso se embarcou com seus criados, e seu cunhado Anrique Jacome, e o guardião do mosteiro frey Antonio do Loureiro, que vinha pedir ao Gouernador cousas que auia mester, e escreuer a ElRey o mal de Çacotorá, que lhe morrerão quantos frades tinha, que nom ficarão mais que dous. Com que se partirão de Çacotorá, e vindo no golfam tomarão huma nao, que hia de Tanaçarim pera Meca com muyta riqueza, da qual recolherão o milhor, e tomarão todalas armas aos mouros, e meteo n'ella vinte portuguezes e com elles seu cunhado, e que leuassem a nao em sua companhia, e assy vierão até perto da terra, onde lhe deu hum temporal do sul, que se tornou em trauessão, com que a nao de preza se foy perder nos Ilheos Queimados, onde o cunhado de dom Afonso morreo, e outros homens, e outros se saluarão na terra, em que todos forão catiuos, e os leuarão ao Sabayo Rey do Balagate, senhor de Goa, que muyto com elles folgou, e lhes deu soldo a rogo de João Machado que com elle andaua, que dom Vasco da Gama deixára em Melinde quando descobrio a India, como já contey no liuro primeyro; o qual João Machado, sabendo a lingoa, se passou a Cambaya em trajos de mouros, e se passou a este Rey do Balagate porque tinha guerra com seus vizinhos, onde andando, por ser bom caualleiro e homem de bom conselho, o Rey lhe deu muyta comedya, e fez seu capitão, e lhe fez muytas honras, como adiante direy. Dom Afonso, com a tromenta nom sabendo por onde hião, entrou pola enseada de Cambaya, e encalhou em huma coroa d'area defronte de Çurrate, onde trabalhando por se saluar a nado e em tauoas muytos morrerão, e com elles dom Afonso, e outros que se nom atreuerão ficarão na nao, veo o dia vazou a maré, ficou a nao em sequo e todo até a terra, a que todos se forão, que serião até corenta portuguezes com os marinheyros e escrauos, antre os quaes foy Diogo Correa, Antão Nogueira, Francisco Pereira Cullatas, Payo Correa, frey Antonio, que todos forão catiuos e leuados a ElRey de Cambaya, que os mandou bem tratar, onde estiuerão espaço de tempo, e forão soltos como adiante direy.

O mouro Cojebequi estaua com o Gouernador, que sempre lhe fazia grandes escramações perante os fidalgos, dizendo que fizera muyto erro em nom confiar de sua verdade, que sempre n'elle acharão; que se

d'elle confiara, e lhe descobrira o feito, elle lhe dera conselho como lhe nom viera tanto mal como viera, e elle nom ficara destroido pera sempre, com suas casas queimadas e catiuas suas molheres e filhos, que este mal lhe viera por ser leal amigo dos portuguezes, cuidando que nelles acharia a verdade que elle tinha com verdadeiro amor de coração: o que todo achaua ao reués, que se d'elle se confiarão o Marichal leuara as portas sem desembarcar, e nom fora feito tanto mal. Ao que o Gouernador nom tinha que lhe responder senão que no feito de Calecut ElRey seu senhor lhe tirara todo o poder e o dera ao Marichal, ao que elle em todo obedeceo, e nom quis que a elle se descobrisse o caso, e por ysso o mandára meter na sua nao, porque nom mandasse auiso ao Çamorym; que de seus males e perdas tinha muyto pesar, que elle tudo escreuia a ElRey, e que confiaua que tudo lhe satisfaria com muytas mercês; e lhe fez mercê de tresentos pardaos, e o mandou estar em Cananor, e mandou ao feitor que cada mês lhe désse cinquo pardaos pera sua comedya, dizendo ao mouro que andasse com muyto recado que o nom matassem, e trabalhasse por ver se podia auer suas molheres e filhos, que lhe prometia de o fazer xabandar da cidade d'Ormuz, quando fosse fazer a forteleza: com que o mouro ficou satisfeito de seu tanto mal, de que adiante mais contarey, que per derradeyro, por amor do seruiço d'ElRey nosso senhor, ElRey de Calecut lhe mandou cortar a cabeça.

O Gouernador em seu pensamento assentou persepoer [1] * todo * seu interesse e proueito, e nada estimar, por seruir sua gouernança com taes seruiços com que acrecentasse merecimento ante Deos, segurando o estado da India, e assentar as cousas d'ella como durassem pera sempre com guerra e paz, o milhor que pudesse; e com este pensamento, sabendo da embaixada que ElRey de Bisnegá mandara a Cananor ao Visorey, com que se offerecia a boas amizades, elle quis ysto conseruar com ElRey de Bisnegá, e assentar com elle segura paz, por ter seguros muytos portos e rios, que tinha, da terra do Malauar pola costa da India até Goa, que todos erão de grande trato, por caso de moltidão de mantimento d'arroz, que nelles auia grande escala, e ferro, e açuquere e outras mercadarias, e principalmente porque o Reyno de Narsinga se estende polo sertão per cyma de Calecut e do Balagate até Cambaya, e

[1] * tudo * Autogr.

que, tendo alguma contenda nestas terras polo mar podia auer muyta ajuda pola terra do Rey de Bisnegá. Por estas causas mandou suas cartas de visitação ao Rey de Bisnegá, com grandes apontamentos com muytos offerecimentos, em que lhe dizia que elle auia de gouernar a India em quanto viuesse, com que esperaua de lhe fazer todos os seruiços e boas amizades que elle pudesse, e lhe guardar seus portos do mar, e ajudar seus tratos como fossem mais acrecentados e suas nauegações andassem seguras polo mar, a que elle daria seus cartazes a todos quantos lhos pedissem, porque sem elles serião tomados onde os achassem; o que elle assy o mandasse dizer aos seus capitães e senhores dos portos; e com esta boa amizade lhe faria hir a elles todolos cauallos que viessem d'Ormuz, onde elle auia de hir acabar huma forteleza que deixara começada; e outras sostancias desta calidade que lhe escreueo, e mandou as cartas per hum frey Luiz, frade da ordem de sam Francisco, homem muy auisado pera o tal mester, que o Gouernador muyto industriou no que compria, e repostas que daria a ElRey de Bisnegá a sostancias, se lhas perguntasse. O qual frade mandou com dous seus criados e bem repairado do que compria, dizendo a ElRey de Bisnegá que lho mandaua por ser religioso que lhe falaria verdade em tudo o que lhe fallasse. E foy leuado no bargantym a Baticalá, que d'ahy foy por terra muyto acatado, e foy d'ElRey de Bisnegá bem ouvido; do qual adiante contarey em seu lugar.

CAPITULO V.

EM QUE SE RECONTA O QUE PASSOU DIOGO LOPES DE SEQUEIRA NA VIAGEM QUE FEZ A MALACA, COM QUE SE TORNOU A PORTUGAL.

Estando assy o Gouernador aprecebido pera partir, chegarão a Cochym tres nauios da companhia de Diogo Lopes de Sequeira, a saber: hum em que veo Nuno Vaz de Castello Branco, que o Visorey com elle mandára por ser amigo d'Afonso d'Alboquerque em suas deferenças, e outro Gonçalo de Sousa, porque o nauio de Jeronymo Teixeira era o em que vinha Nuno Vaz, porque Jeronymo Teixeira se fòra pera o Reyno com Diogo Lopes de Sequeira, e tambem João Nunes Homem, porque o seu nauio fez tanta agoa que o desfizerão, e lhe puserão o fogo, e mais tinha pouqua gente, porque toda lhe morrera. O Gouernador ouve muy grande

prazer com a vinda de Nuno Vaz de Castello Branco, e lhe fez muyta honra, o qual deu larga conta ao Gouernador do feito de Malaca, contando que os pilotos que dera ElRey de Cochym nauegarão muy bem seu caminho, que os pilotos portuguezes bem tomarão, e acharão bons tempos, com que chegarão ao porto de Malaca, onde sorgirão com bandeyras, fazendo salua com toda 'artelharia, ao que logo vierão de terra almadias a saber o que os nossos querião, porque já em Malaca sabião de nossas cousas que erão feitas na India, e polas cartas e seguros que lá mandára o Visorey; e Diogo Lopes leuou de Cochym escrauos que sabião a falla de Malaca, e disse aos das almadias que fossem dizer a ElRey que lhe mandasse hum homem seu, e que lhe mandaria dizer o que queria, porque elle era mercador que trazia mercadarias pera vender, e comprar as que ouvesse na terra; com o qual recado logo forão a ElRey, o qual logo mandou dous mercadores que fossem saber que mercadarias os nossos trazião e as que querião comprar. Os quaes forão á nao de Diogo Lopes, que elle recebeo e fez muyta honra, e lhes disse que elle era escrauo d'ElRey de Portugal, o mór senhor que auia no mundo, o qual, por folgar de ter amizade e trato em todalas terras, e com todolos Reis e senhores dellas, mandaua suas naos e gentes por todalas terras, e onde achaua bons Reys, e homens de verdade, assentaua com elles muyta amizade, e boa paz e trato de todalas mercadarias de comprar e vender; o que assy folgaria que todalas gentes fossem vender e tratar em suas terras; e por ter enformação de tão grande Rey e senhor, como era de Malaca, e folgar de o ter por amigo, o mandara a elle com aquelles nauios, e suas mercadarias, assentar esta boa amizade e trato, que pera sempre durasse com boa verdade, assy como o fazem os bons Reys e grandes senhores como elle he; assy como assentara com o Rey de Cochym, e Cananor, e de Ceylão, e Melinde, com que conuersaua como verdadeiros irmãos pera sempre. E porque no Rey de Calecut nom achara verdade, mas traições e falsidades, por ysso lhe fazia a guerra, e sempre faria em quanto nom fosse bom; porque confiando em boa paz, que com elle assentára, mandára á sua cidade seu feitor com muytas mercadarias, e elle o mandou matar, com muytos portuguezes, e roubára quanto estaua na feitoria. E porque elles assy vinhão com elle assentar boa paz, amizade e trato, se lhe aprouvesse com elles assentar, a ysso vinhão, que se d'ysso fosse contente lhe mandasse seu seguro pera ysto assentarem com

elle, e venderem suas mercadarias, e comprarem as da terra, e pagarem seus direitos como o costume de mercadores. E que se d'ysto nom fosse contente lho mandasse dizer, e se tornarião pera a India, d'onde vinhão. Com o qual recado se tornarão a ElRey, que estaua muy espantado. Estaua vendo a feição de nossas naos, e ficou espantado do recado, porque os mercadores de Cambaya e de Calecut, que lá hião buscar as drogas, lhe contauão muytos malles de nós. Sobre o qual recado ElRey com os seus tomou conselho, e todos lhe disserão que tomasse amizade de quem lha pedia, e [1] * assentasse * boa paz e trato, pois o vinhão buscar pera ysso em sua terra, e a guardasse com boa verdade. E que quando nom achasse bons amigos então os deitasse fóra da terra: ao que o Rey lhe respondeo que elle folgaua muyto com boa paz, e bom trato d'amizade, como o vinhão buscar; polo que seguramente podião desembarcar, e vender e comprar, como fazião os mercadores que vinhão á cidade, e pagar seus direitos, pera o que lhe mandaria dar casas em que se agasalhassem, na borda d'agoa pera menos trabalho. Com a qual reposta o capitão Diogo Lopes de Sequeira mostrou que muyto folgaua. Ao que logo mandou a terra Ruy d'Araujo feitor, com presente a ElRey e agardecimento de os agasalhar, e logo tomasse as casas que lhe dessem, que fossem grandes e fortes, á borda d'agoa. O que assy o fez, porque o Rey ouve contentamento com o presente, e logo mandou seu gozil, que lhe foy mostrar as casas, que o feitor tomou fortes e boas na borda d'agoa, onde podião chegar os batés, e apartadas das outras casas; onde logo ficou aposentado o feitor com oito homes que leuara, e desembarcarão fato e camas, e de noite foy o capitão a terra e vio as casas que erão muyto boas, e desembarcarão balanças e pêsos, e mesa de feitoria posta, e desembarcarão mercadarias: azougue, cobre, coral de sortes, e roupas de Cambaya, que o capitão leuara por conselho dos mercadores de Cochym. E porque o presente que se deu ao Rey foy huma peça de grã, e tres peças de ruães de sello, e quatro peças de velludos e cytys de cores, e hum grande espelho dourado, e huma espada de cabos d'ouro esmaltada, e huma adarga e lança, tudo como compria, e seis frascos grandes de Frandes d'agoas cheirosas, com que tudo o Rey muyto folgou, [2] mandou muytos agardicimentos, dizendo ao feitor que estiuesse muy seguro, e to-

[1] * assentar * Autogr. [2] * e * Autogr.

dos os portuguezes por toda a cidade, que ninguem os anojaria. E assy era que ninguem os anojaua, antes lhe fazião bom gazalhado, e o feitor muytas vezes hia fallar com ElRey, que folgaua de perguntar polas cousas de Portugal, dizendolhe o feitor que tornando a Portugal, que ElRey soubesse que assy erão amigos, que então lhe mandaria cousas assy como mandaua aos grandes senhores e Reys; e mais a elle que era o maior da India. Com a qual vaidade o Rey estaua muyto contente, e lhe fazia muytas honras, dizendo que nunqua a Malaca vierão tão honrados mercadores, e que por tanto n'ella e em sua cidade acharião toda boa paz e verdade; com que o feitor, assentando a feitoria, começou a vender e comprar. A venda das nossas mercadarias era em grande preço, que se muyto ganhaua, e comprando drogas e todas ricas mercadarias que se podião nomear, do que de todo os nossos fazião auantagem aos outros mercadores estrangeiros, porque vendião as roupas e cousas de melhor barato, e assy as que comprauão; polo que o Rey, e todos os mercadores naturaes da cidade, erão muy contentes e desejosos que nosso trato durasse pera sempre. Com que os nossos erão muy acatados e bem agazalhados de todos, e andauão muy seguros comprando e vendendo o que querião, de dia e de noite, e os principaes mercadores dauão ao feitor jantares e banquetes, o que elle assy fazia, e a todos fazia dadiuas, com que 'amizade era muy grande. E o Rey muytas vezes mandaua ao capitão presentes de cousas de comer, e fazia aos nossos todo' fauor; de que os mouros estrangeiros tratantes auião grande pesar, vendo que se os nossos tiuessem assy o trato, que fazião, elles se perderião, que nom poderião vender e comprar, como até ly fazião, com que fazião seus grandes proueitos. Ao que todos, falando huns com outros, se ajuntauão e fazião suas consultas, e auidos seus conselhos assentarão de ysto danar, e estoruar com que mais nom fosse áuante; e se muyto dauão 'amizade com os nossos como bons amigos, e em modo d'auiso lhe dizendo em segredo que se nom fiassem tanto d'ElRey, nem dos mercadores, que erão máos, e o Rey atraiçoado; e que elles hião entendendo que lhe ordenauão traição com os matar com peçonha, ou, adoecendo, vir armada polo mar que lhe tomassem ou queimassem os nauios, que erão máos e cobiçosos ladrões pera roubar. Ao que os nossos derão algum credito, porque já de Cochym trazião muyto auiso de os jáos serem atraiçoados, e disso se prezarem como de outra boa manha: polo que os nossos, per mandado do

feitor, andauão muyto a recado de dia, e de noite nom sayão fóra, e engeitauão comer e jantar se lho dauão, e sempre o mais do tempo estauão na feitoria, porque a casa era muy forte; e nom vinhão á feitoria senão as mercadarias que logo gastauão, e logo embarcauão o que comprauão; e na casa tinhão suas armas concertadas como compria. Os mouros, vendo que já os nossos andauão temorizados polo que elles lhe dizião, e andauão recatados, e com suas armas de lança e adarga quando hião pola cidade, forão falar com ElRey, com muyto segredo lhe dizendo, que porque elles erão mercadores de tanto tempo em sua cidade, que como naturaes lhe tinhão amor e como vassallos, e auerião pesar se em sua cidade vissem algum mal «e teriamos muyta culpa nom te aui-»
«sar do que entendemos e sabemos, te descobrimos que o feitor, e es-»
«tes portuguezes, nos sempre perguntão quanta gente tens de peleja, e»
«quanta armada podes ajuntar no mar, e se te alguem fezer guerra don-»
«de te virá secorro, e se algum tempo do ano vás fóra desta cidade,»
«e com que armas pelejas, e se tens artelharia; e outras cousas nos per-»
«guntão como homens que querem mal fazer, e porque andão com es-»
«ta tenção já nom andão pola cidade, e andão armados, e na feitoria»
«tem muytas armas, e já nom trazem a terra mercadarias senão as que»
«logo vendem, e o que comprão logo embarcão, e estão despejados pe-»
«ra o que querem fazer. E por tanto, senhor, tem bom recado em tua»
«pessoa quando o feitor te vier falar, e assy em tua cidade, e ysto man-»
«da espiar por quem te fale verdade, e acharás que tudo assy passa,»
«porque, sem duvida, os portuguezes em todolas terras da India em»
«que entrão he assy com modo de mercadores, e andão vendo e es-»
«piando as cidades, e depois vem de guerra, e as tomão per força, e»
«fazem os Reys dellas catiuos, que paguem tributos a seu Rey. E por»
«tanto olha o que te compre.» O Rey, como já tinha muyto ouvido destas cousas que lhe contauão, logo se incrinou em mal, dando muytos agardicimentos aos mercadores, e lhe rogando que em todo tiuessem muyto segredo, porque elle se vingaria de quem lhe queria fazer mal. Então mandou espiar o que lhe disserão do modo em que os nossos andauão, e soube que todo era verdade, e logo ordenou traição contra os nossos, de que elles muyto se prezão antre sy, se a fazem bem sotellyzada. E logo ElRey falou com os seus, e ordenou armada que viesse tomar os nauios, e no mar e na terra todos os nossos matassem e catiuassem, e os na-

uios queimados; e ysto consultado com muyto segredo e dessimulação, com que dahy em diante se dauão muyto mais 'amizade dos nossos; e mandando ElRey que indaque algum nosso fizesse mal que lho nom fizessem. Os mouros, que andauão nesta traição, dauão os proprios auisos aos nossos com fengimento d'amigos. E assy nestes modos os jáos se ordenarão com armada, com muytos arteficios de fogo pera queimar os nauios, se os nom pudessem tomar; e ordenado o dia da traição, trouxerão á feitoria muytas drogas, e os trabalhadores as carregauão nos batés, pera que carregados se fossem ás naos, e nom estiuessem na terra, porque os nossos nom tiuessem em que se colher ás naos, dando nelles. E tinhão sua armada prestes, com muyta gente e artelharia, detrás de huma ilha d'aruoredo, que estaua além de Malaca hum pedaço, em que varauão e corregião as naos: do que os nossos nom sabião nada. Os mouros que andauão nesta traição, que se offerecerão a ElRey que tambem ajudarião, porque nom fossem vistos dos nossos, que nom sabião como o feito socederia, disserão a ElRey que de noite désse nos nossos, porque logo nom poderião acodir os batés, e se acodissem com gente, que a sua armada poderia fazer milhor obra; o que, se fosse de dia, dos nauios com artelharia lhe farião muyto mal; que por tanto a cousa nom fosse senão de noite. O que a ElRey, e a todos, pareceo bem, e assy o assentarão. O capitão, des que teue auiso dos mouros, tinha grande vigia de noite, e o feitor assy com a gente bem concertada, com homens assy com boa vigia secreta, que de fóra se nom sentia nada. Os nauios estauão concertados d'artelharia, e afastados huns dos outros como pudessem jogar toda sua artelharia, e de noite os batés com gente fazendo vigia, assy perto da feitoria que acodissem a terra, e se vissem 'armada se recolhessem aos nauios. A este tempo auia já dous meses que os nossos estauão em Malaca.

E sendo todo assy prestes, ordenarão os mouros darem na feitoria, porque acodissem os batés com gente dos nauios, *e* então 'armada chegar á sua vontade, porque a noite era escura. Como foy noite, que os mouros na cidade se andarão ajuntando pera virem dar na feitoria, que estaua bem fechada com huma grande cerqua de páos grossos metidos no chão, que erão muy fortes, huma molher da terra, que parece que tinha amizade com hum homem da feitoria, vendo ysto arriscou sua vida, e coberta com hum pano, veo junto dos páos, e bradou que se gar-

dassem que os mouros os vinhão matar, e se foy á borda do mar, que ella sabia que os batés de noite estauão perto da terra, que lho dizia o seu amigo, a qual se deitou a nado, e se foy aos batés, bradando que os mouros vinhão pelejar. A qual molher recolherão nos batés, e se forão pera os nauios, que logo ouve grande aluoroço na feitoria; o que sentindo os mouros logo remeterão grão numero de gente 'arrancar os páos da cerqua; a que os nossos acodirão, que estauão já armados, e ás lançadas por antre os páos lhe fizerão grande mal, porque era gente desarmada dos corpos; o que elles nom podião fazer aos nossos, que elles tambem de fóra muyto pelejauão com lanças de cana compridas, muyto fortes, com ferros compridos, mas como tocauão nas armas logo trocião os ferros e quebrauão, e todauia erão tantos que muyto ferião os nossos, e arrancarão os páos e fizerão entrada, com que forçadamente os nossos se recolherão á casa da feitoria, que era feita de pedra e barro. E porque o Rey cobiçou as mercadarias, que cuidou que estauão na feitoria, mandou que nom pusessem fogo, e que os portuguezes tomassem viuos, que os queria pera seus catiuos, o que muyto [1] * encomendou * á sua gente, pois que dos nauios lhe nom auião de poder acodir, que 'armada lhe tolheria; polo que os mouros cometerão os nossos por tantas partes que se nom podião valer. Os mouros mercadores, que ordirão esta traição, que ally se ajuntarão todos 'ajudar, que já leuauão auiso d'ElRey pera ysso, de fóra bradauão aos nossos, e se nomeauão, porque os nossos os conhecião, bradando que se dessem e nom pelejassem, senão que a todos matarião; e elles se punhão da banda dos nossos como que os querião ajudar a defender, e acodião como amigos, querendo apacificar. Acodio grão numero de gente á praya pera defenderem os batés, se acodissem, o que nom fizerão por caso d'armada do mar.

O capitão mandou a Gracia de Sousa, que estaua mais a geito, que tiuesse [2] * apontados * dous tiros grossos ao longo da casa da feitoria, per ambas as bandas, com que tirasse, porque ao feito auia d'acodir muyta gente: do que elle teue bom cuidado, que sentindo a reuolta da terra tirou muytos tiros, com que matou muyta gente, ao que logo 'armada chegou, todos a remo, com grandes gritas e tangeres de guerra á sua usança, que todos erão nauios pequenos e rasos, a que chamão lan-

[1] * encomenda * Autogr. [2] * acomtados * Autogr.

charas, e calaluzes e balões. Os nossos batés logo se encadearão com os nauios por popa, e com berços e gente, porque o Capitão mór muyto o encomendou aos capitães que muyto defendessem os batés, porque se lhos tomassem ficarião de todo perdidos. E ninguem tirou até que 'armada chegou perto, que a virão; ao que então despararão todos 'artelharia, que tirauão ao lume d'agoa, porque sabião que os nauios d'armada erão rasteiros; com que logo meterão muytos debaixo d'agoa, com muyta gente morta, e outra que ficou a nado, com que fizerão grão desbarato n'armada, em tal maneira que nom ousarão entrar per antre os nauios, sómente tirando sua artelharia passarão á pressa e se forão pôr de longo da terra: 'o que já [1] * clarecia * o dia. O Capitão mór nom ousou mandar os batés.

Na feitoria erão tanta a gente que os nossos já se nom podião defender, que erão muytos feridos e alguns mortos; o que vendo Ruy d'Araujo feitor falou aos mercadores, que o chamauão que se entregasse, e lhe disse que elle se nom auia d'entregar senão a ElRey em pessoa; que por tanto todos se afastassem e nom pelejassem, senão que antes ally auião de morrer todos. E ysto dixe o feitor porque lhe pareceo que ElRey estaua em suas casas e nom viria, e em tanto se remediaria; mas porque ElRey era presente, sendolhe dito, logo veo com muytas tochas, e se pôs em lugar que os nossos o vissem, e mandou afastar a gente, e mandou seus recados e cautelas que lhe pedia o feitor, por esperar que o dia fosse craro e visse o que fazião os nauios: o que ElRey vendo que se nom entregauão os mandou cometer fortemente, e o mór * mal * que auia era que os jáos tirauão com zerauatanas per buracos com humas frechinhas emheruadas de peçonha, que como tocauão sangue logo matauão, do que já muytos erão mortos, do que auendo grande medo, nom se podendo valer a este mal, todos bradarão ao feitor que se entregassem, porque todos serião mortos sem poderem pelejar. Polo que então o feitor se entregou com vinte e sete portuguezes, porque erão já mortos dezoito; e os mercadores mouros os tomarão antre sy, mostrandose muyto pezarosos do mal dos nossos, e que sómente querião que se entregassem porque todos nom fossem mortos; e sem nenhumas armas forão ante ElRey, que os recolheo e leuou a bom recado, e man-

[1] * cllarya * Autogr.

dou muyto bem curar alguns que hião feridos, e esteue ally até que tirarão quanto auia na feitoria, que tudo leuou, e nom achou tanto como elle cuidaua. Com o que se ElRey foy, e gente entrou na feitoria pera roubarem, e nom achando nada desfizerão todas as casas, que tudo ficou por terra. ElRey mandou recolher sua armada, por * que * 'artelharia dos nauios lhe nom fizesse mal quando fosse dia claro. Os nauios nom cessauão de tirar á cidade, com que matarão muyta gente e fizerão muyta perda.

Quando foy dia craro, que os nossos virão a casa da feitoria derribada por terra, nom sabendo o que era feito dos nossos forão muy tristes, e o Capitão mór ouve conselho com os capitães se farião guerra ou não. Por todos foy assentado que nom fizessem guerra, pois lhe nom podião fazer mais que tirar com artelharia, que faria mais mal aos nauios do que elles podião fazer á cidade. E porque já tinhão sabido de Malaca o que ElRey mandáua buscar e tanto lh'encarregara, trabalharião com alguns concertos a ver se pudessem tornar 'assentar paz, e se alguns dos nossos fossem catiuos os tornar a resgatar; e com ysto assy assentado, * o Capitão mór * mandou hum esquife a terra com bandeyra branca a falar, mas de terra lhe tirarão, com que se tornou aos nauios, polo que então se fizerão á vela, e se forão á ilha das naos, onde estauão muytas varadas, onde estaua 'armada, que fogio primeyro que os nauios chegassem. Os mouros das naos mercadores, que fizerão o mal, auendo medo que lhe queimassem suas naos, vierão ao mar falar ao Capitão mór, porque lhe nom queimassem suas naos, e contarão os portuguezes que erão mortos, e quantos catiuos, que elle concertarão que s'entregassem, senão já todos forão mortos; e que ElRey os tinha dentro em suas casas, e os mandara curar, e entregar suas arqas e fato, sómente a fazenda da feitoria recolhera, e estaua agastado porque nom achara tanta quanta elle cuidaua que estaua na feitoria. E que elles resgatauão a ElRey os catiuos, mas que elle os nom quisera ouvir, e dizia que os nom daria, que mais estimaua ter escrauos portuguezes que quanto tinha; que por tanto lhes parecia que seria trabalho perdido nysso trabalhar, nem por paz nem por guerra; mas que, se elles * se * fossem, ficarião nysso muyto trabalhando, e que por dinheiro nom ficarião, se ElRey os quigesse resgatar; e elles em suas naos os leuarião ao Gouernador, e serião ditosos se o pudessem acabar.

Ao que todos os capitães erão presentes. O que o Capitão mór muy-

to encomendou aos mercadores, e tomou agoa e leynha na ilha, sem fazer nenhum mal, e se partio pera' India, com tenção de fazer o Visorey hir a Malaca com todo o seu poder tomalla, e nella auer a mór riqueza que auia na India; e vindo seu caminho lhe começou 'adoecer a gente e morrer de corrença, o que sentirão que era d'agoa que tomarão da ilha, a qual logo toda vazarão, e sómente lhe ficou a que leuarão da India, que foy muy pouqua, com que passarão grande mal de sede, que se Deos lhe nom dera treuoadas, de que tomauão agoa, todos forão mortos; mas as treuoadas erão de tanta tromenta que muytas vezes forão em ponto de se perderem. Então o piloto mouro disse ao Capitão mór que hiria tomar terra em que tomassem agoa: o que assy caminharão, e em quatro dias forão tomar huma terra chamada Pedir, na ilha de Çamatra, de que o piloto lhe deu grande enformação da grande riqueza que nella auia, e sorgirão em hum bom porto na boca de hum rio, onde logo do rio sayrão muytas almadias, que sem arreceo chegarão aos nauios a vender cousas de comer, e a cabo de pouco veo hum barco grande, em que veo hum messageiro d'ElRey perguntar ao Capitão mór que era o que queria, que se da terra tinha necessidade tudo lhe mandaria dar. O que assy fez o Rey porque tinha já sabido muyto de nossas cousas da India, e do grande trato que assentaua em Malaca com tão boa paz, e nom sabia o fim que ouvera, e cuidaua que assy ficaua assentado. O Capitão lhe respondeo com muytos agardecimentos, dizendo que vinha de Malaca com seus nauios carregados, e hia pera' India. E por os pilotos lhe dizerem que elle era muyto bom Rey e sua gente, e que em sua terra auia boas mercadarias pera tratar, por ysso viera a saber o porto, e saber as mercadarias que podia vender e comprar, o que faria com boa paz e verdade, se elle fosse contente, e senão que hiria seu caminho; mas que muyto folgaria assentar com elle paz e trato de comprar e vender suas mercadarias, e pagarlhe seus direitos como era seu costume, e lhe pagauão os mercadores aos preços costumados. Com o qual recado o Rey muyto folgou, e lhe mandou dizer que muyto folgaua com sua vinda, e muyto folgaria assentar com elle paz e trato; e que lhe comprarião quantas mercadarias trouxesse, e na terra lhe venderião seda solta, pimenta longa e redonda, e beijoym, e outras mercadarias que corrião por todolos portos da India. E com esta reposta lhe mandou muyto refresco, e que folgaria muyto que fizessem algum começo de trato de

vender e comprar. Então o Capitão lhe mandou presente de huma peça de grã, e peças de velludos e cytys de cores, e lhe respondeo que folgaria de comprar das cousas que dizia, a saber, a pimenta de ambas as sortes, e seda, e beijoym, e quaesquer outras boas mercadarias, o que todo pagaria polo preço da terra, e tudo pagaria nas mercadarias que tinha, que era cobre, azouge, vermelhão, coral em perna e laurado enfiado; o que tudo daria polos preços acostumados na terra: do que o Rey foy muyto contente. E com esta reposta mandou João Lopes de Freitas, e Nuno Vaz de Castello Branco, com quatro homens bem vestidos, porque lhe disse o piloto que seguramente os podia mandar. Com que El-Rey muyto folgou, e lhe fez muyta honra, e assentarão os preços das cousas nas vendas e compras, e logo com muyta diligencia o Capitão carregou quinhentos quintaes de pimenta redonda, e nom tomou mais porque via que acupaua muyto e pezaua pouqo, que ella era mais grossa que a de Cochym, e nom era tão quente, *e* dentro tinha hum vão, que nom era mociça; e tomou pimenta longa cem quintaes, e alastrou de beijoym, e tomou vinte quintaes de seda branca, e carregou sua nao quanto compria pera sua viagem, tomando estas cousas pera mostra sómente, com muyto prazer d'este nouo descobrimento, porque em todas estas cousas se dobraua o preço na India. E tambem das mercadarias que deu erão em mór preço que na India; polo que gastou quantas mercadarias tinha, e carregou polos outros nauios, e nom meteo nada no nauio de João Nunes porque fazia muyta agoa, que partindo d'este porto no mar o desfizerão, e tomarão d'elle todo o que quiserão, e lhe puserão o fogo; o que tambem se fez porque erão mortos muytos homens em todos os nauios, da corrença, e mortos na terra. E tomarão os nauios muyto boa agoa, e muytos mantimentos que lhe trazião a vender aos nauios de bom barato, o que pagauão com panos pintados de Cambaya. O Rey mandou ao Capitão presente de ricos panos de seda de cores e fio d'ouro, e lhe pedia carta do assento de sua paz, que lhe elle deu em grande papel, com muytas palauras de firmesas de boa paz, que tambem foy escrita na lingoa da terra; e lhe mandou dizer que pera mais firmeza, e lembrança de verdade, lhe deixaria posta em terra huma pedra, que lhe ElRey seu senhor mandaua que pusesse nas terras em que fizesse assento de paz, que auia de durar quanto a pedra durasse, porque nella estauão os sinaes d'ElRey de Portugal; que assy estauão postas por to-

dalas terras dos nossos amigos. Do que ElRey ouve muyto prazer, e a pedra foy posta em hum morro alto, que auia sobre o porto, a qual pedra era hum marmore com as armas de Portugal, como já contey. Esta coluna lhe dera o Visorey pera que a posesse em Malaca, que a nom pòs por assy ficar de guerra, as quaes colunas ElRey Dom Manuel sempre mandaua nos nauios que hião a descobrir terras nouas, que nellas as pusessem por memoria, pera que, se ally viessem ter outras gentes a descobrir, achassem este sinal que já por elle era descoberta.

E sendo todo assy feito, e os nauios concertados do que compria, despedido do Rey com boa paz, se partio, e com bom tempo foy tomar na ilha de Ceylão no porto de Columbo, onde soube que auia pouco que d'ahy partirão os nauios que leuarão a canella pera a carga do Marichal, e que o Visorey era partido pera o Reyno, e gouernaua Afonso d'Alboquerque, com que elle ficara mal auindo, por ser da parte do Visorey em suas contendas. Temendo que por ysso Afonso d'Alboquerque lhe daria máo auiamento e faria alguns desgostos, com muyta deligencia baldeou a nao de Jeronymo Teixeira, que era milhor de vela que a sua, e lhe deu pendores, e a concertou muyto bem de todo que compria, e n'ella carregou todo o que trazia, que muyto valia, e s'embarcou n'ella, e a sua nao daua a Jeronymo Teixeira, que se fosse com os outros nauios pera o Governador, mas elle nom quis, e se foy com elle pera o Reyno; e então Diogo Lopes de Sequeira deu a capitania da sua nao a Nuno Vaz de Castello Branco, que leuasse os outros nauios e se fosse onde estiuesse o Gouernador, e per elle lhe escreueo largamente o que pudera saber das grandezas de Malaca, e a muyta riqueza que tinha, e quão grande cousa seria ganhala pera o senhorio de Portugal, afirmandolhe que com ElRey trabalharia quanto pudesse porque o mandasse a elle Gouernador que a fosse tomar, por ganhar a mór riqueza que auia no mundo. Mas o Gouernador nom confiou n'estas palavras, porque bem entendeo que tão bom feito antes Diogo Lopes o quereria ganhar, antes que aconselhar a ElRey que o mandasse fazer por elle Gouernador; do que tomou grande ciume, assentando logo em seu coração, que auendo conjunção pera ysso, elle com todo seu poder hir tomar Malaca antes d'acabar seu tempo, e se ElRey mandasse capitão que lá fosse, o hir fazer por sua pessoa, como fez, e ao diante contarey em seu lugar. E concertados os nauios partio com elles de Ceylão, e foy tomar em Coulão, donde se partio caminho de

Portugal, e mandou os pilotos de Cochym bem pagos e contentes. E despedido de todos, que vinhão contentes e pagos de todos seus vencimentos, [1] caminhou pera Portugal, onde chegou a saluamento; com que ElRey ouve muyto prazer, dandolhe conta de quão grande cousa era Malaca, e quanto compria [2] * o * ganhala a seu senhorio, por sua grande riqueza que lhe renderia. Com o que ElRey lhe fez muyta mercê, e deu esperança que per elle auia de * a * mandar tomar, com a gouernança da India, que pera ysso lhe daria. E de feito foy Gouernador, mas os tempos cursarão per outras vias, como adiante contarey.

Os nauios todos juntos chegarão a Cochym, estando * o * Gouernador fazendose prestes, como já disse. E sabido que Diogo Lopes era hido assy pera Portugal ouve muyta paixão, e maginou que Diogo Lopes fingira partirse pera o Reyno por dessimular com os outros nauios, mas que passaua de largo, e auia de hir tomar Cananor, e partir do monte Dely por hir bem nauegado; polo que, logo como foy noite, mandou o bargantym a grã pressa, que fosse a Cananor com carta a Rodrigo Rabello capitão, que se hy fosse ter Diogo Lopes lhe tomasse a menagem que tornasse a Cochym; o que nom foy, porque Diogo Lopes foy sua rota batida pera o Reyno. O Gouernador fez grandes honras a todos, e mórmente a Nuno Vaz de Castello Branco, que por seu respeito o Visorey o mandara a Malaca, por lhe fazer mal e tamanho desgosto.

CAPITULO VI.

DE COMO O GOUERNADOR PROUEO EM MUYTAS COUSAS DA INDIA, E SE FEZ PRESTES COM ARMADA PERA HIR AO ESTREITO DE MECA, E DA MESSAGEM QUE LHE MANDOU O ÇAMORYM REY DE CALECUT, E REPOSTA QUE O GOUERNADOR LHE MANDOU.

O Gouernador, sendo são de suas feridas, querendo mostrar per seus seruiços o agardecimento da mercê que lhe ElRey fizera, fez alardo da gente que tinha, pera * se aperceber * com 'armada que concertaua, que estaua muy desbaratada do feito d'Ormuz; porque elle determinaua entrar o estreito de Meca, que lhe ElRey muyto encarregaua, e sayndo do

[1] * e caminhou * Autogr. [2] * a * Ibid.

estreito se ajuntar com Duarte de Lemos, e hir a Ormuz, de que elle estaua muy magoado. E porque n'armada do Marichal veo gente baixa, que ElRey abaixou no soldo e quintaladas, e os capitães se desprezauão de os trazer em sua companhia, que nom querião trazer senão homens de criação pera bom feito, e esta gente baixa andaua desagasalhada, fazendo o 'lardo, escreueo os capitães com suas gentes que trazião e dauão mesa, que erão fidalgos e criados d'ElRey, e de casas reaes, e caualleiros; e de toda a outra gente mais baixa mandou fazer rol, com seus nomes, como vinhão assentados do Reyno, e os ordenou que fossem çoyços e andassem em ordenança, pera o que fez dous capitães que sabião do mester, que já seruirão em Italia, hum chamado João Fidalgo, outro Ruy Gonçalues, a que deu ordenados como capitães de naos, e a cada hum deu doze homens pera cabos d'esquadra, e dous atambores e dous pifaros, e duas bandeyras, e hum escriuão, e meirinho, e todos com acrecentamento de soldo, e á gente da ordenança acrecentou mêo cruzado de mantimento, [1] * que tinhão dous cada mes seiscentos de mantimento * porque nom auia de comer ás mesas, o qual mantimento se pagaua cada mes, que todos hião receber com seu atambor tangido, ordenados com seus piques em çoyça, e cada cabo d'esquadra, que tinha cincoenta, os chamaua por seu rol, do que o Gouernador tinha rol de todos, e ás pagas mandaua estar hum seu escriuão, que visse se alguns faltauão, e se dizião que estauão doentes o hião ver a suas casas; do que os capitães tinhão muyto cuidado, e estauão presentes aos pagamentos, e tudo em tanta ordem que hum só homem lhe ñom faltaua. E ordenou á forteleza de Cochym cento e dez homens, contados com os officiaes e seus criados, e officiaes macanicos da ribeira; ordenou a Cananor outros tantos. E porque esta çoyça e ordenança foy nouidade, em o assentar teue muyto trabalho, porque se auião os homens por deshonrados polos fazerem çoyços, [2] * e * ouve tanto escandalo, que a rogo d'elles ouve alguns fidalgos que o falarão ao Gouernador, dizendo que a gente sentia grande agrauo em os assy apartar por gente baixa, dandolhe a ysso muytas rezões, com que o Gouernador muyto afrontou, dizendo que elles tinhão a culpa, pois os engeitauão de os trazer em suas capitanias, e que lhe farião muyta mercê lhe hirem á mão quando elle fizesse cousa mal feita,

[1] A falta d'alguma palavra torna escura esta passagem. [2] * nom * Autogr.

mas não a esta que era tão boa; porque quantos andauão na India erão assoldados d'ElRey, que na casa da India receberão seu dinheiro com pregão, á vontade de quem o quizesse receber, pera vir seruir á India, sob o mando do seu Gouernador, e capitães que fazem seu mandado, « o que todos auemos d'obedecer, como bons portuguezes e leaes vassal- » « los; e o que me ElRey nosso senhor mais encarrega he que suas gen- » « tes traga em seu seruiço em tal ordem que mereção o dinheiro que » « lhe dá, e nom andem soltos pera mal fazer; polo que me compre tu- » « do trazer ante meu olho, e por esta causa apartey este gado, de que » « fiz pastores que me dem conta d'elle, metido em boa ordenança. Polo » « que, senhores capitães, vos peço, por mercê, que recolhaes pera vos- » « sas companhas e mesas os que vos contentarem, e vossos gastos eu » « ajudarey como cada hum merecer, que Sua Alteza assy mo manda; » « e [1] * confio * que taes pessoas recolherês em vossas companhias que » « nos feitos da guerra muyto acrecentarão vossas honras, e elles sob » « vossas bandeyras tomarão da honra o que cada hum tiuer por nasci- » « mento; o que confio que cada hum nom estimará a vida per ganhar » « honra, que he o mór bem d'esta vida. »

Este arrezoamento do Gouernador pareceo muy bem a todos, e lhe louvarão seu bom preposito, offerecendo * se * todos a seruir em todo o que nelles fosse, assy como elle mandasse; ao que o Gouernador lhe deu muytos agardecimentos, dizendo: « E pois vossas mercês são contentes » « de andar em boa ordem no seruiço de Sua Alteza, sendo tão nobres » « fidalgos, porque os outros somenos serão a ysto auessos, e nom que- » « rerão andar na ordem pera saberem pelejar? Pois está certo que nos » « feitos da guerra val mais a boa ordem que as muytas gentes, nem va- » « lentias de forças, em que os nobres se auantejão em mostrar de quem » « descendem, e os que taes obrigações nom tiuerem compre andarem na » « ordem que lhe derem os que os ministrarem, que são bons pastores » « que os metão por bom caminho. E se algum ysto tomar por agrauo, » « d'aquy lhes prometo que todos quantos quiserem os deixe hir pera o » « Reyno, porque em quanto eu este cargo seruir, eu nom trarey hum » « só homem contra sua vontade, que indaque agora os homens meta em » « çoyça, quando ouver de pelejar nos ordenaremos no que nos milhor »

[1] * como fio * Autogr.

« comprir. E porque tudo he pera seruiço de nosso Rey e senhor, di- »
« no he de pena aquelle que lhe mal parecer, nem o recusar, mostran- »
« dose reuel ao seruiço d'ElRey nosso senhor. » Do que todos ouverão muyto contentamento, vendo que estauão em sua liberdade pera se hirem pera o Reyno, se quigessem nom andar na ordenança. Polo que então os capitães recolherão os fidalgos e caualleiros, e homens de boa criação; e tinhão competencias e enuejas a quem tinha mais gente e milhores armados, porque todo o ponto era em lustrar com fremosas armas nos alardos.

O Gouernador, sabendo o desgosto que ElRey tiuera com o Visorey de nom lhe escreuer as cousas da India miudamente, quis nysto muyto satisfazer, polo que mandou aos feitores e almoxarifes, que nenhuma cousa despendessem senão por seus mandados, porque todo passando por sua mão de tudo pudesse dar conta a ElRey; e defendeo aos capitães que nom dessem nenhuns cartazes a mouros, nem gentios, pera nauegar pera nenhuma parte, sómente elle os daua todos, polo que sempre continuo tinha seis e sete escriuães com hum secretario, e os escriuães homens da criação d'ElRey, de que confiasse seus segredos, os quaes sempre andauão junto com elle com papel e escriuaninha, porque andando a pé e a cauallo assinaua os mandados que se auião mester; e tudo posto em registo e lembranças pera quando escreuesse a ElRey, que lhe escreuia o passado e presente, e o poruir que esperaua fazér. E daua conta a ElRey de quanto tinha na India, e se gastaua nas feitorias e almazens, até as camaras e chaues dos berços; e de todo o que escreuia lhe ficauão as minutas, que depois cotejaua com as repostas, porque todalas cousas de grande sostancia da India escreuia aos duques, condes, e 'os do conselho, e aos veadores da fazenda; e o que escreuia com hum escriuão nenhum dos outros o auia de saber, e elle de sua chaue tinha as menutas, porque achando algum segredo descoberto soubesse qual escriuão o escreuera, pera lhe dar o castigo; e toda esta escritura hia pera o Reyno por tres vias. E eu Gaspar Correa, que este liuro escreuo, fuy hum dos seus escriuães, que com elle andey tres annos.

O Çamorym Rey de Calecut, postoque tanto mal fez aos nossos, de tantos mortos, sentio tanto per grande enjuria os nossos per guerra chegarem a suas casas, e lhas roubarem e queimarem, que estaua como doudo de paixão, por elle ser o principal Rey da India; e per muytos

dias nom consentio que nenhum dos seus parecessem ante elle, pois nom morrerão todos por sua honra, assy como fizera o seu catual e vedor da fazenda; e com toda sua paixão tinha em seu coração outra muyto mayor, de grande temor e arreceo, que quando ElRey de Portugal soubesse o mal que era feito, com seu Capitão mór morto com tanta gente, mandaria tomar vingança, pera o que mandaria tanta gente e armada, que lhe queimassem e derrubassem suas casas por terra, e de todo pera sempre ficasse destroido e deshonrado; o que seria feito com desembarcar na cidade exercito de gente com artelharia. O que todo ElRey assy maginaua, porque de primeyro lho dizião assy os italianos arrenegados, que com elle andarão. E depois de passada a furia de sua paixão, falando com seus conselheiros, assentou de atalhar ao mal que lhe podia vir. E mandou ao Gouernador seu messigeiro com sua ola de crença, fazendo grandes escramações, agrauandose de tamanha deshonra como lhe era feita polos portuguezes, que sempre tanto se queixauão de suas traições e falsidades, gabandose de verdadeiros, *e* lhe fizerão falsidade tamanha, mandandolhe pedir verdadeira paz, com seguridade que em Calecut lhe daria forteleza, com que ficassem acabados todolos males passados, e por mais perfeição da verdade lha faria á sua custa em qualquer lugar que quigesse, ao que lhe nom respondera, mas com enganos é dessimulações, com industria do Marichal lhe detiuerão Cojebequi, seu messigeiro, que como se partissem as naos do Reyno seria despachado; no que estando seguro, confiado na verdade dos portuguezes, elle com o Marichal, com traição, de noite, entrarão em Calecut com guerra de fogo e sangue, matandolhe o pobre pouo da cidade, e lhe forão roubar suas casas, e com magoa, porque nom puderão leuar tudo, ao que ficou puserão fogo, cousa que nunqua se fez a nenhum Rey da costa da India, com que ficaua deshonrado elle e toda sua geração. Mas já que assy ficaua com tamanha deshonra e tão baixo, se assy quigesse aceitar sua amizade e verdadeira paz pera sempre, estaua prestes pera a fazer como elle quigesse, com tanto que nom fosse lembrado nada de todo o passado pera sempre, pera que ficasse tudo na paz que lhe aprouvesse, com forteleza que daria, ou sem ella, como fosse mais sua vontade; e que lhe pedia, pola cabeça d'ElRey de Portugal, que lhe respondesse com toda' verdade.

O Gouernador, vendo tal recado de tão boa concrusão, ouve seu conselho com todos os fidalgos que erão pera ysso, aos quaes noteficou

toda a messagem do Çamorym, dizendo que elle sabia certo que elle pedia esta paz com segura verdade, e quando lho mandara dizer por Cojebequi assy o sabia que lhe falaua verdade, porque no ynuerno passado, estando em Cananor com Lourenço de Brito, o Çamorym lhe mandára suas olas, pedindo que lhe fizesse esta paz como fosse feito Gouernador, do que foy sabedor o Visorey, « do que capitolou de mym, e so- »
« br'ysso mandou tirar deuassa, dizendo que me concertaua com ElRey »
« de Calecut em desseruiço d'ElRey nosso senhor; do que de tudo elle »
« dera muyta conta ao Marichal, que nada quis ouvir senão que auia »
« de fazer ao que vinha mandado por ElRey e capitolo de seu regimen- »
« to, dizendo que outra nenhuma cousa se fizesse nem entendesse em »
« contrairo. O que eu obedeci tanto contra minha vontade quanto Deos »
« sabe; com que nossos pecados nos derão o pago que trouxemos. E »
« porque eu estou prestes com armada e tanto gasto feito pera hir ao »
« estreito de Meca, que me ElRey muyto manda que o faça, polo que »
« ora nom posso entender nesta paz, indaque seja com muyta ver- »
« dade, quero mandar ao Çamorym huma reposta vã, pera vêr sua fir- »
« meza, e se fosse fixa então aueria conselho de todos * do que * bem »
« parecesse. » O que assy pareceo bem a todos. Então o Gouernador lhe respondeo com sua carta, dizendo que os portuguezes erão taes que a quem lhe falaua huma mentira nunqua mais lhe crião a verdade. E por esta rezão, e elle ter feitas tantas traições e enganos, lhe nom crerão sua verdade, que por Cojebequi lhe mandara, e que indaque o crera lhe nom puderá valer, porque n'esta parte o Marichal tinha o poder sobre elle, e sobre o Visorey, como vira, que o mandára pera o Reyno e a elle fizera Gouernador. E porque o Marichal se ordenára por sua propria cabeça por ysso lhe foy mal; mas que indaque o Marichal quisera nom pudera fazer outra cousa, porque as cousas de guerra que ElRey manda hão se de fazer, indaque se gaste tanto sangue como agoa do mar: que o que o Marichal fizera ElRey o mandára, polos malles passados que elle fizera, polo que ao presente nom podia entender na paz que lhe pedia, porque nom sabia o que ElRey mandaria quando soubesse da morte do Marichal e tantos portuguezes; mas que nas naos elle escrevera a ElRey de tudo, e d'esta paz que lhe pedia tão verdadeira; que por tanto nom podia fazer nada até vir reposta d'ElRey, que sabia que seria boa, vendo o que lhe elle escreuia d'esta boa paz que lhe tinha pedida, que lha

otorgaria, porque ElRey seu senhor era tão grande Principe que, como lhe pedião perdão logo perdoaua, indaque lhe tiuessem feitos grandes malles. O que elle tudo assy o aprefiara com o Marichal, mas que nada prestara; mas que ao presente lhe aprazia que estiuessem quedos em paz até vir reposta d'ElRey, que então faria o que lhe mandasse, e se fosse fazerlhe guerra lhe prometia primeyro lho mandar dizer, mas que elle esperaua que nom seria senão paz. E que lhe muyto rogaua que nom fizesse mal ás cousas de Cojebequi, porque nom tinha nenhuma culpa, porque nom pudera mais fazer. Da qual reposta o Çamorym se ouve por muy satisfeito, e ficou muy contente e descansado, que em todo tempo auia de ter nossa paz, e nom querer nunqua mais nossa guerra, do que já estaua tão deshonrado, e destroidas suas nauegações e proventos, que tudo era perdido.

CAPITULO VII.

COMO O GOUERNADOR PARTIO DE COCHYM COM ARMADA PERA HIR AO ESTREITO DE MECA, E O QUE LHE SOCCEDEO NO CAMINHO, COM QUE FOY TOMAR A CIDADE DE GOA.

O Gouernador fez prestes sua armada, que forão vinte velas grossas, e hum bargantym e as duas galés, e naos e nauios, de que fez capitães dom Antonio de Noronha, dom João de Lima, Fernão Peres d'Andrade, e Martim Coelho, Jorge da Silueira, Nuno Vaz de Castello Branco, Gracia de Sousa, Jorge de Sousa seu irmão, Manuel de Lacerda, Duarte de Mello, Diniz Fernandes de Mello, homem mulato fidalgo, Francisco de Tauora, Bernaldim Freire, Luiz Coutinho, Simão Martins de Miranda, Francisco Pantoja, Pero d'Ornellas, Gonçalo de Crasto, Payo Rodrigues de Sousa, Aluaro Paçanha, Diogo Fernandes de Beja em huma galé, dom Jeronymo de Lima em outra galé, Luiz Preto no bargantym. E com estes capitães outros nobres fidalgos e valentes caualleiros que com o Visorey vierão á India, e se deixarão ficar seruindo, e com a gente do mar, que per todos se ajuntarão mil e dozentos homens brancos, de que os quatrocentos erão gente do mar, e os outros gente limpa, afóra que ficauão em Cochym e Cananor os que já atrás disse, partio o Gouernador de Cochym na entrada de feuereiro d'este ano de 510, e foy de longo da costa á vista de Calecut, sem lhe fazer mal a muytas naos que es-

tauão no porto, e foy a Cananor, onde nom quis desembarcar por nom fazer detença, e mandou sua visitação a ElRey polo capitão, com offerecimentos de Gouernador nouo; o que assy fez ElRey, que por seu regedor o mandou visitar. E o Gouernador fez fauores e mercês aos homens que ally o fauorecerão por Gouernador, estando preso; e deixou Cananor prouido como compria, e se partio, leuando em sua nao Cojebequi messigeiro de Calecut, a que o Gouernador disse que se fosse com elle, que hia assentar Ormuz, onde o faria xabandar, ou [1] * zogyl, * que são os mais principaes cargos da cidade. E o Gouernador tambem o leuou porque o mouro lhe disse que em Cananor andauão mouros de Calecut, pera o matar por mandado do Çamorym. O Gouernador deixou regimento a Rodrigo Rabello que ás nauegações de Calecut lhe désse cartazes de seguro polos portos da costa da India, e nom leuassem pimenta nem drogas, sómente mercadarias da terra; e lhe deixou dysto cem assinados em branco, e lhe dixe que quando atrauessasse pera o estreito lhe deixaria as galés, * e * quatro nauios pera guarda da costa, e hirem enuernar a Cochym.

E partio de Cananor, e foy de longo da costa com terrenhos e virações, com que sorgio na barra do rio d'Onor, que lhe nom durou mais a viração; o que vendo Timoja, que era muyto nosso amigo, logo sayo do rio com quatro fustas, carregadas de vaquas, e gallinhas, e carneiros, e cousas de refresco, e se apresentou ao Gouernador com seus offerecimentos, a que o Gouernador fez muyta honra, e firmou muyto sua amizade e seguros, dizendo que lhe faria sempre muytas honras, em quanto fosse fiel seruidor d'ElRey de Portugal. E esteue com elle falando, e lhe perguntando polas cousas da terra, de que Timoja lhe deu muyta conta, e lhe veo 'a falar em Goa, que era tão grande cousa de trato e mercadores, mas que ao presente estaua muy danificada e casy despouoada, porque o Sabayo andaua no Balagate em guerras com seus visinhos, * e * deixara em Goa dozentos rumes com hum seu capitão, que se ajuntarão dos que escaparão de Dio e de Chaul, e se vierão ao Sabayo, e assentarão viuenda com elle, fazendolhe grandes offerecimentos de lhe fazerem armada com que conquistasse o mar, e o senhoreassem, e suas naos passarião pera Meca, e tornarião com muyta riqueza, e ou-

[1] Provavelmente * gozil *

tras vaidades; com que o Sabayo, nysso muyto crente, lhe deu a capitania de dentro da cidade, e de fóra hum seu capitão com dois mil piães do Balagate, os quaes já casy todos erão hidos, que nom podião sofrer as perrarias, e malles e roubos, que lhe fazião os rumes, que os fazião trabalhar como catiuos, que tinhão feitas oito naos grandes como as nossas, e muytas fustas, e esperauão que lhe auião de vir galés de Meca, e gente, com que dizião que auião de hir tomar Cochym e Cananor, e destroir 'armada dos portuguezes. «Tendo todos os mercadores roubados,» «e como catiuos, nom os deixão sayr da cidade, e em tal ponto estão» «que se com esta armada entrasses o rio, e fossem diante da cidade, lo-» «go se te entregaria, por se verem liures dos malles que lhe fazem os» «rumes. O que todo esto sey por muytas cartas que me escreuem meus» «parentes, e amigos que lá tenho. E se tu, senhor, soubesses bem a ver-» «dade d'ysto que te digo, deixarias de hir o caminho que vás pera Or-» «muz, que está tão longe, fazer guerra por quinze mil xarafins de pa-» «reas cad'ano, e pera ysso fazeres gasto de tamanha armada, e deixas» «aquy tanta riqueza como está em Goa. Rogote, senhor, que cuides» «bem o que te digo, que se sobre ysso tiueres bom conselho acharás» «que vás errado, sendo esta cousa que tanto compre ao serviço d'ElRey» «de Portugal nom deixares ally criar teus imigos. Toma ora sobre ysso» «conselho com teus capitães e fidalgos, e faze o que vires que he milhor.»

Ao Gouernador pareceo muyto bem todo o que Timoja disse. Se dizia verdade, cousa era pera emprender mais que a tenção a que hia; mas ficou duvidoso da verdade de Timoja, nom lhe parecendo que folgaria de fazer hum tamanho seruiço senão por algum grande interesse de seu proueito, e cuidou que era com alguma falsidade, e lhe respondeo: «Como me farás certo o que dizes?» O Timoja entendeo a duvida do Gouernador, e lhe disse: «Senhor, eu to farey [1] *ver* a teus» «olhos, e to certifico assy por muytas cartas que tenho de meus paren-» «tes, que são os melhores da terra; e te digo que mo escreverão que» «to fosse fallar, e nom fuy porque nom leuaua eu certeza pera me da-» «res o credito, assy como agora o duvidas. E te falo em todo verdade,» «que chegando esta armada ante a cidade de Goa ella se te entregará,» «e o nom deues duvidar, pois sempre faley verdade nas cousas do ser-»

[1] *vem te* Autogr.

«uiço d'ElRey de Portugal.» Então lhe disse o Gouernador que se fosse, e tornasse pola menhã, que diante dos capitães se assentaria tudo como parecesse bem. O Timoja hido, que era já tarde, o Gouernador fiqou maginando nesta cousa, e assentou muyto em seu coração hir cometer, e se nom pudesse, ao menos lhe queimaria as naos, que seria bom seruiço, e nysto nom aueria tanta detença que lhe estoruasse sua viagem. E tanto ysto lhe assentou no coração que nom pôde dormir até que nom chamou todos os capitães, e outros fidalgos que leuaua, que nom erão capitães, e dentro em sua camara, com muyto segredo, lhe contou todo o feito que lhe Timoja tinha contado, e o que elle d'ysso sentia e tinha maginado; e todo bem praticado antre todos, afirmarão que nom deuião fazer outra cousa senão hir a Goa, pois estaua em tal desposição, e se no caso achassem o Timoja verdadeiro, era dino de grande mercê; e assentarão que ao outro dia, vindo o Timoja antre todos, se tomaria assento do que se ouvesse de fazer, afirmandose Timoja no que tinha dito, com a mór firmeza que se pudesse d'elle tomar.

Ao outro dia amanhecendo, o Timoja se veo ao Gouernador com muyto refresco, ao que logo os capitães se ajuntarão na nao do Gouernador, que com todos se pôs apartados com o Timoja, a que o Gouernador mandou que tornasse a dizer tudo o que lhe tinha dito, o que o Timoja assy o fez, e muyto mais largamente, reteficando tudo com muytas certezas; sobre o que se apontarão duvidas e inconuenientes, o que tudo o Timoja lhe desfazia, e muyto afirmando que se fossem a Goa, ou a tomarião, ou queimarião a ribeira, que seria tamanho seruiço como tomar Goa. No que muyto debatendo, assentarão que fossem ver Goa, e que o tempo lhe diria que fizessem. Então o Gouernador disse a Timoja, em presença de todos: «Timoja, por só tua palaura, e confiança que» «tenho que hes bom verdadeiro ao seruiço d'ElRey nosso senhor, eu» «tomo teu conselho e deixo outro que trazia n'esta viagem. Eu te pro-» «meto que, se me bem encaminhas dentro em Goa, seja teu o mór car-» «go e mais honrado da terra que te possa dar, e outras mercês maio-» «res, em que te ElRey meu senhor pagará teu bom seruiço.» O Timoja lhe respondeo: «Senhor, minhas obras merecão as mercês que me fi-» «zeres, de que nom tenho mais fiança que te dar, sómente obrar ante» «teus olhos, por *que* em tua companhia hirey, porque tenho muy» «certa e segura muyta ajuda de meus amigos e parentes, que tenho»

« dentro em Goa, e me dão verdadeiro auiso de todo o que passa. E se »
« de verdade nysto assentas, eu escreuerey logo cartas a quem me man- »
« dará verdadeira reposta, que nom tardará tres dias, e escreuerey quan- »
« to mandares porque respondão ao que quigeres saber no que comprir, »
« e fazeres o que te for necessario. » Com o que o Gouernador muyto folgou, e disse ao Timoja o que escreuesse, que era : quanta gente auia na cidade de gornição, e quantos naturaes e quantos estrangeiros ; e que armada estaua no mar, e quanta em terra ; e o Sabayo quão longe estaua de Goa, e em quantos dias podia vir secorro ; e se a cidade estaua auondada de mantimentos ; e outras sostancias que compria ; e o Gouernador com muytas promessas de mercês ao Timoja, e a todos seus parentes e amigos, que nesta cousa ajudassem. A que o Timoja respondeo : « Deos fará bem a quem o merecer. » E o Timoja ante o Gouernador deu as cartas, e mandou o messigeiro, que mandou a hum seu cunhado que estaua em Goa, que fôra casado com huma sua irmã, a que escreueo todo o que passaua, e lh'encomendando que estiuesse muy prestes com todos seus parentes e amigos, porque elle auia d'entrar dentro em Goa, a huma cousa em que lhe hia a vida e honra. [1] * O * pião com as cartas foy em huma almadia de pescadores, que o puserão na terra de Goa. O Timoja estaua sempre com o Gouernador, que lhe fazia muyta honra, e todos os capitães, e dormia na sua atalaya por popa da nao do Gouernador. A cabo de tres dias tornou o pião com a reposta das cartas a tudo o que o Gouernador quis, com que ouve muyto prazer ; e que em Goa era entrada huma nao de Cambaya com muytos rumes dos que escaparão em Dio.

O Gouernador com os capitães fizerão consulta sobre a carta, e vendo que a cidade estaua em boa conjunção pera ser tomada, nysso tomarão assento, e se fizerão prestes. O que assentado, logo o Timoja foy a terra, e veo ao outro dia com oito atalayas com boa gente, e com seus tangeres e gritas veo saluar o Gouernador, que o recebeo com trombetas ; e entrou diante do Gouernador, mostrando o prazer que tinha de seruir ElRey, e que per obra esperaua de o mostrar. O Gouernador lhe deu muytos agardicimentos, lhe dizendo que olhasse a muyta confiança que tomaua de seu conselho, com * que * aquella armada e gente tudo

[1] * e * Autogr.

nelle confiaua, polo que, se o bem encaminhaua, olhasse quanto ganhaua, e todos seus parentes e amigos. O Timoja disse: «Senhor, teus olhos» «serão testimunhas de minhas obras, e por tanto, que ysto tanto sobre» «mym carrega, logo mando partir por terra hum meu primo com dous» «mil homens a soldo, pagos do meu dinheiro; e confio que farão ser-» «uiço com que folguês de os pagar e lhe fazer mercê. Polo que logo,» «senhor, te faze á vela, e vamos a Goa, passando o tempo, que che-» «guemos á menhã com a viração e maré, com que logo entremos no» «rio.» O que a todos pareceo bem, e com o terrenho se fez á vela, com o Timoja hir diante com suas atalayas.

CAPITULO VIII.

COMO O GOUERNADOR COM SUA ARMADA ENTROU NO RIO DE GOA, E A CIDADE SE LHE ENTREGOU, E FOY RECEBIDO COM HONRAS E MUYTA PAZ; E DO QUE O GOUERNADOR ACHOU NA CIDADE, E AS COUSAS QUE PROUEO, ASSENTANDO O POUO EM SEGURIDADE.

O Gouernador com 'armada ao outro dia sorgio sobre a barra de Goa, onde achou naos de Cananor, e Cochym, que estauão tomando agoada; e chegando sorgio, e mandou logo entrar no rio dom Antonio seu sobrĩnho, e dom João de Lima, e Gracia de Sousa, e Duarte de Mello, em seus batés bem concertados, com os pilotos, e Timoja nas atalayas, que fossem ver que agoa auia na barra, em que acharão tres braças de prea mar d'agoas mortas, que com agoas viuas aueria tres e mea; com que tornarão ao Gouernador, que ouve muyto prazer, porque tinha agoa pera entrar toda 'armada, e mandou recado ás naos malauares que ao outro dia lh'emprestassem os seus paraos, que erão grandes, pera nelles desembarcar a gente, se lhe comprisse. O que elles assy fizerão, que erão muytos; e logo sobre o caso auido conselho assentou que dom Antonio com as galés e bargantym, com os quatro batés, e com as atalayas, e gente, fossem tomar hum castello com pouoação, que estaua a de dentro do rio, que tinha muytos tiros na borda d'agoa pera defensão do rio; e tambem junto da barra, na banda da terra firme, estaua hum baluarte roqueiro sobre a barra: e todo assy ordenado per o entrar 'o outro dia, o Timoja, que tinha muyta vontade de mostrar per obra seu desejo, nom

dormio esta noite, e desemmasteou huma atalaya mais pequena e muyto esquipada, *e* elle só, de noite, entrou no rio de Goa velha, onde tomou almadias com pescadores, que trouxe ao Gouernador, de que soube em verdade toda a enformação que trouxerão as cartas; com que o Gouernador ouve muyto prazer.

E porque faley *no* rio de Goa velha darey d'ysso alguma rezão, pera boa enformação do que he este Reyno e senhorio de Goa. Antigamente foy de gentios tributarios ao Rey de Bisnegá, e passaua de setenta anos que era Reyno sobre sy isento, quando os nossos agora chegarão a Goa; e o principal assento d'este Reyno o Rey tinha em Goa, que então era a cidade de Goa situada n'este rio de Goa velha, em que entrou o Timoja, a qual cidade se despouoou, e se tornou a pouoar a cidade onde agora he, e esto porque o rio cá tinha milhor fundo e milhor varadoiro per' as naos dos mercadores, que acrecentarão muyto a nobreza da cidade, porque por toda a ilha de Goa em roda tinha muytos esteiros e varzeas alagadiças, que se cobrião com a maré, e em alguns lugares, que auia passagem da terra firme pera Goa, tinhão os mouros torres e muralha que tolhião a passagem, em que tinhão piães e guarda; e porque nom passassem a nado, as gentes que matauão as deitauão no rio, em que auia muytos lagartos que andauão encarniçados, que ás vezes seçobrauão as almadias por comer a gente, e tomauão os que se estauão lauando na borda do rio. E por caso do rio de Goa a velha muyto esprayar, e os mercadores nom poderem varar suas naos, por ysso se passarão ao outro rio, que era bom, em que se fez a cidade, e ficou o nome de Goa velha ao outro rio. E porque os mercadores erão muytos e com grosso trato, com que a cidade muyto engrandeceo em muyta nobreza, com muyto rendimento pera o Rey, assy do que entraua polo mar como do que vinha pola terra, e mórmente polo trato dos cauallos que vêm d'Ormuz polo mar, que muyto valem pola terra dentro, [1] *com que* este Rey de Goa era poderoso em muyta gente de guerra, que sempre tinha, com que seguraua suas terras e estado, senhoreando outras ilhas juntas a esta de Goa, em que auia casas de seus idolos, de cantaria de grandes edificios e lauores, com grandes rendas, em que tinhão seus bramenes, que são seus sacerdotes nas leys de suas ceremonias, em que usa-

[1] Sobejidão, que corta o sentido.

uão de ley que morrendo marido as molheres se queimauão viuas com elle, e a que ysto nom fazia ficaua auiltada, pera sempre engeitada d'antre as gentes; o que estimauão sobre todas suas leys, e lhe metem em cabeça que morrendo ellas assy vão viuer no outro mundo com seus maridos, do que adiante mais direy em seu lugar. Goa se foy assy nobrecendo pola grande escala que tinha do que entraua e saya pola terra firme per o Reyno de Bisnegá, que se departe per huma serra muy fragosa, que corre de longo da terra, que sómente tem certos passos muy estreitos per que podem passar, que com muy pouca gente se podem guardar a todo o poder de gente que vier. A esta serra chamão Gate, e d'ella pera o mar se chama Balagate. E por assy ter esta guarda d'esta serra o Rey de Bisnegá tinha paz com este Rey de Goa, por caso das mercadarias e cauallos que lhe corrião a Bisnegá, de que auia grandes proueitos. E d'esta serra até o mar se chama o Reyno de Decan, que tem huma ponta com Cambaya, e corre até aquy até Goa, que entesta com terras e portos de mar do Rey de Bisnegá. E tanto guerreou este Rey de Decan, chamado Sabayo, que [1] * todo * o Reyno sogigou, e auia corenta anos que estaua em posse d'elle pacifico, quando os nossos assy chegarão a Goa; e o mais do tempo estaua elle em Goa, que era como cabeça de seu Reyno, em que estaua com grande estado de gente de pé e de cauallo, em nobres casas e aposentos, com os seus principaes senhores. E auia pouqo tempo que falecera o Sabayo, e ficara seu filho herdeiro, chamado Hidalcão, que he nome de Principe; e faleceo em outra cidade no Balagate, em que o Principe sendo aleuantado por Rey, e tambem chamado Sabayo, os grandes se aleuantarão cada hum com suas terras, que tem elles este costume, e tornão a concertos com seus partidos e auantagens que podem: polo que tambem hum seu capitão, que estaua nesta Goa, tambem fogio, roubando o que póde, chamado Meliqueçufo, polo que os rumes, assy ficando poderosos na cidade, fazião forças e malles no pouo, polo que os principaes amigos de Timoja lhe escreuião estes malles que padecião, dizendo que o falasse ao Visorey, que fosse a Goa, e se lh'entregarião, antes que padecer os malles que lhe fazião o capitão e rumes.

E tornando á estoria, dom Antonio entrou o rio com os batés, e galés, e bargantym, e Timoja com suas atalayas, e hindo bem concertados

[1] * tudo * Autogr.

forão dar no baluarte, de que logo os mouros fogirão, dando fogo aos tiros; o que vendo dom Antonio nom chegou ao baluarte, senão Timoja, que foy tomar seis tiros de ferro pequenos que achou; e forão polo rio dentro, e per conselho do Timoja sayo dom Antonio em terra com toda a gente, e diante a gente de Timoja, que sabião a terra, e os batés e 'armada polo mar, e forão caminho do castello, e chegarão á pouoação que estaua junto d'elle, no lugar que ora está, e entrando puserão fogo, matando quanto achauão; ao que acodio o capitão do castello com trezentos homens, que tinha, frecheiros, que ouve elle seu conselho antes pelejar fóra que nom tomaremno dentro no castello; mas a resistencia que elle fez foy pouqua contra a furia que leuauão os nossos. Com que logo fogirão pola terra dentro; outros se meterão em almadias e se passauão o rio pera a outra banda, que era a terra firme, ao que acodirão as atalayas e batés tirando tiros, com que tomarão muytos, e outros se afogarão. E forão a outro baluarte que estaua defronte do castello, de que os mouros logo fogirão, em que tambem tomarão tiros de ferro, e no castello doze ou quinze peças, tudo de ferro, e tomarão huma boa fusta que estaua no mar. Dom Antonio mandou logo huma fusta de Timoja ao Gouernador com recado do que era feito, e emtanto mandou Timoja com sua gente e os batés, que forão ao baluarte e o derribarão por terra, que era fraqua obra.

O capitão de Pangim se foy á cidade, onde achou todo o pouo aluoroçado, bradando que nom ouvesse peleja, mas que logo entregassem a cidade; polo que logo mandarão ao Gouernador dous mouros honrados, em huma almadia que foy per Goa velha, os quaes disserão ao Gouernador que nom fizesse mal á cidade, porque todos se lh'entregauão pacificamente, e lhe obedecião como vassallos d'ElRey de Portugal. O Gouernador nom lhe respondeo logo, mas despedio 'atalaya com reposta a dom Antonio que com a maré fosse polo rio acyma, e fosse auer vista da cidade. Então disse aos mouros que elle era Gouernador da India, e com aquella armada, e gente, nom fazia mal senão a quem nom obedecia áquella bandeyra, que trazia em sua gauea, que era d'ElRey de Portugal. E pois elles e a cidade lhe obedecião, elle os tomaua por vassallos d'ElRey de Portugal, entregandolhe a forteleza da cidade e os rumes que nella estauão; e que ysto fossem dizer á cidade, e se o fizessem, como elle dizia, entraria na cidade como pay de todos, e senão o fizes-

sem que elles verião suas casas cheas de fogo e sangue: com que os mouros se tornarão á cidade.

E sendo já maré e viração, o Gouernador mandou desembarcar nos batés a gente das naos Frol de la mar, e do Rey Grande, e Santa Crara, e o Cyrne, que nom quis que entrassem, porque erão naos grandes, e com toda outra armada á vela, com bandeyras, e tangendo trombetas, com 'atalaya diante, entrou polo rio, e sorgio diante da cidade, onde já estaua dom Antonio sem desembarcar, com toda a gente armada, que assy hia em todos os nauios, com muytos piques polos bordos, e as naos apadesadas, e 'artelharia prestes; onde logo de terra vierão quatro homens principaes da cidade, dizendo que logo fosse a terra, e entrasse na cidade, que era sua, e lhe obedecião todos; polo que o Gouernador logo se embarcou na galé de Diogo Fernandes de Beja, armado de ricas couraças, e debaixo saya de malha, e rica espada, e seu page com lança e adarga, e assy os capitães com sua gente em seus batés; e nos paraos das naos, e nas atalayas, desembarcou toda a gente da ordenança, armados d'armas brancas do almazem, com seus piques, atambores e pifaros, e bandeyras, que erão setecentos homens que primeyro desembarcarão no caez, e se puzerão em ordenança per sua ordem; e desembarcou o Gouernador com todolos capitães e fidalgos, todos com ricas armas, com suas trombetas. E desembarcarão no caez, onde da cidade sayrão oito homens principaes muyto bem vestidos, e em joelhos apresentarão ao Gouernador as chaues da cidade, com huma grande bandeyra de pano de seda, de seu Mafamede, que o Sabayo tinha dado á cidade, e tudo entregarão com grandes cirimonias, e lhe pedirão liberdade pera todo o pouo, que nom fosse catiuo e cada hum se pudesse hir viuer onde quigesse, assy mouros como gentios, e todas outras nações que nom fossem rumes, e as gentes que ficassem na terra os tratasse como seus naturaes: o que todo o Gouernador otorgou, e prometeo que lhe faria tantos bens com que viuessem muyto contentes. Então logo de dentro da cidade trouxerão hum fermoso cauallo sellado á sua feição, com a sella gornicida de prata, com o qual sayo muyta gente com grandes brados de louvores, com que o sobirão no cauallo, deitandolhe por cyma da cabeça muytas froles cheirosas, e de folha d'ouro e prata; e logo o Gouernador mandou entrar a gente da ordenança diante, tangendo seus atambores e pifaros, que parecia cousa temerosa, e após elles os

capitães com seus guiões, e após elles hum frade da ordem de são Domingos, chamado frey Domingos de Sousa, que leuaua huma cruz aleuantada, de páo dourada, com o crucificio, e com elle quatro crelgos, e após a cruz a bandeyra real de damasco branco com a cruz de Christus, que leuaua J'ane Mendes Botelho, valente caualleiro. O que foy ao primeyro dia de março deste ano de 1510.

Os rumes que estauão na cidade, vendo que s'entregaua, se ajuntarão, roubando o que podião, e correrão todos a cauallo, e forão a hum baluarte que estaua na entrada da cidade, onde ora está o esprital, pera dar fogo em huns tiros grossos que estauão carregados, que podião tirar pera o caez; mas a gente que hia após elles lho nom consentio. Então se forão fogindo, e se passarão á terra firme. Á entrada da cidade estaua a forteleza, em que entrou o Gouernador com muytos homens, os principaes da cidade, e com o Gouernador entrarão muytos fidalgos, e com sua guarda, que erão oitenta homens d'alabardas com seu capitão João Ramires. O Gouernador mandou ficar os capitães com sua gente assy na porta da forteleza, que andou vendo toda, onde estauão nobres aposentos do Sabayo, com jardim d'eruas cheirosas.

Então mandou lançar pregões com trombetas pola cidade, que sò pena de morte, ninguem tomasse cousa alguma, nem fizessem mal á gente, mouros nem gentios, porque erão vassallos d'ElRey de Portugal. Então mandou 'os capitães que se aposentassem pola cidade em grandes casas que auia, postoque todas erão terreas; e os capitães com a ordenança se forão aposentar em humas casas do Sabayo, que estauão no meo da cidade, com hum grande terreiro, e grandes alpenderes com esteos de páo de muytos lauores, em que se bem aposentarão. O Gouernador mandou Nuno Vaz de Castello Branco que fosse ver como todos se aposentauão, e lhe tornasse a dar conta de tudo; que visse se alguem fazia algum mal. Mas comtudo a gente moradores da terra, vendo fogir os rumes, e a gente armada que entraua na cidade, cada hum com seu fatinho, que podião leuar, e suas molheres e filhos, fogirão com grande pressa; e porque nos passos nom podião auer embarcações, em páos e tauoas passauão o rio, em que se muytos afogarão, o que sendo dito ao Gouernador ouve pesar, e o dixe aos regedores da cidade, que mandassem dizer aos passos á gente que nom fogisse, e se tornassem a viuer muy seguros a suas casas: o que elles assy o fizerão, deitando pregões

com bacias, tangendo segundo seus costumes, dizendo que o Gouernador os seguraua pola cabeça d'ElRey de Portugal; com * que * deixarão de passar, e estauão assy sem ousarem de se tornarem pera suas casas, que em nada confiauão.

Os capitães mandarão desembarcar suas cousas que auião mester pera dar comer á gente. Na cidade se acharão, em huma estrebaria do Sabayo, cento e vinte cauallos muyto bons, e * em * casa apartada todas suas sellas e freos e todo o mester pera elles, cobertas pera guerra feitas de caninhas de rotas cobertas de fio coseito muy fortes, per dentro forradas com cotonias, e testeiras d'aceiro, e muyta outra armaria de muytas sortes; dos quaes cauallos o Gouernador fez estribeiro mór Duarte d'Almeida, com ordenado, mantimento, e escrauos pera o seruiço dos cauallos, a que elles chamão farazes, assy como os tinha o Sabayo: hum cauallo com hum faraz, todo bem concertado. O Gouernador encarregou a guarda da forteleza a Gonçalo d'Almeida, e a Bernaldim Freire, com sua gente, e a outro dia caualgou com todos os capitães e fidalgos, e foy andar pola cidade, por dentro e por fóra, vendo tudo, e vio a ribeira, em que auia dezaseis naos feitas á nossa feição, mas por dentro estroncadas e de pouca liação, com que erão fracas, e outras oito que se fazião, e dezoito fustas grandes, muyto boas, e dentro na cidade casas grandes que tinhão os rumes d'almagem, em que tinhão moltidão de todolas cousas necessarias pera o fazimento das naos, e muyta artelharia de ferro, de camara, grossa e miuda, onde estauão dous camelos nossos, e oito berços, e camaras, que os rumes trouxerão do desbarato de dom Lourenço em Chaul, e outras peças de metal á sua feição, e muytos espingardões de metal, e grande soma de poluora, salitre, e engenhos em que a fazião, e grande almazem de armas de todas sortes; polo que então o Gouernador fez patrão mór da ribeira e almazens das naos a Diniz Fernandes de Mello, homem muyto pera ysso, e encarregou o almazem d'armaria a Diogo Pires de Miranda.

A cidade tinha [1] * huma * cerqua, que era toda murada, com grande chapa por fóra, e grande caua chea d'agoa; então encarregou Diogo Fernandes de Beja, sobre rolda da cidade, que fizesse de noite cerrar as portas, das quaes encarregou a guarda aos capitães, que as mandassem

[1] * na * Autogr.

guardar de dia com sua gente, repartidos ás somanas; com que tudo estaua muy a recado e pacifico; postoque ouve muyto roubo em casas de que fogirão alguns mouros mercadores, que auia muytos na cidade.

E porque veo noua que os rumes que fogirão, com muytos mouros, se recolherão a hum castello que estaua d'ahy cinquo legoas, em hum rio chamado Banda, e que aly se fazião fortes, e concertauão o castello pera nelle estar, o Gouernador mandou lá dom Antonio seu sobrinho com as galés, e Timoja com as atalayas, e leuasse comsigo as quatro naos que ficarão fóra na barra, que já disse, e os capitães dellas, que erão Francisco de Tauora e Fernão Peres d'Andrade, e dom João de Lima, e Gemes Teixeira, que andaua com o Gouernador por capitão da sua nao Frol de la mar; os quaes forão sorgir sobre a barra do rio, em que com a maré entrarão as galés, e batés, e atalayas, que o Timoja entrou diante mostrando a barra, que os rumes nom aguardarão, e se forão pola terra dentro, que ninguem os consentia estar nos lugares, e os nossos derrubarão o castello por terra, que era fraca cousa, e se tornarão a Goa em tres dias, onde meterão as naos grandes, que forão sorgir diante da cidade com bandeyras e prazer; e hum homem gentio, que era capitão do castello da Banda, se veo por terra ao Gouernador, e lhe deu menagem do castello, que o tornaria a concertar e estaria nelle da sua mão; do que aprouve ao Gouernador, e lhe deu seu seguro, porque segurasse a gente da terra.

Auendo oito dias que o Gouernador estaua em Goa, chegou o cunhado do Timoja por terra, com dois mil homens de guerra bem concertados, e chegarão ao passo de Goa a velha; o que o Timoja foy dizer ao Gouernador, e o cunhado veo ao Gouernador, que lhe fez muytas honras; e porque a terra assy estaua assentada, ouve por escusada a gente, e disse ao Timoja que a tornasse a mandar, o que o Timoja aperfiou que a deixasse estar onde estaua, até que se acabasse hum mês per que vinha paga: o que o Gouernador nom quis, parecendolhe que assy estando farião algum mal na terra, e por ysso mandou que se tornasse, e sómente ficou o cunhado com dozentos homens seus, que se aposentou em hum tanque que estaua no arraualde, onde tambem se aposentou o Timoja com sua gente, que erão outros tantos; sómente os marinheiros estauão no mar nas atalayas. E porque o Gouernador vio o grande seruiço que o Timoja tinha feito, lhe deu o cargo de tanadar, que

he justiça mór sobre o pouo, que era de grande proueito, porque per seus costumes as mais das penas dos malfeitores são pera os julgadores, que todas se conuertem pera sy em pagar dinheiro, dizendo que se as partes acusadores leuassem o dinheiro todos farião demandas, e porque as nom fação, por ysso lhe nom julgão que lhe paguem dinheiro; com que o Timoja ouve em pouqos dias muyto dinheiro, estando aposentado em humas grandes casas que estauão junto do tanque, e por essa causa lhe chamarão o tanque de Timoja, como hoje em dia lho chamão, porque o Gouernador lho deu pera seu aposento, e lh'encarregou que tiuesse cargo de vinte e cinco alifantes, que estauão em huma casa ahy perto do tanque; de que o Timojá tomou cargo, e os mandou curar polos seus homens, que o sabião fazer, e lhe ordenou homens da terra que hião cortar rama e herua que comião os alifantes, que o Sabayo assy tinha por estado, como o costumão os Reys d'estas partes da India. E porque alguns d'elles seruião no trabalho da ribeira, o Gouernador lhe ordenou mantimento d'arroz cozido, que lhe dauão com jagra, que he açuquere de palmeiras. E porque na ribeira auia oito naos de trezentos até quatrocentos tonés, mandou o Gouernador ao patrão Diniz Fernandes que as acabasse logo de concertar pera se deitarem ao mar, porque as queria mandar a Cochym, pera que no ynuerno as concertassem de latação e cubertas, e as fizessem fortes pera as mandar carregadas de pimenta ao Reyno; no que o patrão tomou muyto trabalho, mas porque as naos tinhão muyto que fazer se nom puderão concertar a tempo que pudessem hir pera Cochym.

Os mouros da cidade erão muytos, e muy ricos, por serem tratantes polo mar e de todas as mercadarias da terra, os quaes sabendo da gente que estaua em Agacim, que viera d'Onor por terra, que o Timoja a mandára vir, e souberão que elle fôra o que fizera vir o Gouernador a Goa, lhe tomarão grande odio, com que nom podião comportar obedeceremlhe como a justiça mór; e como homens poderosos, tratantes nobres, nom querião obedecer os mandados do Timoja, polo que elle muyto os acanhaua e maltrataua; polo que se seguio que se ajuntarão os principaes, e se fórão ao Gouernador, dizendo, se elle lhes guardaria verdade, como tinha dito. Elle lhe disse que si, muy enteiramente. Então lhe dixerão que lhes désse licença que se querião hir viuer a outra parte, porque elles erão mouros muyto ricos e honrados, e nom podião com-

portar nem sofrir serem constrangidos per justiça per Timoja, que era gentio, muy differente na ley e costumes dos mouros; que por tanto se querião hir viuer em outras terras. O Gouernador amostrou muyto pezar, e lhes disse que lhe pesaua muyto de seu descontentamento; mas que elles se nom fossem, que elle remediaria tudo, e lhes daria juiz mouro como elles, e muyto honrado, com que elles fossem muyto contentes. Com o que se forão satisfeitos.

O Gouernador então chamou o Timoja, e lhe contou a escramação que os mouros lhe fizerão, e que se querião hir fóra da cidade viuer em outras terras, porque nom querião que elle, por ser gentio diferente de sua ley, os mandasse per justiça; que era sobre o que com elles muyto aperfiára, e os nom pudera concordir que o consentissem, e afincadamente lhe pedião licença pera se hirem, pedindo que lhe guardasse sua liberdade, que lhe prometera, a qual lhe nom podia quebrar: polo que lhe muyto rogaua que lhe largasse o gozilado dos mouros, que lhe tinha dado, e ficasse com o gozilado dos gentios. E lhe daua todolas rendas das terras de Goa fóra da ilha, que sómente pagasse d'ellas cem mil pardaos d'ouro cad'ano, e todo o mais que rendessem, que era muyto, fosse pera elle; em que désse as tanadarias e cargos a seus amigos e parentes; e que elle Gouernador lhe daria quantos cauallos ouvesse mester em tempo de guerra, que elle pagaria com a gente á custa da renda; e lhe faria outras mercês de que elle fosse contente, e elle receberia muyto prazer, por nom auer compitencias antre elle e os mouros, que era o principal corpo que tinha a cidade, por serem mercadores de grossas fazendas e tratos polo mar e n'esta terra, que se elles se agora fossem d'esta cidade seria caminho pera todos se hirem, que causaria muy grande perda ás rendas d'esta cidade, e grande descredito nosso, que dirião polas outras terras que as gentes fogião de nós por males que lhe fazemos. O Timoja, como era muy auisado e sabido, respondeo ao Gouernador: «Senhor, quando em mym entrou vontade de te seruir, nom foy com» «esperança de cousa certa que de ti esperasse, sómente o que te aprou-» «vesse; e por tanto, senhor, em todo faze o que sentires que te mais» «compre pera bem de teu descanso, e conseruação de sostentar ysto» «que tens nas mãos. E o que te agora direy nom creas que to digo» «porque me nom tires o cargo, porque d'aquy to largo; mas lembrete» «que te digo que compre muyto que n'esta terra o mandador dos mou-»

«ros seja gentio, e o mandador dos gentios seja mouro; porque ysto»
«assy trocado, nem huns nem outros nom terão corpo, nem cabeça,»
«pera consultarem traições nem aleuantamentos, que se nom escusão»
«n'esta terra, que entra agora em nouo senhorio, estranho do que ate-»
«'gora foy. E tenho muyto arreceo que tendo os mouros assy manda-»
«dor e cabeça mouro como elles, que entre nellas alguma maldade,»
«porque elles me nom engeitão por eu ser gentio, sómente por grande»
«odio que me tem, sabendo que eu te encaminhey a vir tomar esta ci-»
«dade; e o souberão quando virão a minha gente, que veo por terra,»
«e como são máos, e imigos da ley dos portuguezes, antes querião»
«sofrir os males que lhe fazião os rumes, que agora estar sob o man-»
«do dos christãos, que elles hão ysto por grande pecado em sua ley.»
«Polo que está certo que se puderem farão alguns mouimentos com que»
«te dêm trabalho; e quanto a dizerem que se querem hir pera outras»
«terras he medo que metem, porque tal nom hão de fazer, porque só-»
«mente são tratantes sobre o mar, e se de ti se forem desauindos em»
«que terra hirão viuer, que suas nauegações escapem a tuas armadas?»
«E nom te pareça, senhor, que indaque nom tenha cargo, que me hey»
«de hir, que aquy hey de estar a te seruir, como verás: polo que do»
«cargo, e de mym, podes fazer tua vontade.» Do que o Gouernador lhe deu muytos agardecimentos, e lhe muyto encarregou que tiuesse toda boa rezão e verdade com as gentes da terra, que lh'encarregaua, e lhes fizesse tal companhia com que muytos mais se viessem, e nenhum se fosse. Com que o Timoja ficou contente, porque esperaua de muyto enriquecer, estando a terra assentada em paz.

O Gouernador toda esta sostancia praticou com os capitães, que a todos bem pareceo as duvidas que o Timoja apontaua, mas pois estaua satisfeito com a renda das terras sempre n'elle aueria toda fieldade, e por resguardo da duvida, que se podia tomar dos mouros, [1] «fiquaua» tudo seguro sendo Cojebequi gozil dos mouros, em que estaua segura toda fieldade, e por ser mouro o nom podião os mouros engeitar; o qual o Gouernador mandou vir da nao em que inda estaua embarcado, e veo muy nobremente vestido em seus vestidos; e lhe dixe, que por lhe pagar parte de seus seruiços, o encarregaua e fazia gozil, justiça mór dos

[1] «fiqua» Autogr.

mouros de Goa, naturaes e estrangeiros, porque elles nom erão contentes serem mandados e julgados por homem gentio, que era o Timoja, que tinha ordenado pera gozil. Polo que então mandou aly vir todos os principaes mouros que lhe ysto tinhão falado, e lhes disse, presente os capitães, que por folgar de lhes fazer suas vontades no que lhe parecia rezão, elle nom queria que o Timoja fosse gozil, por ser gentio e elles mouros, e daua o gozilado a Cojebequi, que era mouro como elles, e tão honrado que era pera ser capitão da cidade, e homem que a todos faria justiça e muyta verdade; e tomou hum treçado gornecido de prata, que tirou da bainha, e nú o meteo na mão a Cojebequi, dizendo que fizesse direita justiça a todos, grandes e pequenos, e lhe meteo no dedo polegar da mão direita hum anel d'ouro pera pôr chapa: com que ficou feito gozil. E mandou aos mouros que ally lhe dessem seu juramento em seu moçafo, que fizesse direita justiça segundo seus costumes; o que assy foy feito, com que os mouros, muyto contentes, leuarão comsigo seu gozil com suas honras e tangeres, e o aposentarão em humas boas casas no arraualde; que todos lhe muyto obedecião e acatauão, mas o Cojebequi o mais do tempo estaua sempre com o Gouernador, que falaua como lingoa, que tudo se delle confiaua, e o Gouernador e todos lhe fazião muyta honra; mas todauia os mouros nom estauão contentes, porque quiserão elles que seu gozil fora natural e nom estrangeiro.

CAPITULO IX.

COMO O GOUERNADOR REFEZ E CONCERTOU A CIDADE DO QUE COMPRIA PERA SEU REPAIRO, ASSENTANDO AS COUSAS EM TODA SEGURIDADE, E MANDOU FRANCISCO PANTOJA EM HUMA NAO CARREGADA DE MANTIMENTOS, QUE LEUASSE A ÇACOTORÁ, E TROUXESSE DOM AFONSO SEU SOBRINHO, QUE LÁ FÒRA CAPITÃO.

O Gouernador, consirando em sy tamanha cousa como tinha nas mãos, que era huma tão nobre cidade, em huma ilha cercada d'agoa, que podia fortificar e fazer defensauel a todo o poder que sobre ella viesse, e que sendo nella possante ganhaua ao senhorio d'ElRey a mais nobre cidade que auia na costa da India, com tanta riqueza de grandes rendas e tratos, que virião em muyto crecimento com o querer de Nosso Senhor; o

que elle muyto trabalharia por conseruar, e acrecentar, com todolos cauallos que faria vir de Ormuz a Goa, de que se pagauão grandes dereitos, e os nom consentiria passar pera fóra, porque os compradores os viessem buscar a Goa, pera que trarião muyto dinheiro e mercadarias pera os comprar, que tudo seria muyto acrecentamento de rendas e nobreza da cidade, o que elle conseruaria e assentaria com guardar muyta verdade, e bem tratar aos mercadores, e com esta chaua, que teria nestes cauallos, teria bom assento com os senhores das terras que os ouvessem mester, e faria com elles toda boa amizade; e tinha muy segura a cidade, por ter assy bom rio, em que podia ter grossa armada, com que em todo Goa seria a mais poderosa força que ElRey nosso senhor tiuesse na costa da India, e de mór proueito e grandeza: e lançando todas estas contas, tambem via que lhe compria, sobre todolas cousas, logo primeyramente fortificar a cidade, que era mui fraca dos muros, e os fazer de nouo muy fortes, pera defensão da guerra que estaua certa, que auia de ter com o Hidalcão, que forçadamente auia de vir com todo seu poder por cobrar sua cidade; o que tudo praticaua com os capitães e fidalgos sua tenção, e fundamentos que fazia; ao que alguns lhe ysto contradizião, duvidando que era impossiuel soster Goa contra o poder do Hidalcão, se viesse tomar Goa, porque estaua muy certo que logo todolas gentes da terra serião com elle, e se aleuantarião contra nós, que eramos tão poucos que nem pera defender a cerqua da cidade bastauão; ao que se mouião muytas perfias, e mórmente que já auia noua certa que vinha o Hidalcão; que por tanto a ysto compria prouer, e deixar o que estaua por vir, com que foy assentado que se concertasse a cidade do que compria pera sua defensão. O que assy pareceo bem a todos, polo que o Gouernador logo se pôs em trabalho com a gente da terra, em alimpar a caua e chapa do muro, que tinha muyto mato; e alargar a caua em algumas partes, porque 'agoa era correntia derrador de toda a cidade, que vinha ter ao rio; e o muro refazer de nouo, em partes que estaua fraco. E dentro no castello mandou fazer grandes casas pera celeiros de mantimentos, que logo mandou recolher, porque na cidade auia muytos; e andando nesta negoceação lhe lembrou dom Afonso seu sobrinho, que estaua em Çacotorá, que fôra lá capitão, e nom tinha embarcação pera se vir, e elle desejaua que viesse pera o fazer capitão de Goa; polo que mandou carregar huma nao de arroz, manteiga, açuquere, pescado e

carnes seqos, e mandou nella Francisco Pantoja, que fosse a Çacotorá e deitasse os mantimentos na forteleza, e trouxesse dom Afonso; e escreueo a Duarte de Lemos todo o que tinha passado, partindo de Cochym com 'armada com que o hia buscar, e a Nosso Senhor aprouvera lhe meter outra cousa nas mãos, que era a cidade de Goa, em que pacificamente entrarão, e estaua em posse della, ordenandose a defendela, e sobre ysso gastar todo o poder da India, polas muitas potencias que a cidade em sy tinha; e por ser cousa de assento nouo tinha falta de dinheiro, que por tanto lhe acodisse com o que tiuesse das pareas d'Ormuz, como tinha em seu regimento, e o trouxesse dom Afonso, que mandaua vir, pera o que mandaua a nao em que viesse com os seus criados.

Sendo auiado Francisco Pantoja partio caminho de Çacotorá, e sendo no mar topou com huma nao, que vinha d'Ormuz e hia pera Cambaya, a qual auendo vista da nossa nao, o capitão se apercebeo com sua gente pera nom amainar e pelejar, o que lhe nom consentirão dous embaixadores que vinhão na nao pera o Hidalcão, hum do Xequesmael, e outro do Rey d'Ormuz, dizendo elles ao capitão que lhe segurauão sua nao, e quanto nella vinha; polo que o capitão deixou sua detriminação, e chegando a nossa nao lhe amainou, e deitou barquinha fóra, e o capitão foy falar com Francisco Pantoja, dizendo que vinha d'Ormuz com embaixador d'ElRey, e outro do Xequesmael, que vinhão pera o Sabayo, e faria o que elle mandasse, porque os embaixadores lhe mandarão que amainasse, e obedecião á sua bandeyra. Francisco Pantoja lhe disse que por amainar lhe nom fazia mal, e aos embaixadores lhe faria todo' seruiço, e hiria em sua companhia até os meter dentro em Goa; que por tanto se fosse, e tornasse a hir seu caminho, porque elle auia de hir em sua companhia: o que assy fez a nao, e Francisco Pantoja tornou com ella a Goa, e a meteo dentro no rio, que vinha carregada de cauallos e de ricas mercadarias, e escreueo ao Gouernador huma carta do que passara com a nao, e pola bem arrecadar tornára com ella até ly, que ficaua na barra agardando seu recado. Do que o Gouernador ouve prazer e mandou que se fosse embora seu caminho, o que elle assy fez, e hindo atrauessando o golfam topou com huma poderosa nao d'ElRey de Cambaya, que se chamaua a nao meril, carregada de muytas e muy ricas roupas de Cambaya, que passaua pera o estreito de Meca e pera a costa de Melinde; a qual nao, confiada que por ser d'ElRey de Cambaya lhe

nom farião mal, amainou, e foy o capitão falar na barquinha com Francisco Pantoja, e deu rezão do que era. O Francisco Pantoja, que já tinha ouvido d'esta nao que assy era rica e poderosa, em que vinhão passante de oitocentos homens de nauegação, dessimulou com o capitão, dizendo, que pois hia pera o estreito, hiria em sua companhia até Çacotorá, onde estaua o Capitão mór da costa, e que lá a largaria por ser d'ElRey de Cambaya. O que a nao assy fez, e Francisco Pantoja leuou nella boa vigia, com que chegou a Çacotorá, onde estaua Duarte de Lemos Capitão do estreito, que estaua desbaratado com quatro nauios, aguardando por recado do Gouernador, d'armada que lhe mandara pedir, como atrás fica; e Francisco Pantoja lhe deu cartas do Gouernador, em que lhe contaua todo o que tinha passado; que por tanto se fosse á India, e o concertaria d'armada como pudesse. Duarte de Lemos cobiçou a riqueza da nao, e tomou d'ella o que quis e deixou na forteleza, e trouxe a nao á India, com que se elle veo, como adiante direy.

CAPITULO X.

QUE CONTA DAS EMBAIXADAS DOS EMBAIXADORES QUE VINHÃO AO HIDALCÃO, E O QUE COM ELLES FEZ O GOUERNADOR, E OS TORNOU A MANDAR COM SEU DESPACHO, E COM O EMBAIXADOR DO XEQUESMAEL MANDOU RUY GOMES COM SUA MESSAGEM.

O Gouernador ouve muyto prazer com a nao ser dos embaixadores, que trazia muytos cauallos e mercadarias, de que auia de pagar muytos direitos, que arrecadaria porque as embaixadas nom vinhão pera elle; mas quis mostrar com elles grandeza, e mandou aposentar muyto bem os embaixadores, e dizer que folgaua com elles, postoque nom vinhão pera elle, mas que se suas embaixadas fossem pera bem d'amizade e trato pera bem da terra, que pois Goa era d'ElRey de Portugal, e elle era seu escrauo Gouernador da India, e com elle quigessem comonicar suas embaixadas, assy como ouverão de fazer com o Sabayo, que elle lhes daria todo o bom despacho como fosse rezão. Os embaixadores lhe mandarão seus agradecimentos, dizendo que quando mandasse lhe falarião; o que o Gouernador logo quis saber, e se ordenou dentro na forteleza, e elles vierão ambos muyto vestidos e acompanhados com os capitães, a que o

Gouernador fez muytas honras, e elles lhe derão os presentes que trazião pera o Sabayo, pois que era morto; que forão cauallos fermosos sellados e enfreados, gornicidos de prata, e ricos panos d'ouro e de seda, e dous ricos treçados e adagas gornecidos d'ouro: do que o Gouernador lhe deu seus agradecimentos, e lhe mandou comprar e pagar trinta cauallos, que trazião pera vender, e se tornarão a sua pousada, e ao outro dia veo o embaixador do Xequesmael, com que o Gouernador falou, dizendo que folgaua com sua vinda, que elle em vontade tinha de mandar messagem ao Xequesmael, que sabia que tinha contenda com o grão Turquo, e tendo amizade com ElRey de Portugal, que era seu imigo, e continuo o guerreaua com armadas nos mares de Leuante, o que assy faria agora por esta parte da India, polo estreito de Meca, de que lhe tomaua e destroia seus tratos e rendas, e que tendo boa amizade ambos, muyto dano farião ao Turquo. O embaixador lhe dixe: « Quando o Xequesmael soube » « que ElRey de Portugal senhoreaua a India ouve muyto prazer, polo » « muyto dano que fazia ao Turquo; e quando soube que tinhas tomado » « Ormuz logo te mandou messagem d'amizade. Mas quando o embaixa- » « dor chegou já tu eras partido pera' India, e sua embaixada era pera » « assentar esta amizade, e se lhe comprisse ajuda pera a conquista de » « Ormuz lhe mandára tudo o que ouvera mester, e que o Xequesmael » « muyto folgaria com seu messigeiro. » E o Gouernador se [1] « offerecendo » que se o Xequesmael quigesse vir sobre a casa de Meca, que elle, com todo seu poder e grossa armada, hiria ajudar, entrando o estreito do mar Roxo, e hiria até Suez, que he o cabo do estreito, e em todo elle nom deixaria lugar que nom queimasse e destroisse.

O embaixador, sentindo no Gouernador tanta vontade pera ganhar amizade com o Xequesmael, lhe disse que o Xequesmael era assy grandioso de sua condição, que aueria muyto grande prazer que elle Gouernador fizesse que os mouros de Goa recebessem sua ley, e rezassem seus liuros nas mesquitas, e que na cidade consentisse que se laurasse sua moeda. O Gouernador lhe respondeo, que quando Goa e os mouros se lhe entregarão, elle lhe dera seguro, em nome d'ElRey de Portugal, de nunqua os costranger nem tirar de suas leys e costumes, em que viuião até ly, e que por tanto elle tal costrangimento lhe nom podia fazer. E quanto

[1] Por « offereceo »

era á moeda do Xequesmael se laurar na cidade, tal nom podia ser, porque Goa era d'ElRey de Portugal, e n'ella se auia de laurar sua moeda com seus sinaes; e que quando o Xequesmael soubesse que Goa era d'ElRey de Portugal tal nom quereria fallar. O embaixador, vendo a boa rezão do Gouernador, lhe disse que elle o nom fallára, sómente porque o trazia assy pera o fallar ao Sabayo; que se errara lhe perdoasse, e faria o que elle mandasse; e lhe pedia que com breuidade o [1] * despachasse. * E o Gouernador lhe dixe que nom aueria mais detença que ordenar o messigeiro que auia de hir com elle; com que o despedio com suas honras.

Então, ao outro dia, mandou o Gouernador vir o embaixador d'Ormuz, e fallou com elle, que lhe dixe que vinha mandado por Cojatar, offerecendolhe o estado d'Ormuz com muytas obrigações, porque lhe désse sua ajuda contra os portuguezes; e per esta sostancia correo pola pratica, com que lhe veo a dizer: «Senhor Gouernador, quando souberes» «a verdade, nenhuma culpa porás a Cojatar, nem contra elle terás ne-» «nhuma paixão, porque todos teus trabalhos te causarão teus proprios» «portuguezes, assy os do mar como da terra.»

E logo o Gouernador entendeo no despacho do embaixador do Xequesmael, e mandou com elle Ruy Gomes, homem de boa desposição e saber, homem que viera n'armada do Marichal degredado, o qual muyto concertou do que lhe compria, e muyto bem vestido e hum seu criado, a que deu carta pera o Xequesmael, e outra pera ElRey d'Ormuz; e com elle hum lingoa que sabia muytas fallas, e todo despachado fez mercê ao embaixador, e lhe deu boa embarcação, com que partirão em huma nao de hum mercador de Cananor, a que o Gouernador pagou a embarcação, e lhes deu todo o mantimento até Ormuz muy abastadamente, e com sua mão entregou Ruy Gomes ao embaixador do Xequesmael, que leuou huma carta em que o Gouernador daua ao Xequesmael grandes louvores a suas grandezas, dizendo que por ser tão poderoso que deuia de tomar amizade e prestanza com ElRey de Portugal, que era tamanho e tão poderoso, e tão querençoso da destroição do Turqo, que se ambos nysso tomassem concrusão o Turqo seria punido; por quanto, elle tão poderoso senhor Xequesmael, com seu grande poderio de gentes tão guerreiras de

[1] * despacho * Autogr.

pé e de cauallo, que o perseguiria, e ElRey de Portugal em sua ajuda, com grossas armadas polo mar de Leuante, queimandolhe e destroindo suas villas, cidades, armadas, portos de mar, assy com taes apressões o farião render e abaixar até o fundo de total destroição; ao que darião grandes ajudas todolos outros Reys da Cristindade, tão poderosos e tão grandes guerreiros, que dentro na cidade do Cairo hirião tomar ás mãos o Grão Turqo, que de todo seria punido, se elle senhor Xequesmael nysto tomasse vontade de o começar, mandando seus embaixadores a ElRey de Portugal, que pera ysso acharia muy prestes e voluntarioso, que logo conuidaria aos outros Principes e Reys christãos, que todos muyto folgarião, vendo que elle Xequesmael era a cabeça e dianteiro em tão alto feito; porque elles já tem sabedoria que elle tem sempre guerra com os poderes do Turqo; e que elle, fazendo este começo com o conhecimento e amizade d'ElRey de Portugal, ficaria sua grande fama pera sempre. E que bolindo esta cousa com effeito, elle, que tinha a gouernança da India, acodiria com aprecebimento de grossa armada e miuda, com seis mil homens de guerra, que tinha, entraria o estreito de Meca, e hiria ao mar Roxo, queimando e destroindo todolos seus portos e cidades, até dentro Suez e o Toro: o que outro tanto faria polo mar d'Ormuz, estreito de Baçorá, e Baharem, onde elle assy polo mar, e seu grande exercito pola terra, nom aueria cousa que nom ficasse metida debaixo de seus pés, o que elle, tão alto senhor Principe, deuia muyto estimar e querer em sua vontade, que ficaria em memoria até que o mundo acabasse.

Com esta carta deu a Ruy Gomes apontamentos do que auia de fazer dizer, a saber, que elle nunqua se apartaria da pessoa do embaixador, e nom pedisse nada, por mingoa que tiuesse, nem comesse mais do que lhe dessem, nem o pedisse, e que nada perguntasse, nem se espantasse de nada que visse, nem se detiuesse por olhar nada, nem se mostrasse menencorio por nada que lhe fizessem, nem se risse de chocarreiros, nem de cousa que visse, nem fallasse nunqua, sómente respondesse ao que lhe perguntassem, nem por nada perguntasse. E que em todas suas cousas se mostrasse muy repousado e vagaroso. E que hindo ante a pessoa do Xequesmael lhe fizesse muyto mór cortesia do que visse que outros lhe fazião, e que ante elle nada fizesse, nem fallasse senão com elle, e que lhe perguntando das cousas de Portugal, e d'ElRey, de tudo lhe désse tal relatorio que o Xequesmael folgasse de o perguntar e ouvir; re-

contandolhe as grandezas da pessoa d'ElRey, e da Rainha, e seus seruiços, casas reaes, vestidos, riquezas de suas pessoas, fidalgos, damas, corte, cidades, villas, rendas, armadas, conquistas d'Africa, amizades, casamentos com os Reys christãos seus visinhos; e de nossa fé e adoração sómente o que elle perguntasse, e tudo em tal ordem, e com tanto auiso, que nom caysse em erro de mentira, nem fallar a cousa duas vezes; e o lingoa nom fallasse nada mais que o que elle fallasse, e que se fosse possiuel, hora nenhuma se [1] *apartasse* do embaixador, nem saysse da casa em que o aposentassem, e que o lingoa ou o seu moço em apartado que o nom vissem; *e* escreuesse todolas lembranças que lhe bem parecesse do que visse e ouvisse. E que nunqua pedisse seu despacho per emportunação, e que désse esmola a quem lha pedisse, e que por cousa d'este mundo lhe nom viesse a tentação de molher, nem elle nem seu lingoa, nem criado: e com ysto outras sostancias de muyta prudencia e auiso, como compria, por ser o primeyro portuguez que fôra ante o Xequesmael; e lhe deu dinheiro pera seu gasto em abastança, com que foy seu caminho. E lhe deu o Gouernador huma carta pera ElRey d'Ormuz, e Cojatar, em que lhes dizia que elle enuiaua messigeiro ao Xequesmael, que elle lhe mandasse dar encaualgaduras, ou alguma cousa necessaria pera seu caminho, se a houvesse mester; e rogando a Cojatar que por amor delle franqueasse a nao de Cojaamir, que era seu grande amigo, e que graciosamente folgara de leuar o embaixador do Xequesmael, e a Ruy Gomes, que lhe mandaua com messagem que muyto compria ao seruiço d'ElRey seu senhor; e que elle, hindo de caminho pera Ormuz com grossa armada pera assentar as cousas que ficarão mal assentadas, soubera como em Goa se apercebia armada, e se ajuntauão rumes, que escaparão do desbarato de Dio, que esperauão por outros muytos do estreito pera sayrem ao mar a roubar: «polo que deixey o caminho que» «leuaua *e* fuy entrar no rio de Goa com minha armada, a qual» «sendo vista, logo com muyto temor, vendo sobre sy o poder d'ElRey» «meu senhor, a cidade se me rendeo, e nella me receberão por senhor» «em nome d'ElRey meu senhor, que ora possuo, e estou fortificando» «pera a deixar segura, e prouida como comprir, e se o tempo me der» «lugar inda lá hirey enuernar, e fazer as cousas a vosso prazer, por-»

[1] *aparte* Autogr.

« que das paixões passadas são esquecido, e nom quero que sejão lem- »
« bradas, porque sabido tenho que outrem causou os malles, mais que vós. »

Cojatar, que tinha sabido da embaixada de muyta amizade que o Xequesmael mandaua 'Afonso d'Alboquerque, [1] * sendo * já partido d'Ormuz, vendo agora que a muyto retificaria com sua messagem e offericimentos d'esta noua amizade, o que se assy fosse, que tiuesse o fauor do Xequesmael, que lhe podia muyto danificar nas cafilas das mercadarias que corrião por suas terras, ordenou estrouar esta messagem, e teue maneyra como Ruy Gomes foy morto com peçonha, e o lingoa e seu criado se tornarão pera' India; e nom quis guardar o rogo do Gouernador, e tomou os direitos das mercadarias do embaixador e da nao do Cojeamir, atreuendose porque o Duarte de Lemos lhe tinha dito que ElRey nom ouvera por bem as cousas que Afonso d'Alboquerque fizera em Ormuz, e que se o nom tiuera feito Gouernador da India lhe dera por ysso castigo; do que de tudo o Gouernador depois ouve enformação polo Cojamir, que tudo soube e lhe contou, como ao diante direy. E todauia o Gouernador depois mandou outro messigeiro ao Xequesmael, que foy hum Miguel Ferreira, com a propia embaixada e apontamentos; que foy e tornou com reposta, como adiante direy em seu lugar.

CAPITULO XI.

DO ASSENTO, QUE O GOUERNADOR FEZ NO POUO DA TERRA, DE COMO AUIÃO DE PAGAR AS RENDAS, PERA O QUE FEZ NOUA MOEDA D'OURO, PRATA, COBRE, E ASSENTANDO D'ENUERNAR EM GOA OUVE MOUIMENTO EM ALGUNS CAPITÃES PERA SE HIREM ENUERNAR A COCHYM; COM QUE O GOUERNADOR TEUE DEBATES.

O GOUERNADOR, com o grande contentamento que tinha de ganhar tão nobre cidade, que ao diante seria tão grande cousa, se Nosso Senhor fosse seruido, assentou em seu coração de n'ysso trabalhar com todas suas forças, que ficasse fixa pera sempre no senhorio d'ElRey de Portugal, e mandou ao patrão da ribeira que cobrisse as naos pera as chuvas do ynuerno, e as acabasse de todo o necessario, pera em agosto

[1] * que sendo * Autogr.

as mandar carregar a Cochym pera o Reyno, que elle então auia de hir com ellas, que esperaua que viria então de Çacotorá seu sobrinho dom Afonso, na nao de Francisco Pantoja que o fora trazer, com tenção que lhe daria a capitania de Goa, que era milhor que a de Cananor; o que nom ouve effeito, por ser perdido na enseada de Cambaya na nao d'Antão Nogueira.

E porque muytos mercadores mouros já tinhão concertadas suas naos pera partir, pedirão licença pera se hirem carregar suas naos, pera hirem pera Ormuz carregados de mantimentos, que carregauão em Baticalá e polos rios da costa, e com leuarem mantimentos a Ormuz auia carregações de cauallos, que trazião a Goa e a Cambaya, e em toda a costa vendião, e auião grandes proueitos, porque corrião pola terra dentro, de que auia mercadores de grande trato, aos quaes o Gouernador deu a todos licença, e fez muytos prometimentos de lhe fazer franquezas, e que todas as naos, que trouxessem a Goa de dez cauallos pera cyma, nom pagarião direitos d'outras nenhumas mercadarias que trouxessem, e em todo o Gouernador lhe fazendo quantos contentamentos podia, por assentar os corações dos mercadores em nossa amizade, pera que, seguros em boa amizade, viessem a Goa tratar, comprar e vender, porque a cidade se nobrecesse, e estes por onde fossem afirmassem estas * cousas; * com que todos se forão muy contentes, porque Cojebequi era o que ysto mais grangeaua, porque lho muyto encarregaua o Gouernador que assy o fizesse.

Timoja e Cojebequi se ajuntarão ambos, por conseqencia e requirimento do pouo, mouros e gentios, que lho muyto requerirão; e forão ao Gouernador, e perante os capitães lhe disserão que todo o pouo da cidade, e terras, estauão duvidosos de viuer na terra, e muytos que estauão por fóra nom querião vir, até nom saber o que auião de pagar de direitos, porque de primeyro antigo tempo pagauão direitos ao Sabayo com que valia sua renda cento e cincoenta mil pardaos d'ouro, e que depois por sua tyrania lhe dobrara os direitos, com que fizera trezentos mil pardaos de renda cad'ano; com que erão muy tyranizados de mortes e açoutes se nom pagauão, com que erão tratados piores que catiuos; polo que querião saber o como auião de pagar, e se ouvessem de viuer com tanto mal o nom podião sofrer; que por tanto lhe pedião que lhes guardasse seu seguro que lhes dera, e os deixasse hir li-

vremente viuer onde quigessem. O Gouernador, ouvindo todo, folgou em seu coração do que lhe requerião, porque desejaua elle de fazer nobrezas ao pouo, porque o assentasse em nossa amizade, e lhe respondeo, [1] *e* ouvio muyto pouo que com elles vinha, e lhes disse que ElRey seu senhor era tão grande em fazer mercês e nobrezas a seu pouo, que mais folgaua de ter seu pouo contentamento que ter grandes tesouros; e porque elle era seu escrauo, Gouernador da India, nom faria menos com todos os pouos que lhe obedecessem. Como elles fizerão elle tambem assy o faria, e era contente que elles nom pagassem mais que sómente os direitos antigos, e esto em quanto fossem leaes vassallos, e os que o nom fossem pagarião dobrado, e lhe faria grandes malles; e d'esto lhe passaria suas cartas, e que viuessem em todas suas liberdades e costumes, e em suas casas e heranças; o que assy farião todos os que erão fogidos e se tornassem a viver na cidade e suas terras. Ao que todos aleuantarão grandes brados de muytos louvores, pedindo mais que lhe désse tanadares, que nom fossem tyranizados, porque os tanadares e gancares são como almoxarifes que arrecadão as rendas, que lhe leuauão mais do que deuião, e lhe fazião outras tyranias, e roubos, que nom podião sofrer. Com que o Gouernador muyto folgou, por auer verdadeira enformação dos rendimentos das terras; polo que então escolheo homens de que confiou, e em cada terra, que he huma gancaria como huma aldêa, fez hum tanadar arrecadador, com hum escriuão, com suas cartas e juramentos que fizessem toda' verdade, e o Timoja, que era rendeiro de toda a renda, todo arrecadaua pera entregar ao feitor e tesoureiro, que o Gouernador logo fez, que foy Ruy de Figueiredo, com dous escriuães, e Tristão de Gá tesoureiro, a que s'entregaua todo o dinheiro, com seu escriuão ordenado; e do tesoureiro vinha o dinheiro á receita do feitor, que o despendia per miudo, e todo por mandados do Gouernador. E porque na terra corria a moeda do Sabayo, que nom era bem, pois a terra era d'ElRey nosso senhor, sobre este caso maginando o Gouernador, fez ajuntamento dos capitães e fidalgos que erão pera ysso, e ante todos prepôs a rezão, dizendo: «Senhores nobres capitães e fidalgos, leaes vassallos» «d'ElRey nosso senhor, bem vedes que esta he a primeyra cidade e» «terra que ElRey nosso senhor tem ganhado, e sua izentamente, e»

[1] * que * Autogr.

« está sob seu senhorio, e estará em quanto Nosso Senhor for seruido ; »
« e porque assy he, nom parece rezão que n'esta sua cidade corra moe- »
« da alhea, senão a sua propia, de suas ensinias, que corrão n'esta »
« cidade e por todas partes [1] * pera * os estranhos d'ella se aproueitarem ; »
« e porque bater noua moeda he tamanha cousa, que eu o nom pode- »
« ria fazer senão por seu especial mandado, com as mostras da moeda »
« de sua vontade, mas porque o tempo ha de ser longo pera lhe fazer »
« saber, que já nom viria sua reposta senão d'aquy a dous anos, o que »
« nom compadece a necessidade tanto tempo esta cidade e pouo estar »
« sem moeda corrente d'ouro, e prata, e de cobre miuda, pera a com- »
« pra da praça, e pagamentos d'estas gentes que trazemos no trabalho das »
« obras, as quaes rezões todas vos apresento, pera que me deys vossos »
« pareceres, se he bem, e seruiço de Sua Alteza, bater noua moeda »
« n'esta noua sua terra. » O que todo ouvido polos capitães e fidalgos, todos affirmarão que era bem que se fizesse; do que o Gouernador mandou fazer auto por Pero d'Alpoym, que seruia de sacretario, em que todos assinarão. Então disse o Gouernador que mandaria fazer a moeda, e feita lha mostraria, porque se a todos parecesse boa a mandaria solenisar com pregões.

Então o Gouernador fallou com alguns homens ouriues, que entendião da liga d'ouro e prata, e com ouriues e cambadores da terra, que o muyto entendião. Auia na terra pardaos d'ouro, de valor do ouro de trezentos e sessenta réis, [2] e huma moeda de prata boa, a que chamauão barganym, de valor de dous vintens, e huma moeda de cobre, a que chamauão bazaruqos, de valor de dous reis, que todo o Gouernador mandou pezar e alealdar, e se fez cruzados d'ouro de sua justa valia de quatrocentos e vinte reis, em que pôs de huma banda a cruz de Christus, e da outra huma espera, que era a diuisa d'ElRey Dom Manuel; e mandou que este cruzado cambado valesse na terra quatrocentos e oitenta reis, porque nom corressem pera fóra, prouento da gente, a que auia de pagar cada mês, a hum homem, hum cruzado de mantimento, que lhe ElRey mandaua pagar; e mandou laurar moeda de prata, que era a valia de hum bargany; fez moeda em que de huma parte pôs um A grego e da outra a espera, e lhe pôs nome espera, que valia dous

[1] * que * Autogr. [2] a que chamarão manuez (Nota marginal da lettra do texto).

vintens, e meas esperas, que valião hum vintem; e nos bazarucos de cobre o propio peso que tinhão, com o A e espera; e de cada bazaruco fez quatro moedas, a que chamauão cepayqua, e aos bazarucos pôs nome leaes; que pola conta d'estas moedas o cruzado se gastaua na contia de quatrocentos e oitenta reis.

E tendo assy feitas estas moedas, todo visto e justificado com o Timoja e Cojebequi, e os principaes e antigos da cidade, toda ouverão por muy boa. Então 'amostrou aos capitães, que a todos pareceo muyto bem, indaque alguns murmurarão contra a lettra do A, que era letra de seu nome; mas não que ninguem lho fallasse: o que o Gouernador depois o sabendo em pratica o fallou, dizendo que na moeda baixa pusera letra de seu nome, porque se soubesse que fôra elle o moedeiro, e assy andaria até que ElRey mandasse o que fosse sua vontade. Então, vendo que a moeda era apraziuel a todos, mandou pôr muyta d'ella em bacios de prata, cada huma apartada, e com o Timoja e Cojebequi, com os tanadares e gancares, e com muyto pouo, com muytos atabaqes e trombetas da terra, tangendo bacias e sestros segundo seus costumes, e diante bailadeiras, e chocarreiros bradando, e detrás as trombetas, com a bandeyra real acompanhada da guarda do Gouernador, e Tristão de Gá, e diante porteiro portuguez, e da terra, que por sua lingoa apregoauão, dizendo que esta moeda noua era d'ElRey nosso senhor, que mandaua que corresse em Goa, e suas terras, em suas valias que tinha. E acabado o pregão, Tristão de Gá deitaua muytas mãos cheas por cyma da gente, que 'apanhauão ás rebatinhas; no que o Gouernador mandou assy despender mil cruzados, polas principaes ruas da cidade e arraualdes, de que o pouo ficou muy contente, e ElRey, que por honra do Gouernador ouve por bem que a moeda assy corresse, e correo em quanto elle viueo.

CAPITULO XII.

COMO ALGUNS CAPITÃES TIUERÃO MODOS COM A GENTE PERA QUE O GOUERNADOR OS LARGASSE, PERA SE HIREM ENUERNAR A COCHYM, ARRECEOSOS DO TRABALHO DA GUERRA, QUE SE DIZIA, QUE O HIDALCÃO VINHA COM GRANDE PODER TOMAR GOA.

O GOUERNADOR ordenando enuernar em Goa, sendo já na entrada d'abril, que começa a entrar o inuerno, mandou Francisco Serrão em huma carauella a Cochym, e escreueo a ElRey seu feito de Goa, em que determinaua enuernar; e mandou ao feitor que lhe [1] * mandasse * muytas sellas ginetas, que os oficiaes da casa da India cá mandarão vender; e na carauella se embarcassem quantas molheres solteiras quigessem vir pera Goa, por euitar desmandos que os homens fazião com molheres gentias da terra. Mas por entrar o inuerno a carauella nom pôde tornar; mas tudo foy por culpa do capitão, que nom quis tornar enuernar a Goa, polo que o Gouernador depois o prendeo e deu bom castigo.

O Gouernador encarregou aos capitães que recolhessem toda a gente a suas mesas, pera o que lhes elle faria muyta ajuda; mas elles, como andauão enfadados do trabalho, e lhes parecia que era embalde, se o Hidalcão viesse sobre Goa, como dizião que auia de vir, e nom aguardaua senão que chouesse, pera achar agoa pera a gente polos caminhos, e que trazia tão grande poder de gente de pé, e de cauallo, que nom aueria quem lhe pudesse resistir; e os nossos arreceauão muyto este trabalho, e os capitães nom ousauão fallar n'ysto ao Gouernador, que sabião que o auia d'auer muyto por mal, mas alguns delles quiserão n'ysto ter outro modo, e encitarão a gente, dizendolhe que Afonso d'Alboquerque mandaua que comessem nas mesas dos capitães, por lhes nom pagar na mão o seu cruzado de mantimento, que lhe ElRey mandaua pagar cada mês; que pedissem que afóra o comer das mesas lho pagasse, o que seria tanto gasto que o Gouernador o nom poderia soprir, e deixaria Goa, e se hiria pera Cochym. O Gouernador foy d'ysto auisado, e o dessimulou por nom auer escandolos; ajuntou muyto dinheiro, d'em-

[1] * mande * Autogr.

prestimos que lhe ouve Timoja de seus parentes, e fez pagamento geral á gente de seus soldos, e que além d'ysso inda lhe mandaria pagar na mão seus mantimentos. Com que a gente ficou muyto contente, e cessou tudo; mas o Gouernador foy sabedor que Jorge da Cunha fôra o principiador d'ysto, e depois com outro achaque o castigou bem. E porque o Gouernador já tinha atoardas da vinda do Hidalcão, per conselho de Timoja mandou Diogo Fernandes de Beja, com vinte homens portuguezes e dozentos piães da terra, que fosse concertar o castello de Cintacora, e estiuesse nelle o inuerno; onde foy Diogo Fernandes, e o achou todo por terra, que auia mester muyto trabalho e tempo pera se concertar; com o que se tornou a Goa dar rezão ao Gouernador do que achara.

N'este tempo chegou certa noua ao Gouernador que era chegado ao lugar de Banda hum Balugy, capitão do Hidalcão, com muyta gente, que fazia grande destroição pola terra, e aguardaua por mais gente, pera logo virem passar a Naruha na ilha de Diuar. Ao que logo Timoja mandou hum seu pião, que foy espiar e veo toda a gente, do que certificado o Gouernador, com o parecer dos capitães, ordenou e mandou logo Jorge da Cunha, com sessenta de cauallo e cem homens de pé portuguezes bésteiros, e Mainaique cunhado de Timoja, e Meliqeçufo capitão naique, com dozentos homens da terra, d'espadas e adargas, e frecheiros, que logo toda esta gente passou á ilha de Diuar, que he o passo de Naruha; e polo rio mandou Diogo Fernandes de Beja na sua galé, e Afonso Pessoa em hum batel com berços, e Luiz Preto no bargantym, e barcas grandes pera passar a gente á terra firme. Onde assy sendo passado a Diuar Jorge da Cunha, hum pião da terra lhe veo dar auiso que erão chegados outros dous capitães do Hidalcão com muyta gente, que se ajuntarão com Balugy que vinha de Banda, e que caminhauão dizendo que hião entrar na ilha de Goa, e já nom vinhão pera passar a Naruha. Jorge da Cunha mandou logo este pião ao Gouernador, o qual, ouvido o que dizia, mandou recado a Jorge da Cunha que com toda a gente se deixasse estar em Diuar, até ver seu recado. E logo mandou Diogo Fernandes, homem caualleiro, a que deu cargo d'adail, com doze de cauallo, homes da terra parentes do Timoja, que sabião os passos, e com mil piães [1] *que* passasse á terra firme, e trabalhasse por auer vista da

[1] *e* Autogr.

gente, e se pudesse tomasse algum homem que lhe certificasse se vinha o Hidalcão ou erão sómente seus capitães. O que o adail assy fez, que secretamente passou de noite polo passo sequo, de baixa mar, e foy pola terra dentro, e nom leuou tão bom caminho como compria, e foy dar de supito na dianteira da gente que caminhaua ante menhã, que sendo visto correrão após elle, do que auendo vista os outros, que vinhão atrás, todos se acolherão a unha de cauallo, alcançando muytos dos piães, que ficarão mortos, e vinhão feridos, dizendo que a gente era muyta, que leuaua caminho pera Banestarim, ou passar ou assentar arrayal. O que ouvido polo Gouernador se apartou com os capitães, e lhe disse, que nom temia tanto o poder do Hidalcão como se temia da gente da terra, que erão de contra nossa ley, mouros e gentios, que nom tinhão obrigação mais que folgarem com os que vencião, e que timidos que lhe [1] * fizesse * mal o Hidalcão, se pelejassem contra elle, por ysso, com este temor, incubertamente armarião traições, que pera ysso lhe nom faltárão auisos e recados que nossos imigos lhe [2] * mandarião; * que por tanto lhe pedia, por mercê, que andassem armados, e muyto a recado, com suas gentes com suas armas: o que assy fizerão todos. O Gouernador mandou a Diniz Fernandes, patrão da ribeira, que com dozentos piães tiuesse muyta vigia na ribeira, onde auia hum barqueiro que tinha cuidado do mar, que chamauão mocadão, que tinha cuidado de mandar polos rios almadias e barcas buscar canas, e páos, e olá sequa, pera cobrir as naos; que * tambem * se chamaua xabandar, ao qual o patrão defendeo que nom mandasse as almadias a nenhuma parte, senão com hir nellas hum homem portuguez, porque o Timoja lhe deu este auiso, porque lhe dizião que estas almadias trazião e leuauão recados aos mouros; mas o mocadão, como já n'ysso trazia algum trato, mandaua as almadias escondidas, o que sabido do Timoja o disse ao Gouernador estando na ribeira, que o disse ao mocadão, polo que quizera fogir a nado, mas logo foy morto polos alabardeiros, de que o Gouernador sempre andaua' companhado, e a cauallo alguns seus criados.

N'este tempo veo ao Gouernador huma carta do Rey de Garçopa, que he no sertão do rio d'Onor, que era grande amigo de Timoja, a que tambem escreueo, e dizia ao Gouernador que o Hidalcão escreuera e man-

[1] * faça * Autogr. [2] * mandarão * Id.

dara embaixador a ElRey de Bisnegá, fazendolhe queixume do Timoja, que dera caminho com que os portuguezes forão tomar Goa, e que se d'ysto nom era contente, ou * nom * fòra por seu consentimento, lhe désse ajuda pera tornar a ganhar Goa; que o Rey de Bisnegá lhe respondera que auia corenta anos que os mouros de Decan lhe tinhão tomado o Reyno de Goa e que folgaua muyto agora ver Goa em poder dos portuguezes, porque elle era amigo d'ElRey de Portugal; mas que se o Gouernador lhe pedisse ajuda de boa vontade lha daria; e que escreuera a elle Rey de Garçopa, que por amor d'elle, fizesse ao Gouernador toda 'ajuda que lhe pedisse, e pera ysto estaua prestes cada vez que mandasse, com dinheiro, e gente quanta lhe comprisse. Do que o Gouernador lhe mandou muytos agardecimentos, [1] * e dizer que nom escreuia * a ElRey de Bisnegá porque esperaua de lhe mandar seu embaixador.

CAPITULO XIII.

COMO O GOUERNADOR COM A CERTA NOUA DA VINDA DO HIDALCÃO PROUEO OS PASSOS DA ILHA COM CAPITÃES E GENTE, PERA DEFENDEREM A ENTRADA DOS IMIGOS NA ILHA DE GOA, E CHEGADO O HIDALCÃO LHE MANDOU MESSAGEM POR JOÃO MACHADO, E REPOSTA DO GOUERNADOR.

Vendose o Gouernador com a obra nas mãos do trabalho que se lhe aparelhaua, nom tinha repouso de dia e de noite, e muyto encomendou ao Timoja que tiuesse muytas espias se dos imigos vinhão recados aos mouros de Goa, de que se elle muyto temia, porque Cojebequi, que sobre elles tinha o mando, nom lhe prestaua nada, antes muyto se guardarião d'elle, por ser estrangeiro: do que muyto se encarregou o Timoja. Então o Gouernador deixou dom Antonio em guarda da cidade, com as portas a bom recado com gente de pé, e elle, com muytos fidalgos e capitães a cauallo, e com toda a mais gente, se foy visitar os passos da ilha, em que auia torres e muralhas velhas do tempo da guerra dos canarás, e foy a Banestarim, onde deixou por capitão Gracia de Sousa com cem homens portuguezes, com dez de cauallo, e seis tiros de ferro que se tomarão na cidade, e bombardeiros; e lh'encomendou que tiuesse muy-

[1] * e nom dyzia * Autogr.

to recado e boa vigia em todo o que compria, e mórmente se pudesse tomar espias que trazião cartas aos mouros de Goa. E d'ahy se foy a Goa velha, onde pôs Jorge da Cunha com sessenta de cauallo, e outros tantos de pé, com regimento que d'ally acodisse a qualquer parte que comprisse; e em Daugim, que era ahy perto, pôs o cunhado de Timoja com sua gente, que erão trezentos piães; e no passo de Gondolim pôs Francisco Pereira Coutinho, e Jorge Fogaça, com mil piães da terra; e no passo sequo dom Jeronymo de Lima, e Gonçalo d'Almeida com corenta homes portuguezes, e dozentos homens da terra; e nestes passos artelharia de ferro, e poluora, e bombardeiros necessarios: e lhes mandou que no rio tiuessem os bateis de suas naos com berços e gente do mar, pera a elles se recolherem se lhe comprisse; e todo assy posto n'esta ordem e a cada hum auisado do que auia de fazer, o Gouernador se recolheo na cidade, em que logo ordenou dom Antonio, seu sobrinho, que com as galés, e bargantym, e tres nauios pequenos, que erão carauellas redondas, e os batés, tudo bem artilhado, corressem polo rio guardando os passos.

Estando embarcado pera partir, o Hidalcão com seu grande poder assentou arrayal defronte de Banestarim, com grande estrondo de tangeres e gritas, tirando muytas frechas e espingardões, e muytos tiros d'artelharia miudos; ao que Gracia de Sousa lhe respondeo com muytos pilouros d'artelharia, com que lhe fez tal recebimento, que lhe fez tornar a gente pera trás, e se assentou o Hidalcão detrás de hum outeiro, guardado d'artelharia. E porque defronte do passo, na terra firme, estaua huma mesquita e casinhas d'onde os mouros tirauão com artelharia, sendo dada esta noua ao Gouernador logo lá acodio a cauallo, e mandou passar além Gracia de Sousa, e com elle trinta homens e dozentos piães, que desfizerão a mesquita e casinhas, e tudo ficou por terra; e se tornou á sua estancia sem ninguem lhe fazer resistencia; e o Gouernador correo todos os passos, auisando os capitães do que auião de fazer, se tornou á cidade, e se meteo em trabalho de repairar, com fortes tranqueiras, algumas partes dos muros da cidade, que estauão fracos. E andando n'este trabalho lhe mandou Jorge Fogaça hum moço, que fogira do arrayal do Hidalcão, que dizia que era christão, e em Leuante fôra catiuo dos rumes, com que passára á India, e viera a Goa com os rumes que hy estauão. Este moço disse ao Gouernador que o Hidalcão trazia grande numero de gente muyto armada, e vinha determinado a entrar per força na ilha de Goa, e sobre ysso gas-

tar todo seu poder; e que outros dous moços, seus matalotes, logo auião de fogir pera a cidade, que os rumes os trazião, que já vinhão com o Hidalcão. Como de feito os moços fogirão polo passo de Daugim, que forão leuados ao Gouernador, que lhes fez honra, porque dizião que erão christãos de nação, e andauão assy catiuos em poder dos rumes. Os quaes derão boa conta ao Gouernador do grande poder de gente que trazia o Hidalcão, e vinha jurando de tomar Goa, ou morrer sobre ysso.

O Timoja era muy magoado dos principaes mouros da cidade, porque elles forão os que ordirão que o Gouernador lhe tirasse seu cargo, que era de tanta honra e proueito; polo que lhe tinha mortal odio, e se temia muyto d'elles que o matassem; e com este sentido, porque entendeo que n'esta guerra do Hidalcão nom podia deixar d'auer alguns recados d'elles ao Hidalcão, ou do Hidalcão a elles, fallou com seu cunhado, e com todos seus piães que estauão polos passos, que tiuessem muyto grande vigia que tomassem os canarins ou mouros, que fossem pera além ou viessem, indaque fossem pedintes e alejados, e os buscassem de maneyra que nom escapasse carta que lhe nom tomassem: com o qual cuidado que tomarão foy de maneyra, que tomarão muytas cartas dos principaes mouros de Goa, e cartas do Hidalcão pera elles, e repostas de muytos agardecimentos, porque elles se offerecião que como chegasse sua gente aos muros da cidade logo se aleuantarem contra os nossos, porque erão seus fiés vassallos e catiuos; dando muytas desculpas, e rezões, 'o porque consentirão na entrega da cidade. O Timoja recolheo estas cartas, e com muyto segredo as mostrou ao Gouernador, de que o Gouernador lhe deu muytos agardicimentos, e que tudo tiuesse em muyto segredo, e muyto milhor o vigiasse até o dia que nelles faria emxecução, que ao presente nom podia, porque nom ouvesse algum aluoroço; e com muytos contentamentos despedio o Timoja; mas ao Gouernador nom lhe ficou no coração nenhum credito do que dixe Timoja, crendo que podião ser tudo cousas ordenadas polo Timoja por tomar vingança contra os mouros; e com este entendimento, assy errado, nom deixou de lhe ficar muyta sospeita, porque era natural dos mouros usarem destas manhas.

O Hidalcão, como assentou seu arrayal, parecendolhe que como o Gouernador soubesse do grande poder que trazia, nom quereria com elle guerra, e lhe deixaria a cidade, e se hiria em paz, a qual lhe elle faria assy como lhe elle pedisse, com este entendimento lhe mandou seu reca-

do por João Machado, homem portuguez que andaua com o Hidalcão, de que já falley no Liuro primeyro, que viera degredado pera a India na primeyra armada, que Vasco da Gama deixára em Melinde, que d'ella se passou a Cambaya, e d'ahy se veo assentar viuenda com o Sabayo. O qual, por ser valente caualleiro, e homem de muyto primor d'honra, e seruir fielmente nas cousas que o encarregaua, foy muyto estimado do Sabayo. O Hidalcão n'essa estima o tinha, e o trazia por capitão de muyta gente, e de muytos portuguezes que lá andauão, da perdição da nao de Çacotorá, que se perdeo nos Ilheos Queimados, que a todos o Hidalcão daua grandes soldos, e os trazia encaualgados e como cada hum merecia. E porque o Hidalcão muyto confiaua n'este João Machado, fallou com elle em segredo, dizendo que elle faria com o Gouernador qualquer partido que fosse bem e rezão, por escusar trabalhos e mortes de gentes; e que nom tinha ninguem de quem ysto confiasse senão d'elle, que por tanto esta confiança, que n'elle tinha, lhe pagasse em o desenganar se n'ysto lhe seria fiel.

João Machado lhe respondeo: «Senhor, já sabes que eu são ver-» «dadeiro christão portuguez, e que hey de morrer em minha fé e cren-» «ça, e quando assentey viuenda com o Sabayo, teu pay, assy lho dis-» «se, e logo com elle me decrarey que todolos seruiços lhe faria, tão fiel-» «mente como a meu proprio senhor, sómente que pelejar contra chri-» «stãos o nom auia de fazer; e com esta condição me tomou em seu ser-» «uiço. E tu, senhor, sabes que ysto he assy, e os seruiços que tenho» «feitos bem os sabes, polo que me tens feitas muytas mercês, que do» «Céo me viria muyto mal se te fizesse algum engano, o qual te prome-» «to que nunqua em mym o aja, e em tudo o que entender te falle ver-» «dade, e assy to prometo, e juro por minha fé e ley; e quanto me» «mandares fallarey, e trarey repostas, e te fallarey e farey toda' ver-» «dade, indaque me custe a vida; porque tu hes meu senhor, e eu som» «teu escrauo, e me fazes grande mercê, e muyta honra, porque me» «queres mandar aos portuguezes christãos com concerto de paz, no que» «te seruirey muy fielmente, com tanto que em nada do que determina-» «res me nom peças conselho, porque se mo pedisses n'este feito, e to-» «masses meu conselho, indaque fosse muyto bom, e aquecesse algum» «desastre, todos os teus dirião que eu te ordenara traição com te mal» «aconselhar, por ser christão fóra de tua ley.»

O Hidalcão ficou muy contente de tudo quanto disse João Machado, e lhe disse que era contente do que dizia, e elle assy o tinha em vontade, que nom queria senão que lhe andasse nos recados com verdade. João Machado disse que assy o queria, e prometia outra vez. Então lhe disse o Hidalcão fosse ao passo, e pedisse refem, e fosse fallar com o Gouernador, e visse se elle quereria algum concerto; que por escusar trabalhos lhe largasse a cidade, com lhe pagar o gasto de sua armada; e lhe diria que em qualquer terra, porto de mar, que quigesse, lhe daria lugar que fizesse huma forteleza, se quigesse; e ysto lhe fallasse da sua parte como lhe milhor parecesse, e leuasse em sua companhia quem quigesse. João Machado disse que elle mandasse quem quigesse. Então se foy ao passo d'Agacim, e bradou dizendo: « Ah senhores portuguezes! » « Venha alguem fallar comigo, que releua, que venho com hum recado, » « que leuo ao senhor Gouernador, que muyto releua. » O que sendo ouvido assy fallar portuguez os nossos ouverão muyto prazer, e logo dom Jeronymo de Lima se meteo no batel e foy perto da terra, e João Machado lhe disse que fosse dizer ao Gouernador que elle João Machado lhe queria leuar hum recado do Hidalcão, que se queria que lho leuasse mandasse hum arrefem, e seu seguro de hir e tornar em saluo, e lho hiria dar. Dom Jeronymo disse que aguardasse até vir recado do Gouernador, e elle disse que si; e tornando dom Jeronymo, logo dom João de Lima, seu irmão, se foy á cidade e deu o recado ao Gouernador, com que elle ouve grande prazer, porque já tinha ouvido d'este João Machado que lá andaua, e logo mandou seu assinado de seguro, e João Baldres, moço da camara d'ElRey por arrefem, que entendia a falla da terra; a que deu auiso que nada fallasse, sómente ouvisse o que fallassem. Com que dom João se tornou ao passo, e foy no batel além, e chamou por João Machado, que lhe respondeo, e elle lhe disse que ally tinha o seguro e o arrefem, e elle lhe disse: « Senhor, seguramente podeys che- » « gar, que aquy está quem me entregará, e receberá o arrefem. » Então dom João chegou a terra, onde estaua hum capitão com muyta gente, que recebeo o arrefem, e seguro que João Machado leo alto, que o capitão ouvia e fallaua na falla da terra, e o deixou na mão do capitão, e elle se meteo no batel com hum pagem seu, que elle quis leuar, que bem sabia que quando tornasse o auião de perguntar; com que dom João se tornou e se foy a Goa com João Machado, que o Gouernador recebeo com

boa honra e gasalhado, e com elle esteue fallando hum grande pedaço, lhe perguntando, e João Machado lhe dando conta de toda sua vida passada atély, que o Gouernador muyto folgou de lhe ouvir, e mais por lhe dizer que auia d'arriscar a vida por se tornar pera nós, e trazer muytos portuguezes que lá andauão com elle, que o muyto desejauão; sobre o que lhe o Gouernador muyto repetio, e João Machado assy lho prometeo, e lhe disse João Machado que elle se nom fiasse em nenhuma pessoa da gente da terra, que todos erão falsos, que mandauão ao Hidalcão cartas e offerecimentos, os culpados com desculpas, e outros se offerecendo como naturaes, assy mouros como gentios; o que muyto o Gouernador tomou no sentido contra o Timoja: e lhe disse que mandasse vir seus capitães e fidalgos, que ouvissem o recado que trazia, e mandasse aos que ally nom viessem que tiuessem boa vigia, porque a entrada nom auia de ser por onde elles estauão; do que de tudo o Gouernador lhe deu muytos agardicimentos. E sendo vindos os capitães, João Machado ante todos disse:

«Senhor Gouernador, o Hidalcão vos manda dizer que elle vem a» «vos tomar esta cidade, que lhe tomastes sem causa nem rezão, que» «seus antecessores ganharão, os quaes, nem elle, nunqua tomarão cou-» «sa nenhuma d'ElRey de Portugal, e por tanto vem a tomar o seu, que» «lhe tendes tomado; e que porém, porque tinha ouvido que os portu-» «guezes erão homens de rezão, elle era contente, por se escusarem tra-» «balhos e malles que ha na guerra, vos [1] *pedir* que lhe largueys» «sua cidade, e vos vades em paz, e que olheys que elle se nom ha de» «tornar d'ally donde está sem tomar esta cidade; e se n'ysto quizerdes» «algum bom concerto que o fará, com tanto que lhe largueys sua cida-» «de, e pera sempre ficará muyto amigo vosso e d'ElRey de Portugal.» «A ysto, senhor, me dai a reposta que vos bem parecer, com que me» «tornarey.»

O Gouernador em quanto João Machado fallou cuidou na reposta, e logo lhe respondeo, dizendo: «João Machado, amigo, dizey ao Hidal-» «cão que esta cidade he d'ElRey meu senhor, e a rezão que tiue pera» «a vir tomar foy porque nella estauão Turqos do Soldão, que elle re-» «colheo, que vierão fogidos da peleja de Dio, onde os desbaratou dom»

[1] *pede* Autogr.

«Francisco Visorey, e o Sabayo seu pay se amigou com elles, e con-»
«certou que fizessem aquy grande armada, que ally está começada,»
«com esperança que viria outra muyta de Meca, e d'aquy todos juntos,»
«com sua ajuda, hirem pelejar com os portuguezes, o que era cousa»
«d'inimigo; e sómente por queimar esta armada entrey n'este rio, que»
«eu hia de caminho pera Ormuz, e chegando a esta cidade os mora-»
«dores della ma entregarão, com rogos que os liurasse dos malles que»
«lhe fazião os rumes que aquy estauão; o que assy fiz, [1] * e por * esta»
«rezão, de assy ter bem tomada esta cidade, eu nom lha darey, e a fogo»
«e sangue a defenderey, que elle bem terá sabido que os portuguezes»
«nunqua perderão o que huma vez ganharão; que o bom concerto, que»
«com elle farey, he que elle me dê todolas terras de Goa, e por ysso»
«com elle assentarey amizade, e elle mandará seu embaixador a ElRey»
«meu senhor, tomar sua amizade, de que lhe virá muyto bem e pro-»
«ueito, como tem os outros Reys e senhores d'estas partes, que tem sua»
«amizade.» Ao que nada respondeo João Machado, e se tornou, a que o Gouernador deu dozentos cruzados de mercê, com que se tornou com dom João de Lima, que o leuou além, e trouxe o refem.

João Machado chegando ao Hidalcão lhe disse: «Senhor, quando»
«me déste o recado pera o Gouernador, logo te quisera dizer a repos-»
«ta que te auia de mandar, porque os portuguezes são tão soberbos»
«com as cousas que tem feitas n'estas partes, que lhe nom parece senão»
«que hão de ganhar toda a India, e que toda ha de ser sua. Tu lhe»
«mandaste pedir Goa, e elle quer que lhe dês tu as terras d'ella, e ys-»
«to fará por escusar de matar as tuas gentes, que lhas defenderem.» O Hidalcão, ouvindo o que João Machado dizia, se rio muyto de vontade, e mandou a João Machado que contasse tudo que passara; o que assy lho contou, dizendo mais que dizia o Gouernador que muyto mais folgara se ganhara Goa per guerra, porque nom tinha que dar a comer aos lagartos, mas que agora lho daria. O Hidalcão, fallando com os seus, * disse *: «Este Gouernador he homem velho, e me despreza por eu ser»
«mancebo; mas eu entrarey na cidade de Goa, ou sobre ysso serey»
«morto.»

[1] * e porque por * Autogr.

CAPITULO XIV.

DE COMO O GOUERNADOR POLO AUISO QUE LHE DEU JOÃO MACHADO, E QUE LHE DIZIA TIMOJA, RECOLHEO A' FORTALEZA OS PRINCIPAES MOUROS DE GOA E SUAS MOLHERES, E PÔS EM TUDO QUANTO BOM RECADO PÔDE NOS PASSOS, MAS NOM SE PUDERÃO DEFENDER, QUE O HIDALCÃO ENTROU NA ILHA DE GOA.

O Gouernador, polo que lhe disse João Machado, ficou muy crente no que lhe tinha dito o Timoja, e o mandou chamar, e lhe contou todo o que passara com João Machado, e lhe dissera que os mouros se carteauão com o Hidalcão; que como amigo lhe désse conselho o que deuia fazer. O Timoja lhe disse: «Senhor, muytos dias ha que tenho dito a» «verdade, e me nom creste, porque te pareceo que eu lhe tinha odio;» «e te digo que em tempo estás que te nom deues de fiar de nenhuns» «mouros nem gentios.» Ao que lhe aconselhaua que recolhesse pera' forteleza as principaes pessoas, com molheres e filhos, e estiuessem a bom recado. O Gouernador, como a mesma sospeita tinha no Timoja mais que em todos, lhe deu muytos agardecimentos de seu conselho, e lhe rogou, que porque nos outros nom entrasse alguma sospeita que erão descubertos, de que se podia aleuantar alguma união, lhe muyto rogaua que elle mesmo fosse o primeyro que na forteleza metesse suas molheres e filhos, porque sendo elle pessoa tão principal, e de tanto credito, os outros o farião mais sem escandolo; o que o Timoja lhe nom ousou contradizer, porque nom ficasse condenado na sospeita. Com bom rostro mostrou que folgaua, e logo d'ally mandou trazer á forteleza suas molheres e filhos, que hy tinha, que mandára vir d'Onor. Então o Gouernador mandou chamar todos os principaes, e lhe disse que arreceaua que se a gente do Hidalcão entrasse na ilha lhe farião mal; que por tanto trouxessem suas molheres e filhos, e os metessem na forteleza, em que estarião guardados como estaua a molher de Timoja; o que todos fizerão, nom mostrando que era contra suas vontades, que forão passante de oitenta, os principaes mouros e gentios, que com as molheres recolherão parentas e amigas, que o Gouernador a todos deu bons gasalhados, com seus seruiços pera seus comeres, e agoa que tinhão em auondança; e deu a guarda da porta da forteleza a Duarte de Sousa, que era seu gran-

de amigo; e pôs tudo em bom recado, trazendo sempre muytos trabalhadores com o feitor repairando a cerqua da cidade, e fortalecendo onde compria, e correndo os passos, e remudando a gente da terra de huns passos pera outros, por atalhar que se tiuessem alguns concertos com a gente do arrayal ficassem tresmudados. Do que muyto auisaua os capitães, e tudo tinha muyto prouido, e 'armada nos rios, das galés e batés, e nauios pequenos, e os carauellões que tudo roldauão e vigiauão, com que indaque auia alguns cometimentos da gente do Hidalcão, ás vezes de dia e ás vezes de noite, tudo achauão muy prouido, com muyta resistencia que os nossos lhe fazião: em que se passou tod'abril e entrada de mayo, em que já auia muytas chuvas e tempestades, com que a gente dos passos padecião grande trabalho.

A gente do Hidalcão estauão por todas as partes com [1] * arrayaes * assentados fronteiros aos passos, e fazião cometimentos muytas vezes, por dar trabalho aos nossos; com que os capitães dizião ao Gouernador, quando lá hia, que se a gente do Hidalcão cometesse entrar por todos os passos nom se lhe podia defender a passagem, e que entrando, os propios da ilha os auião d'ajudar, e aleuantar contra os nossos, por se saluarem que os imigos os nom matassem; e por tanto, antes que socedesse algum desastre, se deuião recolher á cidade, e n'ella se fortificarem, que nom aueria poder no mundo que os entrasse. Ao Gouernador assy lhe parecia bem, e nom contendia com os capitães n'ysso, [2] * postoque * lhe parecia grande falta recolheremse á cidade, deixando os passos desemparados; mas com esta tenção fortelecia a cidade quanto podia, e mandou Diogo Fernandes, com sua armada, que se fosse ajuntar com dom Antonio em Goa a velha, e tiuessem boa guarda, porque a certa entrada auia de ser cometida por Agacim, onde vinhão ter muytos rios; onde, assy juntos no rio, as embarcações podião fazer toda' defensão, que cousa nom poderia passar á ilha. Polo que a todos o Gouernador muyto encarregaua a vigia de noite, porque se escondidamente mouros passassem, que fossem sentidos dentro na ilha, logo o desbarato estaua muy certo: no que os nossos tinhão grandes trabalhos de dia e de noite.

Mas sendo dezaseis dias de mayo, huma noite de grande escuridão e chuva, se concertou hum capitão do Hidalcão, chamado Pulatecão, va-

[1] * arraes * Autogr. [2] * porque * Id.

lente caualleiro, e se meteo em huma jangada, que erão muytas almadias juntas e por cyma tauoado, em que passarão oitocentos homens bem armados, e passou á ilha sem os nossos os sentirem, e se meterão por antre huns aruoredos baixos de terras alagadiças, em que os nossos lhe nom podião fazer mal indaque os vissem, e a jangada se tornou a tomar outra barcada, onde dando a noua que a gente ficaua na ilha, se embarcarão outros tantos na jangada, e em outra outros muytos mais, e cometerão passar outra vez; mas sendo em meo rio forão sentidos da galé de Diogo Fernandes, que fez grande aluoroço, a que os mouros acodirão com grandes gritas, mas a galé e batés chegarão e os nossos se meterão ás lançadas, e os tiros da galé que acertarão as jangadas, que forão espedaçadas, e a gente afogada no mar, em que todos forão mortos, e os mais afogados, que sómente alguns escaparão a nado, que tornarão polo rio, e outros passarão á ilha, que se ajuntarão com os outros. Os nossos ficarão muy contentes, cuidando que aquella era a primeyra gente que cometia passagem; mas a gente que estaua com Jorge da Cunha, que ouve sentimento da gente que era entrada, acodio hum capitão do Timoja, com trezentos piães, a pelejar com o Pulatecão, que já estauão fóra dos esteiros. A esta reuolta do mar e da terra, mais acyma pera a banda de Banestarim, passarão tres jangadas grandes; ao que acodirão os batés e dom Antonio, que estaua longe, que já quando chegarão a gente se deitou no mar e colheo a terra, com que os nossos pelejarão; e todauia se forão ajuntar com o Pulatecão, que trazia huma bandeyra aleuantada e dous atabaquinhos que tangia, que com elle se ajuntarão mais de mil e quinhentos homens armados, e frecheiros, com que logo foy correndo a terra a Banestarim, onde pelejarão com Gracia de Sousa, e matarão Jorge de Sousa seu irmão, e lhe matarão trinta homens portuguezes, porque os nossos piães, que estauão no passo, fizerão todo o mal, com que forçadamente Gracia de Sousa, ferido, com a gente que fiqou, a mais d'ella ferida, se foy recolher em dous batés que tinha no rio, com muyto trabalho, e se foy pera' cidade.

Jorge da Cunha, que estaua em Goa velha, sendolhe dito da gente que era entrada, que era já dia craro com muyta chuva, temendose da gente que com elle estaua, que se aluoroçauão, sendo os portuguezes postos a cauallo e bem concertados, tomou a pionagem diante pera hir dar na gente do Pulatecão, que via hir; mas hindo assy, os propios nos-

sos piães derão grita contra os nossos, que logo derão n'elles e matarão muytos, e os outros se forão ajuntar com o Pulatecão, que já tinha tomado o passo de Banestarim, e ardião humas casinhas de palha que os nossos ahy tinhão. Dom Antonio, vendo a muyta gente que já era entrada na ilha, com todos os nauios se veo polo rio, onde no passo de Banestarim, que já estaua polos mouros, d'ambas as partes do rio lhe tirarão grão numero de frechas, com que lhe cobrirão os nauios, e muytas bombardadas e espingardões, que o tomauão atrauessado e lhe ferirão muyta gente.

O Pulatecão com outro Cojecão, que era entrado, forão ao passo sequo: o que vendo vir tanta gente os nossos, que hy estauão, se decerão ao rio per huma escada, e se meterão em seu batel, que ahy tinhão, e se forão pera' cidade, ficando no passo quatro bombardeiros, e em Banestarim ficára hum camello nosso. O Gouernador, vendo que já tudo era desemparado, e os mouros entrados, mandou Francisco de Sá, e Gaspar de Paiua, com Diogo Fernandes adail, que fossem ver a gente que era entrada, os quaes forão ao outeiro de Carambolim, onde já os mouros chegauão; com que se tornarão fogindo pera' cidade: com os quaes mouros vinhão o Timoja e Cojebequi, com quatrocentos homens, pelejando quanto podião, o que sendo dito ao Gouernador, que andaua a cauallo com cincoenta portuguezes, lhe acodio, e os recolheo. E porque no arraualde já todos os da terra andauão aluoroçados, o Gouernador mandou dar em todos, matando muytos, e mandou pôr o fogo por muytas casas, com que se recolheo pera a cidade. Ayres da Silua, que estaua em Agacim em huma carauella, aguardou a que encheo a maré, e com o batel á toa se veo polo rio, onde defronte do passo sequo lhe tirarão tantas frechadas d'ambas as bandas, que lhe podião bem chegar, e virotões de fogo, e bombas d'arteficio, que os homens nom ousauão aparecer; e do passo sequo lhe tirarão com as bombardas tantos tiros que meterão a carauella no fundo, e Ayres da Silua se recolheo ao batel com a gente, que remando á pressa se foy polo rio, emparandose com as adargas das frechadas que lhe tirauão, com que todos forão feridos. E á carauella puserão o fogo os mouros, e d'ella leuarão dous tiros grossos, e dous falcões, e oito berços, que foy grande perda.

Jorge da Cunha, que se vinha pera' cidade com sua gente de cauallo, nom se atreueo a escapar de tantos mouros, como via, e que a gente

do arrayal toda entraua ; ouve conselho por * onde * milhor se poderião hir pera' cidade. Era com elle hum gentio da cidade, que se chamaua J'an'omem, porque era assy grande como elle, e disse a Jorge da Cunha que lhe mostraria bom caminho, o que assy fez. Todos postos em boa ordem andarão por onde hião os mouros, e forão sayr ás duas aruores, caminho de Banestarim, e d'ahy atrauessarão pera o outeiro, onde depois se fez a casa de Nossa Senhora do Monte, onde virão que todos os arraualdes estauão cheos de mouros até as portas da cidade. Os mouros que estauão em Banestarim ouverão vista dos nossos, que sobião pera o outeiro, e vierão grã soma d'elles, correndo á cauallo aos buscar; o que vendo os nossos, o mouro lhe disse: « Senhor, nom tens outra entrada senão » « pola porta do Mandouim; e ficate embora, que eu me vou fogindo pera » « os mouros, porque elles me nom matem. » E se foy correndo como que fogia dos nossos. Então Jorge da Cunha deceo do outeiro, e se foy á porta do Mandouim. Passando 'agoa da caua, de cyma dos cauallos sobião á porta, que estaua alta, e passauão a ella per huma minhoteira de páos, onde o aperto dos mouros foy tanto que nom escaparão mais que dezoito dos sessenta que erão de cauallo, e todos muyto feridos, e os cauallos perdidos. A gente de pé, que nom pôde entrar, correrão ao longo contra o postigo da ribeira do Mandouim, e se meterão por antre humas casas, defendendose com os tiros das béstas; mas crecerão tantos mouros que todos forão mortos.

Hum capitão, parente do Timoja, que estaua com Jorge da Cunha, vendo os mouros entrados, fallou com cem homens que tinha de suas atalayas que vierão d'Onor, e temendose que dozentos piães, que tinha de Goa, dessem nelle e o matassem, vendoos aluoraçados, dessimulando com elles, vendo hir Jorge da Cunha lhes dixe: « Deixemos hir os por- » « tuguezes, e nós vamonos buscar nossa vida ás casas do arraualde. » Com que todos ouverão prazer, cuidando que hião a roubar, e se forão com elle, que entrando entre as casas, Balugy capitão fallou aos seus, bradando: « Matar estes trédores! » E deu nos piães da terra, que todos logo se puserão em fogida; mas a gente de Timoja ferirão muytos, e tomarão trinta cabeças dos mortos, que forão apresentar ao Gouernador, que então andaua nos arraualdes, que o Timoja lhe apresentou, e o Gouernador lhe perguntou pola sua gente. Elle lhe respondeo: « Senhor, a » « minha gente está em Onor, que são dous mil homes, que nom qui- »

« geste que estiuessem comigo. O que d'esta cidade me déste vês aqy »
« suas cabeças, que se os meus comigo aquy estiuerão nom te viras n'ysto »
« em que te vês. Agora manda o que faça, que diante de ti morre- »
« rey. Dêmos n'estes mouros que vem desmandados, e lhe faremos muyto »
« mal. » O que assy disserão todos os que estauão com o Gouernador, que era dom João de Lima, dom Jeronymo o adail, Gaspar Paes, Martim Coelho, Fernão Rodrigues Barba, Jorge da Silueira, Nuno Vaz de Castello Branco, Manuel de Lacerda, Bastião de Miranda, e outros, que erão até corenta de cauallos acubertados e bem armados, com o Timoja e Cojebequi, e com dozentos homens da terra, e o Gouernador com sómente hum guião, que seu alferez leuaua, postos em boa ordem deu Santyago nos mouros com tanta furia que os puserão em fogida, correndo os arraualdes, e os mouros fogindo caminho do tanque de Timoja, e dahy correrão pera onde agora está a igreja de São Paulo, onde estaua huma grande mesquita de pedra, em que dentro estauão muytas molheres e familia, e se recolherão os mouros que hião fogindo, onde os nossos chegarão, e entrarão os piães, que tudo matarão; e outros mouros passarão, e se forão ajuntar com outros muytos mouros que vinhão em grande esquadrão das duas aruores de Banestarim, que vierão dar nos nossos, que o Gouernador, recolhendose, tornou pera a cidade, sempre pelejando com os mouros, em que o Timoja e o Cojebequi pelejauão muy valentemente com seus piães, e sempre pelejando se recolherão dentro na cidade, que era já tarde. E os mouros d'este esquadrão correrão á porta do Mandouim a pelejar com Jorge da Cunha, como já dixe, e outra gente correo á ribeira, onde o patrão Diniz Fernandes de Mello já estaua recolhido no mar, em huma barcaça grande em que se acarretaua a madeira, em que tinha dous falcões com que matou muytos mouros.

Ao outro dia seguinte o Hidalcão entrou por Banestarim com todo o resto da gente, que erão mais de quarenta mil homens de pé, e oito mil de cauallo, mil espingardões de tiros de fogo, e bombas; e se assentou com muytas tendas * junto * ás duas aruores, que auia ally hum grande muro com dous baluartes, e o muro chegaua até o outeiro de Nossa Senhora, onde no outeiro estauão muytos mouros; em que assentarão quantos tiros tomarão nos passos, e d'ally tirauão fraquos tiros sómente a deitar pelouros perdidos, com que fazião muyto mal; e puserão huma grande bandeyra de seda azul e vermelha do Hidalcão, que d'ally foy ver a ci-

dade. O que sabido do Gouernador, mandou tapar de pedra e cal as portas da cidade todas, e duas que estauão juntas, onde agora está a igreja de Nossa Senhora da Serra, que se chamauão as portas dos baçaes, em que sómente ficou aberto hum pequeno postigo, de que tinha a guarda Antonio da Costa, bom fidalgo de confiança. E o Gouernador repartio os capitães polo muro em toda a roda da cidade, com a gente que auia sã, que serião até quinhentos homens, e com hum sino de vigia sobre as portas, e nas outras estancias huma trombeta que tangia de quando em quando: e aueria dentro na cidade quatrocentos piães com a gente de Timoja de confiança, que toda a gente do mar estauão nos nauios, e de noite nos batés fazendo vigia, com muyto trabalho da tromenta do inuerno, com as velas grandes recolhidas por nom apodrecerem com as chuvas, e o Gouernador sem nenhum repouso, de dia nem de noite, correndo as estancias e prouendo tudo, pòrque em roda, derrador da caua, estauão moltidão de mouros, que sempre tirauão numeros de frechas perdidas, de dia e noite, com tantos tangeres, e gritas, e alaridos, que fazião grande espanto.

CAPITULO XV.

COMO O GOUERNADOR SE RECOLHEO, E FEZ FORTE, PERA DEFENDER A CIDADE, * A * QUAL NOM PÔDE SOSTER, E A LARGOU, E SE RECOLHEO 'ARMADA QUE TINHA NO RIO, EM QUE SE FOY ESTAR ABAIXO DE RABANDAR, PORQUE NOM PÔDE SAYR POLA BARRA, E AHY ENUERNOU.

SENDO o Gouernador assy recolhido, e repairada a cidade, quanto milhor pòde, pera se defender ao redor de todo o muro a gente, que era já muy pouqua, porque já a este tempo erão mortos mais de dozentos homens, e muytos feridos, que o Gouernador logo mandaua recolher ao mar; o Gouernador mandou a gente do mar que recolhessem quanto mantimento achassem nas casas dos mouros que estauão presos, e disse aos capitães que recolhessem pera seus nauios quanto mantimento achassem, porque nas naos estaua mais seguro do fogo: o que todos o fizerão, e recolherão pouqo, porque na cidade o nom auia. Então ouve conselho com os capitães, determinado já a se recolher ao mar e deixar a cidade, porque estando assy cercados por todas partes, postoque se defendessem que os mouros nom entrassem, forçadamente se perderião, que cada

dia hirião mingoando, mortos e feridos; e que os mouros estauão reformandose cada dia de mais gente e mantimentos, que aos nossos faltauão: polo que forçadamente compria largar a cidade, antes que o mal mais fosse. O que assy acordado antre o Gouernador e capitães, e Timoja e Cojebequi, então o Gouernador mandou aos capitães que toda a gente tiuessem em suas estancias, e mandassem seus escrauos que recolhessem seu fato, e se fossem embarqar, e os bateys todos estiuessem no caez, e as atalayas de Timoja. O Gouernador deu auiso aos capitães em segredo que no quarto d'alua, *quando* o sino désse huma só badelada, muyto mansamente que os mouros o nom sentissem, com a gente se fossem ao caez a fazer embarquar a gente, que auia muytas embarcações; e mandou aos mestres que com a vazante da maré caladamente sospendessem as ancoras, e se deixassem hir polo rio abaixo, até passar hum baixo que auia perto da cidade: o que assy fizerão os nauios, que as naos grandes estiuerão sempre abaixo polo rio. O Gouernador deu o cargo a Diogo Fernandes de Beja [1] *de* fazer recolher os moços, e que logo se tornassem os batés. E mandou a Diniz Fernandes de Mello, patrão, que tanto que a gente largasse os muros, que elle fosse dar fogo nas naos da ribeira. E mandou a Timoja que fosse ao castello, e matasse todolos mouros que estauão presos, e filhos e molheres, que nada ficasse viuo; o que o Timoja fez com muyta vontade, que com cincoenta homens seus foy ao castello, e os tiraua fóra pouquos e pouquos, dizendo que os chamaua o Gouernador, e fóra polas ruas os matou todos, e muytas molheres e crianças deixou fechadas em huma casa, e as principaes molheres fermosas recolheo e escondeo, e em trajos de homes as meteo em suas atalayas, e n'este feito ouve grande despojo das joyas que ellas tinhão.

O Gouernador, com muy grande trabalho, andaua a cauallo correndo todas as estancias, acodindo onde auia rebates, porque os mouros fazião muytos cometimentos de querer entrar, por darem trabalho aos nossos; no que se passou toda a noite até o quarto d'alua; em que todos tinhão grande vigia no sino, que tanto que o Gouernador mandou dar a só badelada no sino, elle foy correndo as estancias, e fazendo hir a gente pera o caez muyto mansamente, ficando os fidalgos e capitães detrás, em

[1] *a* Autogr.

tal modo que em algumas partes nom forão sentidos; mas em outras partes que os mouros o sentirão logo entrarão, mas nom ousauão correr polas ruas. Com que toda a gente teue espaço de se recolher ao caez e embarcar, mas todauia os mouros, auendo sentimento que os muros estauão sem gente, entrarão por todas partes com grandes gritas, e logo correrão á porta do caez, onde na defensão da porta acharão dom Antonio, dom João de Lima, Fernão Peres d'Andrade, Gracia de Sousa, Simão d'Andrade, Ayres da Silua, dom Jeronymo de Lima, Manuel da Cunha, Fernão Gomes de Lemos, Bernaldim Freire, Vasco Fernandes Coutinho, Jorge da Silueira, Nuno Vaz de Castello Branco, Manuel de Lacerda, Manuel Paçanha, Luiz Preto, Payo Rodrigues de Sousa, e todos os fidalgos que tenho nomeados, que ficarão nas costas da gente que saya pera o caez, onde acodio tanta moltidão de [1] * mouros com * arremessos de zagunchos, e virotões de fogo, e bombas, e pedras, e frechas perdidas, com que os nossos se nom podião valer, porque os mouros nom chegauão a bote de lança; com que os nossos todos forão feridos, e tão apertados que forçadamente se sayrão ao caez. O Gouernador estaua da banda de fóra da porta do caez, onde ally fizerão tanta resistencia aos mouros, que os tiuerão, que nom entrarão a porta, e o Gouernador fez recolher os feridos. João Mendes Botelho, que estaua nas casas do Sabayo com o fato do Gouernador, e Antonio Fernandes, homem cafre da criação do Gouernador, quando se recolherão com o fato deixarão posto o fogo nas casas debaixo, mas porque o material de leynha e olá foy pouquo, e as casas altas, nom prendeo o fogo senão pouqua cousa, porque os esteos erão da grossura de hum tonel, e tambem acodirão os mouros ao apagar. Diniz Fernandes, patrão, teue cuidado, e foy á ribeira dar fogo ás naos, mas acodirão tantos mouros que com muyto trabalho se saluou, e apagarão o fogo, que sómente arderão tres, que estauão cubertas d'olá, e moltidão dos mouros apagarão o fogo. Os mouros, nom podendo entrar a porta do caez, por cyma do muro deitarão tantas pedras que os nossos forçadamente largarão a porta, com que os mouros sayrão ao caez, onde os nossos lhe chegarão ás lançadas, e matarão muytos, cada hum fazendo finezas de sua pessoa. O Gouernador estaua recolhido na galé, e mandou aos capitães recolher, mas cada hum queria ganhar a honra de ser o

[1] * mouros que com * Autogr.

derradeyro; o que nom ouve, porque muytos juntos se meterão nos batés, em que derão fogo aos berços, e tirarão as galés e atalayas, que derão nos mouros do caez, onde ficarão mortos mais de dozentos, e dos nossos passante de vinte, e todos os outros feridos. Duarte d'Almeida, que tinha cuidado dos cauallos, como vio que a gente se recolhia, elle com seis homens da guarda, que com elle estauão, deceparão quantos cauallos auia nas estrebarias, indaque ficarão muytos soltos polas ruas, que os capitães, que n'elles andauão, quando se recolherão os nom quiserão matar. Diniz Fernandes mandou hum seu escrauo d'Africa, que tinha, e foy pôr fogo em huma tercena em que estauão azeites, breu, e cifa, e cairo, e linho, e monições das naos, que tudo ardeo, que os mouros nom puderão apagar; mas alguns rumes acodirão á pressa a dar fogo em huns tiros grossos que estauão no baluarte, mas nom puderão, que as escoruas estauão pregadas com pregos, que lhe metera Diniz Fernandes antes que fosse dar fogo ás naos. Afastados os batés da terra, sempre tirando, e as galés e atalayas, se forão polo rio abaixo com a maré. Foy grande bem a embarcação ser assy ante menhã polo escuro, que se fòra de dia fòra grande mal, se os mouros virão o desacordo dos nossos, e deixar as armas, e se meterem no mar, e se afogarem com pressa, estando os mouros no muro, que nom erão inda entrados, o que nom valia aos capitães lhe bradar que nom auia mouros.

Foy este recolhimento dos nossos em vinte e tres de mayo, que já auia muytas chuvas, e forão polo rio abaixo com a maré, que lhe durou até passar huma ponta que fazia a terra no rio, que se ora chama Rabandar, onde passada a ponta o rio ficaua largo, onde o Gouernador foy sorgir com toda 'armada, onde logo o Gouernador no seu esquife foy correr todos os nauios, e visitar os feridos, e muyto encomendar aos capitães seu remedio; e se tornou á sua nao com os capitães, e fallou com Timoja, e mestres e pilotos, pera logo sayrem fóra do rio, com tenção de se hirem enuernar em Angediua, pera ahy auerem repairo de mantimentos, que Timoja em suas atalayas hiria buscar a terra, quando o tempo désse lugar. O que a todos pareceo bem, sómente o grande arreceo que os pilotos tinhão em sayr pola barra com chuvas e treuoadas d'inuerno, e que sendo no mar, antes de chegar a Angediua, lhe podia dar hum trauessão que os deitasse todos á costa; mas como a necessidade era grande, quis o Gouernador ver se podião sayr pola barra, ao que man-

dou Fernão Peres que fosse fóra, o qual foy á barra, onde com a corrente d'agoa foy dar nos baixos, e se perdeo o nauio, e a gente com muyto trabalho se saluou no batel, e duas atalayas que hião em seu resguardo; polo que então assentou o Gouernador estar no rio o milhor que pudesse. Polo que todos os nauios se amarrarão por proa e popa, que nom virassem á corrente da maré.

O Hidalcão [1] * entrou * na cidade com grandes prazeres e festas, e se foy ao castello pera vêr d'ahy o que fazião os nauios, onde de fóra e dentro se acharão os mouros mortos, que Timoja matára; a que vierão os irmãos, e parentes, e suas molheres, que aleuantarão muy grandes prantos e gritos, com que o prazer do Hidalcão ficou festejado com choros e gritos, e sendolhe dito a destroição que ficaua feita na cidade fiqou muy anojado, e sendolhe dito que 'armada estaua junto de Pangim ouve medo que os nossos tomassem o castello, e se fizessem fortes n'elle, polo que logo mandou ao Gouernador, João Machado em um barquo, com recado que fizessem algum assento de pazes; e esto por entreter que os nossos nom fossem tomar o castello. João Machado entrou na nao, e fallou ao Gouernador em concerto de pazes, e que nom ouvesse mais nenhuma guerra, e deu a entender ao Gouernador em suas palauras que o recado erão delongas. O Gouernador respondeo que Goa era d'ElRey de Portugal, seu senhor, e com elle não teria nenhuma paz, senão se lha tornasse a entregar com todas suas terras; que lhe certificaua que, em que lhe pez, por guerra lha auia de tomar, e auia pera sempre de ser d'ElRey de Portugal, em que lhe pez a elle e a todos os que após elle viessem, a que tanta guerra lhe farião, que elles folgassem de estar em paz. Com a qual reposta se tornou João Machado, que ouvida polo Hidalcão ficou espantado, dizendo que os nossos erão filhos do diabo, e por mais dessimular tornou a mandar João Machado com reposta que entregar Goa o nom faria, mas outros concertos com que elle fosse contente, que por tanto pusesse arrefem em Pangim, e lhe mandaria dous homes principaes que com elle fossem fallar. Do que 'o Gouernador aprouve, e n'este dia á tarde em Pangim puserão huma bandeira branca, ao que o Gouernador mandou dom Antonio, seu sobrinho, na galé de Diogo Fernandes de Beja, que mandou que o désse em arrefem, como deu, e fo-

[1] * entregou * Authogr.

rão ao Gouernador dous mouros muyto honrados, e João Machado ficou na galé. Os quaes mouros muyto falarão com o Gouernador que o Hidalcão lhe daua Dabul com suas rendas, e que tomasse a renda de todolos cauallos que viessem d'Ormuz, e outra falsas sostancias, que o Gouernador bem entendia, e lhe respondeo a tudo que nada ouvia, até que lhe nom tornasse a entregar Goa; com que os despedio. E dom Antonio esteue com João Machado, que lhe deu muyta conta de todalas cousas que compria ao Gouernador; e dom Antonio recolheo Diogo Fernandes, com que se foy ao Gouernador darlhe conta do que passara com João Machado.

N'este antre passo de tempo, que assy passou, o Hidalcão mandou hum seu capitão com cincoenta rumes, e trezentos homens caualleiros do campo, com dous mil piães, que n'esta noite entrarão em Pangim, que estauão ahy perto, com quatro tiros de ferro de camara como camellos, e os dous camellos nossos que tomarão, hum em Banestarim, e outro na carauella do passo sequo que meterão no fundo, e quatro falcões, que logo tudo assentarão no castello de Pangim, e fizerão grandes tranqueiras, e na ponta de Rabandar assentarão outro tiro, e da outra banda, na terra firme, assentarão duas bombardas, que ficauão em traués das naos, e em todas estas partes amanhecerão postas muytas bandeyras, dando muytas gritas com seus tangeres, tirando com os tiros, com que alguns pelouros, que abrangerão, fizerão mal.

O Gouernador nom quis que tirassem os nauios, porque se nom danificassem e por nom gastar a poluora, e mandou fazer defensas per fóra d'estrens, com que os tiros nom fazião muyto dano; mas porque o tiro da banda da terra firme ficaua mais perto e fazia muyto mal, mandou o Gouernador dom João de Lima, e Jorge da Cunha em seus batés, que forão, ante menhã escuro, com os batés ao longo da terra, que nom forão vistos senão quando derão de supito e saltarão em terra, onde logo vinte marinheiros portuguezes trabalharão tanto com o tiro que o arrincarão na proa de hum dos batés, ao que acodirão tantos mouros, e apertarão tanto os nossos com moltidão de pedras e arremessos, que os fizerão recolher aos batés, em que se meterão com muyto trabalho, casy todos feridos, ficando cinquo mortos, e o camello deitarão no mar. N'estes dias, por conjunção da lũa cessarão as chuvas doze ou quinze dias, em que os nossos forão em grande falta d'agoa, polo que, costrangidos

de grande necessidade, a forão tomar da banda da terra firme, á borda da praya, onde forão quatro batés, que leuou dom Antonio, Gonçalo de Crasto, Jorge da Silueira, Gracia de Sousa, e Timoja com quatro atalayas, que se puserão de largo tirando ao mato, em que auia muytos mouros que acodirão sobre os nossos, pelejando tão fortemente de dentro do mato com frechas, e virotões, e pedras, que com muyto trabalho os nossos tomarão sessenta ou setenta barris d'agoa, sem poder encher pipas, porque auia muytos feridos; com que se tornarão ás naos.

E porque o tempo era bonança, que fazia verão, os capitães muyto apertarão com o Gouernador que em toda' maneyra se sayssem, e se fossem enuernar em Angediua; sobre o que muyto apertarão e muyto praguejauão do Gouernador, dizendo que de contumaz ally queria morrer e matar a todos; e com ysto, que dizião os capitães, se amotinou o pouo todo, que muyto praguejauão, sómente os mestres e pilotos, que o contradizião que se nom fizesse, porque ally onde estauão estauão seguros de perdição, que fóra estaua tão certa de huma hora pera outra, pois era inuerno çarrado. O Gouernador com os capitães tinha grandes debates, dizendo que se nom carregára sobre elle o bem e mal de todos, de que auia de dar conta a Deos e a ElRey, que os deixára hir fazer de sy tanto máo recado, como elle fizera, por suas emportunações, deitar a perder o nauio de Fernão Peres, que virão que se perderá na barra, que era muyta rezão que elle o pagasse a ElRey; que por tanto lhe tal nom fallassem, porque o nom auia de fazer, que do perigo, em que ally estauão, elle tambem ally estaua, que aueria seu quinhão.

Ysto era já em junho, que em toda 'armada auia grão padecimento de fome, que era tanta que comião os ratos que podião tomar, com que sempre andauão á caça; e tirauão os coiros das arquas encoiradas que tinhão cabello, que lhe pellauão com agoa quente, e os cozião e comião, o que fazia a gente baixa, que nom podião ter sofrimento á fome, com que estauão em toda' desesperação; porque o pexe do rio nom morria ao anzolo, e algum que matauão se daua por amor de Deos aos mais doentes, que erão muytos em toda 'armada. No qual tempo dous grometes fogirão a nado da nao do Gouernador, e se forão a terra, que logo forão leuados ao Hidalcão, que contarão a muyta afronta em que estaua o Gouernador com todos os capitães e gente porque se fosse fóra do rio, e que já fôra hido se o inuerno nom fosse, como era, tão temeroso fóra

no mar. E que padecia toda 'armada grande fome; comião os ratos, *e* coiros d'arquas cozidos, mas que tudo ysto nom sentião, nem temião tanto, como os muytos pelouros da forteleza de Pangim, que lhes fazia muyto mal.

O Hidalcão folgou de saber todas estas cousas, e fez mercê aos grometes, que logo se tornarão mouros, o que o Hidalcão praticando com João Machado, elle lhe disse: « Senhor, ysto que estes homens te conta- » « rão nom creo que he assy como elles dizem, sómente o contarão por » « te contentar, e porque os cresses se tornarão logo mouros. De a gente » « estar doente será verdade, porque os portuguezes como nom tem em » « que trabalhar logo adoecem, e nunqua padecem fome, porque comem » « quanto achão, e cães, e gatos, e nom he muyto comerem os ratos e » « outras cousas piores. E o medo que terão aos pelouros de Pangim nom » « será muyto, que por ser muyto longe nom podem trazer força que » « passe os nauios. E ysto, senhor, que te digo, me parece que será por » « boa rezão quanto ao que entendo, e me parece que indaque a fome » « fosse mais do que estes dizem, indaque lhe agora fossem vender man- » « timentos os nom comprárão, por nom mostrarem que tem fome. E os » « pelouros de Pangim, se lhe fizerão mal, já os forão tomar, ou mor- » « rer sobre ysso. » O Hidalcão disse que elle queria saber a verdade, e mandou hum mouro com hum barco carregado de fardos d'arroz, e gallinhas, e figos, e canas d'açuquere, e verduras, e o mandou ao Gouernador, lhe dizendo que tinha pezar porque com elle nom queria paz, e que indaque assy estauão em guerra, nom queria que sua gente lhe morresse á fome; que lhe mandaua aquelle refresco pera os doentes, e lhe mandaria vender os mantimentos que ouvesse mester. O mouro veo com o parao com uma bandeyra branca. O Gouernador, que estaua no chapiteo da nao, vendo vir a bandeyra branca de longe, logo cuidou o que era, polas nouas que os grometes darião ao Hidalcão, e muyto á pressa mandou serrar uma pipa polo meo, e pôr no conués huma tina e outra na tolda, e deitar n'ellas em cada huma dous barris de vinho, de uma pipa que tinha pera os doentes, e junto de cada tina duas selhas cheas de biscoito, que tinha fechado em arcas, que daua aos doentes, e mandou aos marinheiros que folliassem, e por ysso lhe deu a cada um dous pardaos, porque o nom querião fazer; e folliarão, e cantarão, até chegar o mouro a bórdo da nao, que entrou dentro, e deu o recado ao Gouernador, o

qual já estaua prestes com a resposta. Como vio o arroz e refresco, o Gouernador respondeo, fallando ao mouro, e lhe disse: «Mouro, tor-» «nate, e dize ao Hidalcão que, pois estamos em guerra, comigo nom» «ha de ter nenhuma paz até que lhe nom torne a tomar Goa; que o» «refresco, que me manda, a minha gente o nom come senão folgando» «em terra; e no mar, onde agora estão, lhes abasta pão, e vinho, que» «tem sobejamente quanto querem comer.» Com a qual resposta se tornou o mouro ao Hidalcão, e lhe disse que vira estar vinho, e biscoito, em pipas abertas pera' gente comer. Com que o Hidalcão ouve que era mentira o que lhe fòra dizer hum homem que fogira d'armada, que lhe dixe da grande fome que os nossos padecião.

CAPITULO XVI.

COMO OS NOSSOS ESTANDO ENUERNANDO NO RIO DE GOA COM MUYTA FOME E SEDE, O GOUERNADOR FOY COM SUA GENTE DAR NO CASTELLO DE PANGIM, E O TOMOU COM MATAR MUYTOS MOUROS; E TODO O QUE MAIS PASSOU ATÉ SE SAYR DO RIO.

O Gouernador tinha muyta paixão, vendo o grande padecimento da fome que a gente passaua, e sabia que muyto se queixauão, porque nom largara a cidade com tempo que se pudera sayr, e hir enuernar a Cochym, onde nom tiuerão os trabalhos que ally padecião, e os estauão matando e ferindo cada dia com os tiros dos mouros do castello de Pangim, que lhes muyto abrangia e fazia muyto mal; polo que, com estas agonias, o Gouernador nom tinha repouso de noite nem de dia, polo que então ajuntou os capitães e fidalgos, e ouve com elles pratica que fossem tomar o castello de Pangim, porque lhes fazia tanto mal, e tambem que n'elle tomarião os mantimentos que tinhão os mouros pera seu comer, que erão muytos. Os capitães, vendo que o Gouernador ysto dizia com muyta vontade, e era tanto bem fazerse, elles, como andauão danados contra o Gouernador, por lhe queimarem o sangue forão contra ysso, e huns antre outros mouerão muytos debates porque se nom fizesse: o que o Gouernador entendeo bem suas tenções, e os deixou debater quanto quiserão, todos assentando que se nom fizesse. O Gouernador, muy agastado,

lhe respondeo: «Senhores, pois esses são vossos pareceres, elles nom»
«são bons, e vossas tenções são muyto piores, e bem entendeys que vos»
«entendo. Eu são vosso Gouernador. A Deos prazendo, eu hirey ama-»
«nhecer na praya de Pangim com a bandeyra real d'ElRey nosso senhor.»
«Quando me embarqar mandarey tanger huma trombetinha de Timoja;»
«e vá quem quiser, e fique quem quiser.» Ao que lhe alguns responderão que hirião com elle, mas o erro ou acerto fosse seu; com que todos se forão a suas naos fazer prestes.

N'esta noite fogio hum homem, que foy auisar o Hidalcão de como o Gouernador auia de hir tomar Pangim. O Hidalcão fallou com os seus que seria bom mandar mais secorro de gente a Pangim, e todos disserão que abastaua a gente que estaua no castello, e que quando comprisse prestesmente lhe secorrerião. O Hidalcão fallou com João Machado, perguntandolhe o que lhe parecia. João Machado, porque o homem dizia que o Gouernador auia de dar ante menhã no castello, e já o secorro nom podia chegar a tempo, indaque fosse de pressa, quis ganhar a todos, e respondeo que lhe parecia que deuia de mandar mais gente, porque erão poucos dozentos homes que lá estauão; ao que lhe atalhou hum turqo soberbo, que hy estaua, dizendo: «Senhor, as palauras do João Machado»
«são por acrecentar honra dos christãos. Dáme cem homens, que eu»
«hirey estar em Pangim, e o defenderey a quantos portuguezes estão»
«n'armada.» João Machado, fallando com o Hidalcão, lhe disse: «Senhor,»
«dalhe os cento que te pede, e mais trezentos, e vá estar em Pangim,»
«e veremos o que faz. Mas eu, senhor, te fallo verdade, que se os por-»
«tuguezes cometerem o castello, digote, senhor, que to hão de tomar,»
«se nom mandares muyto secorro.» O turqo tornou 'aprefiar; com que o Hidalcão mandou que fosse, e leuasse quanta gente quigesse; e foy, e se meteo no castello, que o receberão com grandes prazeres.

O Gouernador, como se despedio dos capitães, mandou concertar sua gente, e chamou Diniz Fernandes, patrão, e lh'encarregou que com a gente do mar, e de Timoja, tomasse muyto trabalho em recolher aos batés 'artelharia; e mandou a Diogo Fernandes de Beja, e a dom Jeronymo de Lima, que com sua gente, e homens seus amigos que chamassem, desembarcando fossem tomar a porta do castello, e a defendessem aos mouros que a elle se acolhessem, que o castello estaua com pouqua gente, porque toda estaua nas tranqueiras, que tinhão feitas muy fortes

d'ambas as bandas do castello, com hum baluarte raso muy forte, em que estauão muytos mouros, e de dentro das tranqueiras estaua o arrayal dos mouros, que se estendia per hum outeiro acyma, em que auia passante de dous mil mouros; e sendo ante menhã huma hora, que era baixa mar de todo, com que os tiros dos mouros ficauão altos, elle mandou tanger a trombetinha de Timoja, ao que acodirão os capitães em seus batés, com toda a gente, que serião até quatrocentos homes, porque as naos ficauão guardadas com os mestres e pilotos, e homens doentes, que auia muytos. Então o Gouernador se foy com as galés, e atalayas, e batés ao longo da terra firme, que sendo sentido dos mouros, que estauão polo mato, derão gritas, e fizerão grande aluoroço que foy sentido no castello, que se fizerão prestes. O Gouernador era já perto do castello, e mandou remar rijo a terra, onde chegou breuemente. Elle já leuaua repartidos os batés que fossem a cada tranqueira, e os que fossem ao baluarte, porquè quis cometer por todas partes, e mandou o Timoja com as atalayas sem mastos, que fossem diante dando suas gritas, com que os mouros ao tinó d'ellas despararão toda sua artelharia, com que perigou huma só atalaya, que se foy ao fundo e a gente se saluou. O Gouernador com Martim Coelho, Jorge da Silueira, Nuno Vaz de Castello Branco, Gracia de Sousa, Duarte de Mello, Francisco de Tauora, que leuarião até cento e cincoenta homens, foy cometer a tranqueira da mão esquerda; e da mão direita foy dom Antonio de Noronha, e Simão Martins de Miranda, Luiz Coutinho, Francisco Pantoja, Bernaldim Freire, Pero d'Ornellas, Gonçalo de Crasto, Jorge da Cunha, que leuarião até dozentos homes; e forão ao baluarte dom João de Lima, Manuel de Lacerda, Aluaro Paçanha, Payo de Sousa, que leuarião até cem homes, todos bem concertados, que tocando o Gouernador as trombetas todos poyarão na praya, onde forão per todas partes recebidos com virotões e bombas de fogo, e cubertos de frechas, com que ouve muytos feridos; mas com o esforço que lhe Nosso Senhor deu, todos bradando Santyago, cometerão os mouros tão fortemente ás lançadas que logo entrarão ás tranqueiras, de que os mouros se retraerão pera o arrayal, de que acodirão muytos mouros pelejando fortemente, mas os que hião das tranqueiras nom tornarão, que leuauão grande medo do pelejar dos nossos. Os que forão ao baluarte tiuerão mais trabalho, porque nom podião entrar, que os mouros muyto lhe defendião, em que o primeyro que sobio foy Manuel de Lacerda, já ferido

de huma frechada, e assy entrou dom João de Lima, e outros, com que logo o baluarte foy enxorado, e os mouros d'elle correrão á porta do castello pera se meterem dentro, mas acharão dom Jeronymo, e Diogo Fernandes de Beja, com sua gente, que lhe fizerão grande resistencia; mas os nossos forão em muyta afronta, porque vierão á porta muytos mouros que vinhão fogindo da tranqueira do Gouernador. Aquy foy a mór peleja que ouve, porque acodirão muytos mouros do arrayal, onde acodio tambem dom Antonio com sua gente. O Gouernador, entrando a tranqueira, veo com sua gente demandar a porta, e vendo a grande peleja dos mouros mandou tanger as trombetas, dando a gente grita, e deu sobre os mouros, com que logo se forão retraendo, o que os nossos sentindo tomarão grande esforço, com que cometerão os mouros com tanto esforço que os puserão em fogida, leuando do arrayal o que podião, onde os nossos acharão bom despojo de mantimento d'arroz e manteiga, com que mais folgarão que com riqueza. Diniz Fernandes teue tão bom cuidado que meteo nos batés dous camellos nossos, e seis falcões, e seis bombardas roqueiras de ferro como camellos, e vinte tiros de ferro mais pequenos. Os mouros que estauão no castello, que serião até cento, vendo o que se passaua, que os mouros do arrayal fogirão, abrirão hum postigo falso, que tinhão tapado, pera a parte da tranqueira do Gouernador, e por elle fogirão em quanto durou a peleja, em que ficarão mortos passante de quatrocentos mouros, e muytos feridos; e mostrou Nosso Senhor seu milagre, que n'este tamanho feito hum só homem portuguez morreo, por desastre, que cayo ao mar de hum batel e se afogou, mas ouve muytos feridos, e mórmente Manuel de Lacerda, dom Jeronymo, Diogo Fernandes de Beja, e dom Antonio, e outros, que passarão de cento, e os mais de frechas perdidas, pouca cousa. Era já casy meo dia que o Gouernador acabou de recolher toda a gente, e mandou queimar toda a pouoação do arrayal e dentro no castello, com que arderão os sobrados; e sendo os nossos recolhidos ás naos, a horas de bespora chegou muyta gente de pé e de cauallo, que o Hidalcão mandou a secorro, que quando soube o desbarato que era feito, com muyta paixão dixe a João Machado: «Çufo, (porque este era seu nome de mouro), sabe por cer-»
«to que se ficara viuo Arnatecão, eu lhe mandára logo cortar a cabe-»
«ça, porque fallou contra o teu bom conselho, que me dauas, que»
«mandasse muyta gente a Pangim; mas a sua morte pagou o máo con-»

«selho que me deu.» Que este [1] «Artecão» era o turquo que se foy meter no castello de Pangim, que foy morto querendo sayr pola porta onde estaua Diogo Fernandes de Beja, que o Gouernador mandára guardar.

O Hidalcão foy muy magoado d'este feito, e falaua, [2] «como» que desejaua de se vingar, polo que ordenou de mandar fazer muytas jangadas de tauoas cubertas com terra amassada, e em cyma posta leynha sequa miuda e olá, e as leuar polo rio abaixo com a vazante da maré, polo escuro, e no meo do rio as acender e deixar hir com a maré dar sobre 'armada, que a queimassem. O ardil era diabolico, se Nosso Senhor se nom lembrara dos nossos, que ysto foy sabido por marinheiros do Timoja, que elle mandaua de noite a nado a terra espiar o que ouvissem e vissem, que assy de noite a nado se tornauão com a maré polo rio abaixo, que derão noua das jangadas que se fazião na ribeira do Mandouim, e que no mar concertauão os mouros oito fustas grandes com artelharia, que auião de vir com as jangadas, pera matar a nossa gente que se deitasse a nado; o que sendo dito ao Gouernador falou com os mestres das naos, e per conselho de todos foy ordenado o remedio. E tomarão as vergas das mezenas, e entenas que auia, e atadas humas com outras as atrauessarão no rio diante das naos, que estauão com as proas pera a cidade, e puserão as vergas áuante d'ellas hum tiro de bésta, atadas nos cabos dos ourinques e outras ancoras, que pera ysso deitarão. Então diante das vergas hum espaço estauão quatro atalayas de Timoja, onde elle estaua com portuguezes vigiando de noite se vissem vir as jangadas, no que passarão alguns dias. O Gouernador, por saber o que se passaua e por mostrar ao Hidalcão que sua gente nom podia estar sem ter que fazer, sendo já no mês de julho, mandou Diogo Fernandes na sua galé, que fosse á cidade e visse o que se fazia, e se pudesse visse a ribeira do Mandouim se lá estauão as jangadas, e mandou na galé de dom Jeronymo, porque elle estaua ferido, Afonso Pessoa, e no bargantym Simão Martins, e Diniz Fernandes nas atalayas de Timoja, que erão sete, e mandou dom Antonio de Noronha no nauio de Simão Martins de Miranda, que fosse detrás de todos, leuando comsigo Fernão Peres, dom João de Lima, Jorge da Cunha, Francisco de Tauora, Duarte de Sousa,

[1] «Arnatecão» escreueu o auctor pouco antes. Não é possivel decidir qual d'estes nomes é o mais correcto. [2] «com os» Autogr.

Jorge da Silueira, Nuno Vaz de Castello Branco, Gracia de Sousa, Martim Coelho, Duarte de Mello, e outros fidalgos, com oito bateys, e que sorgisse no rio á vista da cidade, pera * que *, se comprisse, acodissem todos nos batés, e tambem o nauio, que hia com muyta artelharia.

E sendo todos prestes, e com a maré e vento, todos n'esta ordem forão com os traquetes polo rio acyma. Diogo Fernandes, que hia diante, sorgio antes de chegar ao banquo onde ora estão os telhaes, e os outros assy sorgirão, e Diogo Fernandes se meteo em sua barquinha, e a remo se foy de longo da ilha de Diuar, por hir ver a ribeira do Mandouim.

O Hidalcão estaua assentado em huma varanda nas casas da forteleza, onde se fez depois casa de nossa feitoria, e vendo hir polo rio as galés, cuidando que fossem queimar a ribeira, mandou á pressa seus capitães que s'embarcassem nas fustas e fossem pelejar com os nossos; ao que forão, e acodirão muytos mouros á ribeira, e se embarcarão nas fustas e paraos grandes.

O Hidalcão, vendo sorgir a galé, e que os outros ficauão atrás, e o nauio que sorgira muy longe, ficou contente, fóra do medo que tomou, e fallando com os que com elle estauão disse a João Machado, que hy estaua, dizendo: «Que te parece, ó Çufo? As minhas fustas tomarão» «aquella galé?» Elle respondeo: «Senhor, pareceme que nom, e o por-» «que me parece * he * porque estes portuguezes vem concertados pera» «se defenderem, e como virem que os nossos vão pelejar com elles lo-» «go as galés se ajuntarão ambas encadeadas, e o bargantym e atalayas» «ajudarão de fóra, até que venha o nauio com os bateys; que elles» «bem sabião que vindo quá auião de pelejar, e já hão de vir pera ys-» «so apercebidos e ordenados como compre; o que se assy fôr pouqa» «gente hirá nas fustas pera poder pelejar com tantos portuguezes, por» «que ally nom hão de vir senão os bons.» Ao que respondeo hum capitão, que era muyto imigo de João Machado, dizendo ao Hidalcão: «Senhor, o que diz o Çufo he por honrar estes cafres, porque elle he» «de sua casta, e cuida que polo que disse que auerás medo, e manda-» «rás que nom vão pelejar com elles. Os nossos são taes caualleiros» «que tomarão as galés, e matarão todos antes que secorrão os batés.» O João Machado ouve paixão contra o mouro, e lhe disse: «Tu nom» «deuêras fallar sem licença do senhor, e n'ysso fizeste descortesia. Se» «aquy nom estiueras nom falláras nada, porque eu nom to consentira,»

«que logo mo pagáras, e de ti e de mym quem fallou verdade logo» «agora se verá.»

Os mouros na ribeira se embarcarão em quantos barcos acharão, e com as fustas, que erão mais de mil, tirando muytos tiros, e frechas, e bombas de fogo, se forão á galé; o que vendo Diogo Fernandes se tornou á galé e concertou a gente pera pelejar, o que assy fez a outra galé, que se alou a hum cabo que tinha dado na galé de Diogo Fernandes, e se ajuntarão ambas com as popas, e as atalayas e bargantym se puserão antre as galés e a terra de Diuar; o que vendo os mouros cuidarão que de medo os nossos assy se ajuntauão, e tomarão grande esforço com que forão cometer ambas as galés, que desparand'os tiros de proa as abalroarão, e entrarão tantos, pelejando tão fortemente, que os nossos se nom podião valer aos zagunchos d'arremesso, e frechas, e bombas de fogo, com que fizerão tanto desbarato nos nossos que os vencerão até o pé dos mastos, sendo muytos feridos. O bargantym e as atalayas, tanto que as fustas assy abalroarão e entrarão as galés, se meterão a pelejar com os mouros que vinhão nas embarcações pequenas, em que fizerão grande desbarato, e por serem muytos barqos nom podião acodir ás galés, que cuidauão que ardião com as muytas bombas de fogo. A este tempo chegarão os batés, que como ouvirão os primeyros tiros se fizerão á vela e remo, que forão abalroar as fustas que estauão aferradas nas galés, e entrarão com grandes gritas de Santyago, e tangendo as trombetas, que logo as entrarão e enxorarão com muytas panellas de poluora. Os mouros, vendo os nossos dentro nas fustas, se tornarão pera se recolher, e ficarão em meo, porque os nossos das galés vierão sobre elles, em que os tanto apertarão que os fizerão deitar ao mar, que sómente tres fustas se forão pera terra, e dom Antonio foy após ellas, que forão ensequar no caez, onde estauão muytos mouros, onde os nossos nom desembarcarão, que a gente era muyta, mas deitarão muytas panellas de poluora nas fustas pera as queimar. Os batés com os berços matarão muyta gente no caez: polo mar andauão muytos frecheiros tirando aos batés, onde dom Antonio foy ferido de huma frecha em hum joelho, que logo cayo, e os batés se tornarão ás galés, em que toda a gente estaua ferida. E porque as cinquo fustas os nossos nom tinhão gente pera ellas lhe tomarão 'artelharia, e a todas juntas puserão o fogo. N'este dia morrerão dos mouros mais de quinhentos, e dos nossos cinquo, e as atalayas leuarão seis paraos grandes que se des-

fizerão em leynha pera as naos. Os mouros que estauão com o Hidalcão lhe disserão que se fosse fóra da cidade, e estiuesse sua pessoa em saluo, porque nom auia duvida senão que o Gouernador vinha nos batés pera entrar a cidade; o que o Hidalcão quisera fazer, mas João Machado lhe disse: «Senhor, nom te bulas d'onde estás, que nom he tua hon-» «ra, que o Gouernador nom ha de vir nos batés, e estes mouros nom» «entendem o que dizem.» E se deixou estar até que vio o desbarato das fustas, e com muyta paixão se tirou da genela, e mandou aos seus que acodissem ao caez. O João Machado lhe disse: «Senhor, eu te falley» «verdade, e nunqua te mentirey no que te dixer ácerqua dos portugue-» «zes; e por ysso deuias dar muyto castigo a quem te nom falla verda-» «de.» O mouro que o contradixera respondeo: «Ysso dizes porque es-» «tás muyto contente com o mal dos nossos.» João Machado: «Mais» «contente estiuera eu se esta guerra fòra em outra gente, e eu te achá-» «ra diante de mym.» O mouro querendo responder, o Hidalcão mandou que se callasse; e disse más palauras. D'ahy a pouquos dias o João Machado, vindo a cauallo na rua direita, topou com o mouro, que hia em hum andor. João Machado se deceo do cauallo, e remeteo com o mouro, e o tomou pelas barbas, que tinha compridas, e o arrastou polo chão e deu muytos couces nos focinhos, e tornou a caualgar e se foy pera Benestarim, e mandou pedir perdão ao Hidalcão, que o perdoou, e folgou com o que fizera ao mouro.

Dom Antonio de Noronha recolheo o Gouernador em sua camara, que foy empiorando, que lhe [1] * saltarão * os herpes, e por falta de bons remedios, que nom auia n'armada, morreo: de que o Gouernador sentio, e todos ouverão muyto pesar por falta de tão bom capitão. Então o Gouernador fallou com Timoja, que leuou o corpo em huma atalaya e o foy enterrar na ponta da ilha de Diuar, a que tomou bom sinal Duarte de Sousa, que era de sua criação; e depois sua ossada foy leuada a Goa, que o Gouernador mandou leuar com muyta honra, e o mandou meter em huma tumba de pedra, que esteue na Sé até que se fez a capella de Nossa Senhora da Serra, que o Gouernador mandou fazer pera sua sepultura, e n'ella mandou pôr a ossada de seu sobrinho dom Antonio, e hoje em dia ahy está, e estará em quanto Nosso Senhor quiser.

[1] * saltou * Autogr.

O [1] *Hidalcão muytas* vezes praticaua com João Machado nas cousas de Portugal, e grandezas e poderes d'ElRey, que muyto engrandecia, que lhe muyto afirmaua que como fosse [2] *sabedor* de Goa, e o que o Gouernador tinha passado, auia ElRey de mandar tantas gentes armadas, e lhe auião de fazer tanta guerra até que lhe tomasse Goa por força d'armas, porque em quanto ysto assy nom fosse lhe auião de tomar o mar, que nunqua mais lh'entrasse nada no rio, com que logo de todo ficaua Goa perdida; e tambem que se largasse a cidade, como lhe pedia o Gouernador, era muy grande perda de sua honra; que tal nom fizesse, que antes a perdesse por guerra com que satisfazia a sua honra: que outro milhor remedio auia sómente, assentar com o Gouernador algum qualquer concerto, com que pudesse saluar Goa, que ficasse liure, porque assentando assy algum partido nunqua mais lho podião quebrar, porque o Gouernador as cousas que assentaua, e seguraua em nome d'ElRey de Portugal, ficauão firmes pera sempre. E com esta enformação de João Machado, que ao Hidalcão muyto bem parecia, trabalhaua por fazer concerto com Afonso d'Alboquerque, com que ficasse com elle em paz, e Goa segura.

E auendo oito dias que era passada a guerra das galés, fogio hum João Romão, homem canarino, que foy dizer ao Hidalcão que dom Antonio era morto, e outros muytos, e todos feridos, que morrião, que nom tinhão remedio de cura, e tambem morrião á fome, de que casy todos jazião doentes. Com que pareceo ao Hidalcão que era tempo de cometer o Gouernador com pazes, *e* mandou, per conselho dos seus, polo rio em huma almadia hum escriuão de sua fazenda, com huma bandeyra branca, *o qual* veo á nao do Gouernador, dizendo que lhe trazia recado do Hidalcão, e entrou e lhe deu o recado, que dizia o Hidalcão que forçadamente auia de assentar com elle pazes com que elle fosse muyto contente, que por tanto lhe désse licença pera mandar tal homem fallar n'ysto, que logo ally acabasse tudo como sua propria pessoa. O Gouernador lhe disse que nom tolhia que viesse quem quigesse, e folgaria que fosse com bom conselho, pois já sabia sua tenção sobre pazes qual era. Com que se tornou o messigeiro, e elle ficou praticando com os fidalgos que hy estauão, dizendo que bem entendia os modos do Hidalcão, que com a noua que o renegado João Romão lhe daria da morte de

[1] *Hidalcão que muytas* Autogr. [2] *saber* Idem.

dom Antonio, e dos feridos e doentes, e da fome que tinhão, parecia ao Hidalcão que logo lhe [1] *fariamos* concerto de pazes, e porque elle nada auia de fazer senão lh'entregasse a cidade, que elle nom auia de fazer, nom deuia de ouvir outra nenhuma messagem, e em terra mandar dar ao embaixador este desengano. Os fidalgos disserão que nom era bem, senão que ouvisse a messagem, e então respondesse o que fosse sua vontade. O Gouernador estaua muy magoado d'estes arrenegados que lhe fogião, e mais erão tão máos que quando vinhão messigeiros, elles vinhão com elles a cauallo, vestidos como mouros, e corrião, e folgauão, e dizião aos nossos que nom fossem paruos, que nom leuassem má vida, e se fossem pera o Hidalcão, que lhe daua muyto soldo e fazia muytas honras ; e com ysto fallauão vilezas contra nossa santa fé, e contra ElRey, e contra o Gouernador ; do que assy magoado, disse a Pero d'Alpoym, ouvidor da India, que elle fosse no batel quando viesse o embaixador, e leuasse João d'Oeiras, que era grande bésteiro, e que se com o embaixador viesse algum arrenegado, que João d'Oeiras lhe tirasse com hum farpão e o matasse, e se o embaixador se anojasse lhe dixesse a rezão porque o matára : o que assy fiqou ordenado, e o João d'Oeiras concertou bem sua bésta, dizendo ao Gouernador que todos mataria, se lhe chegassem a tiro que os pudesse alcançar.

Ao outro dia seguinte veo a Pangim o embaixador, homem principal, regedor do Hidalcão, chamado [2] *Mortocão*, acompanhado de muyta gente de pé e cauallo, com grandes honras ; e na praya mandou pôr bandeyra branca, ao que o Gouernador pôs bandeyra na quadra, com que os capitães e fidalgos se vierão á nao. O Gouernador mandou muyto bem concertar o seu batel com alcatifa na popa, e cadeira gornecida de cetym preto, e mandou n'elle Pero d'Alpoym, e Gaspar Rodrigues lingoa, e Duarte de Sousa, e Diogo Fernandes adail, que ficassem na terra por arrefens ; e o batel esquipado de marinheiros de Timoja, que nom quis que fossem portuguezes, porque nom fallassem com elles os arrenegados, que sempre todos vinhão, que os mandaua o Hidalcão que se fossem mostrar como andauão medrados e honrados. O embaixador estaua assentado junto do castello, em huma tenda, com muyto estado ;

[1] *faremos* Autogr. [2] Este embaixador parece ser o mesmo que nos *Comment. de Alboq.* P. II, Cap. XI, se chama *Mostafação.*

com que foy fallar o lingoa, e *o* mouro, por mostrar estado, se deixou estar deuagar fallando com o lingoa, onde assy estando veo o João Romão vestido em cabayá de seda, que lhe dera o Hidalcão, a cauallo com outros arrenegados, escaramuçando e correndo, e brandindo huma lança e adarga das que ficarão dos mortos, que o Hidalcão mandaua dar aos renegados, e chegando á falla com os do batel fezlhe grandes cortezias em modo de zombarias, dizendo que nom fossem paruos com enganos em que viuião, que a fé dos mouros era tão boa como todas, mas que os portuguezes, de baixos e ciués, soffrião máos trabalhos. Pero d'Alpoym disse a João d'Oeiras que lhe tirasse, pera o que elle já estaua prestes, assentado no fundo do batel e postos diante de sy os remeiros canarīs, e por antre elles lhe fez o tiro, que o arrenegado estaua dizendo que o Gouernador e todos fossem beber da merda, e se bolia pera se hir porque vinha o mouro, mas *o* farpão o tomou per huma ilharga e o passou pola outra em craro, de que cayo morto, ao que os mouros acodirão fazendo grande aluoroço, ao que o mouro esteue quêdo, e sabendo o que era. Gaspar Rodrigues lhe dixe que matarão aquelle arrenegado porque fallaua mal contra ElRey de Portugal, e contra o Gouernador, e que tambem auião de matar os outros porque assy fallauão mal; que por tanto os mandasse que ally nom viessem: 'o que o embaixador dixe que fizerão muyto bem, e mandou aos outros arrenegados que ally nom aparecessem. Então chegou até a praya, e sayo do batel Duarte de Sousa e o adail, muyto bem vestidos, e Pero d'Alpoym, que todos lhe fizerão muytas cortezias, e o lingoa lhe disse os que auião de ficar por arrefens, que o embaixador mandou que se fossem assentar na tenda; e elle s'embarqou no batel, com Pero d'Alpoym, que o Gouernador mandou receber polos fidalgos no bordo da nao, e elle o veo receber ao porpao, estando a tolda alcatifada e concertada com muytas armas penduradas, e lhe tangendo as trombetas se assentarão em cadeiras, o embaixador afastado hum pouquo defronte do Gouernador, onde da parte do Hidalcão lhe deu suas encomendas, dizendo que por o Hidalcão seu senhor muyto desejar que fossem amigos pera sempre, que por ysso o mandaua com tal concerto de pazes, com que muyto deuia de folgar, mas o que era lhe auia de dizer em secreto, e que elle o fallasse com seus capitães, se quigesse. O Gouernador se aleuantou, e tomou o embaixador pola mão, e o meteo na sua camara com o lingoa e Cojebe-

qui, onde o embaixador lhe dixe que lhe daua o rio de Cintacora, com todas suas terras, que rendião cad'ano cem mil pardaos d'ouro, e lhe daua cincoenta mil pardaos d'ouro pera o gasto d'armada, com tanto que lhe entregasse Timoja; e que sendo assy amigos depois lhe faria outras boas amizades. O Gouernador * se * mostrou muyto afrontado, dizendo: «Quando eu fosse amigo com o Hidalcão, eu tenho poder pera lhe fa-» «zer mais amizades que elle a mym, porque são eu senhor do mar, e» «tenho poder pera lhe tapar este rio, que n'elle lhe nom entre agoa.» E que quanto a lhe dar Cintacora elle a nom queria, que nada auia de tomar senão Goa com suas terras e rendas, porque sendo suas lhe faria tanto proueito em seus portos e terras, que valeria o dobro das rendas de Goa, porque se nom fossem amigos tudo lhe auia de fazer perder; e que quanto a lhe dar Timoja lhe fallaua verdade que lho nom daria, aindaque por elle lhe désse Goa, porque os mouros e gentios que fossem leaes ao seruiço d'ElRey seu senhor elle lhe nom auia de fazer tal traição; que Cojebequi, que ally tinha, auia de ser gozil de Goa, polo bom seruiço que tinha feito a ElRey seu senhor e com os portuguezes, e que Timoja, por ser muy fiel ao seruiço d'ElRey, e aos seus Gouernadores com que sempre fallara verdade, lhe auia de dar a renda das terras de Goa, e já d'ellas lhe tinha dado sua carta, e que o auia de comprir, porque Goa auia de ser d'ElRey de Portugal por força de guerra, se o Hidalcão de sua vontade a nom quigesse entregar, como seu amigo que dizia que [1] * queria * ser; e porque tudo ysto assy auia de ser, que era escusado lhe mandar mais outro nenhum recado se lhe nom entregasse Goa. E com lhe ysto responder se sayo fóra da camara com o embaixador, com que assy em pé o despedio, dizendo que a tudo lhe respondera; que se fosse muyto embora. Com que o embaixador, muy espantado, se tornou ao batel, e foy leuado a terra, e se tornarão os refens. E o Gouernador ficou dando conta aos capitães da messagem do Hidalcão, e da reposta que leuaua, que a todos pareceo muyto bem, e o desengano que leuaua porque nom tornassem mais com messagens; e todos muyto folgarão de assy matarem o arrenegado, polo que o Gouernador deu dez cruzados de mercê a João d'Oeiras, mas comtudo nom deixarão de fogir outros homens ciues, que passarão de quinze, em quanto 'armada esteue no rio até que se sayo.

[1] * quer * Autogr,

O Cojebequi deu conta ao Gouernador que Timoja tinha polas naos metidas as molheres e filhas dos mouros, que lhe elle mandara matar em Goa; que deuia de as recolher e guardar, porque, se ouvesse concerto, com ellas que tinhão em Goa e nas terras suas mães e pays, com ellas muyto seguraria as cousas. O Gouernador teue comsigo muyta paixão por ser esquecido de cousa que tanto importaua ao seruiço de Deos e obrigação de sua conciencia, e dixe a Cojebequi que nada dixesse a ninguem, e chamou o Timoja, e em segredo muyto se queixou com elle porque lhe nom fizera lembrança das molheres que recolhera, e as metera nas naos; que erão mouras com que os homens fazião pecados, que por ysso n'armada auia trabalhos, e mortes, e fomes. O Timoja lhe deu muytas rezões, dizendo que elle lhe mandára que as recolhesse, o que elle fizera, e as entregara aos mestres e pilotos, que as tinhão, e outros homens, e que já muytas erão tornadas christãs. O Gouernador lhe mandou que logo as fosse buscar todas, e lhas trouxesse. E sayndo fóra da camara se queixou muyto com os capitães e fidalgos como lhe nom dizião tamanho mal e fogo enfernal como tinha n'armada, com que os homens tinhão suas almas condenadas, pecando com as mouras; que era verdade que elle mandára a Timoja que as recolhesse, com proposito que se ouvesse pazes com ellas as faria mais seguras, mas com os cuidados dos trabalhos que passaua lhe nunqua tal lembrára até agora; e sobre todos se queixou contra os crelgos que [1] *confessauão* os homens que morrião, como lho nom dizião a elle. Frey Domingos de Sousa, que andaua na sua nao, lhe respondeo que elle tinha bem sabido que nunqua christão se tornára mouro por bem querer a moura, mas ellas erão as que se tornauão christãs por o amor que tomauão aos christãos, por as bem tratarem e conuersarem, muyto em contrairo do máo trato que lhe fazem os mouros; e que indaque com as mouras pecauão, tornandoas christãs seu pecado era perdoado, e tinha merecimento de ganhar huma alma pera Deos; mas o Gouernador mandou trazer todolas molheres e filhas, que erão mais de cento as que inda nom erão tornadas christãs, que erão as mais fermosas e mais honradas, que dizião que por serem assy honradas se nom querião fazer christãs. O Gouernador muyto encomendou que as que erão feitas christãs fossem bem tratadas, e as man-

[1] *confessão* Autogr.

dou todas escreuer, e os nomes dos homens que as tinhão, lhe dizendo que sempre d'ellas lhe auião de dar conta, que erão forras, que nom queria que as fizessem catiuas; e as mouras mandou recolher todas na camara do leme da sua nao, que lhe fez grande, toda fechada por cyma e por baixo, e com sua varanda de fóra pera suas necessidades, e meteo com ellas hum capado, que se tomara em Ormuz em huma nao d'El-Rey de Cambaya, chamado Cojambar, que este tomaua o comer pera ellas por huma genelinha, que pera ysso se fez, indaque passauão má vida da fome que todos padecião. Ao recolher d'estas molheres ouve alguns homens baixos, e homens do mar, que algumas que tinhão lhe tinhão já tanto amor que por lhas nom tomarem se casauão com ellas, e vindo ante o Gouernador, dizendo que erão suas molheres, elle folgaua muyto, porque assy estauão liures de pecado, e ally perante elle mandaua que as tornassem a receber outra vez. Dizia o padre que nom era mandamento da Igreja; elle [1] * dizia: « He logo * segundo mandamen-» « to d'Afonso d'Alboquerque. » E assy o dizião depois, que erão casados segundo mandamento d'Afonso d'Alboquerque.

D'estas molheres, que assy recolheo o Gouernador, com huma dellas tinha affeição hum homem, honrado caualleiro, chamado Ruy Dias, homem mancebo, que andaua na companhia de Francisco de Sá, o qual encitou e ordenou como de noite entrauão o Francisco de Sá, e Simão d'Andrade, e Jorge Fogaça, na varanda da nao do Gouernador, a dormir com as mouras, e por esta causa huns antre outros praguejauão do Gouernador que pecaua com ellas, e por enxamata as recolhera, dizendo que as auia de casar. O capado, que estaua com as molheres, dizia em segredo ao Gouernador que de noite vinhão homens que entrauão com as molheres, mas que elle os nom conhecia; do que o Gouernador ouve muyta paixão, porque lhe pareceo que estes, que lhe fazião esta vileza e traição, erão os que praguejauão d'elle por caso das molheres, e por ser a cousa vergonhosa elle dessimulou ysto quanto póde, porque nom tinha certeza de quem tal fazia, porque tomando na empresa quem lhe fazia tal desacatamento compria darlhe castigo per justiça, e que podia ser alguma pessoa com que tiuesse trabalho; mas os namorados nom deixando de perseuerar, mandou dessimuladamente o seu contramestre que por

[1] * dizia he logo * Autogr.

popa da nao estiuesse no esquife com oito grometes, que acodisse se algum homem fogisse pera os mouros, e lhe deu auiso que se de noite visse algum homem entrar, ou sayr da varanda das molheres, fizessem que dormião e o nom vião, e o conhecessem bem, se pudessem. A qual vigia passando alguns dias, virão sayr polo leme da nao ao Ruy Dias, que então por caso do esquife vinha a nado da nao Frol da Rosa, de que era capitão Jorge Fogaça, que estaua perto da nao do Gouernador, e hia tomar na proa da nao, e vinha por ella pegado até o leme por onde sobia, e entraua per huma tauoa que tinha leuadiça; o que fez algumas vezes, que nom foy visto senão de huma vez. Os outros parece que auião perguiça de tomar o trabalho e nom forão depois que esteue o esquife da vigia. O contramestre o dixe ao Gouernador, o qual mandou a Pero d'Alpoym, ouvidor, que com Lourenço de Paiua, sacretario, com muyto segredo tirasse devassa e soubesse bem a verdade. O que assy fez, e achou em verdade que o Ruy Dias era o que foy conhecido, e que fazia com elle companhia o Jorge Fogaça, e Simão d'Andrade, mas estes nom forão vistos entrar na camara; polo que o Gouernador, vendo os autos com o ouvidor e com o sacretario, n'elles pôs sentença que fosse enforcado, visto o delito de pecado de dormir com moura, e em tal lugar e em tal tempo, com atreuimento atraiçoado. E mandou a Fernão de Lis, meirinho, com oito homes da guarda, que entrasse na nao Rosa, e tomasse o Ruy Dias que dentro estaua, e o enforcasse em hum palanco com muyta presteza. E o meirinho foy no esquife, e o Gouernador mandou ao mestre e marinheiros que entrassem no batel, e estiuessem prestes, e a Duarte de Sousa, e outros fidalgos da nao, que tiuessem prestes suas lanças e adargas. O Gouernador estaua no chapiteo da sua nao vendo o que fazia o meirinho, porque a nao estaua perto; o qual entrando com os alabardeiros achou o Ruy Dias assentado na tolda, jogando as tauolas com o capitão Jorge Fogaça, e lançou mão d'elle, dizendo: «Estai preso da parte d'ElRey!» e o chegou ao porpao, e per hum cafre seu pião lhe atou hum palanco no pescoço, e o mandou guindar, e enforcou; ao que remeteo o Jorge Fogaça com o meirinho por tolher que o nom enforcasse, leuando de huma espada nua, que estaua pendurada, pera cortar o palanco. Ao que na nao se aleuantou grande reuolta de tomar armas, e o Jorge Fogaça bradou da nao, chamando por Bernaldim Freire, que estaua perto da sua nao, que lhe acodisse, que en-

forcauão o seu Ruy Dias; ao que logo sayo no seu esquife com lança e adarga, e com elle Simão d'Andrade, e Fernão Peres seu irmão, e Francisco de Sá, bradando todos que tal nom consentisse, ao que o meirinho deu grandes brados da parte d'ElRey, e os alabardeiros, chamando polo Gouernador, que logo á pressa sayo no seu batel com muytos homens armados, e com sua bandeyra real. Os capitães andauão no esquife correndo todos os nauios, dizendo aos capitães que acodissem a tão grande mal que o Gouernador fazia a todos elles, em fazer justiça de Ruy Dias, que mandára enforquar, sendo hum caualleiro muyto honrado, sem a elles dar rezão da causa; o que causou grande aluoroço em toda 'armada, e puserão no esquife huma bandeyra. Afonso d'Alboquerque acodio ao bordo da nao, e mandou a Jorge Fogaça que entrasse no seu batel sob pena de caso maior, o que elle logo fez, e o Gouernador chamou polo mestre da nao e lha entregou que d'ella fosse capitão. Então se foy ao esquife do Bernaldim Freire, com elle muy indinado, e com os outros, dizendo que como trédores puserão bandeyra, que logo se fossem meter na sua nao; o que elles assy fizerão, onde o Gouernador entrado logo os mandou prender em ferros e meter debaixo de cuberta, sem elles ousarem de fallar nada, porque cayrão no erro que fizerão. E o Gouernador pôs sua bandeyra na quadra, a que logo vierão os capitães, e fidalgos, e gente d'armada, e o Gouernador na tolda da nao se queixou muyto com todos, dizendo que pois virão o grande aluoroço e união que fizerão os trédores que tinha presos, que se aleuantarão com bandeyra contra o seu Gouernador, que he imagem d'ElRey, cujos vassallos erão, e obrigados como fiés portuguezes a morrer por seu seruiço e estado, porque nom acodião todos com suas armas em fauor de sua bandeyra real? Que de todos se muyto queixaria a ElRey: ao que nenhum lhe ousou de responder palaura de escusa, sómente pedir que lhe perdoasse seu erro de nom acodir, que fôra causado de muyta toruação e união que auia em toda 'armada.

Então em pubrico de todos mandou ao sacretario que fizesse auto pera mandar à ElRey, que soubesse quaes forão os que se amofinarão contra seu estado e bandeyra real, que erão os presos, querendo tolher que se nom fizesse justiça de hum trédor que por seu delito merecera esquartejado, e o nom fizera por o tempo e lugar nom ser pera ysso; e de os presos por ysso aleuantarem união contra a justiça e estado d'El-

Rey nosso senhor, em ferros os mandaria a ElRey com suas culpas, que os castigaria como fosse seu seruiço. Do que todos ficarão tão assombrados que nenhum lhe respondeo, e o Gouernador deu as capitanias dos presos a outros fidalgos, a que tomou menagens assinadas; o que fez d'ahy em diante, que toda capitania que daua, com vencimento d'ordenado, tomaua a menagem assinada em hum liuro, que pera ysso trazia o sacretario. E assy fiqou amansada a união, que foy muy grande, e dahy em diante os capitães, e todos, andarão brandos, e cessarão de seu praguejar contra o Gouernador. No que se passou todo o mez de julho, que o tempo na conjunção da lũa fez bonança.

O Gouernador n'este tempo tinha certa noua da cidade, dos parentes do Timoja, que o Hidalcão estaua muy atribulado, porque seus visinhos lh'entrauão por suas terras, a que nom podia acodir em pessoa, como compria, porque tinha muyto medo que o Gouernador logo lhe tomaria a cidade, que esta era a causa porque o mandaua tantas vezes cometer com as pazes, que o Gouernador, pola mesma causa, lhe nom queria fazer; o que tinha em sy em muyto segredo, e lhe nom valia dizello aos capitães, que lho nom querião crer, e o muyto emportunauão que se sayssem e se fossem, porque morria muyta gente á fome, e estauão muytos doentes, que em toda 'armada nom auia quinhentos homens em pé; e sobre ysso lhe fazião grandes cramores e requirimentos.

Polo que o Gouernador, costrangido de tanta necessidade, porque nom auia mais que um só payol de biscoito podre, de que se daua a cada homem quatro onças de pão, então ordenou que dom João de Lima fosse com Luiz Coutinho, e Francisco Pereira, e Antonio Martins, e Nuno Vaz de Castello Branco, que leuasse todos os doentes a Cananor, e os outros nauios fossem polos rios até Baticalá buscar mantimentos, com que logo se tornassem a Goa; mas os que ficauão dizião aos outros que nom tornassem com mantimentos, que seria causa de o Gouernador ally estar e nunqua se d'ally partir. Estes nauios assy prestes, e Nuno Vaz com os doentes recolhidos, se fizerão á vela, e forão até a barra, e nom puderão sayr de fóra. E pola grande mingoa de mantimento, que a gente lhe muyto cramaua, mandou o Gouernador Timoja, que com suas atalayas, que já nom tinha mais que quatro, de noite se auenturasse a dar salto em algum lugar a tomar mantimento; o que elle assy fez, que tinha marinheiros de Goa que bem sabião os rios, que muyto folgarão de

hir, e foy dar em humas casas á borda d'agoa, em que tomou algum pouqo arroz e outras sementes que comião, e tomou hum bramene com duas molheres suas filhas, que leuando assy tomadas, o bramene disse que o soltasse com suas filhas, e o leuaria ahy perto, onde estaua hum zambuco carregado d'arroz; com que o Timoja se foy com elle, e achou o zambuco carregado d'arroz, e deu salto na pouoação de que a gente fogio, e acharão antre as casas atadas vaquas e bufaras, que matarão e meterão nas atalayas, e trouxe o zambuco, e largou o bramene e as filhas, e veo com tudo ao Gouernador; com que ouve muyto prazer em toda a gente, e o Gouernador mandou Tristão de Gá que repartio tudo polos nauios, e algum quinhão mandou nas atalayas aos nauios de dom João de Lima, que inda estauão na barra, que nom puderão sayr por caso de tempo.

Mas os capitães, e toda a gente, vendo a determinação do Gouernador, que era estar no rio até que lhe tornassem os nauios com o mantimento, muyto emportunarão o Gouernador que se partisse de Goa, e fosse restaurar a gente que morria, e 'armada que estaua podre e perdida do inuerno, e que se quizesse tornaria, concertado como compria. O Gouernador, contra sua vontade, atreuendose que o tempo nom consentiria que saysse, se fez á vela com toda 'armada, a que deu contraste de treuoada e tornou a sorgir de dentro da barra ao longo da praya. O Hidalcão houve muyto prazer quando lhe disserão que 'armada hia á vela, mas quando lhe disserão que nom sayra, e estaua dentro, mandou Roçalcão, seu capitão, com muyta gente por terra, com duas bombardas, e cortou palmeiras, e fez huma tranqueira muy forte, em que assentou as bombardas; e porque as nossas naos estauão perto lhe fizerão muyto mal, matando e ferindo muyta gente. E porque os mouros na terra erão muytos, e os nossos pouqos e doentes, que nom podião hir dar nos mouros, e a maré enchia, e o vento era do mar, o Gouernador se fez á vela, e mandou que toda 'armada se [1] * tornasse * pera dentro, por nom correrem risco onde estaua, e se tornarão, e sorgirão onde primeyro estauão. O Roçalcão, vendo que 'armada assy tornaua á vela, cuidou que os nossos, com paixão do que lhe elle fizera, tornarião a dar na cidade; mandou apressado recado ao Hidalcão, com * que * toda a cidade se pôs

[1] * tornou * Autogr.

em grande aluoroço, e o Hidalcão prestes pera fogir, e tornou a segurar quando lhe foy recado que nossa armada sorgira onde estaua. E sendo surtos, Manuel de Lacerda, dom João de Lima, Nuno Vaz de Castello Branco, Gracia de Sousa, Diogo Fernandes de Beja, pedirão ao Gouernador afincadamente a soltura dos capitães presos, o que lhe o Gouernador muyto encareceo, fazendo grande escramação contra os presos de seu mao feito, sendo autores no mal porque elle mandara enforcar Ruy Dias, em que erão muy culpados, e como trédores aleuantados se ordenarão aleuantar união da gente contra elle Gouernador, estando cercados d'imigos, padecendo fome e tantos trabalhos; que soubessem certo que a ElRey os auia de mandar com suas culpas. E os mandou soltar dos ferros com as menagens assinadas, presos n'armada, e que nom tornassem a suas naos, de que deu as capitanias.

CAPITULO XVII.

COMO O GOUERNADOR COM TODA 'ARMADA SAYO DO RIO DE GOA, E TOPOU COM DIOGO MENDES DE VASCOGONCELLOS, COM QUE SE FOY 'ANGEDIUA, E DAHY A CANANOR, ONDE ESTEUE ATÉ CHEGAR 'ARMADA DO REYNO, E OUTRAS COUSAS QUE PASSOU COM DUARTE DE LEMOS, CAPITÃO DA COSTA D'ALÉM.

O Gouernador com sua armada esteue no rio de Goa sem fazer nada, e porque o inuerno se hia despedindo *o* tempo foy abonançando. Em dia de Nossa Senhora, a quinze dias do mês d'agosto, veo bom vento, com que o Gouernador se sayo do rio com toda 'armada, e fez seu caminho pera Angediua, porque Timoja auia dous dias que partira de Goa a buscar mantimentos, e auia de vir com elles a Angediua. Hindo 'armada de longo da terra com pouqo vento, huma menhã ouverão vista de cinqo velas que vinhão na volta da terra, que fizerão grande aluoroço aos nossos, cuidando que erão naos de rumes, que os mouros em Goa dizião que esperauão por elles; com que o Gouernador logo mandou Antonio Raposo no nauio Ferros, que era bom de vela, que fosse vêr o que era, e se fossem rumes tirasse hum tiro e se tornasse, e se o nom fossem que tirasse muytos tiros. Chegando Antonio Raposo soube que vinhão então do Reyno, de que era Capitão mór Diogo Mendes de Vascogoncellos, que ElRey mandaua a conquistar e assentar Malaca, e vinha toda

a gente armada, que cuidarão que nossa armada era de rumes, porque nom era tempo que o Gouernador tão cedo andasse no mar. Quatro nauios erão de Diogo Mendes, e outro era Francisco Marecos, d'armada do Marichal, que ficára em Moçambique. Antonio Raposo tirou toda 'artelharia, com que os nossos ouverão muyto prazer, vendo que erão naos do Reyno, que se vierão chegando embandeyrados, e Diogo Mendes diante, que chegou a saluar o Gouernador, tirando a bandeyra da gauea que trazia, e elle e todos fizerão salua com toda 'artelharia, e todos com gritas e prazeres, [1] * com que * se forão 'Angediua, onde sorgirão todos, que logo se forão ao Gouernador, que recebeo Diogo Mendes e outros capitães com muytas honras, dandolhe conta do Reyno, e d'armada que auia de partir após elle, porque ElRey o mandara partir muyto cedo, pera que logo fosse rota abatida a Malaca, como fizera Diogo Lopes de Sequeira; mas elle nom pudera, porque lhe nom seruirão os tempos. E deu ao Gouernador huma carta d'ElRey, em que lhe muyto encarregaua que a Diogo Mendes nom fizesse nenhuma detença, antes lhe désse todo auiamento, e pilotos, que logo passasse pera Malaca. Então logo dos nauios trouxerão muyto biscoito, e cada hum foy comprar o que auia mester. N'este dia á tarde chegou Timoja com suas atalayas, com muytas galinhas, e vaqas, e carneiros, e hum zambuco carregado de fardos d'arroz, que o Gouernador mandou repartir por toda 'armada; e Diogo Mendes deu a Timoja huma carta d'ElRey, em que lhe mandaua agardicimentos de seus bons seruiços, segundo era enformado polo Visorey. Com que o Timoja fez grande festa por sua tamanha honra.

O Timoja deu noua ao Gouernador que tanto que sayra de Goa o Hidalcão logo se partira pera o Balagate, deixando o Roçalcão por capitão da cidade, e que logo o pouo das terras de Goa e ilhas se aleuantarão, e matarão os tanadares mouros polas tyranias que lhe fazião, e que no Balagate o Hidalcão auia de ter muyto trabalho. Com que o Gouernador muyto folgou, com grande vontade de logo tornar tomar Goa com todo seu poder.

O Gouernador com toda 'armada se partio pera Cananor, e deixou encomendado a Timoja que lhe fizesse prestes muytos mantimentos. Chegou o Gouernador a Cananor com toda 'armada, e foy em terra com to-

[1] * como * Autogr.

da a gente, que era pola menhã, e acabado de ouvir missa se forão á forteleza, onde Rodrigo Rabello, capitão, lhe disse, em presença dos capitães, que ally era chegada huma nao de Dio, que lhe dera noua certa que os rumes vinhão de Suez com grossa armada pera Goa, o que lhe assy certificarão mercadores de Cananor, que vierão do estreito, que o certificarão a ElRey: sobre o que logo o Gouernador com os capitães teue pratica, que pois a noua dos rumes assy era certa, se elle deixaria hir Diogo Mendes sua viagem a Malaca. Todos disserão que não, se os rumes fossem certos, e que chegando Gonçalo de Sequeira com as naos do Reyno então se determinaria no que melhor fosse; o que mais affirmou Nuno Vaz de Castello Branco, e Gracia de Sousa, dizendo que até quinze de setembro Diogo Mendes nom perdia viagem, mas então tinha milhores tempos, segundo elles virão quando forão com Diogo Lopes de Sequeira. No que assy todos assentarão, que era bem que esperasse até virem as naos do Reyno, que nom podião muyto tardar.

ElRey de Cananor tinha grande desejo de se vêr com o Gouernador, polo que, chegando ao mar, o mandou visitar por hum regedor, e que como desembarcasse se vissem, porque tinhão ambos muyto que fallar. Ao que o Gouernador lhe deu seus agardicimentos á visitação, e *mandou* dizer que lhe fallar e o seruir a ysso vinha; polo que, acabada a pratica sobre Diogo Mendes, o Gouernador mandou visitar ElRey polo feitor, e dizer que quando Sua Alteza mandasse estaua prestes pera lhe hir fallar: do que o feitor tornou com reposta, que ao outro dia se vissem, que elle o viria [1] *ver. Por tanto logo* ElRey mandou concertar sua casa no lugar acostumado, e veo acompanhado com muyta gente com seus estrondos e tangeres, e seus estados, como já contey, e se meteo na casa assentado em seu estrado, onde veo o Gouernador com os capitães e fidalgos, que ElRey sayo fóra da casa ao receber, a que o Gouernador e todos fizerão grandes cortesias e muyto acatamento, onde fallarão grande pedaço, sendo lingoa Duarte Barbosa, que muyto sabia lingoa da terra, e estiuerão fallando em sua prisão, e cousas passadas, muyto lhe gabando seu muyto siso, e soffrimento com que passara tantos trabalhos, que se assy o nom fizera nom fôra Gouernador da India, que por ysso em quanto o fosse teria d'elle todo o que lhe comprisse com

[1] *ver por logo logo* Autogr.

muyto boa amizade. O Gouernador assy lhe fez muytos oferecimentos; com que se despedirão, e o Rey se tornou a suas casas, e lhe mandou grande presente de galinhas, e cousas de comer.

Dahy a tres dias chegou a Cananor Duarte de Lemos, que veo de Çacotorá, e em sua companhia Francisco Pantoja, que o Gouernador mandara com prouimento pera a forteleza, e trazia a nao meril, que tomara no caminho, como já disse, e com elle os tres nauios de sua companhia; e chegou e sorgio com bandeyra na gauea, que nom tirou. O Gouernador o mandou visitar á nao por hum seu escriuão, que era como sacretario. Duarte de Lemos se deixou estar na nao, onde o forão visitar Fernão Peres d'Andrade e seu irmão Simão d'Andrade, e Francisco de Sá, e Bernaldim Freire, e Jorge Fogaça, e outros muytos seus amigos, onde os presos muyto praguejarão do Gouernador polo mal que lhes fizera, e enforcára Ruy Dias por ciumes das molheres que tinha na sua nao, que com todas dormia, e outras cousas a que o Duarte de Lemos nom foy á mão, por [1] *que se muyto* queixaua do Gouernador por lhe nom mandar 'armada que lhe mandara pedir, com que deixara de seruir seu cargo, e se viera. O Gouernador soube dos malles que se fallarão contra *elle,* em que bem vio que Duarte de Lemos vinha impituoso contra elle, pois consentirá fallarem d'elle mal em sua presença, e estaua com bandeyra na gauea, onde estaua a sua, que era Gouernador da India.

A cabo de dous dias Duarte de Lemos sayo a terra com seus capitães e gente, que o Gouernador com os capitães o fôra esperar na igreja, e chegando se fizerão suas deuidas cortesias, e feita oração se forão assentar na ramada á porta da feitoria, onde Duarte de Lemos lhe dixe que deixara de seruir seu cargo, em que fazia muyto seruiço a Sua Alteza, por mingoa de nauios, que lhe mandara pedir e gente, que lhe nom mandara, e os nauios que trazia era á força de bomba, e ficarão muyto pouqos homes sãos em Çacotorá, porque todos se vierão com dom Afonso, que partira na nao de Fernão Jacome em abril passado, que pois nom era vindo deuia de ser perdido. Com a qual noua o Gouernador ouve grande sentimento, renouando a morte de dom Antonio seu irmão; e postoque o Gouernador assy fiqou triste de sua paixão, lhe dixe Duarte de Lemos que lhe pedia, por mercê, que logo o despachasse, e lhe di-

[1] *que tanto se muyto* Autogr.

xesse os nauios que lhe auia de dar, pera elle ter cuidado de os mandar concertar, e se auiar do que ouvesse de leuar. O Gouernador, com sua paixão, ouvindo tudo, lhe respondeo: «Senhor Duarte de Lemos,» «bem vejo vossa necessidade, de que tanto vos doês, e nom vêdes a» «minha, que mais releua que a vossa ao seruiço d'ElRey nosso senhor,» «em que todos andamos. Pouqo prestará a ElRey o seruiço de vosso» «cargo, se perder o meu, e mórmente por esta noua que se afirma de» «virem rumes com armada, que nos darão muyto trabalho, e se nom» «vierem, com Goa tenho tanto que entender que nom sey como será.» Duarte de Lemos lhe disse: «Se eu andara com 'armada seruindo meu» «cargo, como compria, segura estiuera a India de passarem rumes, do» «que eu nom tenho a culpa.» O Gouernador lhe respondeo: «Bem ve-» «jo que eu a tenho, e porque mais me nom carregue outra do que te-» «nho nas mãos, vossa mercê se deixe estar até chegarem as naos do» «Reyno, e então veremos quantos somos, e juntos ou repartidos se fará» «o que nos parecer seruiço d'ElRey. E porque chegando as naos do» «Reyno, vendo duas bandeyras em gaueas, nom cuidem que estamos» «aquy dous Gouernadores, mandai abaixar a vossa, que sem eu ysto» «dizeruos deuera parecer mal dous são Christouãos pintados em huma» «parede.» Duarte de Lemos vio que o Gouernador fallaua rezão, e lhe disse: «Certamente, senhor, que me nom lembraua se a trazia ou não.» «Essa culpa he do mestre, que meu ponto d'honra nom he a bandey-» «ra, que logo a mandarey meter debaixo de cuberta.» O Gouernador, agastado, se aleuantou dizendo: «A bandeyra d'ElRey nosso senhor» «nom mandeys meter debaixo de cuberta, que he sujo lugar, e man-» «daima, que eu a meterey na minha camara.» Duarte de Lemos se despedindo com o barrete na mão, lhe disse: «Senhor Gouernador, assy o» «farey, e me dê licença pera hir jantar, e me fará mercê que soltos,» «com sua licença, vão comigo jantar estes senhores fidalgos que andão» «presos.» O Gouernador, assy com o barrete na mão, disse que fossem embora, que já nom erão soltos senão por lhe esquecerem. E assy se tornou Duarte de Lemos a jantar á nao com os presos, que soltou, e outros seus amigos, e sempre estaua na nao, e hia a terra muy pouqas vezes. Francisco Pantoja se queixou ao Gouernador de Duarte de Lemos, porque lhe tomara a fazenda da nao meril sendo sua de boa presa, e que pois pertencia a ElRey, que deuia de mandar ao feitor de Cananor

que a recolhesse, que inda da nao nom era tirado a quarta parte da carga. O Gouernador lhe disse : « Tambem a mym se me deue minha joya; » « mas nom falleys n'ysso nada até vermos o que Duarte de Lemos faz » « da nao. » O que assy ficou.

Ao tempo que a nao de dom Afonso se perdeo na enseada, a gente que se saluou em terra foy catiua e metida em ferros, e mal tratados com acusações que fazião os mouros que vinhão catiuos na nao, que erão da nao que tomarão no mar; a qual cousa sabida de Melicopim, gozil d'ElRey de Cambaya, que trazia polo mar muytas naos e grande trato, por ganhar amizade com o Gouernador logo mandou seu recado ao capitão de Madauá, que tinha os catiuos, o qual logo lhos mandou, e o gozil os apresentou a ElRey de Cambaya, e lhe disse taes palauras que ElRey os mandou soltar dos ferros e aposentar muyto bem em Champanel, onde lhe dauão auondadamente sua despesa. E sabendo Melicopim, gozil, da morte de dom Afonso ouve muyto pesar, e a requerimento dos catiuos fez com ElRey de Cambaya que mandou sua messagem ao Gouernador pera assentar pazes, e polo messigeiro os catiuos mandarão carta ao Gouernador, em que lhe dizião os grandes bens que tinhão recebido do gozil, e o como estauão bem tratados, lhe pedindo que os tirasse de catiueiro, que tudo podia acabar o gozil, que muyto valia com ElRey de Cambaya. E o messigeiro sómente trouxe huma carta de crença d'ElRey de Cambaya, que daua força á carta que lhe mandaua seu gozil Melicopim; e a carta de Melicopim ao Gouernador era em que lhe muyto certificaua que ElRey de Cambaya muyto desejaua amizade com ElRey de Portugal, que por ysso folgara de bem tratar os portuguezes que lá estauão, como elles o podião dizer; e que ElRey tinha sabido que acabando com Goa queria hir ao estreito; que se pera lá fosse de caminho chegasse a Çurrate, ou Dio, onde fallaria com elle e assentaria suas amizades; e que d'ysto lhe mandasse sua reposta per hum homem que traria os catiuos: o que tudo os portuguezes em sua carta afirmauão. Este embaixador veo em huma fusta a Goa, cuidando que ahy estaua o Gouernador, e nom o achando foy a Cananor, onde esteue na fusta até que o Gouernador o mandou hir a terra, que o recebeo com muyta honra, e ouvido seu recado, e vista a carta de crença, e de Melicopim, e dos portuguezes, ouve muyto prazer, sabendo que estauão assy bem tratados. O qual embaixador logo fallou ao Gouernador na nao meril, de

que o Gouernador logo mandou soltar toda a gente, que se fossem estar na nao, e dixe ao embaixador que a nao fôra tomada na outra costa, sobre que auia demanda que era bem tomada, porque nom tinha paz com Cambaya; mas que agora, assentando a paz, que tudo se faria quanto ElRey mandasse; polo que nada se boliria com a nao até vêr sua reposta, que logo lha mandasse por homem que trouxesse seu poder pera tudo com elle assentar como compria. Do que tudo deu rezão em huma carta, que mandou a Melicopim e aos portuguezes; com que despedio o embaixador, a que fez mercê de huma peça de celym cremisym com que se foy muyto contente.

Duarte de Lemos sayo a terra e se vio com o Gouernador, com que teue pratica que nom deuera de ouvir o embaixador de Cambaya, senão mandalo a elle, porque Cambaya era limite de sua jurdição, em que elle era Gouernador, e por tanto a elle ouvera de mandar o embaixador, porque era do seu limite. O Gouernador se afrontou muyto em quanto fallou Duarte de Lemos, olhando pera todos, e lhe respondeo: «Senhor Duarte de Lemos, ysso que dizeys assy o parecerá a vossos» «socios e amigos, e elles vos aconselharião que me viesseys com este ar-» «gumento, de que eu quero que vós sejaes o juiz; e digo que peran-» «te estes senhores me digaes qual de nós he chamado Gouernador da» «India, e todos dirão que a mym chama ElRey nosso senhor Gouer-» «nador da India, e como ElRey de Cambaya mandaua embaixada ao» «Gouernador da India, zombaria fôra eu o nom despachar e o man-» «dar a vós que o despachasseys; que indaque ElRey de Cambaya o» «mandára a vós, era honesto o enuiardes a mym, quanto mais vindo» «o embaixador a mym Gouernador da India, e eu o nom despachar, e» «o mandar a vós Gouernador de Cambaya. Polo que digo que quando» «eu com minha armada entrar nos limites de Cambaya, e vos achar,» «tirarey minha bandeyra, e hirey com mais acatamento do que vós» «aquy chegastes. E por *que* ysto nom tem reposta senão desarre-» «zoada, que *he* natural de regateiras, vos peço, por mercê, n'esta» «jurdição que he minha, me nom respondaes, por me fazer mercê. Nom» «tardarão muyto as naos do Reyno, e eu vos despacharey do que me» «pedis como for rezão.» Duarte de Lemos em quanto falou o Gouernador cayo na rezão, e que se o Gouernador o quizesse mal despachar, com rezão ou sem ella, que elle ficaua *sendo* o que perdia, *e* lhe

respondeo: «Senhor Gouernador, tudo está em vossa mão, e por ysso» «he escusada reposta, por muyto justa que fôra. Venhão as naos em-» «bora, e despachaime como vos parecer seruiço d'ElRey.» E o Gouernador se aleuantou, dizendo que assy o faria; com que se despedirão, e Duarte de Lemos se tornou á nao, e n'ella esteue até chegar Gonçalo de Sequeira.

O Gouernador, com o muyto sentido que tinha no feito de Goa, porque assy estaua duvidoso na noua dos rumes, mandou Simão Martins de Miranda, com Antonio Raposo, e Francisco Marecos, que fossem correr a costa de Cambaya, a vêr se podião tomar alguma nao de Meca e saber certa noua dos rumes; e das naos nom tomassem cousa nenhuma, e lhe dixessem que as deixauão hir em paz por amor d'ElRey de Cambaya, sómente se n'ellas achassem alguns rumes lhos trouxessem. Como assy despachou Simão Martins, tambem despachou Gracia de Sousa com outros dous nauios, que fosse andar na parage de Calecut, e topando naos de Meca as tomasse, e com ellas se tornasse a Cananor, e que n'ysto gastasse até fim de setembro, e logo se tornasse; que outro tanto regimento leuaua Simão Martins.

Partidos estes nauios, Diogo Mendes, per incitamento e conselhos dos contrairos do Gouernador, se foy a terra com seus capitães, e feitor, e escriuães dos armadores que trazia, e fallou com o Gouernador, lhe muyto requerendo que o despachasse pera hir sua viagem a Malaca, e visse os papés que lhe [1] *apresentou,* porque n'elles ElRey o separaua d'elle com seus nauios e gente, de que ElRey o fizera Capitão e Gouernador, como elle era da India; e nom pusesse em praticas alheas seu despacho, pois tanto importaua ao seruiço d'ElRey elle hir a Malaca, e lhe nom impedisse sua viagem, o que lhe requeria da parte d'ElRey, com protestação de elle pagar a ElRey, e a elle, e aos armadores, todas perdas e interesses; pedindo ao secretario Lourenço Gracia, e ao escriuão de su'armada, que de todo fizessem autos, e lhe déssem estormentos de seus protestos. O Gouernador lhe respondeo que o requerimento e protesto lhe nom parecião mal, que era ordem dos tratadores; que os autos se fizessem e lhe déssem os estormentos que pedia, que a ysso era obrigado pera de sy dar boa rezão; mas assy como elle tinha aquella obri-

[1] *apresenta* Autogr.

gação a mesma tinha elle, a que ElRey encarregára a India, de que elle queria dar boa conta, como elle fazia de su'armada; que deuêra escusar lhe fallar em sua viagem, pois sabia quanto se certificaua a vinda dos rumes; que antes elle, como fidalgo honrado, indaque o elle mandara nom deuera de querer hir, «até ser segura a vinda dos rumes que nom» «vinhão; porque se vós hido viesse grande armada de rumes, que nos» «fizessem mal, nom darieys boa escusa a ElRey, e eu ficaria o mais» «condemnado. E ysto, que vos fallo ante estes fidalgos, me abasta por» «contraste de vossos requerimentos e protestos; e porque eu nom que-» «ro ser o só culpado no que n'ysto errar ou acertar, tudo apresenta-» «rey a estes senhores, que o bem entenderão, e o que elles n'ysso as-» «sentarem eu o obedecerey, tomando meus papés pera apresentar a El-» «Rey, como vos fareys dos vossos; e póde ser que os que agora vos» «aconselhão que me façaes taes requerimentos nom o assinarão nos au-» «tos. E n'ysto nom auerá detença.» Com que Diogo Mendes se tornou á sua nao com seus capitães, que adiante nomearey.

Estas cousas assy passadas, o Gouernador fez ajuntar todos os capitães e fidalgos; e porque tinha sospeita que na nao de Duarte de Lemos se mouião estas cousas, porque Diogo Mendes o mais do tempo com elle estaua, quis que todos ouvessem a parte do errar ou acertar d'esta cousa, e mandou dizer a Duarte de Lemos que lhe pedia, por mercê, que nom ouvesse por trabalho hir a terra, que auia cousa que tinha necessidade elle dar seu conselho. Elle lhe mandou dizer que lhe pedia, por mercê que o nom metesse em taes negocios, pois nom erão de sua obrigação; que elle era poderoso Gouernador da India, que lhe ElRey encarregara, que com seus capitães e officiaes fizesse o que compria ao seruiço de Su'Alteza. Com a qual reposta folgou o Gouernador, e sendo juntos todos os capitães lhes disse do que lhe requeria Diogo Mendes, o qual elle nom queria largar que se fosse, até auer certeza da vinda dos rumes ou não, porque elles vindo era bem ter muyta mais armada do que tinha; que pouquo prestaria a ElRey ganhar Malaca e perder a India. E que se os rumes nom viessem então determinaua de mandar com Diogo Mendes mór poder, porque Diogo Lopes de Sequeira fora a Malaca com cinco nauios e quatrocentos homens, e tornou com a cabeça quebrada, com sessenta homens mortos na guerra, e outros tantos catiuos, e outros tantos mortos de doença, e que de todo fôra perdido se

lhe nom descobrirão a traição; e postoque Diogo Mendes agora perdia esta monção de setembro lhe ficaua a geral monção, que era d'abril, com que então o mandaria concertado como compria, pera nom tornar como tornara Diogo Lopes; que por tanto suas mercês, todo bem olhado, assentassem o que deuia fazer, porque de seus pareceres tomaria seus assinados, e faria o que elles assentassem. A todos pareceo muyto bem o que o Gouernador dizia, e n'ysso assentarão, e mórmente que em tanto viria Gonçalo de Sequeira, e os nauios que forão aguardar as naos de Meca, e com a certeza das nouas que ouvesse se tomaria a determinação verdadeira; que por tanto ao presente era bem que Diogo Mendes aguardasse até a monção d'abril, em que se espaçaua o tempo em que podia hir ajudar no feito de Goa, indaque nom viessem rumes. Do que todo se fez auto polo sacretario, em que todos assinarão.

O Gouernador daua todo o auiamento que podia a concertar sua armada, e mandou a Cochym concertar alguns nauios que se tirarão a monte, e aquy em Cananor deu muyto auiamento a fazer amarras e enxarcea a toda armada, porque a que tinhão era toda podre das chuvas do rio de Goa; o que todo se fazia de cairo, que auia em Cananor grande auondança d'elle, porque hum mouro principal tratante em Cananor, chamado Mamalle, tinha o trato das ilhas de Maldiua, per contratação que tinha com Reys das ilhas com preços assentados, a que o mouro mandaua arroz, e sal, e panellas, que ysto nom ha em nenhuma das ilhas, e em troqo d'ysto dauão cairo e pexe seqo e caurys, e panos de seda muy fermosos; onde o mouro tinha seus feitores assentados, e por o caminho de Cananor ás ilhas ser de tres dias sómente, o mouro fazia muy grande proueito, porque por seus contratos, postoque ás ilhas fossem outros mercadores, com elles nom podião comprar nem vender, polo que este mouro Mamalle era chamado senhor das ilhas de Maldiua, em tal modo que o cairo, que se gastaua per toda a India, o comprauão da mão d'este mouro, polo que era senhor de grande riqueza.

O Gouernador, auendo noticia d'esta cousa, mandou chamar o mouro e lha defendeo, que largasse o trato das ilhas, e mandasse vir seus feitores, que os nom tiuesse lá, porque as ilhas erão d'ElRey de Portugal, e nom tolhia que todos lá fossem; que por tanto elle abrisse mão do que assy fazia, pera que todos lá fossem tratar, comprar e vender. O Mamalle, por nom perder tamanho bem, trabalhou com ElRey de Cananor,

e com os regedores, e tambem com Rodrigo Rabello, capitão da fortaleza, e acabou com o Gouernador que lhe nom tirasse as ilhas, e que por ysso lhe daua pera ElRey mil báres de cairo grosso, e outros mil de cairo delgado, que cada bár pesasse quatro quintaes e meo; e esto cad'ano, postos em Cananor e Cochym á sua propria custa graciosamente, sem custar nada a ElRey, nom tolhendo que lá fossem os portuguezes, se quigessem. Do que o Gouernador com o mouro fez grandes apontamentos que nas ilhas nom fizesse tyranias ás gentes naturaes, nem estrangeiros; o qual contrato durou em quanto gouernou Afonso d'Alboquerque; mas depois de seu tempo, que os Gouernadores entenderão em tratar e fazer seus proueitos, e os darem a seus criados e amigos, nom guardarão este contrato, mandarão lá feitores d'ElRey em nauios e armadas, que peruerterão este tanto bem que ElRey tinha, e fizerão roubos e malles nas ilhas, como fazem hoje em dia, onde depois, passando os tempos, custarão as ilhas a ElRey nosso senhor muytas despesas, e o cairo lhe custa muyto dinheiro, e o nom póde auer senão com muytos trabalhos e mortes de muytos portuguezes, como adiante direy.

ARMADA
DE
GONÇALO DE SEQUEIRA, ANNO DE 1510.

CAPITULO XVIII.

DA ARMADA QUE ESTE PRESENTE ANO VEO DO REYNO, E DO ASSENTO QUE O GOUERNADOR TOMOU PERA TORNAR A GOA, E OUTRAS COUSAS QUE SOCEDERÃO ATÉ HIR A GOA.

Neste presente anno partio do Reyno Gonçalo de Sequeira por Capitão mór de sete naos pera carregar, com honrados capitães, e boa gente pera ficar no seruiço da India; de que os capitães erão Lourenço Moreno pera feitor de Cochym, João d'Aueiro piloto mór, pera tornar ao Reyno. Vinha com elle por capitão Lopo Vaz de Sampayo, Jorge Nunes de Lião, Vasco Fernandes Coutinho, Lourenço Lopes, sobrinho de Thomé Lopes feitor da casa da India, Manuel da Cunha, filho de Tristão da Cunha, que entrando em Moçambique sua nao se perdeo, de que tudo se saluou, sómente o casco da nao se perdeo; e n'esta companhia João Serrão por Capitão mór, com tres nauios pera andar nas portas do estreito, de que erão capitães Payo de Sousa, e Gaspar Cão. E após Gonçalo de Sequeira partio Diogo Mendes de Vascogoncelos com quatro nauios pera Malaca, assy como viera Diogo de Sequeira, pera hir a Malaca assentar paz e tirar os catiuos, e esto com grandes poderes separados do Gouernador da India, e os nauios d'armadores contratadoš com a Raynha, de que os capitães erão Baltesar da Silua, Pero Coresma, mice Diniz Cerniche, feitor d'armada. E partio Diogo Mendes com estes nauios, muyto veleiros,

pera de rota abatida hir a Malaca sem tomar a India, o que nom póde fazer por desuairo dos tempos, que nom póde dobrar por fóra da ilha de São Lourenço e veo tomar na costa da India.

Afonso d'Alboquerque, Gouernador, ouve muyto prazer vendo tanta armada e boa gente pera a tomada de Goa, que era todo seu cuidado. E passado o dia do recebimento, que * com * todos os capitães e gente sayo a terra, Gonçalo de Sequeira deu ao Gouernador a segunda via das cartas d'ElRey, em que achou huma pera Duarte de Lemos, que logo lhe mandou, em que ElRey lhe dizia que entregasse 'armada ao Gouernador e se fosse pera o Reyno, ao que elle fiqou muy triste por assy fiquar em quebra sua opinião, que esperaua de ser Gouernador da India após Afonso d'Alboquerque; o qual ao outro dia, com Gonçalo de Sequeira e com os capitães, ouvida missa, se tornarão á forteleza, onde o Gouernador mandou chamar ás naos Duarte de Lemos, e Diogo Mendes, e os capitães da India, e fidalgos pera ysso, e com todos moueo pratica sobre o estado da India, e todo o caso de Goa que tinha passado, e tinha certeza de Timoja que o Hidalcão andaua no Balagate, em guerra com os senhores do Reyno do Decan seus visinhos, e andaua tão apertado que por nenhuma maneyra poderia secorrer a Goa; e porque assy estaua em tal conjunção, e Goa já tinha custado tantos trabalhos, e mortes de tantos portuguezes, seria grande falta, e descredito á priminencia do poderio d'ElRey nosso senhor, se Goa nom tornasse a seu poder, que esperaua em Deos que seria pera sempre, que Goa era mãe de toda a India, por assy estar no meo d'ella, que sempre seria cabeça de todo o poderio da India; com que 'os rumes, de que tinha noua certa que vinhão com grande armada pera se meterem em Goa, ficauão de todo mortos seus pensamentos; dando a tudo muytas rezões, ao que ouve muytos debates, e outros dizendo que Goa nom era muyto tomarse, mas que sostela era o feito que se auia d'olhar, que auia mester em Goa dous mil homens portuguezes pera a defenderem ao poder do Hidalcão, que era muy certo, que auagando suas guerras, auia de vir sobre Goa com tanto poder, que em hum inuerno que a guerreasse pouqos e poucos serião mortos os dous mil portuguezes, e que por * ser * ysto huma sostancia de tamanho feito, nom se deuia entender nada em Goa, até ElRey nosso senhor n'ysso mandar o que fosse sua vontade. O principal que ysto retifiqou, aprouando com muytas rezões, foy Duarte de Lemos,

por contrariar a vontade que sabia que o Gouernador tinha pera morrer sobre Goa; ao que muyto ajudou Diogo Mendes, porque per esta via ficaua liure de hir a Goa, e hiria sua viagem pera Malaca, e todos os outros capitães do Reyno, com Gonçalo de Sequeira, assy o ajudauão, dizendo que milhor seruiço d'ElRey era hir assentar pazes com ElRey de Cambaya, pois as pedia, e liurar os catiuos que lá estauão, porque com a paz ElRey de Cambaya aueria muytos bens na India; e o principal que se auia de prouer era carregar as naos, e depois se fizesse o que pudesse ser milhor pera o estado da India. O Gouernador, vendo todos tão contrairos a seu desejo, que era hir tomar Goa, como era muyto prudente nom quis mais debater na cousa, e dessimulou, com proposito de auiar as naos da carga, e as mandar partir se nom viessem rumes, e depois de partidas ordenar sua armada, a mór que pudesse, pera hir a Cambaya, e pera o estreito, e entrar em Goa, e trabalhar pola tomar, e se nom pudesse, ao menos queimar as naos e fazer todo o mal que pudesse; e esto com muyta esperança em Nosso Senhor, que por sua misericordia o ajudaria com que tomasse Goa, e mostrando rezões coradas ás entenções dos capitães mostrou que n'ysso assentaua.

E todauia, como homem sabido, trazendo boa vigia no que lhe compria, foy auisado que Diogo Mendes com dessimulação recolhia da terra o que auia mester, pera de noite se partir seu caminho pera Malaca. Polo que o Gouernador, sendo d'ysto muyto certificado, o mandou vir á forteleza com seus capitães, e mestres, e pilotos, e o Gouernador tomou a mão a Diogo Mendes, com a menagem que des hy nom fizesse nada sem sua licença; e polo ouvidor Pero d'Alpoym mandou tomar as menagens aos outros capitães, assinadas em auto, que sô pena do caso mayor nom fizessem senão o que elle mandasse, até elle despachar Diogo Mendes, e aos mestres e pilotos, sô pena de morte e perdimento das fazendas, em nada de nauegar fizessem senão o que elle mandasse. Todos obedecerão, senão Pero Coresma, que disse que elle nom auia d'obedecer senão a Diogo Mendes, que assy lho mandaua ElRey em seu regimento. O Gouernador lhe disse: «Esse regimento he bom até que che-» «gasseys onde eu estou, que são Gouernador da India.» Então o mandou prender no castello.

Diogo Mendes se mostrou muy agrauado, dizendo: «Senhor Go-» «uernador, esta rigoridade parece que nom conforma com me prome-»

«terdes de me despachar em abril, com mais armada e mais poderoso» «pera minha honra, [1] *no* que estaua muyto confiado; mas sabey» «por certo que esta minha prisão, e dos meus capitães e oficiaes, he» «muyto sem rezão, porque sem duvida que tal me nunqua veo a pen-» «samento fazer eu hum tamanho erro a minha honra.» O Gouernador disse: «Se tal he falso, por hy julgai as cousas que de mym vos pode-» «rão dizer; e em minha verdade vos torno 'afirmar o que vos tenho» «prometido pera vossa viagem.» Com que ficarão conformes e amigos.

Assy estando, veo a Cananor Simão Martins com os outros nauios que o Gouernador mandara aguardar as naos [2] *de* Gracia de Sousa e os outros, e Simão Martins trouxe huma nao de Meca muy riqua, em que tomou dous judeus castelhanos muyto riqos, que derão ao Gouernador muytas nouas, e certeza que os rumes nom vinhão, porque o Soldão andaua em trabalhos com os seus regedores de Damasco e de Alepo. E lhe contarão que em Çuaqem acharão hum christão, que se lhe descobrira, e dissera que se chamaua João Gomes, que de Çacotorá fôra ao Preste, e que então caminhaua pera o Cairo, e que auia de trabalhar pera passar a Veneza, e d'ahy a Portugal. Estes judeus derão ao Gouernador muyta enformação do estreito do mar Roxo, e suas nauegações e tratos, e em tudo lhe fallando muyta verdade, polo que o Gouernador lhes fez muytas honras, que depois hum d'elles logo se fez christão, e se chamou Francisco d'Alboquerque, que se casou em Goa, e o outro recolheo o Gouernador pera seu seruiço, que o achou homem de muyta verdade, e que sabia muytas lingoas, e muy sabido em todolas cousas, e muy verdadeiro, com que era muyto do conselho do Gouernador, que se chamaua Çufo, que depois em se fazendo a forteleza d'Ormuz se fez christão, e se chamou Alexandre d'Atayde; de que o Gouernador se muyto seruia em todos seus segredos, em tanta maneyra que quando morreo Afonso d'Alboquerque, que foy no ano de 515, foy enduzido ElRey que mandasse hir este judeu ao Reyno, e lhe descobriria muytos segredos d'Afonso d'Alboquerque: o que ElRey assy fez, e este judeu foy a Portugal, que muyto aleuantou e abonou as cousas d'Afonso d'Alboquerque, onde estando, porque tinha muyto dinheiro, homens máos que o quiserão roubar, se concertarão com hum seu escrauo que de noite bradasse,

[1] *o* Autogr. [2] *que* Autogr.

dizendo que era sodomio, e elles estarião perto, que acodirião e o prenderião, com que lhe tirarião boa peita das mãos porque o soltasse, e elle ficaria forro. O Alexandre d'Atayde o que tinha tudo era em pedraria, que trazia atado derrador de sy; o moço, que era abexim, foy tão fiel que o descobrio a seu senhor, o qual se tirou da casa, e se meteo em casa de dom Gracia de Noronha, que o conhecia, que fôra da India, e com elle [1] * sempre acompanhou * a cauallo e * esteue * muyto honrado, até que se tornou pera India, e da India se foy pera o Cairo, onde se tornou pera sua judaria.

Estando assy o Gouernador com estes trabalhos, lhe veo de Cochym hum recado d'ElRey, muy apressado, que em todo caso logo lá fosse, porque nom hindo elle perderia o Reyno. E o caso era este; que per custume d'este Reyno do Malauar era que se o Principe, que he herdeiro, quando ha de tomar a posse do Reyno, o achão que he [2] * allnado * ou falto do entendimento, ou mouqo, ou de fraqa vista, ou outro qualquer defeito, que nom seja perfeito homem, o metem em hum certo lugar, onde o mantém de todo o necessario, e seruidores e casa como quem he, e assy está até que morre; e chamão a este lugar coua, porque ally metido he como morto, e fazem Rey a outro herdeiro, que o socede de direito; e se o Rey que reyna vem a cayr em qualquer d'estes defeitos, lhe tirão o Reyno e o metem n'este lugar da coua, e fazem Rey ao herdeiro. E porque o Rey velho era morto, 'o Principe nosso amigo, que o socedia, seus imigos lhe assacauão que nom tinha perfeito entendimento, e o querião meter na coua, e aleuantar por Rey outro seu primo, a que o Rey de Calecut deu este albitre, e conuocou alguns caimaes e senhores, e regedores, que assy o dissessem, e o fizessem meter na coua, e aleuantassem por Rey o seu primo, que secretamente tinha esta consulta com ElRey de Calecut. E tão afincadamente o Principe o escreueo ao Gouernador, que nom pôde al fazer senão acodir lá, porque se no Reyno ouvesse deferenças se perderia a carga, que era sobre todolas cousas. Ordenou de hir, e nom leuar mais que as naos de carga com sómente a gente do mar, e se meteo em huma galé com vinte homens, capitães e

[1] * sempre o acompanhou * Autogr. [2] E' o que se lê distinctamente no autographo. Provavelmente, * aluado * na significação de lunatico; não só porque faz bom sentido, mas por costumar o auctor trocar e confundir as lettras *n* e *u*.

fidalgos, que nom quis leuar mais; o que vendo Diogo Mendes, que era muy apressado dos seus capitães e feitor d'armação, fallou ao Gouernador, presente Gonçalo de Sequeira, dizendo que lhe pedia por mercê que deixasse hir fazer sua viagem, porque em Cochym tinha muyto que concertar seus nauios, porque elle hindo a Goa com seus nauios e gente andar na guerra, podia auer algum perigo de sua vida, com que ficaua perdida sua armação, e seus fiadores que com ElRey fizerão a contratação, com grandes obrigações que fizerão a ElRey, e á Raynha que n'ella tinha ametade, polo que ElRey lhe dera poderes separados do Gouernador da India, que apresentaria se comprisse, pera que em nada o pudesse estoruar de seu caminho, nem acupar nenhum de seus nauios; que elle por esta obrigação que tinha lhe requeria da parte d'ElRey, e muyto lhe pedia por mercê, que em nada o acupasse que lh'empedisse sua viagem. O Gouernador, menencorio, lhe respondeo, que compria ao seruiço d'ElRey elle com seus nauios e gente hir com elle a Goa, e que indaque lá fosse nom perdia por ysso sua viagem, que auia de partir em abril que era tempo de monção; e que se ouvesse perigo da vida nom faltaria outro Diogo Mendes, e que se perigasse algum nauio muytos tinha que lhe dar; que por tanto muyto lhe pedia, por mercê, que folgasse de ganhar tanta honra, e fazer tão bom seruiço, como era ajudar a ganhar pera ElRey huma cidade; que era cousa que elle lhe devera rogar, e nom se escusar pera feito de tamanha honra. Ao que Diogo Mendes lhe repetio, e tiuerão grandes debates, fazendolhe seus requerimentos, e protestos, e encampações, querendolhe mostrar suas patentes e regimentos, o que nada o Gouernador quis vêr, dizendo que todo lhe compriria a seu tempo. Do que Diogo Mendes pedio ao secretario seus estromentos, que o Gouernador mandou que todo lhe désse, com as repostas que lhe daua, que era chamalo ao seruiço d'ElRey, que elle nom queria fazer, nom perdendo sua viagem, que nom tinha monção senão em abril, d'aquy a sete meses; e se n'ysto fazia erro elle se obrigaua por todo o pagar aos armadores, e a ElRey nosso senhor, «porque onde eu auenturar todo o» «poder da India assy o faria de seus quatro nauios.» Polo que lhe tornaua a pedir, por mercê, que sobre ysso nom ouvesse mais debates, pois já tinha requerido e protestado todo quanto lhe compria, e elle lhe tinha dados seus estormentos quantos comprião pera seus resguardos. Com que Diogo Mendes se deu por satisfeito, e mostrou que ficaua contente.

Tambem Duarte de Lemos apresentou ao Gouernador hum aluará d'ElRey, em que lhe daua que fosse da India por Capitão mór das naos da carga que nom tiuessem Capitão mór; o que o Gouernador folgou de fazer, e lhe deu a capitania de quatro naos que ficarão d'armada do Marichal, que mandou muyto bem concertar e carregar, e lhe deu poder sobre todas as outras que achasse no caminho, se as achasse apartadas de Gonçalo de Sequeira, que era seu Capitão mór.

O Gouernador se partio de Cananor com as naos da carga, a que fez grande vigia porque nom leuassem gente, e nom consentio que n'ellas fossem os capitães, sómente que mandassem seus feitores cada hum, que comprassem e vendessem suas fazendas, dizendo aos capitães que fossem com elle ao seruiço de Goa, que era muy grande, e nom perdião tempo pera tornarem a Cochym e se embarcarem em suas naos pera o Reyno; 'o que todos os capitães muyto recramarão que nom tinha d'elles necessidade a lhe estoruar a hirem fazer suas cousas, e concertar suas naos pera sua viagem, no que lhes fazia muyto agrauo sem necessidade, pois cada hum d'elles nom era mais que hum só homem, que tinha tantos que os escusauão. O Gouernador dessimulou com elles, dizendo que os nom requeria que fossem a Goa senão porque, se ElRey o culpasse que os nom chamara, elle désse de sy boa rezão; que por tanto elle os requeria que fossem, e se nom quigessem, que elle os nom queria leuar forçadamente, que fosse quem quigesse, que elle esperaua na paixão de Nosso Senhor de lhe dar vencimento de Goa, e que a noua mandaria a ElRey por suas cartas, as quaes mandaria nas mãos de seus mestres e pilotos, e nom lhas mandaria dar a elles, * que * pois engeitauão o trabalho nom auerião o gosto da noua. O que tanto demoueo aos capitães que alguns forão a Goa, como adiante direy.

O Gouernador se foy a Cochym assy esquipado, onde logo entendeo no caso d'ElRey de Cochym, e fez ajuntar os regedores e principaes caimaes, e lhe disse que lhe apresentassem os defeitos que tinha o Principe que querião meter na coua, e quem era o que querião fazer Rey. O que o Gouernador fez presente os capitães, em que ouve muytos debates, mas o Gouernador, sentindo que erão peitas que antre elles andauão, depois de muytos debates o Gouernador lhe disse a todos que o Principe auia de ser Rey, e outro nenhum não, por quanto era Principe jurado por ElRey de Portugal quando ganhara o Reyno ao Çamorym, e que reynan-

do, se n'elle ouvesse alguma falta, que elle acodiria a ysso, como acodiria se no Reyno ouvesse algum trabalho, porque o Reyno de Cochym estaua na obrigação d'ElRey de Portugal; e por ysso ninguem fallasse mais nada, e que logo mandasse dizer ao outro que estaua em Vaipim, que vinha pera reynar, que logo se fosse fóra de todolas terras de Cochym, senão que o mandaria buscar e o meteria nas galés: e fazendo a todos grandes ameaças os que mais n'ysso fallassem, com que leuou o Principe a suas casas, e ao outro dia, polo capitão da forteleza, com honras e festas de trombetas, lhe mandou leuar sua copa d'ouro, como era costume. Com que ElRey ficou firme em seu reynado, e com seu muyto prazer deu grande auiamento á carga a seis naos de Gonçalo de Sequeira, e quatro que ficarão d'armada do Marichal, com muyta diligencia.

Sendo esto assy acabado, o Gouernador disse a todos os capitães que elle se partia logo, e de Cananor auia de partir com quanta armada e toda a gente que pudesse leuar, e hir tomar Goa, como esperaua na paixão de Nosso Senhor qûe o ajudaria; e que lhe notificaua que assy o auia de fazer, e nom entender em outra cousa; que lho notificaua a todos, porque esperaua em Nosso Senhor que n'estas naos auia de mandar recado a ElRey que elle ficaua descansado dentro na çidade de Goa; e porque já era em outubro, quem tiuesse vontade de seruir ElRey, e ganhar tamanha honra como seria se achar em tão nobre feito, inda tinha tempo pera hir ver o feito e se tornar a embarquar em sua nao, leuando tanta honra de se achar no feito; que cada hum fizesse sua vontade, porque elle de tudo auia de dar conta a ElRey em suas cartas. Mas os capitães, incrinados em seus proueitos de vender e embarqar, derão pouqo por ysso, e o Gouernador se partio, dizendo que a ninguem auia de leuar contra sua vontade.

Chegado o Gouernador a Cananor, Duarte de Lemos lhe pedio licença pera se hir, que o Gouernador lhe deu, com lhe mandar pagar seus ordenados e de seus parentes, e lhe muyto encomendou que na sua nao leuasse hum alifante pequeno, que mandaua a ElRey, o que elle nom quis fazer, antes teue muytas destemporas com todos os oficiaes, porque era elle homem de forte condição.

O Gouernador em Cananor tinha prestes muyto pescado sequo, azeite, manteiga, coqos, jagra, e muyto arroz de Choromandel, que o feitor comprou e todo carregou na nao meril, de que se descarregou muyta

roupa, que foy pera' feitoria de Cochym, e fiqou em Cananor, e foy a Goa, que depois muytos anos durou a roupa da nao meril, que era muy poderosa. O que todo o Gouernador mandaua ao escriuão da nao que screuesse em seu liuro, porque de Goa auia de mandar a nao a ElRey de Cambaya com pagamento de toda a roupa; o que o Gouernador assy dizia porque fogisse a gente da nao, que tinha oitocentos marinheiros, que se fogissem nom teria quem nauegasse a nao.

Aquy a Cananor veo huma atalaya de Timoja, em que lhe mandou seu recado, dizendo que lhe tinha prestes muyto arroz, e vaqas seqas, e manteiga, e estaua concertado com ElRey de Garçopa [1] * pera com * sua gente por terra hir a Goa, que estaua em muyta desposição pera se tomar, porque o Hidalcão andaua em tantos trabalhos que a nom poderia secorrer, ainda que quigesse. Com que o Gouernador ouve muyto prazer, e o fallou com os capitães, com que todos ouverão muyto prazer. Logo o Gouernador repartio as capitanias d'armada que leuou, que forão duas galés nossas, e huma que fôra dos rumes, e cinco carauellas, e hum carauellão, e hum bargantym, e duas naos rumesas, que toda esta armada se concertara em Cochym este inuerno passado; e os quatro nauios de Diogo Mendes, e o mais forão as naos que forão a Gôa, que em Cananor concertarão com pendores, que em todo o mouro Cojebequi muyto trabalhou e ajudou o feitor, que do trabalho adoeceo pera morrer, e fiqou em Cananor, onde o Gouernador lhe mandou dar pera sua mantença dez pardaos d'ouro pera cada mês, onde hy esteue depois muyto tempo, e depois se foy a Portugal com Pero d'Alboquerque, sobrinho d'Afonso d'Alboquerque, quando acabou de ser capitão da forteleza d'Ormuz, que elle foy o primeyro capitão que n'ella fez Afonso d'Alboquerque quando acabou a forteleza. ElRey fez muyta honra ao Cojebequi, e o tornou a mandar á India com cinquoenta mil réis cad'ano pera sua mantença em quanto viuesse, e lhos pagassem em qualquer forteleza que elle quigesse estar, e que morrendo elle ficasse esta mantença a seu filho mayor; e com esta mercê se tornou n'armada do Gouernador Diogo Lopes de Sequeira, e viueo em Cananor, onde os feitores lhe fizerão taes pagamentos que elle e seu filho morrerão pedindo esmola.

Os capitães d'armada que o Gouernador leuou forão estes, a saber:

[1] * pera que com * Autogr.

dom João de Lima, dom Jeronymo seu irmão, Manuel de Lacerda, Fernão Peres d'Andrade, Simão d'Andrade seu irmão, Diogo Fernandes de Beja, Manuel da Cunha, Duarte de Mello, Francisco de Tauora, Vasco Fernandes Coutinho, e Gracia de Sousa, Gaspar Cão, Lopo Vaz de Sampayo, Ayres da Silua, Diniz Fernandes de Mello, João Serrão, Diogo Mendes de Vascogoncellos, e as suas naos, capitães Pero Coresma, Baltesar da Silua, mice Vinete Cerniche, Antonio Raposo, Simão Martins, Gaspar de Paiua, Francisco Pantoja, Bastião de Miranda, Afonso Pessoa, Jorge Martins de Lião, Francisco Pereira, que per todas forão vinte e oito velas, em que forão mil e setecentos homens portugueses, e muytos nobres fidalgos e caualleiros, aos quaes todos o Gouernador fez hum pagamento, a cada hum segundo sua calidade, e a cada capitão dozentos pardaos de mercê pera seu gasto. Pera este dinheiro ajuntar mandou em Baticalá vender muyto coral, e azougue, e cobre, e vermelhão das naos d'este ano, que trouxerão grande auondança; em que o pagamento passou de cincoenta mil pardaos: o que o Gouernador fez por leuar a gente contente pera o feito em que hia; e a Diogo Mendes deu cinco mil pardaos, que repartisse por seus capitães e gente, como lhe bem parecesse. E com esta armada se partio de Cananor em tres d'outubro d'este ano, e caminhando achou tanto contraste de vento contrairo, com que com muyto trabalho chegou ao rio d'Onor, onde sorgio a vinte e cinco do mês.

Chegando assy o Gouernador aguardou seis dias, que acabou de chegar toda' armada. Chegando o Gouernador, logo do rio sayo Timoja, com seis atalayas embandeyradas, com tangeres e festas, com que foy huma legoa ao mar, que o Gouernador mandou saluar com trombetas e lhe fez muyta honra; e lhe contou nouas de Goa, que o Hidalcão tinha tanta guerra que nom poderia acodir a Goa indaque quigesse, e deixara n'ella por capitão Roçalcão com quatro mil homens na cidade, e outro capitão com outros quatro mil homens na ilha e nos arraualdes; e gente da terra, piaẽs e naturaes, auia mais de dez mil; e que todos tinhão prometido de morrer na defensão da cidade, mas comtudo o Roçalcão tinha recolhido pera' cidade as molheres e filhos dos principaes homens que viuião por fóra, e que a cidade estaua muy prouida de mantimentos, e que hum rume, com trezentos rumes e abexins, daua muyta pressa ao corregimento das naos, que de todo estauão acabadas. O que ou-

vido polo Gouernador fiqou muy triste em seu coração, postoque o nom mostrou no rostro, e respondeo ao Timoja: « Indaque sejão outros tan- » « tos mouros eu tenho caualleiros que tomarão duas cidades como Goa. » Quando o Gouernador assy chegou era o Timoja desposado com huma filha d'ElRey da Garçopa, o qual tinha muyto rogado a Timoja que fizesse com o Gouernador que fosse tomar hum jantar a terra, porque o muyto desejaua de ver e lhe fallar, que por este prazer seu lhe faria ajuda n'este feito de Goa com sua gente. O Timoja, por se mostrar grande na amizade do Gouernador, lhe prometeo que o faria, e o pedio ao Gouernador muy afincadamente que lhe fizesse esta tamanha honra; do que muyto se escusou, mas o Timoja o tanto apertou, e os capitães que tomou por ajudadores, que lho concedeo por nom mostrar que nom confiaua n'elle, e comtudo com bom resguardo, e lhe disse que hiria a sua casa por lhe tanto rogar, mas que o comer auia de ser no mar; e o faria por amor d'elle, cousa que ElRey muyto defendia. O Timoja se mostrou contente, e se foy a terra aperceber o jantar.

Ao outro dia veo o Timoja com dezasete atalayas com suas esquipações muy louçãs, com seus tangeres e festas. E como veo a viração com a maré, o Gouernador entrou o rio embarcado em huma galé que fôra dos rumes, e com as outras duas, e o bargantym, e o carauellão, e com elle todos os capitães em seus batés concertados com berços, e toda a gente armada, dizendo o Gouernador a Timoja que a gente nom tinhão outros vestidos fermosos que suas armas; que queria que ElRey visse os portuguezes armados. Com que o Timoja mostrou prazer, postoque elle bem entendeo o Gouernador. As galés e batés, com bandeyras, entrarão o rio, e forão por elle ametade de mea legoa, onde estauão as casas do Timoja na borda d'agoa, e grandes ramadas pera' gente. A galé do Gouernador chegou a hum caez de pedra, onde o Gouernador desembarqou com todolos fidalgos, e os batés * forão * de longo do rio. Ao sayr do caez chegou ElRey de Garçopa, e se deceo de hum andor em que vinha, muyto riqo, e o Timoja diante, que o Gouernador recebeo com muytas honras e palauras d'amor, e muytos [1] * comprimentos * assy em pé, dizendo o Gouernador que pola muyta bondade de Timoja, e ser muyto verdadeiro seruidor d'ElRey de Portugal, elle folgara de ver sua filha,

[1] * com * Autogr.

e a elle, que era tamanho Rey e senhor, que estaua a seu seruiço com toda aquella gente. ElRey lhe rendeo muytos agardicimentos, e que elle mandaria por terra com Timoja quatro mil homens que o seruissem em Goa; de que o Gouernador lhe deu seus grandes agardicimentos, e se despedirão, e o Gouernador se tornou á galé, onde o comer foy tanto, e em toda a gente, que foy façanha, e toda a noite festas, e volteadores, e fogos arteficiaes, que tudo durou até pola menhã, que com o terrenho se sayo o Gouernador á vela, e se recolheo de pressa á nao, porque do mar vinha hum chuveiro, o qual tomou os batés, que sayão pola * barra *, com tromenta de vento que aleuantou o mar, com que se perderão tres batés, hum de dom João de Lima, e de Francisco de Tauora, e Francisco Pantoja, em que morrerão sessenta ou setenta homens, e os outros batés escaparão, porque vendo o tempo se tornarão pera dentro. D'este desastre ouve o Gouernador muyto pesar, e o Timoja ao outro dia assy veo muy anojado, dando logo muyto auiamento a carregar os mantimentos n'armada, até que chegou a nao meril, em que se acabarão de carregar, e o Gouernador mandou descarregar da nao roupas que valião cinco mil pardaos, que mandou dar ao Timoja pera pagamento da gente que auia de leuar, e tambem porque nom ouvera pagamento da outra que de primeyro leuára; e de tudo despachado, 'armada se fez á vela, e se foy sorgir em Angediua, pera tomar agoa e leynha, e assentar seu conselho.

CAPITULO XIX.

COMO O GOUERNADOR EM ANGEDIUA TOMOU CONSELHO SECRETO COM OS CAPITÃES E FIDALGOS SOBRE O FEITO DE GOA, E O QUE ASSENTOU, COM QUE SE PARTIO E ENTROU NO RIO DE GOA, E O QUE FEZ HINDO DETERMINADO A SÓMENTE QUEIMAR A RIBEIRA E ARRABALDES, E A NOSSO SENHOR, POR SUA MISERICORDIA, APROUVE QUE A CIDADE FOY TOMADA.

Afonso d'Alboquerque, Gouernador, depois que Timoja lhe disse a muyta gente que estaua em Goa, nom tinha nenhum repouso no coração, de dia e de noite maginando no feito de Goa; e assentado com o Timoja que mandasse por terra quatro mil homens de guerra, que o Rey de Garçopa lhe ajuntou escolhidos, chegando a Angediua com toda' armada, fez conselho com todos os capitães, e fidalgos que erão pera ysso, em que

elle propôs a pratica, dizendo: «Nobres senhores, bem sabeys todo o»
«feito de Goa passado, que fomos em posse d'ella, e com forçada ne-»
«cessidade a tornámos a largar, pola moltidão dos mouros contra que»
«nom pudemos resistir; mas o Hidalcão se gloriando, e os [1] * mou-»
«ros, dirão * por todas partes que nola tomarão por força d'armas; a»
«qual soberba muyto compre ao estado d'ElRey nosso senhor que nós»
«quebrantemos, porque seus opiniões nom creção contra nós, que nos»
«darão muyto trabalho se virem que nom podemos com elles, e nosso»
«credito, que atéquy temos ganhado, ficaria em muyta falta. O que to-»
«do maginando o muyto que compria nom passar embalde o começo»
«que temos feito em Goa, mas antes o acabar, e tornarmos a tomar á»
«força de sangue e fogo, por ysso, por enxalçamento da fé de Chri-»
«sto e estado d'ElRey nosso senhor, e * porque * nosso credito nom»
«desfaleça, antes se acrecente, ajuntey esta armada com vossas mercês,»
«em que está todo o poder que a presente se póde ajuntar; o que tudo»
«fiz com tenção de todo gastar n'este feito de Goa, per tal modo que»
«segura e certa nos ficasse nas mãos, porque assy nom sendo, ficaria-»
«mos tão danados, que as pedras se aleuantarião contra nós.»

«Mas agora tenho sabido certo que Goa está tão possante de gen-»
«te que será trabalho embalde tal cousa cometer, porque a cidade he»
«forte, como sabeys, e agora está melhorada, e chea de muytos mou-»
«ros guerreiros, determinados a morrer em sua defensão, e nom somos»
«ametade dos que auiamos de ser pera cometer esta cousa; o que muy-»
«to tenho maginado na fantesia, e me muyto lembra que hum morto,»
«deitado em huma coua, ha mester dous pera o tirar, e se estiuer vi-»
«uo, e nom quiser sayr fóra, auerá mester seis pera o tirar. Pois es-»
«tes estão viuos, e em sua coua, e auiamos de ser muytos pera os ti-»
«rar; e tambem vejo que estamos aquy á sua vista, e sabem que vie-»
«mos com proposito de os hir buscar, e se lá nom fossemos, e d'aquy»
«fizessemos outro caminho, tão soberbos ficárão que quererião hir após»
«nós, dizendo que himos fogindo. Polo que, antre tão videntes incon-»
«uenientes, o remedio que sinto milhor de todos, quanto a meu en-»
«tender, aquy a vossas mercês o apresentarey, porque com o pare-»
«cer e vontade de todos façamos o que Nosso Senhor nos der a enten-»
«der, porque esse será seu santo seruiço.»

[1] * mouros o dirão * Autogr.

«Digo que com toda boa ordem entremos o rio de Goa com toda» «'armada, e vamos sorgir ao valle de Banganim, em que mostraremos» «que nom himos buscar a cidade e em terra desembarcamos, e quei-» «maremos as naos e a ribeira, e [1] *faremos* todo o mal que puder-» «mos nos arrabaldes, e nos [2] *tornaremos* a embarcar sem mais en-» «tendermos com a cidade, e nos tornaremos a partir e hir a Cambaya,» «em modo que entendão os mouros que nom fomos a outra cousa mais» «que a queimar sua armada, que esta me parece a milhor dessimula-» «ção que podemos ter n'esta cousa. Ao que agora vossas mercês dêm a» «determinação que lhe milhor parecer, que logo ponhamos por [3] *obra*,» «porque se nom perqua o tempo.»

A todos pareceo muyto bem todo' arrezoamento do Gouernador, e muyto aprouarão sua determinação, e foy per todos assentado que assy se fizesse, sómente queimar a ribeira e arraualdes, se pudessem, e sem entender na cidade se tornassem a sayr, e hir a Cambaya assentar as pazes. E com este proposito assentado, partio o Gouernador com toda 'armada, e foy sorgir na barra de Goa já tarde, que nom pôde entrar, onde os capitães se forão ao Gouernador, que os chamou, e antre todos fez a repartição dos capitães, e gente que auia de sayr a terra, por esta maneyra: que elle com a bandeyra real se hiria tomar o outeiro em que agora está Nossa Senhora do Rosairo, onde estaria em corpo feito com quinhentos homens, pera acodir a defender a gente que podia acodir do arrayal; e Diogo Mendes de Vascogoncellos, com seu guião com tresentos homens, estiuesse em corpo na mea ladeira mais abaixo, que esteue onde ora estão as casas do capitão dom Pedro, na entrada do terreiro de santo Antonio. E todo o reste da gente fosse com Manuel de Lacerda, e dom João de Lima, com seus guiões, dar nas tranqueiras e estancias dos mouros, que tinhão muy fortes pera emparo e defensão das naos, em que estaua o capitão do mar do Hidalcão com dous mil mouros pera as defenderem. O Gouernador a todos muyto defendeo que ninguem pusesse fogo ás naos, se os mouros que as gardauão fossem desbaratados, o que muyto encarregou ao Timoja, que aquy vinha com quinze atalayas, porque a gente trazia por terra seu irmão com hum capitão d'ElRey de Garçopa; e o Gouernador disse ao Timoja, que sendo os mouros desbarata-

[1] *fazer* Autogr. [2] *tornarmos. Id. [3] *ora* Id.

dos d'antre as naos, elle com as suas atalayas ficasse em guarda das naos, que ninguem lhe pusesse o fogo senão quando elle mandasse. N'este esquadrão de Manuel de Lacerda, e com dom João de Lima forão dom Jeronymo de Lima, Lopo Vaz de Sampayo, Manuel da Cunha, Fernão Gomes de Lemos, Gaspar de Paiua, Ayres da Silua, Fernão Peres, Simão d'Andrade seu irmão, Gaspar Cão, e outros honrados fidalgos, cobiçando ganhar honra, porque lhe parecia que auia de ser ally a mór peleja, porque os que hião estar no outeiro nom serião mais que oulheiros; ao que se ajuntarão muytos outros fidalgos e valentes caualleiros. Ao esquadrão do Gouernador se ajuntou Diogo Fernandes de Beja, que elle chamou que com elle fosse, Francisco de Tauora, Nuno Vaz de Castello Branco, Jorge da Silueira, Afonso Pessoa d'Azeuedo, Manuel da Cunha, Ruy de Brito, Luiz Coutinho, Vasco Fernandes Coutinho seu irmão, Gracia de Sousa, Bastião de Miranda d'Azeuedo, Francisco Pereira Coutinho, Gonçalo d'Almeida, Simão Martins Henriques, Antonio Raposo; e ao esquadrão de Diogo Mendes se ajuntarão seus capitães Baltesar da Silua, Pero Coresma, mice Vinete Cerniche, Payo Rodrigues de Sousa, Diogo Pires de Miranda, Duarte de Mello, Aluaro Paçanha, Luiz Preto, Pero d'Afonsequa, Francisco Pantoja, Antonio de Matos, Antonio Diniz, João Serrão, Diniz Fernandes de Mello, e outros caualleiros honrados. E todos assy nomeados per rol do Gouernador, afora estes nomeados outros muytos fidalgos e caualleiros que se forão ao esquadrão da ribeira, onde lhe pareceo que era mais certa a peleja; e todo assy ordenado cada hum se concertou das armas do corpo e d'alma, quanto lhe compria, como fiés christãos.

Ao outro dia, que forão vinte e quatro dias de nouembro, domingo, bespora da bemauenturada santa Caterina, tanto que veo a viração com a maré, o Gouernador se meteo na galé rumesa, de que era capitão Simão de Miranda d'Azeuedo, e as outras galés, e o carauelão e bargantym diante, e as carauelas atrás, e toda a outra armada per ordem, embandeyrada, e cruzes de Christo nas velas, e padeses, e os batés com berços concertados, e tangendo o Gouernador as trombetas, e Diogo Mendes de Vascogoncellos, que tambem as tinha, e o Gouernador repartio as suas, que deu a Manuel de Lacerda e a dom João de Lima que leuassem no seu esquadrão, e foy sorgir toda 'armada defronte do valle de Banganim, ao que nom fez empedimento huma nao grande que os mou-

ros deitarão, carregada de pedra, no canal de hum baixo que auia no rio, porque a grande corrente d'agoa abrio e alargou outro maior canal. A nossa armada entrou o rio sem tirar nenhum tiro a Pangim, que tirou alguns tiros; entrando diante as atalayas do Timoja, da cidade, do cubello, tirarão alguns tiros que nom chegauão, mas d'armada nom tirarão nenhum tiro.

Ao outro dia, segunda feira vinte e cinco dias do mês, dia de santa Caterina, o Gouernador com toda a gente armada desembarqou ante menhã, que todos os capitães em seus batés se juntarão á galé do Gouernador, onde feita a confissão e assolução geral per frey Domingos de Sousa, da ordem de são Domingos, que toda a gente posta em terra parecião tres mil homens, porque cada capitão e fidalgo leuaua seus escrauos com suas armas, todos homens de peleja, que passauão de mil, que avultauão muyta [1] * gente, o * Gouernador caminhou pera o outeiro, ficando na ribeira o esquadrão de Manuel de Lacerda e dom João de Lima, que erão mais de oitocentos portuguezes, e com seus escrauos assy outros tantos; e no meo caminho fiqou Diogo Mendes com seu esquadrão, que erão mais de oitocentas lanças com os escrauos; e o Gouernador se pôs no outeiro com sua gente, que erão quinhentos homens, que parecião dous mil, que então esclarecia o dia, com que o esquadrão da ribeira começou a andar.

Os mouros, sendo o dia craro, que virão os nossos na ordem em que estauão, e á vista que lhe parecião dez mil homens, cuidarão que a gente do outeiro era pera dar no arraualde, e a outra queimar as naos e cometer a cidade; polo que no arraualde ouve grande grita no pouo, e apanhar o fatinho ás costas e fogir pera Banestarim, e assy na cidade, acodindo os mouros ás portas. A este tempo que o dia esclarecia, dom João de Lima, e Manuel de Lacerda com * o * esquadrão, tocando as trombetas, enuocando Santyago, bemauenturada santa Caterina, cometerão os mouros da ribeira, que aos nossos forão receber com muyto esforço, pelejando muy fortemente ás zagunchadas, e frechadas, e cutiladas, cubertos com suas grandes adargas, que os nossos muy leuemente passauão com as lanças, que os mouros largauão assy metidas nas lanças, com que embaraçauão os nossos e os ferião á sua vontade; em

[1] * gente com que o * Autogr.

que a grita era muy grande porque os mouros muyto se defendião, porque o lugar em que pelejauão era estreito e os nossos nom podião todos pelejar; o que sendo ouvido dos capitães e gente que estauão com Diogo Mendes, todos bradarão que acodisse, mas elle nom quis, dizendo que o Gouernador lho defendera. Mas a gente, tomando grande aluoroço, se veo polo outeiro abaixo dando grande grita, bradando Santyago, e chegarão aos mouros que pelejauão, os quaes sentindo o secorro se forão retraendo, sempre fortemente pelejando, com que a gente de Manuel de Lacerda teue lugar com que chegarão ás tranqueiras perante as naos, onde ouve grande trabalho, porque os mouros se muyto defendião detrás das tranqueiras; mas o Timoja da banda do mar chegou com suas atalayas com sua gente, e tambem os batés em que estauão os marinheiros, tirando com os berços com grandes gritas, que os mouros sentirão, e cuidarão que outra gente desembarcaua; com que se forão apanhando d'antre as naos, caminhando pera a cidade pola borda da praya, até chegar a hum regato d'agoa que vinha da caua da cidade, que era chea d'agoa toda em roda. Os mouros se forão passando o regato, correndo ao longo do muro, e se metendo na cidade per huma porta de postigo, per que se seruião pera' ribeira; mas os mouros erão tantos que nom podendo entrar polo postigo correrão ao longo da cidade, per antre o muro e agoa da caua. Os nossos sentindo afroxar os mouros os apertarão com muyto esforço, ás lançadas e com panellas de poluora, em que a peleja era muy grande, com muytos mortos e feridos, ao que chegou a gente de Diogo Mendes, que todos deitarão a correr polo outeiro abaixo 'ajudar contra os mouros, com que de todo forão arrancados d'antre as naos, fogindo pera o postigo, per que entrauão pouqos porque era a porta pequena, e corrião ao longo da caua por derrador da cidade, fogindo quanto mais podião, e os nossos nas costas ás lançadas, nos dianteyros dom Jeronymo de Lima, e dom João de Lima seu irmão, Lopo Vaz de Sampayo, Jorge da Cunha, Martim Coelho, Manuel de Lacerda, Bernaldim Freire, que todos estes andauão já feridos de frechas, mas tanto seguindo os mouros que já todos hião em fogida, correndo ao longo da caua, porque nom cabião pola porta, que era pequena.

O Roçalcão, capitão, estaua muy a recado na cidade com muyta gente, e vendo que polo mar nom hião as galés e batés a combater a cidade, mandou recado a Pulatecão, capitão do arraualde, que acodisse

com sua gente á ribeira, onde era a peleja; o que assy fez, que acodio com muyta gente, e deu com os mouros que hião fogindo da ribeira, de que a caua era chea, que os nom pôde reter. O Gouernador, vendo os mouros que vinhão a secorrer que erão muytos, mandou Nuno Vaz de Castello Branco, e Jorge da Silueira, Diogo Fernandes de Beja, Antão Nogueira, que corressem ao encontro dos mouros com cem homens, os quaes o Gouernador despedio tangendo as trombetas, chamando Santyago; mas a gente ouve tamanho aluoroço que toda desmandada correo polo outeiro abaixo, o que vendo os mouros que vinhão do arraualde, que os nossos hião assy correndo a dar n'elles, e vendo que os seus todos hião fogindo, tambem assy o fizerão, sem aguardar que os nossos chegassem; o que vendo o Gouernador correo a reter a gente, o que fez com muyto trabalho, que sómente pôde recolher até dozentos homens, com que se deixou estar quêdo.

Estes capitães e gente do Gouernador, com enueja dos outros que pelejauão, correndo se meterão após os mouros, que enuoltos antre elles, passando o ribeiro da caua forão ter ao postigo perque se os mouros metião, e nom defendião a porta com pedras de cyma porque na porta nom auia torre sobre a porta, nem o muro tinha andaimo por dentro. Os mouros, vendo os nossos que chegauão á porta, acodirão muytos com zagunchos a defender a entrada, e outros pondo forças a querer fechar as portas, que casy meas fechadas, as lançadas fraguando e ferindo os [1] * mouros, forão * tantos de dentro, e outros que acodirão a entupir com pedra, que as portas nom puderão çarrar de todo, porque ficarão as lanças dos nossos tomadas antre as portas, e mórmente huma aste grossa de huma chuça de Diniz Fernandes de Mello, que nom pôde tirar; com que pola abertura da porta os nossos fraguauão ás lançadas, mas os mouros de dentro acodirão com tantas pedras que atupirão a porta, que os nossos nom puderão entrar.

Assy estando n'este trabalho, os nossos forão correndo ao longo do muro, que nom era muyto alto, e logo perto da porta o muro fazia como chapa, ao que tomou atreuimento hum valente caualleiro chamado Fradique Fernandes, homem pequeno de corpo, que arrimou sua lança ao muro, e tanto trabalhou que por ella e polo recosto do muro sobio

[1] * mouros que forão * Autogr.

em cyma, e se pôs antre as ameas, bradando que lhe dessem hum guião, que lhe deu João Cartaxo, que o leuaua de Fernão Peres d'Andrade; que o tomando o alevantou, bradando Portugal! Portugal! Vitoria, senhora santa Caterina! Ao que acodirão de dentro os mouros ás frechadas, porque o muro nom tinha andaimo. Assy como ysto fez Fradique Fernandes o fez João Pereira, mulato reposteiro da ifante dona Beatriz, e logo sobirão outros muytos, que se punhão antre as ameas, porque nom tinhão por onde decer dentro ao terreiro que hy estaua grande, onde estaua hum tanque grande d'agoa, laurado de cantaria. Acodirão os mouros a pelejar e ferir com zagunchos d'arremesso os nossos que estauão antre as ameas, com a qual apressão os mouros largando a porta, que ficaua com muyta pedra, os nossos puserão tantas forças que a abrirão hum pouqo, com que hum homem pôde entrar, que foy o primeyro hum João Corces, homem canario, que logo foy morto, e os nossos com as lanças e com as mãos forão empuxando algumas pedras, e com grandes forças que os nossos puserão as portas derão mais lugar, e entrou hum Gonçalo de Bulhões, e outros, que se acuparão a tirar algumas pedras, com que a porta abrio, com que entrou Diniz Fernandes no terreiro, e Ayres da Silua, e Lopo Vaz de Sampayo, e Pero de Ornellas, e logo outros que fizerão corpo, que se meterão ás lançadas com os mouros, com que o Fradique Fernandes, e João Pereira, e outros que estauão no muro com suas lanças, decerão ao terreiro a pelejar; ao que Manuel de Lacerda, com outros fidalgos, se meteo a tirar a pedra da porta, que de todo fiqou aberta, e entrou a gente.

O Roçalcão, sendolhe dito que os nossos querião entrar a porta, acodio ao longo do muro com muyta gente, que vinha da porta da cidade onde ora está Nossa Senhora da Serra, mas vindo assy, que lhe disserão que já os nossos erão entrados na cidade, fez a volta pola cidade pera acodir á forteleza, mas achou toda a gente que fogia pera fóra, e se deitauão polos muros fóra porque nom cabião pola porta; ao que acodio a reter a gente, no que nom teue possiuilidade, e os andaua ferindo com hum zaguncho.

Além do tanque auia huma ribanceira grande, onde ora está o poço da Sé, e em cyma estaua huma grande aruore de sombra, com grande peitoril onde os mouros se punhão a tomar viração, onde a esta ribanceira acodirão muytos mouros, e frecheiros que tirauão e muyto fe-

rião. Manuel de Lacerda cometeo per hum caminho estreito, perque nom cabia mais que hum só homem, pera hir á ribanceira, ao que se chegou muyta gente, mas receberão grande dano das frechas de cyma. Então auia já muyta moltidão de mouros que acodirão ao longo do muro per ambas as partes, com que os nossos tinhão grande peleja, * a saber * : Diogo Mendes de Vascogoncelos com seu guião, e capitães, e * com * elle nobres fidalgos, Aluaro Paçanha, Diogo Peres de Miranda, Payo Rodrigues de Sousa, Duarte de Mello, Baltesar da Silua, Pero Coresma, João Pereira, Francisco Pantoja, acompanhando com Diogo Mendes, que tomou pela mão direita, pelejando com muytos mouros fortemente ás lançadas.

Dom João de Lima deixou a profia da ribanceira, e com seu irmão, e Diogo Fernandes de Beja, Fernão Gomes de Lemos, Gonçalo de Crasto, Simão d'Andrade, André da Silueira, Ayres da Silua, Manuel da Cunha, e Lopo Vaz, Bernaldim Freire e outros muytos fidalgos e caualleiros, que se [1] * fizerão * em corpo de oitocentos homens, tocando as trombetas, tomarão o caminho ao longo do muro pola mão direita ao longo do rio, caminhando pera' forteleza per huma rua larga que auia, pelejando com moltidão de mouros, que nom cabião pola rua que era bem larga, em que todos os nossos hião pelejando; onde assy hindo foy ferido dom Jeronymo de Lima, de huma frecha perdida, polo pescoço, que lhe tocou a garganta, de que logo foy mortal e cayo; o que sendo dito a seu irmão dom João de Lima tornou atrás, e lhe fallando, que o vio mortal, com lagrimas o abraçou. Dom Jeronymo lhe disse : « Irmão, hi vosso ca- » « minho, que eu me vou o meu. » E deu 'alma. Dom João com tal dor deixou o irmão, e se tornou á dianteira da gente em que hia pelejando.

Manuel de Lacerda nom cessou da prefia de sobir a ribanceira, com Diniz Fernandes de Mello, Pero d'Afonseca, João Serrão, Luiz Coutinho, Simão Martins, Afonso Pessoa, e outros, com trezentos homens que aprefiauão sobir a ribanceira, em que os mouros fizerão grande ferimento nos nossos de frechadas, porque polo caminho nom podião sobir senão hum homem ante outro, mas assy estando na prefia, tangerão as trombetas o esquadrão chegando á vista dos mouros da forteleza, o que ouvindo os mouros da ribanceira as trombetas que lhe tangião nas costas, porque

[1] * afizerão * Autogr.

d'esta ribanceira se fazia grande terreiro, em que estauão as casas do Sabayo, entrando nos mouros espanto do tanger das trombetas acodirão pera lá muytos, com que afroxando as frechadas, Manuel de Lacerda, cuberta a cabeça com sua adarga, e com a espada na mão, sobio acyma, onde se descobrindo, das muytas frechadas que lhe tirauão huma lhe deu na face da mão esquerda, e lhe entrou na queixada, a que elle lançou a mão, e a não pôde tirar, e quebrou, ficandolhe hum pedaço de cana com o ferro trancado no rostro, que o tanto atormentou que ouvera de cayr; mas elle, como valente caualleiro, se esforçou com fauor dos que hião nas suas costas, que erão Luiz Coutinho, Fernão Gomes de Lemos, Martim Coelho de Sousa, e Gaspar Cão, que sobirão acyma, onde os mouros lhe derão muyta apressão, e todauia os nossos entrando mais, que afastarão os mouros de sobre o caminho, se meterão com elles ás lançadas, fazendo todos façanhas de grão pelejar, com que os outros acabarão de sobir, e outros muytos que vinhão de fóra, em que Diniz Fernandes de Mello, como se vio em cyma da ribanceira, bradou: « Santa Caterina! Santa Caterina! que vossa he a cidade! » Com * que * todos cometerão tão fortemente os mouros que os leuarão do terreiro, e se colherão ás casas do Sabayo, que erão muyto fortes, e em grandes alpendres que tinhão.

Diogo Mendes, pola parte que foy, achou tão grande resistencia nos mouros que os nom pôde entrar, mas ouvindo o tanger das outras trombetas tambem mandou tanger as suas, que erão detrás das casas do Sabayo, e se foy pera lá chegando, nom sabendo que os nossos tinhão ganhado o terreiro. O Roçalcão repartio a gente a todas partes, onde elle acodia a todas partes com dozentos mouros, os principaes, que andauão em cauallos acubertados: o que era já casy oito horas do dia, que o Gouernador se nom bolia d'onde estaua pedindo misericordia a Nosso Senhor, que ajudasse os seus fiés christãos, que por elle e sua santa fé pelejauão; e estaua contra vontade de todos que ouvião a grita dentro na cidade, do que elle estaua muy timorizado, nom sabendo o que passaua, pois lhe nom vinha nenhum recado; e todos assy o fallauão, e estauão duvidosos nom sabendo o que passaua, sómente vião fogir toda a gente dos arraualdes pera Banestarim. Antão Nogueira, nobre fidalgo, disse ao Gouernador: « Senhor, a cidade he entrada dos nossos, e ganhada n'es- »
« te dia, que n'este lugar inda estará casa de Nossa Senhora do Rosai- »

« ro. » Ao que lhe o Gouernador disse : « Casa de Nossa Senhora, e do »
« bemaueuturado santo Antonio. »

Estando assy, virão hir polo outeiro acyma correndo hum homem a cauallo, bradando : « Senhor Gouernador, vinde entrar na cidade que » « he ganhada 'os mouros. » Este era João Pereira, mulato da ifante, que entrando no terreiro do Sabayo vio hum mouro que hia fogindo em hum turqym murzello, e foy a elle e o derrubou da lança e o matou, e á pressa sobio no cauallo turquy e deceo pola ribanceira, e foy dar a noua ao Gouernador, o qual ouvindo se pôs de joelhos, e todos, bradando senhor Deos misericordia ; * e * enuocando Santyago, santa Caterina, caualgou no cauallo e veo entrar na cidade, onde entrando pola porta se deceo do cauallo, e pôs em joelhos com as mãos aleuantadas ao Céo, * e * fez oração com lagrimas nos olhos de grande prazer.

O Roçalcão, postoque muyto sostinha os mouros, nom pôde tanto que ousassem d'aguardar na forteleza vendo os nossos tão furiosos no pelejar, que logo começarão a fogir pera a parte do Mandouim, lançandose polo muro fóra pera a banda da ribeira, com grande medo. Todolos outros se ajuntarão , caminhando pola rua direita pera a porta da cidade, com que ajuntarão os outros que vinhão das casas do Sabayo, que erão tantos mouros que hião as ruas cheas, que nom cabião, fogindo polas portas pera fóra, cada hum leuando as molheres e filhos, que saluarão da forteleza. E porque assy os mouros erão muytos, os nossos nom apertauão muyto com elles, dandolhe vagar que pudessem sayr polas portas, que erão duas n'esta rua direita ; mas comtudo a peleja era muy grande, e muytos feridos. Outros, que tiuerão mais cuidado de roubar que ganhar honra, em quanto pelejauão os fidalgos e bons [1] * capitães, se * espalharão a roubar, que nom achauão quem lhe resistisse. Os mouros, sendo assy muytos, que nom podião sayr polas duas portas que estauão juntas onde agora está a capella de Nossa Senhora da Serra, onde auia grande terreiro, e estaua huma grande aruore de sombra, onde tudo era cheo de mouros, os quaes, sendo muyto apertados dos nossos, se forão ao longo do muro per dentro da cidade, pera se sayrem pola porta do Mandouim, que era pequena como postigo. Os mouros acharão muytos portuguezes desmandados, que andauão a roubar, e de-

[1] * capitães outros se * Autogr.

rão n'elles, matando muytos e * ficando muytos * feridos, que tornarão fogindo pera onde estauão os outros pelejando: no que ouve grande grita e aluoroço e muyta toruação nos nossos, cuidando que erão mouros que vinhão de refresco; com que então apertarão muyto mais os mouros per todas partes. E porque fóra da porta do Mandouim auia huma ponte de páo que atrauessaua a caua, e a pressa era grande, que nom cabião pola ponte, cayão d'ella abaixo, em que se afogarão muytos, que 'agoa da caua era funda. E sendo os mouros enxorados fóra da porta os nossos a fecharão, e atupirão com muyta pedra, e se tornarão de longo do muro pera as portas que chamauão dos baçaes, onde já os mouros erão pouqos; e os derradeyros andauão em cauallos acubertados muyto pelejando, defendendo os que sayão, porque o Roçalcão já era saydo fóra, dando muyta pressa a toda a gente que se fosse pera Banestarim, auendo grande medo que os nossos sayrião fóra a roubar os raualdes; polo que no pouo que fogia auia grandes gritas, e muytos que punhão fogo a sua fazendas que nom podião leuar. Os mouros de cauallo pelejauão muy cruamente, trabalhando por saluar os que sayão pera fóra. Aquy hum mouro leuaua nas ancas do cauallo sua molher ou filha, e vendose muyto apertado que se nom podia saluar, que o ferirão de huma lançada, virouse pera trás, e com seu traçado matou a molher que trazia, vendo que a nom podia saluar. Durou aquy a peleja grande pedaço, até de todo os mouros acabarem de sayr, que a estas portas no terreiro ficarão mortos mais de trezentos mouros, e per toda a cidade mais de 'dous mil. Todo o pouo que fogio pera Banestarim, e pera os outros passos, foy a pressa tamanha ao passar que se afogou grão numero de pouo. A gente de gornição, de que hião muytos feridos, se colherão com o Roçalcão pera Banestarim, fazendo grande roubo nos arraualdes e nos que fogião.

O Gouernador, tanto que entrou a cidade, se pôs na ribanceira com a bandeira real; esteue quêdo, que d'ally nom quis acodir a nenhuma parte, e estaua com sómente cem homens, que tinha por força; e postoque muytos lhe vinhão dizer que já os mouros erão fóra da cidade, nunqua se mudou d'onde estaua, até que os capitães o vierão buscar, sendo já as portas fechadas. O Gouernador se deceo do cauallo, e com choros de prazer recebia a todos, e mórmente que chegando Manuel de Lacerda, e o vendo assy com a frecha no rostro, e tintas as armas do sangue, o abraçou, beijando na face, lhe dizendo: «Senhor, fermoso são»

«Jorge na riqueza das armas esmaltadas de vosso sangue, de tanta hon-»
«ra de vosso martyrio, como hum são Sabastião.» E com outros abraços a dom João de Lima, dizendo que o sacreficio de seu irmão morto, que *a* elle já lho tinhão dito, fôra coroa de sua mais honra; e a Diogo Mendes, que tambem vinha ferido, lhe dizendo: «Senhor, esta foy»
«a riqueza de vossa Malaca.» E assy abraçando quantos vinhão, a todos fallando palauras de grandes contentamentos e honras; e se pôs em joelhos, pedindo a todos que fizessem huma oração á bemauenturada santa Caterina. E o padre frey Domingos de Sousa cantou sua oração, dizendo o Gouernador que n'aquelle lugar se faria sua santa casa. E com toda a gente se foy pera as casas do Sabayo, onde muytos fidalgos lhe pedirão cauallaria, do que elle se escusaua, dizendo que nom era elle merecedor de lhe dar tal honra, que elles a tinhão ganhado com seu sangue, com tanta honra que ficaua bastante pera suas gerações; que lhes pedia por mercê que tomassem a cauallaria, e honra, da mão dos nobres capitães que a cidade ganharão, que elle nom tinha do feito mais honra que sempre dizer seus tão honrados feitos; e todos aprefiando, gastou o dia em fazer caualleiros até horas de comer, que trouxerão dos nauios. E no alpendre das casas mandou agasalhar e curar muytos feridos, que muyto pedio aos capitães que d'elles tiuessem muyto cuidado, e se aposentassem per onde achassem casas á sua vontade.

CAPITULO XX.

DE COMO O GOUERNADOR FORTIFICOU A CIDADE DE GOA E ASSENTOU O POUO DOS GENTIOS; E GRANDE DESTROIÇÃO QUE FEZ NOS MOUROS, E FEZ TANADAR MÓR DAS TERRAS DE GOA A MELRAO, E O QUE PASSOU COM O TIMOJA SOBR'YSSO.

Ao outro dia, que foy segunda feira, o Gouernador mandou alimpar as casas do castello da cidade, que era aposento do Hidalcão, e se foy lá com toda a gente, e ahy se aposentou, e mandou vir toda' armada pera diante da cidade. Encarregou Diniz Fernandes de Mello que corresse a cidade, e pusesse em boa guarda as casas em que achasse mantimentos, em que se acharão grandes tercenas d'elles, e nom se achou muyto fato que roubar, porque a cidade estaua acupada com os mouros e gente de

gorniçáo. O Gouernador defendeo com grandes pregões que ninguem saysse a roubar os arraualdes, porque nom tinha noua certa o que era feito da gente dos mouros que sayrão da cidade, e n'ysto mandou ter grande vigia. E mandou as galés, e carauellão, e atalayas de Timoja, que com a maré fossem polo rio correr a cidade em roda; o que assy fizerão, e virão que todos os mouros estauão nos passos, a que tirarão muytos tiros em passando, e sayrão por Goa velha, e tornarão com a viração a entrar pola barra; e souberão que mais d'ametade dos mouros, que sayrão da cidade, logo se forão aos passos passar pera terra firme, em que as embarcações erão poucas, e a gente muyta, e a pressa grande, com que se perderão e afogarão no rio mais de tres mil almas de familia. E dos mouros na peleja, nas naos e dentro na cidade, morrerão passante de mil e quinhentos, afora os que depois morrerião das feridas. E dos portuguezes mortos passarão de trinta, em que homens nomeados foy dom Jeronymo de Lima, Aluaro Paçanha, Simão Martins Anriques, Luiz Preto, Pero d'Ornellas, João Martins de Lião, Duarte Ferreira, Filipe Rodrigues de Mello, Gonçalo de Crasto, Pero da Fonseca; estes casy todos de frechadas ao sobir da ribanceira, e os outros morrerão em outros dias, assy de frechadas e feridas, que os feridos passarão de dozentos, de que muytos ficarão aleijados.

E á terça feira o Gouernador caualgou com alguns fidalgos em sindeiros que se acharão polas casas, e com muyta gente armada sayo aos arraualdes, que andou correndo; e largou a gente que roubassem, porque elle dera escala franca, que sómente tomou pera ElRey 'armada e almazens, e artelharia. Achouse pouqo despojo, porque estauão com este arreceo de os nossos tornarem a tomar a cidade. E porque muyto pouo dos gentios, que se nom puderão passar a terra firme, estauão fogidos pola ilha de Goa em aldeas, o Gouernador mandou Fernão Peres d'Andrade com quatrocentos homens, e o Timoja com trezentos piães, que fossem apregoar seu seguro a toda a gente, que se tornassem pera suas casas, e que os mouros se sayssem fóra da ilha, porque todos os que achassem auião de ser mortos; o que lhe assy apregoauão na lingoa da terra, com que muyto pouo se veo pera os arraualdes, e com a magoa que tinhão dos malles que os mouros lhe fazião, os andauão acusando, e descobrindo polos matos em que estauão escondidos, onde o Timoja os hia buscar com Diogo Fernandes adail, que com dozentos homens corria

tudo, em que matou muytos mouros, e molheres e mininos, que assy lho mandou o Gouernador. Achouse nos almazens grande prouimento d'armada. O Gouernador repartio todo o muro da cidade em estancias, em que repartio capitanias aos fidalgos com suas gentes, a que ordenou vigias e sobre rolda. E assy repartio nauios de vigia polos rios, e tudo pôs em boa ordem. E d'ahy a dous dias chegou por terra a gente de Timoja, e Garçopa, que o Gouernador tornou a mandar com sua carta de grandes agardicimentos a ElRey, e sómente da gente de Timoja mandou entrar mil homens guerreiros, os quaes repartio em tres capitanias, e cada huma com vinte portuguezes, que corressem a ilha á caça com os mouros que achassem polas aldeas e matos; e forão os capitães o Timoja com Aluaro Botelho, e Gaspar de Paiua, e Antonio da Costa.

E logo o Gouernador escreueo cartas pera ElRey por quatro vias, que repartio huma a Gonçalo de Sequeira, e outra a Duarte de Lemos, e as duas em naos apartadas, em que lhe deu larga conta do feito de Goa, e dos seruiços dos homens. Assy escreueo carta a ElRey de Cananor, e de Cochym, e outra a Gonçalo de Sequeira, em que lhe assy daua conta do feito de Goa, com muy grandes louvores dos fidalgos que pelejarão, nomeando a cada hum; do que a Nosso Senhor daua muytos louvores, que tinha Goa tomada aos mouros ás lançadas, e lhe sobejara tempo pera carregar outras tantas naos como elles tinhão carregadas, com suas caixas embarcadas; do que ninguem lhe tinha enueja, nem lhe trocarião o que tinhão ganhado polo que elles leuauão polo mar, que Deus leuasse a saluamento, porque a ElRey leuassem a boa carga das nouas que leuauão.

O Gouernador, vendose apoderado de Goa, e muy temeroso do trabalho que auia de ter com a guérra que auia de ter com o Hidalcão, ou suas gentes, que estaua certo que auia de mandar fazer a guerra, porque Goa era a mór honra e poder que elle tinha, polo muyto que lhe rendia, e os grandes concertos e messagens que tinha de todolos Reys e senhores que tinhão nauegações que vinhão a Goa, em que auia grande escala de todolas mercadarias, o que nom tendo recebia grande perda, e mórmente descredito de sua honra pera com seus imigos com que andaua em guerra, que muyto mais o desestimarião; as quaes circustancias o Gouernador muyto bem sabia, com que ajuntaua que Goa era a primeyra cousa que na costa da India se ganhara por guerra, com que o

estado d'ElRey era mais aleuantado na India do que nunqua fôra, e tanto quanto mais seria defendendo Goa do Hidalcão, que poló tempo em diante, se Nosso Senhor fosse seruido, seria huma grande cousa, a mayor da India, por estar no meo da costa, que seria cabeça de todo o estado e poderio da India, polo que muyto compria conseruala e sostentala, e fazer poderosa, * e * segura ao senhorió de Portugal, a qual se podia fazer tão forte que cousa lhe pudesse empecer polo mar nem pola terra; as quaes sostancias o Gouernador muytas vezes praticaua com os capitães e fidalgos, em praticas que sobre ysso mouia, em que achaua em todos repostas muyto conformes á sua vontade, todos afirmando que Goa se auia de segurar e defender, e sobre ysso gastar todo o poder da India, porque largar Goa como se largara nom fôra quebra nenhuma, por ella s'entregar por sua vontade e mais com tão forçada necessidade, nom podendo resistir ao grão poderio de gente como trouxera o Hidalcão, mas agora que Goa era ganhada per força d'armas, com tanto sangue derramado dos portuguezes, compria muyto ao estado da India soster Goa contra toda guerra do mundo, e sobre ysso gastar todo o poder da India, e pera ysso a fazer fortissima quanto fosse possiuel, que de cada vez mais se acrecentaria cad'ano com as armadas do Reyno, que ally virião descarregar e vender, em que todos auerião muyto proueito, com muyto nobrecimento e acrecentamento, se Nosso Senhor fosse seruido. Polo que o Gouernador, achando os fidalgos conformes a seu desejo, assentou em fortificar Goa, quanto fosse possiuel, pera sua defensão; e com esta vontade, e as que achaua nos capitães e fidalgos, ordenou sua obra, sobre conselho tomado, em fazer de nouo o castello da cidade. Pera o que ordenou veadores da obra, e oulheiros, e mandou cortar muyta pedra, e fazer muyta cal, que se fazia de casca d'ostras queimadas, de que auia grande auondança no rio; e tendo junta grande auondança d'estas cousas, tendo hum mestre d'obras muy sabido, chamado Tomaz Fernandes, e vinte pedreiros portuguezes, que se descobrirão pera fazer a obra, a que o Gouernador deu bons ordenados, com estes, e com pedreiros da terra, e muytos cabouqueiros e trabalhadores, a que elles chamão bigairins, e homens portuguezes com os capitães repartidos * polos * dias de trabalho, começou a obra em primeyro de dezembro, e inda com tenção de tanto trabalhar que se tudo pudesse acabar, e lhe ficasse tempo pacifico * pera * hir a Ormuz, se fosse possiuel, e tornar a enuernar

a Goa. E com esta tenção começou a desfazer o castello, e o fundar de nouo com alicerces e muy grossas paredes, com que fundou huma torre de menagem de dous sobrados, de que podião tirar peças grossas, e fez duas torres quadradas, huma pera a cidade da parte do Mandouim, e outra sobre a porta do caez, e fez a porta antre a torre da menagem e a torre do caez, com sua porta d'alçapão muy forte, e da torre do Mandouim fez muro com huma coiraça pera hum baluarte oitauado, que fundou no rio, com suas bombardeiras ao lume d'agoa. E fez hum muro de barbacã em roda do castello, todo com bombardeiras, e per fóra larga caua que se enchia d'agoa no inuerno, e fez hum falso postigo na torre do caez, com mina por debaixo, que hia sayr á porta do caez. E da torre do caez fez muro com grande chapa pera a banda do rio, tudo muy forte quanto foy possivel, dando em todo muyto auiamento por sua pessoa, que sempre estaua na obra, e tinha seu dia de trabalho como os capitães, em que todos trabalhauão com a pedra ás costas. E como a obra do castello toda em roda foy em mea altura, repartio os oficiaes e trabalhadores pola cerqua da cidade, fazendo muro forte polas partes que mais danificado estaua, e sobre as portas, e polo muro em roda, em todo fez cubellos sobradados no andar do muro, fundados em baixo na caua, com bombardeiras que varejauão todo o muro.

E porque auia mester moeda miuda pera os trabalhadores, fez casa de moeda com mestre e oficiaes, em que mandou laurar moeda de cobre grossa e miuda, * e * d'ouro e prata, assy como atrás já fica contado, a qual casa de moeda fez onde ora he a rua que vai por detrás das casas do bispo; e no proprio lugar em que estão as casas mandou fazer huma casa terrea comprida, em que fez esprital pera os doentes, com seu enfermeiro, e prouimento de mézinhas e gasto pera os doentes, que o feitor pagaua. E junto da casa do esprital mandou fazer a casa de santa Caterina, que era de taipas e cuberta de palha, o que assy erão as outras casas, porque nom auia telha; na qual igreja sómente estaua hum altar com huma pentura na parede da bemauenturada santa Caterina. E porque ally estauão perigosos os ornamentos, por a casa assy ser fraqa, e mal fechada, e perigosa do fogo, ordenou que dentro no castello, em huma varanda das casas, que era grande, se dixessem as missas; o que se fez por muyto tempo, esperando de fazer a igreja como compria. E 'aruore grande do terreiro ficaua na porta principal da igreja, como ora

está. E como todo o intento do Gouernador, e mór desejo de su'alma, era que Goa assentasse em poderio e firme posse, que em nosso poder durasse pera sempre, e Nosso Senhor seja louvado, hoje em dia está, consirando como ysto ouvesse mais firme assento, determinou fazer casamentos [1] * dos * portuguezes com as molheres da terra, que em Goa estauão em poder dos portuguezes que as catiuarão na tomada da cidade, e outras de primeyro que elle tinha em Cananor, que inda estauão gentias, e que sendo assy casadas, e honradas na conuersação dos maridos, serião perfeitas christãs, e seus pays e parentes que estauão nas terras derrador de Goa, sabendo que nom estauão catiuas, mas casadas e honradas, amansarião seus corações, e odios que tinhão de seus catiueiros; o qual sacramento do santo matrimonio Nosso Senhor aueria por seu seruiço acrecentar e montepricar em segura paz. As quaes rezões muytas vezes mouia em praticas com os capitães: o que elles nom aprouauão, porque lhes parecia que nom aueria homem que casasse que prestasse pera nada; mas o Gouernador em pratica dizia que aos homens que casassem lhe faria tantos bens que outros lhe ouvessem enueja, e lhe daria qualquer molher que lhe pedissem, e lhe daria casa e patrimonio em que viuessem, e dinheiro com que ganhassem sua vida.

Polo que, ysto ouvido muytas vezes ao Gouernador, alguns homens baixos e pobres, que andauão [2] * degredados, folgarão * de casar e pedirão molheres ao Gouernador, que lhe elle daua com dinheiro de mercê em nome d'ElRey, e lhe daua casas e chãos, fazendolhe muytas honras e fauores; dizendo: « Agora vos rogo com molheres fermosas, e dinhei- » « ro, e heranças. Se a Deos aprouver, tempo virá que outros milhores » « me rogarião, se eu muyto viuesse. Douvos dez braças de terra por » « hum cruzado. Se Deos for por nós, tempo virá que venderês a braça » « por hum palmo d'ouro. » Os degredados que se casauão os assentaua em soldo e mantimento, e lhe fazia quanto elles querião; se algum se agrauaua d'homem casado o nom queria * ouvir; * e se algum casado se queixaua de algum homem outro, lhe tomaua penas de dinheiro, que daua ao casado; e se algum se queixaua d'homem que lhe olhaua pera sua molher, logo o degradaua fóra da cidade. E se algum lhe pedia alguma molher que era catiua, e indaque fosse comprada por dinheiro, logo a

[1] * os * Autogr. [2] * degradados que folgarão * Id.

tomaua a seu dono, e [1] * leuaua * á sua casa, e a mandaua vestir de panos de seda e joyas d'ouro, e perante sy as mandaua receber e lhe dauá as mãos, e lhe dizia as palauras, e os mandaua pera sua casa acompanhados dos homens de sua guarda. E se algum homem se queixaua de lhe tomar a sua escraua pera casar, o Gouernador muyto mais se queixaua com elle, dizendo que era contrairo e imigo ao seruiço de Deos; que por tanto ninguem lhe estoruasse sua noua sementeira que fazia, senão que o destroiria, e nunqua entraria em Goa. E aos casados ensinaua e mandaua que se fizessem padeiros e tauerneiros, porque sem duvida, que se Goa em nossas mãos durasse, auião de ser os principaes oficios de Goa; o que os casados assy fizerão, que cada hum punha tenda do que sabia, que erão çapateiros, e pedreiros, carpinteiros, alfayates, que em pouqos dias d'estes ouve mais de cem casados, porque de Cananor mandou trazer as outras molheres, que todas casou.

Melrao, de que já fiz menção na primeyra entrada de Goa, era muy conhecido dos gentios das terras derrador de Goa, que no tempo do Sabayo fora seu capitão em suas guerras, e era muyto valente caualleiro e bom homem, e os principaes gentios fallauão n'elle ao Gouernador que o mandasse vir pera Goa, que estaua em Baticalá, e o fizesse capitão e tanadar das terras de Goa, porque todos muyto com elle folgarião, porque nom podião soffrer as cousas do Timoja, que era soberbo e muyto fantesioso por o seruiço que tinha feito na tomada da cidade. Com que o Gouernador muyto folgou, porque elle tinha má vontade a Timoja, que com sua vaidade fallaua muytas vezes contra elle, dizendo, e dando muytas rezões, que por muytas faltas suas se perdera Goa a primeyra vez, e fizera muytas cousas erradas; o que o Gouernador sabia tudo, que o Timoja fallaua os taes malles com fidalgos e capitães que andauão d'elle agrauados. O Gouernador o soffria e dessimulaua, porque lhe nom podia tomar nas mãos tal caso com que fizesse o mal que merecia por assy fallar contra elle, e dizer e se gabar que tinha escrito a ElRey. Polo que o Gouernador ouve muyto prazer com o que lhe requerião os principaes gentios que auia em Goa; polo que ordenou e mandou huma galé a Baticalá com sua carta ao Melrao, que se viesse a Goa com sua gente que tiuesse, porque o queria encarregar em cousas de seruiço d'ElRey, de

[1] * leuar * Autogr.

que lhe viria muyta honra e proueito. O que por elle ouvido se ouve por muyto honrado o Gouernador o mandar buscar pera se seruir d'elle, o que fallou com ElRey de Baticala, que era seu tio, o qual muyto folgou, e o fez logo embarcar, muyto concertado de vestidos e seruidores, com quatrocentos homens lascarins bons guerreiros, e trinta de cauallo, a que deu embarcações, com que foy desembarquar no rio de Cintacora, como lhe mandara o Gouernador, d'onde auia de hir por terra a Goa; que o Gouernador mandou receber por Lourenço Prego com mil homens da terra de que era capitão, com que o Melrao foy a Goa com grande aparato, com sua gente de pé e de cauallo, armada e bem concertada. O qual veo a Goa, e o Gouernador o recebeo com muytas honras, dizendo que por ter sabido por todos os honrados de Goa que muyto folgarião com elle, por ser bom homem e amigo do pouo, e elle sabia que era bom caualleiro, o mandara chamar pera o fazer tanadar das terras de Goa, com julgado de todo o pouo; que tiuesse a direita justiça, e lhe nom fizesse roubos e malles, mas fizesse taes bens que todas as gentes viessem viuer em Goa e nas terras, e se muyto acrecentassem: ao que Melrao respondeo com grandes comprimentos de palaura, e foyse aposentar nos arraualdes, em grandes casas que lhe despejarão, que todos com elle forão muyto contentes.

O qual logo ao outro dia, per mandado do Gouernador, e sua gente e outra muyta da ilha, passou á terra firme de Salsete e Antruz, correndo as terras e tanadarias, em que logo pôs da sua mão tanadares e arrecadadores das rendas, e pôs tudo em tal ordem que arrecadaua muyto dinheiro, que mandaua ao feitor a Goa com muyto bom recado, com que se ajuntou muyto dinheiro.

O Timoja se mostrou muy agrauado, e atreuido em seus seruiços fallaua muy fouto, dando muytas culpas ao Gouernador nas cousas de Goa, e que da primeyra vez a perdera por lhe nom dar credito ás verdades que lhe fallaua, e confiar mais nos mouros, sendo elle o direito caminho porque Goa se lhe entregára; mas que nom esperaua mercê senão d'ElRey de Portugal, a que tudo tinha escrito. E tudo ysto, que o Gouernador sabia, dessimulando com elle, fazia que nada sabia, e encobria o grande odio que lhe por ysso tinha; mas o Timoja, que tudo bem entendia, pedio licença ao Gouernador pera se hir pera sua casa: do que o Gouernador muyto estaua atalayado, que se tornando a Onor se hiria

pera o Hidalcão, e seria grande guerreiro contra Goa. O Gouernador, tudo encobrindo, lhe mostrou que muyto lhe pesaua de se querer hir; que bem sentia que o fazia por dar a tanadaria a Melrao; que lhe rogaua que se nom fosse, que outras cousas tinha que lhe daria, de muyta honra e proueito, e lhe muyto rogaua que se nom fosse até abril, que era entrada do inuerno, e que então se fosse se quigesse. Então lhe deu dozentos pardaos em roupa da nao meril, que estaua no rio de Goa, de que logo fogirão todolos marinheiros, e o feitor tinha n'ella homens de guarda; e lhe deu huma nao, das mayores que estauão na ribeira, em que mandasse seus feitores a tratar pola costa; e lhe deu o cargo de recebedor de todo o dinheiro das terras que o Melrao auia d'arrecadar: com que o Timoja foy muy contente, logo com fundamento que recolheria muyto dinheiro com que fogiria pera Onor, e d'ahy buscaria seu remedio até lhe vir recado d'ElRey, a que elle mandara pedir tanadar mór das terras e ilhas de Goa; e se muyto offereceo ao Gouernador que seruiria em todo o que o mandasse, muy fielmente, como sempre fizera.

Mas o Gouernador, com a sospeita que tinha ao Timoja de sua má vontade, fallou em segredo com o Melrao, e lhe muyto encarregou que sempre tiuesse muyta vigia em Timoja, com muyta dessimulação de muyta amizade, porque lhe nom fogisse, porque d'elle lhe auia de dar conta cada vez que lho pedisse: do que se muyto encarregou o Melrao.

CAPITULO XXI.

DE COMO VEO AO GOUERNADOR CARTA DE RUY D'ARAUJO, QUE ESTAUA CATIUO EM MALACA, QUE AMOSTROU A DIOGO MENDES, QUE LHE PEDIO LICENÇA PERA HIR SUA VIAGEM A MALACA, DE QUE O GOUERNADOR SE ESCUSOU, E DIOGO MENDES SEM SUA LICENÇA SE SAYO DO RIO DE GOA, E O QUE O GOUERNADOR SOBRE YSSO FEZ.

A noua da tomada de Goa, que se entregou ao Gouernador, correo por todas partes, e polas naos dos mercadores de Choromandel foy dito em Malaca com grandes estrondos, dizendo que o Gouernador da India com grande armada de naos e gente entrara no rio de Goa; que a gente da cidadade lhe ouvera tamanho medo que sem pelejar a cidade s'entregara, e o Gouernador ficaua dentro n'ella. E foy assy esta noua, e nom ouve

tempo pera hir a outra noua de como os nossos alargarão a cidade. E como os mouros tinhão Goa por muy possante ouverão d'ysto grande espanto. O bendara de Malaca, que era o regedor que mandaua tudo, fallando com ElRey sobre ysto, e dos portuguezes que tinhão catiuos, e traição, e roubo, e mortes que tinhão feito, ouverão muyto medo, e por muy certo que ElRey de Portugal auia de mandar tomar vingança do que era feito. Sobre o que auendo seu conselho assentarão ysto abonançar o milhor que pudessem, dando bom trato aos catiuos, e os tendo em tal recado que nom fossem sabedores das nouas da tomada de Goa, que nom sentissem que o bem que lhe fizessem era por esse respeito; e por este bom conselho que tomarão o bendara mandou leuar os catiuos, que já nom erão mais que dezanoue, fóra da cidade huma legoa, e lhe tirarão os ferros, e os puserão todos em huma casa grande, dentro em huma grande cerqua, onde o bendara lhe mandou dar mil pardaos em roupas das que tomarão na feitoria, dizendolhe que se vestissem, e gastassem d'aquella roupa em seu comer, porque quando viessem naos de portuguezes então estarião á conta, e pagarião o que se perdera; porque o mal que se fizera fôra causado por enganos e mexeriqos dos mouros, que fizerão crer a ElRey que de noite querião roubar e queimar a cidade, e ysto com muytos juramentos, polo que ElRey lhe fizera o mal que era feito; mas que se viesse algum capitão de boa rezão e quigesse assentar paz, que ElRey a faria, porque estaua arrependido do mal que era feito. Ao que Ruy d'Araujo lhe deu auondosas repostas, e agardecimentos ao bem que lhe fazia; com que ficarão fóra do mao catiueiro que atély passarão.

Sabido esta cousa de como os nossos assy erão melhorados de seu catiueiro, alguns mercadores de Cochym, que estauão com suas naos em Malaca, cobiçando fazer alguma cousa por amizade dos nossos, [1] * fallarão * com Ninachatim, mercador quelim, que auia muytos anos que estaua d'assento em Malaca, e era nosso amigo por caso de trazer suas naos polo mar, o qual teue tal modo com que mandou recado a Ruy d'Araujo, e lhe mandou dizer que tudo o que fazia o bendara era falso, porque as naos na India contassem como assy estauão bem tratados, porque tinhão receo de virem naos d'armada a Malaca; mas que como as

[1] * fallando * Autogr.

naos fossem partidas pera' India logo os auião de tornar a recadar milhor do que primeyro estauão; e que se quigesse escreuesse carta pera o Gouernador, e que elle a daria a quem lha désse na mão. Com que muyto folgou Ruy d'Araujo, e escreueo huma carta, que foy dada ao Gouernador n'este tempo que assy estaua em Goa concertando suas cousas: na qual carta lhe dizia de seus trabalhos e máo catiueiro que padecião depois da partida de Diogo Lopes de Sequeira, que erão muy apertados e atormentados que se tornassem mouros, com prometimentos de grandes mercês; e que o Rey de Malaca estaua muy timido de sua hida a Malaca, que estaua muy certo que ElRey de Portugal auia de mandar tomar vingança do mal que era feito; pera o que se muyto tinha apercebido, e estaua muy forte, e se fazia amigo com seus visinhos, pera ter sua ajuda quando lhe comprisse; que por tanto, se ElRey mandasse armada nom a deixasse passar, senão elle Gouernador fosse n'ella em pessoa com quanto poder tiuesse, pera ganhar a cidade de Malaca, que tinha mais riqueza que dez Venezas, e trato de todolas riquezas do mundo; e fosse tão possante que o mar e a terra o temesse, e vissem o grande poder d'ElRey de Portugal; e se fosse, e no caminho tomasse algumas cousas de Malaca lhe nom fizesse mal até lá chegar; e tudo mansamente [1] *até* os auer a mão, mostrando modos que hia assentar paz e trato: e que ysto lhe dizia porque o Rey e o bendara tinhão [2] *assentado, chegando* nauios nossos ao porto, os mandarem longe pola tera dentro, porque lhe nom pudessem dar auiso de nada. Polo que lhe pedia em nome de todos, por amor de Deos, que *se* lembrasse d'elles, per qualquer via que pudesse ser, que fossem liures do catiueiro em que estauão, com risco de morte cada dia; e lhe pedia que ao mouro que lhe désse a carta lhe fizesse mercê em secreto, e que nenhuma reposta lhe mandasse, porque nom fosse descuberto que Ninachatim ysto fazia, que por ysso lhe farião grandes malles. E que se cousa fosse que ouvesse de passar a Malaca, que fazendo sua armada prestes deitasse fama pera outra parte, que nom fosse sentido senão quando aportasse em Malaca, que faria mór espanto.

O Gouernador com esta carta foy muy demouido a hir a Malaca, tomar tão grande cousa e riqueza como tinha Malaca, o que elle nom podia fazer, porque compria deixar a India muy segura e assentada, se

[1] *a que* Autogr. [2] *assentado que chegando* Id.

elle fosse a Malaca com todo o poder da India, como compria pera a leuar nas mãos; o que elle nom podia fazer, porque tinha grande obrigação hir ao estreito de Meca, que lhe ElRey tanto mandaua, e hir visitar Ormuz e o assentar como compria; e quando Goa estiuesse repousada, e segura de guerra, então podia ter tempo pera passar a Malaca, o que ao presente nom podia fazer por tantas cousas que tinha em aberto, e muyto menos deuia deixar hir a Malaca Diogo Mendes com tão fraca cousa como erão quatro nauios que tinha com trezentos homens, e nom tinha elle armada nem gente como compria que leuasse; o que tudo assy maginando, chamou os capitães a conselho, e Diogo Mendes presente, e a todos mostrou a carta de Ruy d'Araujo, e com todos praticou as sostancias que atrás dixe, e em todo concordindo que Diogo Mendes nom tinha armada com que hir a Malaca, pera fazer cousa que aproueitasse, vendo a desposição em que estaua Malaca. No que ouve grandes debates, cada hum dizendo sua tenção: os amigos de Diogo Mendes per huma via, os imigos do Gouernador per outra, e seus amigos per outra, em tal modo que em nada se tomou nenhum assento.

Mas saydos do conselho ouve ajuntamentos e fallar cada hum como queria, e os da parte de Diogo Mendes dizendo que a carta nom tinha caminho por onde viesse, e que era manhosa; outros dizião, que pois o Gouernador nom tomaua a viagem pera hir a Malaca, nom se podia sospeitar elle estoruar a Diogo Mendes sua viagem por outra causa, sómente porque nom tinha armada pera em Malaca prestar pera nada. Diogo Mendes, com os de sua consulta, polo que lhe compria a sua obrigação, determinou pedir ao Gouernador sua licença, e os nauios e gente que lhe tinha prometido, pois lhe tão bom seruiço tinha feito; e assentado * n'ysto *, per conselho de seus capitães e amigos foy ao Gouernador, e presente os fidalgos lhe fallou, [1] * dizendo já que a Nosso Senhor aprouvera * lhe fazer tamanha mercê * de * com tanta honra * auer * ganhada esta cidade, e lhe tinha prometido ajuda de gente e armada pera Malaca, que ouvindo suas grandezas, vendo armada de portuguezes, cuidando que elle hia tudo lhe obedeceria, que por tanto, pois o tempo era pera ysso, lhe désse licença pera se hir a Cochym concertar e fazer prestes

[1] * dizendo
Senhor jaa que a noso senhor aprouve * Autogr.

do que lhe compria, e hir sua viagem; e que se nom tinha armada e gente que lhe dar, com a que tinha hiria, com que compria sua obrigação. O Gouernador, como já em sy tinha assentado pera o ano hir a Malaca, todo poderoso quanto pudesse como compria, respondeo a Diogo Mendes, dizendo: «Senhor Diogo Mendes, nom vos agasteys, que eu» «sey o tempo em que vos compre partir pois n'ysso quereys ensistir,» «vendo quão fraquo poder tendes pera o feito de Malaca, pera o que» «vos eu nom posso fazer poderoso, pois vos nom posso dar toda minha» «armada. Já em Cananor sobre esta cousa me fizestes vossos requiri-» «mentos e protestos, ao que tudo vos dey estormentos e papés como» «vos comprião, no que deueys descansar, pois tudo fiqou sobre mym.» «Bem vedes que estou n'esta cidade, que hontem tomamos ás lançadas,» «e está toda rota como vedes, e com noua certa de guerra; polo que» «he bem que vos nom vades, porque com vossa hida me fazês grande» «buraquo. Nom me desobrigo do que vos tenho prometido, se possiuel» «for, quando for tempo, que será entrado o mês de março; e até en-» «tão n'ysto me mais nom falleys, porque nom hey de fazer senão o que» «entender que he mais seruiço d'ElRey; e se outra cousa tiuerdes mais» «que dizer ou fazer, que vos comprir, o farey.» Diogo Mendes se despedio, dizendo que assy o faria, e se foy á nao, e mandou polo escrivão d'armação apresentar ao Gouernador suas cartas, e patente, e regimento, todo assinado por ElRey, com hum requerimento por escrito que se os auia por bons lhos confirmasse. O Gouernador, sem nenhum agastamento, respondeo que todas as cousas d'ElRey nosso senhor auia por boas, e confirmaua e punha na cabeça, e todo obedecia, e lhas mais acrecentaua se podia, pera ter muyto mór poder sobre seus nauios e gente, com que lhe obedeceria ao seruiço de Sua Alteza. Do que o escriuão fez grande termo, em que o Gouernador assinou.

Da qual reposta Diogo Mendes se nom satisfez, e com muyta paixão se foy ao Gouernador, dizendo: «Senhor, nom sey porque, sem cau-» «sa nenhumã, nem necessidade que de mym tenhaes nem de meus na-» «uios e gente, me fazeys detença, com que me nom fique tempo pera» «em Cochym me concertar do que me compre pera hir minha viagem,» «e quereys que vá tão mal auiado que perqua toda minha honra, e» «mercê que me ElRey fez, no que tanto encarregaês vossa conciencia.» O Gouernador lhe respondeo: «Eu atégora, em tudo o que me reque-»

« restes da parte d'ElRey nosso senhor, vos tenho em todo satisfeito, »
« mas agora, que me amoestaes com minha conciencia, vos digo que »
« mais nom apreßês em vossa contumacia, e vos torno a dizer outra »
« vez, e noue, todo o que vos tenho dito. E olhai que nom tendes re- »
« zão até nom terdes tempo. »

Com a qual reposta Diogo Mendes passou alguns dias metendo todolas adirencias que podia pera auer sua licença, que nom podendo alcançar, os seus capitães, e feitor mice Vinete [1] * Cerniz, lhe * todos fizerão muytos requerimentos que se fossem, pois o Gouernador lhe tinha confirmado todas suas prouisões, que erão separadas e isentas do Gouernador; que a elle só conhecião por seu capitão, e em todo lh'obedecerião até morrer. Do que Diogo Mendes mandou fazer auto, em que todos assinarão; onde logo assentarão que de noite se sayssem do rio e se fossem seu caminho, ao que o piloto de Diogo Mendes se obrigou que de noite, com a maré e terrenho, tiraria as naos pola barra fóra; que por tanto se leuassem as amarras caladamente, que ficassem a pique sobre huma, que com a maré se fossem polo rio, sem dar velas senão passado Rabandar, porque a maré decia á mea noite, e já quando amanhecesse serião fóra da barra e tinhão mar largo por onde correr. O que todo assy assentado, mandou Diogo Mendes que nom fosse nenhum batel a terra, o que assy fizerão; mas Pero Coresma tomou outro conselho em seu coração, e determinou nom hir e se deixar ficar, e nom fallou com ninguem.

Os outros se fizerão prestes, e como a maré começou a vazar logo Manuel Peres, piloto de Diogo Mendes, mandou leuar amarra, dizendo que o leuaria a Malaca, e de Malaca tornaria a Portugal sem tornar á India; e leuada 'ancora, sem dar apito, se foy polo rio abaixo, o que assy fizerão os outros, mice Cerniche, e Baltesar da Silua, que era fidalgo honrado; mas Pero Coresma nom consentio que bolissem com 'amarra, e esteue em muytos pensamentos se hiria ou não, no que assentou, que se meteo no esquife, e se foy a terra dizer ao Gouernador que Diogo Mendes era partido. E porque fez detença era já * tempo * que amanhecia, que em tanto os nauios com a maré e vento sayrão pola barra fóra, que sendo antre os ilheos lhe acalmou o terrenho. Tanto que * o * reba-

[1] * Cyrniz que lhe * Autogr.

te *deu* Pero [1] *Coresma, o* Gouernador logo caualgou a grã pressa, e se foy ao caez e mandou Gemes Teixeira em huma galé, a que deu sua bandeyra real, que leuasse sobre o masto, e requeresse a Diogo Mendes que amainasse, sò pena de trédor aleuantado, e que se o nom fizesse lhe tirasse e o metesse no fundo. O que lhe mandaua que assy o fizesse sob pena do caso mayor, se Diogo Mendes nom amainasse; do que lhe deu seu assinado. E mandou Duarte de Mello em outra galé, e Manuel de Lacerda em huma carauella, e Pero d'Alpoym ouvidor, em huma atalaya de Timoja, e a todos mandou que nom obedecendo Diogo Mendes, e os outros, que a todos metessem no fundo ás bombardadas. Gemes Teixeira achou inda na barra o mice Cerniche, que nom era inda fora, e o fez sorgir, e foy a Diogo Mendes que andaua em calma, e lhe fallou por popa, requerendolhe da parte do Gouernador, sob pena de trédor aleuantado, que amainasse, e obedecesse á bandeyra real que lhe apresentaua; o que nada Diogo Mendes quis obedecer, e lhe disse Gemes Teixeira que se nom amainasse o Gouernador o mandaua meter no fundo. Ao que Diogo Mendes respondeo: «D'ysso, dará conta a Deos, que eu» «nom hey d'amainar.» Então Gemes Teixeira lhe tirou com hum camello, com que lhe passou a camara do leme e matou dous homens; ao que chegou Duarte de Mello na outra galé, e a carauella, que lhe tirarão outros tiros á vela, com que hum acertou nas ostagas, que lhe cayo a verga em baixo, polo que então amainou e sorgio. Baltesar da Silua, que era mais longe, vendo amainar Diogo Mendes aos tiros, elle tambem amainou. Então Manuel de Lacerda recolheo comsigo Diogo Mendes em hum batel com Pero d'Alpoym, *e* se tornou ao Gouernador, e os outros ficarão na barra, até que veo a viração com que todos tornarão pera Goa, trazendo já os mestres e pilotos presos em ferros, que os prendeo o meirinho do Gouernador, que a ysso foy em huma atalaya.

Diogo Mendes, chegando ao Gouernador, que estaua no terreiro das suas casas com muytos fidalgos, elle muy iroso, tirando da manga sua patente e papés, disse ao Gouernador com grandes brados: «Senhor,» «porque me nom guardaes justiça e verdade? Porque nom obedeceys á» «rezão, e estes papés, que aprouastes e assinastes por bons, e confir-» «mastes; per que são tão poderoso em meus nauios e gente como vós»

[1] *Coresma deu o* Autogr.

« sois na India? Porque me fazeys tanto mal, tendouos feito tanto ser- »
« uiço, com os enganos que me fizestes em Angediua? Agora me tomaes »
« minha honra, com tantas auexações pera me deshonrar e destroir! »
« Vós tendes poder assoluto pera todo fazer, mas se n'este mundo me »
« nom fizerdes justiça, Deos no outro ma fará de vós. » O Gouernador
deixou fallar Diogo Mendes quanto quis, e então lhe respondeo: « Muy- »
« to estou espantado, Diogo Mendes, vos regerdes por cabeças de san- »
« deus que trazeys em vossa companhia! Fogistes ao vosso Capitão mór »
« e Gouernador da India; cometestes grande erro, e caystes em muyta »
« pena, a que ficaes obrigado. » Diogo Mendes: « Meu capitão nom sois, »
« e leãose meus papés, que ElRey me fez isento de vosso mando, que »
« em mym nom tendes nenhum poder, senão o que agora forçosamen- »
« te tomaes sobre mym, anichilando o que ElRey nosso senhor manda. »
« Do que, senhores, todos me sereys testimunhas como o senhor Gouer- »
« nador nom obedece os mandados d'ElRey nosso senhor. » Ao que o Go-
uernador se muyto agastou, dizendo: « Pois me nom conhecês por vos- »
« so Capitão mór, eu volo mostrarey, e aos vossos capitães, e mestres »
« e pilotos, que os mandarey enforcar, porque sem meu mandado se bo- »
« lirão d'onde estauão, e fizerão o roim caminho que lhe vós mandas- »
« tes. E vós, e os vossos capitães, me dareys conta das menagens que »
« me déstes. » Diogo Mendes lhe dixe: « Eu são o que fiz o mal; elles »
« nom tem culpa, que fizerão o que lhe mandou o seu Capitão mór; e »
« se lhe algum mal fizerdes será com grande contra justiça, porque ne- »
« nhum poder tendes em nenhuma cousa minha; e vos confesso que eu »
« os enganey a todos, que lhe dixe que já me tinhês dado licença, e »
« era bem com a maré da noite hir amanhecer na barra, e com este en- »
« gano fizerão o que lhe eu mandey, e ElRey nosso senhor lho man- »
« dou, e vós por ysso me mandastes tirar ás bombardadas, e matastes »
« homens, que suas almas gemerão a Deos. »

O Gouernador, de muyto afrontado, se aleuantou, e mandou a Diogo
Mendes meter em huma torre do castello e deitar huma adoba de quatro
élos, e mandou a Pero d'Alpoym, ouvidor, fazer de todo auto. Então
mandou vir ante sy os capitães Baltesar da Silua, e mice Cerniche, e lhes
disse: « Porque cometestes fogir desobedecestes ao Gouernador da In- »
« dia vosso Capitão mór, caso d'aleuantamento e traição; polo que cays- »
« tes em grande erro, e merecês grande castigo, que vos darey, por »

« *que* vos trazia presos em vossas menagens, que quebrastes. » Baltesar da Silua era fidalgo e muy esforçado homem, e sem nenhum medo respondeo ao Gouernador: « Senhor, se me daes licença vos responde- » « rey, e senão responderey ante ElRey nosso senhor, que faz milhor » « verdade que vós, porque do cabo da Boa Esperança pera quá nom » « está homem que me diga que fiz erro que me nom mate com elle » « com quaesquer armas que quiser. E se algum capitão de Diogo Men- » « des fez erro, e foy trédor e merece que o enforquem, he Pero Cores- » « ma, porque desobedeceo o que ElRey nosso senhor lhe manda na car- » « ta de sua capitania, em que lhe diz que Diogo Mendes he seu Capitão » « mór, e a elle obedeça; e d'ysto tomou juramento, e deu menagem na » « chancellaria. E porque eu fiz outro tanto, digo que nom tenho nada » « errado, porque são eu filho de tal pay, e eu por mym, que antes hey » « de perder a vida que a honra; que eu nom conheço por meu Capi- » « tão mór senão Diogo Mendes, a que ElRey me manda que obedeça. » « E se vós sobre os poderes de Diogo Mendes tendes outros, lá vos auin- » « de, e a mym ninguem me toque em cousa de minha honra, per mo- » « do de poderio nem contra justiça, que saiba certo que até que moira » « me está n'essa obrigação d'ysso lhe pedir conta. E vós agora usai do » « que quiserdes e do que digo mandai fazer quantos papés quiserdes, » « que tudo assinarey. » O Gouernador, ouvindo Baltesar da Silua, porque n'elle nom tinha alçada sofrio com dessimulação o que fallou, sómente lhe respondeo: « E agora, que está preso esse vosso Capitão mór, a » « quem obedecereys? » Elle respondeo: « Indaque elle estê preso, sem- » « pre hey de fazer o que me elle mandar, se eu entender que he servi- » « ço d'ElRey, e por estar preso contra direito e justiça, no que fazeys » « huma cousa que nom sey que conta dareys a ElRey e a Deos. E com » « ysto me vou a minha pousada. Ahy me achará quem me for buscar. » E tirando o barrete, e fazendo cortesia, se foy, dizendo que ElRey lhe pagaria e satisfaria o seu; que lhe pedia o mandasse hir pera Cananor, e hy estaria até que se fosse pera o Reyno. O que o Gouernador mandou que assy fosse. Este Baltesar da Silua foy estar em Cananor, e se foy ao Reyno, onde muyto fallou a ElRey contra Afonso d'Alboquerque, e mórmente quando foy Diogo Mendes, que em todo ElRey se demoueo a mandar hir da India Afonso d'Alboquerque.

O Gouernador procedeo no caso: ao mice Cerniche mandou meter

em ferros, e mandou aos mestres e pilotos dar tratos, que dixessem a determinação que leuaua Diogo Mendes, de que fallarão a verdade, que sómente era hir sua viagem a Malaca. Dos quaes tratos ficarão taes que o Gouernador ouve que tinhão bom castigo e os degradou pera o Reyno, sómente ao piloto de Diogo Mendes, e de Baltesar da Silua, contra os quaes correo o processo e lhe mandou ajuntar os autos da fogida d'Ormuz, porque estes forão pilotos d'Afonso Lopes da Costa, e de Manuel Teles, que forão ao Reyno e ouverão seus liuramentos, de que nom trazião suas cartas. Correo o processo; deu sentença que o mice Cerniche fosse degredado pera sempre pera' ilha de são Thomé, e os mestres e pilotos fossem pera todo sempre pera o Brasil, e que estiuessem em ferros até que fossem pera o Reyno; e aos dous pilotos de Diogo Mendes, e de Baltesar da Silua, mandou enforcar nas vergas das naos, visto como erão useiros e vezeiros nos taes ensultos, como constaua polos autos da fogida d'Ormuz. E postoque todolos fidalgos lhos pedirão, o Gouernador os nom quis perdoar, polo odio que lhe tinha. As molheres d'estes enforcados forão ante ElRey quando foy Diogo Mendes, que pedirão a ElRey grandes justiças do Gouernador, mostrando as cartas dos perdões que seus maridos tinhão da fogida d'Ormuz; o que todo muyto danou ao Gouernador com ElRey.

Mas o Gouernador, como era homem muy entendido e cheo de toda rezão, quando estaua fóra de sua paixão em que era muy supito, foy muy arrependido em seu coração d'esta cousa, e em suas cartas muytas desculpas daua a ElRey sobre este caso, dizendo que no zelo que tinha do seruiço de Deos, em acrecentar o estado da India, confiaua na misericordia de Nosso Senhor que aueria su'alma saluação, porque sabia qual era seu intento, e o rigor que tiuera n'este feito sómente fôra por quebrar os impitos dos fidalgos da India, que lhe nom fizessem piores desacatamentos, como lhe já fizerão em lhe escalarem e entrarem em sua nao a dormir com molheres gentias, e amotinações que mouerão com a gente, em casos que muyto tocauão caminho pera perdição da India, que esperaua em Nosso Senhor que auia de soster, e conseruar, pera muytos grandes bens de seu santo seruiço. O que o Gouernador sempre muyto trataua e repetia a ElRey em suas cartas, porque sabia as escramações e malles que auião de apresentar a ElRey as cartas que fossem da India.

E eu, Gaspar Correa, ysto escreuo porque me passou pola mão, por-

que fuy eu escriuão d'Afonso d'Alboquerque, e escreuia com elle as cartas pera ElRey, e por essa rezão soube eu ysto que escreuo.

CAPITULO XXII.

COMO O GOUERNADOR DESPACHOU HUM EMBAIXADOR D'ELREY DE NARSINGA, E CONCERTOU AS COUSAS DE GOA, E ORDENOU SUA ARMADA PERA HIR AO ESTREITO, E HIR ASSENTAR AS COUSAS D'ORMUZ, E NA COSTA DO MALAUAR DEIXOU ARMADA, E NA COSTA DE GOA, E TODO BEM CONCERTADO SE PARTIO PERA O ESTREITO DE MECA.

TANTO que esta cousa de Diogo Mendes assy acabou, logo o Gouernador mandou Manuel da Cunha em huma carauella a Cananor, que fosse ser capitão da forteleza, e Rodrigo Rabello se viesse pera Goa ser capitão da forteleza, porque tinha prouisão d'ElRey que elle fosse capitão de qualquer forteleza que se fizesse. Mandou n'esta carauella Baltesar da Silua, pera que se fosse pera o Reyno, se quigesse, e mandou os pilotos e mestres que hião degredados pera o Reyno. No qual tempo veo a Goa hum messigeiro d'ElRey de Bisnegá, que mandou a visitar o Gouernador, que ouvera muyto prazer de tornar a tomar a cidade, e que nom lhe respondera ao recado que lhe mandára por frey Luiz, sobre assento de trato, porque lhe disserão que elle nom consentia que naos de cauallos fossem a Baticalá; o que nada lhe daua quanto polo rendimento d'elles, sómente porque elle tinha muyta necessidade d'elles, que por ysso 'amizade que lhe n'ysso fizesse lhe muyto agardeceria. O Gouernador fez muyta honra ao messigeiro, e o mandou bem aposentar, e dar o necessario, e logo o despachou, respondendo a ElRey que elle, desejando sua amizade, por lho encomendar ElRey de Portugal, por ysso queria que fosse amizade com assento de trato, porque os mercadores que tratão verdade são verdadeiros amigos; e que quanto aos cauallos, que defendia que nom fossem a Baticalá, nom era pera lhos tolher, sómente porque as naos vinhão d'Ormuz com obrigação de vir a Goa, e nom comprião com a obrigação e hião a Baticalá; que se o porto nom fôra seu que ally as mandára queimar, porque toda cousa que nauegasse o mar, auia de estar á obediencia do que mandasse ElRey de Portugal, e o seu Gouernador da India. E os senhores das terras que ysto nom quigessem, elles

terião seus poderes em suas terras, e ElRey de Portugal tinha o poder no mar. Mas porque elle era tamanho Rey e senhor, que folgaria ter com elle boa e segura amizade, com que folgaria de lhe mandar quantos cauallos viessem a Goa; e estaua prestes pera com elles lhe fazer muyto seruiço em todo que mandasse. Com que despedio o messigeiro com lhe fazer mercê, e escreueo a frey Luiz que tomasse licença d'ElRey e se viesse; mas elle era morto, que fallecera de doença quando chegou o messigeiro. Passandose estas cousas o Hidalcão nom acodia a Goa, porque andaua em muytos trabalhos com seus visinhos; mas sentindo sobre tudo perder Goa, sabendo que o Gouernador estaua dentro com tanta armada e gente, e que se fazia tão forte que depois nunqua a poderia auer a seu poder, muytas vezes o fallando com os seus que já nom podia tornar a cobrar Goa, senão tendo seu Reyno de todo em paz, então com todo seu poder hir sobre Goa, mas comtudo, por mostrar que de todo nom era perdida, per conselho dos seus, escreueo sua carta a hum seu capitão, que estaua comarcão com as terras de Goa, chamado Melicagi, que era manquo de hum pé, mas era grande homem de guerra e muyto caualleiro, que tinha muyta gente e terras, ao qual mandou que ajuntasse quanto poder pudesse ajuntar, e fosse guerrear Goa, pera o que lhe deu todo o rendimento das terras todo quanto pudesse auer; com que o mouro se ouve por grande senhor, e fez logo grande ajuntamento de gente de guerra muy armados, com muytos arteficios e cousas de guerra. Do qual aprecebimento logo veo auiso ao Gouernador; e porque a passagem d'este mouro per as terras de Goa nom podia ser senão polo rio de Banda, logo o Gouernador proueo e mandou Gaspar de Paiua e Antonio de Matos nos bargantyns, e Gaspar Cão em huma carauella, e Diogo Fernandes de Beja em huma galé por Capitão mór, com dozentos homens bem concertados, e [1] *Melrao*, parente de Timoja, com cem homens da terra. E mandou que fossem entrar no rio de Banda, e tiuessem o passo porque o mouro auia de passar pera as terras de Goa; o que assy fizerão, que Diogo Fernandes meteo os nauios no rio, concertados com artelharia pera os caminhos que a gente do mouro auia de vir, e elle se pôs em terra no passo, onde fez fortes tranqueiras, que segundo a desposição do passo bem o podia defender a todo o poder do Hidalcão.

[1] *Meo Rao* Autogr.

D'esta cousa ouve auiso o mouro Melicagi, o qual se deixou estar no caminho d'ahy a tres legoas, com grande arrayal, esperando que os nossos s'enfadarião; mas estando assy quatro dias lhe pareceo quebra de sua honra estar com tanta gente e nom hir pelejar com os portuguezes, *e* se aleuantou, e com sua gente bem ordenada veo cometer o passo. Diogo Fernandes mandou aos nauios que nom tirassem senão quando elle mandasse. O mouro trazia na dianteira huma batalha de frecheiros, e virotões, e bombas de fogo, que auião de fazer o primeyro cometimento, que fizerão muy esforçadamente, a que os nossos fizerão grande resistencia, ao que acodirão quinhentos de cauallo, que vinhão em suas costas com muyto esforço; ao que Diogo Fernandes mandou tirar os nauios, que deitarão pelouros por antre os cauallos, de que ouverão tamanho espanto que voltarão fogindo per onde podião, por cyma de pedregaes e outeiros em que cayão; e outros derão pola gente que vinha atrás, que todos forão em desbarato, ao que Diogo Fernandes, tomando muyto esforço vendo o desbarato dos [1] *cauallos*, sayó da tranqueira ás lançadas com os mouros, que logo se puserão em fogida, ficando muytos mortos e dos nossos alguns feridos de frechas. Com o qual desbarato se tornou o Pulateregi, que era n'esta dianteira capitão do Melicagi, o qual se tornou com sua gente fazendo grande volta, determinado a vir entrar na ilha de Diuar. Do que teue auiso o Melrao, que mandou recado ao Gouernador, querendo acodir áquella parte, mas o Gouernador lhe mandou que nom se bolisse d'onde estaua, e nenhuma da sua gente; ao que logo o Gouernador mandou Gaspar de Paiua, e Antonio de Matos, e Afonso Pessoa, e Martim Guedes, e Vasco Fernandes Coutinho. O mouro, muy enjuriado do desbarato passado, determinou entrar polo passo de Naruha, onde os capitães estauão com cento e cincoenta homens, todos muy concertados, que se puserão ao sopé de hum outeiro, antre huns matos junto do caminho per onde o mouró vinha, sem cuidar que ally achasse gente nossa, que lhe nom pareceo senão que poderia estar dentro da ilha. Ao que elle ordenou ardil, e deixou no arrayal o Pulateregi com a gente, e elle com mil homens sómente vinha entrar em Diuar, deixando recado ao Pulateregi que, se os nossos em Banda se viessem, fosse entrar. E vindo assy o mouro Melicagi com sua fantesia, veo ao sol posto á vista do

[1] *cavallos que sayo* Autogr.

passo, muyto perto, onde repousou, pera' outro dia passar. N'esta noite chegou ao passo Timoja com duas atalayas, que se foy estar com os batés, e elle com vinte homens foy onde estaua Gaspar de Paiua, de que soube que os mouros estauão hy perto, ao que o mesmo Timoja em pessoa, com tres homens seus, foy espiar, e vio como estauão, e tornou, e fallou com os capitães, que se concertarão, e sendo huma hora ante menhã forão mansamente até chegarem perto dos mouros, que sendo sentidos derão Santyago, entrando com os mouros ás lançadas, com que os mouros forão em tanto desacordo que huns com outros pelejauão, e nom acertauão a tomar as armas, mas deixando os panos fogião per antre o mato. O mouro se afastou pera fóra com vinte de cauallo, e querendo reter sua gente nom póde, que hião muytos feridos, e muytos derrubados; onde Vasco Fernandes Coutinho, que era homem bem mancebo, encontrou hum mouro de cauallo, que leuou fóra da sella com a lança, e caydo no chão o matou ás lançadas; e assy ficarão cinqo de cauallo e mais de sessenta * de pé * mortos, e dos nossos hum só, que se achou morto com huma lança nossa atrauessada no corpo, que se nom soube determinar se per desastre o matou outro portuguez, ou algum mouro com a lança que acharia ou tomaria a outro. Com este desbarato se tornou o Melicagi pera seu arrayal; com que se tornou a recolher porque lhe sobreueo doença, com que tudo ficou desacupado, e o Gouernador mandou vir de Banda Diogo Fernandes com a armada.

E como o Gouernador, com todas estas cousas, nom cessaua do trabalho das obras, acabou todos os muros e cubellos da cidade, e fez muyto forte o baluarte da porta de santa Caterina, onde ora está o esprital, e n'elle pôs artelharia que tirasse pera a terra quando comprisse, que do mar elle estaua seguro, porque tinha certeza per cartas de Melicopim de Cambaya, que Mirocem, capitão dos rumes, como soube que Goa era tomada dos nossos, se embarqou em Dio com alguns dos rumes que escaparão do desbarato do Visorey dom Francisco, e se foy 'Adem, e d'ahy em geluas, que são barqos pequenos, se foy a Judá, onde as galés se concertauão pera virem com gente a Dio em sua busca. Polo que com sua chegada cessou o corregimento das galés até que elle fosse onde estaua o Rey de Misey, onde elle chegado, que lhe deu conta de todo o passado, e que os nossos tinhão tomado Goa, e que o Rey de Cambaya queria assentar paz com o Gouernador da India, de tudo o Rey de Mi-

sey mandou recado ao Turquo, que mandou que nom fizesse nada no estreito sem seu mandado; polo que assy ficarão as galés, que mais nom bolirão n'ellas.

E como o Gouernador tinha esta seguridade d'armada do mar, toda sua obra foy fortelezar Goa contra a terra, que todo fez quanto compria; e ordenando fazer sua viagem ao estreito se acupou no prouimento d'armada, e deitou ao mar quatro naos dos rumes, as milhores que tinha, que toda a outra armada estaua bem repairada, o milhor que pôde; e andando n'este trabalho, chegou a Goa a carauella em que veo Rodrigo Rabello, que o Gouernador logo fez capitão da cidade, e lhe tomou a menagem no castello, em que lhe mandou que fosse seu aposento; e fez alcaide mór Francisco Pantoja, e fez feitor Francisco Coruinel, frolentim de nação, homem que muyto sabia do trato da fazenda; fez escriuães Vicente da Costa, e a Soeiro Mendes; fez capitães dos piães Lourenço Prego, Grauiel Tauoado, que erão casados; e nas tanadarias das terras que arrendaua Melrao fez tanadares portuguezes. A casa da moeda arrendou por dous mil pardaos a hum bramene chatim mercador, a que deu * regimento * que da moeda de toda' sorte, que se batia na casa, se pagaua a dous por cento forros pera ElRey, além do feitio. Rendião as terras todas que se arrecadauão quarenta mil pardaos d'ouro, que arrecadaua o Melrao, afóra os pagamentos dos piães, que tinhão soldo, e os tanadares e capitães, e ordenado do Melrao e do Timoja, e outras despezas ordinarias, que passauão por ano mais de dez mil pardaos; e postoque o Gouernador sabia que mais se podia arrecadar, o nom apuraua por deixar assentar a terra, e dizia que as colmeas se lhe crestauão todo o mel morrião as abelhas. Ao capitão da forteleza deu cad'ano mil cruzados, afóra outros precalços que erão mais de quinhentos, e lhe ordenou vinte homens alabardeiros, que o acompanhassem com as alabardas per onde quer que fosse, e quando estiuesse na forteleza estiuessem á porta da forteleza, onde tinhão cauides em que tinhão as alabardas, e de noite roldauão a forteleza, a que ajudauão os criados do capitão, e do alcaide mór, e do feitor, que a casa da feitoria era dentro na forteleza. Fez porteiros que de dia estauão ás portas da cidade, onde estauão cauides com vinte lanças do almazem d'ElRey; dizendo que se ouvesse rebate achassem os homes as lanças nas portas com que as defender, que sómente a cidade tinha quatro portas, que ás auemarias se fechauão com

chaues, de que o sobre rolda tinha cuidado de as fechar, e leuar as chaues ao capitão, que ao sol saydo mandaua as chaues e se abrião as portas; e em cyma d'ellas *auia* goritas, em que estauão as vigias aos quartos, e tambem nos cubellos de toda a cerqua da cidade, em que auia tres sinos de vigia, e outro sobre a porta da forteleza. Na cidade ficarão quatrocentos homens d'armas de soldo e mantimento, afóra os casados, e officiaes, e seus criados, que passauão de dozentos; toda gente metida na vigia, com que em hum mês caya a vigia a hum homem tres vezes, que era hum quarto na noite; de que o Gouernador escusou os casados que nom vigiauão, mas alguns d'elles, por ganhar dinheiro hião vigiar, e pola vigia de hum mês lhe dauão hum cruzado de mantimento, que o feitor cada mês pagaua a toda a gente. Ordenou dinheiro e chãos que se dessem aos homens que casassem, a cada hum segundo suas calidades, e tudo com grande apontamento. Fez lingoa da feitoria Francisco d'Alboquerque, hum dos judeus que catiuarão na nao que atrás disse, que este se casou, e foy muy fiel seruidor, e em Goa morreo e deixou filhos; e outro judeu, que se nom fez christão, se chamaua Hucefe, era lingoa do Gouernador, homem em que tinha muyta confiança, que era homem de muyto saber em todolas lingoas, e nas cousas dos mouros, e homem de muyta verdade, com que o Gouernador se muyto aconselhaua.

Despedio o Gouernador a Diogo Fernandes de Beja no Rey Grande, e Antonio de Matos em São Christouão, e Gaspar Cão em huma nao dos rumes, e Diogo Fernandes por Capitão mór, que fosse andar no cabo de Guardafuy d'armada, e como lhe dessem os ponentes então se fosse a Çacotorá, e que aleuantasse a forteleza, e a desfizesse quanto pudesse até os alicerces; e esto porque n'armada de Gonçalo de Sequeira ElRey mandara que se desfizesse, e que recolhesse nas naos toda a gente da terra, christã, que se quigessem embarqar, porque os que se embarcassem serião verdadeiros christãos e nom quererião ficar na terra. O que assy foy, que se embarcarão muytas molheres que estavão amigadas com os portuguezes, e outras prenhes, e paridas, que forão mais de dozentas que vierão a Goa, com que casarão os homens, vendo tantos casados em Goa. E deu o Gouernador regimento a Diogo Fernandes que recolhendo a gente da forteleza se fosse a Mascate, e ahy o esperasse até mayo, porque elle com 'armada auia de hir a Ormuz, e ahy se ajuntaria com

elle ; e que nom hindo elle até fim de mayo então se fosse a Ormuz pedir as pareas, e se lhas nom dessem lhe roubasse o porto, e fizesse quanto mal pudesse, e gastasse o tempo até agosto, que se tornasse pera' India. O qual Diogo Fernandes, e os outros, forão, e fizerão o que adiante direy.

Fiqou o Gouernador prouendo muytas cousas de Goa, e concertando sua armada, e fazendo a todos muytas mercês, e nom ao Timoja, como merecião seus seruiços, pola má vontade que lhe ganhou o Gouernador, e mais porque frey Luiz lhe escreuera de Bisnegá que se nom fiasse d'elle, nem ElRey d'Onor, segundo lá tinha entendido. E deu auiso a Rodrigo Rabello, capitão, que se o Timoja lhe pedisse licença pera se hir, que lhe elle tinha dada, que se escusasse, e o nom deixasse hir, e ysto com boas dessimulações, que elle nada entendesse porque lhe nom fogisse ; e que o fizesse sempre andar na companhia do Melrao, a que o Gouernador, em segredo, muyto lh'encarregou que n'elle tiuesse muyta seguridade de boa vigia que se nom fosse. Do que o Melrao tomou muyto cuidado, maginando logo que o mataria com peçonha, do que nom pesaria ao Gouernador ; e esto porque o Melrao entendia que o Timoja tinha muyto dinheiro que tirara das terras de Goa. E o Gouernador, fallando com o Timoja em segredo, lhe muyto rogou que se désse muyto 'amizade da gente da terra, e andasse sempre na companhia do Melrao vendo o que fazia, porque se nom se fosse, e aguardasse até elle tornar d'Ormuz, lhe daria o cargo do Melrao, e ao Melrao despediria ; que nom sabia o que faria, e se elle estiuesse bem na amizade da gente da terra então folgarião que elle os mandasse. Mas o Timoja, como era muyto auisado, tudo entendia, porque os que estauão mal com o Gouernador lhe dizião que lhe tinha má vontade, e n'esta desconfiança viuia o Timoja como vio que o Gouernador recolheo o Melrao e lhe deu tamanho « cargo », que elle a elle deuera dar por seus tantos seruiços ; e com o que lhe dizia o Gouernador se mostraua muyto contente, mas tudo com dessimulações por se poder colher como tiuesse tempo ; e nom se quis mostrar agrauado de nada, porque nom tiuessem sospeita que se hiria ; mas elle nom soube que ficaua assy bem arrecadado, como fiqou. O Gouernador no passo seqo pôs por tanadar hum João Gonçalues, bom caualleiro, com cincoenta piães que vigiassem o passo ; e em Banestarim, com outros cincoenta piães, João Coelho, homem casado ; e em Agacim Fernão Pedro-

gão, tambem casado, com piães; e em Pangim fez capitão Pero de Freitas, homem fidalgo, com trinta mil réis de ordenado, com dozentos piães, que de noite vigiauão no meo do rio em hum parao.

Fez Capitão mór Duarte de Mello, com dous nauios, e huma galé, e huma galeota, e dous bargantys, que andaua ao longo da costa prouendo a cidade com mantimentos; e com esta armada andaria com Manuel de Lacerda, como viesse da costa do Malauar, onde andaua com outra armada com todos seus poderes; e deixou despesa ordenada pera pagamento da gente, e ao capitão deixou em apontamento que fizesse aos casados, que fossem pera ysso, que tiuessem cauallos, e os fizesse bem concertar, e com elles sempre fosse ao campo aos ensinar a escaramuçar; e lhe ordenou mantimento pera os cauallos. Proueo a cidade de muyta artelharia e engenhos, e casa ordenada com mestre pera fazer poluora, e tudo em muyto concerto quanto compria; e sobre todo encomendou ao capitão os casados, que em nenhum trabalho os acupasse senão o que elles de sua vontade quigessem fazer, e lhes fizesse todolas honras que fosse possiuel, porque outros folgassem de casar.

CAPITULO XXIII.

COMO O GOUERNADOR COM GROSSA ARMADA SE PARTIO DE GOA PERA O ESTREITO DE MECA, E POR FALTA DE TEMPO NOM FOY E ARRIBOU, E PER CONSELHO ASSENTADO SE FOY A CONQUISTAR A CIDADE DE MALACA.

O Gouernador teue tantas acupações nas cousas de Goa, que se nom pôde partir pera o estreito senão na entrada de feuereiro d'este ano de 1511, e cometeo seu caminho, em que achou tão forte contraste de tempo contrairo que nom pôde hir áuante, e forçadamente arribou á barra de Goa com muytos nauios desaparelhados, que se concertarão; e nom consentio que ninguem desembarcasse porque a gente lhe nom ficasse, porque logo determinou hir a Malaca com aquella armada, e nom se perder o gasto que n'ella tinha feito. Sobre o que logo ajuntou os capitães a conselho, em que lhe disse a determinação em que estaua de passar a Malaca, que muyto compria por se nom perder a despeza que tinha feita, e principalmente polo grande seruiço que farião a ElRey nosso senhor hir vingar o mal que Malaca fizera a Diogo Lopes de Sequeira, e

cobrar os catiuos que lá estauão; e Malaca estaua em desposição pera ysso, segundo Ruy d'Araujo lhe dizia em sua carta. Sobre o que ouve duvidas, todauia foy assentado que fosse fazer o que estoruára a Diogo Mendes, e que, se assentasse Malaca, seria grande bem pera a culpa que nas cousas de Diogo Mendes lhe podião dar no crime e ciuel; e com ysto assy assentado, deixou mais em Goa dous nauios que andassem com Duarte de Mello, em que ficarão Fernão da Costa, e Manuel Sodré, com regimento que se trabalhassem muyto de encher Goa de mantimento, e se os nom tomassem de preza no mar os fossem comprar a Baticalá, e enuernassem em Goa; e deixando todo prouido em tres dias que esteue na barra, se partio e foy a Cananor.

E hindo já á vela fóra no mar, chegou a elle huma galueta que vinha de Cambaya, e n'ella Diogo Correa, hum dos catiuos que lá estauão, que se perderão com dom Afonso, o qual veo per esta maneyra: que os catiuos ouverão licença d'ElRey, per intercessão de Melicopim, pera mandarem hum homem ao Gouernador com seu recado, e o Gouernador lhe mandaria seu embaixador, com que assentassem pazes e amizades, com que elles fossem soltos de seu catiueiro; e esta lembrança fazerem ao Gouernador, porque elle tinha tantas acupações nas cousas de Goa que se nom lembraua d'elles. Do que ElRey foy contente, porque desejaua assentar paz com o Gouernador pera bem de seus proueitos de seus portos, porque perdia muyto estando de guerra. Polo que os catiuos antre sy enlegerão Diogo Correa que fosse ao Gouernador com seu recado, que acertou de chegar sayndo o Gouernador de Goa; com que ouve muyto prazer em todos, por saberem de seus amigos que erão viuos. O Gouernador recolheo á sua nao Diogo Correa, e escreueo aos catiuos que ouvera prazer com saber que erão viuos, mas que elle hia de caminho pera Malaca com muyta armada e gente, que de Cochym mandaria Diogo Correa com sua reposta; e escreueo carta a ElRey, de grandes comprimentos d'agardicimentos do bem que fazia aos portuguezes, que de Cochym lhe mandaria seu messigeiro; o que assy escreueo a Melicopim, que tudo erão grandes bens que fazia a suas naos e fazendas, onde quer que fossem achadas das armadas d'ElRey de Portugal: com que se tornou a galueta, e o Gouernador seguio seu caminho, com proposito que tornando de Malaca [1] * mandaria * a ElRey de Cambaya em-

[1] * mandar * Autogr.

baixada, com muyto aparato e triunfo, pera assento de paz e amizades, e tirar os catiuos, o que elle ao presente nom podia fazer por nom ter tempo.

Chegou o Gouernador a Cananor, onde achou a gente muy agrauada de cousas que lhe fazia Manuel da Cunha, polo que lhe tirou a capitania, e fez capitão Diogo Correa, e a Manuel da Cunha mandou pera Goa. O Gouernador foy visitado d'ElRey, e elle o mandou visitar per dom João de Lima, e Fernão Gomes de Lemos, com recados de grandes amizades. E estandose o Gouernador ordenando pera se partir, lhe chegou hum messigeiro do Rey de Calecut que então reynaua, porque o outro falso morrera, e este, sendo Principe, era muyto contra os males que seu tio fazia, e per conselho d'este Principe o Rey morto tinha assentado de fazer * paz * com os portuguezes, e por ysso mandou a Cochym a embaixada de paz que já atrás contey, em que prometia dar forteleza; polo que este nouo Rey mandou ao Gouernador seu recado, com muyta firmeza de paz, e * que * daria forteleza, com todolos bons concertos de bons amigos firmada pera sempre. Sobre o que o Gouernador teue conselho com todos os fidalgos e capitães, porque pera este assento auia mester muytos resguardos e seguridades de juramentos, pera o que auia mester espaço de tempo que agora nom tinha, por hir de caminho e nom perder tempo, e tambem nom confiando em tudo o que o Çamorym dizia; e por nenhuma cousa deixaria de hir seu caminho a Malaca, em que esperaua em Deos fazer a ElRey outro mór seruiço, que seria tomar Malaca: sobre o que ouve opiniões deferentes e debates, e fiqou assentado que ao presente se nom podia n'ysto entender. Polo que o Gouernador mandou ao Çamorym grandes agardicimentos da paz que com elle queria, a qual aceitaua, e muy compridamente faria como tiuesse tempo; mas que ao presente nada podia fazer, porque ElRey seu senhor estaua muy escandalisado de tantas quebras como atéquy lhe fizera ElRey morto; polo que mandara o Marichal a lhe fazer a guerra, em que sayo mais mal, e tinha mandado que sempre lhe fizessem guerra, a qual elle lhe nom fazia polo recado que lhe mandara a Cochym a pedir esta paz, o que elle tinha escrito a ElRey, e esperaua por sua reposta, sem a qual elle nom podia fazer nada até as primeyras naos que viessem, em que esperaua pola reposta. Até as naos virem estarião em tregoas com boa paz até ver o que ElRey mandaua, que elle sabia certo que ElRey o

aueria por bem, e que então com aprazimento d'ElRey o faria muyto melhor; que se entanto alguma cousa lhe comprisse a Cochym lhe mandasse dizer, que elle faria tudo o que fosse rezão, porque elle hia de caminho pera Malaca, pera logo tornar; e que entanto ficassem seguros seus portos, e nauegações, que corressem pola costa da India, e nom passassem pera o estreito de Meca; o que assy o deixaria em regimento aos capitães que deixaua no mar, a que mandaria que guardassem as suas naos, que achassem com seu cartaz.

Da qual reposta o Çamorym e os seus forão muyto contentes, mórmente os mercadores, que estauão muy perdidos por nom nauegarem; a qual reposta pareceo bem aos capitães que assy ficasse esta paz, porque o Gouernador hia fóra da India, e seria trabalho fiquar guerra na costa sobre pedir amizade. D'esta cousa mandou o Gouernador dar rezão a ElRey de Cananor, com que elle muyto folgou, e todos os mercadores, que erão parentes e parceiros com os de Calecut; com que se partio pera Cochym. Chegando o Gouernador a Cochym lhe fizerão recibimento, e elle foy logo ver ElRey, que lhe fez grandes honras, a que deu conta de todo o que tinha passado depois que d'ally partira, e os trabalhos de Goa, e o que assentara em Cananor com o Çamorym, porque hia assy de caminho pera Malaca; com que ElRey ouve muyto prazer por elle ficar descansado.

Quando o Gouernador se partio d'aquy de Cochym pera Goa, mandou ao capitão Antonio Real que fizesse huma parede grossa ao longo da forteleza, da banda da terra, pera depois mandar fazer outra com que cercasse hum chão da mão esquerda da forteleza, pera dentro fazer grandes casas pera os almazens e feitoria, porque dentro na forteleza nom cabia nada, porque erão casinhas muyto pequenas. Do que Antonio Real nom teue cuidado, que se acupou em fazer huma casa de pedra pera sy; do que o Gouernador ouve paixão nom fazer o que lhe mandara, polo que lhe mandou desfazer o sobrado que queria fazer, e ficou casa terrea, em que fez esprital pera os doentes onde ora está; e lhe mandou pagar o gasto que tinha feito, e que elle pagasse dozentos cruzados pera as obras da igreja, e lhe tirou hum ano do ordenado da capitania. O Gouernador fez ysto assy rigorosamente, que lhe tinha odio, por ser certificado que escreuera malles d'elle a ElRey: polo que Antonio Real lhe fiqou capital imigo, e escreueo a ElRey d'elle grandes capitolos. O Go-

uernador ordenou 'armada que auia de leuar, que forão oito naos do Reyno, e tres naos dos rumes e huma galé, e duas galés das nossas e tres carauellas latinas, e hum bargantym de que era capitão Fernão d'Atayde; e das galés dom João de Lima, Fernão Peres d'Andrade, Gracia de Sousa; e nas carauellas latinas Ayres Pereira de Berredo, Diniz Fernandes de Mello patrão mór; e na redonda Pero d'Alpoym ouvidor; e dos nauios Bastião de Miranda, Nuno Vaz de Castello Branco, Simão d'Andrade, Ayres da Silua, Duarte da Silua, Simão Martins de Miranda, Afonso Pessoa, Jorge Botelho; e a nao do Gouernador, e na armada, outros honrados fidalgos, Gaspar de Paiua, Ruy de Brito Patalim, Vasco Fernandes Coutinho, Antão Nogueira, Antonio Raposo, Luiz Coutinho, Payo Rodrigues de Sousa, Francisco de Tauora. Na nao do Gouernador * forão * Gonçalo de Almeida, Antonio da Costa, Diogo Peres d'Azeuedo, João Mendes Botelho, João Pereira, mulato fidalgo, Aluaro Botelho, e outros caualleiros honrados, que nomearey quando fizerem feito. Com estas dezoito velas, e n'ellas até seiscentos homens d'armas e do mar, e valentes escrauos, leuou marinheiros da terra, pera mais ajuda do trabalho de nauegar, porque os marinheiros do Reyno erão pouqos, e leuou os pilotos que forão com Diogo Lopes de Sequeira. E deixou cinquo nauios pera varar, que fazião muyta agoa, em os quaes deixou por Capitão mór Manuel de Lacerda com todos seus poderes, em que corresse a costa durando o verão, e que tomasse todas as naos que viessem de Meca, e por ysso andasse largo no mar, porque tomando as naos nom fossem á vista da terra de Calecut, pola paz que lhe deixaua; e que se comprisse enuernasse em Goa, que primeyro visitaria que se recolhesse; e corregendo seus nauios no inuerno, como fosse verão, em agosto, se pudesse, saysse 'andar na costa. E lhe deixou dozentos homens, e em Cochym cento e vinte, que em Cananor ficauão outros tantos, e tudo prouido como compria, o Gouernador se partio seu caminho a Malaca em fim de feuereiro, onde passou o que adiante direy; e tornarey a contar o que se passou em Goa, em quanto lá andou o Gouernador.

CAPITULO XXIV.

DA GUERRA QUE SOBREUEO A GOA DEPOIS DA PARTIDA DO GOUERNADOR, E O QUE SE PASSOU EM QUANTO ELLE LÁ ANDOU, E OUTRAS COUSAS QUE N'ESTE TEMPO SUCEDERÃO.

O Hidalcão, sabendo que o Gouernador era partido de Goa, ao que elle nom podia acodir que andaua em muytos trabalhos, escreueo a Melicagi que ajuntasse quânta gente pudesse, e fosse pelejar com Melrao, e lhe tomasse as terras que possuia, e trabalhasse polo catiuar, e a Timoja que com elle andaua, e que tomando as terras as arrecadasse, e estiuesse assy até lhe mandar seu recado. O que o Melicagi assy o fez, e gastando seu dinheiro ajuntou muyta gente com que foy buscar o Melrao, o qual sabendo do apercebimento que Melicagi fazia se apercebeo com cinqo mil homes da terra, e foy pera lhe tolher hum passo, mas quando chegou o Melicagi era já passado com muyta gente, e pelejarão, e o Melrao foy desbaratado, porque elle nom se quis muyto trabalhar n'esta cousa, porque tinha muyto dinheiro arrecadado, e se foy acolhendo com seu fato pera Bisnegá, e teue muyto cuidado de leuar comsigo o Timoja, que meteo em ferros, pedindo que lhe désse dinheiro que elle nom tinha, e nos ferros o matou. Este bom pago lhe deu a fortuna de seus bons seruiços, que erão dinos de outro galardão! O Melrao fez honra 'o Rey de Bisnegá, e com seu fauor e gente o mandou a Onor tomar posse de seu Reyno porque o Rey era morto, que era seu irmão mais pequeno e estaua no Reyno por força. Este Melrao foy depois leal seruidor d'ElRey de Portugal, e entregou ao Gouernador quarenta mil pardaos d'ouro, que tinha arrecadado das terras quando se foy pera Bisnegá.

O Melicagi, vendose apossado das terras de Goa, arrecadando muyto dinheiro com que ajuntou muyta gente, logo defendeo que nada leuassem a vender a Goa, determinado a entrar a ilha de Goa e guerrear a cidade, pera o que fez muytas jangadas pera passar gente, * de * muytas almadias juntas e em cyma tauoado e rama, e fez muytas nos rios junto de Goa, de Çancaly e Antruz. Do que veo auiso ao capitão Rodrigo Rabello, que logo se ordenou pera lhe hir queimar as jangadas, e

passou a Salsete com trinta de cauallo, e dozentos homes de pé bem armados, e quatrocentos piães da terra, e foy aos esteiros onde estauão as jangadas, onde lhe sayo muyta gente, com que pelejou e desbaratou, matando muytos; e lhe queimou as jangadas, e se tornou a meter nas embarcações, com os cauallos, que mandou pera Goa, e elle com a gente nos bateys foy a outro rio em que estauão jangadas. Mas ellas estauão metidas muyto polo esteiro dentro, o rio era estreito, a que d'ambas as bandas acodirão tantos frecheiros que fizerão tornar os batés pera fóra, e tambem o capitão ouve arreceo que lhe deitarião páos e aruores cortadas no rio, com que lho tomarião porque era muyto estreito; polo que se tornou pera fóra, e tornado a Goa mandou espiar o que fazia o mouro, e soube que se concertaua pera entrar na ilha de Goa, pera o que logo o capitão proueo os passos com gente, e mandou ter boa vigia, e antre os mouros trazia espias, que o auisauão de tudo o que se fazia. Polo que mandou Luiz Fernandes, que estaua em Goa com hum dos bargantys, que fosse ao mar chamar Duarte de Mello, que logo veo com todos os nauios e galé, que erão oito nauios, e passante de cem homes; mas já quando chegarão os mouros erão entrados na ilha, porque o mouro logo cometeo concertos com os piães do passo de Banestarim, que se aleuantassem por elle, e matassem João Coelho tanadar, e por ysso lhe fazendo grandes promessas. Do que o capitão ouve auiso, e por nom fazer temor ao tanadar lho nom descobrio, sómente lhe mandou que com os seus piães se fosse correr os passos, e pera Banestarim mandou Pero Preto, bom caualleiro, com dozentos piães, e dez homes portuguezes, que estiuessem no passo; e mandou a João Coelho que os seus piães que os entregasse a Lourenço Prego, ao qual deu auiso que n'elles tiuesse boa vigia, e como hum bolisse, que se desmandasse, o mandasse espetar em hum páo; e ao João Coelho mandou em huma barcaça, com vinte homens e quatro falcões, que fosse estar em guarda do passo de Banestarim, e lhe disse a traição que os seus piães ordenauão: com que teue grande vigia, porque na terra defronte do passo estauão oitocentos homens prestes pera passar.

O mouro, vendo que o passo de Banestarim assy estaua bem gardado, ordenou suas jangadas no rio de Cancoalle pera passar por o passo d'Agacim, onde estaua por tanadar Fernão Pedrogão. Do que veo auiso ao capitão, que logo mandou Ayres Dias, escriuão da feitoria, e An-

tonio Ferreira em barcaças, com tiros grossos de falcões e berços, e Aluaro Godinho em huma carauella bem armada, que se fossem estar no passo d'Agacim, e tiuessem boa vigia de noite. O mouro Melicagi, como era manhoso e tinha espirito diabolico, deixou sua gente no rio, com as jangadas prestes, que passassem como soubessem que elle era dentro na ilha, e passassem de noite, que postoque os nossos nauios os vissem lhe nom podião tolher que alguns nom passassem, porque como estiuessem dentro na ilha os nossos acodirião a terra, e nom guardarião o mar, com que todos acabarião d'entrar; e deixou com este encargo hum seu primo, valente caualleiro, e elle se veo ajuntar com a gente que tinha em Banestarim, e mandou vir muytas almadias pequenas de longo da borda d'agoa, de noite, que nom forão vistas, nas quaes se embarqou caladamente, e a gente metida n'agoa, sómente pegados ás almadias, e passou antre Banestarim e Goa velha, e se meteo per antre huns tamargaes e aruoredos alagadiços, e esteiros em que as almadias forão e vierão, em que passarão até que amanhecia; e sayndo a terra enxuta, o mouro, com huma bandeyrinha branca que aleuantou, se foy ante menhã ao passo d'Agacim pera matar o tanadar, o qual nom achou, que estaua no mar embarcado, polo que então deu nos nossos piães, que lhe logo fogirão, e ouve grande grita e aluoroço. O que foy sentido nos nauios do mar, que tambem se fez aluoroço que ouvirão as vigias dos mouros, que elles tinhão no mar em almadias muyto pequeninas que se nom vião, que forão dar rebate ás jangadas que o capitão Melicagi estaua já dentro na ilha; com que as jangadas, carregadas de gente, logo com a maré sayrão do rio atrauessando pera a ilha, que erão mais de corenta, em que passauão tres mil homes, e quando sayrão do rio já rompia o dia. A que os nossos tirarão e [1] * quebrarão * muytas, e muyta gente morta dos tiros, e outros afogados no mar, que forão mais de mil homes mortos; com medo do qual se tornarão a meter no rio, e todauia passarão á ilha tres jangadas com muyta gente, que forão correndo a se ajuntar com Melicagi, com que logo correo a Goa a velha, e foy queimar huma aldea, em que matou muyta gente. O que vendo os nossos que estauão no mar, que já os mouros erão entrados e andauão pondo fogo, se forão pera' cidade; o que vendo os que estauão no passo de Banestarim, [2]

[1] * quebram * Autogr. [2] * temdo * Idem.

temendo que os mouros os viessem buscar, e que os nossos propios piães se aleuantarião contra elles, se forão pera a cidade. O que foy muy grande erro, porque, desamparando assy o mar e o passo, n'este dia entrarão passante de tres mil mouros, que se ajuntarão com seu capitão, que andauão pola ilha fazendo mortes e queimas. O capitão Rodrigo Rabello se muyto agrauou com os capitães do mar, por fazerem tão grande mal como fora viremse pera Goa.

N'este dia chegou a Goa Duarte de Mello com toda 'armada de fóra, com que a gente ouve muyto prazer, porque estauão com grande medo de verem os mouros entrados na ilha; polo que logo, auido conselho, se ordenou que os nauios, assy com a gente como vinhão, fossem andar polos rios, tolhendo que mais mouros nom passassem, o que causaria temor aos que erão entrados, que nom andassem tão foutos como andauão.

O Hidalcão, sabendo que o Melicagi tinha tomado as terras de Goa, recolhendo muyto dinheiro com que tinha muyta gente, pareceolhe que podia entrar na ilha e tomar Goa, com que se aleuantaria, e se faria tão forte, e com tanta gente que lha nom poderião tomar. Fallou com Pulatecão, hum seu capitão em que muyto confiaua, dizendo que fosse com sua carta, que mandaria a Melicagi, com muytos fauores e agardicimentos de seus honrados feitos, dizendo que lho mandaua pera o ajudar a entrar a ilha de Goa, e com esta dessimulação prendesse o Melicagi e lho mandasse a bom recado. O qual Pulatecão veo com pouqua gente, e chegou á terra d'Agacim quando os nossos nauios andauão guardando os rios, que era Manuel Sodré na galé, e os bargantys, que corrião todos os rios, e Gonçalo Trauaços na galeota, e Manuel d'Araujo em hum nauio que estaua no meo do rio; e chegado o Pulatecão, que soube que Melicagi era dentro na ilha com muyta gente, determinou a entrar, e se meteo só em huma almadia, elle em pé com hum zaguncho, com quatro negros que remauão, veo com hum pano branco atado no zaguncho, e foy direito ao nauio de Manuel d'Araujo, que cuidarão que era algum recado; mas elle passou de longo, remando muy rijo, ao que lhe tirarão muytos tiros, que nenhum o acertou, nem forão após elle, porque hy nom estauão os bargantys. Quando passou era já tarde, e se meteo antre huns heruaçaes, e mandou os negros a nado que tornassem a dizer aos seus que se metessem nas jangadas, e de noite passassem humas por

proa e outras por popa dos nauios, e 'os que entrassem lhe daria quanto tomassem na ilha. Ao que se auenturarão, e aguardarão a maré, e com escuro grande que fazia cometerão a passagem; o que os nauios sentindo tirarão com artelharia por todas partes, com que matarão muytos d'elles afogados n'agoa, porque alguns tiros acertarão algumas jangadas, que as espedaçarão. Mas todauia entrarão muytos mouros, que recolheo o Pulatecão, com que se foy ajuntar com Melicagi, que o veo receber, e mostrou com elle muyto prazer no rostro, mas no seu coração estaua com grande medo, e vendo a carta do Hidalcão então muyto mais affirmou sua sospeita, porque dizia na carta que mandaua o Pulatecão pera que andasse com elle, e fizesse seu mandado. Bem entendeo que nom vinha senão ao prender ou matar, e estiuerão ambos fallando grã parte da noite, cada hum com suas tenções hum contra o outro; mas o [1] * Melicagi, que seu coração lhe * dizia verdade, determinou de logo fogir, e fez que lhe doia a barriga e queria hir fazer seus feitos. O Pulatecão, sospeitando a verdade, estaua maginando de matar o mouro por lhe auer o dinheiro que tinha, porque se o mandasse preso ao Hidalcão com todo seu dinheiro, o mouro diria que era muyto mais, com que então ficaua em mal com o Hidalcão, que o mandaria matar; e como já trazia bem deitadas todas estas contas, e que se nom [2] * arrecadasse * o mouro tambem ficaua em mal, quando lhe Melicagi disse que queria hir fazer seus feitos lhe disse leuemente que fosse [3] * embora *. E saydo fóra de huma casinha em que estauão, o mouro fez reboliço, como que vinhão portuguezés, com que ouve aluoroço, pera na enuolta fogir; mas o Pulatecão sayo á pressa chamando polos seus, e foy por antre a gente até auer vista do mouro que fogia, e mandou os seus que o fossem matar, que logo foy morto, dizendo que fogia pera se meter na cidade; e logo mandou homens ao arrayal que se pusessem em guarda da tenda do mouro, o que assy foy feito, com dizerem que o mouro fogia pera os portuguezes e tinha ordenada traição.

E todos ficarão contentes com o Pulatecão, que sabião que era grande caualleiro e bom capitão, que logo aleuantou bandeyra, e se juntarão os mouros, que erão muytos e andauão correndo a ilha, com que

[1] * Melycagy seu coração que lhe * Autogr. [2] * arrecado * Idem. [3] * vembora * Idem.

toda a gente se foy fogindo pera' cidade com grandes cramores. Polo que o capitão ouve conselho, e assentou de hir dar nos mouros, e primeyro repartio as embarcações todas per derrador da ilha, que estiuessem humas á vista das outras, que abrangessem com os tiros em maneyra que nom entrassem mais mouros. E tudo posto em boa ordem, elle se fez prestes com corenta de cauallo, todos homens que sabião pelejar a cauallo, em que foy Manuel da Cunha, Duarte de Mello, Gonçalo Trauaços, Antão Nogueira, Hercoles d'Andrade, Pero de Freitas, Sancho Tauares, João Coelho, Fernão Pedrogão, Vicente da Costa, Francisco Tauares, Aluaro Godinho, Pero de Madureira, e outros, que os mais erão casados que tinhão cauallos, que quiserão hir, postoque o capitão lhe mandaua que ficassem guardando a cidade com o alcaide mór Francisco Pantoja, que ficou com muyto recado, fechadas todas as portas, e a gente repartida polas estancias do muro.

Sayo o capitão com estes corenta de cauallo, e cento e vinte homens de pé, de lanças e adargas, e muytos d'elles armados, e com seiscentos piães da capitania de Lourenço Prego, e Manuel de Sampayo, que leuaua a bandeyra, e com boa ordem forão buscar os mouros, os quaes sabendo que os nossos os hião buscar ouverão grande medo, e o Pulatecão com sua gente se foy pera Goa velha, e esperou no lugar onde ora está a casa de Nossa Senhora d'Agoa de Lupe, porque vio boa desposição na terra pera se defender, com muytos frecheiros que tinha, e zagunchos, espadas, adargas. O capitão se pôs na dianteira com a gente de cauallo, e a gente de pé atrás, e a pionagem per fóra d'ambas as bandas, e como os de cauallo hião bem armados, postos em ordem com suas lanças e adargas, que muytos mais parecião, os mouros forão em muyto medo, que tanto que os nossos derão Santyago todos se puserão em desbarato, fogindo por onde podião; aos quaes seguião os nossos piães, matando, e ferindo. Aos de cauallo nenhum aguardaua. O mouro Pulatecão foy só fogindo per o outeiro que está áquem de Nossa Senhora, o qual atou hum pano na ponta do zaguncho, e com elle capeando pera todas partes, se ajuntarão com elle até dozentos, que se fizerão em corpo sobre o outeiro, dando gritas porque se ajuntassem os outros, que os nossos de pé e de cauallo andauão correndo após elles, que fogião pera o mar, se metendo per huns esteiros, onde os nossos piães os hião matar por lhe tomar as touqas e panos.

Sendo dito ao capitão dos mouros que estauão no outeiro, foy a elles, sem aguardar que se ajuntassem os de cauallo, em que sobio ao outeiro [1] * com * sómente doze ou quinze de cauallo com a bandeyra, e foy dar nos mouros, que estauão antre huns morouços de pedras em que se defendião fortemente, onde ao capitão ferirão o cauallo de huma zagunchada pola barriga, que foy fogindo e cayo em hum cabouqo, onde tomou o capitão debaixo que se nom póde aleuantar, onde os mouros acodirão, e o matarão, e cortarão a cabeça, e 'aleuantarão em hum zaguncho, bradando capitão! capitão! mostrando que era àquella sua cabeça. Ao que correo Manuel da Cunha, que hia em hum bom cauallo, e se meteo antre os mouros ás lançadas, onde foy dar em coua que cayo o cauallo, mas elle prestesmente se aleuantou, e se aleuantou o cauallo, em que tornou a caualgar, que lançando a perna por cyma da sella lhe derão huma frechada na verilha, de que logo cayo e foy morto. Os mouros usarão de ferir os cauallos e os decepar, com que puzerão os nossos em desbarato; e caydos os cauallos matarão Fernão Pedrogão, Pero de Freitas, Sancho Tauares, e os outros desbaratados, que hião seus cauallos feridos fogindo com elles, e Manuel de Sampayo lhe derão huma frechada, e lhe pregarão a mão na aste da bandeyra, com que lhe cayo da mão, e elle já ferido d'outras frechadas, e assy Francisco Madureira, e Lourenço Prego, muyto feridos, forão correndo pera' cidade. A gente de pé, que virão os de cauallo hir polo outeiro correndo pera a cidade, tambem assy o fizerão. Os nossos piães, que sobião pera o outeiro, vendo o desbarato com que hião os de cauallo, se forão ajuntar com os mouros, pelejando contra os nossos; os outros homens de cauallo que nom sobirão ao outeiro, vendo que todos hião em desbarato, cuidarão que n'outeiro ouvera cilada de gente, porque virão muyta que se logo ajuntou, e dandolhe rebate que o capitão era morto se forão recolhendo a gente de pé. Era aquy hum Antonio Braz, valente caualleiro, que daua grandes brados aos de cauallo que acodissem, o que nom quiserão ouvir, que se acodirão com a gente de pé, leuemente puderão matar todos os mouros; e vendo que nom acodião tambem se foy acolhendo pera a cidade. O mouro Pulatecão, vendo hir os nossos, ouve muyto prazer, e se deixou estar quêdo no outeiro, porque * se * vinhão os seus ajuntan-

[1] * que * Autogr.

do pera elle, ficando mortos onze de cauallo. Antão Nogueira, e Duarte de Mello, que trazião roins cauallos cançados, se vierão detrás da gente de pé, que de cansados cayão, e com muyto trabalho chegarão á cidade, como mortos de cansados.

Sabido na cidade a morte do capitão, e dos outros que vinhão em desbarato, ouve grande aluoroço, e se aleuantou grande grita, e todos os homens e molheres se recolhendo pera dentro; o que ouvido por Diogo Mendes de Vascogoncellos, que estaua preso no castello, bradou com Francisco Pantoja porque nom acodia, e corria á cidade a ver o que compria. O Francisco Pantoja era homem de fraqo animo, e disse que nom podia sayr da forteleza, que auia de ter a bom recado, que nom sabia o que seria, e nom sayo do castello; o que assy lho foy bradar o feitor, e outros homens, sobre que ouve debates, porque Francisco Pantoja dizia que lhe obedecessem, que era capitão, o que muytos contrariauão, porque o conhecião por homem fraqo.

Então o feitor e escriuães da feitoria, e os mais dos homens, bradarão que Diogo Mendes de Vascogoncellos soltassem, e fosse capitão; o que parecendo bem a todos, forão á torre da menagem, e tirarão os ferros a Diogo Mendes, e o [1] * trouxerão * fóra, e todos o aleuantarão por capitão; do que elle se defendia, dizendo que Francisco Pantoja era alcaide mór, e por regimento d'ElRey era capitão; que a elle obedecessem, mas todos bradarão que tal nom querião, que elle forçadamente querião por capitão, e da parte d'ElRey lhe requerião que fosse capitão, porque todos por capitão lhe obedecião. Ao que Diogo Mendes respondeo que d'ysso lhe dessem estormento, que logo lhe fizerão. Então logo se armou, e caualgou em hum bom cauallo, seu page com lança e adarga, e foy correr os muros e portas da cidade, em que pôs boa guarda, e deixou entrar pera dentro homens canarins, com suas molheres e filhos, quantos lhe pareceo que podião bem caber na cidade, homens pera trabalho.

As embarcações, sendo dito que o capitão era morto e os outros, e os portuguezes fogirão pera' cidade, lhes pareceo que já' ilha era chea dos mouros, * e * com a maré se forão á cidade, a ver o que se determinaua, e o que farião; as quaes passando do passo sequo logo

[1] * trouxe * Autogr.

per Banestarim entrarão muytos mouros, que correrão pera onde estaua o Pulatecão, que se ajuntarão mais de mil, com que o mouro se veo com muyta vã gloria do vencimento, e foy ao outeiro de Carambolim dar vista á cidade, o que fez grande espanto ao pouo do arrayal, cuidando que os mouros vinhão entrar a cidade; polo que todos, homens e molheres, gritando, c'os filhos ás costas fogião pera a cidade. Ao que o capitão deu repique, e acodio toda a gente armada, com que o capitão sayo fora da cidade com trinta de cauallo, e foy polo arraualde fazendo segurar a gente, e mandou tirar duas peças grossas, do baluarte da ribeira, pera onde estauão os mouros, que o zonido dos pilouros fizerão tornar os mouros pera trás; com que o Pulatecão se foy aposentar em Banestarim, onde se fez muyto forte. Diogo Mendes capitão, mandou logo Luiz Fernandes no bargantym chamar Manuel de Lacerda, dandolhe conta do estado em que estauão as cousas. O qual foy, que o achou em Calecoulão, que fôra lá ter dando caça a huma nao de Meca, que veo ter com elle sobre Calecut e fogio pera lá, onde deu comsigo á costa, e Manuel de Lacerda nom quis tomar nada porque a costa era da Raynha de Coulão, de que ella lhe mandou muytos agardicimentos; onde chegando o bargantym, logo se veo, e entrou em Cochym no bargantym dar conta a ElRey como se hia a Goa, e logo se partio, mas achou tanto tempo contrairo que nom chegou a Goa senão em abril, com tres nauios, que os outros deixou em Cochym, que fazião muyta agoa; e trouxe muyta madeira pera repairos d'artelharia, que em Goa a nom auia, e muyta pregadura grossa; e com muyto trabalho do tempo chegou a Baticalá, onde tomou muyto arroz, e ferro, e açuquere, com que se foy, que chegando a Goa, com dozentos homens que leuou, ouverão muyto prazer, e o capitão Diogo Mendes, e todos, o receberão com muyto prazer. Onde fallando no que compria, ordenarão logo repairar os muros da cidade, per muytos lugares que estauão mal repairados, antes que çarrasse o inuerno, que já auia muytas chuvas. No qual trabalho se meteo muyta gente da terra que auia na cidade, e tudo foy concertado, e feito o muro de nouo onde compria, e as estancias das goritas e portas tudo bem concertado.

O Pulatecão assentou muyta artelharia em Banestarim, e fez cerqua de muro com torres e cubellos, e per fóra caua, e se fez muy forte. O Pulatecão, por se mostrar grande guerreiro e porque tinha muyta

gente, fazia capitães com gente que mandaua correr a ilha toda, por se mostrar que era senhor d'ella, e fazia mal na gente que achaua: e assentarão bombardinhas no outeiro de Nossa Senhora do Monte, com que deitauão pilouros perdidos dentro na cidade, com que ás vezes fazião mal.

E porque na cidade estaua muyta gente, e 'armada, todos bradauão que sayssem a pelejar com os mouros em quanto nom era muyto inuerno, 'o que o capitão, com emportunação dos homens, e Manuel de Lacerda e outros fidalgos, Duarte de Mello, Manuel Sodré, Antonio Freire, Gonçalo Trauaços, Antão de Lemos, Fernão de Brito, Pero de Freitas, João de Valadares, e outros honrados caualleiros, que vierão com Manuel de Lacerda os que puderão auer cauallos, e muyta gente de pé bem armada, e piães da terra, sayão a pelejar com os mouros polos arreualdes até o tanque de Timoja, que os mouros fogião, e tornauão, e andauão em saltos e escaramuças porque erão muytos. Com que ás vezes auia dos portuguezes alguns mortos e feridos; com que o capitão assentou de nom sayr mais a pelejar, estimando muyto hum só homem que lhe matauão, que auia por grande perda, e nenhuma fazia aos mouros que erão muytos, e nom auião de faltar por muytos que matassem; o que assy pareceo bem a todos, e nom sayrão mais.

E porque era o tempo que os lauradores auião de laurar e semear, e elles nom querião passar á ilha com medo dos mouros que lhe fossem fazer mal, e a sementeira da ilha era grande, de que o pouo se mantinha, foy ordenado que se guardasse a ilha, e mandou o capitão estar no passo de Naruha Jorge de Magalhães em huma carauella com corenta homens e boa artelharia, e Gonçalo Homem em huma barcaça com dous falcões, e berços, e vinte homens bem concertados, que forão guardar o passo; com que os lauradores passarão á ilha fazer sua lauoura. Com que se foy passando o tempo até ser inuerno çarrado.

N'este tempo se forão muytos portuguezes, homens baixos, pera os mouros, a que o Pulatecão daua soldo, e lhe fazia bom trato, porque elles se lhe fazião muyto seruidores guerreiros e bombardeiros, e lhe dauão seus albitres, per conselho dos quaes elles se offerecerão a tomar a carauella e barcaça que estaua no passo de Naruha, e o Pulatecão mandou hum seu capitão que com estes renegados se concertasse como tomassem a carauella e barcaça. Polo que se [1] * ordenarão * que nunqua

[1] * ordenam * Autogr.

lá pareceo nenhuma gente, no mar nem na terra, até ser inuerno çarrado no mêo de mayo, em que os nossos estauão muy descansados, e a barcaça e a carauella até o pé do masto cubertas com casas feitas, cubertas d'ola e esteiras por amor da chuva; em que se acolhião e estauão junto da terra, e de dia folgando em terra muyto descansados. Os mouros, com endustria dos arrenegados, fezerão seis jangadas grandes, com muyta gente armada e frecheiros, e sendo huma noite de grande escuro e chuva, vierão com as jangadas e abalroarão a carauella e a barcaça supitamente, com grande grita e muytas frechadas, com que todos forão em grande desacordo, nom acertando a tomar lança nem espada; com que os mouros entrarão e tomarão a carauella, matando o capitão e casy todos os portuguezes, que sómente escaparão alguns que se deitarão a nado, que se colherão a terra feridos; o que assy foi feito na barcaça, de que escapou o capitão Gonçalo Homem, que estaua em terra dormindo; em modo que no feito forão mortos mais de vinte e cinco portuguezes, e os outros casy todos feridos; onde seis ou sete arrenegados fazião todo o feito, bradando: «Mata! mata! nom fique nenhum d'estes cor-» «nudos!» E alguns feridos, que estauão caydos, nom consentirão aos mouros que os catiuassem, e os matarão elles por sua mão, mais cruelmente que os mouros. E leuarão a carauella e barcaça a Banestarim; com que o Pulatecão fez muytas mercês aos renegados, e os trazia muy fauorecidos, porquę elles se mostrauão verdadeiros mouros fanados, e fazendo seus maos costumes, e andauão sempre com os mouros. Vinhão fallar de noite aos nossos que estauão nos muros vigiando, e lhe fallauão deshonras contra muytos que nomeauão, e gabando os grandes bens e muytas mercês que lhes fazia Pulatecão; que logo auia de vir o Hidalcão e tomar a cidade. Com que o capitão mandou assentar berços nas goritas das vigias, com que tirauão a tino da falla, com que ouverão medo, e fallauão correndo de passada.

Leuarão a carauella, que estaua sem o masto grande, e a barcaça, e em Banestarim o vararão em terra, e fizerão muy forte estancia com 'artelharia, e com outra muyta que tinhão os mouros. E porque os lauradores da ilha nom ousauão estar n'ella, que já toda era semeada, e o arroz nacido, que era grande contia; porque ysto se nom perdesse, que os mouros nom entrassem na ilha, mandou o capitão Manuel Sodré, e João Gonçalues, tanadar do passo sequo, nos bargantys bem armados,

que de noite andauão sempre a remo polo rio guardando a ilha, e cada dez dias remudaua outros capitães, e gente e remeiros, que tinhão muy grande trabalho que nom se podia sofrir, por caso das chuvas e grandes tempestades, que então era a força do inuerno, em que passarão muytos trabalhos. E os mouros nom ousauão chegar, de noite nem de dia, perto dos muros, porque estauão assentados muytos berços, com que lhe abrangião ás vezes. Os mouros andauão senhores de toda a ilha, e com elles quatorze arrenegados, que n'este inuerno se deitarão com elles, que erão os principaes em fazer malles, e se muyto acupauão com as bombardas que estauão assentadas no outeiro de Nossa Senhora do Monte, que deitauão muytos pilouros dentro na cidade, com que dauão alguma apressão. Nos quaes trabalhos os nossos passarão o inuerno, todos vigiando a cidade per sua ordem, e o capitão que era o sobre rolda, com Manuel de Lacerda, e Duarte de Mello, e outros fidalgos que folgauão de acompanhar o capitão, que em todo prouia, mórmente provendo o pouo, que estaua dentro na cidade, com mantimento de que auia auondança, até entrada de setembro, que chegou nao do Reyno.

ARMADA

DE

DOM GRACIA DE NORONHA, ANNO DE 1511.

CAPITULO XXV. [1]

Em este presente ano partirão do Reyno seis naos pera carregar, de que veo Capitão mór dom Gracia de Noronha, sobrinho do Gouernador Afonso d'Alboquerque, e com elle os capitães das naos Christouão de Brito, Pero Mascarenhas, Manuel de Crasto, Jorge de Brito, dom Ayres da Gama, irmão de dom Vasco da Gama descobridor da India. Partirão de Lisboa todas juntas, mas porque dom Gracia era homem forte de condição e maniacolo, e fazia o piloto nauegar por onde elle queria, que os capitães o entenderão, se apartarão de sua companhia, caminhando a quem mais podia andar. Christouão de Brito, e dom Ayres, acertarão milhor a nauegação e passarão á India; Jorge de Brito chegou tarde a Moçambique e enuernou; Pero de Mascarenhas, e Manuel de Crasto seguirão com dom Gracia, o qual por suas destemporas, e nom deixar o piloto fazer seu caminho como queria, o fez demandar a terra mais cedo do que deuera, e ficarão á ré do cabo, com que tornarão pera Portugal e forão tomar na ilha de são Thomé onde estiuerão hum mês, e tornarão a caminhar pera' India, com muyta gente morta e doente. E vindo assy seu caminho, na paragem de dezeseis gráos virão huma ilha muyto pequena, e forão pera ella, e nom puderão chegar, porque lhe acalmou o

[1] Esqueceu ao auctor o marcal-o.

vento, nem acharão fundo em sessenta braças, e sendo á tarde acodio o vento por cyma da ilha, com que a nom puderão tomar. Então forão seu caminho, e os pilotos puserão a ilha no ponto de suas cartas, e lhe puserão nome santa Elena, porque a virão em seu dia. E forão seu caminho com muyta estrelidade d'agoa, e chegarão a Moçambique na entrada de feuereiro do ano 512, onde acharão Jorge de Brito, ao qual dom Gracia mandou logo partir pera' India, porque o seu nauio era pequeno e bom de vela, e podia entrar em qualquer rio que tomasse, o que elle com as outras naos nom podia fazer, que erão grandes; e mandou assy Jorge de Brito sómente pera dar nouas ao Gouernador seu tio que elle ficaua em Moçambique. E mandou no nauio Pero Mascarenhas, que lho pedio, porque vinha prouido de capitão de Cochym. E Jorge de Brito partio, e fez seu caminho a Cochym, onde chegou em fim d'abril, já com muytas treuoadas de começo de inuerno; e com muyta diligencia o nauio foy descarregado e metido no rio.

Dom Ayres, e Christouão de Brito que passarão á India, Christouão de Brito foy tomar em Cananor em agosto, que a sua nao era muyto veleira, * e * chegou com toda a gente sã; e d'ahy a tres dias chegou dom Ayres. Estes derão nouas da morte do Visorey n'agoada de Saldanha. Diogo Corrêa lhes disse que Goa estaua de guerra e muyta necessidade de lhe acodirem, sobre o que lhe fez requerimentos, com que logo pera lá partirão, e Christouão de Brito andou mais, que primeyro chegou a Goa, já em setembro, com que na cidade ouve muyto prazer.

Dom Ayres defronte de Baticalá topou huma nao carregada de cauallos e outras ricas mercadarias, que vinha d'Ormuz, com que se foy ao porto de Baticalá, e tomou da nao quanto trazia, sómente os cauallos, que erão corenta, e a troco das mercadarias que vendeo, carregou a nao d'arroz, açuquere, e manteiga, e muytos fardos de tamaras que a nao trazia, e meteo n'ella toda a gente que trazia, e pipas d'armas brancas, e piques, e lanças, e poluora, e quatro falcões e berços, e mandou o escriuão da nao que leuasse a nao a Goa e a entregasse ao feitor; e elle se tornou a Cochym, pera dar pressa a carregar e se partir pera o Reyno, leuar nouas a ElRey como estaua a India e Goa, e que o Gouernador era hido a Malaca, de que nom auia nenhuma noua, e se presumia que era perdido. E per elle escreuerão a ElRey Antonio Real, e Lourenço Moreno, e Diogo Pereira, grandes malles de Goa a ElRey, com

grandes apontamentos, e rezões, que nom era seu seruiço ter Goa, e a deuia de mandar largar. Sobre o que ElRey o escreueo ao Gouernador, como adiante direy. A nao, com a gente e cauallos, chegou a Goa, com que ouve muyto prazer, que de tudo a cidade tinha muyta necessidade e grande falta.

Com a chegada de Christouão de Brito, que na cidade ouve muyto prazer, elle no seu batel e esquife meteo quanta gente pôde caber, todos com riqas [1] * armas *, e com berços e bandeyras, á vela entrou polo rio, e chegou ao caez, onde o recebeo Diogo Mendes, e Manuel de Lacerda, e todo o pouo da cidade, com muytos prazeres, cada hum leuando pera sua casa os hospedes que podia agasalhar, e seus conhecimentos; com que se forão á forteleza fazer oração, e se ajuntarão á tarde todos a conselho, em que assentarão que logo sayssem a dar nos mouros, pera o que se ordenarão, e Christouão de Brito mandou á nao desembarcar toda a gente, pera o que foy huma barcaça, em que tambem trouxerão vinte pipas de vinho que Christouão de Brito mandou repartir polas estancias do muro, o que dobrou o prazer á gente, e se ordenarão aguardando que chegaria dom Ayres. Senão quando, chegou a nao dos cauallos com a gente, que fez mór prazer, e os cauallos forão desembarcados e postos nas estrebarias.

Como a gente estaua esforçada e aluoroçada com a gente noua do Reyno, e já assentado que sayssem a pelejar com os mouros, toda a gente se armou, e ouvirão missa ante menhã, e almoçarão, e Christouão de Brito sayo diante com seu guião, com os homens do Reyno bem armados, que passauão de trezentos, e o capitão com sua bandeyra em outro esquadrão com trezentos homens, com Manuel de Lacerda, e os outros capitães, e a milhor gente que auia na cidade. Christouão de Brito foy sobindo ao outeiro, e * o * capitão tomou o caminho polo pé do monte, pola carreira dos cauallos, e todos a pé. Os mouros, que virão a gente sobir pera o outeiro e que a outra hia polo caminho de baixo, temerão que lhe tomarião o caminho, e com pressa apanharão as bombardas, e decerão polo outeiro, fogindo per as duas aruores de Banestarim a grã pressa; os do outeiro forão após elles em boa ordem, mas o capitão andou de pressa, com que alcançou os mouros, que largarão as bombardas

[1] * armadas * Autogr.

e forão fogindo. Christouão de Brito deceo do outeiro, e se ajuntou com o capitão e voltarão pera a cidade com as bombardas, e nunqua pareceo mouro com que os nossos pelejassem. Depois, as vezes que os mouros parecião no outeiro os nossos lhe sayão, mas elles nom aguardauão, e ás vezes escaramuçauão hum pouco, e se recolhião. Onde Christouão de Brito esteue até fim d'outubro, que se foy a Cochym carregar, deixando toda a gente, sómente a do mar.

Diogo Mendes fez requerimento ao alcaide mór Francisco Pantoja que seruisse sua capitania, porque elle se queria hir com Christouão de Brito pera o Reyno; mas o alcaide mór nom quiš aceitar a capitania, e lhe fez requerimentos que a seruisse, e todos os officiaes e pessoas honradas assy lho requererão, porque se elle se fosse largarião a cidade; e Manuel de Laçerda requereo a Christouão de Brito que o nom leuasse. Tambem n'este outubro veo a Goa Diogo Fernandes de Beja, que fora ao estreito, e fez muy riqas prezas, que entregou ao feitor de Goa muyto dinheiro e riqas mercadarias, e foy aleuantar a forteleza de Çacotorá. E Pero Ferreira se embarcou na nao Santa Cruz com Antonio de Matos, com seus criados, e em ambas as naos toda a gente com seu fato, e muyta familia, molheres christãs da terra, que nom quiserão ficar com suas mães e pays, que folgarão mais com a conuersação dos portuguezes; de modo que se vierão nas naos mais de dozentas molheres, de que muytas casarão com homens honrados, porque estas molheres çacotorinas erão de boas condições, e molheres varonis. N'estas naos vierão com a gente da forteleza passante de dozentos homens.

Diogo Fernandes tomou huma estancia no muro da cidade, que foy da porta do Mandouim até' forteleza, per onde ora está a casa da poluora, onde Diogo Fernandes se aposentou nos cubellos, e fez casas de palha em que aposentou muytos homens, a que daua grande mesa fazendo muyto gasto, porque era muy nobre de condição e por muyto folgar de glorificar as cousas d'Afonso d'Alboquerque, de que era grande amigo. Vendo Goa com tanta gente, e casados mais de dozentos, em que auia homens muy honrados, e que o Gouernador quando se fora lhe deixara o regimento que se fizessem vereadores e juizes e almotacés, e que a igreja se fizesse grande, e que auia de ser Sé; o que nada d'ysto era feito, porque nom auia quem ysto folgasse de grangear e acrecentar, o que Diogo Mendes nom fazia porque viuia muy desgostoso de seus mal-

les, *e* Manuel de Lacerda porque ficara agrauado do Gouernador nom lhe dar a capitania de Goa, que lhe pareceo que a mereceo milhor que quantos auia na India; Diogo Fernandes, que todas estas cousas entendia sem n'ysso mostrar entendimento, sómente em praticas fez com Diogo Mendes, e com os casados que fizerão enleição de hum meirinho do capitão e hum alcaide da cidade que corria os arraualdes; e fizerão almotacés, e vereadores, e mesteres, e todolos oficiaes ordenados per a cidade, que todos muyto folgarão. E Diogo Fernandes com o feitor fez que fizesse a igreja grande, que se fez de taipas, cuberta d'ola e palha, e tudo se pôs em começo de boa ordem; mas nom tanto como compria, por assy ser terra noua e fronteira com mouros á vista; mas ordenauão as cousas o milhor que podião, porque a cidade nom tinha renda pera ter camara. Ysto mormurauão e zombauão os que nom erão amigos do Gouernador, mas Diogo Fernandes o muyto grangeaua. E porque o pouo da terra tinha falta de mantimento, fez com o capitão, e feitor, que mandou Nuno Martins Raposo, cunhado seu, na sua nao, que foy a Onor e Mergeu carregar d'arroz preto, que era o proprio mantimento da gente da terra, que valia pouquo preço; com que veo a Goa em poucos dias a nao carregada, que o feitor repartio pola gente da terra, dado, polo que custára, aos piães em pagamento de seus soldos; com que todos forão auondados. E tambem repartirão por molheres pobres, porque na cidade passauão de mais de seis mil almas de familia, 'o que se pôs tal ordem, que todos forão repairados, com que todo o pouo dizião grandes bens [1] *dos* portuguezes: o que foy sabido dos mouros, que estauão espantados de dar mantimento a tantas gentes. Fez o feitor grande estribaria, em que tinha os cauallos d'ElRey, com seus seruidores e mantimento, ordenado tudo com muyto concerto e boa ordem.

Já atrás fiqua escrito como os catiuos que estauão em Cambaya mandarão Diogo Correa ao Gouernador, que nom tornou com reposta, por o Gouernador hir de caminho pera Malaca. ElRey de Cambaya, Soltão Mamude, que lhe nom tornaua reposta do Gouernador, que o perguntou, lhe disserão que Diogo Correa morrera. Então disse ElRey aos catiuos que mandassem outro homem; o que ElRey dizia polo desejo que tinha d'assentar paz, porque recebia muyta perda em seus portos: o que

[1] *aos* Autogr.

lhe muyto lembraua Melicopim, porque tambem recebia muyta perda em suas nauegações, que tinha grande trato pera as partes de Malaca, e por ysso elle trabalhaua com ElRey quanto podia por que assentasse a paz, o que acabaria milhor com a soltura dos catiuos. Os quaes, tendo palaura d'ElRey que mandassem outro messigeiro ao Gouernador, sobre o que todos auendo seu conselho, assentarão mandar hum frade de são Francisco, que viera por gordião do mosteiro de Çacotorá, e vinha na nao com dom Afonso pera na India requerer ao Gouernador cousas que auião mester, e que os frades de doença morrião; o qual frade se chamaua frey Antonio do Loureiro. E sendo o frade per todos enlegido pera vir ao Gouernador, o apresentarão a ElRey, dizendo que era homem religioso que seruia a Deos, que em nada faltaria sua verdade. ElRey perguntou ao frade que segurança daria a tornar. O frade lhe disse: «Se-» «nhor, eu deixarey aquy penhor que sem elle nom poderey *saluar-» «me*, se o faltar, que he este capello e cordão, que te digo, e pro-» «meto por minha ley, que nunqua outros vestirey, até nom tornar por» «estes, que te deixo em penhor de minha verdade.» Com que ElRey folgou polo que lhe os nossos tinhão dito do frade, que era homem que nunqua tocára molher, com que ElRey ás vezes zombaua com elle, e lhe perguntaua que fazia quando lhe lembraua molher. Dizia que por nunqua saber que cousa era por ysso lhe nunqua lembraua, porque as cousas que os homens nom querião costumar logo lhe esquecião. A qual rezão o Rey muyto estimou em suas cousas. E logo mandou dar seu despacho, *e* cartas pera o Gouernador sobre concertos de paz e boa amizade; e os catiuos escreuerão cartas ao Gouernador e a fidalgos seus amigos, pedindo que as pazes elle Gouernador as fizesse á sua vontade, e costrangidamente por amor d'elles, que nom tinhão vida de catiuos, senão muyto á sua vontade, com todo bom trato e larguezas pera perderem suas almas, como de feito já alguns, gostando dos malles do demonio, erão tornados mouros sem nenhum costrangimento mais que de suas vontades incrinados aos deleites dos mouros. O frade, sendo auiado, o embarcarão em huma galueta, em que veo a Goa, onde do capitão e de todos os fidalgos foy recebido com muytas honras; que Diogo Fernandes recolheo pera sua estancia, e sabida a rezão de sua vinda o capitão com todos se puserão em conselho sobre o caso, e foy assentado que respondessem a ElRey, e lhe mandassem messigeiro, como mandarão, que foy

Gonçalo Homem, criado d'ElRey. O capitão respondeo a ElRey com sua carta de grandes comprimentos, e offerecimentos de seruiços pola vontade que tinha pera' amizade d'ElRey de Portugal; mas que ácerqua d'ysso outrem ninguem podia aceitar nem assentar senão o Gouernador, que nom estaua na India, que era hido a Malaca, * e * quando elle viesse aueria muyto prazer, assy pola amizade que queria, como polos bens e mercês que fazia aos catiuos, que erão grandezas de tamanho Rey e senhor, como elle era, o mór senhor da India; que por ysso, por entanto até vir o Gouernador, elle tomaua e daua toda a paz e amizade assy como elle quigesse, com muyto prazer e boa vontade sua e de todos os capitães e fidalgos que com elle estauão, que todos com muytos rogos lhe pedião que mandasse soltar os catiuos, porque o Gouernador os achasse em Goa quando viesse, no que muyto mais mostraua mór grandeza d'amizade. E lhe mandou polo padre huma peça de brocado de pello, que acertou de ter hum frorentim parente do feitor, com vinte peças de crystalinos dourados. Com o qual messigeiro se tornou o frade, que quando chegarão a Cambaya se fazião grandes festas a ElRey nouo, que era hum filho d'ElRey que morrera, que mandára o frade, chamado Modofar Soltão, e este seu filho chamado Soltão Mamude, de que o mercador Melicopim era grande priuado, muyto mór que do pay, o qual apresentou a ElRey o frade e messigeiro Gonçal' Homem, e lhe deu conta de todo este negocio dos catiuos, afincadamente lhe pedindo sua soltura por realeza de seu nouo reynado, * e * assy assentasse esta noua paz. Do que aprouue a ElRey assentar como lho pedio, e os catiuos postos em sua liberdade, e lhe deu licença que se fossem por onde quigessem, e disse a Melicopim que os mandasse pera onde quigessem, e o Melicopim a todos, que erão dezoito, deu dinheiro e vestidos, porque os outros erão já mortos, e outros se tornarão mouros por suas vilezas. Então Melicopim escreueo a Meliquiaz, capitão de Dio, que os mandasse a Goa em huma fusta, como fez, dandolhe todo o necessario; e o Melicopim mandou suas cartas ao capitão de Goa e pera o Gouernador, em que lhe daua desculpas polos que se tornarão mouros, que fora por suas vontades. Este Melicopim era gentio guzarate, o qual por este bom feito foy depois muyto fauorecido, e suas naos e mercadarias muyto guardadas dos nossos, onde quer que erão achadas. Os catiuos chegarão a Goa: ao caez os foy receber o capitão, com quantos estauão em Goa, com muyto prazer, que

com elles forão fazer oração á igreja; a que o feitor a todos fez pagamento de seus soldos, a cada hum como compria, e aos marinheiros da fusta bem pagos. E o capitão fez mercê a hum criado de Meliquiaz, que veo por capitão da fusta pera os entregar ao capitão da cidade, de que leuou huma carta como os entregára todos viuos e sãos; que assy lho mandára Meliquiaz, que leuasse carta que os entregára.

Passando assy o tempo, que o Pulatecão assy guerreaua Goa, estando muy forte em Banestarim com muyta artelharia e muyta gente de gornição, gente estrangeira, coraçones parseos, e magarabyns e d'outras nações, com bons cauallos, e muyto armados, que dentro em Banestarim tinha cinco mil homens, defronte, além do passo tinha outros cinquo mil homens com grande arrayal, e tinha todo' estado como Rey, e recolhia todas as rendas das terras, com que fazia pagamentos e mercês á gente, e seus capitães que tinha, e estaua com esperança da vinda dos rumes, ou que o Gouernador fosse perdido como se dizia, ou que ouvesse qualquer outro negocio a que acodisse a muyta gente que estaua em Goa, com que elle se nom atreuia a tomar a cidade, e nom a queria guerrear porque nom acodisse mais gente e a que estaua se fosse a outras acupações fóra de Goa; o Hidalcão, que andaua em muytos trabalhos que nom podia acodir a ysto, tinha grande magoa de este mouro, que assy estaua aleuantado sem nunqua lhe mandar nenhuma rezão de sy, nem lhe mandar nenhum dinheiro das suas rendas que arrecadaua; o que muytas vezes praticaua com os seus, qeixandose muyto d'este mouro, que todos lho muyto acusauão parecendolhe que algum d'elles mandaria contra o mouro, e o Hidalcão muyto o tinha em vontade, mas nom se fiaua de nenhum. Mas com muyto receo que tinha, que se ouvesse algum desastre que o Pulatecão tomasse Goa, que se aleuantaria com ella, e se faria tão forte que nunqua mais lha pudesse tomar, e com este sentido, ordenou mandar contra o mouro em toda maneyra; o que nom confiou senão de João Machado, em que muyto confiaua, e fallou esta cousa com elle, e com os seus capitães de que mais confiou, auendo conselho do que n'ysto faria. Ao que cada hum lhe dizia seu parecer, o que todo João Machado ouvia e calaua, até que o Hidalcão mandou que fallasse, porque nenhuma cousa auia de fazer sobre Goa sem seu conselho; ao que João Machado lhe respondeo: « Se- »
« nhor, mais folgára que me mandasses seruir e pelejar, de dia e de »

« noite, n'esta guerra em que andas, antes que pediresme conselho nas »
« cousas de Goa, em que estão os portuguezes, que são meus naturaes »
« e eu christão como elles, e o bom conselho que te der, por esta ra- »
« zão nom ha de parecer bem a estes teus capitães, que são teus na- »
« turaes e vassallos; e por tanto, senhor, te muyto peço por mercê que »
« tomes o conselho dos teus, e a mym mandes trabalhar no que for teu »
« seruiço. » O Hidalcão lhe dixe: « Meliqueçufo, eu sey que tu hes tão »
« bom homem que vendo que me confio em teu conselho nom mo darás »
« senão com toda' verdade, e por ysso quero que mo dês, porque logo o »
« meu coração descansa no que me dizes. » Disse João Machado: « Se- »
« nhor, por essa confiança que em mym tens, te juro em minha ley que »
« todo o que entender te diga com toda' verdade; e o meu parecer he que »
« pois que os portuguezes tornarão a tomar Goa já nunqua a mais lar- »
« garão, senão sendo todos primeyro mortos; e com esta tenção tem »
« feita de nouo a forteleza, e toda a cidade, e quanta gente ouver na »
« India sempre estará em Goa, se nom tiuer acupação em outras partes; »
« e todas as naos que vierem do Reyno hão de vir tomar aquy em Goa, »
« e deixar quanta gente e fazendas trouxerem, com que de cada vez Goa »
« será mais possante, que assy como ella agora está já custará muyto san- »
« gue a qem a tomar; e os portuguezes estão contentes com sómente te- »
« rem Goa, e tu, senhor, está muyto seguro de elles nunqua entrarem por »
« tuas terras pera te vir buscar nem fazer nenhum outro mal, porque »
« os portuguezes nom querem mais que a borda do mar; e tu, senhor, »
« se guerreares Goa as gentes que n'ysso andarem te hão de gastar to- »
« das as rendas, como ora faz Pulatecão, e terás gastos de dinheiro e »
« gentes, e cada dia cuidados e desgostos que vem da guerra per muy- »
« tos desastres; e porque eu, senhor, entendo todas estas cousas, me »
« parece que será milhor pera teu seruiço, e descanso, que dês paz e »
« seguro a Goa, e arrecadarás tuas rendas que agora perdes, e ganha- »
« rás a grande renda de todolas cousas que de tuas terras sayrão per »
« Goa, e de Goa entrarão pera tuas terras. E mais que assentando tu »
« boa paz hes senhor de quantos cauallos d'Ormuz vierem, porque os »
« portuguezes todos os cauallos hão de fazer vir a Goa, e pera nenhuma »
« parte consentirão que se vendão senão pera tuas terras. O que tudo »
« aproueitarás, e te nom farão gastos e roubos, que fazem os que tra- »
« zes na guerra; e tendo assy a paz recolherás tuas rendas; e se te »

«nom achares bem da paz tornarás á guerra. E com esta condição fa-»
«ze a paz, e então farás a guerra quando tiueres todo teu poder junto,»
«e nom com pedaços, em que perdes tua gente, e dinheiro, e honra,»
«o que nada será se estiueres em paz. E se ysto, senhor, que tenho»
«dito, nom for de teu contentamento, me perdoa, porque to nom disse»
«senão com toda' verdade que entendo, do que o tempo te mostrará a»
«verdade d'ysto que agora digo.»

O Hidalcão ouve muyto prazer, porque era tudo o que elle tinha em sua vontade *o que* fallou João Machado, e fallando com os seus, porque elles nom fallassem contra o que disse João Machado, lhe disse: «Todo o que fallou Meliqueçufo eu o tinha na minha vontade e desejo,» «e me falla verdade, e Deos fará tudo milhor.» E disse a João Machado: «Porque bem entendes o que me compre, tu hirás a Goa fazer minhas» «cousas e concertos, que tudo confio em tua bondade.» Então ordenou hum seu capitão chamado Roçalcão, em que já falley n'esta lenda, e mandou que fosse a Goa, e lhe mandasse o Pulatecão preso a bom recado, e se lhe nom obedecesse que o matasse, e que recolhesse todas as terras a seu poder, e tendo tudo em poder, então entendesse com Goa, mandando recados ao capitão, com que assentasse toda a paz que lhe bem parecesse, em maneyra que seguros fossem e viessem os mercadores, e suas mercadarias, comprar e vender, pagando seus direitos como sempre fazião; e tudo bem assentado, e fizesse seus arrecadadores de todas suas rendas, e que tudo nos concertos das pazes fizesse João Machado, a que deu capitania de setecentos homes, e dezesete portuguezes de que era capitão, alguns dos que se perderão em Cambaya na nao de dom Afonso, e os arrenegados que de primeyro no rio de Goa se deitarão com os mouros, como já atrás fica contado; porque o Hidalcão fez a João Machado capitão de quantos portuguezes fossem ter a suas terras, que o Hidalcão, a rogo de João Machado, mandaua que os nom fizesem mouros, senão que elles se fizessem por suas vontades, se quigessem, e todos andauão em soldo, que lhe pagauão por mandado de João Machado, que era seu capitão.

Partio Roçalcão, e João Machado em sua companhia, com muyta gente. De que o Pulatecão já tinha auiso de sua vinda, mas nom que o mandaua leuar preso; mas como era muyto sabido bem entendeo que o Roçalcão nom o mandaua o Hidalcão pera lhe fazer bem, porque sem-

pre ambos tiuerão contendas. Mas o Pulatecão assentou de se saluar por boas manhas, e chegando o Roçalcão a Pondá o Pulatecão o foy receber, mostrando muyto contentamento com sua vinda, dizendo que hiria descansar de seus trabalhos, se o Hidalcão o mandaua hir, e lhe daria conta de suas cousas. O Roçalcão dessimulou, e o recebeo com muytas honras, dizendo que o vinha ajudar pera darem cabo ás cousas de Goa; e se apartarão ambos, e estiuerão muyto fallando, e partirão pera Goa, e o Pulatecão com elle, mas o Roçalcão assentou sua gente á vista de Banestarim, e elle suas tendas, em que dormio, e o Pulatecão se foy dormir a Banestarim, que ao outro dia o Roçalcão auia de passar. E Pulatecão, que tinha bem assentado no coração a vinda do Roçalcão, n'esta noite fallou com os seus amigos, que tambem tinhão a sospeita que elle tinha, que erão muyto seus amigos e parentes, e com elles ouve seus conselhos sobre a sospeita que tinha, que o Roçalcão vinha ao prender, porque o Hidalcão ouvera por mal os pagamentos que lhes fizera das rendas; mas pois elles lhe tinhão tanto seruiço feito, lhe pesaua porque lhe nom tinha dado muyto mais, polos grandes trabalhos que tinhão passado, e ganhado tanta honra, que o pesar que tinha era nom ter muyto dinheiro na mão, pera repartir por todos, e elle hirse por esse mundo a morrer, antes que verse em catiueiro de ferros; que por tanto, como amigos lhe rogaua que lhe dessem conselho do que deuia fazer, que se fora possiuel elle se fizera catiuo d'ElRey de Portugal, pera lhe defender Goa que o Roçalcão nom entrasse na ilha, mas que ysto ao presente nom podia ser; que por tanto, «se» elles, como bons amigos e tão valentes caualleiros como erão, o quigessem ajudar, elle nom deixaria o Roçalcão entrar na ilha, mas hiria dar n'elle, e o mataria, e lhe tomaria quanto trazia, que tudo fosse pera elles; que lhe disserão que trazia muyto dinheiro. O que ouvido de todos, lhe responderão que elle os mandasse, porque elles morrerião por seu seruiço, que pera tudo estauão prestes. O Pulatecão, vendo suas repostas, que erão conformes a sua vontade, logo n'esta noite se ordenou com sua gente pera ante menhã hir matar o Roçalcão, mas foy aconselhado que assy nom fosse; mas que pola menhã fosse visitar o Roçalcão, leuando consigo pouqa gente, dessimulando, e elles passarião pouqos e pouqos, até que fossem juntos em hum mato que estaua hy perto, e hy estarião até que elle désse no Roçalcão, ao que elles acodirião. Mas o Pulatecão lhe pareceo milhor que de noite passas-

sem e se fossem esconder no mato; o que assy assentado se fez, que passarão e se meterão no mato passante de quatrocentos bem armados, pera ally estarem até que o Pulatecão passasse e fizesse o feito. Esta gente foy vista per hum homem da companhia de João Machado, que per acerto ante menhã vinha de fóra, o qual de pressa o foy dizer a João Machado, bradando polo arrayal: armas! armas! traição! Ao que se fez grande aluoroço, e derão no Pulatecão, que já estaua com a gente no mato, em que matarão e ferirão muytos, correndo após elles até o passo, em que muytos se afogarão. E Roçalcão passou a Banestarim, que nom achou quem lhe rigistisse, em que matou muytos, e ao Pulatecão tomou ferido, e o meteo em ferros e arrecadou em boa guarda, e meteo toda sua gente em Banestarim, e foy obedecido de toda a gente. E logo n'este dia á tarde, com toda a gente, foy ao outeiro de Nossa Senhora dar vista á cidade, e d'ahy mandou João Machado que fosse perto dos muros, e ouvesse falla com o capitão, e lhe dixesse que elle era mandado polo Hidalcão pera com elle assentar pazes, e lhe auia de largar toda a ilha e [1] * passos, * e que já tinha preso o Pulatecão, porque fizera a guerra sem seu mandado.

Quando na cidade se soube [2] * da chegada * do Roçalcão com tanta gente, ouverão os nossos grande medo, e o capitão pôs muyto recado e vigia nos muros da cidade, e sabendo que esta gente vinha de Banestarim, cuidando que vinha pera dar na cidade, deu repique, e toda a gente se pôs em armas; e vendo que nom decião do outeiro folgarão. João Machado deixou seus piães na ladeira, e se foy a cauallo com os portuguezes, que tambem andauão a cauallo, e chegou á borda da caua, e chamou polo capitão, que logo lhe fallou, e João Machado lhe deu o recado do Roçalcão, e lhe dizendo que a ysso vinha mandado com elle polo Hidalcão, pera concertar o assento das pazes e andar nos recados; e porque elle era verdadeiro christão confiasse que lhe fallaua verdade, como sempre fizera. O capitão lhe respondeo que o cria com tanta verdade como lho elle fallaua, e estaua muy prestes pera aceitar todas as pazes, e concertos, que fossem seruiço de Deos e d'ElRey nosso senhor. Com o que se tornou João Machado, e na cidade ficou muyto prazer. João Machado se tornou ao Roçalcão, e lhe deu a reposta; com que se tornarão a Ba-

[1] * pesos * Autogr. [2] * de chegado * Id.

nestarim, concertando ambos que ao outro dia d'ambas as partes assentassem seguridades pera se fallar nos concertos.

N'este dia, fallando o Roçalcão com alguns homens do Pulatecão, que erão do seu conselho, elles lhe dixerão que Goa nom tinha gente pera se defender a seu grande poder, porque do Reyno nom viera mais que huma só nao, com toda a gente doente; e que huma só vez sayrão fóra, e se tornarão fogindo. E que o Gouernador fôra a Malaca, e dizião que era perdido, e nom auia quem socorresse Goa se a elle guerreasse; e que por tanto visse bem o que compria, porque o Hidalcão mais auia de folgar de Goa ser sua que assentada com quantas pazes ouvesse; que depois ficaria em muyta culpa se nom tomasse a cidade, pois estaua em desposição pera ysso; o que muyto deuia de trabalhar, porque o Hidalcão depois lhe nom pedisse d'ysso conta. Do qual conselho o mouro fiqou em muytos pensamentos toda a noite, em os quaes assentou mais a cobiça que a rezão, maginando que tomando Goa seu senhor lhe daria d'ella a capitania em quanto viuesse, e ficaua o principal do Reyno em honra e riqueza; entrando logo n'elle as vãglorias de vaidades, com que assentou de nom fazer pazes, e guerrear a cidade até a tomar; e que se o Hidalcão por ysso lhe désse culpa, elle se escusaria com dizer que os nossos nom quiserão fazer bons concertos, como lhe compria; e que se o Hidalcão se pusesse com elle em máo caminho, se poeria da parte dos portuguezes, e ficaria contra elle. E com ysto fez outros assentos vãos no coração.

Ao outro dia João Machado fallou com o mouro sobre o negocio das pazes, *e* assentar as seguranças d'ambas as partes, o que João Machado muyto desejaua acabar, antes que viesse outra vontade ao Hidalcão, dizendo ao mouro que com breuidade fizesse ao que vinha, porque a detença fazia muyto gasto a seu senhor com a muyta gente que tinha. O mouro, como já tinha outro pensamento, lhe dixe que nada auia de fazer sem primeyro mandar recado ao Hidalcão do que tinha feito, e como estaua Goa; o que ouvido por João Machado logo entendeo que o mouro tinha auido outro conselho, vendose com muyta gente e dinheiro, que achara ao Pulatecão; e que se escreuesse ao Hidalcão que queria tomar Goa, que nom tinha gente, que o Hidalcão tanto folgaria que logo lhe mandaria muyta mais gente. João Machado, como era muyto auisado nas cousas do Hidalcão, *vendo* que indaque lhe elle escre-

uesse a verdade, que seria em contrairo do que lhe escreueria o mouro, lhe nom auia de dar tanto credito como ao que todos lhe aconselharião, por descobrir mais a tenção do mouro lhe disse que lhe parecia muyto bem sua determinação, e que assy o fizesse, porque Goa estaua mais fraqua do que elles cuidauão. O mouro disse, que tanto que lhe viesse recado de seu senhor, que de hum só combate a tomaria; 'o que João Machado todo respondeo á vontade que sentio no mouro; e dizendolhe o mouro que elle tambem o escreuesse, mas João Machado logo n'esta noite secretamente escreueo ao Hidalcão, dandolhe de todo conta, e que o mouro, com tenção de lhe parecer que poderia tomar Goa, e d'ella se fazer Rey e senhor, por ysso nom quisera fazer seu mandado. E porque João Machado sabia que o mouro com elle trazia espias, e auia de saber que elle escreuia, fez outra carta de muytos louvores do saber e valentia do mouro, e do bom conselho que tomaua em querer tomar Goa, que o bem podia fazer se lha muyto nom defendessem, dandolhe muytas honras; e deu a carta ao mouro que a mandasse com as suas, a qual o mouro secretamente abrio e vio, e fiqou muyto contente, e a çarrou e mandou com as suas. E mandou o Pulatecão preso nos ferros com muyto recado, o qual no caminho se matou com peçonha que tomou.

João Machado, na enuolta do escreuer das cartas pera o Hidalcão, escreueo outra pera o capitão Diogo Mendes, em que lhe daua larga conta de todo o que mandára o Hidalcão, e a tenção em que estaua o mouro, e que por tanto estiuesse como compria; e teue tal maneyra que esta carta foy dada ao capitão. D'ahy a pouquos dias o mouro fengio que lhe viera recado do Hidalcão pera que tomasse a cidade, e fez toda a gente prestes; o que assy fez João Machado, mostrando muyta deligencia. Então mostrou ao Roçalcão hum assinado do Hidalcão, que lhe dera quando reynara, em que dizia que em tudo o seruiria, sómente nom pelejar com portuguezes; mas pelejaria contra as gentes da terra, o que elle faria, e em todo o mais seruiria, até que o Hidalcão o mandasse hir, pois o nom mandara senão pera andar com os recados dos concertos. Com que o mouro mostrou prazer, e lhe dizendo que se quigesse logo se podia hir, se quigesse, elle dixe que o nom faria sem licença do Hidalcão. O mouro tomou muyta sospeita sobre João Machado, porque se o Hidalcão contra elle tomasse alguma menencoria o mandaria matar ou prender, e que ninguem o faria milhor que João Machado, e lhe nom pode-

ria escapar, e com ysto tomou em [1] * vontade na * primeyra escaramuça que ouvesse o mandar matar polos seus piães. O João Machado tomou a mesma sospeita do mouro, porque sabia suas traições, e se encomendaua deuotamente a Nosso Senhor, que lhe désse caminho como nom morresse seruindo mouros infiés de sua santa fé, e com o esforço que lhe Nosso Senhor deu assentou de fogir pera a cidade, e a ysso arriscar a vida, e morrer sobre ysso; e fallou com o mouro, dizendo que pois por seu mandado fora fallar com o capitão da cidade, dizendo que vinhão a concertar pazes, «per que nom cuidem os portuguezes que» «fallauamos com traição, agora lhe manda dizer que vinhas a concer-» «tar pazes, mas que teu senhor ouvera outro conselho e mandaua que» «tomasses a cidade; que lho fazes a saber, porque se a quiser entregar» «de sua vontade, que se embarqem e vão embora, que lhe nom farás» «nenhum mal, e leuem quanto tem.» Ao mouro pareceo bem este recado, porque era d'honra de cauallaria, e d'ysso escreueo huma carta que mandou ao capitão, o qual mostrou a carta a todolos fidalgos, e per conselho de todos lhe respondeo, que elle, confiado que João Machado lhe fallaua verdade de concerto de paz, logo assentara de lhe entregar a cidade, pagando sómente cad' ano alguma cousa pera as despesas das armadas d'ElRey de Portugal; e com este conselho, assy assentado, estaua esperando pera tudo fazer; mas agora que lhe mandaua o recado ás vessas, elle o escreueria tudo ao Hidalcão, e o desenganaria que nunqua Goa seria sua per guerra, sem primeyro serem mortos quantos dentro estiuessem: que lançasse boa conta 'o que lhe ysto podia custar. E que pois elle auia de ser o guerreador, que logo começasse, e nom perdesse o tempo. Da qual reposta o mouro fiqou muy triste e timido, que se tal carta do capitão fosse dada ao Hidalcão que logo serião descubertas suas cousas, e o mandaria matar; e maginou tornar a cometer o concerto das pazes, mas * entendeo que * já os nossos nom confiarião que o fazia senão com traição, e era trabalho perdido. E fallando estas cousas com os seus conselheiros, que mais folgauão com a guerra que com a paz, o muyto esforçauão com vãs esperanças de tomar Goa, per sua valentia, e muyto poder que tinha; com que assentou proseguir a guerra, pera o que ordenou seus capitães e gente, e fazia quanto mal podia.

[1] * vontade que na * Autogr.

O Hidalcão, vendo as cartas do mouro tão retificadas em auer de tomar a cidade, dizendolhe grandes guerras que lhe fazia, e que já tinha a cidade em tanto aperto que lhe cometião muytos partidos, que elle nom queria aceitar, porque nom auia de tomar nada senom que lhe entregassem a cidade; e que já tinhão mandado polas fortelezas a buscar secorro, que lhe nom viera, porque o nom auia; e alguns que nom querião vir pera Goa, porque sabião que auia de ser tomada, porque se nom podia defender a seu grande poder; e que depois que lhe começára a guerra lhe tinha já morta ametade da gente, e a outra do trabalho andaua doente que nom podião pelejar; e cada dia esperaua que a cidade se lhe entregasse; e com estas mentiras, e outras mayores que o mouro lhe escreuia, e porque lhe mandou o dinheiro do Pulatecão, o Hidalcão estaua contente da guerra que o mouro fazia, e lhe mandaua cartas de muytos fauores, e rogos a João Machado que estiuesse com o Roçalcão até vêr em que a cousa paraua, porque se ouvesse concertos elle andasse nos recados. No que se passou o tempo; mas a cidade estaua muy segura, com muyta gente e boa que tinha, e auondança de todolas cousas, no que se foy gastando todo o tempo do verão, janeiro, e feuereiro, e março do anno de 1512. N'este tempo fogião alguns velhaqos da cidade, que se hião pera os mouros, que logo se fanauão e arrenegauão, e d'estes, e d'outros d'antes que andauão com Melicagi e com o Pulatecão, que erão muytos, pedirão a João Machado que os tomasse em sua companhia, e os trouxesse como os outros, que trazia honrados e encaualgados; o que elle nom quis, polo que elles o fallarão ao Roçalcão, que lhe mandou que os tomasse. João Machado lhe disse que os portuguezes que com elle andauão seu senhor o Hidalcão lhos entregára, que os mandasse e gouernasse, e trouxesse em seu poder, pera lhe d'elles dar conta quando lhos pedisse; que por tanto elle nom auia de tomar outros nenhuns senão per seu mandado; a qual rezão pareceo bem ao mouro, e disse que os nom tomasse. O que João Machado fez porque vio que erão mouros de vontade pelejando contra os christãos, e tambem porque nom estoruassem o que elle trazia na vontade.

O Roçalcão hum dia sayo com toda sua gente do campo, e foy a Taleigão folgar e jantar. João Machado, á tarde, quando pareceo que viria o Roçalcão, elle mandou concertar a sua pionagem de festa, como que queria hir dar mostra ao Hidalcão, e caualgarão todos os seus por-

tuguezes, que erão vinte e tres; e lhe mandando que fossem caualgar lhes dixe: «Vós outros olhai onde guardaes o dinheiro que tiuerdes,» «porque a mym me furtarão hum pouqo outro dia quando fomos fóra.» Elles, cuidando que era assy, cada hum leuou comsigo o que tinha; e se foy caminho do tanque de Timoja, onde mandou aos piães que estiuessem em ordem pera quando viesse o Roçalcão, e elle fiqou com os seus portuguezes, com que se foy passeando polo outeiro acyma, e se pôs no lugar onde depois se fez o moinho do vento, e esteue olhando a cidade, e fallando com os companheiros, dizendo: «Se os portuguezes» «tiuerem Goa de paz, logo n'este outeiro hão de fazer alguma igreja.» Dixerão dous d'elles: «Praza a Deos que assy seja!» Outros disserão: «Amen.» João Machado, que já estaua determinado d'ally se acolher pera a cidade, vendo n'elles taes palauras, tomou mais atreuimento pera lhe fallar n'esta maneyra: «Senhores, irmãos, lembreuos que n'este dia» «hoje he sesta feira d'endoenças, e que em tal dia Nosso Senhor Jesu» «Christo padeceo morte e paixão na cruz, com tantos tormentos e des-» «honras, por nos saluar; do que todos deueys ser lembrados. E pos-» «toque o tenhamos muyto offendido tanto tempo, andando antre estes» «infiés fazendo tantos pecados, por ysso he tão grande Deos que sem-» «pre está com os braços abertos pera nos perdoar, que mór prazer se» «faz no Céo com hum pecador que se salua, que cem inocentes. Eu» «vim muyto contente a esta Goa, porque eu auia de andar nos con-» «certos das pazes, que elle mandaua fazer com estes nossos irmãos; o» «que este mouro faz a contrairo, determinando a lhe fazer todo mal que» «puder; e temos certo que se o Hidalcão nos manda que pelejemos o» «auemos de fazer, ou senão todos nos matarão, e morreremos sem vis-» «ta do santo sacramento, nem confissão de nossos pecados. Polo que» «he minha determinação de agora n'esta hora me hir meter na cidade;» «e porque são vosso bom amigo, como sabeys, volo faço aquy a saber,» «como irmão que muyto folgaria que todos nos vamos ver Nosso Se-» «nhor, que hoje está ençarrado no santo sepulcoro, e lhe vamos pedir» «perdão de nossos pecados, e nos tiremos d'este seruiço do diabo, em» «que andamos; nom acabemos n'elle, que perderemos nossas almas.» «Aquy vim pera vos [1] * esta * lembrança fazer, e os que vos nom qui-»

[1] * ysta * Autogr.

« serdes hir me despedir de vós como amigo, que me nom quis hir es- »
« condido de vós, porque n'ysso fazia erro contra nossa tanta amizade. »
« E os que d'ysto nom fordes contentes vos ficai embora, até que Nos- »
« so Senhor vos alumie os olhos de vossa alma. » Ysto dizia João Machado com muytas lagrimas, ao que todos responderão que erão muyto contentes que todos se logo fossem buscar a saluação de suas almas; sómente hum Fernão Lopes, que depois esteue na ilha de santa Elena, que adiante contarey, o qual disse: « Eu são só malauenturado, porque vós »
« outros andaes antre estes mouros per desastres de vossas fortunas, mas »
« eu como aparecerey antre as gentes, que de minha propia vontade me »
« vim meter na seita de Mafamede, e já outra vez me sahy e me tor- »
« ney pera ella? Polo que são dino de qualquer me poder cospir no ros- »
« tro, que comigo tomar paixão, indaque seja hum negro, a que eu nom »
« poderey responder; polo que antre christãos nom posso viuer. » Ao que todos fallarão contra elle com muytas rezões, e João Machado o tomando em sua companhia, pera sempre se com elle agasalhar em sua casa, e todauia nom quis e fiqou.

João Machado com os outros se forão á porta da cidade, e João Machado fallou aos do muro que lhe abrissem a porta, porque todos vinhão vêr Deos e o seruir, e pedir perdão de nossos pecados. O que ouvio o capitão que estaua no muro, que mandou abrir a porta, e todos entrando largarão os cauallos, e se puserão em joelhos com as mãos aleuantadas ao Céo, com grandes brados dizendo: « Senhor Deos, auê mi- »
« sericordia de nossas almas grandes pecadoras! » Ao que todos ajudarão, dizendo: « Senhor Deos, misericordia! » todos com lagrimas de muyta deuação. Ao que vierão os crelgos com hum crucificio em hum retauolo, o que elles vendo, todos se deitarão de peitos no chão, fazendo adoração com muytas lagrimas; com que caminharão pera' igreja todos em joelhos, cantando os crelgos diante, [1] *» venite exultemus Domino, »* e com elles o capitão e todolos fidalgos, que chegando á igreja derão muytos brados por Senhor Deos misericordia, batendo os peitos no chão, pedindo perdão a Deos; onde assy estiuerão na igreja até dia de pascoa, que os capitães, e os fidalgos e homens honrados, cada hum reco-

[1] Acha-se este texto do Psalmo XCIV assim escripto no Autografo: *» venite exultemos Domine. »*

lheo os que pôde, e lhe derão vestidos cada hum segundo podia, fazendolhe como propios irmãos. Diogo Fernandes de Beja recolheo João Machado.

Tornando o Roçalcão de Taleigão, que soube que João Machado com os portuguezes era hido, ouve muy grande paixão, e grande medo que seu senhor por ysso lhe faria muyto mal, porque João Machado escreueria ao Hidalcão que se fora por elle nom querer fazer as pazes; ao que todo o mouro lançando suas contas, determinou de tanto guerrear Goa que a pusesse em tal aperto que cometesse as pazes, com que o Hidalcão ficaria contente de seu seruiço; e d'ahy em diante fez grande guerra a Goa, com as bombardas do outeiro, a que os nossos nom podião resistir, e correndo cada dia até as portas da cidade, e de noite cometimentos falsos, com que daua muyto trabalho á gente. E todauia os nossos, mostrando que nom estimauão a guerra do mouro, lhe sayão algumas vezes, e auia pelejas, em que João Machado fazia finezas de sua pessoa; com que os mouros todos trabalhauão de o matar, porque dizia o Roçalcão que casaria huma filha com quem matasse João Machado, ainda que fosse hum begairi, ou faraz que curasse cauallos.

CAPITULO XXVI.

COMO O GOUERNADOR AFONSO D'ALBOQUERQUE PARTIO PERA MALACA, E O QUE PASSOU NO CAMINHO ATÉ CHEGAR AO PORTO DA CIDADE, E O QUE PASSOU COM HUM FILHO D'ELREY DE PEDIR, QUE ACHOU NO CAMINHO EM HUM JUNQUO COM QUE PELEJOU DOUS DIAS.

O Gouernador, com su'armada que atrás disse, partio de Cochym caminho de Malaca, e hindo atrauessando da ilha de Ceylão, atrauessando pera Pacem ouve vista de duas naos que hião o propio caminho, e mandou a ellas Fernão Peres d'Andrade, e dom João de Lima, os quaes as alcançarão e renderão, as quaes naos hião de Meca pera Pegú carregadas de riqas mercadarias, de muyto cobre, azougue, vermelhão, coral, panos de cores [1] * estoraqelyqe *, agoas rosadas, e muyto dinheiro, em xa-

[1] Tanto aqui, como a pag. 520 do Tomo I, onde se acha escripto *estoraquenique*, lêa-se estoraque liquido, emendando-se assim estes erros do auctor, pelas razões que daremos nas notas do fim de toda a obra.

rafis d'Adem. As quaes mercadarias recolheo Afonso Pereira, feitor d'armada, e os mouros repartidos polas galés e nauios que fazião agoa, e os mouros velhos, que nom seruião, ficarão nas naos, a que derão fogo, e os nossos seguirão seu caminho.

Seguindo 'armada seu caminho, que auião vista da terra de Pacem, toparão outras duas naos, que hião de Cambaya carregadas de roupas pintadas, que são do trato de Banda e de Maluco, as quaes vendo nossa armada amainarão, e foy a ellas Nuno Vaz de Castello Branco, e soube que erão de Cambaya e hião pera Malaca; nas quaes naos o Gouernador nom bolio, antes lhe fez muyta honra por caso dos catiuos que estauão em Cambaya, e lhe deu seguros que nauegassem por onde quigessem; mas os mercadores disserão que em sua companhia auião de hir a Malaca, com que o Gouernador folgou. E porque os ventos erão fortes per cyma da terra, 'armada nom pôde chegar em muytos dias, em que passarão grande mingoa d'agoa. [1] * Largando * o vento 'armada foy tomar em Pedir, onde Diogo Lopes de Sequeira deixara padrão, como em sua lenda contey, onde 'armada sorgindo logo de terra vierão almadias a vender cousas de comer, as quaes derão nouas que em poder d'ElRey estauão noue portuguezes que fogirão de Malaca; com que o Gouernador ouve muyto prazer, e polos homens da terra escreueo huma carta ao Rey, que estaua d'ahy dez legoas, rogandolhe que mandasse os portuguezes, porque nom hia a Malaca senão em busca d'elles, e que se lembrasse da paz e boa amizade que assentara com ElRey de Portugal, porque lhe auia muyto de valer, e que a guardasse pera sempre; e que se ysto nom quigesse leuaria d'ally o padrão da paz que ally deixara Diogo Lopes de Sequeira, e lhe faria a guerra, e que dentro a suas casas hiria tomar os portuguezes. O qual recado ouvido por ElRey, logo lhe mandou os portuguezes, que erão noue, em que era hum chamado João Viegas; e os mandou muyto bem tratados, como os elle tinha, porque lhe tinha dito hum seu adeuinhador que assy como fizesse aos portuguezes, de bem ou de mal, assy o teria em sua terra; e os mandou ao Gouernador com presente de cousas de comer, e lhe mandou dizer que elle nom tomára o padrão da paz em sua terra senão pera durar pera sempre, e por ysso elle tinha os nossos tratados como lhe elles dirião, e que nun-

[1] Por * alargando *

qua, por sua parte, esta boa paz [1] * se quebraria. Com * que se partio, e se foy ao porto de Pacem, que he o principal da ilha de Çamatra, porque os catiuos lhe contarão que com ElRey estaua hum mouro chamado Melagia, mouro principal de Malaca, o qual com o bendará ordenarão matar ao Rey de Malaca, e forão descubertos, e o Rey matou o bendará, e este mouro fogira, que estaua com ElRey de Pacem, que fôra o principal da traição que se fez a Diogo Lopes de Sequeira, porque este era cabeça de todolos mouros de Malaca, e este lhe causaua todo o máo catiueiro que podia, e os mandaua atar de pés e mãos e os mandaua fanar.

Chegado o Gouernador sorgio no portó, que logo vierão de terra muytos a vender gallinhas e cousas de comer, e o Gouernador mandou João Viegas com messagem ao Rey de Pacem, com presente de cousas que se tomarão nas naos de Meca, e muyto lhe rogar que lhe désse o mouro Melagia. O que o Rey nom quis fazer, e o escondeo, e lhe mandou dizer que o mouro logo fogira tanto que viera noua que 'armada chegara a Pedir, porque elle o nom tinha senão pera lho entregar, e por ysso o mouro fogira. E postoque o Gouernador sentio que era mentira, dessimulou, e mandou a ElRey agardecimento de grande soma de vaqas, e carneiros, e mantimentos, que lhe mandara, e se partio seu caminho pera Malaca. Mas o Rey de Pacem fez falsidade, que como soube que nossa armada era chegada a Pedir, porque era elle grande amigo do mouro o aconselhou que se fosse a Malaca dar auiso a ElRey da nossa armada que hia, que por este bom auiso ElRey lhe perdoaria, e ficaria muyto seu amigo; o que assy o fez o mouro, com que o Rey de Malaca por ysso lhe fez grandes amizades.

'Armada correndo a costa toparão com hum junquo, que são os móres nauios que nauegão nas partes de Malaca, o qual hia da costa de Choromandel carregado de roupas finas de cores, tecidos e pintados, roupas de vestir as principaes pessoas. O qual junquo leuaua muytos mantimentos, com que o Gouernador ouve muyto prazer, e mostrando aos mercadores que lhe nom faria mal, mandou meter dentro vinte portuguezes que fossem em guarda d'elle, que com muyta vigia o hião leuando antre 'armada.

[1] * serya quebraria por sua parte, com * Autogr.

E passando os baixos que estão antes de chegar a Malaca toparão outro junquo, que amanheceo á vista da armada, e forão a elle huma nao e huma carauella que se acharão mais perto, e chegando perto lhe capearão que amainasse, mas o junco respondeo com muytos tiros, capeando aos nossos que chegassem, tangendo atabaques, e dando gritas, e pondo bandeyras, e tangendo de pancadas huns a que chamão sinos, que se fazem em outras terras, que são da feição como gamelas, que trazem pendurados, que fazem hum som muy guerreiro. O Gouernador, vendo que o junquo pelejaua, arribou a elle com toda 'armada; as galés o começarão a esbombardear, mas o junquo nom daua por nada, e nom deixaua de hir seu caminho, com muyta gente armada fazendo muytas algazarras, sempre com seus tangeres. Então os nauios lhe tirarão a derribar as velas, polo que logo amainou porque lhas nom rompessem. E porque o junquo era muyto alto os nossos nom ousauão de o abalroar, *e* os nossos tiros nada lh'empecião, porque tinha quatro forros, de que os nossos tiros grossos nom passauão mais que dous forros, polo que nom estimaua quantos tiros lhe tirauão. Do que o Gouernador muyto agastado mandou armar a gente da sua nao pera abalroar, porque a sua nao era mais alta dos castellos que todas, que era a nao Frol de la mar, e chegou a se abalroar com o junquo, que os castellos de popa ficarão no conuez do junquo, que inda era mais alto, com que a gente do junquo pelejarão muy fortemente. Pola outra banda abalroou Francisco de Tauora, e Fernão Peres, mas ficarão tão baixos que nom podião sobir ao junquo, sómente das gaueas lhe deitauão muytas lanças e pedras, mas a gente do junquo deitauão tantas azegaias e pedras, e panellas de poluora, e materiaes de fogo, o que assy fazião no conuez da nao do Gouernador, que todos forão em muyto perigo e mal tratados, que se tornarão 'afastar do junco. Então, afastados derrador, todos lhe tirarão aos altos a matar a gente, e desfazer por cyma, e tanta foy a peleja que o junquo se defendeo dous dias e duas noites, até que o Gouernador, vendo que gastaua tanta monição d'artelharia que era mór perda, lhe mandou tirar aos lemes, que trazem por fóra como barqas de Ribatejo, e acertarão de lhe derrubar hum masto, que lhe matou muyta gente, com que então se renderão, e puserão bandeyra branca, e deitarão huma manchua ao mar, em que vierão ao Gouernador, que chegando a bordo lhe perguntarão se vinha o capitão. Elles disserão que não, que estaua no

junquo, que era filho d'ElRey de Pedir que [1] «hia» pera Malaca. Do que o Gouernador ouve paixão, dizendo que se amainarão e fallarão nom lhe fizera mal; e mandou Fernão Peres, e Francisco de Tauora que fossem por elle, e lhe mandou rogar que lhe viesse fallar. E se tornarão ao junquo, e os capitães forão no batel de Francisco de Tauora, em que o moço veo, que seria de doze até treze anos, muyto bem vestido, com quatro homens honrados. E deceo do junquo por huma escada de mais de vinte degraos, tão alto era o junco; que chegando a bordo da nao o Gouernador o recebeo com trombetas, e lhe fez muyta honra entrando, e assentou em huma cadeira junto da sua, e o moço muy gentil homem, com ricas joyas d'ouro e pedraria, que bem parecia filho de Rey. O Gouernador lhe perguntou porque nom amainára áquella bandeyra d'ElRey de Portugal, pois seu pay era seu amigo. O moço dixe que por elle ser filho de Rey nom amainára, como erão obrigados os mercadores, que elle como caualleiro o fizera por sua honra, que se n'ysso errára que em sua mão estaua lhe dar o castigo que quigesse, porque elle estaua muyto contente com a honra que tinha ganhado em assy pelejar com sua armada com seu junquo. O que o Gouernador folgou de lhe ouvir, e lhe disse que fizera mal, porque pudera auer algum perigo que o matára hum pilouro. Elle respondeo que se morrera nom disserão que como judeu. O Gouernador disse que tudo fizesse quanto comprisse a sua honra, mas nenhuma honra quigesse ganhar em nom obedecer áquella bandeyra que trazia, porque d'ysso lhe viria muyto mal, porque se nom fora filho d'ElRey de Pedir, por nom amainar lhe mandára cortar a cabeça, e queimar seu junquo com quantos dentro estauão; que como amigo ouvera d'amainar, e nom pelejar como imigo, «que se te nom» «renderas nunqua deixára o junquo até que o nom metera no fundo.» «Então teu pay cuidára que fora por minha culpa de te querer fa-» «zer mal; e por ysso te nom aconteça outra [2] «tal, vendo» esta» «bandeyra d'ElRey de Portugal. Pesame muyto do mal e perda que» «te fiz.» O moço respondeo: «Mór he minha honra que a perda do» «meu junquo, polo que me deues perdoar.» E o Gouernador lhe disse que fosse ally com elle, pois hia pera Malaca; e lhe concertarão huma camara bem paramentada, junto da sua, de que o moço mostrou prazer,

[1] «vay» Autogr. [2] «tal, mas vendo» Idem.

que muyto auia por grande sua honra assy hir com o Gouernador, o qual mandou dar huma entena ao junco, com que armarão outro masto e forão seu caminho. O Gouérnador fez ysto pera meter este moço por terceiro se assentasse alguns concertos de pazes, e o leuou assy a Malaca, mas o moço, vendo as guerras e malles de Malaca, fogio de noite com suas molheres e criados; mas o Gouernador comtudo nom fez mal ao junquo, e o mandou que se tornasse pera Pedir, e escreueo a ElRey tudo que passára com seu filho, gabandolho muyto que era bom caualleiro, que só com seu junquo pelejára com toda sua armada, e tudo fizera como bom filho, [1] * bem * que fogira, nom confiando em sua amizade.

CAPITULO XXVII.

COMO O GOUERNADOR COM SUA ARMADA CHEGOU Á CIDADE DE MALACA, E MESSAGENS DE CONCERTOS QUE LHE O REY MANDOU; O QUE NADA CONCORDIO, E COMBATEO A CIDADE.

O Gouernador, com muyto trabalho de contrastes de tempos, chegou á cidade de Malaca já em meado junho, e porque o sorgidoiro diante da cidade era perigoso por caso das treuoadas, se foy sorgir em huma ilha abaixo de Malaca, muyto perto, onde 'armada estaua segura, e na ilha tinha muyta agoa e leynha, e grandes aruoredos que fazião emparo aos ventos das trevoadas, que são da terra, muy perigosos. Na ilha estauão muytas naos dos tratantes da India, que erão as mais de Cambaya, que he o mór trato por caso das roupas. A nossa armada passou ao longo da praya, toda embandeyrada e apauesada; como sorgio na ilha logo os mercadores das naos mandarão muytos barcos ás naos a vender cousas de comer, porque vissem que gente auia nas naos; os nossos folgarão com o refresquo e logo o muyto bem pagauão. O Gouernador mandou a Diniz Fernandes de Mello, em hum esquife, que fosse ás naos de Cambaya e achando algum homem honrado lho [2] * trouxesse *, o qual lhe trouxe hum mouro capitão de tres naos, que muyto folgou de vir ao chamado do Gouernador, que lhe fez honra, e o mandou com recado a ElRey de Malaca, dizendo que elle era vindo com aquella armada em busca dos

[1] * sem * Autogr. [2] * trouxe * Id.

portuguezes que tinha catiuos; que lhe rogaua muyto que lhos mandasse, que por ysso faria com elle toda' paz e boa amizade que fosse rezão. O qual recado ouvido polo Rey, ajuntou 'a conselho os seus naturaes e estrangeiros, em que ouve deferenças; porque os naturaes querião pazes, polo temor que tinhão aos malles da guerra, e os estrangeiros [1] * tinhão em Malaca * hum xabandar, que era cabeça de todos os mercadores, * e * foy muyto contra as pazes, dizendo a ElRey que os nossos nom vinhão a Malaca buscar os catiuos, senão a tomar vingança do mal que lhe fizerão, e que tanto que tiuessem os catiuos em poder que logo auião de fazer toda' guerra, porque pera pedir os catiuos e assentar a paz abastaua tres nauios, e nom tanta armada; e porque ysto estaua craro tomasse bom conselho, porque elle se offerecia 'ajudar na guerra com mil homens marinheiros das naos dos mercadores, e oitocentos homens d'armas rumes, e coraçanes, e abixins; mas que o principal era que elle deuia de pairar o tempo, e o gastar com recados e comprimentos até vir a monção, com que o Gouernador se tornaria pera a India, que nom auia de ousar agardar o inuerno, por nom perder sua armada. O qual conselho do xabandar Cambaẽs pareceo muyto bem a ElRey e a todos, atreuendose ElRey a gastar o tempo com seus falsos recados. O que assy assentado, mandou reposta ao Gouernador, dizendo que folgaua com sua vinda pera com elle assentar boa paz e trato, que muyto desejaua; e por ysso guardára os catiuos que tinha pera o assento d'esta paz e matára o seu bendará, porque o mal aconselhára no aleuantamento que fizera contra o outro capitão; e que por tanto lhe rogaua que logo assentassem a paz, que logo lhe mandaria os catiuos.

O mouro Melagia, que veo de Pacem, como já contey, o Rey de Malaca o recebeo, e lhe fez mercê pola noua que lhe trouxe, e o encarregou na guarda da cidade e d'armada do mar, que tinha muytas lancharas dentro no rio, armadas com muyta artelharia; e porque a tenção d'ElRey era nom assentar a paz até o tempo da monção, logo o mouro se acupou em fazer estancias, e tranqueiras em lugares fraqos, pera defensão da cidade.

Ruy d'Araujo, que estaua catiuo, tinha taes modos que tudo sabia quanto se ordenaua, per entercessão d'algumas molheres que conuersa-

[1] * que em Malaca tynham * Autogr.

uão com os catiuos, que se acupauão em perguntar e saber per os homens da guerra e dos naturaes; do que de tudo dauão auiso aos nossos, que tudo sabião quanto se ordenaua; porque estas molheres de Malaca são muy entregues ao bem querer tanto que tomão vontade com hum homem, que nom estimão perder por elle a vida; o que assy he nos homens, com que são muy endinados em mal fazer como lhe toca sua paixão.

E por d'ysto dar milhor rezão direy alguma cousa do sitio da terra e calidades das gentes; porque he de saber que ao tempo que os nossos forão a Malaca auia passante setecentos anos que Malaca era situada onde ora está, em que primeyramente junto do rio auia huma pouoação de gentes d'outras partes, homens pobres pescadores, que tinhão muytos barcos com que andauão a pescar, e se recolhião no rio. E porque fazião grande pescaria de pexe, que sequauão e salgauão, d'outras partes o vinhão ally buscar, em que fazião muyto proueito; polo que se forão ally ajuntando muytos pescadores, e fizerão grande pouoação, com que se melhorando e acrecentando, e fazendo móres barqos, com que andauão no mar, roubauão o que podião cada hum pera sy. O que assy sendo, se aqueceo hum riqo homem na terra da Jaoa casar com huma filha de hum grande senhor, e no concerto do casamento se obrigou o genro dar ao sogro cada'ano huma soma de dinheiro de humas * terras * que lhe rendião outro tanto em dobro, com que ajuntou grande dinheiro com que se leuantou, nom querendo pagar a renda ao sogro; com que tiuerão ambos guerra, mas como o sogro pòde mais o desbaratou em modo que lhe fogio polo mar, e se veo a esta pouoação d'estes pescadores, que por caso dos pescados salgados lhe chamauão malagas; onde assy chamado o que veo fogindo se aposentou em terra, em hum lugar apartado sobre sy junto dos pescadores, com sua gente e molheres, que fizerão grande pouoação mais que os pescadores, com os quaes se deu a tão boa visinhança que se casarão e amigarão huns com outros, e o senhor partindo com elles muytas dadiuas fez muytos barqos, que armaua com sua gente que era muyto guerreira, com que andauão a roubar polo mar o que podião; mas todo o que tomauão o senhor lho daua sem tomar nada pera sy, com que em pouqo tempo os pescadores forão enriquecendo em tal maneyra que ficarão tratantes que hião pera outras terras a vender as fazendas que tomauão; em que todos fizerão se-

nhor e Rey da terra ao jáo, que com elles concertou que as cousas que achassem no mar, que fossem das terras de seus visinhos, as nom tomassem, antes lhe fizessem boa visinhança. Com o qual modo viuião muyto pacificos, porque o mór roubo que fazião era nas embarcações que hião da India, que a muytas d'ellas nom tomauão as fazendas, sómente lhe pagauão alguma contia da fazenda e os deixauão hir, e se tornauão ally lhe nom tomauão nada, antes lhe fazião bom [1] * gasalhado; * o que assy foy peruertendo o tempo, que fiqou em costume. As embarcações da India hião pagar e passauão seu caminho, com que foy em crecimento de muyta riqueza. Morreo este senhor, que se chamaua Rey, e todos o muyto estimauão, porque era muy liberal e franco de condição, de que fiqou hum filho que se aleuantou por Rey, que por ser cobiçoso foy auorrecido, polo que o matarão, e fizerão Rey outro seu irmão, que se fez bom com as condições do pay, que assy foy muyto amado. E vierão estes Reys da terra socedendo huns dos outros assy d'esta maneyra; mas sempre [2] * usando * de se matarem huns aos outros por cobiça, em tal modo que os irmãos se nom fiauão huns de outros; o que assy usaua o pouo, que huns com outros usauão de traições com que se matauão huns a outros, e usauão de zerauatanas com que fengião que andauão a buscar passarinhos, e trazião frechinhas com peçonha, que como tocaua em sangue supitamente matauão. O que assy usão hoje em dia. Com os quaes modos o tempo cursando, os Reys que socederão per suas boas manhas e ordenanças forão acrecentando as cousas, com que a cidade se fez a mais populosa de trato e riqezas que auia n'estas partes da India, e os mouros lhe chamauão olho-sol, que he sobre todas as terras, * e * assy o era Malaca sobre todas as outras cidades.

Tratey d'esta cousa por se saber que cousa era a cidade de Malaca. E ha muyto que dizer dos costumes da gente, de suas idolatrias, casamentos e heranças, justiças, regimento do pouo; o que nom contarey, porque meu proposito he sómente contar os feitos dos portuguezes, e passo por todas as outras cousas, que o tempo as hirá fallando e mostrando; polo que passo áuante, e torno ao fio da estoria.

E digo que o Gouernador, tendo auiso de Ruy d'Araujo da falsa reposta que lhe o Rey mandaua, e que se apercebia a cidade, ouve con-

[1] * galhado * Autogr. [2] * huizam * Id.

selho com os capitães, dizendolhe o auiso que tinha da falsidade do recado; dizendo que elle mais auia de trabalhar por saluar os catiuos que ganhar a cidade; que por tanto n'este caso auia de ter com ElRey todolos modos que pudesse até auer os catiuos, e que depois faria o que a todos milhor parecesse. Então mandou dizer a ElRey que o primeyro assento de paz * que * lhe auia de fazer era mandarlhe os catiuos que tinha tomados com traição, que confiando em sua virtude desembarcarão em sua cidade com boa paz, e estauão tratando, comprando e vendendo, sem fazer nenhum mal, * e * elle, per cobiça de roubar o que estaua na feitoria, os matára e catiuára; que da fazenda que tomára nom queria nada, que sómente os portuguezes catiuos lhe rogaua que lhos désse, porque sómente a elles vinha buscar, e que hum só d'elles lhe nom daria indaque por elle lhe désse Malaca; que se elle os tomára de boa guerra que então lhos resgatára pesados a ouro, mas pois os catiuára com traição que logo lhos entregasse com boa paz, que por ysso assentaria com elle; porque se * o * nom fizesse lhos auia de tomar resgatados com fogo e sangue dentro nos seus paços; e que dizer que matára o seu bandará polo máo conselho que lhe dera, ysso era falso, porque elle o matára polo elle querer matar, e que Melagia em Pacem lho mandára dizer, que tambem era no conselho com o bandará; que por tanto ouvesse bom conselho, e lhe mandasse reposta sem engano de falsidade, porque elle tinha um adiuinhador, que lhe dera ElRey de Cochym, que lhe descobria todas as traições, e tambem sabia os malles e tormentos que fizera aos portuguezes porque se tornassem mouros; e que n'armada vinhão parentes e irmãos seus, que lhe bradauão que fosse em terra tomar vingança. Assy toda sua saluação seria logo lhe mandar os catiuos, porque, se o nom fizesse, nom o podião saluar as tranqeiras que fazia Melagia, nem a muyta gente que lhe offerecia o bendará dos estrangeiros, porque todos o enganauão, porque nada podia fogir das mãos dos portuguezes; e que por tanto, com a reposta que lhe mandasse, logo veria com seus olhos que obras erão as que fazião as mãos dos portuguezes a quem nom queria boa paz.

N'este ensejo veo hum escrito ao Gouernador de Ruy d'Araujo, em que o certificaua tinha sabido certo que o Rey os nom auia de dar, nem fazer nenhum concerto; que por tanto nom deuia de mais aguardar o que se ouvesse de fazer antes que a cidade se mais apercebesse, e que o

primeyro começo fosse nas naos dos mouros, que elles fazião todo o mal; e nom se detiuesse por sua causa d'elles, que estauão offericidos a todo o, que Nosso Senhor fosse seruido de suas vidas, que suas almas auia dias que estauão na esperança da misericordia de Nosso Senhor. O que visto polo Gouernador logo teue pratica com os capitães sobre o caso, ao que todos os capitães derão voto que logo, sem mais esperar a reposta, deuião dar na cidade, antes que se fizesse mais forte: pois os catiuos, que estauão em mãos dos imigos, nom temião as mortes, que estauão tão certas, elles muyto milhor o nom deuião duvidar o trabalho.

O Gouernador folgou muyto com as vontades que achou nos capitães, e disse que todauia queria aguardar a reposta, porque seu feito fosse com mais justa causa pera o credito que compria pera com os Reys, e gentes das outras terras, que soubessem os comprimentos que tiuera primeyro de romper a guerra. O que assy pareceo bem a todos, e estando n'ysto concertado, ao outro dia vierão á nao do Gouernador seis capitães [1] * chinas * que disserão ao Gouernador que auia muytos dias que o Rey de Malaca os tinha reteúdos com suas gentes, e os nom queria deixar hir porque se ajudaua de suas gentes em suas embarcações, em armadas que trazia contra o Rey de Darú, mas agora, com 'acupação que trazia em fortelecer a cidade, elles tiuerão tempo pera escondidamente se recolherem a seus junquos, em que estauão, e lhe pedião licença pera se hirem pera suas terras; que lhe prometião que, se Malaca tomasse, da China virião todos carregados com muytas mercadarias; mas que como amigos lhe dizião que olhasse bem esta cousa de Malaca, porque estaua muy fortificada, e o Rey tinha vinte mil homens de guerra muyto armados, e com todos os prouimentos e monições, e muyta artelharia, e muytas frechas de peçonha com que tirauão com zerauatanas, e per fóra das tranqeiras e pola praya muytas couas cubertas com palha, cheas de poluora, e muytos estrepes, e que tinha vinte alifantes de guerra armados com castellos, que muyto pelejauão.

O Gouernador folgou com os chins, e lhe disse que se fossem muyto embora, e que olhassem o que lhe prometião que era tornarem a Malaca com mercadarias, quando soubessem que elle tinha tomado Malaca; que se elles quigessem aguardar quinze dias logo verião com seus olhos que

[1] * cynas * Autogr.

Malaca era toda feita em fogo e sangue; porque os portuguezes nom tinhão medo a nada, que já erão acostumados a pelejar com os alifantes, e que elle queria que elles vissem como os portuguezes pelejauão. Que portanto lhe rogaua que lh'emprestassem suas barquas pera desembarquar a gente: de que elles forão contentes. Todas estas praticas se passarão ante os capitães, que todos disserão que era erro o estar em tantas delongas, e que deuião de fazer algum começo, porque vissem os mouros o mao emprego que tinhão. O que assy foy assentado polo Gouernador, e mandou aperceber as galés e carauellas, que de noite se forão pousar diante da cidade, e ante menhã dom João de Lima, Francisco de Tauora, Fernão Gomes de Lemos, Ayres da Silua, Simão d'Andrade, Ayres Pereira, Diniz Fernandes de Mello, Nuno Vaz de Castello Branco, Payo Rodrigues de Sousa, em seus batés, com sua gente bem concertada, forão dar fogo em muytas casas de madeira, que erão feitas na praya sobre esteos muy lauradas. Ao que ouve grande aluoroço, ao que acodio muyta gente da cidade, a que as galés, e carauellas e os tiros dos batés fizerão grande mal, e deitando tiros grossos pola cidade, que fizerão muyto mal. Em tal modo foy o fogo que a praya fiqou limpa sem nenhuma casa, com muyta gente morta, que nenhum nom ousaua parecer na praya: 'o que ElRey logo mandou recado ao Gouernador que lhe nom fizésse mal, porque elle queria todo' concerto, mas que tinha n'ysso detenças por tomar seus conselhos, e nom fazer cousas desatadas como homem doudo. O Gouernador folgou muyto com o recado d'ElRey, porque elle tinha entenção de fazer na cidade o menos mal que pudesse, porque esperaua de tomar a cidade e fazer n'ella forteleza; e mandou reposta a ElRey, dizendo que elle era muyto sesudo, e andaua em delongas, sem fazer concerto, parecendolhe que lhe gastaua o tempo, e que se enfadaria e se tornaria pera a India; que lhe fazia a saber que d'ally se nom auia de tornar sem primeyro tomar Malaca, e a deixar feita em sangue e cinza. E que os portuguezes erão tão doudos que os nom podia ter, senão logo o querião hir buscar dentro a suas casas; que por tanto, pois lhe mandaua recado, que fosse com verdade, e nom em delongas. Ao que o Rey tornou recado, e foy recado, em que se passarão alguns dias. Ao derradeiro recado respondeo o Gouernador a hum mouro honrado que lho trouxe, e lhe dixe: «Mouro, tornate pera ElRey» «e lhe dize que eu bem entendo que seus recados som todos falsos e»

« cheos de traições, como elle sempre ysso usou com os portuguezes »
« que tem catiuos; que me nom mande mais recado senão com os por- »
« tuguezes diante, porque se messigeiro me tornar, sem trazer os por- »
« tuguezes, que lho hey de mandar enforcar polos pés até que moira. »
Com o qual recado se tornou o mouro e nom tornou mais.

O que vendo o Gouernador e os capitães, que se enfadauão das mentiras d'ElRey, o muyto bradarão ao Gouernador; polo que mandou fazer prestes toda a gente nos batés armados, e as galés e nauios pequenos chegar todos perto da praya, o que sendo visto do Rey ouve grande medo e mandou logo huma almadia, e n'ella hum moço chamado Bastião, criado de Ruy d'Araujo, que estaua com os catiuos, o qual [1] * moço chegando * aos batés que hião pera [2] * terra, elle * fallou aos capitães, dizendo que hia com recado ao Gouernador. Todos estiuerão quedos, e tornarão com elle ao Gouernador, o qual disse ao Gouernador: « Se- »
« nhor, ElRey de Malaca, tanto que vio esta armada, a todos nós man- »
« dou carregar de ferros com grandes guardas, e ora me disse ElRey »
« que viesse a Vossa Senhoria com recado que nom bula em nada, e que »
« logo mandará soltar os outros, que são dezoito, e que então lhe man- »
« de dizer o que mais quer. »

O Gouernador mandou ao moço que se tornasse, e dixesse a ElRey que lhe mandasse todos os catiuos, e que então lhe diria o que mais queria; que bem sabia elle que mais lhe deuia, porque tamanha armada, e com tanto gasto, nom auia de vir a Malaca embalde. « Que te torne a »
« meter onde estauas com os outros, que eu os hirey logo buscar. » Com que o moço se tornou, e passado espaço em que já podia ter dado o recado a ElRey, o Gouernador mandou os capitães, que derão na terra queimando e matando, e os nauios com artelharia destroindo a cidade; ao que em todo o pouo se aleuantou grandes gritos, com que hião cramar a ElRey, dizendo que olhasse o grande mal que recebião. Ao que ElRey com muyta pressa mandou soltar os catiuos, e os mandou que fossem dizer aos capitães que se tornassem pera o Gouernador, porque elle em todo obedeceria o que elle mandasse; que lhe mandasse dizer todo o que queria.

Chegarão os catiuos á gente que pelejaua, e lhe bradarão paz! paz!

[1] * moço que chegando * Autogr. [2] * terra a que elle * Id.

O que ouvido, que os conhecerão, logo todos estiuerão quedos, e se forão abraçar com os catiuos com muyto prazer, e capearão aos nauios que nom tirassem, o que assy fizerão. O que vendo o Rey, mandou hum fidalgo que fosse ao Gouernador com os catiuos, com seu recado que queria toda' paz; mas Ruy de Araujo nom consentio que fosse, e disse que se tornasse, que elle fallaria com o Gouernador e tornaria com seu recado. Então todos se tornarão aos batés e se forão ao Gouernador, o qual vendo os catiuos ouve muy grande prazer, e com lagrimas d'alegria a todos abraçou, e elles lhe contarão muytos de seus malles, que padecerão porque se nom quiserão tornar mouros, e os mouros erão os que os perseguião, e contauão a ElRey os malles que os nossos fazião per toda a India. Ao que o Gouernador fez grandes juras polas barbas, que as tinha brancas e compridas, que d'elles tomaria muyta vingança. Ruy d'Araujo deu ao Gouernador muyta enformação das cousas da cidade quanto n'ella auia, com que logo o Gouernador com os capitães teue conselho o como seria milhor fazer esta cousa, se por paz ou por guerra; em que ouve muytas opiniões, porque nem todos os homens querião pelejar; com que o Gouernador otorgaua, com lhe parecer que a paz feita por guerra sempre depois tinha muytos auessos. Outros dizião que do temor do mal a paz que se assentaua sempre tinha aquella força. Ruy d'Araujo, que vio as tenções de todos, disse ao Gouernador: «Senhor,» «nom me parece que a paz de Malaca per bons concertos vos he boa,» «mas muyto perigosa, porque estas gentes se prezão mais de huma so-» «til traição que de todolas cauallarias do mundo. E por tanto, se de» «Malaca quereys algum bem ha de ser com muyta crueza de guerra,» «e tomar n'ella a mór riqueza junta que ha em todo o mundo; com» «que assy destroidos de todo então assentarês o que quiserdes.» O que sendo ouvido, de tanta riqueza que dizia Ruy d'Araujo, todos logo otorgarão na peleja, e n'ysso assentarão, e que nom se désse vida a nenhum mouro, porque elles erão causadores de todolos males, * e * per todas terras em que podião fazião mal contra os portuguezes; e que logo deuião d'andar na cidade, porque os mouros ficauão seguros, cuidando que com a entrega dos catiuos primeyro tornarião a concertos de pazes, em que andaria gastando o tempo, até lhe vir muyto secorro que esperauão.

O Gouernador mandou fazer a gente prestes e mandou todos os na-

uios que se chegassem á praya, e os batés concertados, e sendo todos auisados polos catiuos que auia muytos estrepes e minas de poluora, ouve muytos homens, e os capitães que tinhão escrauos, * que * leuarão muytos padeses com que se escudauão das frechas, e deitauão no chão, e passauão por cyma a chegar ás estancias; com que foy grande remedio pera os estrepes. Os mouros tinhão suas espias, e sabendo que os nossos se concertauão assy elles se aperceberão; e amanhecendo os nauios começarão sua obra, fazendo os pilouros grande terramoto com o zonido por cyma da cidade, em que ouve grande aluoroço. O Gouernador em seu batel, com sua bandeyra real, e trombetas, e todos os bateys juntos poyarão em terra, onde auia muytos mouros muy armados, e a gente da terra; onde o Gouernador pondo os pés em terra, inuocando Santyago, tangendo as trombetas, os capitães diante remeterão com os mouros, onde Fernão Gomes de Lemos tomou a dianteira, e com elle Vasco Fernandes Coutinho, Ayres da Silua, Joanne Mendes Botelho, Simão Martins, e Fernão Peres, Ayres da Silua, Francisco de Tauora, Nuno Vaz de Castello Branco, Afonso Pessoa, Gonçalo de Paiua, e outros, que cada hum muyto trabalhaua por mostrar sua honra, cometerão os mouros tão fortemente ás lançadas que logo os arrancarão da praya, que se forão fogindo pera as tranqueiras, com esperança que os nossos se encrauarião nos estrepes que tinhão deitados; mas os nossos, que hião auisados, deitando os padeses que erão muytos, chegarão ás tranqueiras, em que a peleja foy muy grande, porque os mouros erão muytos, e muy armados com muytos espingardões, e frechas de peçonha, e muyta artelharia de metal que erão berços pequenos, e muytas azegayas d'arremeso que muyto pesauão, e lanças de canas compridas, com os ferros em voltas como lingoas de fogo.

Mas os nossos, como a milhor saluação era a concrusão, tão fortemente apertarão com os mouros que os entrarão, matando muytos, com que largarão as tranqueiras e forão fogindo, e os nossos após elles até os fazerem passar além de huma ponte de madeira, que estaua sobre hum rio d'agoa doce que corria ao longo da cidade, e entraua no mar, que era muy fundo. O Gouernador, vendo os nossos que cometião a passar a ponte, os mandou reter, que nom passassem a ponte, e se tornou á gente atrás; e logo muytos se fizerão caualleiros da mão do Gouernador, que n'ysto se deixou estar deuagar porque a gente descançasse, e man-

dou a Diniz Fernandes de Mello, e a Pero d'Alpoym, que com a gente do mar recolhessem aos batés 'artelharia da tranqueira. Alguns mouros, que se colherão pera a cidade, tornarão de longe a tirar com espingardões, e porque auia feridos, e *o* sol era já muyto quente, o Gouernador se recolheo aos batés. Este feito foy em dia de Santyago, vinte e cinco de julho.

O Gouernador recolhido ás carauellas com trinta feridos, e quatorze mortos das frechas da peçonha, que como auentaua sangue nom *auia cura*, os capitães reprenderão ao Gouernador porque nom seguio a vitoria n'este dia, e sobre ysso ouverão pratica, mas o Gouernador, dando a todos muytos louvores, lhe disse: «Senhores, bem vejo a vontade» «de vossos corações e obras de vossas mãos, tão dinos de grandes me-» «recimentos. Muyto vos peço por mercê que vos sofraes, e vamos com» «esta cousa de pouso em pouso, porque he muy grande pera logo ar-» «rematar, que somos pouqos, e temos muytos contrairos. Tenhamos» «confiança na paixão de Nosso Senhor, que por sua misericordia nos» «dará esta cidade em nossas mãos, se elle o ouver por seu santo ser-» «uiço. E eu queria que fosse o mais barato, que ser pudesse, do san-» «gue dos portuguezes.» Com a qual reposta todos ficarão satisfeitos e contentes, cayndo na boa rezão.

O Rey, vendo que o mal lhe crecia de cada vez mais, auido seu conselho, mandou dizer ao Gouernador ao outro dia pola menhã, dizendo que, pois lhe dera os catiuos que lhe pedira, nom sabia porque rezão lhe fazia guerra; que lhe mandasse dizer o que queria, porque tudo lhe faria. O Gouernador lhe respondeo que os catiuos que lhe mandára lhos nom agardecia, porque lhos nom dera com boa amizade; e que inda lhe deuia os portuguezes que matára com traição por roubar a feitoria, pois com seu seguro sayrão dos nauios e estauão em sua terra vendendo e comprando, nom fazendo nenhum mal; e tomára o conselho dos mouros, que por ysso lhe auia de vir muyto mal, e que todo o que roubára tudo lhe auia de pagar em dobro; e lhe auia de queimar a cidade, se nom se fizesse vasallo d'ElRey de Portugal, e lhe désse obediencia. Ao que o Rey mandou suas repostas dessimuladas, passando o tempo, com que tapou todas as bocas das ruas que vinhão á praya, porque a cidade nom tinha cerqua, e em todas fez fortes tranqueiras de grossos páos e entulhos, com andaimos por dentro pera pelejar a gente,

e per fóra minas e couas, e muytos estrepes. O Gouernador, sabendo d'este apercebimento, teue muyto pesar, porque vio o grande trabalho que os nossos tinhão passado, e que mais se ordenaua, porque a terra nom tinha desposição pera elle se afortelezar na terra, e os mouros estauão feitos muy fortes na ponte do rio, que era de grossa madeira, e d'ambas as bandas tinhão feitas grandes estancias, e mórmente da banda da mão direita do rio, em que auia muyta gente e grande pouoação de mouros, porque a cidade ficaua da banda da mão esquerda. Então o Gouernador, auido seu acordo com os capitães repartio toda a gente em duas partes, que sayssem em terra e fossem cometer os mouros que estauão na ponte, que era alta, e os mouros tinhão n'ella assentados muytos tiros; mas Diniz Fernandes de Mello disse ao Gouernador que pera menos trabalho que ordenassem hir abalroar a ponte com huma nao. O que pareceo bem a todos, polo que logo com muyta presteza foy trazido hum junqo. De muytos, que estauão na ilha, escolherão hum de quatro mastos, o mayor, ao qual nos mastos forão postas gaueas que se tirarão dos nauios, e postos seis falcões, e muytos berços; do qual deu cargo a dom João de Lima, e em fauor do junquo Simão Martins em huma carauella, e Duarte da Silua na galé grande, e com dom João de Lima dozentos homens; e sendo a maré chea o junqo se foy alando a huma ancora, que se deitára pera ysso debaixo da ponte, de noite calladamente, *estando* o Gouernador com toda a gente muy concertada nos batés. Os mouros, vendo chegar o junqo e os nauios que se alauão ás toas, tirarão muyta artelharia, o que assy lhe fez o junqo e os nauios, que como os mouros erão muytos, e nom tinhão emparo, forão muytos mortos dos tiros; ao que os nossos derão pressa, e o junco meteo a proa por debaixo da ponte, com que a gente das gaueas fizerão tal obra com pedras, e panelas da poluora, e lanças, com que os mouros forão muy apressados, e começarão a largar a ponte e fogir per ambas as partes. Ao que acodirão os batés que chegauão, e o Gouernador com a gente per huma parte, e Nuno Vaz de Castello Branco per outra parte, onde os capitães e fidalgos saltarão em terra ás lançadas, onde a peleja foy muy grande d'ambas as partes na terra; mas 'artelharia do junqo e dos nauios enxorarão os mouros da ponte, que hião ter com a peleja da terra, em que se virão tão apressados que se deitarão ao rio, em que os marinheiros que estauão nos batés acodirão, e n'agoa matarão muytos.

Com que os nossos ficarão senhores da ponte, em que o Gouernador repousou hum pedaço, por mandar recolher os feridos aos nauios; e porque inda auia maré, mandou tirar o junco pera fóra: o que todo passou até meo dia, que o sol era grande, e Ruy d'Araujo disse ao Gouernador que auia muyta gente nas tranqueiras que estauão muy fortes, e nom tinha tempo pera mais do que era feito, porque a gente estaua cansada e nom tinha comido; que se deuia de recolher, e contentar do que tinha feito. Então o Gouernador mandou a Pero d'Alpoym, e Ayres Pereira, e Gonçalo de Paiua, e Afonso Pessoa, que com a gente dos batés recolhessem 'artelharia. O que foy logo feito, que erão cousas miudas. Com que o Gouernador se recolheo com toda a gente; o que foy em dia de são Lourenço.

CAPITULO XXVIII.

DO CONSELHO QUE O GOUERNADOR TOMOU DOS CAPITÃES E FIDALGOS SOBRE TOMAR MALACA, E 'ACOMETEO Á ESCALA VISTA E A TOMOU, COM A MÓR RIQUEZA QUE NUNQUA SE TOMOU N'ESTAS PARTES, NEM TOMARÁ.

Os capitães e fidalgos andauão já muy enfadados da guerra e muy duvidosos de lhe parecer que se podia tomar a cidade, que era muy grande e com muyta gente muy guerreira, e que os nossos erão pouqos e muytos feridos; e quando estauão em seus nauios praticauão huns com outros, dizendo que auia muytos inconuenientes pera se nom poder tomar a cidade, a qual ainda que se tomasse, o que nom seria senão com muytas guerras, morrerião n'ysso tantos portuguezes que nom ficarião quem pudesse nauegar os nauios; e que as grandes riquezas de Malaca, com que o Gouernador encitaua a gente, ou as aueria ou não, porque Malaca ganhada auia de ser com muyto fogo, com que nom ficaria nada. E com estas rezões metião outras, com que muyto resfriauão a vontade ás gentes, assy como elles a tinhão: o que era muyto praticado em toda 'armada, o que todo foy dito ao Gouernador, de que tomou muyta paixão, mas porque nom tinha pés, nem mãos, sem os capitães, assentou comsigo tratar esta cousa com todos os capitães e fidalgos em conselho, e tomar seus pareceres per escrito, por seu resguardo. E sendo passados oito ou dez dias, que os feridos estauão já bons pera pelejar, porque d'elles tinha grande cuidado, que sempre os mandaua visitar e pro-

uer do que podia, fez chamar todolos capitães e fidalgos que erão pera ysso, e todos assentados na tolda de sua nao, chamou o secretario, e Pero d'Alpoym ouvidor d'armada, que estiuessem presentes e escreuessem tudo o que elle fallasse, e os capitães respondessem, e de tudo fizessem auto. O que todo assy concertado o Gouernador lhe fez esta falla:

«Senhores capitães, e nobres fidalgos, bem sabem vossas mercês»
«que todo o estado d'ElRey nosso senhor depende e está posto nas vos-»
«sas mãos, em que está muy seguro de nom receber quebra, nem falta,»
«em quanto as vidas tiuerdes nos corpos; do que darão bom testimunho»
«os que viuerem, e eu, que o tenho bem visto com meus olhos, nun-»
«qua poderey dizer os grandes vossos merecimentos, ganhados com vos-»
«so sangue e tantos trabalhos, a que ElRey nosso senhor vos he em muy-»
«ta obrigação, e satisfação que Sua Alteza nom faltará. Bem sabem»
«vossas mercês que nós hiamos ordenados pera o estreito de Meca, a»
«que nos Sua Alteza mandaua hir, com intento de sequar aquella na-»
«uegação, e passagem da pimenta e drogas que os mouros lá passa-»
«uão, que lhe fazem grande auesso a seus tratos; ao que nos hiamos»
«com toda' vontade, e polo querer de Nosso Senhor tiuemos contras-»
«tes de ventos que nom consentirão que lá fossemos, e arribamos com»
«tanto trabalho, e porque se nom perdesse o gasto que era feito n'ar-»
«mada, per conselho de vossas mercês bem atentado, foy assentado,»
«pois tinhamos tempo, que viessemos esta viagem a Malaca, pera li-»
«urarmos os catiuos, e tomar vingança d'esta cidade, dos mortos, e rou-»
«bos que erão feitos; onde Nosso Senhor aquy nos aportou, e sobre»
«bons conselhos auidos cometemos esta guerra, que está no estado que»
«vedes, com que bem certos estaes que a cidade será nossa polo que-»
«rer de Nosso Senhor. Mas parece que auerá algumas pessoas que fa-»
«rão duvida que sendo tomada nom será possiuel fazer n'ella fortele-»
«za e a sostermos, o que se assy nom fosse logo ElRey nosso senhor»
«ficaua com toda a perda, que são muytas; a saber: o gasto d'arma-»
«da, perda de sua gente, e sobre tudo estas perdas sem nenhum frui-»
«to, que será grande sua perda, porque esta cidade he o celeiro de to-»
«dolas drogas e riqas mercadarias, que os mouros de todas as partes»
«da India e do estreito de Meca aquy vem buscar, e leuão suas naos»
«carregadas, e passão per antre as ilhas, e se colhem ao estreito muy»
«seguros de os toparem nossas armadas, e as drogas que leuão, que»

«he grande soma, correm polo Cairo, e a Veneza, e d'ahy a ponente»
«e leuante, com que dão muyto abatimento ás drogas da casa da In-»
«dia, que vão ter a Frandes. Outras drogas passão á India, que nos»
«vendem por tresdobro do que aquy as comprão a troco de roupas de»
«Cambaya que trazem; do qual trato de tantos anos os mouros de to-»
«da a India são grandes em muytas riquezas, com que são senhores»
«nas terras, e dos corações dos Reys e senhores, com a qual possan-»
«ça nos tem feitos tantos malles em Calecut, e por todolas partes da»
«India, que se o poder grande d'estes mouros nom fôra, dormindo ti-»
«ueramos a India debaixo dos pés. Pois que mór seruiço podemos fa-»
«zer a Nosso Senhor em fauor de nossa santa fé, senão punirmos es-»
«tes mouros, e seus tratos aquy os confundirmos e apagarmos, que per-»
«cão este tamanho bem como lhe aquy tomamos? E pois está tão ma-»
«nifesto que * este * seruiço * nom * faremos, indaque tomemos esta ci-»
«dade chea d'ouro, se a nom deixassemos segura com segura fortele-»
«za, que durasse pera sempre este tamanho seruiço de Nosso Senhor,»
«e d'ElRey, e seus vassallos que n'estas partes [1] * militamos; tomare-»
«mos * estes tratos, com que nos faremos riquissimos assy como o estão»
«os mouros, e com lhe assy tomarmos seus proueitos os hiremos dei-»
«tando fóra da India, que será quando a Nosso Senhor aprouver.»

«E pois tomando nós agora esta cidade, com sua tanta riqueza,»
«será pera nós grande honra e proueito, e * d' * ElRey nosso senhor,»
«que nos mantêm, e sostem nossas gerações, e com seu tanto gasto»
«aquy somos aportados com esta armada, e * com * os poderes d'ella»
«ganhâmos, * e * ElRey tudo ficaria perdendo se lhe * nom * dessemos»
«premicias do seu gasto e nossa obrigação, que lhe forçadamente de-»
«uemos, que ha de ser aquy lhe fazermos sua forteleza com nossos tra-»
«balhos, porque possamos dizer que ganhámos esta cidade ás lançadas»
«com nosso sangue, e lhe entregamos arrematada pera sempre em seu»
«seruiço, pedindolhe que este tamanho seruiço nos pague a nossos filhos»
«e gerações, do que elle se nom poderá escusar; tudo, senhores, vos»
«he presente, porque cada hum per seu assinado me ha de dar sua de-»
«terminação, pera me eu liurar ante Sua Alteza de quem me acusar.»
«Pera que sem duvida lhes affirmo que indaque n'esta hora Malaca se»

[1] * militamos que tomaremos * Autogr.

« me entregasse, com toda sua riqueza, a nom tomaria se n'ella nom »
« ouver de fazer a milhor, e mais forte, e possante forteleza que ou- »
« ver n'estas partes; pois Malaca he a mais populosa cidade da India, »
« que está no meo e estremo de todolas riqas mercadarias e tratos que »
« por ella correm. E pois, senhores, tudo lhe tenho apresentado, vos- »
« sas mercês agora se determinem no que façamos, porque eu nada hey »
« de fazer, senão o que per elles for assentado. »

Todos os fidalgos estiuerão muy prontos ouvido o arrezoamento do Gouernador, que a todos pareceo bem, porque erão muy videntes rezões e obrigações que o Gouernador lhe apresentaua, e sobre elles carregaua todo o feito, com o remate de dizer que se nom ouvesse de fazer forteleza nom boliria mais na cidade, e se tornaria pera' India. Polo que todos mouerão grande pratica, e cada hum se deitando fóra dos encargos que o Gouernador lh'encarregaua, com que todos derão huma só reposta, carregada sobre o Gouernador, dizendo que elles erão vassallos e naturaes de Portugal, e como leaes portuguezes obrigados a morrer polo seruiço de Deos e de seu Rey e senhor, em cujo seruiço militauão debaixo de seu mandado, que era Gouernador da India, a que auião de obedecer como a pessoa d'ElRey nosso senhor, e estauão prestes pera fazerem tudo o que lhe elle mandasse, até morrer nas cousas do seruiço de Deus e d'ElRey nosso senhor; e porque todos a ysto estauão prestes elle os mandasse, porque pera tudo estauão prestes, e por tanto tudo a elle ficaua, que visse bem o que emprendia e começaua que fosse bem acabado, como seria se Deos fosse seruido, segundo o intento e incrinação de su'alma.

O Gouernador, ouvindo a reposta dos capitães tão encarregada sobre elle, lhes disse: « Senhores, bem vejo o encargo que sobre mym car- »
« regaes, que eu nom quero tomar sobre mym polo que sinto em mi- »
« nha conciencia; polo que digo que vos peço por mercê que me res- »
« pondaes a hum só ponto, que he me dizerdes se he bem que tomando »
« Malaca façamos n'ella forteleza ou não, ou se abastará roubarmos Ma- »
« laca e nos tornarmos á India. » Ao que todos se tornarão a reportar ao que já tinhão dito, que pera tudo estauão prestes, e farião huma forteleza, e duas se comprisse; do que todo o Gouernador mandou fazer auto por Pero d'Alpoym ouvidor, com seus escriuães, que guardou.

Então disse aos capitães: « Senhores, o que comigo tenho assen- »

« tado he trabalharmos por tomar esta cidade, e tomada n'ella fazer for- »
« teleza : d'ysto será o que Nosso Senhor for seruido. Já temos as mãos »
« metidas n'esta massa ; vossas mercês se vão embora, e se fação pres- »
« tes pera o trabalho, que o tempo nos dirá o que façamos. » Com que cada hum se recolheo, e concertarão suas gentes no que compria.

O Gouernador, prouendo em muytas cousas, teue lembrança que tinha 'armada mal vigiada do que compria, polo que mandou a Pero Lopes, que era piloto mór d'armada, e a Bertolameu Fernandes mestre da sua nao, que como fosse noite chamassem todos os esquifes dos outros nauios, * e * cada hum com seis homens com armas vigiassem toda' armada, que já toda estaua diante da cidade, em tal modo que de terra nom viessem pôr fogo em algum nauio. Então fez repartimento da gente per seu rol ; a saber : ordenou Gracia de Sousa que com cem homens estiuesse na ponte, com tranqueira forte pera registir á gente que acodisse pera secorrer a cidade, e com elle estiuesse Gemes Teixeira, Bastião de Miranda, Pero d'Alpoym, João Pereira, Antonio Raposo, Luiz Coutinho ; e ordenou de toda' outra gente dous esquadrões, hum a dom João de Lima, com Gaspar de Paiua, Vasco Fernandes Coutinho, Ruy de Brito Patalim, Antão Nogueira, Simão Peres de Miranda, Afonso Pessoa, Jorge Botelho, Duarte da Silua ; outro esquadrão ordenou * de * Fernão Gomes de Lemos, com Fernão Peres d'Andrade, Ayres da Silua, Fernão d'Atayde, Ayres Pereira, Diniz Fernandes de Mello, Nuno Vaz de Castello Branco, Antonio da Costa, Diogo Peres de Miranda d'Azeuedo. Cada hum d'estes esquadrões, com estes capitães e suas gentes, aueria em cada hum até trezentos homens, gente muy concertada de suas armas ; e a demasia da gente fiqou no esquadrão do Gouernador, que passarião de quatrocentos homens, e com elle Francisco de Tauora, Antonio d'Abreu, Simão d'Andrade, Joane Mendes Botelho seu alferez, Aluaro Botelho, Manuel da Costa, Fernão de Sousa, Gracia de Castro, Pero Freire, Duarte d'Atayde, e outros homens fidalgos e caualleiros. E fez rol apartado, todos nomeados, que se ajuntassem n'estes esquadrões. Ruy d'Araujo estaua sempre com o Gouernador, com que folgaua de praticar as cousas, o qual vendo a determinação do Gouernador, que era tomar a cidade, lhe disse, que tinha pouqo poder pera o muyto que auia mester pera tomar a cidade, que era muy grande e tinha muyta gente muy guerreira e muy armada, que indaque as tranqueiras fossem

tomadas e entradas, que auia mester muyta gente pera enxorar a cidade; polo que, se nom tomasse ajuda do fogo, teria muyto trabalho. Com o que o Gouernador fiqou muy triste, dizendo: «Se o fogo nos der a» «cidade elle leuará todo o bem que ella tem de riqueza, com que a gen-» «te ficaria com trabalho e sem proueito.» Ruy d'Araujo lhe dixe: «Se-» «nhor, postoque se queime Malaca, inda o milhor ficará, que está nos» «gudões, que são casas de pedra fortes e meas feitas debaixo do chão,» «e taes emparos nas portas que postoque tudo se faça em brasas nada» «póde empecer nos gudões, em que está a mór riqueza da cidade.» Com que o Gouernador ouve muyto prazer, e encarregou a Ruy d'Araujo, com Antonio Fernandes, homem cafre da criação do Gouernador, que sendo trauada a peleja nas tranqueiras, elles, per ambas as partes da cidade per onde o milhor pudessem fazer, pusessem quanto fogo pudessem, pera o que cada hum d'elles leuasse vinte roqas de fogo; do que se muyto encarregarão. O Gouernador foy ordenando estas cousas deuagar, mas os capitães que já estauão prestes com suas gentes, que estauão muy cobiçosos da riqueza da cidade, que o muyto desejauão, apressauão o Gouernador que fossem dar na cidade; e o Gouernador mandou que toda a gente do mar ficasse nos nauios em guarda, e de dia ajudassem na terra os que fossem nos batés.

O Gouernador se concertou de todo o que entendeo que compria pera sayr a terra; então mandou chegar toda' armada defronte da cidade o mais perto que pôde ser, e como foy noite mandou per todolos nauios que com as peças grossas tirassem á cidade, quando elle fizesse sinal com hum berço. Ao que todos se concertarão, e o Gouernador ceou, e repousou hum pedaço, e sendo casy mea noite, que a gente da cidade estaua repousada, o Gouernador fez o sinal do berço; com que toda' armada deu bataria á cidade, tirando contra as casas e estancias, onde dauão os pilouros, que hião dando pulos per cyma da cidade onde cayão. E foy cousa muy espantosa de ouvir de noite, que toda a cidade foy posta em grande aluoroço, e gritos, e brados, fogindo com os filhos e fatinho ás costas, que nom acertauão por onde hião. Os mouros que acodião ás estancias nom achauão ninguem, senão alguns pilouros que os acertauão, e que desfizerão algumas casas e parte das tranqueiras. ElRey acodio em cyma de hum alifante, cuidando que os nossos combatião, e nom lhe consentirão que aparecesse, e se pôs detrás das suas casas, que

erão grandes e fortes, onde estaua saluo dos pilouros. O bendará dos mouros acodio com muyta gente, e vendo que os nossos nom desembarcauão se foy a esforçar ElRey, e lhe dizer que seguraua que os nossos nom sayão a terra; nom auião de fazer mais que pelejar com artelharia e lhe danificar a cidade, e com esta vingança feita se auião de hir, porque mais nom podião aguardar. A bataria durou até amanhecer, que o Gouernador mandou aos nauios que se alassem ás amarras do mar e se afastassem da terra; o que assy fez toda' armada, com que os mouros crerão o que dizia o seu bendará, e crerão que os nossos se afastauão pera se fazerem á vela de noite e se hirem; e ficarão descansados. O Gouernador nom quis dar bataria de dia, por dar folga á gente e artelharia, e porque lhe nom faltasse a poluora, de que mandára fazer muytas panellas. E assy estiuerão todo o dia, que era bespora de Nossa Senhora d'agosto.

Mas como foy noite mandou tornar 'armada chegar ás amarras da terra, pera tirarem quando elle mandasse, e mandou aos bombardeiros que carregassem os tiros com meas cargas, que tirassem per alto que cayssem as pedras dentro na cidade, e resguardassem a praya, em que auião de sayr a gente nos batés; e todo assy ordenado, passada mea noite, mandou aos nauios que tirassem, e elle, e os capitães em seus batés com toda a gente desembarcarão em terra, e se foy á ponte, onde no meo d'ella assentou sua estancia, e fóra da ponte em terra da banda da mão esquerda, e tambem da mão direita, se meteo com muyta pressa, e fez estancias muy fortes com pipas em pé cheas d'area, e antre ellas tiros grossos pera a banda da cidade, que estaua defronte das estancias da cidade. Assentou oito peças grossas, e por cyma das pipas tauoas grossas de hum junqo que mandára desfazer, que fazião andaimo pera' gente pelejar, e páos metidos nas pipas, e em cyma postas bandeyras com monetas atadas que fazião como peitoril, e tudo muyto forte, e da banda [1] * d'Hupe, * que era á mão direita, a outra estancia assy feita, com quatro peças grossas; e na estancia do meo da ponte, que era do Gouernador, atadas aos páos da ponte vergas das gaueas, e n'ellas [2] * posta * huma grande vela, que fazia sombra a toda a ponte, bem atada por amor do vento, e nas pontas dos páos bandeyras, e nas estancias guiões, e em cyma no mais alto da ponte posta a bandeyra real. O Gouernador por sua pes-

[1] * dupe * Autogr. [2] * apontar * Id.

soa se meteo n'este trabalho com tanta diligencia, a que os capitães e toda a gente ajudarão com tanta vontade, que quando amanheceo já tudo estaua acabado, dando os nossos grandes gritas; de que os mouros ficarão muy espantados, e todo o pouo com grande medo, porque virão que os nossos tinhão assentado estancias e ordenauão concrusão de tomar a cidade; mas como assy era grande, e com tanta gente de guerra pera sua defensão, estauão confiados que a profia seria tal que os nossos hirião morrendo, e enfraquecendo, com que deixassem a contenda e se fossem. Polo que ElRey andaua em seu alifante, e seu filho em outro, e seu genro o Rey de Pão em outro, correndo a cidade e prouendo o que compria, e os mouros nas estancias muy valentes tirando com muyta artelharia ás estancias, que lhe fazia pouquo dano, porque erão tiros miudos como berços e meos berços, e muytos espingardões. O Gouernador mandou que das estancias nom tirassem senão tiros certos que empregassem nos mouros, e assy passarão todo o dia, onde o Gouernador deu rol aos capitães da gente que auião de leuar quando cometessem, que auia de ser ao outro dia; polo que todos se apartarão e ordenarão cada hum com seus capitães, e gastarão a noite cada hum concertando suas armas, e almas, como milhor puderão.

O Gouernador esta noite teue conselho com os capitães de nom cometer a cidade logo pola menhã, porque na peleja das tranqueiras até as entrarem aueria detença, e a gente ficaria cansada e alguma ferida, com que nom serião poderosos pera entrarem pola cidade, onde auião d'achar muyta gente de peleja, e podião ficar em alguma falta; polo que assentaua por mais seguro, e milhor, depois de bespora cometer as estancias, e as desfazer per terra, com que ficassem as ruas abertas com que os tiros da estancia fizessem as ruas franquas; então ao outro dia, em amanhecendo, cometer a entrar a cidade, que lhe ficaria tempo e menos trabalho pera o seu feito. O que todo assy pareceo bem a todos, e n'ysso assentarão, e estiuerão folgando e repousando todo o dia.

E sendo depois de bespora, que a gente estaua apartada e prestes nos esquadrões, como tenho dito, e muytos confessados, que na estancia do Gouernador estauão oito crelgos e frey Domingos de Sousa frade da ordem de são Domingos, que [1] *andaua* quá fóra da ordem, que bem seruia a Deos, o qual fez a confissão geral a toda a gente, e hum crel-

[1] *amda* Autogr.

go chamado Aluaro Mergulhão, capellão do Gouernador fez huma cruz de páo em huma aste de piqe, e n'ella pôs em hum papel a imagem do crucificio, e estaua prestes; e como 'assoluição geral foy feita, o Gouernador abalou com toda a gente per as estancias, tangendo as trombetas, no seu coração pedindo a Nosso Senhor ajuda da sua grande misericordia. Os nossos, como hião auisados dos abrolhos, leuauão os escrauos tauoas e padeses, e cada hum o seu por mais seguro; com que o Gouernador chamando Santyago arremeterão com grande grita per cyma dos padeses, *e* chegarão ás tranqueiras. Na principal foy ter dom João de Lima, que era huma grande rua que vinha ter a huma grande mesquita, onde estauão muytos mouros; Fernão Gomes de Lemos ficou em outra estancia d'outra rua que vinha ter á ponte. O Gouernador, vendo a gente pegada nas estancias, esteue quedo com a bandeyra real, e com o crelgo com a cruz.

O cometimento dos nossos foy com tanta vontade, fazendo os capitães e caualleiros taes obras, que os mouros nom tinhão inda tal visto, com que largarão as estancias e os nossos lhe seguindo o alcanço. O Gouernador, vendo os nossos entrados, correo as estancias, e aos homens de sua guarda e da ordenança mandou desfazer as tranqueiras, e arranqar os paos e estacadas, e com muytas enxadas, que pera ysso trouxera, derrubar os vallados, com que as ruas ficarão abertas; e sendo dito ao Gouernador que os nossos hião seguindo os mouros, mandou tocar huma trombeta, com que se tornarão a recolher. Dom João de Lima e os seus capitães, que forão á parte da mesquita, acharão grande resistencia em muytos mouros que estauão na mesquita, em que ouve muyta detença; mas os nossos mostrarão tanto suas bondades que os mouros os nom puderão sofrer, e mais porque n'esta detença as panellas de poluora fizerão grande lauor: assy que mortos ás lançadas, e queimados de poluora, ficarão na tranqueira mortos mais de dozentos mouros. E sendo os nossos apossados da tranqueira virão dentro na rua tanta gente que soestiuerão, até que dom João de Lima enxorou a mesquita. O Rey, vendo retornado o esquadrão de Fernão Gomes de Lemos, foy a outra parte acodir em seu alifante, com muyta gente e dez alifantes armados com castellos de guerra, com que os nossos se tiuerão, que nom decerão da tranqueira pera' [1] *rua*, onde ally erão muy apertados de muytos ti-

[1] *sua* Autogr.

ros d'espingardões, e berços, e frechas de peçonha; o que sendo dito ao Gouernador se pôs com sua gente na boca da sua rua, e mandou Fernão Gomes de Lemos que com seu esquadrão fosse ajudar dom João de Lima, porque tinha já doze ou quinze homens mortos e muytos feridos. Chegando o secorro, que todos tomarão nouo esforço, derão Santyago nos mouros ás lançadas; e porque o feito era de verdade os fidalgos por ganhar honra se auantejauão huns a outros, * a saber: * Fernão Gomes, dom João de Lima, Simão d'Andrade, Ayres da Silua, Fernão Peres, Vasco Fernandes Coutinho, Ruy de Brito Patalim, Antão Nogueira, João Pereira, Diniz Fernandes, que tomarão a dianteira que nom cabião mais pola rua. Nom ouve mouro que os aguardasse, e com o bendará mouro, que hia com elles, se forão retraendo até chegarem á outra rua, que fazia encruzilhada, onde estauão muytos mouros e ElRey com os alifantes, que remeterão com os nossos com grandes bramidos por fazer espanto; de que os nossos ouverão temor, e nom forão adiante fóra da rua em que estauão, com que os alifantes forão cometer os nossos, que os [1] * dianteiros nom * puderão al fazer senão ferir os alifantes; e o primeyro foy Fernão Gomes de Lemos, que lhe tirou huma lançada aos olhos e lhe deu dentro em huma orelha, ao que o alifante deu grande bramido e voltou, ao que lhe acodio com outra lançada pola barriga, que o alifante sentindo com medo foy fogindo per antre os outros, que todos desbaratou, porque Vasco Fernandes Coutinho, e dom João de Lima, guardandose das trombas d'elles, os ferirão das lanças, com que elles sentindo as picadas das lanças logo voltarão, que virando forão muyto alanceados, que com o medo forão fogindo correndo, matando quantos achauão diante de sy; o que assy fez ElRey, que se foy com seu alifante e seu filho; mas os mouros nom deixauão a rua, e pelejauão muy fortemente. Hum mouro jáo remeteo com Ruy de Brito Patalim, o qual elle leuou com a lança e o passou; mas o jáo, de valente homem, correo seu corpo pola lança, que andaua untada, e chegou a Ruy de Brito e o ferio com hum cris per antre as coirações em huma virilha, de que cayo como morto, e hum seu escrauo o tomou ás costas, e o saluou, e foy curado. Os nossos, vendo os alifantes desbaratados, apertarão com os mouros, com que logo voltarão as costas fogindo; o que era já casy sol

[1] * a que nom puderão * Autogr.

posto, polo que o Gouernador mandou recolher, que se tornarão pera' mesquita, que era de pedra, casa forte, onde esta noite ficou dom João de Lima com muytos fidalgos e até quatrocentos homens, onde antes que fosse noite trouxerão duas peças grossas, que de quando em quando tirauão ao longo da rua; e outro tanto se fez na outra, onde Nuno Vaz tomou a vigia esta noite com outros quatrocentos homens, que fizerão vigia a quartos toda a noite, sempre tirando as peças ao longo da rua, que era direita e comprida; o que o Gouernador assy mandou fazer porque os mouros de noite nom fizessem outras tranqueiras, que elles quiserão fazer e nom ousarão com medo dos pilouros, que corrião ao longo da rua porque nos tiros deitauão pouca poluora, que assy o mandou o Gouernador. N'este feito dos nossos forão mortos vinte e oito, os mais d'elles de frechas de peçonha, e feridos mais de sessenta, de que depois morrerão alguns; mas o Gouernador teue d'elles muyto cuidado, e todos os que auião de jazer em cama mandou recolher nos nauios, em que forão bem repairados. Foy morto Gonçalo d'Almeida, Antonio da Costa, Aluaro Botelho, outros muytos fidalgos feridos, pouqa cousa. Fernão Gomes foy ferido de huma frecha de peçonha, e tocou e passou sem toquar em sangue, e por ysso escapou. Vasco Fernandes Coutinho, Ayres da Silua, Simão d'Andrade, forão muyto feridos d'azegayas d'arremesso; dom João de Lima na mão esquerda, Francisco de Tauora, Antão Nogueira, João Pereira, Fernão Peres d'Andrade, Diniz Fernandes de Mello, mas todos estes pouqua cousa, que o Gouernador a todos visitou. E os capitães mandarão trazer comer dos nauios, que a gente comeo e repousou, mas fazendo boa vigia.

O Gouernador fiquou muy agastado com tantos feridos, e mórmente os capitães, que sem elles nom podia fazer nada, porque sua vontade era logo entrar a cidade; o que elle bem pudera fazer, porque os capitães com as feridas atadas lhe dizião entrassem a cidade, pois tinhão as ruas abertas. Do que o Gouernador se escusou, dizendo que nom auia de fazer nada sem elles primeyro serem sãos; o que o Gouernador queria porque os que estauão feridos nos nauios nom ficassem sem auerem suas partes do bem que se esperaua tomar na cidade.

E assy prouendo em todo se deixou estar deuagar, com tenção que lhe podia o Rey cometer algum concerto, que lhe elle faria, dandolhe huma grossa contia que elle pudesse repartir com os capitães e toda a

gente, com que todos ficassem contentes, e *se* lhe désse cem mil cruzados pera o gasto d'ElRey, e lhe fizesse a forteleza com sua gente e despesa; o que assy praticaua muytas vezes com Ruy d'Araujo, que dizia que ElRey de Malaca lhe podia dar dous contos d'ouro, sem tirar nada de sua casa, sómente dos mercadores, que erão muytos, e tão riquos que nom fallauão em seu dinheiro per conto, sómente por peso, dizendo, foão tem tantos báres d'ouro. O Gouernador estaua com esta vontade por nom destroir a cidade, e queria pôr pazes porque o pouo lhe nom ficasse em odio e malquerença, porque depois nom ouvesse malles, e que dandolhe forteleza feita seria grande bem, por descanso da gente que com o trabalho podia morrer; e com estes pensamentos estaua com muytos desejos que ElRey lhe mandasse recado. Do que o desenganaua Ruy d'Araujo, dizendo que a fantesia do ponto d'honra do mais triste malaio era tal, e erão tão fantesiosos, que antes se matauão per suas mãos que perder hum só ponto d'honra em suas cousas; e nom tinhão por deshonra fogir na guerra, e serem sotis trédores, de que muyto se prezauão sobre todolas boas manhas; e que por tanto nom esperasse d'ElRey nenhum concerto, porque os que cometia erão todos sotilisados sobre traições.

Ao outro dia parecião muytos mouros pola cidade, escondidos por detrás das casas, que nas ruas que estauão abertas nom ousauão aparecer, com medo dos tiros que tirauão quando aparecião, e tirauão de noite as vigias porque os mouros nom tapassem as ruas. Os nossos assy estauão sempre armados, com que se passarão alguns dias, em que os feridos se forão melhorando.

O Gouernador assy estando com este repouso, e o pouo vendo o mal que auia, que já erão mortos mais de mil homens na guerra, auendo seus conselhos, mórmente os estrangeiros gentios, que muyto arreceauão o mal que auia de vir a todos na tomada da cidade, o que todos muyto arreceauão, e vendo assy estar o Gouernador repouso cuidarão que auia alguns recados d'ElRey, de concertos, com que tomou atreuimento Nynapam, riquo mercador de Malaca, que mandou sua carta com seu criado, que escondidamente veo á ponte perguntando por Ruy d'Araujo, com o qual fallou, e lhe deu a carta, em que lhe pedia que ouvesse seguro do Gouernador [1] *pera lhe* nom fazerem mal em suas casas.

[1] *pera que lhe* Autogr.

Ruy d'Araujo o fallou ao Gouernador, porque este mercador secretamente lhe fez muytos bens, e aos catiuos; com que o Gouernador ouve prazer, e porque o chatim tinha tres casas apartadas lhe deu tres bandeyras das quinas, que as pusesse sobre as suas portas quando os portuguezes entrassem a cidade, e que lhe nom farião mal; e lhe fazia aquella mercê porque era gentio, e assy faria bem a todos, mas que os mouros nenhum ficaria que nom matasse, e molheres e filhos; e lhe prometia de o fazer poderoso e justiça mór sobre todos os gentios, e assy o fez depois. Tambem veo hum pegú, homem capitão de tres junquos, com huma bandeyra branca, que foy leuado ao Gouernador, o qual se deitou a seus pés, dizendo que era mercador que viera a vender a Malaca suas mercadarias, e auia outros homens de Pegú que estauão em Malaca, todos com suas mercadarias, e tinhão quatorze junquos; que elles com suas gentes farião o que elle mandasse, e que lhes nom fosse feito mal, porque erão estrangeiros. O Gouernador folgou muyto, e lhe deu seguro pera elle e todos outros capitães dos junquos, com tanto que recolhessem suas gentes e nom ajudassem aos mouros: ao que o pegú lhe dixe que lhe désse licença que logo todos se partirião. O Gouernador disse que nom queria que se partissem, que esperassem até elle tomar a cidade * e * então com elles mandar seu messigeiro a ElRey, porque com elle queria assentar grande paz e amizade. Do que o pegú fiqou muy contente, e com seu cartaz de seguro se tornou a seus companheiros, que todos ouverão muyto prazer, e forão recolhendo suas gentes em seus junquos, por estarem seguros de rebate da cidade. Tambem os chins vierão ao Gouernador pedir licença pera se partirem, porque tinhão sua monção pera seu caminho. O Gouernador lhe deu licença, e lhe deu cartaz de seguro pera todos quantos viessem a Malaca, * dizendo * lhe faria toda boa paz e amizade, e toda direita justiça e verdade; com que se forão muyto contentes, prometendo que virião com muytas mercadarias e trarião outros seus visinhos.

N'estas cousas se passarão oito dias, em que os feridos forão melhorados, e sãos, e já muy desejosos que entrassem a cidade; e n'estes dias o pouo despejou muyto fato da cidade, os mercadores chatins se muyto queixando com o bendará dos mouros porque elles forão sempre os causadores dos malles que vierão a Malaca, polos máos conselhos que derão a ElRey, e que por ysso elles auião de pagar tudo, quando ElRey

entendesse os enganos que lhe elles tinhão ditos, e que o Gouernador nom viera senão buscar a elles. Com que os mouros andauão muy descontentes, e já nom andauão tantos na cidade.

O Gouernador, vendo que os feridos estauão sãos, e toda a gente muy desejosa do roubo que esperauão ganhar na cidade, o Gouernador fallou com os capitães e fidalgos, os muyto amoestando, e defendeo que nenhum homem pusesse fogo, nem roubasse, nem se desmandasse fóra dos esquadrões, até nom passarem toda a cidade e enxorarem os mouros de todo fóra; e nom déssem vida a mouro, nem a suas molheres nem filhos, onde quer que fossem achados. Chamou Ruy Gonçalues, e Manuel Fidalgo, e lhe mandou que cada hum ajuntassem cem homens da sua gente, que auião de hir com elle: o que logo se fizerão prestes com seus piques e todos concertados, em bespora de são Bertolameu, vinte e quatro d'agosto.

Ao outro dia em amanhecendo, que os capitães se ajuntarão em seus esquadrões com os capitães e fidalgos e caualleiros, como já disse, com seus guiões, todos em muyto concerto, o Gouernador deu a Gracia de Sousa cem homens com outros cento da ordenança, que hião diante em ordem de seis em seis, com os ferros dos piques pera diante meos aleuantados, e o Gouernador com outros tantos homens com outros tantos da ordenança; e defendeo que nenhuma pessoa, só pena de morte, se desmandasse. Com esta ordem entrou a cidade; enuocando Santyago, são Bertolameu, tangendo as trombetas, forão entrando pola cidade. Os esquadrões deixou o Gouernador hir diante hum espaço de tiro de bésta, ao que sayrão mouros pelejando fortemente, e tirando com zerauatanas de peçonha e muytas azegayas d'arremesso; e toda esta guerra era nas ruas, e nada de dentro das casas, que erão muy grandes e todas cerquadas de taipas, e vallados e estacadas, e seus donos nom consentirão que dentro entrassem os mouros que pelejauão, porque os nom roubassem.

Os nossos com furioso impetu seguirão os mouros, que logo se puserão em fogida com grande medo, vendo o pelejar dos nossos, e outros esquadrões que ficauão atrás, * e * vendo os piques que nunqua tinhão visto; com que forão correndo as ruas até sayrem fóra da outra banda da cidade; e o Gouernador veo com seu compasso de andar, assy em sua ordem, até o cabo da cidade, que era enxorada, aleuantando as mãos

ao Céo de tamanha mercê como tinha recebida; e mandou toquar a trombeta a recolher, porque os capitães hião seguindo o alcanço aos mouros; os quaes tornarão, onde o Gouernador os recebeo com muyto prazer, onde alguns se fizerão caualleiros. Ouve vinte feridos, pouqua cousa, e sómente quatro mortos. Então o Gouernador, com a mesma ordem, tornou com outra volta pola outra banda da cidade, com que tornou a vir á praya, e se tornou ás estancias. Muytos mercadores com medo se forão fogindo com os mouros.

O Gouernador, tornado ás estancias, mandou recolher os feridos; e comeo toda a gente. E porque entendeo o Gouernador que estaua a gente muy aluoraçada pera dar o saco na cidade, mandou chamar hum feitor de Nynapam, e lhe deu hum cartaz de seguro real, que daua em nome d'ElRey de Portugal a todo o mercador que se tornasse, e todo gentio, que a todos serião guardados que lhe nom farião nenhum mal; e que este seguro mandasse apregoar na lingoa da terra: o que foy feito, com que logo se tornarão muytos pera suas casas n'esta noite. O Rey e seu filho com suas molheres e filhos, e familia, se sayrão fóra da cidade tanto que virão abalar os esquadrões, e estauão de fóra na borda do mato, e vendo vir os mouros em desbarato fogindo, elles tambem fogirão pera o mato. O Gouernador teue recado d'esta muyta gente que se tornaua com o pregão, que se tornauão a hir com quanto fato podião. De que o Gouernador ouve muyta paixão, e toda a noite teue sua vigia, e quis usar de manha, e antes de amanhecer fallou com Ruy d'Araujo e com Antonio Fernandes, o preto, e lhe mandou que secretamente, quanto pudessem, fossem pôr fogo nas derradeyras casas per fóra da cidade: o que elles souberão fazer muyto a seu saluo, em que se acendeo em muytas casas, e se tornarão a recolher, que nom acharão ninguem per todas as ruas. O fogo sendo visto das estancias, que já esclarecia o dia, o Gouernador se fez muy espantado, dizendo que o fossem defender e apagar, porque os mouros querião queimar a riqueza da cidade, por elles se nom aproueitarem d'ella. Polo que logo os esquadrões correrão as ruas sem acharem contraste, e forão até o cabo da cidade, onde tambem chegou o Gouernador, que logo fez apagar o fogo, porque acodirão os mercadores com muytos escrauos; e sendo apagado mandou a gente, e aos escrauos, que trabalhassem, e se fizerão quatro estancias, muy fortes, nos lugares porque podião entrar os mouros, onde o Gouernador re-

partio a gente nas estancias, que deu huma a Fernão Gomes de Lemos, e outra a dom João de Lima, e outra a Ruy de Brito Patalim, e a outra a Nuno Vaz de Castello Branco, cada hum com dozentos homens, que mandou que tiuessem vigia esta noite porque nom entrassem os mouros a queimar a cidade, que logo em amanhecendo tornaria a estar com elles; muyto lh'encarregando, que nom consintissem que homens fossem a roubar, porque pola menhã o quinhão seria de todos. Polo que logo mandou apregoar a escala franca pera outro dia, sómente guardassem as casas d'ElRey: com que a gente ouve grande prazer, * e * com folias e cantares vigiarão toda a noite. E mandou dizer a Nynapam que as bandeyras pusesse sobre suas casas: o que todo se fez.

O Gouernador teue na ponte sua vigia, e fallou com os mestres e gente do mar que tiuessem boa [1] * vigia * toda a noite, e pola menhã com todos os batéys viessem a terra, e tomassem huma carga do fato da cidade, com que logo se recolhessem, porque elle auia de ficar em guarda dos batés em quanto elles fossem. O que assy fizerão com muyto cuidado.

E sendo menhã crara, o Gouernador mandou Pero d'Alpoym com cincoenta homens estar em guarda dos batés, e que como n'elles metessem fato, com que se fossem aos nauios, nom consentissem que mais tornassem a terra até que elle mandasse; o que assy se fez. Então o Gouernador mandou dizer aos capitães, que se viessem pera elle, e trouxessem da cidade o que achassem, e que nom consentissem danificar, nem pôr fogo. Com o qual recado os capitães se forão a saquear a cidade, e mandauão seus homens e escrauos entrar nas casas é tirar á rua o que achauão, que foy tanto que as ruas erão cheas de mercadarias de todas sortes, muyto beijoym, almisquere em jarras, caixões cheos de peças de damascos, cetys, tafetás, seda branca, canfora, aguila, casas cheas de sandolo com que nom bolião por cousa de trabalho, mas, cada hum carretando, o milhor leuarão aos batés, que Pero d'Alpoym nom consentio embarquar, até que vierão os mestres que seus capitães mandarão, que com seus marinheiros e grometes vierão carregados, e s'embarcarão, e carregarão o fato que estaua na praya, que forão descarregar nos nauios, e tornauão á praya e carregauão o que achauão, [2] * e sem * sabe-

[1] * via * Autogr. [2] * nem * Id.

rem cujo era o leuauão e guardauão em suas camaras, em que o fato era tanto, que se trazia á praya, que nom fazião senão hir e vir, e carregar. Os capitães, com suas quadrilhas de seus nauios, ajuntauão e metião fato em grandes casas pera depois o mandarem embarquar. Estas fazendas estauão em casas que tinhão meas feitas debaixo do chão, per cyma argamassadas por resguardo do fogo; mas foy tão grande moltidão das cousas que sómente escolhião e mandauão embarquar beijoym, almisquere, de que achauão jarras cheas em pó e em papos, e damascos, e seda solta branca, e riquas porcelanas, e das cousas somenos erão as ruas cheas, esperdiçadas, que as nom querião leuar. No que trabalharão até meo dia, que os bateys nom fazião senão carregar; mas alguns forão dar com jarras, que estauão soterradas, cheas d'ouro em pó, e barras, e aljofar da China, com que todos tornarão a dar mór reuolta, e a cauar casas, em que acharão grandes riquezas d'estas cousas em que se acupauão, e todo mais quebrauão, e fazião grande destroição. O que Ruy d'Araujo disse ao Gouernador, o qual mandou apregoar com as trombetas que cada hum recolhesse o que tiuesse, porque nom daua escala franqua mais que até ao sol posto. O Gouernador represaua os que vinhão carregados, e lhe fazia embarqar suas cousas, e os nom deixaua tornar á cidade, e os fazia estar com elle, e mandaua aos que estauão que fossem tomar; no que teue tal ordem que nom fiquou homem que nom ouvesse seu quinhão; e lhes mandou dizer o Gouernador que recolhessem o que tiuessem, porque de noite ninguem auia de bolir, senão estar em suas estancias, que pola menhã auia de mandar a gente da terra que recolhessem o que achassem, que ninguem lho tomasse sob pena de morte. Polo que todos com grande pressa recolhião o que podião. Então o Gouernador mandou Pero d'Alpoym, e Ruy d'Araujo, e Antonio Fernandes, o preto, e João Mendes Botelho, e Ruy de Brito Patalim, que fossem ás casas d'ElRey e lhe trouxessem o que achassem, e quebrassem e destroissem as casas, e quando se tornassem lhe pusessem o fogo; os quaes forão, e acharão, em huma casa soterrada, debaixo da terra muyta riqueza de cousas d'ouro e prata.

Eu ouvi dizer 'Afonso d'Alboquerque n'esta casa se achára huma terpeça de quatro pés, que fôra aualiada a pedraria d'ella em sessenta mil cruzados, e assy quatro liões d'ouro vãos, que dentro n'elles metem perfumes, e sobre elles estaua posta a cama d'ElRey, que cada hum va-

lêra quarenta mil cruzados, perolas, e aljofar, e obatygas e guindes d'ouro, que todo que veo á sua parte valêra passante de quatrocentos mil cruzados, e meninas fermosas que lhe derão os capitães pera ElRey, e pera a Raynha, fermosas em estremo.

Durou o saco até noite fechada, em que se tomou despojo de grão valor, o mór que nunqua se tomou n'estas partes, nem outro tal tomará, que depois os homens tornarão a vender aos mercadores da terra, de que lhe fazião bom barato; com que todos os homens ficarão riquos, que nom falauão senão per tres, quatro mil cruzados, e os capitães vinte, trinta mil em dinheiro, afóra muytas cousas riqas que tinhão em seus nauios.

As casas d'ElRey com fogo ficarão por terra. O Gouernador mandou ao outro dia apregoar pola cidade que cada hum recolhesse o seu, e defendeo que ninguem nom tomasse mais nada. Do que o pouo ouve muyto prazer, porque Nynapam, que era justiça mór da gente da terra, os seguraua, e fazia vir todos porque assy lho muyto encomendaua o Gouernador; ao qual, e ao Mutarra, que era bendará da gente natural, mandou o Gouernador que nas estancias vigiassem de noite se viessem mouros, pera elle acodir; como de feito vinhão muytas vezes dar rebate a roubar e fogir, mas tudo estaua seguro, porque o Rey estaua de Malaca mais de vinte legoas polo sertão dentro.

Os capitães, e todolos homens, vendose com tanta riqueza quanta nom cuidarão, e que na cidade auia todolas riquas mercadarias que corrião pola India, de que podião carregar toda' armada pera ElRey, que posta na India valia mais de dous contos d'ouro, com que ElRey ficaua beadante, * pensarão * que o Gouernador nom deuia de mais aguardar, senão carregar 'armada d'esta tanta riqueza, e hir á India, e com a gente que viesse do Reyno, e 'armada reformada podia, se quigesse, tornar a fazer a forteleza; e tanto ysto pareceo bem a todos que o fallarão ao Gouernador muy afincadamente, dandolhe todos muytas rezões que era bem que assy o fizesse. O Gouernador, que d'esta cousa tinha já auiso, ouuio bem tudo o que lhe os capitães dizião, e lhe respondeo: «Senho-» «res, da propia vontade vossa he a minha, que meu coração desejan-» «do está hirme a lograr vida folgada, que minha parte, que [1] * tenho, »

[1] * tenho que eu * Autogr.

«eu» nom sonhey de nunqua ter. E lançado bem todas as contas, ve-»
«jo que ElRey he aquy só e desemparado, que nom tem quem falle»
«por elle, senão eu, que tenho minha alma e lealdade obrigada a seu»
«real seruiço; na qual obrigação vossas mercês estão, porque são seus»
«vassallos e naturaes, e sois mais obrigados ao seu seruiço que a vos-»
«sas vontades: polo que vos mando, com todo o poder que tenho, que»
«ninguem falle mais tal cousa, porque outra nenhuma cousa me póde»
«estoruar de fazer aquy a milhor forteleza que puder, sómente a mor-»
«te, porque, morrendo eu, então quem ficar faça o que quizer; que se»
«me d'aquy fosse sem deixar esta tão nobre cidade catiua e fechada»
«no poder d'ElRey, indaque d'aquy lhe leuasse dez contos d'ouro, me-»
«recia por ysso a cabeça cortada, e minha alma direita ao inferno. Por-»
«que, hindo nós d'aquy leuando o mel que temos nas mãos, quem se»
«achará depois que queira vir tomar o fel do trabalho que nós deixa-»
«mos? Porque como esta he a principal cidade d'estas partes, de ri-»
«quos tratos, com que os mouros infiés de nossa santa fé são tão ri-»
«quos e poderosos por todas estas partes, nenhum mór seruiço pode-»
«mos fazer a Deos, e a ElRey nosso senhor, como he lhe tomarmos es-»
«te tamanho trato, e os deitarmos fóra de tanto bem como tem, e o [1]»
«*tomarmos* pera nós e os que [2] *após* vierem, que, se a Nosso Se-»
«nhor aprouver, virão com suas naos tomar estes tão riquos tratos. E»
«porque esta he toda' verdade, mais se nom falle tal cousa; mas todos»
«com muyta vontade nos metamos ao trabalho até fazer nossa fortele-»
«za, a que daremos muyta pressa, porque acabada fiquemos folgados,»
«e contentes de tamanho seruiço fazermos a Deos, e a ElRey nosso se-»
«nhor, que nos fez beadantes no bem que temos.» O qual rezoamento do
Gouernador pareceo bem a todos, e n'ysso nom fallarão mais.

[1] *tomemos* Autogr. [2] *a nos* Idem.

CAPITULO XXIX.

DO ASSENTO QUE O GOUERNADOR TOMOU NO FAZIMENTO DA FORTELEZA DE MALACA, E OS MUYTOS TRABALHOS QUE PASSOU ATÉ A ACABAR, A QUE PÔS NOME FAMOSA, E MANDOU DEGOLLAR UTEMUTARAJA E SEU FILHO, E HUM SEU GENRO, POR SEREM TRÉDORES, QUE DAUÃO POLAS VIDAS SETE BÁRES D'OURO, QUE ERA VINTE E OITO QUINTAES.

O Gouernador leuaua muyto contentamento vendo os capitães e gente contente com o que tinhão, porque elle tinha bem sabido que se nom tomou a terça parte do que auia na cidade, que estaua soterrado, e paredes feitas sobre as minas; e folgaua elle que os mercadores e pouo nom ficassem destroidos, porque aos que se tornauão pera a cidade fazia elle muytas honras e liberdades, acusando que seu Rey fôra a causa de seu mal, porque nom quigera concordir em boa verdade; o que elles assy o entendião, porque sabião que o Rey era falso e tyrano: com o que se vinha toda a gente, que o Rey mandaua aguardar nos caminhos, e os matauão porque se vinhão pera' cidade, que já estaua tudo em boa paz. Polo que então o Gouernador com os capitães e fidalgos tomou acordo o lugar em que se faria a forteleza, e foy assentado que se fizesse da outra banda do rio, que ficaua á mão esquerda, que era grande e muyto corrente, de muyto boa agoa, o qual era estrema d'antre a cidade e a forteleza; o que assy assentado logo o Gouernador mandou desfazer junquos dos mouros, que estauão na ilha, e mandou tirar a terra muytos páos e tauoado, com que logo fez huma grande cerqua de tranqueira muy forte, e pipas em pé cheas de terra, com andaimo por cyma, e antre as pipas assentádas muytas peças d'artelharia; em que fez goritas de vigia, e tudo em muyto concerto. Ao qual trabalho o Nynapam fez vir muyta gente da terra, a que o Gouernador mandaua pagar seu trabalho com arroz, de que auia grande falta, e o Governador tinha muyto, que tomou das embarcações da ilha, e que lhe derão os pegús e os chins quando se forão. O Gouernador fez repartição dos capitães e de toda a gente pera o trabalho e as vigias de noite, em modo que lhe cabia o trabalho de tres em tres dias. Aquy auia huma grande mesquita de cantaria, e outras pequenas, e muytos jazigos de mouros em que auia muyta pedra. O

povoaçã dos quyllys
o Ryo
mallagna
a jgreja

Gouernador, com parecer de todos, fundou a forteleza muyto junto ao rio e á praya do mar, em que logo abrio os alicerces pera' torre da menagem, que determinou fazer de tanta altura que de cyma os tiros varejassem hum outeiro que ficaua sobre a forteleza; abrio os alicerces da torre de vinte pés de largo, e os alicerces da forteleza toda em roqua de doze pés, que fez quadrada, e nos cantos torres quadradas sobradadas no andar do muro, o qual foy aleuantando pola banda do outeiro, que os berços varejauão o outeiro. Meteo n'este trabalho trezentos homens da terra, que pagaua, e * o * trabalho era grande em desfazer as mesquitas: a gente da terra fazião muyta cal de casca de marisco, que ouve auondo. No que se gastou o tempo de dous meses em sómente pôr os alicerces sobre terra, que foy o mór trabalho; e foy aleuantando os muros todos em roda até a torre que ficaua sobre a praya, com que fiqou tudo seguro, com bombardeiras e artelharia assentada. A torre da menagem até o primeyro sobrado foy de vinte pés, e até o segundo de quinze, e o terceiro de doze, e o de cyma foy de oito pés. Em todos estes sobrados pôs muy grossas vigas, porque o vão era de corenta pés até o primeyro sobrado, com que as casas de cyma ficarão de mayor vão, porque os releijos ficauão por dentro, em modo que a parede per fóra era toda direita. Sendo a torre posta em dous sobrados, e os [1] * muros * em roda çarrados n'altura de hum homem, que auia quatro meses que auia o trabalho, a gente com o trabalho começou 'adoecer, e morrer de febres, e do muyto trabalho, e do máo comer, que morrião de fome, porque o Rey de Malaca trazia per fóra muyta gente que cousa nenhuma de comer passaua, com que os homens nom comião mais que arroz com manteiga, que o biscoito era podre e fedorento, e se hum homem se auia de purgar era com caldo de peixe, porque huma galinha, quando se achaua, valia trinta cruzados, e hum ouo dous, e nom auia nada d'ysto. Acodio muyto a doença porque cada dia auia treuoadas pola menhã, d'agoa tão fria que se nom seportaua, e depois vinha o sol tão quente, e feruia 'agoa nas alagoas; com o que a obra cessou per alguns dias per caso d'estes malles, que passante de hum mês se nom fez * nada * nas paredes, sómente a gente da terra, que andauão a ganhar, tirauão a pedra e a chegauão ás paredes, e fizerão muyta cal. O Gouernador assy teue al-

[1] * mouros * Autogr.

gumas febres, de muy grande paixão que tinha vendose em tamanha falta, e se lhe dobrou o mal porque o Rey de Malaca, vendo os trabalhos dos nossos, mandou sua gente que entrassem a guerrear, e pôr fogo á cidade per onde pudessem; e nom vinhão senão de noite, que era mór mal, por dar trabalho muy grande aos nossos, que armados acodião aos repiques alguns que estauão sãos, que erão assaz pouqos, que padecião muytos trabalhos.

Mas passado o tempo d'estas treuoadas, que durou mes e meo, que a terra e os ares ficarão sadios, logo a gente nom adoeceo, e os doentes forão tomando forças. O Gouernador fazia dobrado pagamento á gente do trabalho, com que vinhão muytos, que erão mais de setecentos no trabalho, que escusauão muyto o trabalho dos portuguezes; com que se tornou ao trabalho, e o Gouernador deu pressa á torre da menagem até que a pôs no derradeiro sobrado. A torre era quadrada, e em cada sobrado quatro genelas, que todas tirauão peças grossas, e em cyma era terrado, de que tambem se podião tirar falcões; [1] * estaua * argamassada, cuberta a torre com hum curucheo muy alto, e nos cantos quatro pequenos, todos cubertos de pasta de chumbo, e calaym, que he estanho, que auia muyto na cidade. O Gouernador era sempre presente na obra. No muro que se fez ao longo da praya se fez a porta, pequena como de huma casa, alta do chão duas braças; e sobião a ella per humas escadas pegadas ao muro, estreitas, quanto sómente podia sobir hum homem, e outras escadas assy da parte de dentro, e em cyma sua gorita, e polo andaimo do muro entrauão á torre per huma estreita porta, sobre que a torre tinha gorita. Per fóra das genelas da torre auia varandas pera aposento do capitão; per dentro se fizerão casinhas pera aposento de cem homens, que auião de viuer dentro; e nas torres, que assy erão cubertas de chumbo, estauão aposentado o feitor e oficiaes. Pera a banda do rio fiqou hum postigo muy pequeno; e porque nom auia de estar aberto, dentro no pateo da fortaleza, que tinha de vão trezentas braças, se fizerão dous poços d'agoa, como a do rio, pera o gasto da gente. Em cyma da porta pôs huma pedra em que estaua o escudo das quinas, e em cyma a cruz de Christus, e das bandas esperas, a diuisa d'ElRey; e em cyma do curucheo da torre huma grande bandeyra de pasta de cobre, e em cyma a cruz de Christus, e na bandeyra cortadas as quinas.

[1] * esta * Autogr.

Como o Gouernador todo seu entendimento e vontade era as cousas que fazia as perpetuar, e fazer fixas que durassem pera sempre, todas sofysmadas e prontas ao seruiço de Deos e d'ElRey e bem do pouo, sentindo e entendendo o grande bem que viria que Malaca ficasse pera sempre segura, firme, sogeita ao senhorio de Portugal, trabalhaua com todolos modos que podia per assentar Malaca, o que bem nom podia fazer sem ter a vontade das gentes da terra com bom amor e amizade, porque assy nom sendo nom se poderia Malaca sostentar por guerra; e porque o principal bem auia de ser o trato, que com guerra nom pode ser, e por estas, e outras muytas rezões, buscaua o Gouernador com muytos modos fazer a conseruação de Malaca em bom amor e paz.

Auia em Malaca hum mouro chamado Utemutaraja, o principal homem de Malaca, de nação gentio, que auia cincoenta annos que viuia em Malaca, pera onde veo proue, e por seu bom saber e muyto seruir os Reys de Malaca, com seus cargos e mandos que tinha na terra, se fez tão poderoso que era a segunda pessoa do Reyno. Era homem de oitenta anos quando os nossos chegarão a Malaca, que elle era justiça mór dos mouros da cidade, segundo o regimento; porque em Malaca, como auia sempre continuo gentes de muytas nações, cada nação tinha apartamento de seus costumes e justiça, polo que auia na cidade bendará dos naturaes, mouros, e gentios, cada huns sobre sy; auia bendará dos estrangeiros, auia bendará dos mercadores estrangeiros, apartados todos huns dos outros, a saber: dos chins, leqeos, de Siam, de Pegú, dos quelins, dos mercadores do cabo de Comorym pera dentro, dos mercadores da India, dos mercadores de Bengala. Os regedores se chamão bendarás, e cada hum apartadamente tem seus costumes e justiça, que Malaca era tão grande cousa que no tempo da monção estauão n'ella dozentas mil pessoas, afora as familias, que era muyto mór numero. E como esta era huma tamanha cousa, e o Gouernador tanto desejaua d'assentar no senhorio de Portugal, este Utemutaraja, que assy era tão poderoso e era muyto auisado, sabendo que a tenção e má vontade do Gouernador toda era contra os mouros, segundo o dizia nos recados que mandaua, e sabendo que elle fôra o principal no negocio de Diogo Lopes de Sequeira, ouve elle grande medo que o Gouernador lhe buscaria a morte, do que elle nom poderia escapar, porque era elle malquisto de todos os mouros polos malles e tyranias que lhe fazia, com que nom poderia escapar, que

os mesmos mouros o entregarião. Com estas contas bem deitadas, como homem velho e muyto auisado, e que vio o modo que o Gouernador leuaua em suas cousas, e que tendo já os catiuos em seu poder queria tomar a cidade, usou de manha, e foy o primeyro que secretamente pedio seguro ao Gouernador pera o seruir no que mandasse, e ao menos lhe nom faria desseruiço, que por elle em nada ajudaria ElRey de Malaca, porque queria descansar na velhice em que estaua; do que já estaua afastado da conuersação d'ElRey, e estaua agasalhado em sua pouoação, que se chamaua Hupe, com seu filho e genro e familias. O Gouernador ouve d'ysto grande prazer, porque tudo ysto tinha já sabido de Ruy d'Araujo, e aceitou sua amizade e paz, postoque bem entendia que nom era com bondade, senão per necessidade; e lhe mandou seu seguro, e mostrando que n'elle muyto confiaua muytas vezes lhe mandaua seus recados, e mostrando que n'elle tinha muyta confiança, quando foy a tomada da cidade lhe mandou dizer que recolhesse a seu poder os alifantes d'ElRey, que erão quinze, e escrauos d'ElRey, que com suas molheres erão mil e seiscentos escrauos e escrauas, e muytas cousas do seruiço da casa d'ElRey. Com o qual fauor o Utemutaraja estaua [1] * agrauado * com a pessoa d'ElRey, ao que o Gouernador o muyto fauorecia; e o mouro que o sabia muyto bem conseruar, e muyto obedecia o que lhe mandaua o Gouernador, e com muyto cuidado mandaua os escrauos d'ElRey e os seus a seruir no trabalho da forteleza, e se mostraua tanto seruidor que parecia fiel christão. Outro tanto fazia Nynapam, que era bendará dos gentios quelis, e mercadores estrangeiros; mas este o fazia com toda' verdade, porque era gentio, e tambem outro bendará dos mercadores de Cambaya, e outro dos chins, e dos mercadores da parte de Malaca, que todos erão homens principaes e possantes na cidade de Malaca, mas todos tinhão acatamento a Utemutaraja, que era principal de todos, assy no mando como na riqueza, e n'elle tanto confiaua o Gouernador que tinha em vontade de o deixar por Rey de Malaca, se nom ouvesse bom concerto com o fogido, porque este Utemutaraja tinha hum filho valente caualleiro, e huma filha casada, de que tinha hum filho, homem valente caualleiro, que todos erão como principes.

O Utemutaraja ouve com elles seus conselhos atraiçoados, determi-

[1] * agraduado * Autogr.

nado a se dar assy tanto á nossa amizade, e se fazer em tudo poderoso, aguardando que sendo a forteleza feita com alguma traição matar o Gouernador, e toda a gente, e se aleuantar por Rey de Malaca, e que inda que ElRey fogido viesse, [1] * elle, * poderoso com a cidade e forteleza, se defenderia d'elle. E com este pensamento, por ser mais poderoso, atrauessou e tomou quanto arroz veo de fóra, e todo vendião seus feitores, com que auia grande dinheiro, e fazia grandes tyranias; do que os outros bendarás e regedores se muyto queixauão ao Gouernador, no que elle nom prouia, e com tudo dessimulaua, porque tinha inda a forteleza fraqa, e tinha pouqa gente pera acodir a tudo se na terra ouvesse aleuantamentos, que nom podia deixar d'auer se elle entendesse com Utemutaraja, que era tão poderoso, e seu filho, e neto, e genro, por ysso aleuantarião grandes malles em Malaca. E algumas vezes o Nynapam tambem n'ysto lhe falaua, e o Gouernador lh'encomendaua que trabalhasse de saber da tenção do Utemutaraja, e o quelim lhe disse: « Senhor, a » « tenção de Utemutaraja he ser Rey de Malaca por qualquer via que ser » « possa, e se cartea com ElRey, com muytas desculpas porque te serue, » « que nom he senão aguardando tempo que te possa matar, com todos » « os portuguezes, e tomar a forteleza * pera * então lh'entregar tudo. » « Mas ysto he engano que trata com ElRey, mas he verdade que elle » « tudo ordena pera elle ser e se fazer Rey de Malaca; e porque, se- » « nhor, te mostre esta verdade eu tiue cuidado e ouve ás mãos esta olá » « sua, que he per elle assinada, que mandaua * a * ElRey, que he de toda es- « ta sostancia. » A qual o Gouernador guardou, e auisou ao Nynapam que em tudo tiuesse segredo de bom amigo, porque elle lho pagaria muyto bem. E guardou bem a olá, e andaua muyto d'auiso com o mouro Utemutaraja, que cada vez se mostraua tanto seruidor que fazia duvidar ao Gouernador o que lhe dizião; com que assy foy passando o tempo, e o Gouernador dando muyta pressa na obra. E como o Gouernador tinha seu intento fazer Malaca immortal, mas sempre viua no senhorio de Portugal, ordenou bater moeda noua, e fallou com Nynapam que lhe fizesse 'alealdação do ouro e prata, de que queria que a moeda fosse feita, que auia de ser da propria liga e valia de Portugal; e lhe disse a valia em que auia de correr, em que se nom abaixasse os preços antigos de Malaca. O que o quelim

[1] * ella * Autogr.

fez com muyta presteza, e achou que laurada moeda na liga e peso que o Gouernador dizia, e com a custa do laurar, se ganharia dez mil cruzados em cada cem mil que se fizessem, assy d'ouro como de prata. Com que o Gouernador ouve muyto prazer, e mandou ao quelim que ligasse n'aquella ley dez marqos d'ouro e dez de prata. Então fallou com hum João Nobre, italiano bombardeiro que sabia d'ouriuez, e lhe mandou que abrisse ferros pera cunhar moeda d'ouro e prata, e chumbo, porque se nom lauraua cobre em Malaca, e fizese pera cada cousa sua feição, o que assy fez muy concertadamente como lhe o Gouernador mandou.

Em Malaca nom corria nenhuma moeda d'ouro nem de prata, porque todo se compraua, e vendia, as mercadorias humas a troqo d'outras, e as miudezas do bazar de comer se comprauão per huma moeda d'estanho, a que chamauão calayns. O Gouernador mandou laurar d'esta moeda assy miuda, e outra de dez * soldos *, a que pôs nome bastardos, e de hum * lado * a espera e [1] * de outro * hum A grego. Fez moeda d'ouro de valia de mil e corenta reaes, e n'ella huma mea fegura de Rey com coroa, e huma espada na mão, e letras que dizião derrador, COM ESTA CONQUISTADA E GANHADA, e da outra parte o escudo das quinas, e letras derrador que dizião, GLORIA PERA SEMPRE MEMORIA. A esta moeda pôs nome catolica, e d'esta fez meos catolicos de preço de quinhentos e vinte reaes, a que pôs de huma parte a espera com letras que dizião, ESPERA EM DEOS PERA MAIS, e da outra banda o A grego, e letras que dizião, O ESCRAVO GANHA PERA O SENHOR. Estas moedas lauradas erão muy fermosas, de que mandou laurar huma soma. E fez moeda de prata de setecentos e vinte reaes, de huma banda as quinas sem coroa, e da outra banda espera com as mesmas letras, que chamou reaes brancos, e meos reaes.

O que todo assy tendo feito, e acabada a moeda, posta em huma mesa chamou os capitães e lh'apresentou, dizendo que a liga da prata e e ouro era como de Portugal, e lhe disse as valias de cada huma, dizendo que suas mercês vissem o que tinha feito, pera logo se emendar o erro que tiuesse, qualquer que fosse, porque assy feyta se podia milhor emendar que antes de feita acertar, e se estiuesse como compria, ao bom parecer de todos com auto pubrico a mandaria pregoar. Todos vendo a

[1] * da outra * Autogr.

moeda ser perfeita e fermosa nom tiuerão que emendar, sómente as palauras das letras alguns disserão que deuerão ser conforme ás de Portugal, mas nom que o aprefiassem nem dissessem que se emendassem ; ao que o Gouernador com elles debateo com boas rezões, dizendo : « Temos » « muyto que fazer ; o que he feito, he feito. »

Então ordenou a mandar apregoar, e mandou chamar todos os bendarás regedores da cidade, que todos com o Utemutaraja, com seu filho e genro, e todos vestidos louçãos, com muyta gente, e em cyma dos alifantes alcatifas, que erão onze todos em carreira hum atrás outro, e em cyma assentados homens bem [1] * vestidos. * Nos alifantes mais traseiros hião homens portuguezes assentados, que leuauão bacios de prata de mãos em que leuauão a moeda, que era muyto fermosa. Detrás dos alifantes hia o alferez com a bandeyra real, com os capitães e dozentos homens de çoyça, com seus piques, atambor, e pifaro, e diante ás trombetas tangendo. E forão polas principaes ruas da cidade, em que hum porteiro portuguez apregoaua : « Esta he a moeda noua que ElRey dom Ma- » « nuel, nosso senhor, mandou fazer d'ouro, prata, calaym, per com » « ella em esta populosa forteleza e cidade de Malaca todolas cousas se » « comprarem com ella, e nom com outra nenhuma moeda ; e quem ou- » « tra moeda tiuer morrerá por ysso. » Este pregão deitaua hum portuguez, e as propias palauras fallaua hum porteiro da terra em lingoa malaia, que entendião todas as outras gentes. O que acabado tangião as trombetas, e de cyma dos alifantes deitauão por cyma da gente a moeda espalhada, que apanhaua quem queria ás rebatinhas ; em que se gastaria tres mil cruzados de toda' moeda, de que a gente da terra fiqou muy espantada. Com que se tornarão á forteleza, em que o Gouernador fez a todos muytas honras, com que os despedio todos muy contentes. D'esta moeda se usou até o tempo de Lopo Soares, que socedeo na gouernança da India, que mandou a Malaca dom Aleixo de Menezes, seu sobrinho, com seus poderes a prouer Malaca ; o qual mandou que se nom laurasse a moeda dos catoliqos, o que fez sómente por desfazer nas cousas d'Afonso d'Alboquerque, que era seu imigo, como adiante mais largamente direy.

Utemutaraja, de que atrás faço menção, a que o Gouernador tinha

[1] * vystos * Autogr.

entregue todo o mando da cidade, que era riqo e poderoso e se seruia como Rey, que essa tenção tinha o Gouernador que o deixaria com poderes de Rey de Malaca, tinha elle hum filho valente caualleiro, e tinha hum seu genro, casado com huma filha, de que tinha hum neto valente caualleiro, todos homens muy poderosos e riqos. Estes, como per geração são trédores, vendose em tanta prosperidade todos fizerão huma consulta de traição, lançando suas contas, que depois de o Gouernador partir de Malaca, ElRey que andaua fogido auia de vir sobre Malaca, e todo seu trabalho auia de ser polo matar, por elle assy ser nosso amigo, e se nom pudesse por guerra seria com peçonha, a que elle nom poderia escapar. E feita sobre ysto sua consulta, Utemutaraja escreueo suas cartas ao Rey que andaua fogido, com desculpas de ser nosso amigo, que o nom fazia senão por lhe fazer hum grande seruiço, que era lhe entregar a nossa forteleza, com o Gouernador e todolos portuguezes mortos ou catiuos, e elle; e seu filho e neto e genro estauão offerecidos a morrer sobre ysso, e já tinhão auido muyto bom conselho como o auião de fazer, e que por ysso se fazião muyto seruidores do Gouernador e dos portuguezes, porque se fiassem d'elles pera seguramente fazerem seu feito. Estas cartas hião assinadas por todos; os quaes determinauão matar o Gouernador e os portuguezes com traição que armarião, e se o acabassem se apossarião com a forteleza e cidade, de que se faria Rey, e se defenderia do Rey se quigesse tornar a reynar; e se a traição lhe nom saysse bem, então lhe ficaua o Rey n'essa obrigação. E com esta tenção, vendo que os nossos erão pouqos, e que se alguns fossem fóra ficarião tão pouqos que poderia fazer sua [1] * traição, fallando * com o Gouernador lhe dixe que hy perto em hum porto estauão dous junqos, carregados de muyta riqueza que roubarão em outra terra, e tinhão drogas e crauo com que carregaria quatro naos.

O Gouernador, por mostrar que tinha forças pera tudo e que confiaua em suas palauras, mandou Diniz Fernandes de Mello em huma galé bem concertada com setenta homens bem armados, que foy com piloto que lhe deu o mouro, e forão ao lugar, e nom acharão nada, e na terra lhe dixerão que nunqua ally vierão taes junquos; com o qual recado se tornarão ao Gouernador, que tudo dessimulou com o mouro, determi-

[1] * traição polo que fallando * Autogr.

nando de logo o prender e matar, que entendeo bem a traição de o mouro lhe dar aquelle falso albitre, porque mandando muyta gente, que a forteleza ficasse só, elle com sua gente a tomassem; com o que o Gouernador daua na obra a mór pressa que podia. Este mouro tinha hum parente que andaua em requerimento com o Gouernador que o fizesse gozil e guarda do mar, e n'ysso já o mouro tinha fallado ao Gouernador, e lhe ysto pedia. O Gouernador, determinando no que auia de fazer, fallou com Pero d'Alpoym e com os de sua casa, e os da sua guarda, que sempre com elle estauão, e já [1] * aposentados * na torre, que já era de tres sobrados, e sempre o Gouernador estaua muy atalayado quando alguns mouros entrauão com elle, que nom leuauão nenhumas armas, porque sabia que erão atraiçoados. O mouro que pedia o gozilado fallando hum dia ao Gouernador elle lhe dixe que pola sesta o despacharia, que chamasse o Utemutaraja pera ser presente, porque sem seu conselho nom auia de fazer nada. Do que o mouro contente, n'este dia pola sesta chamou o mouro Utemutaraja, que veo com elle, acompanhado de muyta gente, que toda fiqou fóra da forteleza, sómente entrou o Utemutaraja, e seu filho e seu genro, com o mouro, os quaes sós entrarão na torre, no primeyro sobrado, sem armas, que erão seus crisis que sempre trazem na cinta, que deixauão fóra nas mãos de seus pages; e como forão dentro forão tomados polos homens da guarda, e lhe deitarão grossos ferros nos pés, e os meterão no sotão da forteleza, que nom tinha nenhuma claridade, e mandou nelles pôr boa guarda. D'esta prisão se nom soube nada per fóra; e logo o Gouernador mandou chamar Nynapam e outros mercadores principaes da cidade, dizendo que estaua despachando com Utemutaraja, que viessem pera serem presentes, como sempre assy o costumaua; e sendo vindos lhe mostrou os sinaes das cartas que tinha, que todos reconhecerão. Do que o Gouernador mandou ao ouvidor Pero d'Alpoym fazer auto, e treladadas as cartas em nossa lingoa, em que todos assinarão, então mandou que fossem abaixo onde estauão os presos, e com elles o ouvidor com tochas; e mostrarão aos presos as cartas, que elles, muy foutos e seguros, confiados que o Gouernador nom ousaria de lhe fazer nada, confessarão que as cartas erão suas, e que as escreuião ao Rey polo enganarem, e saberem se tinha

[1] * aposentado * Autogr.

tenção de tornar a Malaca; o que assy fazia pola confiança que tinha de elle ficar por Rey de Malaca per vassallo d'ElRey de Portugal, como elle Gouernador lho tinha prometido. A qual reposta se escreueo, e assinarão todos, e os mercadores por testimunhas, que se tornarão ao Gouernador, e todo lhe mostrarão, e o Gouernador se queixou a todos, dizendo que confiando em Utemutaraja, e seu filho, e genro, a todos tinha dados tantas honras, e ordenado fazer Rey ao Utemutaraja, o qual como trédor armaua traição pera tomar a forteleza, e matar a elle e aos portuguezes; e porque elle, e seu filho e genro, todo confessarão o que tinhão escrito em suas cartas, que estauão presentes, os julgaua que todos tres fossem degolados por trédores. Da qual sentença os mercadores ficarão muy espantados, e se deitarão aos pés do Gouernador, lhe pedindo que os perdoasse este primeyro erro, e os nom matasse, e * os * deitarião fóra de Malaca. Mas o Gouernador nada os quis ouvir, dizendo que todolos erros lhe perdoára, mas cousas de traição nom auia de perdoar senão com sangue e fogo.

Sabido pola cidade dos presos todo o pouo ouve muyto prazer, porque erão grandes tyranos e lhe fazião grandes roubos; mas as molheres dos presos, com seus parentes e amigos, e riqos mercadores, se forão pera fallar ao Gouernador, que os nom quis ouvir. Então fallarão com alguns dos capitães que fossem rogadores, a que derão grandes peitas, que fallassem ao Gouernador que désse vida aos presos, e se hirião fóra de Malaca, e por ysso darião sete báres d'ouro e meo, que erão trinta quintaes, por cada hum dez. Ao que os capitães se demouerão, parecendolhe bem que ElRey ouvesse este proueito de Malaca, em que tinha tanto gastado, e do despojo da cidade lhe nom derão nada; e com esta tenção, e com as peitas que lhe prometião, o fallarão ao Gouernador, o qual sabendo o que se passaua lhe disse: « Quem viuer em algum tem- »
« po dirá que milhor foy matar estes que ganhar vinte báres d'ouro, »
« que he grande bem que saibão estas gentes que fazemos mal aos máos »
« e bem aos bons. E n'ysto nom ha que mais fallar. »

N'este dia veo fallar ao Gouernador hum tio de Utemutaraja, e as molheres dos presos, e muytos parentes, e mercadores principaes da cidade, que vinhão rogados, postoque era contra sua vontade, que todos querião mal ao Utemutaraja polas tyranias que fazia, e elles nom sabião se o Gouernador os soltaria; os quaes todos ouvio o Gouernador, e lhe

respondeo que elle «sabendo que Utemutaraja era principal e mais hon-»
«rado que todos quantos auia na cidade, e por elle se vir oferecer an-»
«te mym, e pedir seguro pera seruir ElRey de Portugal, polo que eu,»
«confiando em suas palauras, lhe dey tanto poder como Rey de Malaca,»
per sua carta que tinha em sua mão, e que elle em pago d'estes bens e mercês ordenaua traição pera matar os portuguezes, e tomar a forteleza e a entregar a ElRey que andaua fogido, e o enganára dizendo que mandasse tomar dous junquos, cuidando que mandaria muyta gente, e que ficando pouca poderia matar toda, e fazer sua traição: no qual conselho era seu filho e seu genro, e que por tanto suas cabeças o auião de pagar; e que a ellas molheres nom daua castigo, que tambem sabião da traição, porque nom era nosso custume fazer mal a molher polo mal que faz o marido; e que se quigessem ver a verdade que lhe mandaria mostrar as cartas por elles assinadas. Todos responderão que não, que bem sabião que fallaua verdade, mas que nom vinhão senão a pedir misericordia, e que perdoasse este primeyro erro. O Gouernador disse que não, que ao trédor nom auião de perdoar, porque nunqua se emendaua senão com a morte, e que por tanto todos tres auião de morrer. Com que o Gouernador os despedio.

Então mandou fazer hum cadafalso além da ponte, diante da cidade, alto, a que sobião por escada, e mandou apregoar na lingoa pola cidade que todos fossem ver a justiça que se fazia dos trédores que armauão traição contra os portuguezes; ao que veo todo o pouo da cidade. O Gouernador mandou estar antre a cidade e o cadafalso cem homens da ordenança com seus piques, e mandou com o ouvidor os da sua guarda, e os prêsos carregados de ferros sobirão ao cadafalso, e o ouvidor com a vara, e per hum cafre gromete por algoz lhe forão cortadas as cabeças com pregão, dizendo: «Justiça que manda fazer ElRey de Por-»
«tugal, nosso senhor, que manda matar estes homens, por serem tré-»
«dores contra os seus portuguezes.» E cortadas as cabeças forão postas sobre pontas de páos, que pera ysso se fizerão no cadafalso, e estiuerão assy todo o dia até tarde, que mandou tirar os corpos e leuar em hum esquife longe polo mar, e com grandes pedras atados lhe derão fundo.

As molheres e parentes se sayrão da cidade, e fizerão ajuntamento de muyta gente, e trabalhauão com os da cidade que se aleuantassem contra os nossos pera tomarem a forteleza; mas elles, auendo seus con-

selhos, nom ousarão de tal fazer, temendo que se o Rey tornasse a tomar a cidade a todos mataria e destroiria, porque assy estauão em amizade com os nossos. E com este temor nom ousarão de fazer nada; polo que então os de fóra vinhão de noite matar, e pôr fogo, e fazer quanto mal podião; ao que os nossos acodião, em que auia muytos trabalhos de dia e de noite; polo que taparão as entradas das principaes ruas da banda do sertão, e fizerão tranqueiras com que a cidade fiqou guardada. No que o Gouernador acupou Afonso Pessoa com dozentos homens, que os mais tinhão espingardões que tomarão aos mouros, com que se ensinarão a tirar, com que fazião muyto mal aos mouros; com que a guerra durou, e os parentes dos mortos aleuantarão [1] * antre sy * hum principal chamado Patequetir, que fizerão capitão, que era valente caualleiro, que consigo ajuntou muyta gente, com que muyto guerreaua de noite e de dia. Com que os nossos tinhão muytos trabalhos, com que muyto adoecião e morrião, e muyto mais com o trabalho da obra da forteleza.

CAPITULO XXX.

COMO O GOUERNADOR MANDOU VISITAR OS REYS COMARCÃOS A MALACA, * E * POR MESSIGEIROS ASENTAR PAZES, PORQUE SEUS MERCADORES SEGUROS VIESSEM A MALACA COM SUAS MERCADARIAS, E MANDOU ANTONIO D'ABREU DESCOBRIR MALUCO.

O Gouernador, consirando a grande cousa que seria Malaca pera o bem de Portugal, se fosse assentada em paz com seus grossos tratos, determinou assentar os visinhos em boa paz; e porque o Reyno de Siam era grande cousa, por sua riqueza de grande trato que tinha em Malaca e per outras partes, hindo de Malaca dous junquos de chins pera Siam mandou com elles hum Duarte Fernandes, homem bem desposto e muyto entendido pera o que comprisse, e mandou dizer ao Rey que sabendo elle que era tão grande Rey, e seu Reyno e mercadores tão riquos que hião tratar a Malaca, que elle ora tinha tomada por guerra, polo mal e traição que o Rey fizera a hum capitão que ElRey de Portugal ahy mandára pera assentar paz e trato, e o Rey com traição matára, e catiuára os que es-

[1] * amty * Autogr.

tauão em terra, e lhe roubára as mercadarias, polo que elle viera com 'armada porque o Rey pagasse o mal que fizera, com que perdeo a cidade com mortes de suas gentes, como saberia, e tudo fòra causado porque nom quisera nunqua falar verdade; e porque elle tinha tomada a cidade e feito n'ella forteleza pera sempre ficar catiua a ElRey de Portugal, e nella auia d'estar capitão com gente e com armada no mar, pera fazer guerra aos imigos, elle, porque muyto se queria assentar em boa amizade com todos os visinhos que a quigessem, por ysso a elle mandaua rogar que folgasse com sua paz e amizade, porque seus mercadores viessem a Malaca com suas mercadarias, e os portuguezes assy fossem seguros a suas terras, e pera sempre fossem bons amigos. D'esta embaixada deu o Gouernador conta aos capitães, que a todos pareceo bem; mas que nom fosse assy tão singela, e que era rezão que mandasse presente, que he o costume d'antre estas gentes; o que pareceo bem ao Gouernador, *e* então mandou Simão de Miranda d'Azeuedo, muyto bem concertado com seis homens de seu seruiço, e mandou ao Rey humas coiraças de cetym cremesym, e huma lança e adarga, e hum capacete gornicido, dizendo que elle era homem que andaua na guerra, que nom tinha outras joyas com que o seruir, senão com aquellas armas com que guerreaua os imigos, e com ellas ajudaua e defendia seus amigos; que assy faria a elle, com sua pessoa e gente e armada que tinha, com que o hiria seruir quando lhe comprisse. E tudo ysto lhe mandou por sua carta com outras mais auondanças.

Chegou Simão de Miranda a Siam assy embarcado nos junquos dos chins; o que sabido polo Rey ouve grande prazer, e o mandou desembarquar per hum seu capitão, com muytas lancharas com muytas festas, que ElRey recebeo com muytas honras, e ouve muyto prazer com as armas, em que mandou armar hum dos homens, por ver como parecia armado, e os mandou bem aposentar, e dar muyta abastança de comeres, e lhe fez muytas honras, e mandou mostrar muytas cidades, e mostrar hum alifante branco que tinha, perque era por todas partes nomeado por senhor do alifante branco, que outro nom auia.

Tornou a mandar o embaixador com sua reposta ao Gouernador, com muyto prazer das pazes, e que seus mercadores hirião tratar a Malaca como a casa de seu irmão, e lhe [1] *mandou de* presente vinte si-

[1] *mande* Autogr.

nos, que tangião de pancadas de páos, e os tangedores que concertauão o tanger que parecião muyto bem; e lhe mandou dous sinos grandes que muyto soauão, que se tangião na guerra, que fazião tom muy temeroso, e lhe mandou vinte lanças de canas fortes, compridas douradas, e ferros, muyto boas pera pelejar, que erão fortes e leues; e lhe mandou hum papel pegado em hum pano em que erão pintadas suas guerras e [1] * arrayaes * de suas gentes, e elle pintado em huma riqua casa de madeira, em que andaua quando hia á guerra; e lhe mandou retificar a paz com offerecimento de gente, e mantimentos, e quanto ouvesse mester em Malaca; e deu muytas peças ao embaixador e aos seus homens, e * mandou * com elle hum junquo de mercadores carregado de riqas mercadarias, a que o Gouernador fez muytas honras e fauores.

O Rey de Campar era casado com huma filha do Rey de Malaca, e sabendo o mal que lhe era feito na cidade, e elle fogido e suas cousas destroidas, pareceolhe que o Gouernador lhe mandaria fazer mal por assy ser genro do Rey de Malaca; e sabendo que a forteleza era feita, com que a cidade ficaua catiua pera sempre, com a qual, se nom tiuesse paz, seu reyno seria destroido: polo que, auido seu conselho, se meteo em vinte lancharas com sua gente, e se veo ao rio de Muar, que he perto de Malaca, e d'ahy mandou hum messigeiro ao Gouernador com presente de dous fardos de calambuqo, cousa de muyto preço, cousa que em todas as partes de Malaca se nom acharia outro tal; e lhe mandou dizer que vinha buscar sua paz e amizade, que pera sempre queria ter, e [2] * ser * seruidor d'ElRey de Portugal; que elle nom tinha nenhuma culpa nos malles que ElRey de Malaca seu sogro fizera, que tinha bem pago. Ao que o Gouernador mandou agardicimentos, e seguro de boa paz em quanto elle a nom quebrasse.

Tambem veo outro messigeiro do Rey da Jáoa com messagem de assentar pazes. Com que o Gouernador muyto folgou, e muyto retifiqou a paz, por ser terra de muytos mantimentos, que muyto compria sua amizade pera o prouimento de Malaca de mantimentos; e lhe mandou sua carta de firmeza de paz. E tambem vierão quatro barqos do Reyno de Manancabo, que nom tem outra mercadaria senão ouro em pó e barras, que trazem, e leuão de Malaca panos que vão da costa de Choromandel.

[1] * arraes * Autogr. [2] * de * Id.

Com os quaes tambem o Gouernador assentou e deu cartas de paz, e amizade muy segura. E assy vierão de outras muytas partes, que nom vinhão senão tomar seguros pera poderem andar em suas nauegações; a que o Gouernador a todos assentaua em paz, e daua seguros com que todos hião muyto contentes; que depois vierão a Malaca com suas mercadarias, em que achauão em Malaca muytos fauores em seus direitos, e ninguem lhes fazia mal, nem tyranias como lhe d'antes fazião.

O Gouernador sempre se acupaua com Nynapam, perguntando e sabendo todolas cousas das partes de Malaca pera' lém. Tudo punha em lembrança, e tendo auido muyta noticia das cousas de Maluco, terra onde nacia o crauo, praticando com os capitães, assentou de o mandar descobrir, pera o que ordenou Antonio d'Abreu, que era homem de bom recado, e o mandou em tres nauios, e com elle Francisco Serrão, e no outro Simão Afonso, carregados de roupas de Cambaya e outras cousas que valião em Maluco, segundo ordenou Nynapam, e piloto mór hum Gonçalo d'Olitueira, que em sua companhia leuou dous pilotos da terra, que lhe deu Nynapam, que tambem com os nauios mandou hum seu junquo carregado de mercadaria, com seu feitor, que mostrasse aos nossos o que auião de fazer no trato. O Gouernador muyto amoestou Antonio d'Abreu que á hida, nem á vinda, nom entendesse com nenhuma cousa que achasse no mar, sómente qem o buscasse pera lhe fazer mal; e que ysto muyto mais guardasse nas terras em que fosse, que nom deixasse desembarqar ninguem senão o feitor, que era hum Gomes Freire criado d'ElRey, com seu escriuão Pero Borges; e que nom tomasse senão o que lhe vendessem, e nom tolhesse que outrem comprasse, mas com todos fosse muyto amigo, e pagasse os direitos assy como era custume, e mais, se lhe mais pedissem; e que em tudo fizesse como o feitor de Nynapam lhe aconselhasse; e em todo guardasse os costumes da terra. E leuárão os nauios oficiaes, e todo o necessario que compria pera, se comprisse, os porem a monte. N'estes nauios *forão* cento e vinte homens portuguezes com os homens do mar; e bem artilhados, e de todo muy concertados de bons [1] *mantimentos, partirão* de Malaca em nouembro d'este ano de 1511. E mandou o Gouernador hum junquo com mercadarias a Pacem, carregar de pimenta que

[1] *mantimentos que partirão* Autogr.

trouxesse a Malaca, pera quando os chins viessem achassem que leuar, e tambem os lequeos, e deu muytas licenças a mercadores que mandassem suas nauegações a tratar per onde quigessem, porque a terra de Malaca assentasse toda em paz.

CAPITULO XXXI.

DE COMO O GOUERNADOR ASSENTOU DE SE TORNAR Á INDIA POR SER TEMPO DA MONÇÃO, POLO QUE ORDENOU O REGIMENTO DA CIDADE EM HOMENS PRINCIPAES, E FEZ CAPITÃO DA FORTELEZA RUY DE BRITO PATALIM, E RUY D'ARAUJO FEITOR, E TODOS OS OUTROS OFFICIAES, E ORDENOU OS NAUIOS QUE AUIA DE LEUAR.

TENDO o Gouernador despachadas estas e outras cousas, porque era chegado o tempo da monção pera se partir pera' India, ordenou as cousas como auião de fiqar, com sua ordem e regimentos como compria; sobre o que sempre fallaua com os capitães, praticando as cousas, que todas foy ordenando e assentando; e fez capitão da forteleza Ruy de Brito Patalim, fidalgo de calidade, e caualleiro, e sabido pera todo o que comprisse; e a Ruy d'Araujo fez feitor e alcaide mór, recebedor do rendimento da cidade; e fez Capitão mór do mar, sob a obediencia do capitão da forteleza, Fernão Peres d'Andrade; e por capitães que andassem em sua armada Pedraluares d'Azeuedo por sota capitão mór, e Fernão Jusarte, Antonio Gracez, Ayres Pereira, Antonio Lobo Falcão, Antonio d'Azeuedo, Pero de Faria, Christouão Mascaranhas, Vasco Fernandes Coutinho; e Fernão Jusarte em huma galé, Vasco Fernandes Coutinho em outra, e os outros em nauios, os milhores que auia, porque já outros nauios velhos erão desfeitos, porque d'elles se fazia caruão pera as obras da forteleza, e do tauoado os sobrados e outras obras. E deu regimento que vindo Antonio d'Abreu de Maluco tomasse esta armada, e ficasse n'ella por Capitão mór, e Fernão Peres se fosse pera' India com a carga do crauo que trouxesse. E fez escriuães da feitoria Jorge Correa, e Francisco Simões, e almoxarifes do almazem e mantimentos Jacome Rodrigues, Ambrosio de Seixas; e Christouão d'Almeida prouedor do esprital, que fez muy grande e abastado; e Bastião de Freitas ouvidor, com escriuães e meirinho. Fez gouernadores e regedores da cidade, sob o man-

do do capitão, dos gentios quelins Nynapam, e dos mouros Ninachatu seu caciz, e dos jaos Regoraje mouro muyto honrado, e Tuão Colascar[1] dos estrangeiros, e sobre todos por justiça mór Ruy d'Araujo feitor, e sobre todo o capitão da forteleza.

O que todo assentou com prazer e vontade dos naturaes da terra, que todos lhe muyto rogauão que se nom fosse e deixasse Malaca, que era a mór cousa do mundo, e sobre ysto muyto aprofiauão; ao que elle respondia que Malaca fiquaua muy segura e guardada com bom capitão, com boa gente e muyta artelharia, e no mar muyta armada com bons capitães e boa gente; que elle sabia o que compria ao seruiço d'ElRey seu senhor, e que 'armada que ficaua no mar lhe guardaria suas nauegações por onde fossem.

O Gouernador ordenou sua embarcação pera' India na nao Frol de la mar, que era grande, e Pero d'Alpoym na nao Trindade, e Jorge Nunes de Lião na Enxobregas, e Simão Martins em hum junquo nouo, muyto grande, que vinha carregado do despojo de Malaca, com treze portuguezes em sua companhia, e sessenta casaes de jáos carpinteiros, com suas molheres e filhos, catiuos d'ElRey, que o Gouernador trazia pera aposentar em Goa, pera fazerem as obras d'ElRey. O regedor de Pacem, que estaua aleuantado com o Reyno, sabendo que o Gouernador tinha tomado Malaca, logo lhe deu sua obediencia, como adiante direy em seu lugar.

Ficárão em Malaca trezentos homens na forteleza e dozentos no mar, e afóra cento e vinte que leuou Antonio d'Abreu, que da torna viagem auião de ficar em Malaca. O que assy se fez, porque Antonio d'Abreu foy a Maluco, e veo em hum ano com as naos carregadas de crauo; e segundo a valia da roupa e gastos que fez valeo hum bár de crauo, que tem quatro quintaes, hum cruzado e meo; e trouxe oitenta homens, que os outros morrerão. Toda a gente que fiqou em Malaca, no mar e na terra, auia de ser paga seis mezes d'ante mão de seu soldo, e dous cruzados de mantimento cada mês pagos na mão, porque o rendimento dos direitos da cidade erão grandes; e fiqou em regimento que nos nauios do crauo que fossem pera' India nom fossem senão os homens mais doentes, *e* os que sómente bastassem a nauegar os nauios. E tudo o Go-

[1] Veja-se a *Castanh. Histor. da India* Liv. III, Cap. LXXVI, e ahi as variantes d'estes nomes.

uernador pôs em muyta ordem, prouendo no presente, e nas auagantes, e nos casos da justiça todo seu poder e alçada ao capitão, sómente de homem fidalgo o caso crime o remetesse á India. Estando já assy o Gouernador de todo prestes, adoeceo de prioriz Jorge Nunes de Lião, e morreo. Então o Gouernador deu a capitania da nao a dom João de Lima, e fez capitão do junquo Simão d'Andrade, porque Simão Martins ouvera brigas com João Viegas, e ficou em Malaca, que nom quis vir no junco. Todas as naos vinhão carregadas de riqas mercadarias do despojo de Malaca.

CAPITULO XXXII.

DE COMO O GOUERNADOR PARTIO DE MALACA PERA' INDIA COM TRES NAOS E HUM JUNQO, E NO CAMINHO A NAO DO GOUERNADOR SE PERDEO, E O QUE PASSOU ATÉ CHEGAR A COCHYM.

PARTIO o Gouernador de Malaca na entrada de dezembro, com tres naos e hum junqo, e em todas estas velas sómente cem homens portuguezes, que os mais erão doentes e aleijados de feridas. N'estes nauios vinha carregado todo o riqo despojo de Malaca, e moços e meninas fermosas, e mórmente que o Gouernador trazia, pera mandar á Raynha dona Maria e a ElRey, as mais riqas cousas que nunqua forão vistas. Eu lhe ouvi dizer a elle que trazia huma trepeça d'assentar, de quatro pés, em que a Raynha de Malaca comia, a qual ouvera em oitenta mil cruzados, que lhe derão os capitães, a qual lhe os mercadores de Malaca, a que elle a mostrára, aualiarão a pedraria d'ella em trezentos mil cruzados. E tambem trazia quatro liões d'ouro assentados, e vãos, que dentro poẽ perfumes, que estauão na camara do Rey de Malaca, que os olhos, e lingoas, e dentes, e unhas, erão de pedraria, os quaes lhe aualiarão em dozentos mil cruzados; e assy outras cousas miudas, que eu lhe vi jurar no abito de Santyago, que tinha, que as cousas que trazia pera mandar a ElRey, postas em Lisboa, valião hum conto d'ouro: que todo ouve das casas d'ElRey, que mandára guardar.

Partio o Gouernador de Malaca em primeyro de dezembro d'este ano, e nauegou ao longo da costa de Pedir, que determinaua hir ao porto; onde assy vindo, lhe deu hum tempo trauessão tão forte que nom pôde al fazer senão sorgir, que foy com huma ancora grande e huma amarra de

rótas, que são canas delgadas mociças, que trocem, e fazem d'ellas fortes amarras. E tambem sorgio Pero d'Alpoym, que era á sua vista, que os outros nom parecião, que correrão áuante, porque erão mais metidos no mar; mas çarrando a noite, o tempo e o mar se tanto aleuantou que foy tromenta desfeita, em tal maneyra que conueo ao Gouernador cortar todos os mastos, porque a nao trabalhaua muyto com o mar por proa; e mandou que todo ficasse amarrado á nao, e de todo fizessem jangada, porque a nao se hia ao fundo com a bomba que nom podião vencer. Polo que toda a gente se meteo no trabalho da jangada fortemente, em que alguns morrerão, porque o mar era grande, vendo que nom tinhão outra saluação. E porque a jangada se desfazia na nao então a mandou o Gouernador largar por popa, e homens que defendião 'os negros que se hião meter n'ella com trouxas, que seus senhores mandauão meter. O Gouernador mandou meter os doentes no batel por popa da jangada, e fallou a toda a gente que elle em ciroulas e jaqueta se auia de meter na jangada; que por tanto soubessem certo que d'outra maneyra ninguem n'ella nom auia d'entrar; pedindo a Deos misericordia das almas, porque das vidas ninguem fizesse conta.

Então o Gouernador per huma corda atado pola cinta se deitou no esquife, e com elle os homens que couberão, e se foy á jangada em que se meteo, e o esquife tornou á nao tantas vezes até que nom fiqou nenhum homem portuguez; e *o* Gouernador nom consentio na jangada nenhum negro, nem negra, que todos deitou ao mar, e ficauão pegados á jangada. Estando n'este trabalho, a nao se quebrou polo conués em dous pedaços, e se foy ao fundo; em que se perdeo a mór riqueza d'ouro e pedraria que nunqua se perdeo em nenhuma parte da India, nem nunqua perderá. E porque a madeira da nao vinha fazer mal na jangada, se aleuantarão, e 'agoa os foy leuando pera terra, onde tornarão a sorgir com huma ancora que leuaua o batel, e assy estiuerão com as almas nas boquas pedindo misericordia a Deos, até que amanheceo, que o vento e mar era menos.

Quando amanheceo, que da nao de Pero d'Alpoym nom virão a nao do Gouernador, e virão a madeira polo mar, a derão por perdida, e *a* gente morta, ou que se fôra a terra. Polo que deu a vela, e hindo pera terra ouverão vista da jangada, porque aleuantarão panos nas pontas das lanças que meterão na jangada pera defensão dos negros; em

que a nao foy sorgir perto da jangada, que todos bradauão; «Senhor Deos, misericordia!» Ao que logo Pero d'Alpoym mandou o batel, em que se meteo o Gouernador com a gente que pôde, e tambem o batel, com a gente que descarregou na nao, [1] *se* tornou á jangada até *que* a descarregou; e todauia ouve homens que saluarão muyto ouro derrador de sy. Dom João de Lima pôs a sua nao ao pairo, e abrio tanta agoa que correo ao som do mar, e pôde fazer caminho porque era muyto afastado da terra, que nada soube da perdição da nao do Gouernador, e como o tempo abonançou andou com pouqa vela aguardando polo Gouernador, que bem sabia que ficaua atrás; e assy andando, d'ahy a dez dias o Gouernador foy ter com elle, e seguirão seu caminho pera Cochym, onde chegarão com grande trabalho de bomba, meos perdidos, já em janeiro de 1512.

Simão d'Andrade no junquo correo seu caminho, porque era muyto largo da terra; e porque abrio huma agoa grande polo leme, que os marinheiros abrirão pera fogir, disserão que querião tomar 'agoa e deitarão a barqa fóra; mas sendo noite se meterão n'ella quantos puderão, que forão os mais dos carpinteiros, porque na barqa fogirão casy cento e vinte pessoas, que o junquo ficou sem gente. Com que os portuguezes folgarão, porque vinhão com muyto medo d'elles e se vigiauão de noite, com muyto trabalho, armados, que sómente erão quinze portuguezes meos doentes. E por mal nauegar foy ter nas ilhas de Maldiua, na principal, onde estauão os feitores de Mamalle de Cananor, a que o Gouernador lhas tinha dadas, como já contey, polo contrato das pareas dos dois mil báres de cairo que daua a ElRey; onde o junquo, hindo per antre as ilhas, encalhou em huma restinga e se perdeo; mas saluarão toda a fazenda, que meterão em outras embarcações que lhe derão os feitores, em que muyto á sua vontade passarão a Cochym, onde já estaua o Gouernador auia vinte dias.

[1] *e* Autogr.

CAPITULO XXXIII.

COMO O GOUERNADOR CHEGOU A COCHYM E FOY RECEBIDO COM FESTAS, E DAS COUSAS QUE PROUEO E MANDOU A GOA, E FICOU ENUERNANDO EM COCHYM, EM QUE SE APERCEBEO DE ARMADA PERA NOUAS QUE TINHA DOS RUMES.

Do Gouernador nom auia nenhumas nouas em Cochym depois que se partira pera Malaca, e chegando sobre a barra de Cochym, que ouvirão nouas que tomára a cidade de Malaca, ouve grande prazer e aluoroço, e os mouros ficarão tristes, porque tinhão fama que elle era perdido, o que Lourenço Moreno, Antonio Real, Diogo Pereira, assy o tinhão escrito a ElRey nas naos que despacharão d'armada de dom Gracia, que passarão á India. O dia que chegou foy pola menhã, e á tarde desembarcou o Gouernador na praya, onde toda a gente o veo receber com festas, e com páleo, com que o leuarão á igreja, onde á porta o receberão os crelgos com a cruz, e fez sua oração, dando muytos louvores a Nosso Senhor o liurar de tantos perigos; e da igreja se recolheo á forteleza, onde recolhido com os officiaes lhe deu conta das cousas de Malaca, e elles lhe derão conta das cousas da India, e nouas que tinhão de Goa, e das guerras que tiuera, em que os nossos passarão muytos trabalhos, e da morte do capitão Rodrigo Rabello, e de Manuel da Cunha. E ouve muyta paixão de tudo, e muyto mais de ser capitão Diogo Mendes de Vascogoncellos, e despedio logo hum catur com cartas a Cananor e a Goa, a todos dando grandes agardicimentos de seus seruiços e trabalhos, e que logo os hiria visitar e dar muyta vingança dos mouros; e mandou a Manuel de Lacerda carta de capitão de Goa, e a Duarte de Mello de capitão do mar, e que Diogo Mendes se tornasse á prisão do castello em que estaua.

Com esta noua ouve em Cananor e em Goa muyta festa e arrepicar de sinos; mas logo Diogo Correa, capitão de Cananor, lhe escreueo que tinha noua certa, por mercadores, que vinha armada de rumes em socorro do Hidalcão, que elle mandára pedir tanto que elle se partira pera Malaca; a qual noua lhe trouxe o catur que foy a Goa, que todos escreuerão ao Gouernador muytas cartas. Polo que o Gouernador fiqou em grandes cuidados com taes nouas, porque estaua muy falto d'armada: polo

que mostrando grande animo, como tinha, tornou a responder a Goa com cartas de grandes fauores, e certeza que logo se punha em trabalho d'aperceber armada com que fosse buscar os rumes, e escreueo a João Machado grandes fauores, e a todolos outros que se vierão com elle dos mouros, e mandou a João Machado mil cruzados de mercê, e a cada hum dos outros cincoenta pardaos, e o fez capitão e justiça mór de toda a pionagem de Goa; e a João Machado com grande ordenado, e aos outros todos assentar em soldo e mantimento. E assy fez mercês de dinheiro aos fidalgos polos trabalhos que tinhão passado na guerra; e assy fez mercês aos catiuos que vierão de Cambaya, e polas naos dos mercadores de Cochym, que hião pera Cambaya, mandou muytos mantimentos de Baticalá. Em um nauio mandou muyta poluora que estaua feita em Cananor, e muytas monições, e madeira pera repairos d'artelharia, que a nom auia em Goa tão boa como de Cochym.

O Gouernador, auendo seus conselhos com esses fidalgos que erão pera ysto, assentou de nom se bolir de Cochym, e ahy se aperceber d'armada o milhor que pudesse, e das outras cousas que comprião pera' vinda dos rumes, e aguardar até agosto que virião as naos de Moçambique, que nom passarão, e tambem viria armada do Reyno, com que se concertaria d'armada e gente como compria. No que assy assentou, e deu muyto auiamento em fazer armada quanta pudesse. O que agora assy fica, por tornar a contar o que se passou em Malaca, depois de partido o Gouernador pera' India.

CAPITULO XXXIV.

QUE RECONTA A GUERRA QUE SOCEDEO EM MALACA, DEPOIS DE PARTIDO O GOUERNADOR PERA' INDIA.

Como o Gouernador foy partido de Malaca, o capitão Patequetir se pôs em muyto trabalho por destroir Malaca, e toda a guerra fazia de noite; e porque a cidade estaua muyto repairada da banda da terra, que a nom podia entrar, fez entrada ao longo da praya, d'onde os nossos nom tinhão guarda, per que fez duas entradas em que fez muyto dano. Ao que o capitão mandou andar de longo da praya hum batel, de noite, com vinte homens e quatro berços, e bombardeiros, com que os mouros nom

ousauão entrar; no que os mouros trazião grande vigia secreta, em tal modo que se não * deitarão *, que andarão toda a noite em trabalhos com os mouros, que fazião aluoroços até ante menhã que todos desaparecerão, senão as espias, que estauão escondidas, que os nossos do batel nom vião nem sospeitauão; e de cansados de andar toda a noite até menhã repousarão, e sorgirão afastados de terra hum pedaço, e de cansados, e seguros que nom parecia ninguem, repousarão e dormirão todos. As espias forão a nado e virão que dormião; entrarão dentro com crises, e a todos os matarão, e leuarão o batel d'ahy huma mea legoa, onde tinhão seu arrayal muy fortelezado e com artelharia. O capitão, d'ysto magoado, fallou com Fernão Peres capitão do mar, e fez prestes quatro batés com cem homens escolhidos, Pero de Faria, Fernão Jusarte, Antonio Lobo Falcão, Vasco Fernandes Coutinho, Antonio Gracêz, [1] Fernão Jusarte, e outros bons caualleiros, e ordenou o feitor com dozentos homens por terra, os milhores d'armas e de saude, porque auia muytos doentes; e ysto em grande segredo, e sendo noite escura forão ante menhã dar nos mouros, que sayrão a pelejar muy fortemente. O feitor, que leuaua ordenado o que auia de fazer, se veo retraendo e pelejando, com que todos os mouros vierão na peleja, nom vendo elles os batés que hião afastados polo mar, que vendo os mouros hir assy enuoltos com os nossos na peleja chegou Fernão Peres na terra, e foy dar no arrayal com muytas panellas de poluora, com que o arrayal foy logo enxorado, matando muytas molheres e meninos. O que sentido polos mouros, fizerão volta ao arrayal, mas o feitor lhe veo sempre dando nas costas, matando e derribando muytos, e Fernão Peres, que lhe sayo diante, em que tão apertados forão os mouros que se meterão fogindo pola terra dentro, e os nossos recolherão muyta artelheria e despojo do arrayal, e lhe puserão fogo, que tudo fiqou em cinza; com que todos se [2] * tornarão * pera a cidade, nom sabendo os mercadores que os nossos erão hidos fóra. Então se fez huma tranqueira na praya, onde estaua Afonso Pessoa com cem homens, que guardou que os mouros nom entrarão.

Os mouros fogidos se tornarão 'ajuntar, e fizerão outra tranqueira mais longe huma legoa, a qual era cerquada de grossa madeira, e páos de sandolo metidos no chão, e per dentro entulhos, como muros e larga

[1] Nome repetido por descuido do auctor. [2] * toram * Autogr.

caua; e per dentro fizerão outra tal tranqueira, assy com outra caua, e per dentro outra, de modo que erão tres cerquas muy fortes, com andaimos e cauas antre huma e outra largura, em que podia estar muyta gente; e na tranqueira de dentro meterão as molheres, e filhos, e fazendas, e na primeyra tranqueira assentarão muyta artelharia, com fantesia de todos ally morrerem; d'onde sayão foutamente, e vinhão guerrear a cidade, onde se fez grande ajuntamento de mouros. O que vendo o capitão que compria os deitar d'ally antes que fossem mais fortes, que depois serião piores d'aleuantar, auendo sobre ysso conselho com os capitães do mar, assentou hir dar nos mouros; polo que fez toda a gente prestes, e a milhor armada embarcada nos batés por hirem descansados, e chegando perto da tranqueira, que era hum tiro de berço do mar, sayrão todos em terra, e se ordenarão: ao que os mouros tambem sayrão da tranqueira e puserão em ordem de pelejar. O capitão Ruy de Brito era aquy, e deixára o feitor em guarda da forteleza, o qual, vendo que os mouros estauão fortes com as costas na tranqueira, mandou Afonso Pessoa que com cem homens fosse trauar escaramuça com os mouros, *e* então se tornasse retraendo, em modo que tirasse os mouros pera fóra; o que elle assy o fez muy concertadamente, que pelejarão muy fortemente, e os mouros com elles enuoltos se tornarão retraendo e pelejando, que cuidarão os mouros que era fraqueza, e se engodarão após os nossos; o que fazião muy sem medo, vendo que o capitão nom hia ajudar, que o fazia de medo. Com que assy pelejando chegarão ao capitão, que bradando Santyago deu nos mouros com tanta força, porque os capitães e fidalgos hião diante com as lanças baixas, que antes que os mouros voltassem o chão era cuberto de mortos e feridos, e nom podendo sofrir o impetu dos nossos fizerão volta, fogindo quanto podião, a entrar na tranqueira a saluar as molheres e filhos; e os nossos os hião tanto seguindo, que elles nom fazião mais que entrar per huma porta, e tomar o que podião leuar na mão, e sayr pola outra porta que tinhão pera a banda da terra. Antre as tranqueiras forão muytos mortos, porque nom pelejauão, sómente buscauão por onde se saluar, e sobião polos páos da tranqueira pera saltarem além, os quaes erão alcançados com as lanças, que foy grande mortindade, e as tranqueiras forão enxoradas, onde os nossos tomarão grande despojo de molheres e mininas fermosas, que recolherão aos batés, e puserão fogo ás tranqueiras, que tudo fiqou

arrasado per terra. Com esta vitoria se tornarão os nossos, com cinqo mortos, e muytos feridos, pouqua cousa. Os mouros tornarão a fazer outra tranqueira mais longe, com que sempre durou a guerra.

Passando assy o tempo com muytos trabalhos, vierão os mouros em muyta falta de mantimentos; polo que tiuerão modo com que lhe vierão quatro junquos da Jáoa carregados d'arroz, que forão sorgir ao longo da praya diante das tranqueiras dos mouros, que logo muytos acodirão a grã pressa a descarregar de dia e de noite. O capitão foy auisado d'estes junquos que auião de vir com mantimentos, e determinou de os tomar ou queimar, postoque sabia que auião d'acodir muytos mouros polos defender, pola necessidade de fome em que estauão; e postoque as tranqueiras estauão longe mais de tres legoas da forteleza, determinou de lho defender, e mandou o feitor por terra com dozentos homens, e Fernão Peres nos batés com bombardeiros e materiaes de fogo, e lhe mandou que dando fogo aos junquos recolhesse o feitor com a gente, e se tornasse á forteleza; o que todo foy bem ordenado.

E partirão de noite e ante menhã chegarão ás tranqueiras, em que os mouros feruião a carretar o arroz. Os batés chegando aos junquos, os bombardeiros com seus arteficios que lhe deitarão, logo o fogo se acendeo muy grande; com que os mouros se deitauão ao mar, que os batés andauão matando, onde chegou por terra o feitor, que entrou ás lançadas com os mouros, onde a peleja foy muy grande, porque os jáos pelejauão como homens danados, que são tão bestiaes no pelejar que nús, com um cris, que é como huma adaga, nom estimão hir çarrar com hum homem armado, e indaque o passe com a lança, correm pola lança e vão matar sem nenhum temor; e porque erão muytos os nossos forão muy apertados, em tanta maneyra, que cansados de matar, e os mouros que de cada vez mais crecião, se [1] * começarão * a retraer. Polo que Fernão Peres tomou a trazeira, com Ruy d'Araujo, e Pedraluares d'Azeuedo, Fernão Jusarte, Antonio Lobo, Pero de Faria, Jorge Correa, Francisco Simões, todos bem armados, que fazião finezas emparando a gente, que todos hião pelejando pola terra, caminhando pola praya pera a cidade, e os batés polo mar, que com os berços muyto defendião, mas como os nossos ficauão em meo nom ousauão tanto de tirar; e como os

[1] * começou * Autogr.

mouros se afastauão os batés chegauão pera embarcar, logo os mouros tornauão fortemente 'apertar, em maneyra que os nossos tornauão a pelejar, e os batés hião assy de longo como os nossos andauão; e tres vezes os batés chegarão pera embarcarem, mas os mouros lho tolherão. E assy pelejando, chegarão a huns barquos que estauão em terra varados, onde estauão muytos mouros aguardando, que sayrão a dar nos nossos, que hião muyto cansados, e muytos feridos, em que aquy foy grande peleja, e foy morto o feitor com setenta homens, e casy toda a gente ferida, em que a pressa foy tanta que casy todos forão perdidos, e Fernão Peres e os outros todos muyto feridos; mas tanto pelejou o feitor, e os que com elle morrerão, que a outra gente teue espaço que se alongarão grande pedaço, com que se colherão aos batés, que já se nom podião ter em pé. Esta foy a mór perda que nunqua recebeo Malaca.

E porque o mal nunqua vem só, se aqueceo que sendo noite n'este dia se acendeo o fogo nas casas dos portuguezes, que erão de madeira, que estauão defronte da forteleza na borda d'agoa. A gente acodia com as armas cuidando que erão mouros, e o fogo com o vento tanto se acendeo que nom escapou nada, e nas casas arderão os doentes e feridos, e os que escaparão ficarão em camisa. Com que Malaca fiqou em muy grande falta.

E sobre estes malles outro maior, porque sendo sabido polas outras terras que os nossos tinhão tomado Malaca, e os malles que n'ella se fizerão, e a guerra que se fazia, e mórmente d'estes junquos que queimarão, nom auia ninguem que ousasse de vir a Malaca, e começarão a fallecer os mantimentos. O que foy em tanto crecimento que a gente morria á fome, e postoque os regedores e mercadores tinhão mandado fóra buscar os mantimentos os mouros por todas as partes lhos estoruauão; em que a fome foy tal que os portuguezes deitauão fóra seus escrauos, por lhe nom morrerem em casa. Valia huma ganta d'arroz, que he medida como huma canada, dous cruzados, e o nom auia. O qual trabalho de fome e guerra passarão dous anos, porque alguns nauios que no outro ano forão a Malaca nom leuauão senão fazenda; com que a fome foy maior.

O mouro capitão Patequetir, que foy nas tranqueiras desbaratado, que por caso da fome se lhe foy toda a gente, elle se embarcou e foy a Jáoa, onde se ajuntou com hum mouro poderoso chamado Pateonuz, e

lhe fez crêr que podia tomar Malaca, pola grande falta em que estaua de gente, e que cada dia era menos, que morrião á fome; e tomaria a forteleza, e ficaria n'ella possante Rey de Malaca, que nunqua ninguem lha poderia tomar. O que meteo tanto em cabeça ao mouro que se meteo n'esse trabalho, que com seus amigos e parentes armou trinta juncos grandes e sessenta pequenos, e outros barquos, e n'elles meteo quinze mil homens de guerra, com que se veo a Malaca, e apareceo supitamente no mar huma menhã em janeiro de 1512. Do que em Malaca nom auia nenhuma noua; com o que os nossos forão postos em grande tremor e espanto, ao que logo o capitão fez ajuntamento de conselho, em que foy assentado que todos fossem pelejar ao mar, porque hindo assy nos nauios nom verião os mouros quão poucos os nossos erão, porque quando os mouros vissem hir tantos nauios cuidarião que os nossos erão muytos, porque lá lhe auião de ter dito os outros mouros que os nossos erão poucos, e cuidarião que os enganarão, e com ysto Deos, por sua misericordia, meteria n'elles alguma confusão; e esto com fundamento que nom socedendo bem a batalha no mar que se tornarião á forteleza, e recolherião 'artelharia e quanto pudessem, e n'ella se defenderião até acabar as vidas. E com ysto assy assentado, cada hum recolheo dentro na fortèleza o que tinha, e s'embarcarão nos nauios, que erão oito, e tres carauellas, e duas galés, e hum bargantym, estes nauios podres, que nom se podião soster á bomba; erão tres juncos pequenos dos regedores e catual, que tinhão muyta artelharia, e muyta gente de peleja que n'elles meterão. Os portuguezes serião até trezentos, de que os cento erão doentes e aleijados. Fiqou na forteleza o capitão com os officiaes, doentes, e aleijados, que por todos serião vinte pessoas, e outros tantos moços de portuguezes, cafres e malauares, porque todos os outros escrauos nom ousarão de os deixar na forteleza, e os mandarão nos nauios pera darem á bomba. O capitão com a porta fechada.

Sendo pola menhã, que o vento era da terra, 'armada dos mouros nom pôde chegar, e auião d'aguardar até a bespora, que a viração auia de vir do mar. Os nossos nauios se fizerão á vela com bandeyras, com gritas, mostrando grande coração que nom leuauão, todos chamando a misericordia de Deos, que por sua piadade lhe acodio, que vendo os mouros a nossa armada, que á vela os hia buscar, entrou no coração do mouro Pateonuz jáo grande confusão, crendo que Patequetir o trazia

enganado, que lhe sempre certificaua que como su'armada fosse vista logo os nossos auião de queimar os nauios, e se meterem na forteleza; e vendo que os nossos hião ao mar pelejar *supoz* muytos mais ficarião pera guardar a forteleza, polo que se ouve por enganado, e nom pôde auer falla de Patequetir, que andaua longe d'elle.

Fernão Peres, Capitão mór, deu auiso aos nauios todos que todos tirassem por cyma a matar a gente, e derrubar mastos e velas, com que elles nom pudessem andar á vela: o que foy grande bem, porque como os nossos chegarão a tiro os começarão a seruir de tal sorte, que logo muytos juncos forão desaparelhados, e muyta gente morta e ferida, com que ouverão tamanho medo que nom ousauão d'aparecer por cyma. Os mastos e vergas que cayão matauão muytos, e como hum junco era desaparelhado nom lhe tirauão mais, e hião tirar ao outro. Os juncos tirauão com muyta artelharia miuda, e todauia fazião muyto mal; mas como veo o vento do mar, todos os mouros que tinhão vela forão sorgir de longo da terra, embandeyrados e com muytos tangeres de sinos e bacias, dando gritas, com que fizerão grande espanto aos da forteleza; o que assy fez a nossa armada, que sorgio mais ao mar, afastada d'elles, sem lhe tirar senão pouqos tiros, porque o tirar d'artelharia lhe abria muyta bomba. Os juncos, que ficarão no mar desaparelhados, com o vento do mar vierão dar sobre os outros, que todos s'embaraçauão. No que passou o dia até tarde.

O capitão, vendo o desmaio dos nossos, mandou chamar Afonso Pessoa, que estaua na tranqueira com cem homens, que com elle estauão, que mandou que viessem com piques que lhe lá mandou, e com seu atambor e bandeyra; o qual pôs a gente em ordem de quatro em quatro, e vierão pola praya, e passarão a ponte, e entrarão na forteleza. Os quaes o capitão mandaua sayr pola porta que estaua da banda do rio, e vinhão derrador da forteleza, e tornauão a sayr á praya, e entrauão na forteleza; com que pareceo aos mouros que estauão nos juncos que era muyta gente; com que o Pateonuz assentou que vinha enganado.

Então o capitão entregou a forteleza a Martim Leme, feitor e alcaide mór, que elle fez per morte de Ruy d'Araujo, e Afonso Pessoa em guarda que ninguem saysse em terra, e elle capitão com quatro homens se meteo em huma almadia, e se foy a Fernão Peres, e fallou com os

capitães, e por conselho assentarão que estiuessem prestes esperando o que fazião os mouros, e se cometessem a desembarqar, que seria ante menhã, que então parte da gente [1] *nossa* com os berços dessem nas embarcações que fossem pera terra, e os nauios com 'artelharia fizessem o mal que pudessem, e mórmente pondo fogo. E que então, se Afonso Pessoa lhe nom pudesse defender a desembarcação, se recolheria á forteleza; e os bateys se tornassem aos nauios, e fossem pelejar quanto pudessem, e tomando algum junco recolhessem o mantimento aos nauios quanto pudessem pera darem á forteleza, e elles estarião sempre no mar guerreando os juncos até lhe dar cabo, assy como Nosso Senhor por sua misericordia ordenasse; porque em quanto no mar guerreassem os mouros nom ousarião de sayr a terra. E com ysto assy ordenado se tornou á forteleza, e fallou com Afonso Pessoa o que no mar ficaua ordenado; com que todos estiuerão em muyta vigia, armados toda a noite, com os batés prestes.

O mouro Pateonuz mandou chamar o Patequetir, que nom ousou de hir a seu chamado, porque lhe disserão que elle assy estaua indinado. O mouro, vendo que o Patequetir nom vinha, conheceo o engano, e ouve seu conselho com seus capitães, porque o Patequetir a todos tinha dito, que como sorgissem na praya, que logo toda a gente da cidade se aleuantaria contra a forteleza; o que todo achauão falso. Polo que elles nom podião sayr a terra a pelejar, porque a nossa armada estaua no mar, que logo lhe queimaria seus juncos, e assentarão de nom desembarcarem e se tornarem logo pera sua terra: o que assy fizerão, que como lhe deo o vento da terra, que foy á mea noite, todos se fizerão á vela, correndo a longo da terra. O que vendo Fernão Peres tambem se aleuantou, e os outros nauios, que se forão chegando, e lhe tirando aos lemes os que hião diante, e lhe derribando os mastos e velas. Mas todos hião fogindo e os nossos os seguirão, até que lhe veo a viração, que voltarão pera Malaca e recolherão os junqos que ficauão com os lemes quebrados, e mastos e vergas, porque a gente d'elles fogio nas barcas pera outros, e forão ter na terra, que forão dezoito, em que se acharão muytos mantimentos e mercadarias, e tanto arroz que se encheo a forteleza

[1] *nos* Autogr.

e todo o pouo, em tanta maneyra que valião quinhentas gantas d'arroz hum cruzado; a qual fartura lhe durou muytos anos.

Quis Nosso Senhor, por sua grande misericordia, mostrar seu grande poder em assy pôr aos imigos em tanta confusão, e medo, que fogirão, e os nossos lhe fizerão tanto mal. Do qual feito os da terra ficarão muy espantados, e o contauão pola mór cousa que nunqua virão nem ouvirão, e onde fallauão em portuguez auião muyto medo; polo que Malaca muytos anos esteue em paz de ninguem lhe fazer guerra. No qual tempo chegou de Maluco Antonio d'Abreu com dous nauios carregados, porque o outro, que era Francisco Serrão, se perdeo na ilha de Ternate, que fiqou, e Antonio d'Abreu nom pôde tornar, porque o vento era de monção muy forte por cyma da terra; e Francisco Serrão com a gente se saluou na terra, onde se ordenou com a gente da terra por tal via, e com o Rey, que elle gouernaua e mandaua as ilhas, como adiante direy em seu lugar. Antonio d'Abreu fez o crauo a troquo das roupas que leuou; em taes preços as roupas que o bár de crauo, que tem quatro quintaes, valia tres cruzados. O que tudo foy tratado polo feitor de Nynapam, que fora no junco, que tambem trouxe carregado. Chegado assy Antonio d'Abreu a Malaca, logo Fernão Peres lh'entregou o cargo de Capitão mór do mar, e se embarcou nos dous nauios d'Antonio d'Abreu, em que recolheo doentes e aleijados, e se partio na monção pera' India, onde chegou a Cochym, como adiante direy, milagrosamente, porque lhe morreo a gente, que nom fiqou quem nauegasse os nauios. E Antonio d'Abreu ficou seruindo em Malaca, onde fez muytos seruiços, que em seu lugar serão contados em seu tempo.

O Rey de Malaca que fogio se foy pera Bintão, huma terra separada de Malaca, de que era Rey hum grande amigo do Rey de Malaca, que sabendo sua desauentura o mandou chamar que fosse pera lá, onde estaria milhor que andar polos matos. O que elle assy o fez, e o Rey de Bintão o recolheo, e deu com que estaua com seu estado como Rey, e com sua muyta magoa de sua tamanha perda, e com as nouas das cousas que cada dia ouvia que os nossos fazião, e erão tão poderosos que desbaratarão tamanha armada do Pateonuz. Tinha este Rey hum grande seu priuado, que criára de minino, que o tratava como proprio filho, que era já homem de vinte annos, valente caualleiro, com que o Rey praticaua suas magoas e conselhos, que se chamaua Mangeliz, o qual,

auendo d'ElRey que o criára grande piadade, maginou em seu coração huma sotil traição, e disse a ElRey: «Senhor, dame dinheiro pera gas-» «tar, que eu tomarey a forteleza de Malaca, ou me custará a vida.» E ElRey lhe respondeo: «Eu confio em ti, que por amor de mym toma-» «rás a morte, mas nom sey como será tua ventura, polo que eu farey» «tudo que tu quigeres; mas me dizes cousa que eu tenho por muy du-» «vidosa, e muy certa tua morte. Nom te queria perder com o máo con-» «selho.» O Mangeliz disse: «Senhor, os homens caualleiros hão de co-» «meter o que lhe diz seu coração que faça, e a ventura será a que fôr;» «e se eu morrer no feito, já saberão os portuguezes que tens homens» «que por ti hão de perder as vidas. O que eu assy farey, que he offi-» «cio de caualleiros morrer por seu senhor.» Ao que ElRey deu seus agardecimentos; polo que ambos antre sy consultarão a traição que o Mangeliz tinha cuidada, de que ElRey fiqou muyto contente, que antre ambos em muyto segredo assentarão. Polo que, assy concertados, estando hum dia o Rey praticando com os seus aleuantou perfia com o Mangeliz, em que lhe o Rey disse palauras muy enjuriosas, dizendo que era ladrão trédor, que per seu conselho perdera Malaca, que por ysso lhe merecia a morte, e sua molher dar aos cafres. E se aleuantou, e arremeteo a elle com hum cris pera o matar; o qual lhe fogio, e os que com elle estauão o tiuerão, e lhe rogarão por elle que lhe perdoasse, pois o criára como filho. ElRey se amansou. O Mangeliz, mostrandose muy enjuriado, se foy pera sua casa muy iroso, fazendo juras que se auia de vingar d'ElRey; e nunqua mais quis tornar a casa d'ElRey, mas de noite escondidamente se fallauão. O qual fez prestes duas manchuas, e huma noite entrou em casa d'ElRey e lhe furtou a mais fermosa molher que tinha, e com ella hum caixão com suas joyas e muyto dinheiro, que ElRey pera ysso ally tinha metido; e lhe matou dous moços que acodirão, e ouve grande reuolta, e elle se colheo ás manchuas e foy fogindo com seu fato e molheres e familia, que já tinha recolhido. O que antre ElRey * e * o Mangeliz foy ordenado e feito em tal modo, que todas suas gentes cuidarão que assy passaua com verdade, sómente a molher, a que ElRey disse que se fosse com elle assy fogidamente.

O mouro se foy a outra terra, e se deixou estar porque primeyro fosse a noua a Malaca, que logo lá correo, dizendo que o Mangeliz quisera matar ElRey de Malaca e nom pudera, e lhe furtára sua molher e

tesouro, e fogira; o que foy muy assentado e crido, por muytas pessoas e cartas que vierão de Bintão a Malaca. E passando algum [1] * tempo, o * Mangeliz mandou pedir seguro ao capitão de Malaca pera n'ella viuer e ser vassallo d'ElRey de Portugal; porque, assy estando, sua vida estaria segura de traições d'ElRey de Malaca, que elle nom pudera matar. O [2] * capitão sabia * que era homem principal, e todos os regedores da cidade lhe pedirão e fallauão que o agasalhasse e recolhesse, porque elle defenderia Malaca dos malles da guerra que ouvesse; polo que o capitão lhe mandou o seguro, e o mouro veo com toda sua familia e desembarqou na praya, onde muytos da cidade o sayrão a receber e leuar pera suas casas. Mas o mouro, muyto bem vestido, foy logo fazer cortesia ao capitão: elle só, sem leuar nenhumas armas, sómente huns pages que leuauão crisis que hé seu custume sempre trazer, que o mouro mandou ficar á porta, e elle foy ante o capitão, que lhe fez muyta honra, e o mouro lhe dizendo que elle se metia em seu poder sô o seguro d'ElRey de Portugal, cujo vassallo se metia em seu poder pera morrer por seu seruiço, com muyto dinheiro que pera ysso tinha, e parentes e amigos; e que segundo fossem suas obras conheceria suas palauras. Do que o capitão lhe deu grandes agardicimentos; com que o mouro se foy a sua pousada, e ao outro dia mandou presente de riquas peças ao capitão, [3] * e tambem * mandou ao feitor e capitães; e se mostraua tão iroso contra o Rey de Malaca que todos crião que elle o hiria guerrear, se lhe dessem armada e gente.

Tanto este mouro se soube ordenar pera a traição que determinaua fazer, metendose na amizade do capitão, e dos capitães, e dos outros homens, a que daua peças e fazia mercês, e os agasalhaua dentro em sua casa, que era de todos muy amado e auido por verdadeiro amigo; porque n'ysto assy perseuerou passante de hum ano, que todo seu comer, e folgar, e jogar, era em casa do capitão, e do feitor, onde muytas vezes se deixaua dormir de noite, e per casas dos capitães, comendo com elles e os leuando a comer a sua casa; e tanto era fameliar com os portuguezes que cada dia esperauão que se fizesse christão. No qual tempo, sempre com muyto segredo, fazia saber a ElRey o que fazia, e como tinha amizade e seguridade dos nossos.

[1] * tempo passado o * Autogr. [2] * capitão que sabia * Id. [3] * então * Id.

O mouro andaua pola cidade acompanhado sempre de quatrocentos homens bem armados, mostrando o temor que tinha ao Rey de Bintão; mas quando vinha á forteleza toda esta gente mandaua fiqar da outra banda da ponte, que com elle nom hião senão seus pages, que erão tres ou quatro. E vendo o mouro que tinha bom alicerce feito pera sua traição, fallou secretamente com dous seus parentes do que auião de fazer; os quaes, sendo hum dia presentes em hum pateo grande que tinha, fallando vierão a perfia, com que o mouro lhe fallou taes palauras com que elles arrancarão dos crisis e remeterão com elle pera o matar; ao que se aleuantarão antre elles muytos homens honrados que ahy estauão, e muytos portuguezes, que se puserão por sua parte e os apartarão: com que se forão muy enjuriados fazer queixume, ao capitão, do mouro. O capitão, sabendo o que fòra, os amansou, e trabalhou tanto que os tornou a fazer amigos; os quaes dobrarão, com modos falsos aconselhando em segredo ao capitão que os deixasse matar ao Mangeliz, que o farião muy leuemente, e lhe ficaria sua fazenda, e familia, e riqueza que era muyta; porque elles então se hirião como fogidos ao Rey de Malaca a Bintão, a lhe dizer que elles o matarão pola traição que lhe fizera; polo que lhes daria muyto dinheiro. O capitão lhe respondeo que tal nom fizessem, porque por ysso os queimaria viuos, e que logo o fizera se nom confiarão d'elle em lho descobrir. Com que os despedio, e logo mandou chamar o Mangeliz, e lhe disse que andaua antre seus imigos, que visse como andaua e o nom matassem. Polo que o mouro se lhe deitou aos pés, dizendo: «Senhor, ninguem me póde guardar de» «meus imigos senão a tua bondade, e verdade d'ElRey de Portugal,» «que eu vim buscar. Polo que de mym e minhas cousas *faze* como» «teu, e serey liure da morte que me busca ElRey de Malaca: polo» «que, senhor, te peço que minha pessoa, e minhas molheres sómente,» «dentro n'esta forteleza me deixes agasalhar, pera dormir de noite só-» «mente.» O mouro, como já todos lhe tinhão boa amizade, o ajudarão ao que pedia ao capitão; e mórmente o feitor, que disse que em seu aposento lhe daria hum recolhimento assy como pedia; o que o capitão lhe otorgou. Onde o mouro mandou trazer esquifes pera elle e suas molheres que meteo na forteleza, que erão seis, e mais a d'ElRey de Malaca, muyto arrayadas de riquas joyas, e fermosas, com outras tantas de seu seruiço, que muyto os portuguezes folgauão de ver, e d'ellas namo-

rados fazião ao mouro todos gasalhados; e o mouro com todos folgaua e comia, e jogaua, e muytas vezes costumou a se vir a casa do capitão a dormir a sésta em huma varanda, e estaua jogando ás tauolas grosso dinheiro que todos lhe ganhauão; e ás vezes dous e tres dias nom saya fóra; e hia vêr sua casa e criados muy acompanhado de dozentos homens que sempre trazia armados, que ficauão sempre de fóra da forteleza, e estauão debaixo de huma ramada que pera ysso fizerão, onde dormião e estauão quando querião.

Mangeliz tinha em coração elle por sua mão matar o capitão, que o podia bem fazer, porque muytas vezes estaua com elle só jogando e fallando, e o matando o ajudarião seus pages, ao que sayria e correria á porta, e mataria o porteiro, e entraria sua gente que estaua de fóra, que sómente vinte que entrassem abastauão pera matar quantos portuguezes estauão na forteleza; ao que acodirião a sua gente, que estauão em suas casas aposentados pola cidade com fengimento falso das brigas passadas, os quaes de fóra darião nos portuguezes que acodissem; com que muy leuemente seu feito era acabado, estando elle assy dentro apossado da forteleza. E toda esta consulta tinha praticado com os *seus*, que todos andauão prestes e concertados de suas armas, e depois de jantar muytos se vinhão deitar a dormir na ramada á porta da forteleza, porque então estaua assentado se fazer a traição pola sésta.

Mas o mouro e seus conselheiros tiuerão arreceo dos portuguezes, que todos estauão aposentados junto da forteleza, que quando acodissem serião mais possantes que os seus; e ordenarão hum ardil, que o mouro disse ao capitão que elle tinha recado que o Rey de Bintão mandára sua armada a tomar os junqos de Siam, que trazião muyto ouro, que em Malaca aguardauão por elles; que deuia acodir a ysto, e mandar 'armada que pudesse tomar a d'ElRey de Bintão se já tiuessem os juncos tomados, em que se tomaria grande riqueza; e se os nom tiuessem tomados os trarião a Malaca, de que pera ElRey vinha tanto proueito.

O capitão, dando muyto credito ao mouro, mandou chamar Antonio d'Abreu e os capitães, e sobre o caso tomou conselho e assentou mandar a galé e quatro nauios bem concertados, que abastauão; e o mouro armou tambem duas lancharas suas, com sua gente muyto armadas. E como este feito era pera fazer boa presa todos folgarão de hir, que passarão de dozentos homens, os milhor armados e sãos que auia na

forteleza, e logo forão prestes e partirão pera o estreito de Cincapura, onde auião d'aguardar os junqos. As lancharas do mouro tiuerão cuidado que fazião que hião correndo a terra, e a cabo de tres dias se tornarão de noite e portarão longe da cidade, e pouqos e pouqos se tornarão a casa do mouro.

O qual, vendo o tempo bem desposto, fallou com hum seu cunhado, que secretamente trazia em [1] * sua * companhia, e lhe deu sinal que á hora que lhe mandasse pedir huma moça com sinal de hum seu anel, que lhe mandaria, logo com toda a gente armada corresse á porta da forteleza, matando quantos portuguezes achasse, porque já então elle auia de ter morto o capitão. E tendo todo assy bem concertado andaua já o mouro muy aluoroçado. O dia que lhe pareceo bom foy jantar com o capitão, e acabado o jantar quis jogar com o capitão, mas o capitão nom quis jogar, e outros homens que ahy jantarão quiserão com elle jogar, e elle nom quis, porque se elles fossem; e elle se foy a casa do feitor e esteue hum pouco com elle fallando, e se tornou a casa do capitão pera o matar e os que com elle estiuessem, que já pera ysso leuaua seus pages auisados; mas achou que o capitão dormia com a porta fechada, e os que ally ficarão jogando erão já hidos; polo que se tornou a casa do feitor, que todos estauão repousando em suas casas, que pola forteleza nom aparecia ninguem. Então o mouro, já danado em seu mao proposito, se tornou a sua casa e meteo hum cris debaixo dos panos, e se foy onde estaua o feitor que jazia em hum catele, que queria dormir, e o mouro lhe disse: « Feitor, queres comprar huma moça fermosa que meu » « cunhado quer vender? » Elle disse que si, e o mouro lhe disse que mandasse hum seu criado por ella, que lhe leuaria sinal que lha dessem; e que a trouxesse cuberta, que ninguem a visse. Ao que o feitor mandou hum seu criado chamado Bastião, que primeyro estiuera catiuo com Ruy d'Araujo, e o mandou, e o mouro lhe deu hum seu anel pera sinal.

E partido o moço, que o mouro vio que era espaço que já seria chegado com o recado, o mouro, estando assy assentado na borda do catele, pedio hum pucaro d'agoa, que lhe deu huma moça, e bebeo huma pouqa, e com a outra deu no rosto ao feitor, zombando como outras ve-

[1] * hua * Autogr.

zes fazia; e lhe assy cegando os olhos com agoa, se aleuantou, e tirou o cris com que o matou. Ao que acodio hum homem de casa, que tambem matou, ao que a moça bradou da genella pera dentro da forteleza, dizendo: « Amouco! amouco! » que quer dizer homem danado, que mata gente; a qual moça tambem matou, e sayo correndo por huma varanda e foy á porta do capitão, parecendolhe que acodiria á reuolta e abrindo a porta o mataria. Mas o capitão, ouvindo a reuolta, mandou fechar outra porta, e da genella bradou que arrepicassem o sino, que logo repicarão, e a gente toda se pôs em armas dentro na fortaleza, bradando traição! traição! O que sentindo a gente do mouro, que já estaua prestes na ramada, acodio á porta, a qual já acharão fechada. Os homens que estauão dentro na forteleza erão pouqos, e estiuerão em suas casas, que nom decerão ao pateo; os escrauos catiuos que auia dentro na forteleza tomarão as armas que puderão, e se aleuantarão em ajuda do mouro, que andaua com seis moços seus com crisis matando quantos podião; o que assy fazião as suas propias molheres, todos como gente danada, com que o mouro andaua senhor do pateo, que nenhum portuguez ousaua decer abaixo. Ayres Pereira, alcaide mór, fogio aos seus negros que o quiserão matar, e saltou de huma genella e se recolheo em huma logea em que se trancou e fechou, e se saluou com huma perna quebrada.

O capitão estaua só, que seus criados estauão em suas pousadas; polo que elle trancou bem a porta da casa em que estaua, que era no segundo sobrado da torre, e das genellas fallaua e bradaua, e mandaua repicar o sino. O mouro acodio á porta da forteleza per abrir aos seus que bradauão de fóra; mas a porta era forte e estaua fechada da chaue, que o mouro trabalhou por quebrar e nom pôde; o que assy fazião de fóra, e nom tinhão força, porque a escada era estreita e nom tinha peitoril; mas dous pedreiros, que andauão trabalhando na torre, de cyma com pedras fizerão fogir os mouros de fóra da porta, e de dentro, que nom ousauão os matadores de chegar a ella. O cunhado do mouro, ouvindo o repique do sino, com sua gente armada acodio á forteleza, matando tres portuguezes que achou no caminho, que acodião. Os portuguezes da pouoação acodirão ao repique com suas armas, e derão nos mouros que estauão de fóra da porta, com que matando e ferindo muytos os fizerão fogir além da ponte, onde Antonio d'Abreu, que estaua de

fóra, recolheo toda a gente na ponte, e se deixou estar até saber o que se passaua dentro na forteleza. Hum escriuão da feitoria, chamado Pero d'Orense, que jazia doente em cama, se aleuantou e assentou em huma cadeira a huma genella, e ensinou a huma sua moça que lhe armou huma bésta, que elle pôs sobre o peitoril da genella, e lhe pôs huma seta e aguardou o mouro até que lhe veo a tiro, que lhe meteo a seta por antr'ambolos olhos, com que logo cayo morto. Outros homens, assy com béstas e espingardões que tirauão das genellas, tinhão alguns negros derrubados. Mas como o mouro cayo logo os homens decerão abaixo e matarão todos os negros, que nenhum nom fiqou dentro na forteleza, e negros que ajudauão; e * a * molher do mouro, quando o vio caydo no chão, ella se matou com hum cris que tinha na cinta.

O cunhado do mouro que acodio com sua gente, que vio os outros que hião fogindo, que na forteleza arrepicauão, e a porta fechada que nom puderão entrar, vendo máo recado nom aguardou mais, e fez volta pola cidade fazendo quanto mal podião, e recolheo o fato das casas, á pressa fogindo, porque Antonio d'Abreu com a gente o foy seguindo até que forão enxorados fóra da cidade, metidos polo mato.

Dentro na forteleza fiqarão mortos onze homens portuguezes, e na cidade cinco, e alguns moços que andauão comprando. O capitão mandou apregoar que quem tomasse algum dos criados do Mangeliz, ou parente, por cada hum daria cem cruzados; polo que forão tomados alguns, que mandou espetar viuos postos ao longo da praya, e outros atados em astas assados com brazas. Então fez o capitão dentro na forteleza aposentos pera quarenta homens, afóra os cubellos em que estauão os officiaes. 'Armada se tornou sem achar nada.

Outras muytas cousas de guerra e traições se passarão em Malaca depois polo tempo, que d'algumas contarey em seu lugar, e ora tornarey a contar do Gouernador, que ficou enuernando em Cochym como já disse, apercebendo armada, e com ella estar prestes pera quando chegasse 'armada do Reyno, que seria em agosto do anno 1512, porque nom sabia o que viria do Reyno; porque o seu tempo da gouernança era acabado, e nom sabia se viria outro Gouernador, ou socessão pera algum que cá andasse. N'este inuerno, que o Gouernador enuernou em Cochym, o Çamorym de Calecut lhe mandou messagem sobre assento de pazes, tão firmadas e seguras como elle quigesse, com fazer huma forteleza

onde quer que quigesse; ao que lhe o Gouernador respondeo, com grandes comprimentos d'agardicimentos, que aguardaua que viessem as naos do Reyno, e veria o que lhe ElRey mandaua e assy o faria, porque n'estas naos auia de vir a reposta do feito do Marichal. Com que despedio o messigeiro; mas depois se assentou a paz e fez forteleza, como adiante direy. No que se gastou o inuerno até agosto, que chegarão as naos do Reyno, que são estas.

ARMADA

DE

JORGE DE MELLO.

CAPITULO XXXV.

D'ARMADA QUE VEO DO REYNO EM AGOSTO DO ANO DE 1512, DE QUE VEO CAPITÃO MÓR JORGE DE MELLO PEREIRA, QUE FORÃO DOZE NAOS, QUE TODAS JUNTAS CHEGARÃO Á BARRA DE GOA.

Em março d'este ano de 512 partio do Reyno Jorge de Mello Pereira por Capitão mór de doze naos grossas, de que erão capitães elle na nao Cyrne, Jorge d'Alboquerque na Nazaré, Gonçalo Pereira na Conceição, Gracia de Sousa em São Gião, Gaspar Pereira em Santo Antonio de Chyllas, Lopo Vaz de São Payo em Santa Cruz, dom João d'Eça na Madanela, Pero d'Alboquerque na Biscaynha Bastyayna, Jorge da Silueira em Botafogo, Simão de Miranda na Frol da Rosa pera capitão de Çofala, Francisco Nogueira em Santo Antonio, Antonio Raposo no nauio Ferros. Jorge da Silueira correo a sua nao tanto que em vinte de julho chegou sobre a barra de Goa com grande tempo do inuerno, com que se colheo em Angediua com muyto trabalho, onde esteue até chegar a outra armada a Goa, que forão quinze d'agosto em dia de Nossa Senhora; onde assy estando, Jorge da Silueira soube dos pescadores da terra que

Goa estaua de guerra, e que o Gouernador estaua em Cochym, que viera de tomar Malaca; o qual tanto que o tempo lhe deu lugar, que foy em agosto, se foy a Cochym, onde chegou como adiante direy.

Jorge da Silueira como passou de Guiné perdeose da companhia, e correo muyto tempo, com que tomou por fóra da ilha de São Lourenço, e assy com muyto tempo foy tomar na costa. Toda a outra armada nauegou com muyto bom tempo; toda juntamente entrou em Moçambique bespora de São João, onde estaua dom Gracia de Noronha com duas naos, que enuernára como já atrás contey. Dom Gracia tinha sua bandeyra na gauea, e por ser homem opiniatigo nom quis sayr da nao em que pousaua, nem foy visitar Jorge de Mello, como parecia rezão por chegar de fóra; mas antes elle esperou que Jorge de Mello o fosse ver; mas como todos o conhecião por sua opinião, e porque era sobrinho do Gouernador, Jorge de Mello o mandou visitar, e o forão visitar todos os capitães, e outros honrados fidalgos que hião n'armada. Jorge de Mello se pôs em terra, dando mesa a homens honrados que trazia na sua nao, e quando veo o primeyro domingo dom Gracia foy a terra a ouvir missa, e o forão receber ao sayr do batel os capitães, e Jorge de Mello veo ao meo do caminho, e ambos se receberão com boas cortesias e abraços; mas o dom Garcia se mostraua seco por o nom hir visitar á nao; polo que nom ficarão ambos muyto correntes.

Jorge de Mello mandou pera Çofala Simão de Miranda, que vinha prouido de capitão, que acabaua Antonio de Saldanha que lá estaua; o qual Simão de Miranda sendo capitão falleceo, e fiqou por capitão Francisco Marecos, que seruia d'alcaide mór; e [1] * a nao * de Simão de Miranda deu 'Antonio de Saldanha, e mandou que fosse desfazer a forteleza de Quiloa, que o mandaua ElRey, e recolhesse Francisco Ferreira Pestana que estaua por capitão, e que tomasse alguma nao da terra em que carregasse as monições e o que nom coubesse na nao, e se fosse á India, como fez. E sendo o tempo de partir de [2] * Moçambique, Jorge * de Mello se fez prestes, mas dom Gracia, por nom acompanhar com elle, sayo de Moçambique primeyro hum dia.

Jorge de Mello partio com suas onze naos, e sendo nas ilhas d'Angoja, Francisco Nogueira deu em huma restinga, em que sómente se per-

[1] * a mão * Autogr. [2] * Moçambique que Jorge * Id.

deo o casco da nao, que todo o mais se saluou, porque toda a armada aguardou, e mandarão os batés, que em hum dia despejarão quanto auia na nao; e seguirão seu caminho, que com bons tempos forão tomar na barra de Goa em dia de Nossa Senhora quinze dias d'agosto, e no mesmo dia á tarde tambem chegou dom Gracia com suas tres naos, que vinhão muy desbaratadas de gente, que lhe morrêra toda. Assy que treze naos chegarão n'este dia á barra de Goa, o que nom sey quando outra tal será. Jorge da Silueira, que estaua em Angediua, como entrou agosto se partio pera Cochym, onde chegando ouve grande prazer com a noua que deu da grande armada que trazia Jorge de Mello. O Gouernador nom fiqou muyto contente, porque lhe pareceo que nom vinha tamanha armada senão com vir Gouernador, porque elle tinha acabados seus tres annos, e se Jorge de Mello nom vinha por Gouernador seria porque viria a gouernança a algum que andaua na India. O que elle muyto dessimulou, e per outras pessoas o foy perguntando a Jorge da Silueira, que d'ysso nom soube dar rezão, sómente que nunqua ouvíra fallar em Gouernador; o qual todauia assentou de nom partir de Cochym senão com muyta certeza se vinha ou não, porque vindo estaria em Cananor, onde lhe faria sua residencia e se partiria pera o Reyno, e que nom vindo Gouernador que então se determinaria o que ouvesse de fazer, segundo as naos que passassem á India, porque elle nom determinaua hir a Goa senão com muyto poder de gente, com que logo deitasse todolos mouros fóra da ilha de Goa, por muytos que fossem; o que lhe parecia que bem podia fazer se todas as naos passassem, e viesse dom Gracia seu sobrinho, em que elle muyto confiaua que lhe faria grande ajuda em seus trabalhos, e mais porque ElRey o mandaua que fosse Capitão mór do mar. Com que o Gouernador tomou muyta confiança que gouernaria, porque ElRey nom auia de mandar dom Gracia que fosse Capitão mór do mar em poder d'outro Gouernador, e dom Gracia era tão opiniatigo que o nom aceitaria pera andar senão com elle; e com estes pensamentos se deixou estar, dando muyto auiamento a quatorze naos d'armada que tinha remendadas e muyto bem concertadas, com outras que fez de nouo, e bargantys, e fustas que podião tirar camellos.

CAPITULO XXXVI.

DO QUE FEZ JORGE DE MELLO CHEGANDO Á BARRA DE GOA, E DOM GRACIA DE NORONHA, QUE TAMBEM CHEGOU, QUE ENUERNÁRA EM MOÇAMBIQUE COM TRES NAOS, E DE COMO OS MOUROS EM BANESTARIM APERCEBERÃO E FIZERÃO FORTES, E ARMARÃO TOMAR A CIDADE POR TRAIÇÃO DOS CASADOS.

JORGE de Mello sorgindo na barra de Goa, que trazia por regimento que trabalhasse pola tomar, tirou muytos tiros grossos, porque fossem ouvidos na cidade, em que ouve grande prazer e arrepicar de sinos com a noua das naos, a que forão homens em almadias, que derão nouas de como a cidade estaua cerquada com tantos mouros que lhe dauão muyto trabalho; polo que Jorge de Mello determinou logo sayr com toda sua gente armada pera logo dar nos mouros; pera o que as naos deitarão fóra todos seus batés e esquifes, que se concertarão com berços e falcões que auião de tirar. Os capitães concertarão toda sua gente, e Jorge de Mello mandou dizer a dom Gracia o que determinaua fazer. Dom Gracia lhe respondeo que fosse embora, que elle mandaria a gente que tinha, que elle estaua mal desposto e nom auia de desembarqar.

Ao outro dia, que todos forão prestes, com a viração á tarde todos os batés á vela com bandeyras e trombetas, Jorge de Mello com seu batel diante com sua bandeyra real, e os capitães nos seus batés com seus guiões, a gente armada a mais fermosa e limpa que nunqua passou á India, que erão mil e quinhentos homens, chegando ao caez da cidade fizerão salua com os berços, e a cidade tambem lhe fez salua; onde no caez estaua Manuel de Lacerda, capitão, com todolos fidalgos e gente, que os receberão com grandes prazeres. Entrarão logo de caminho no castello a fazer oração na igreja, que era em huma casa da feitoria, porque a igreja grande se andaua corregendo; e tornando a sayr todos em ordem se forão pola rua direita, sayndo logo pola porta da cidade, que se abrio, que estaua fechada com pedra, que nom tinha aberto mais que o postigo; e sayndo fóra, cada capitão se ajuntou em esquadrão com sua gente, que era fermosa cousa de vêr a riqueza das armas, lanças, adargas; com que todos em ordem sobirão ao outeiro que agora

se chama do moinho do vento, e d'ahy pera o outeiro de Nossa Senhora do Monte. Os mouros acodirão a vêr a nossa gente, que erão tantos que cobrião o campo e os montes das duas aruores até Banestarim, em que auia mais de mil de cauallo, porque o Roçalcão estaua muyto fauorecido do Hidalcão, e lhe mandaua quanta gente queria. Os nossos, vendo os mouros, cometerão caminho pola outra banda do outeiro pera hirem dar nos mouros, o que nom consentio Manuel de Lacerda, dizendo que era tarde: com que se tornarão recolher á cidade.

Dom Gracia desembarqou, e chegou á cidade casy noite; e o capitão o foy receber ao caez e leuou a seu aposento ao castello, dandolhe conta de todo o que o Gouernador tinha feito, e como se estaua apercebendo em Cochym d'armada, porque auia noua de rumes. Ao outro dia pola menhã, depois da gente ouvir missa, e almoçarem do que trouxerão das naos, o capitão da cidade quis ordenar os esquadrões e os repartir; o que Jorge de Mello quis fazer por ser capitão de sua gente, sobre o que ouve desconcerto e debates. Diogo Fernandes de Beja era muyto amigo do Gouernador, e quis estoruar que ninguem ganhasse esta honra senão elle, e dixe ao capitão da cidade presente todos: «Senhor,» «parece erro querer entender n'este feito, que he grande, sem aguar-» «dar que venha o senhor Gouernador, que está em Cochym apercebi-» «do com armada e aguardando que esta do Reyno chegasse, pera fa-» «zer o que comprir ao seruiço de Sua Alteza. Polo que parece que» «sem elle se nom pode fazer cousa que seja bem acertada, indaque to-» «dolos mouros sejão mortos quantos estão na ilha de Goa. E nós nom» «estamos em tanto aperto que nom seja muyta rezão aguardar pera fa-» «zermos o que mandar o senhor Gouernador, pois aquy nom está nin-» «guem que saiba o que ellequererá fazer, ou o que ElRey nosso se-» «nhor ora mandará n'estas naos. Polo que parece que vossas mercês» «lhe deuem de mandar recado, e esperar sua reposta pera se fazer o» «que elle mandar, pois o cargo e mando he seu, e quanto maior feito» «nós agora fizermos, tanto mór rezão teria o senhor Gouernador de se» «queixar de todos, por ser desmando.» O que pareceo bem a todos, e Jorge de Mello logo se tornou a embarqar, e disse aos capitães que deixassem ficar a gente que quigesse ficar. Polo que se deteue 'armada todo o outro dia, porque muyta gente se desembarqou. E dom Gracia se tornou logo a embarqar, e se partio de noite, e chegou a Cochym

primeyro que Jorge de Mello, o qual o Gouernador recebeo com grandes prazeres e honras, e festas do pouo, e o recolheo comsigo pera' forteleza, e mandou ao patrão mór Diniz Fernandes de Mello que logo se concertassem as naos pera tornarem pera o Reyno, que vinhão muy danificadas da longa nauegação que fizerão, e se nom tornassem pera o Reyno se perderião. O Gouernador com dom Gracia ouve muyto descanso, por ser homem principal, que andando por Capitão mór do mar, por ser de sua condição muyto escoimado, que elle traria muyto a direito os capitães, e nom andarião tão mimosos e leuantados em soberbas, como tinhão feito contra elle. E d'ahy a tres dias chegou Jorge de Mello, a que fez honrado recebimento e a todos os capitães e fidalgos, que erão muytos os que vierão n'esta armada.

O Roçalcão e mouros que estauão em Banestarim, vendo tanta e tão fermosa gente que era vinda do Reyno, que sem aguardar pola ajuda do Gouernador logo quiserão hir pelejar senom fôra a desauença, auendo por certo que o Gouernador auia de vir logo com toda a gente, ouverão grande medo, e se meterão em trabalho de se fazerem muyto fortes em Banestarim, concertando os muros com muytas torres e cubellos, e grande caua por fóra, e muytos petrechos e monições de fogo pera defensão do muro; ao que os renégados, que lá andauão com os mouros, em tudo muyto ensinauão e ájudauão; com que muyto se forteficarão com muyta artelharia, em que tinhão peças nossas que tomarão na carauella e bargantym, como já atrás fica. E com todo, o Roçalcão nom confiando que estauão saluos tanto como desejauão, sobre ysso o Roçalcão com os seus auendo seus conselhos, assentarão de trabalhar o que pudessem 'auer a cidade ás mãos furtada por traição, porque auia dias que n'ysso tratauão com alguns dos casados per recados secretos; o que se guerreou por esta maneyra: porque o Gouernador deu em regimento a Rodrigo Rabello, quando se partio, que muyto grangeasse e honrasse e fauorecesse os casados, pera que outros muytos casassem, e mórmente homens honrados; deixandolhe grandes dotes e casamentos que lhe désse. O que elle tanto fez que casarão alguns homens de sorte, antre os quaes foy hum dom Fernando, filho bastardo do comendador de Sines, que em Lisboa usaua de mao trato e companhia de ladrões, e era homem de mao zêlo; 'o qual, por assy casar, Rodrigo Rabello lhe deu grande casamento e fazia grandes honras, de que todos os casados se muyto presauão, que era ca-

beça e principal de todos, que antre sy se fazião corpo, fauorecendose muyto huns com outros, e se o capitão hum agrauaua todolos outros por elle fallauão e se queixauão. Estes erão todos casados com molheres bramanas e naiteas, a que os maridos se deitarão tanto a suas deleitações que casy viuião com os propios costumes d'ellas, a que erão muy afeiçoados. Estas molheres tinhão os maridos e filhos, e pays e irmãos, no arrayal do Roçalcão, porque forão ellas catiuas na tomada de Goa; e porque nom erão esquecidas dos seus naturaes tinhão com elles suas visitações e messagens secretas, dandolhe conta como estauão e o grande bem que lhe querião seus maridos, que nom tinhão mais que huma só molher, e que elles farião quanto ellas querião. O que tudo assy dizião verdade, que como elles erão homens de baixa sorte erão ciues em seu viuer, e taes que ouve alguns que trocauão as molheres ás noites hum com outro, e erão contentes que as molheres se visitassem com seus parentes que andauão com os mouros, que erão seus sogros e cunhados; o que fazião com fraqueza de lhe parecer, que se os mouros entrassem a cidade, que com suas habelidades se saluarião de os mouros os matarem; mas a verdade era por comprazer ás molheres. Polo que estes casados huns com outros trazião ysto antre sy em seus segredos, e mandauão seus recados tambem aos renegados que andauão no arrayal, que lião as cartas, e respondião; com que elles ysto muyto mexião e fallauão com o Roçalcão, que per esta via sabia quanto se fazia na cidade, e auendo conselho com os seus fallou com alguns mouros, que soube que tinhão em Goa suas filhas e molheres casadas com os portuguezes que tratauão estas visitações, *e* tratou com elles que per seus recados e amizades, e dadiuas que mandassem pera mais firmeza d'amizades, e todas promessas em seu nome, de que daria seus assinados, vissem se poderião fazer como lhe dessem entrada na cidade, de noite, que a tomasse; que por ysso lhes farião grandes mercês, e senhores de rendas e terras. E sobre ysto tanto teceo o diabo, per entercessão das molheres, que vierão a bons concertos, enganados com as vãs promessas do Roçalcão, que a alguns d'elles mandou suas cartas assinadas, de tanadarias e rendas. O que estes casados, que n'ysto andauão, se corrião estas cousas huns antre outros, que suas molheres tudo concertauão. De que o principal antre elles era o dom Fernando, a que tinhão dado Pondá com suas rendas, que elle era o que escreuia ao Roçalcão e pedia pera to-

dos; de que já tinha assinados do propio Hidalcão, com muytas firmezas e seguridades a todos os que n'ysto ajudassem.

Estando esta obra assy tecida polo diabo, mandou o dom Fernando dizer ao Roçalcão que se fizesse prestes pera se ysto acabar antes que viesse o Gouernador, e começasse a combater a cidade per todas partes de dia, e de noite fizessem muytos repiques falsos, até que ouvesse bom acerto pera lhe darem a entrada, quando elles terião as vigias dos logares perque lhe auião de dar a entrada. O que o mouro assy pôs por obra, que fazia muy grandes cometimentos a entrar a cidade, de dia e de noite.

João Machado, que muyto pelejaua, disse ao capitão huma noite na vigia: «Senhor, nom tenho medo a estes mouros de fóra, senão que o» «meu coração está cançado com temor que esta anouação de guerra,» «que nos fazem estes mouros, he d'algum nouo mal que aja dentro» «n'esta cidade antre nós. E por tanto, senhor, vossa mercê todo seu» «mór recado seja em seguras vigias de noite, porque nom aja alguma» «traição, que nos trabalhos emprende nos corações dos fraqos homens» «que nom tem primor.» O que muyto cayo no sentido ao capitão, que com os principaes homens fronteiros que auia em Goa trazia [1] «o» a cauallo em sua companhia correndo as vigias.

E dom Fernando, que vio que com a tal vigia nom poderia dar cabo a seu diabolico feito, ordenou com os da consulta a tomar as vigias, porque dá maneyra que estaua o nom podião fazer. E estando fallando com o capitão hum dia, lhe dixe: «Senhor, hey grande vergo-» «nha, vendo tanto trabalho nom vos poder ajudar, e estarmos todos os» «casados dormindo em nossas casas, e os outros estarem pelejando no» «muro sem dormir, e nós, que somos mais de cem casados, andar-» «mos folgando sem trabalhar. O que 'o Gouernador assy lhe pare-» «ceo, bem, nom olhando nossa deshonra. Polo que, senhor, vos peço» «por mercê que a todos nos acupês e mandeys em que siruamos, que» «pera ysso estamos prestes; e se assy o nom fizer ficamos muy des-» «honrados. Polo que, senhor, ao menos as vigias do muro nos encar-» «regue, de que tomo o cargo de sobre rolda, que nom he rezão que» «durmamos em nossas casas, estando os outros vigiando e pelejando» «por defensão de nossas casas.»

[1] Aclarámos com o *artigo* a referencia a João Machado.

O capitão, e todos, folgarão de ouvir o que dom Fernando dixe, e lhe outorgou o cargo das vigias, e elle sobre rolda; * e * parecendolhe que o dizia com muyta bondade, lembrandolhe o que lhe fallára João Machado * e * que tudo assy ficaua muyto seguro com a vigia dos casados, mandou a dom Fernando que elle repartisse as vigias como quigesse. No que logo com muyta diligencia ordenou e repartio por todos, mórmente os da consulta, que erão até corenta. Outros casados, que da cousa nom sabião, ouverão a vigia por grande trabalho, nom querendo entrar n'ella, e se queixarão ao capitão, dizendo que mandasse a dom Fernando que nom metesse na vigia os que nom quigessem vigiar; porque alguns tinhão molheres bestiaes, que nom tinhão primor nem entendimento d'honra, e era muy grande inconuiniente de noite estarem fóra de suas casas; e porque ysto era assy craro, mandasse que nom vigiasse senom quem quigesse, «que será pouqo tempo, que virá o Gouerna-» «dor e tudo será acabado. O senhor Gouernador mandou que nom vi-» «giassemos, porque sabia que temos molheres sem ensino nem entendi-» «mento d'honra e de nossa santa fé, e muy desejosas de se tornarem» «pera seus pays, e maridos, e irmãos, que tem no arrayal; que a el-» «las he milhor que vigiemos. Polo que, senhor, se aquecer algum de-» «sastre vossa mercê terá n'ysso muyta culpa, pois tudo vos alembro.» «Melhor he que estêmos em nossas casas trabalhando, amassando, fa-» «zendo pão pera os feridos e doentes.» O capitão cayo muyto no que lhe o casado disse, e mórmente porque o Gouernador tomaria muyta paixão se ouvesse desastre, que algumas molheres fogissem estando os maridos nas vigias; polo que logo mandou chamar dom Fernando, e lhe disse que nom tinha bem mandado em mandar que os casados vigiassem; que nom queria que vigiassem, porque se em suas casas acontecessem alguns desastres, estando elles nas vigias, nom queria ter essa contenda com o Gouernador. O que ouvido polo dom Fernando fiqou muy triste, vendo que era desfeito seu ardil, e com espirito diabolico disse ao capitão: «Senhor, vossa mercê mande o que for sua vontade; mas agora» «vos descubro que muytos d'estes vilãos casados, como quem elles são» «praguejão, e dizem que os nom querem fazer vigiar senão porque es-» «tando no muro lhe vão dormir com suas molheres, e que vossa mer-» «cê por ysso ordena estas vigias.» Do que o capitão se muyto indinou contra os casados. Mas o dom Fernando achando Fernão Braz, barbeiro,

que fôra o que se queixára da vigia, lhe deu muytas pancadas, dizendo que estoruára nom ganharem tanta honra como era vigiar a cidade em quanto os outros pelejão.

E este homem, hindo assy espancado, entrando em sua casa, que sua molher soube o porque dom Fernando o espancára, com sua muyta paixão dixe ao marido, jazendo na cama: « Marido, dom Fernando vos » « fez mal porque lhe estoruastes o que elle queria fazer com seus mata- » « lotes e amigos, por muyto dinheiro que lhe o Roçalcão auia de dar, » « porque de noite o auia de deixar entrar polos muros e tomar esta ci- » « dade; que tudo ysto me contou minha irmã que está em casa de dom » « Fernando, tomandome juramento que volo nom dissesse. Mas pois » « dom Fernando vos fez mal agora volo digo. » O marido dessimulou com a molher, e por tirar d'ella lhe disse: « He verdade ysso que dizeys; » « mas já tudo he desfeito, que o Hidalcão nom quis dar o que dom Fer- » « nando pedia. » Ella tornou 'affirmar, dizendo que não; que já dom Fernando tinha na mão a chapa do Hidalcão; tinha olas e cartas do Roçalcão foão e foão, nomeando seis ou sete; o que tudo fallauão as molheres humas com outras porque o desejauão. O Fernão Braz dessimulou, dizendo á molher que soubesse tudo; polo que a mandou que fosse folgar algumas vezes a casa d'outras suas amigas, das quaes soube tudo muy decraradamente, que tudo contou ao marido; e que auia pouco que o Roçalcão viera ao muro e fallára com dom Fernando, e tudo estaua concertado pera como a lua fosse escura, e que já fôra feito se nom ouuera o desconcerto da vigia.

Tanto que Fernão Braz teue tudo bem sabido, Nosso Senhor, que nom quis que tamanho mal se fizesse, ferueo no coração dẽ Fernão Braz, que fallou em secreto com o capitão e lhe descobrio todo o caso; o que o capitão muyto duvidou, parecendolhe que o dizia por fazer mal a dom Fernando pola enjuria que lhe fizera, e friamente disse que saberia a verdade e faria n'ysso o que comprisse. Mas elle lhe tornou a dizer: « Se- » « nhor, bem entendo que nom daes credito ao que vos digo, porque » « cuidaes que o faço com odio que tenho a dom Fernando porque me » « enjuriou. Pois eu vos requeiro da parte de Deos, e do senhor Gouer- » « nador, que olheys e façaes o que n'ysto compre, antes que venha al- » « gum mal. E porque nom passe ysto assy, a mym mandai meter em » « ferros, pera me dardes castigo se fallo mentira, e logo hi a casa de »

«dom Fernando, e lhe dai cata em suas arqas e boetas, e se nom»
«achardes o que digo mandaime enforcar, que por ysso estarey seguro»
«nos ferros.»

O capitão, vendo tanta firmeza em Fernão Braz, o mandou meter e fechar em huma casa, e mandou chamar alguns fidalgos, e o alcaide mór, e feitor, e juizes, e em segredo fallou com elles esta cousa, e assentarão que logo derão auiso aos porteiros que nom saysse fóra nenhum portuguez casado. E mandou chamar dom Fernando, que veo, e se assentarão a praticar outras cousas; e «o» capitão sayo fóra, e mandou hum juiz com o meirinho que fossem leuar ao tronco sete casados, que se affirmaua Fernão Braz que já tinhão a chapa do Roçalcão; e sendo todos postos a recado, o capitão mandou deitar grossos ferros a dom Fernando, e pôs n'elle boa guarda, e se foy com os juizes a casa de dom Fernando, e lhe abrirão as arqas, e acharão em huma boeta a chapa do Hidalcão, que confirmaua tudo o que désse seu criado Roçalcão, e lhe acharão cartas de mercês que o Roçalcão fazia aos da consulta. D'ally forão a casa dos que estauão presos, e lhe acharão assy cartas e assinados do Roçalcão, das mercês que lhe prometia dandolhe a entrada na cidade; o que todo assy tomado logo forão presos os outros que Fernão Braz dera por rol, que forão mais de vinte.

E sendo assy postos a bom recado, o capitão ouve conselho com os fidalgos, onde tambem mandou João Machado, e todos em pratica, João Machado disse ao capitão em presença de todos: «Senhor, dai muytos»
«louvores a Nosso Senhor, que tendes salua a cidade de tão certa trai-»
«ção; que dias ha que na minha alma a sospeitaua. Mas agora ponde»
«muyta diligencia que sejão presos todos estes da consulta, antes que»
«fujão pera o arrayal, que está certo que vendo os que estão presos»
«logo hão de fogir.» O que assy foy feito, que passarão de corenta, e elles acusauão huns os outros, e a todos, porque nom se pudesse fazer justiça de tantos.

Tomado conselho, foy assentado que todos estiuessem presos a bom recado até vir o Gouernador, que tinha o poder pera d'elles fazer justiça; mas Diogo Fernandes de Beja, e João Machado, e outros, disserão ao capitão que erraua em assy aguardar polo Gouernador sendo o caso tão prouado, mas que de noite os deuia a todos de mandar matar, e pôr suas cabeças em páos por cyma dos muros, que as vissem os mouros;

e todos tomauão o feito sobre sy. Os juizes e officiaes da feitoria, e o alcaide mór, todos disserão que assy era bem que se fizesse, de que sómente ficaua huma duvida: que era muy certo que se esta execução se fizesse, que o Gouernador o auia d'auer por muyto mal, porque auia muyto de estimar sayr tal cousa dos seus casados, que elle fizera com tantos gastos e trabalhos, e que em principio de noua cidade, sendo feita tal justiça por caso de traição, era infamia e deshonra que ficaria pera sempre aos casados de Goa, que polas outras partes sempre lhe podião chamar trédores; o que o Gouernador muyto estimaria em grande maneyra. Que por tanto per todolas vias era bem que se aguardasse polo Gouernador, que elle fizesse no caso o que fosse sua vontade; porque nom lhe guardando esta ordem tinha rezão de a elle capitão fazer mal em lhe tomar sua justiça; e pera milhor logo se despachasse hum catur que lhé leuasse recado, e elle mandaria o que quigesse. O qual catur logo á noite partio, e chegou ao Gouernador inda primeyro que partisse de Cochym, que vendo as cartas ouve muyta paixão, e se apartou com o homem que lhas leuou, e andou passeando na ribeira, e mandou ao homem que com a mão fez huma coua na praya, e dentro n'ella meteo as cartas, e cobrio da terra, e lhe carregou em cyma com os pés, e fez logo embarqar e partir o homem, e lhe disse de palaura: « Dizey ao » « capitão, que vos quá mandou, o que vistes que eu fiz ás cartas, que » « assy o deuera elle fazer á obra, em que faltou tanto que nunqua fará » « cousa com que satisfaça seu erro, que milhor fôra queixarme eu com » « elle que fizera muyto milhor, que dizer que nom fizera nada; e pois » « o * fez * tão mal tudo durma até que eu vá. »

CAPITULO XXXVII.

COMO JORGE DE MELLO COM SU'ARMADA CHEGOU A COCHYM, ONDE ESTAUA O GOUERNADOR; E OUTRAS COUSAS QUE PASSARÃO, COM QUE O GOUERNADOR VEO COM SU'ARMADA A CANANOR E D'AHY A GOA, ONDE DESEMBARCOU COM TODA A GENTE E PELEJOU COM ROÇALCÃO, E * O * CERQOU POR MAR E POR TERRA EM BANESTARIM.

Com a chegada de Jorge de Mello a Cochym ouve muyto prazer, e fez salua com tod'artelharia d'armada, o que tambem lhe fez a cidade; e á

tarde com a viração desembarcou com toda a gente nos batés, vestidos muyto louçãos; e desembarcou na praya acompanhado de todos os capitães, e muyto honrados fidalgos que vinhão n'armada, e feita oração na igreja forão pera' forteleza, onde á porta o Gouernador sayo a receber com muytas cortesias, e a todolos fidalgos, que recolheo dentro e todos com elle jantarão, e acabado se forão pera pousadas de seus amigos, e Jorge de Mello ficou com o Gouernador e lhe deu as vias d'ElRey. Com que elle ouve muyto prazer e descançou seu coração, vendo que ElRey nom mandaua outro Gouernador, e lhe fallaua palauras d'amor e agardicimentos de seus bons seruiços, e trabalhos da tomada de Goa, e lhe bem pagaria; mas que aueria prazer que sobre soster Goa ouvesse bom acordo com os fidalgos, e que se fosse seu seruiço largala lhe nom lembrasse que a ganhára duas vezes com tantos trabalhos; porque tinha enformação que Goa tinha certos inconuinientes que lhe [1] * parecia * que nom era seu seruiço soster Goa, e a deuia largar e a deixar posta por terra com fogo; e se era outra cousa, em contrairo da enformação que lhe era dada, que todo pusesse no parecer dos fidalgos, e se fizesse o que fosse mais seu seruiço.

D'esta cousa ouve o Gouernador grande paixão, porque via que falsauão a ElRey a verdade do que era Goa, sómente por desfazerem em suas cousas; o que bem entendeo que Gonçalo de Sequeira, e Duarte de Lemos, enuergonhados da falta que fizerão em nom hir ajudar na tomada de Goa, meterão a ElRey em cabeça malles que tinha Goa porque nom era seruiço d'ElRey sostela. O Gouernador nom quis entender n'esta cousa, porque tinha assentado de hir deitar os mouros fóra da ilha de Goa, e nada fallou n'esta cousa; mas deu muyta pressa a despachar 'armada, e deixou em Cochym as naos de Jorge de Mello, que auião de carregar, que por todas forão oito.

E porque assy veo muyta gente, o Gouernador fez logo apartamento de muyta que meteo na ordenança, porque ElRey n'estas naos lhe mandou muytos piques e armas brancas, e lhe gabou muyto o modo que tinha com a gente da ordenança. E porque a gente se nom agrauasse, cada domingo fazia soíça em que se elle metia e andaua com o pique ás costas, e todolos fidalgos, todos muyto louçãos. Tinha feitas escadas e man-

[1] * parecião * Autogr.

tas e bancos pinchados, e vaiuens, e ferramentas de toda' sorte. Então fez capitão de Cochym Jorge d'Alboquerque, e leuou Pero Mascarenhas, que elle tinha em conta de valente caualleiro, pera seruir de capitão da ordenança, e se partio de Cochym com dezaseis naos de sua armada e tres naos do Reyno.

O Gouernador chegou a Cananor a vinte de setembro, onde meteo por capitão da forteleza Jorge de Mello que n'ysso vinha prouido; onde com ElRey passou suas visitações de muytas amizades, e hum domingo, fazendo que hia folgar ao campo, sayo com toda a gente com piques, e louçãos, com algumas espingardas de Leuante que n'estas naos trouxerão alguns homens que se auenturauão a tirar com ellas, e com seus atambores e pifaros; e no campo fizerão o caracol tirando as espingardas. De que os mouros ouverão espanto, porque nunqua virão os nossos pelejar com tão compridas lanças: o que o Gouernador fez porque os mouros de Cananor muyto affirmauão que vinhão rumes. Diogo Correa se embarqou na nao em que veo Jorge de Mello, e se partio pera Goa, onde chegou em outubro, onde na barra logo * o Gouernador * teue conselho com os capitães de mandar entrar nauios por o rio de Goa velha, e hir tomar o passo de Banestarim, porque nom lhe viesse socorro da terra firme. Ao que lhe disserão que nom lhe podia entrar mais socorro do que tinhão, pois a ilha estaua chea de mouros, e tão fortes que se atreuião a esperar que os fossem deitar fóra; mas que era bem que tiuessem o passo liure, porque fogissem se quigessem, o que nom farião tendo o passo tomado. O que assy pareceo bem a todos, com que logo o Gouernador entrou e desembarqou com toda a gente, e lhe fizerão recibimento de festas e tangeres, e com palio polos officiaes da camara, a que o Gouernador a todos fez grandes gazalhados, e a João Machado, e a Diogo Fernandes de Beja, e aos outros fidalgos, e se aposentou no castello, onde n'esta noite muyto fallou com o capitão sobre os presos, e com elle assentou em segredo o que compria fazer, como adiante direy; porque logo derão ao Gouernador carta de dom Fernando, queixandose do capitão do mal que lhe tinha feito, e aos seus casados que elle tanto lhe deixára encommendados. A que o Gouernador respondeo mostrando que lhe pesaua muyto, e que logo entenderia em sua prisão, e daria bom castigo a quem o merecesse, como elle veria.

E porque o Gouernador queria fazer seu feito antes que o Hidalcão

soubesse de sua chegada, ao outro dia, depois d'ouvir missa e almorçar a gente, o Gouernador se armou, e mandou armar toda a gente e sayr fóra ao campo, e primeyro a gente da ordenança com seus piques e atambores *e* bandeyras, que passauão de oitocentos homens, e com fidalgos por cabos d'esquadra, e Pero Mascaranhas capitão de todos, e João Fidalgo, e Ruy Gonçalues portuguezes, e João de Rojas, e Pero de Valdez castelhanos que sabião do mester, que ElRey mandára n'estas naos; todolos outros capitães com seus guiões, e caualleiros e pessoas honradas com riqas armas: de que o Gouernador fez tres batalhas, que encarregou huma a dom Gracia, e outra ao capitão da cidade, e outra sua, em que se meterão os fidalgos cada hum pera seus amigos. No esquadrão do Gouernador era alferez Joanne Mendes Botelho, valente caualleiro, Pero d'Alboquerque, Vicente d'Alboquerque primos, Diogo Correa, Gracia de Sousa, João Delgado Borges, Manuel de Sande, Diogo Fernandes de Beja, Gonçalo Pereira, Diniz Fernandes de Mello patrão mór, João Pereira mulato da ifante, Antonio de Saldanha, Ruy Galuão. E no esquadrão do capitão Lopo Vaz de Sampayo, dom João de Lima, Fernão Gomes de Lemos, Jorge da Silua, Pero Correa, Jeronymo de Sousa. No esquadrão de dom Gracia, dom João d'Eça, Francisco Pereira Pestana, Diogo Soares de Mello, João Machado, Tristão de Miranda, Diogo Fernandes, adail, Lourenço Prego, Pero da Fonseca, Ayres da Silua, Antonio Raposo, Aluaro de Crasto, Diogo Mendes d'Orta, Antão Nogueira. E em todos estes esquadrões outros homens fidalgos, caualleiros, criados d'ElRey e das casas reaes de Portugal, que nunqua á India passou tão limpa e lustrosa gente como veo n'esta armada de Jorge de Mello, todos com riqas armas que reluzião, tudo ouro e prata, cousa muy fermosa de vêr, polo campo postos em ordem com suas bandeyras, guiões, e muytas trombetas; que tudo o Gouernador corria e ordenaua, e mandou hir diante Pero Mascarenhas com a gente da ordenança, e de huma parte, da mão direita, mandou hir dom Gracia, e da mão esquerda o capitão da cidade, e elle fiqou em meo, e foy em boa ordenança até chegar á entrada da lagoa, além da qual, e d'ahy até Banestarim, tudo era coberto de mouros, onde estaua o Roçalcão com seiscentos de cauallo, e a gente de pé muyto em ordem, armados de suas grandes adargas, zagunchos, e muytos frecheiros. O qual, vendo a ordem com que os nossos caminhauão pera onde elle estaua, mandou recolher a gente pera

contra Banestarim, e elle com a gente de cauallo se pôs em batalha pera pelejar, e se veo chegando. Pero Mascaranhas andou com a ordenança, e chegando onde ora está São Lazaro fez o caracol com muyta ordem, e pôs a gente em galé fechada, com seus piques tendidos, e oito bandeyras d'ordenança que leuauão, com seus atambores e pifaros. Com muyta ordem se foy chegando pera o Roçalcão, que logo esteue quedo, e foy caminhando pera as duas aruores, onde fazia huma entrada por antre dous cubellos, de que se estendia hum muro de pedra sequa, que casy chegaua ao outeiro de Nossa Senhora do Monte, e da outra banda por cyma da lagoa. Os mouros de pé se recolherão pera detrás d'esta muralha. O Roçalcão se foy chegando pera a entrada; o que vendo Pero Mascarenhas, que o mouro caminhaua pera fogir, andou mais apressado, mas o mouro, atreuendose nos cauallos, mandou hum seu capitão com quinhentos de cauallo cometer escaramuça com a soiça, que esteue queda armada em galé, desparando muytos espingardões e espingardas que este anno vierão do Reyno. N'esta detença da soiça chegarão os esquadrões das bandas, que se forão chegando aos mouros da escaramuça; com que alguns homens se desmandarão e chegarão a picar os cauallos; com que o Roçalcão se pôs na entrada, e vendo que os nossos já hião pelejando com os de cauallo se pôs na dianteira, mandando recolher sua gente. O que vendo o Gouernador mandou andar á pressa com muyta ordem; mas os da ordenança seguirão após Pero Mascarenhas, que hia á pressa pelejando com a gente de cauallo, porque os esquadrões se chegauão, com que entrou a muralha, e foy seguindo os mouros, que se hião recolhendo deuagar porque outra gente se recolhesse, que já toda hia de corrida fogindo pera Banestarim, mas todauia se puserão na dianteira e se meterão em Banestarim. Os mouros de pé erão tantos que deixauão as adargas e arqos polo campo por embaraçar o caminho aos nossos, que lhe forão seguindo o alcanço, e lhe chegauão alguns com as lanças; com que a pressa foy tanta que nom cabendo pola porta forão fogindo derrador da cerqua, onde os nossos os alcançauão e derrubauão. E porque os mouros temerão que os nossos entrassem enuoltos com os mouros largarão porta d'alçapão que tinhão: ao que os esquadrões ambos chegarão, e os fidalgos e caualleiros derão nos mouros tão fortemente que todos fogirão, e outros sobião ao muro per touqas e cordas que lhe deitauão de cyma do muro. Ao que os nossos que-

rendo defender, de cyma com pedras e frechas e arteficios de fogo, e tiros d'espingardões que tirauão os renegados, que erão vinte e tres que andauão com os mouros, que se com elles deitarão depois que se veo João Machado, os quaes arrenegados erão os capitães e móres [1] * guerreiros, ao pé * do muro foy morto Diogo Correa, Ruy Galuão, Manuel de Sousa, queimados de fogo que lhe deitarão, e forão feridos Pero Mascarenhas, que foy o primeyro que chegou á porta, e Lopo Vaz de Sampayo, Fernão Gomes de Lemos, Ayres da Silua, Pero d'Alboquerque, João Pereira mulato, dom João de Lima; e mortos outros homens sem nome, que per todos forão noue, e feridos muytos. Onde chegando o Gouernador mandou retirar a gente pera fóra, e nom consentio que entrassem após os mouros que estauão metidos em hum tamargal de terra de vaza, em que os mouros estauão atolados até a cinta.

E porque era já tarde o Gouernador se tornou pera' cidade, e se assentou a descançar ás duas aruores e tomar a viração que fazia; porque a gente vinha muy cançada, e afrontados com as armas, com que todos folgarão de repousar; onde fez muytos caualleiros com grandes honras de palauras de grandes louvores a todos e a cada hum, e sobre todos a Pero Mascarenhas, que fez grandes fauores, o abraçando e beijando na face. Do que entrou escandalo d'enueja em alguns fidalgos que o nom puderão soffrer, que foy Francisco Pereira Pestana, Gracia de Sousa, Ayres da Silua, Fernão Gomes de Lemos; dizendo Francisco Pereira ao Gouernador: « Senhor, a só Pero Mascarenhas fazeys mais es- »
« tremes honras que a quantos vos aquy seruimos. O que todos mere- »
« cem, porque ninguem nos fez auantagens; e no que fazeys mostraes »
« que só Pero Mascarenhas fez o feito sobre todos, o que se nom póde »
« soffrer, que parece desprezo dos outros. » O Gouernador lhe respondeo, aleuantandose em pé e fallando com todos, dizendo: « Senhores, eu se- »
« ja perdoado de meu erro, se o fiz, que nom cuidey que o fazia; por- »
« que * de * todos vossas mercés são tão valerosos vossas pessoas e feitos, »
« que eu lhes nom possa fazer as honras que merecem, que só ElRey nos- »
« so senhor he o poderoso pera ysso, e eu não, que são vosso companhei- »
« ro. E se me demasiey com Pero Mascarenhas nom he por lhe querer »
« mais que a todos, sómente com meu aluoroço, e ser elle homem man- »

[1] * guerreiros onde ao pé * Autogr.

« cebo, que deixou o descanso de sua forteleza por vir seruir. A elle »
« he necessario lhe dar hum pouco do muyto que já tem vossas mer- »
« cês. E por tanto meu erro se me deue leuar em conta. » Com que abalou pera' cidade; e o Gouernador mandou curar e repairar os feridos, determinando logo pôr cerquo sobre os mouros em Banestarim por mar e por terra.

CAPITULO XXXVIII.

COMO O GOUERNADOR CERQOU OS MOUROS EM BANESTARIM POR MAR E POR TERRA, E OS GUERREOU, COM QUE SE DERÃO A PARTIDO, QUE SE FOSSEM COM SUAS PESSOAS SÓMENTE, E FIQOU A ILHA DE GOÁ DESPEJADA DE MOUROS, E OS PASSOS PROUIDOS COM BOA GUARDA.

O Gouernador assentando cerqar os mouros, porque os vio estar tão fortes que nom querião largar Banestarim, mandou logo concertar dous nauios, que deu hum a Fernão Gomes de Lemos e outro a Antonio de Matos, e huma barcaça a João Gomes, com huma bombarda grossa, e a barca com bordos altos de tauoado por defensão das frechas, e os nauios assy com arrombadas d'estrens de cairo por fóra, e pontes e mantas de grosso tauoado por defensas dos tiros, e os nauios cada hum com dous camellos, e pelouros, poluora, bombardeiros, e valentes marinheiros, que estes nauios auião de estar de huma parte da forteleza pera' banda do passo sequo; que logo com a maré forão polo rio, leuando escoras polas bandas pera ficarem dereitos assentados na vaza, quando vazasse a maré. E porque o nauio d'Antonio de Matos era [1] * grande, com * o peso d'artelharia que leuaua em cyma sossobrou, com que o descarregarão, e Fernão Gomes e a barcaça passarão e se puzerão perto da forteleza dos mouros; com que logo começarão sua obra, que foy grande, de muyta artelharia e espingardões, e frechas que os cobrião, e lhe tirauão com quatro bombardas grossas; mas comtudo os nauios lhe fazião tal obra que tiuerão o passo seguro d'aquella banda.

Então o Gouernador ordenou dous batés com mantas fortes e com tiros grossos, e com arrombadas; e concertados de todo o que lhe compria á nao São Pedro mandou meter seis camellos, e lhe fazer defensas

[1] * grande e com * Autogr.

e arrombadas d'estrens por fóra, e n'ella por capitão Simão de Miranda, com muyta poluora e pilouros, e doze bombardeiros, e corenta valentes marinheiros; e mandou entrar a nao por Goa velha, que ñom andaua senão com a enchente da maré, que quando era vazia ficaua assentada na vaza, dereita, com escoras que pera ysso leuaua; e Vicente d'Alboquerque em outro nauio pequeno assy muy artilhado e bem concertado; e Ayres da Silua em outro nauio, todos como compria. E mandou a Simão de Miranda que tomasse o passo com a nao, e os nauios que o seguirião, em modo que nada pudesse entrar nem sayr polo passo; e que atrauessasse a nao no rio que nom virasse com a maré, e pusesse a proa na forteleza por estar mais guardado dos tiros dos mouros; e que os bateys estiuessem das ilhargas da nao com ella emparados, com que pudessem fazer melhor sua obra, e os outros nauios se chegassem quanto pudessem, e que todos dessem grande bataria. E como o Gouernador era corioso em suas cousas, mandou a dom Gracia que désse ordem aos petrechos que auia de leuar ao arrayal, e elle se meteo em hum catur esquipado de marinheiros portuguezes, e com quatro seus criados se foy fóra pola barra e foy por Goa a velha a Banestarim ver como os nauios estauão concertados, e andou toda a noite fallando a todos, e os pôs na ordem que compria, e se tornou á cidade.

Os mouros, vendo hir a nao e os nauios que lhe hião tomar o passo, fizerão pera sua defensão grande aprecibimento, assentando a milhor artilheria que tinhão pera o rio, em modo que á noite, que a nao com a maré chegou ao passo, lhe tirarão mais de cem tiros antes que amanhecesse, que quando foy menhã a nao era passada de pilouros por muytas partes, e hum só homem morto, da racha de hum páo; porque dentro na nao estauão estrens enrolados, em que no meo se meterão os homens que trabalhauão com os tiros. Mas quando amanheceo virão os nossos que lhe tinhão derrubado o muro por muytas partes, e hum grande lanço caydo, com que as casas ficauão descubertas, em que então dos nossos nauios lhe fazião tanto mal que nom ousauão aparecer. E assy passarão todo o dia com grande trabalho dos nossos, que os mouros lhe ferião muyta gente; e n'este dia forão mortos quatro bombardeiros, porque os mouros assentarão hum tiro grosso como basalisco, que era de camara, com que tirauão muy ligeiramente, com que passauão a nao d'ambas as bandas, e com outros tiros os nauios estauão já muy danifi-

cados; com que a gente se muyto agastaua porque nom fazião aos mouros casy nada, e os mouros lhe fazião grande dano. O que fizerão saber ao Gouernador, que se assy estiuessem até outro dia a nao seria metida no fundo com o tiro grosso que lhe tiraua. Do que o Gouernador muyto agastado chamou João de la Camara, condestabre mór da India, que o fizera o Visorey dom Francisco d'Almeida em Dio, quando de hum tiro meteo no fundo a capitaina dos rumes, como em seu lugar contey; ao qual o Gouernador muyto encomendou que lhe fosse quebrar aquelle tiro dos mouros, que por ysso lhe faria mercê. Ao que logo foy o condestabre em huma almadia de noite, por Goa a velha, e se meteo em hum dos batés que tinha hum camello de marca grande, em que tomou o ponto com o tiro dos mouros muyto á sua vontade, e se meteo detrás da nao, e aguardou até ser maré chea, com que o batel ficou tão alto como o tiro dos mouros, e quando vio seu ponto como quis deu fogo, e quis Nosso Senhor que meteo o pilouro pola boca da bombarda dos mouros que então desparaua, e lhe tomou o pilouro dentro, que acendeo fogo e a bombarda arrebentou em muytos pedaços, que matarão tres arrenegados e cinqo mouros, e ferio treze ou quatorze, que todos ajudauão ally tirando com outros tiros. O que fez grande desbarato nos mouros, com que forão em muyta toruação, ao que os nossos derão grandes gritas, tirando muytos tiros com pouqa poluora, com que os pilouros mortos cayão dentro antre os mouros e matauão muytos polas ruas. Do que veo recado ao Gouernador, com que logo partio da cidade com toda a gente armada, e os canarins da terra leuauão muyta artelharia, grossa e miuda, encarretada, e muyta poluora e pilouros, e mantas, escadas e banqos pinchados, e muytos cestos de canas feitos como toneis pera bastiães; e deu a guarda do campo e condestabre do arrayal a Pero Mascarenhas, com os outros capitães e gente da ordenança; e assentou arrayal sobre Banestarim com muyto concerto. Assentou estancias com fermosa artelharia, de que deu a guarda a capitães repartidos.

Os mouros de Banestarim, vendo hir polo campo a gente do arrayal, cuidarão que os nossos o hião abalroar e entrar com elles. Pera o que se aperceberão grandemente com muytos artificios, e azeite e manteiga quente em fogueiras, que tinhão pera tudo deitar sobre os nossos, com muytas panellas de poluora; e muytas bandeyras polas torres e cu-

bellos, tirando muytos foguetes, e dando gritas, tangendo muytos atambores. O que sendo dito ao Gouernador, mandou diante dom Gracia que nom consentisse ninguem chegar ao muro nem a tiro de frechas; e chegando repartio as estancias, que logo assentou, forradas de grandes vallados que fazião a gente da terra, pera o que trazião muytas enxadas, e picões, e cestos, e machados, com que muy breuemente tudo foy assentado, e detrás das estancias os capitães aposentados em suas tendas, que cada hum tinha a cargo sua estancia, que todos fizerão repairos pera os tiros do muro, onde cada hum capitão daua mesa á sua gente com muyta auondança.

O Gouernador mandou ao condestabre mór hum bacio de prata d'agua ás mãos, de mercê pola bombarda que quebrára aos mouros, e lhe mandou que repartisse os bombardeiros polas estancias, e mandasse apontar no muro pera em amanhecendo dar bataria. O que assy foy feito, que ao outro dia amanhecendo, despararão todas as estancias no muro, e os mouros assy o fizerão; mas o muro e ameas foy roto por muytas partes, com muytos mouros mortos; o que as nossas estancias fizerão todo o dia. E porque o muro estaua aberto por muytas partes, os capitães muyto fallarão ao Gouernador que os fossem entrar á escala vista; o que o Gouernador nom quis, dizendo que nom auia d'auenturar nada mais que os pilouros d'artilharia, que esperaua em Deos que lhe auião de dar os mouros em seu poder todos atados de pés e mãos.

Os mouros, quando virão o grande poder da nossa artilheria ouverão muyto temor, e todos disserão ao Roçalcão que compria que trabalhassem por despejar o passo pera se saluarem, porque sem duvida que o Gouernador tinha tamanho poder d'artelharia e gente que nom se podião saluar por armas, senão polo passo pera a terra firme, ao menos doze mil almas de familia que ally tinha. Polo que então o Roçalcão mandou fazer toda a guerra contra os nauios, porque os mouros que estauão em Banestarim ençarrados passauão de quinze mil, e estauão muy agoniados de muytas faltas, sem esperança de secorro; e cada dia o Roçalcão auia seus conselhos, porque nossas estancias nom cessauão quanto podião de dia e de noite.

Os mouros puserão todas suas artelharias contra os nauios, e per acerto meterão hum pilouro no nauio de Ayres da Silua, que foy dar onde estauão huns barris de poluora, que tomarão fogo e arrebentarão a

cuberta do nauio pera cyma, que matou tres homens e muytos feridos, e toda a gente se deitou ao mar, que só Ayres da Silua ficou no chapiteo. Ao que os mouros derão grandes gritas; mas n'este comenos acertou de cayr hum lanço do muro da parte do arrayal, com que parecerão as casas de dentro, a que do arrayal assy derão grandes apupadas, e logo os capitães quiserão hir entrar; mas o Gouernador o nom consentio, porque João Machado lhe disse que tinha noua de dentro que o Roçalcão tomaua conselhos de concerto.

Porque assy estando os nossos nauios já casy perdidos, que nom tinhão mastos nem vergas, e os castellos espedaçados, que cuidauão os mouros que n'elles nom estaua gente mais que os bombardeiros que tirauão, foy dito a Simão de Miranda que á outra banda da terra firme era chegada huma cafila de quatrocentos bois carregados de arroz, que estauão ahy perto aguardando recado do Roçalcão, polo que Antonio Raposo, e Vicente d'Alboquerque, e Ayres da Silua se ajuntarão com sua gente nos esquifes, que serião até cem homens do mar e d'armas, que ante menhã forão dar na recoua, e matarão muytos negros e deceparão muytos bois, que recolherão e trouxerão aos nauios, porque estauão junto da borda d'agoa; e tomarão muytas roupas, e puserão fogo no que ficou. Polo que, sendo ysto sabido dos mouros forão em muyta desesperação, *e* vendo que nada lhe podia entrar, e que nos nauios estaua gente que lhe podião tolher almadias que nom passassem, muyto assentarão que ouvesse concerto; o que os arrenegados muyto temião. O Gouernador n'esta noite mandou a Pero Mascarenhas que com a sua gente melhorasse a sua estancia, que a chegou muyto ao muro com muytos cestos em pé cheos de terra, e antre elles assentadas oito peças grossas. No que se deu tal auiamento que amanhecendo derão bataria ao muro por espaço de mea hora, com que cayo hum grande lanço do muro, tão raso que todo o de dentro pareceo e os nossos podião entrar. Ao que acodio o Roçalcão com toda sua gente por defender a entrada aos nossos, porque ouve grande aluoroço em todo o arrayal a querer entrar, que sem duvida tudo fôra acabado, e já que a gente de Pero Mascarenhas começaua a trauar a escaramuça, o Gouernador muyto á pressa mandou toquar a trombeta a recolher, e mandou dom Gracia que foy reter a gente, que muyto recramou, e os capitães se muyto queixarão com o Gouernador porque nom entraua, que os mouros estauão tomados ás mãos.

O Gouernador lhe disse que elles como caualleiros querião obrar, mas que a elle como capitão lhe compria mandar; que bem via que os mouros estauão bem arrematados, mas que erão doze mil homens, que auião de pelejar até morrer por venderem seus mortos, na qual profia forçadamente dos portuguezes auião de morrer alguns, e elle estimaua mais a vida de hum homem que matar cem mouros; que elles já estauão tomados, que elles se entregarião, e se o nom fizessem, que então forçadamente se arriscarião ao que Deos quigesse. Com que os capitães cessarão de sua furia.

Os mouros, vendose em tal ponto, começarão alguns a querer passar além do rio, e saluar os filhos e molheres a nado apegados em [1] * tauoas *; o que sentindo os nauios acodirão com os esquifes, com que matarão e tomarão alguns. Do que logo veo recado ao Gouernador; com que então os capitães se tornarão 'azedar contra o Gouernador, dizendolhe Francisco Pereira Pestana, e Lopo Vaz de Sampayo, e dom João de Lima, que pois que nom queria matar os mouros que os deixasse fogir, e lhe mandasse largar o passo. O Gouernador disse que tal nom faria, porque elle nom mandára tomar o passo senão pera tomar os mouros, porque elles nom quiserão fogir quando elle queria; que agora, largandolhe o passo que se fossem, hirião dizendo que de medo de nom pelejarmos os deixaramos hir. «Deixemolos estar que nossos são com 'ajuda do Senhor» «Deos, que eu tenho certeza que elles estão faltos de coração e de to-» «dolas cousas.» No que assy estando, tambem o Roçalcão com os seus estaua n'estas requestas, em que assentarão que cometessem concerto, pera o que pedissem tregoas; o que assentado, logo no muro puserão huma bandeyra branca, com que no arrayal ouve prazer; mas outros dizião que nom era bem que ouvesse concerto, e o bradarão ao Gouernador, e elle lhe disse: «Eu farey o concerto se mo bom pedirem, e» «se largar os mouros vossas mercês verão que nom tem fazendas que» «agora lhe podessemos tomar, mais que seus corpos e armas, que se» «lhe quigessemos tomar por força muytos dos nossos o pagarião; mas» «veremos o que querem e assy faremos.»

Então mandou João Machado ao pé do muro a vêr o que querião, e do muro lhe disserão que o Roçalcão pedia seguro ao Gouernador pe-

[1] * tauvos * Autogr.

ra lhe mandar seu recado, e que queria concerto, pera o que era necessario que lhe désse tregoas. O qual recado sendo dado ao Gouernador, presente os fidalgos e capitães, lhe disse: «Senhores, agora nos com-» «pre acertar, que em nossas mãos temos a faca e o queijo»; mas que elle *tinha* muyta magoa d'este mouro, porque o mandára o Hidalcão a fazer pazes e elle fizera guerra. Sobre o que bem praticado, disserão que pois assy era que fizesse o concerto á sua vontade; e o Gouernador lhe deu o seguro.

O Gouernador estaua aposentado debaixo de huma grande aruore de sombra, que tinha tão grosso o pé e de tantas raizes, que tinha emparo dos tiros dos muros, e grande estancia pera muyta gente, afastada do muro hum tiro d'espingarda, onde com elle estauão sempre os capitães de dia. Da forteleza vierão dous mouros honrados, que entrando onde estaua o Gouernador lhe fizerão suas grandes cortezias, e mostrarão huma chapa do Roçalcão de crença, e de palaura disserão: «Se-» «nhor grande capitão, o Roçalcão, capitão d'aquella gente e forteleza,» «diz que elle fará comtigo qualquer partido que seja rezão, por escu-» «sar as mortes que estão certas nos que pelejão, e catiueiro da gente» «miuda. Do que, senhor, deues ser contente mais com a victoria fol-» «gada que nom trabalhada per guerra. E que se ysto lhe denegares» «nom podera al fazer senão pelejar até morrer com quantos com elle» «estão. Que queiras tomar o vencimento sem sangue, que d'outra ma-» «neyra parecerá soberba; que a elle nom lhe dóe sua fortuna, senão dos» «mesquinhos, que com elle estão doze mil homens que como desespe-» «rados ally morrerião com elle, pois nom terião outra saluação senão seu» «bom pelejar.» O Gouernador, com sua paixão, logo respondeo aos mouros: «Hi dizer a vosso capitão que suas fallas são boas e as obras roins;» «polo que de mym nom terá nenhum concerto, porque foy trédor a seu» «senhor o Hidalcão, que aquy o mandou pera com o Pulatecão pelejar» «e lho mandar preso, e com o capitão da cidade e portuguezes assen-» «tar pazes; o que elle nom quis fazer, mas fez muyta guerra. Polo» «que saiba certo que lhe nom hey de perdoar, senom se me entregar» «com quanta gente tem, com tudo, assy como estão dentro n'essa forte-» «leza, pera a elle mandar carregado de ferros ao Hidalcão. E da gen-» «te farey o que me rogar o Hidalcão, porque o nom mandou fazer a» «guerra e malles que fez; polo que com estes meus fidalgos e caual-»

« leiros o hey de hir tomar ás mãos e o pingar com toucinho, porque »
« foy trédor ao que lhe mandou o Hidalcão seu senhor. »

Da qual reposta os mouros espantados se tornarão, e a derão ao Roçalcão, com que todos forão postos em muyta toruação. E logo tornou a mandar reposta ao Gouernador, dizendo que era verdade o que dizia, mas que depois o Hidalcão lhe mandára que fizesse guerra; que lhe muyto rogaua que lhe mandasse João Machado pera com elle auer seu conselho. O que duvidou o Gouernador, mas João Machado foy contente de se arriscar ao perigo, e foy, e fallou com o mouro, e foy e veo com muytos recados em pubrico e em secreto, em que dom Gracia ajudou muyto ao mouro, porque lhe mandaua cartas e recados por hum seu criado, e aprefiaua que o Gouernador fizesse concertos; contra o que erão todolos capitães e fidalgos, e tinhão com elle muytos debates. O que durou tres dias, em que o mouro teve espaço de mandar seu recado ao Hidalcão, que lhe mandou sua carta, que se disse que elle mesmo a fizera pera o Gouernador, em que lhe muyto rogaua que assentasse boa paz e amizade que elle guardaria pera sempre, e que largasse seu criado Roçalcão e sua gente. E este recado, que assy veo ao Gouernador, os praguentos do arrayal disserão que tudo ysto fora assy ordenado por dom Gracia, que em secreto ouvera grande peita do Roçalcão, porque elle muyto aprefiou contra todos, apertando com o Gouernador que outorgasse o que pedia o Hidalcão; e porque dom Gracia era muy pobre, o Gouernador seu tio ordenára como lhe fosse dada a peita. E tanto d'ysto se fallou, e affirmou, que foy capitulado a ElRey contra o Gouernador por Gaspar Pereira, e outros contrairos que d'elle fallauão mal.

Mas o Gouernador, esguardando todo o que compria ao seruiço de Deos e estado d'ElRey, e conseruação de Goa, concertou com o mouro, dizendo que por amor de lho rogar o Hidalcão, com que [1] « desejaua » ter boa paz, lhe daua logar e seguro que elle se fosse pera seu senhor o Hidalcão, com toda quanta gente grossa e miuda tinha, sem leuar armas, nem cauallos, nem mais fato que o vestido, e todo o mais com 'artelharia ficaria; entregandolhe os arrenegados, e escrauos e escrauas que fogirão de Goa. O que tudo o Roçalcão consentio, sómente os arrenegados, porque daria muyto dinheiro polos nom entregar; no que nada pô-

[1] « deseja » Autogr.

de acabar com o Gouernador. Então lhe pedio as vidas, que o Gouernador de boamente lhe outorgou, e d'ysso lhe deu seu assinado; os quaes logo entregou primeyro que nada, que forão dezanoue, porque os outros erão já mortos; os quaes logo forão leuados á cidade e metidos no tronqo carregados de ferros. E deu aos mouros espaço de dous dias que se passassem, e mandou dizer aos nauios que lhe nom fizessem empedimento nenhum. Mas o Roçalcão e seus capitães nom aguardarão, que como foy noite com suas molheres se concertarão, e ante menhã se passarão. E porque auia grande aluoroço, e os portuguezes entrauão a roubar, e sobre ysso ferião e querião matar, sendo dito ao Gouernador, mandou dom Gracia que entrasse na forteleza e nom consentisse que se fizesse nenhum mal; e porque nom auia passagem pera tanta gente, mandou aos marinheiros dos nauios que com os batés os passassem, se lhe pagassem. Com que elles despejarão os batés dos tiros que tinhão, e se meterão a passar a gente, em que ouverão bom pagamento de roubo. Então se affirmou mais que dom Gracia ouvera a peita, porque muyto defendia que nom fizessem mal aos que passauão. Todauia forão muyto roubados.

Então se ajuntarão muytos canarins e trabalhadores que os mouros tinhão em poder, e se forão ao Gouernador pedir seguro, que lhe nom fizessem mal, porque elles nom querião hir com os mouros e querião viuer na terra. Com que o Gouernador muyto folgou, e pôs n'elles grande guarda que lhe nom fizessem mal. Então com esta gente mandou leuar pera' cidade todas as monições e os cauallos, e carregar nos batés toda' artelharia, deixando a que auia de ficar no passo; e mandou derrubar muyto dos muros, e logo mandou fundar huma fermosa torre de grossas paredes de dous sobrados, e o de cyma terrado, com huma varanda da banda da terra firme d'onde tirauão peças grossas, e per baixo huma muralha grossa; e lhe pôs nome a forteleza de são Pedro, porque a nao são Pedro a conquistou. E fez d'ella capitão Bastião Gonçalues, casado, caualleiro e da criação d'ElRey. E no passo seqo mandou fazer outra grossa torre com artelharia, de que fez capitão João Gonçalues, criado do conde de Villa Noua, que n'ella esteue muyto tempo. Em cada passo d'estes pôs homens portuguezes, e tanadar, com naique com cincoenta piães que vigiassem. E assy concertou o passo de Daugim, e a torre de Naruha que era feita dos mouros, e a derrubou e fez mais forte, e n'ella pôs por capitão Simão Diniz, homem da criação d'El-

Rey, assy com homens portuguezes e piães de vigia; e concertou o castello de Pangim, e fez a chapa da forteleza da cidade, e tudo repairou e proueo como compria.

Esteue em Banestarim seis dias, até que recolheo todo, que mandou pera a cidade. Então se veo com toda a gente, onde lhe fizerão recibimento com a cruz, e crelgos, e gente em procissão em louvor da vitoria. E porque achou que Bastião Gonçalues era culpado com os que estauão presos, o tirou do passo, e fez d'elle capitão Nuno Freire, homem fidalgo que então se casou, e lhe deu trinta homens portuguezes que tiuesse no passo, com quatrocentos piães da terra, e lhe deu bom ordenado, e da renda da terra pagamento a toda a gente.

Sendo Banestarim assy despejado auia quatro dias, soube o Gouernador que vinha hum capitão do Hidalcão com muyta gente a secorro do Roçalcão: com que se descobrio que as cartas que o Roçalcão mostrára erão falsas; e porque o Hidalcão soubesse que entanto nom assentasse pazes que lhe auia de fazer a guerra per todas partes que pudesse, mandou recolher todos os nauios dos passos, e mandou Gracia de Sousa com quatro velas que fosse guerrear todolos portos do Hidalcão até Dabul, e que lhe fizesse todo o mal. E porque lhe pareceo rezão estar bem guardado o rio, mandou em Pangim fazer huma coiraça com hum baluarte n'agoa, em que pôs boa artelharia, e fez capitão Diogo Ferreira, homem fidalgo, com vinte homens e quatrocentos piães; e em todos os passos * pôs * bombardeiros, e todos estes capitães suditos ao capitão da cidade, tudo com bons regimentos, e tudo muy apontado das vigias, e a pagamentos; e em Agacim e em Goa velha tanadares e piães pera guardar.

CAPITULO XXXIX.

DO QUE FEZ O GOUERNADOR DEPOIS DE LANÇAR OS MOUROS FÓRA DA ILHA DE GOA, E DA JUSTIÇA QUE FEZ DOS ARRENEGADOS, E DOS QUE ESTAUÃO PRESOS QUE ORDENAUÃO VENDER GOA AOS MOUROS, E OUTRAS COUSAS QUE DESPACHOU PERA O REYNO.

DEPOIS de os mouros serem deitados fóra da ilha de Goa, o Gouernador proueo e afortelezou os passos da ilha, como dito he. Logo entendeo com os arrenegados que estauão com o Roçalcão, os quaes, com bara-

ços nos pescoços e mãos atadas detrás, forão leuados á picota fóra da cidade, com pregão que dizia: «Justiça que manda fazer ElRey nosso» «senhor, que manda bascamar estes homens, porque forão trédores a» «sua ley e a seu Rey; e a morte lhes he perdoada por amor do Hidal-» «cão.» E chegados á picota negros algozes e moços do pouo lhe depennarão e arrancarão quantas barbas tinhão, até as sobrancelhas, e lhe tirarão com lama fedorenta de chiqueiros de porcos, que pera ysso já estaua prestes, aos rostros e olhos, onde os fizerão taes que lhe nom pareciāo os rostros; com que forão tornados á prisão, em que jazião deitados com correntes de ferro nos pés e pescoços, e algemas nas mãos, e assy como jazião mijauão e sayão por sy. Então ao outro dia, assy d'esta maneyra como estauão, os tornarão a leuar á picota com o mesmo pregão, onde lhe cortarão as orelhas rentes e os narizes, e os tornarão á prisão, onde os meterão como estauão assy nas correntes de ferro, sem serem curados. E ao outro dia assy os leuarão á picota com seu pregão, onde lhe cortarão as mãos direitas e os dedos polegares das esquerdas; com que forão tornados á prisão, e forão curados de suas chagas. De que na prisão morrerão mais d'ametade d'elles, e os que ficarão forão soltos, que liuremente se fossem per onde quigessem; o que assy fizerão, que todos desapparecerão. Em Cochym fiqou hum, que se chamou Pedreannes das mãos, que certamente fez vida de bom homem, andando seruindo nos espritaes, e enterrando mortos que leuaua ás costas, que erão homens da terra que morrião desemparados: e viueo até o tempo do Gouernador Nuno da Cunha. Outro, que se chamava Fernão Lopes, que se nom quis vir com João Machado, que atrás contey, este se meteo em huma nao do Reyno, que em Lisboa tinha molher e filhos, a qual nao foy aportar na ilha de santa Elena, onde tomarão agoa; onde este Fernão Lopes fiqou escondido, o qual achado menos na nao o forão buscar, e o nom achando lhe deixarão hum quarto cheo de biscoito, e tassalhos de carne, e pexe sequo, e sal, e fogo, e roupas velhas que cada hum deu; e a nao se partio e lhe deixarão huma carta que vindo ally ter alguma nao désse sinaes de sy se era morto ou viuo, e se mostrasse pera o prouerem do que ouvesse mester; e a nao se partio. Fernão Lopes, vendo a nao partida, sayo do mato e tomou o que achou, e acendeo o fogo que se nom apagasse, e logo buscou pedras, que bateo humas com outras, e vio que ferião fogo, e as guardou. Assy

com os quatro dedos [1] * da * mão esquerda, e com o cotinho da direita que tinha cortada, como Deos lhe ministraua por sua grande misericordia, cauou em huma ribanceira, em que fez huma lapa, que dentro fez grande, em que se recolhia e dormia, e a boca da lapa tapaua com tojos. Achou heruas tenras, que erão gostosas de comer, que cozia com sal em duas panellas que lhe deixarão. Assy estando, o outro anno foy hy ter huma nao, e elle vendo vir a nao se escondeo. Os da nao, sayndo em * terra * que acharão a lapa, e cama de palha em que dormia, e os sacos, e as duellas do quarto em que lhe deixarão o biscoito, e as panellas, e os caruões do fogo, ficarão espantados, e crerão que erão negros que ficarião ally fogidos d'outra nao; mas vendo o fato assentarão que era homem portuguez. Tomárão sua agoa, nom bolirão em nada, antes lhe deixarão biscoito, e queijos, e cousas de comer, e huma carta em que lhe dizião que nom se escondesse, que quando nao ally portasse fallasse, que ninguem lhe faria mal. E a nao se fez á vela. Em largando as velas da nao cayo ao mar hum galo, que as ondas trouxerão a terra, que o Fernão Lopes recolheo, e lhe daua arroz que lhe deixarão, com que o galo fiqou com elle em tal amizade que sempre o acompanhaua onde andaua, e de noite se recolhia com elle á coua. Este galo esteue com este homem muytos annos, a que elle chamaua; que depois passando o tempo este homem parecia, e fallaua com a gente das naos que passauão, e todos lhe dauão cousas pera prantar e semear, em que fez muytas aboboras, romãs, palmeiras, ades, galinhas, porcas, cabras prenhes, que tudo se fez em muyta criação, e tudo se fez brauo do mato. Este homem esteue muytos annos só n'esta ilha fazendo esta espantosa vida, o que sendo dito a ElRey desejou muyto de o vêr, porque lhe dizião que era como homem saluagem; polo que ElRey o mandou rogar que por sua vontade fosse ao Reyno. O que elle fez, e foy, e escondido desembarqou em casa do capitão da nao, d'onde de noite hia fallar com ElRey, e a Raynha, que lhe dauão hermedys e casas de frades em que estiuesse; o que elle nada quis aceitar, mas ouve licença d'ElRey e se foy a Roma, e se confessou ao Papa, que folgou de o vêr, e ouve cartas pera ElRey que o tornasse a mandar á ilha. O que assy o fez ElRey, como adiante direy em seu lugar. Esteue este homem n'esta ilha

[1] * a * Autogr.

passante de dez annos, sem nunqua o ninguem vêr, porque se elle escondia. N'esta ilha fiqou hum moço jáo fogido, que assy esteue com elle muytos annos. Este moço foy o que o descobrio a huma nao que hy foy ter, em que hia por capitão Pero Gomes Teixeira, que fôra ouvidor geral na India, que fez tantos medos ao negro que o foy descobrir onde estaua escondido; que vendose tomado fez grandes prantos, cuidando que o querião leuar na nao; mas Pero Gomes o consolou, e com elle muyto fallou, e segurou que o nom leuaria, e lhe deu muytas cousas, postoque elle as nom queria e muy aficadamente lhe rogou que leuasse o moço. O Pero Gomes o leuou, com Fernão Lopes lhe prometter que se nom esconderia á gente. O que assy concertado, o Pero Gomes lhe deixou hum seu assinado em que pedia por mercê a todos os capitães, que ally chegassem, que nom fizessem força ao querer leuar ao Reyno contra sua vontade, porque todos os tempos passados que se escondia era com esse medo que tinha; polo que lhe dera seguro em nome d'El-Rey, e lho jurára, que ninguem o leuaria da ilha contra sua vontade. Com que o Fernão Lopes fiqou seguro, com que se nom escondia, e fallaua com todos, e daua do que nacia na ilha, que foy em muyto crecimento; e na ilha morreo depois d'ahy a muyto tempo, que foy no anno de 1546.

Depois de o Gouernador assy executar os arrenegados, como dixe, logo entendeo nos que estauão presos pola traição de Goa quererem vender aos mouros; porque o Gouernador quis que ouvessem elles grandes medos, vendo os malles que fazia aos arrenegados, de tão graues malles e pubricos e vergonhosos sinaes, pera em quanto viuessem por memoria os vendo as gentes se lembrassem de tamanho castigo, e mórmente antre as gentes d'estas partes, que lhe fez grande espanto, que forão móres malles que mortes.

Sobre os presos o Gouernador teue grande conselho muy secreto com Manuel de Lacerda capitão, que antre ambos assentarão o modo que ambos auião de ter n'esta cousa; o que praticou com dom Gracia e com todos os capitães em grande segredo, em que o Gouernador prepôs, dizendo que os presos ordenauão e nom fizerão, polo que total condenação nom merecião; e dandolhe pena de trédores, como merecião, erão muy grande doesto e infamia que pera sempre ficaria aos portuguezes casados de Goa, que depois polos tempos em diante antre os bons e máos aueria

contendas, dizendo que seus filhos erão da casta dos trédores; e os casados de Goa elle tanto desejaua e trabalhaua que fossem honrados alicerces pera sempre: o que tudo ficaria danificado e mascabado o nome de casados de Goa, que duraria pera sempre. Polo que lhe parecia que esta cousa se deuia de temperar com dissimulados modos. «E vós, se-» «nhor Manuel de Lacerda, vos deueys de dar n'ysto por culpado, eu dei-» «tando a culpa sobre vossa mercê; e o soffra por tamanho seruiço que» «n'ysso fará a Deos e a ElRey nosso senhor; e direy que os prendes-» «tes com falsidade, em modo que a este tom os possa soltar da prisão» «em que estão, por nom fazer justiça de tantos agora ao presente; mas» «se a Nosso Senhor aprouver me nom ficarão sem paga.» O que todo assy foy concordado com vontade do capitão. Então o Gouernador chamou o ouvidor que lhe trouxesse os autos dos presos, e mandou tirar outras testimunhas, e declarou que estauão mal presos, que forão falsidades que lhe buscarão, porque em quanto estiuessem presos lhe danassem suas [1] *molheres*; que o capitão que tinha a culpa nom seria mais capitão de Goa: e deu logo a capitania a Pero Mascarenhas. Então o Gouernador os mandou soltar pouqos e pouqos, dando a entender que os nom achaua culpados, dando toda a culpa ao capitão, o que assy foy espaçando polo tempo que todos estes que erão culpados os mandou pera Malaca, e Cochym, e Cananor, e por outras partes, que nenhum fiqou em Goa, nem nunqua mais a ella tornarão; e ao dom Fernando, que era o principal na culpa, com elle dissimulou huns dias, e por hum queixume, que mandou que d'elle lhe fizessem falso, o tornou a mandar prender a bom recado em ferros, em que muyto tempo esteue metido em huma só casa apartado, sem ninguem fallar com elle, e depois o mandou meter na logea da torre de Banestarim em huma casinha muy pequena em que só cabia o catele, onde morreo.

E tudo assy acabado, o Gouernador despachou suas cartas pera o Reyno, dando conta a ElRey muy miudamente de tudo ysto; e mandou pera o Reyno Diogo Mendes assy preso, com seus autos que fossem apresentados a ElRey. E porque n'estas naos ElRey escreueo ao Gouernador

[1] E' a palavra que nos pareceu caber na lacuna do Autographo. Não a escrevemos, porém, sem hesitar, porque tractando-se d'um facto desairoso toda a circumspecção é pouca.

sobre Goa que se nom fosse seu seruiço sostela que a largasse, e ysso escreueo ElRey por muytos enduzimentos que lhe fez Gonçalo de Sequeira, e Duarte de Lemos, enuergonhados de nom hirem ajudar ao Gouernador quando tomou Goa, estando elles em Cochym, e porque Antonio Real, e Lourenço Moreno, e Diogo Pereira * que * estauão mal com o Gouernador que os reprendia em seus erros, conformes com Gonçalo de Sequeira e Duarte de Lemos, por elles escreuerão a ElRey suas cousas, e muyto fallarão contra Goa, dizendo que era doentia, e que sempre gastaria o dobro do proueito porque o Hidalcão sempre a guerrearia e trabalharia pola tomar, que era a principal cabeça de seu Reyno por ter bom porto de nauegações, polo que compria sempre em Goa estar acupado todo o poder da India, e que por assy ser tão prejudicial sem prestar pera nenhum proueito, se a tornassem a largar ao Hidalcão por ysso daria portos e terras na borda do mar, que renderião muyto dinheiro sem trabalho, mas porque o Gouernador tomára esta empreza nas mãos, em que tinha tantas vidas d'homens gastadas, a queria sostentar por nom parecer erro que começára cousa errada; e porque ElRey assy o escreuia ao Gouernador, e que o pusesse em pratica e parecer dos capitães e fidalgos, elle o fez assy. E porque lhe pareceo erro n'ysto auer conselho pubrico chamou os principaes capitães e fidalgos, a cada hum apartadamente, a que deu juramento nos santos auangelhos que tiuesse segredo no que lhe mostrasse, e a ElRey [1] * escreuesse * a verdade do que entendesse. Então lhe mostrou os apontamentos e cartas que lhe ElRey mandára: o que visto por todos em suas cartas escreuerão a ElRey a verdade, que era muy ao contrairo do que lhe tinhão escrito, porque elles tinhão obrigação a seu real seruiço pera hirem á mão ao Gouernador, quando taes erros forão verdade: « porque Goa era a mór cousa »
« que auia na costa da India, e n'ella já os rumes tinhão entiligencias »
« e começo de fazer grande armada, pera que vindo outra do estreito se »
« meterem em Goa, e fazeremse n'ella mais fortes que Rodes; que o po- »
« dião fazer, e ahy com elles se ajuntarem todos os mouros do Malauar »
« e de Cambaya, que tem perdidos seus tratos, e de Goa sayrião tão pos- »
« santes que tomarião a India. Polo que, vendo elles Goa tomada e em »
« poder dos portuguezes tão arrematada, como ora está, pola misericor- »

[1] * espreue * Autogr.

« dia de Nosso Senhor, todos desarmárão seus pensamentos, e os rumes »
« cessárão d'armada que fazião prestes pera passar; o Rey de Cambaya, »
« e de Calecut, mandão seus embaixadores assentar pazes com o Gouer- »
« nador, e assy o faz o Rey de Bisnegá por ter pacifiqos seus portos »
« que tem n'esta costa, e ora muyto melhor o fará o Hidalcão com este »
« encontro que lhe démos em alimpar a ilha de Goa de mouros; o [1] * qual * »
« forçadamente ha de querer paz pola muyta necessidade que tem dos ca- »
« uallos, e renda de seus portos que tem d'aquy até Dabul. Assy que »
« a tomada de Goa foy grande saluação dos malles da India, pois ficá- »
« mos possantes no mar sem contraste dos rumes, porque sendo nós po- »
« derosos no mar somos senhores das terras. » Por este modo que honrados fidalgos escreuerão a ElRey, confiou na verdade que era, * e * escreueo ao Gouernador que trabalhasse o possiuel por fazer Goa na India como era são Pedro em Roma. O Gouernador dizia a ElRey em suas cartas que mór trabalho tinha em amansar as lingoas dos ociosos, que a guerra que tinha com os mouros; porque o Gouernador que fizesse verdade a Deos e a ElRey seria muy desamado e profaçado de muytos malles, e que d'ysto o tempo daria testimunho.

O Gouernador, por atagantar ao Hidalcão, mandou Gracia de Sousa com armada, como já disse, que fosse tapar os portos de todos os rios, e mórmente o porto de Dabul, em que estauão muytas naos pera carregar, de que ao Hidalcão vinha grande proueito; e corresse todos os portos, em modo que nom ouvesse nenhum trato. O que Gracia de Sousa fez per tal modo que o tanadar de Dabul o escreueo ao Hidalcão, o qual, per seu conselho, logo mandou embaixador ao Gouernador com apontamentos d'assento de concertos de paz; mas porque nom vinhão como o Gouernador queria nom respondeo a nada, e dixe ao embaixador que elle queria mandar com elle seu messigeiro ao Hidalcão, pera com elle concertar o que elle nom trazia concertado; 'o que o embaixador disse que folgaua, mas que era rezão que em quanto andassem nos concertos nom era rezão que a nossa armada andasse guerreando os portos do Hidalcão. O Gouernador lhe aprouve, porque desejaua de assentar paz com * o * Hidalcão, lhe aprouve e mandou recado a Gracia de Sousa que désse larga a Dabul e aos outros portos, com lhe noteficar que os

[1] * que * Autogr.

auia de catiuar e queimar se leuassem pimenta e drogas, e quando tornãssem se trouxessem rumes; e ysto despachou per ante o embaixador, e o despedio com lhe fazer mercê, e mandou com elle por messigeiro Diogo Fernandes dail de Goa, e Vicente Fernandes por seu escriuão, e Pero Nauarro por lingoa, com dez encaualgaduras, e hum naique com cincoenta piães de seu seruiço.

E despachado este embaixador, entendeo em despachar o embaixador d'ElRey de Cambaya, que auia dias que estaua em Goa, e o Gouernador o nom despachaua com arreceo que tinha que se soubesse que se apercebia pera o estreito, porque de Cambaya lhe nom fosse auiso, e mórmente porque tinha em vontade cometer a tomar a cidade d'Adem, e a destroir de sua grande riqueza; mas porque chegou outro messigeiro de Meliquiaz ao Gouernador com visitação e 'apressar o embaixador que se despachasse, o Gouernador n'ysso entendeo, e ao messigeiro que veo, que era Cide Alle o torto, capitão do mar de Dio, o mandou com João Machado, que lhe foy mostrar a ilha de Goa, e a forteleza de Banestarim como estaua destroida, onde estauão quinze mil homens tão fortes e com tanta artelharia, que os nossos nauios [1] * esperarão * no passo que tinhão tomado; dizendo João Machado que aos portuguezes nada se podia defender, senão se primeyro todos morressem. E lhe mostrou as torres e fortelezas que estauão nos passos. E tornados á cidade, porque o Gouernador sabia que Meliquiaz era muyto manhoso, e que seu messigeiro era fengido, e que nom o mandaua senão porque viesse espiar tudo, o Gouernador trazia o embaixador e messigeiro comsigo, e lhes mandou mostrar as estrebarias em que tinha quatrocentos cauallos, e a casa d'armaria d'elles, em que tinha pera todos cobertas muy fortes de canas delgadas mociças tecidas com fio, que erão muy fortes, e suas collas de laminas, e testeiras d'aço que tudo estaua muy concertado em casas apartadas. Então lhe foy amostrar as casas dos almazens, que estauão muy concertadas com muyta armaria branca, e muytas lanças e piques, e espadas, e lhe mostrou as terecenas d'artelharia, em que estaua muyta, e mandaua ao Cide Alle que tudo visse pera o dizer a seu senhor Meliquiaz, porque com tudo aquillo, e outro tanto que cad'anno lhe auia de vir do Reyno, tudo tinha pera seruir ElRey de Cambaya, e a elle. E

[1] * esperam * Autogr.

mandaua ao Cide Alle meter a cabeça com a touqua nas bocas das bombardas, porque tomasse a medida dos pilouros que tirauão, e de tudo désse rezão a seu senhor; e lhe mandou armar hum cossolete do almazem, e lhe mandou tirar aos peitos com huma espingarda, com hum pilouro de cera metido em papel, que lhe deu grande pancada que o mouro cuidou que era morto; e lhe disse o Gouernador que leuasse aquellas armas a Meliquiaz, que as visse que as nom passaua espingarda, como elle mesmo vira. Então despachou o embaixador porque ElRey de Cambaya mandaua pedir concertos de paz, ao que lhe o Gouernador respondeo e mandou com messagem Tristão de Gá, e João Gomes por escriuão, muyto atabiados de suas pessoas e seruidores; e lhe mandou dizer que as pazes que elle queria erão por bem de seu proueito pera as nauegações de seus portos; que elle era contente, porque tambem a seus portos mandaria mercadarias, e mórmente a Dio, onde lhe auia de dar lugar pera fazer huma casa forte em que estiuesse segura a fazenda d'ElRey, e seu feitor e os que com elle estiuessem muy seguros, porque em Dio andauão muytos rumes que escaparão ao Visorey dom Francisco, que sempre quererião auer brigas com os nossos; que por esta rezão lha auia de dar a casa como forteleza, e lhe seguraua todas suas nauegações que fossem e viessem, nom tratando pimenta nem drogas, nem trazendo rumes; e todolas naos que de Malaca trouxessem drogas as vendessem em Goa, porque d'ally pera fóra ninguem as podia leuar. Deu a Tristão de Gá grande apontamento de todo o de que podia concertar e tratar, com que os despedio; e ao embaixador fez mercê de boas peças, e mandou a ElRey huma peça de brocado raso, e huma espada com cabos d'ouro anilados, e a Meliquiaz mandou humas couraças de citym cremisym, dizendo que quando lhe doesse o estamago as vestisse, que tinhão virtude que logo nom doeria mais.

Partido Tristão de Gá, o Gouernador entendeo em mandar Gaspar Chanoca a ElRey de Bisnegá, que [1] *elle* lá mandára quando partíra pera Malaca, e elle tornára com reposta com embaixador e presente, que se tornou porque o Gouernador nom era ainda vindo de Malaca. E o mandou com apontamento pedindo forteleza em Baticalá, e que era contente que todos os cauallos que viessem a Goa lhe daria antes a elle que

[1] *ella* Autogr.

ao Hidalcão; com que o despedio. Tambem n'estes dias o Roçalcão, que foy deitado de Banestarim, mandou ao Gouernador muytos recados que lhe désse licença pera lhe vir fallar e * se * fazer seruidor d'ElRey de Portugal. Do que o Gouernador se escusou, porque soube que o Roçalcão se temia do Hidalcão, e se queria meter em nossa amizade por ter nossa ajuda quando se visse em pressa; polo que o Gouernador se escusou de fallar com elle, sómente lhe mandando palauras d'amizades.

CAPITULO XL.

COMO VEO EMBAIXADOR DO PRESTE JOÃO, QUE O GOUERNADOR MANDOU PERA O REYNO, E HUM CRUCIFICIO, QUE SE ACHOU CAUANDO HUM HOMEM HUM ALICERCE DE HUMA PAREDE; E DESPACHOU HUM EMBAIXADOR D'ELREY DE CALECUT, COM QUE ASSENTOU PAZ, E FOY FAZER FORTELEZA EM CALECUT.

Estando o Gouernador assy n'estes despachos lhe veo hum recado do xeque de Chaul, dizendo que elle tinha preso hum mercador por lhe dizerem outros que era máo homem, e que elle dizia que era mandado polo Preste João da Tyopia com recado a elle Gouernador, que nom sabia se era assy; que por tanto elle lho mandaria, se quigesse, postoque elle dizia que auia de mandar por elle. O Gouernador, ouvido este recado, como era grandioso em suas cousas, que de pequenas as queria fazer grandes, mostrou com o recado muyto aluoroço, e mandou agardicimentos ao xeque, e mandou Diogo Fernandes de Beja que fosse em huma galé, e fallasse com elle, e se achasse que era assy como dizia o trouxesse com muyta honra. Diogo Fernandes foy a Chaul, e lhe perguntando quem o mandaua e que recado trazia, respondeo que elle vinha ao Gouernador da India, mandado polo Preste João; que o leuasse a Goa, e elle diria ao Gouernador seu recado, e que se fosse falso, como d'elle dizião e por ysso estaua preso, que então o Gouernador lhe daria o castigo que quigesse. O que ouvido por Diogo Fernandes o recolheo e fez muyta honra, e fez com o xeque que lhe deu tudo o que lhe tinha tomado, e suas molheres e seruidores; com que se tornou a Goa, e sorgio na barra e mandou recado ao Gouernador, que o mandou entrar com a galé embandeyrada, e tirou muyta artelharia diante da cidade. O Gouernador mandou o capitão com muytos fidalgos que forão ao caez onde receberão o

embaixador com muytas honras, e o leuarão ás casas do Sabayo onde o Gouernador estaua aposentado, que o recebeo com muyta honra, e o recolheo em parte do aposento das casas, que erão grandes. Era homem branco, de boa presença e cincoenta annos, com duas molheres de bom parecer, e oito seruidores; e o Gouernador lhe mandou dar abastança do necessario. Diogo Fernandes deu conta ao Gouernador que soubera polo caminho que contára o embaixador que a Raynha Elena, mãe do Preste João, per muytas enformações que tomára de mercadores que corrião polo Egypto, que he conjunto ás terras do Preste, e mercadores do Cairo que correm estas terras com suas mercadarias, ella soubera que auia muytos Reys christãos, de que muytos peregrinos hião á casa santa de Jerusalem, e tomára muyta confiança no que lhe contára Pero de Couilhã, moço da estribeira d'ElRey dom João, que lá fôra ter, como já contey no começo d'esta historia, a que o Preste fez muytas honras, e deu muytas terras e vassallos, e rendas, e o nom quiz deixar tornar pera Portugal senão que primeyro lhe deixasse hum filho por memoria. E este Pero de Couilhã inda era viuo quando lá foy dom Rodrigo de Lima por embaixador, mandado polo Gouernador Diogo Lopes de Sequeira, como em seu logar adiante contarey. A dita Raynha, tomando grande desejo de saber tudo com muyta verdade, fallou com este homem, que era mercador seu natural em que ella muyto confiaua, e o mandou que fosse á India e soubesse toda' verdade do que tanto desejaua; e lhe deu huma terra perto do mar, em que deixou molheres e filhos e familia, e lhe pôs nome Matheus, ao qual deu fechada e pregada huma bocetinha de prata, e dentro outra d'ouro, e dentro hum pouqo do lenho da vera cruz, e lhe disse que se * se * visse em poder de imigos que lhe quigessem tomar a boceta, que era muyto pequenina e metida em outra boceta de cobre, que antes a deitasse no fogo ou no mar, e lha nom tomassem, e sobre a defender morresse. O que assy lho prometeo o Matheus, a que a Raynha deu muyto ouro pera seu gasto, e que a caixinha nom abrisse senão ElRéy de Portugal, com cartas que lhe leuaua, porque achando na India Gouernador d'ElRey de Portugal lhe pedisse embarcação per sua carta que lhe escreuia, e fosse vêr ElRey de Portugal e lhe dar a que lhe mandaua. E a carta era feita em nome do Preste, que elle nada d'ysto sabia, como se depois soube, em que o Preste se muyto conuidaua e offerecia a ElRey de Portugal com grandes irmindades e ligas con-

tra os imigos da fé de Christo, pera o que lhe daria em suas terras dentro no estreito do mar Roxo lugares pera fazer fortelezas, que lhe basteciria de muytas gentes e mantimentos, e que lhe muyto rogaua que se visitassem per seus embaixadores, porque o muyto desejaua. E a carta pera o Gouernador assy era escrita per estes modos, a que muyto rogaua que em suas naos désse passagem a este embaixador, pera que fosse a ElRey de Portugal dar sua carta e recado que lhe enuiaua. O Matheus, que era mouro, se tornára christão a rogo da Raynha e por muyto folgar de fazer esta viagem, porque a Raynha por ysso lhe prometêra grandes mercês e fazer grande senhor quando lhe tornasse com recado; e foy feito christão em hum mosteiro chamado Bysão, onde deixou sua familia. Ao qual a Raynha deu grande auiso que tiuesse grande segredo porque mais seguramente fizesse sua viagem, e que como mercador com suas mercadarias fosse tratando por mais dessimulação. Na qual ordem se encaminhou o Matheus, que veo ter a Dabul em huma nao de Zeyla, e d'ahy se foy a Chaul, pera auer embarcação pera Goa, onde o xeque, por lhe roubar o que leuaua, o prendeo porque outros mercadores lhe dixerão que era máo homem; mas sendo assy preso, que elle dixe ao xeque que hia com messagem e cartas do Preste pera o Gouernador, o xeque temeo que o Gouernador lhe faria mal polo assy reter, e por ysso lhe mandou seu recado, como já atrás contey.

O Gouernador visitaua muytas vezes o embaixador, e fallaua com elle muytas vezes, em que sempre o achou em verdade, e vendo a carta que vinha pera elle ouve muyto prazer em seu tempo lhe vir tamanha messagem, cousa tão desejada dos Reys de Portugal, o Preste João, cousa tão nomeada polo mundo nunqua até então sabida. E porque na carta da Raynha vinha muyto rogado que ao embaixador désse passagem pera o Reyno, que leuaua sua messagem a ElRey de Portugal, que muyto compria ao seruiço de Deos, com o presente que lhe apresentaria, o Gouernador o tomou muyto em prazer, e muy desejoso de saber que era o presente que leuaua; e n'ysso praticando com o embaixador elle tirou de hum caixão a bocetinha de cobre, fechada, pregada e assellada, dizendo que só aquillo lhe dera a Raynha que apresentasse a ElRey de Portugal, com sua carta que lhe mostrou, e dizendo que elle nom sabia o que estaua dentro. O que vendo o Gouernador lhe pareceo que cousa que mandaua hum tão grande Rey a outro Rey nom podia deixar de ser

alguma pedra preciosa de grão valor, ou por ventura o santo lenho da vera cruz, que aueria da casa de Jerusalem, onde tinha grande visitação; e ysto lhe cayo tanto no coração que em sy o affirmou, e por algumas palauras que tirou do embaixador. E logo lhe deu auiamento a sua embarcação, e mandou João da Pena que o leuou em huma fusta com todo seu gasalhado e muytas cousas de mantimento pera o caminho, quanto elle pedio, e lhe deu dozentos pardaos, * e mandou * meter na nao o que mais quigesse, e com sua carta muy encarregadamente o encomendou a Jorge de Mello, capitão de Cananor, que lhe désse embarcação em qualquer nao que lhe milhor parecesse, quando ahy viessem tomar o gengiure. O que elle fez muy compridamente, que o embarquou em huma nao em que hia Bernaldim Freire, em que lhe deu a camara do leme muy grande, em que se bem agasalhou com suas molheres e seruidores, e em baixo grande despensa em que meteo seus mantimentos e agoa; e em todo foy muyto bem agasalhado, e foy sua viagem. E porque os mouros de Cananor tomarão muyto pezar vendo que embaixador do Preste João hia a Portugal, fallarão contra os nossos, dizendo que erão homens de pouqo saber, que nos enganaua hum homem que era mouro com falso nome de christão, que se fazia embaixador do Preste João, cousa tão falsa, por * que * o Preste João estaua tão longe metido nas terras que nom sabia que cousa era gente do mundo. Mas com todo o capitão lhe deu todo o bom auiamento a sua embarcação. E como os máos nunqua lhe parece bem o bem, as gentes da nao leuarão descredito do embaixador, que era falso; com que o Bernaldim Freire lhe fez muytos auiltamentos e malles, e tornarão a enuernar a Moçambique, porque nom passarão o cabo, onde tambem veo ter Francisco Pereira Pestana, que com o Bernaldim Freire ajudou aos malles, e meterão o embaixador em ferros, e lhe dormirão com as molheres, e esbofetearão e depenarão as barbas, defamando que era truão, falso, e espia do Turqo, que Afonso d'Alboquerque que nom * o * soubera conhecer, e o queria fazer embaixador do Preste * com * enganos pera ElRey, por se fazer grandioso; o que elles assy profaçauão por hirem mal auindos com elle.

E fazendo taes malles, nom temendo o castigo que a ElRey merecião, leuarão o embaixador ao Reyno, e Francisco Pereira, e Bernaldim Freire muyto affirmarão a ElRey o embaixador ser falso, que todos os mouros de Cananor o affirmarão; mas ElRey, vendo as cartas do Gouer-

nador e as solenidades e honras que lhe fizera, e vendo a carta do Preste, que dizia que na boceta lhe mandaua o lenho da vera cruz, n'ysso tomou muyto prazer, e ouvindo os agrauos do embaixador mandaua prender os capitães, os quaes fogirão pera Castella. ElRey lhes mandou tomar suas fazendas que tinhão na casa, e dar ao embaixador, que elle nom quis tomar, dizendo a ElRey que os capitães a elle nom fizerão nenhum mal nem deshonra; mas que elle o estimasse como compria a seu estado: ao que ElRey lhe deu agardicimentos. ElRey, como catholico Principe, mandou leuar o santo lenho á Sé, e solenizou *o* dia, que mandou que nom trabalhassem, e com procissão solene foy da Sé a são Domingos, leuando o santo lenho em huma riqa custodia com palio, onde em são Domingos o bispo de Fez disse missa em pontifical, e ouve pregação em louvor do santo lenho e da tão grande embaixada, e assy em procissão tornado á Sé, onde fiqou. E ao embaixador d'ElRey fez muytas mercês, e o despachou com reposta e rico presente, com que o tornou a mandar, como adiante contarey em seu lugar.

Tambem o Gouernador n'estas naos mandou a ElRey huma caixinha de prata, e dentro metido hum corpo de crucificio, que foy achado per hum homem cauando pera fazer hum poço, e o achou tendo feita coua de tres braças, que se achou no inuerno, que foy d'esta maneyra: que cauando hum pobre homem pera fazer hum poço, tendo altura de tres braças, achou hum corpo de crucificio de grandura menos de hum palmo, aberto por detrás, muyto gastado, e o rostro bom e barbas, e o braço direito polo cotouello sómente, e o esquerdo inteiro e o corpo e pernas e pés enteiros, e feito de hum metal que ouriues e lapidairos nunqua souberão conhecer, nem com nenhum buril o poderão descobrir, que nada entraua n'elle: o que fez grande espanto no Gouernador e todos os fidalgos, que caso podia ser em tal lugar terra de mouros de tantos annos, sem auer memoria que nunqua n'ella ouvesse christãos. O Gouernador mandou fazer huma caixinha de prata em que o meteo, e da igreja da forteleza, o Gouernador com toda a gente em procissão, foy leuado ao proprio lugar em que fôra achado, onde se armou altar, e disse missa e pregação frey Domingos de Sousa, enxalçando tão grande milagre como Nosso Senhor nos mostraua em se nos mostrar em tal lugar. O Gouernador comprou o chão a seu dono, e n'elle mandou fazer huma casinha chamada do Crucificio, em que cada sexta feira mandaua dizer

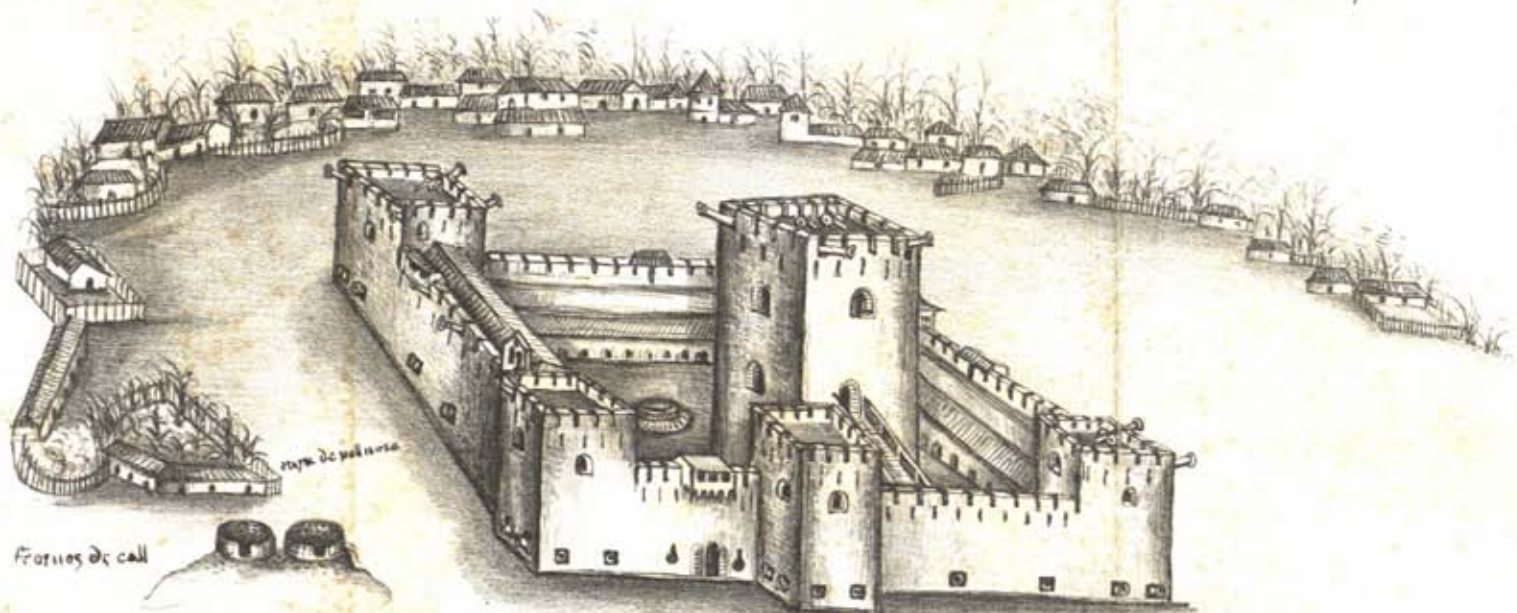
missa, que era de todos ouvida com muyta deuação; o que polo tempo se foy esquecendo, e depois se fez casa com capella d'abobada, que se desfez pera se fazer maior, o que se começou, e fiqou em [1] * esquecido * até o ano de 1562. O qual crucificio o Gouernador mandou a ElRey n'este presente ano, como já atrás dixe.

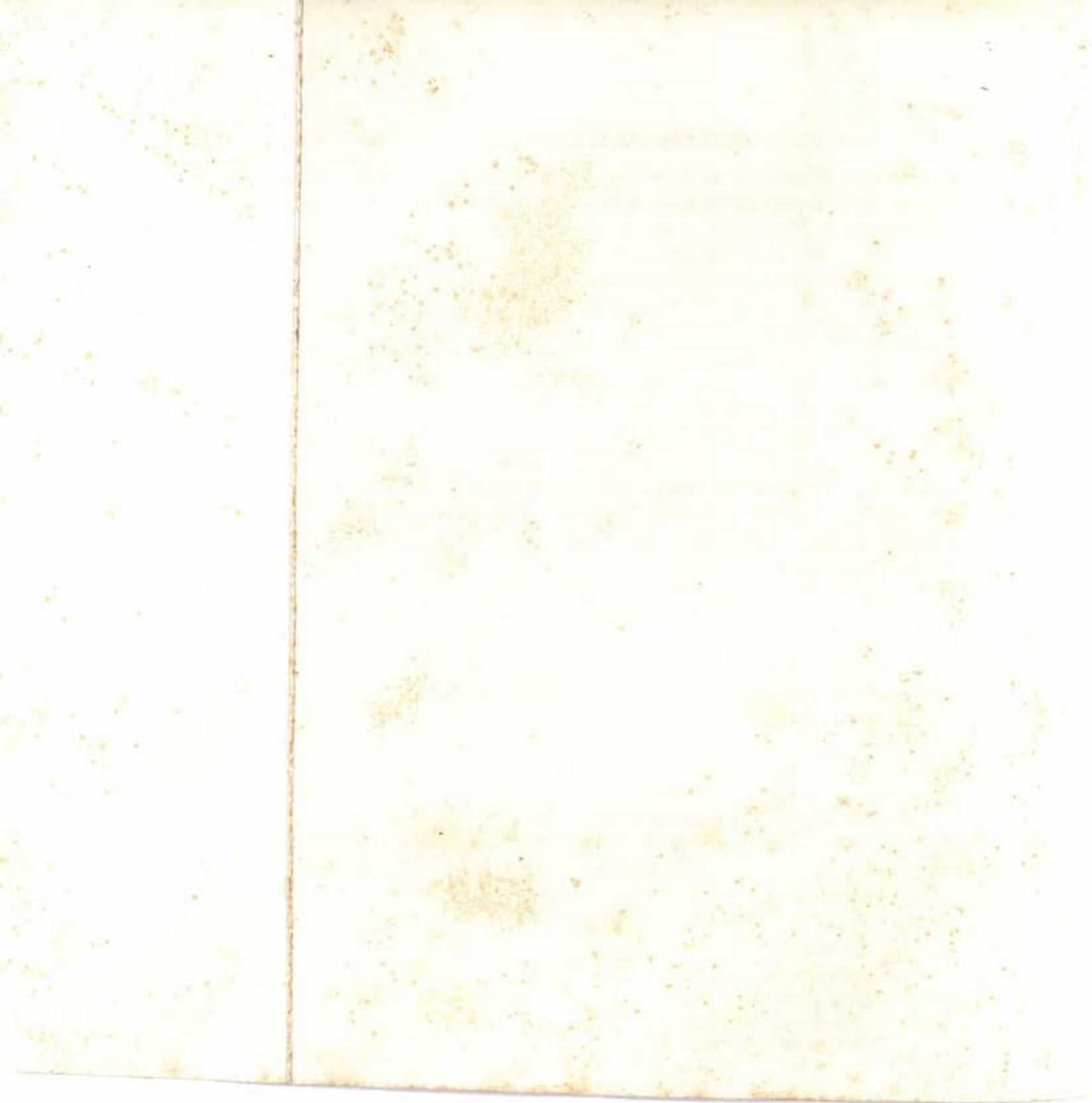
Estando o Gouernador assy n'estas cousas em Goa lhe chegou hum messigeiro do Çamorim Rey de Calecut, porque lhe mandou dizer que a outro recado que lhe mandára a Cochym, em que lhe pedira assento de paz, lhe respondêra que n'estas naos d'este anno esperaua que lhe viria recado d'ElRey de Portugal ácerca d'esta paz; que por tanto lhe muyto rogaua, que se ElRey era d'ysso contente que elle estaua prestes, e com muyto desejo de tudo fazer, e lhe dar forteleza em qualquer parte que elle quigesse, porque a paz durasse pera sempre; e que lhe daria posta na praya quanta madeira e pedra quigesse, e todo o que mandasse; e se quigesse fazer nauios tambem lhe daria auondança de madeira, e de todo ysto lhe mandou suas olás assinadas por elle e seus regedores.

O Gouernador fez muyta honra ao messigeiro, e sobre o caso tomou conselho com os capitães e assentou o que auia de fazer. Com que logo despachou o messigeiro com reposta, dizendo que elle tinha recado d'ElRey pera com elle assentar paz e boa amizade, sabendo que era morto ElRey seu tio, que fizera as traições e malles passados; que ElRey era contente de aceitar sua amizade, e lhe dizia que a fizesse como [2] * lhe a elle * bem parecesse, postoque d'elle nem de seu Reyno nom tinha nenhuma necessidade, porque Cochym lhe daua toda quanta pimenta queria, e as drogas tinha de Malaca em que tinha forteleza; e que sómente o tomaua por amigo por visinho com seus amigos, que era o Rey de Cochym e de Cananor, e queria que todos fossem bons amigos: e per o concerto d'esta cousa mandaua dom Gracia seu sobrinho com seus apontamentos do que auiâ de fazer. Os apontamentos erão que o Rey de Calecut auia de ser amigo de nossos amigos e imigo de nossos imigos, e sobre todos com o Rey de Cochym, com que já nunqua mais teria nenhuma contenda; e se antre elles a ouvesse que elle Gouernador os faria concordes e os concertaria com toda' igualdade, tanto a hum como outro; e que mandasse trazer muyta pedra á praya defronte do arrecife,

[1] * esquido * Autogr. [2] * me a mim * Id.

e mandasse fazer muyta cal, e assy muyta madeira que mestres hirião cortar ao mato pera fazer duas galés, que tudo ysto mandaria pagar quanto valesse. E que elle Gouernador lhe daria cartazes ás nauegações de todos seus portos, que por tanto nom nauegarião sem elles, e nom carregarião nenhuma pimenta nem drogas, e por onde nauegassem nom trouxessem rumes, e outras sostancias de bons resguardos que hião apontadas. Com que mandou dom Gracia, e com elle Francisco Nogueira pera capitão, que o trouxera d'ElRey, e Gonçalo Mendes pera feitor, e Thomaz Fernandes, mestre de pedreiros, pera fazer a obra com outros officiaes; e ao embaixador deu boas peças, e mandou dizer a ElRey que elle se ficaua fazendo prestes pera logo partir. Dom Gracia foy com dous nauios, os quaes chegando ao porto de Calecut ouve ElRey muyto prazer, e logo mandou visitar dom Gracia com muyto refresco. O embaixador mostrou a ElRey todo o que hia apontado, que o Gouernador lho dera, que o escreueo em suas olas; com que de todo ElRey foy muyto contente e ouve tudo por muyto firme, pois o Gouernador no porto queria fazer galés. O que todo fallou com seus principaes regedores, e mandou com muyta pressa trazer a pedra e fazer cal, pondo tudo onde o Gouernador mandaua, que era defronte do arrecife, onde o mar tinha jazigo pera poderem estar nauios.

O Gouernador mandou hir após dom Gracia todos os nauios pera em Cochym serem corregidos, e mandou ficar em Goa todos os capitães com a gente, a que dauão grandes mesas em que cada hum recolhia pera sy os homens limpos e honrados, de que esperauão mais se ajudar nas pelejas; sobre o que trazião compitimentos a quem trazia mais luzida gente; e o Gouernador daua aos capitães ajuda de mercé de dinheiro pera o gasto de suas mesas. Então o Gouernador se embarqou em huma galé noua que elle fizera em Cochym, e se foy a Calecut, onde ouve muyto prazer por achar já tudo assentado como elle queria; o qual logo veo visitar o vedor da fazenda com grã soma de refresco, de que o Gouernador lhe mandou muytos agardicimentos. E como foy noite, o Gouernador com dom Gracia, e Francisco Nogueira, com o mestre, foy a terra secretamente, e departio o lugar em que se auia de fazer a fortaleza, e torres, e a porta, a qual foy feita como parece na pintura, que 'artelharia de cyma da torre descobria toda a cidade. Tinha por quadra oitenta couodos, que com as casinhas per dentro, que se fizerão pera a

CALEQVV

O REY DE CALEQVV CÕ TEMOR QVE OS NOSOS TOMARIA DELE VINGANÇA DA MORTE DO MARICHAL CÕ MVITO ROGOS AFONSO DALBOQVERQVE LHE ASENTOV PAZ FAZENDO ESTA FORTELEZA A SVA CVSTA QVE ESTEV EM MVITA PAZ ATE O ANO DE 1525 QVE DO JOAM DE LIMA SENDO CAPITAM ALEVATOV GERA E SE DESFES ES FORTELEZA EM TENPO DO GOVERNADOR DOM ANRIQVE DE MENESES

gente, ficarão corenta couodos de vão; a torre da menagem em meo, e no solão e no primeyro sobrado os mantimentos, e dentro bom poço d'agoa muyto boa.

O Rey, como tinha grande desejo de firmar esta paz pera sempre, pera tornar a restaurar a grande perda que tinha seu Reyno pola guerra, ordenou mandar a ElRey hum moço seu parente, nom como embaixador, sómente porque fosse vêr Portugal, e ElRey e suas cousas, e se nom tornasse senão se ElRey o mandasse; o qual muyto ensinou no que auia de fazer e fallar. Sobre o que mandou seu recado ao Gouernador, muyto rogando que nas naos mandasse dar gasalhado a hum seu page e parente, que queria mandar a ElRey de Portugal com seu recado, e pera vêr Portugal, que era cousa que muyto desejaua e aueria muyto prazer. Do que o Gouernador folgou, e lhe mandou dizer que tudo faria polo seruir. O que logo o Rey fez prestes, concertado de todo o que compria; moço de quinze annos, nom muyto preto, muyto bem desposto; e em huma arqua seus pannos, orelheiras d'ouro, manilha pera o braço da' darga, que [1] *leuaua* e suas espadas, e em todo muyto concertado, com hum moço que o seruisse; o qual per hum seu regedor mandou entregar ao Gouernador, que mostrou que tinha muyto prazer, e mandou dizer a ElRey que mandasse alguem com elle a Cochym, que visse como hia embarcado. 'O qual ElRey mandou com elle dous homens, e o Gouernador o mandou a Cochym, que lhe dessem gasalhado na nao de Gonçalo Pereira, ao qual escreueo e muyto encomendou que o leuasse em sua camara muyto bem tratado, e o apresentasse a ElRey honradamente; o que elle assy fez. Com que ElRey de Portugal muyto folgou, e o fez christão, e o mandou ensinar a lêr e escreuer, e lhe pôs nome dom João, e o trouxe nos paços sempre vestido em seus pannos no tempo de verão. Ao qual mandou mostrar todolas boas cousas de Portugal, e lhe deu o habito de Christus com tença que lhe sempre pagarão na India, a que foy tornado muyto honrado. A que chamarão dom João da Cruz, e trouxe pera o Çamorim grande presente de riqas peças que lhe ElRey mandou, o qual contou ao Çamorim tantas cousas de Portugal que dizião que tal nom podia ser; o qual esteue em Portugal cinqo annos. O Gouernador estaua no mar, dom Gracia, e Francisco Noguei-

[1] *leva* Autogr.

ra, e o feitor Gonçalo Mendes, e os escriuães Francisco Dias, e Pero Nunes, estauão sempre em terra com outra muyta gente que dauão auiamento á obra, em que andauão muytos pedreiros da terra e trabalhadores que ElRey mandaua, que se fazia a obra [1] * de toda * a forteleza á roda, e crecia muyto porque a pedra era cortada quadrada, que nom auia senão assentar na parede, no que se daua grande auiamento.

ElRey era muy [2] * desejoso * de se vêr com o Gouernador, a que sempre e aos nauios mandaua muyto refresco, e na terra as cousas de comer em muyta auondança e bom barato, onde os nossos andauão folgando seguramente. ElRey mandou recado ao Gouernador do grande desejo que tinha de se verem, que aueria d'ysso muy grande prazer; a que o Gouernador respondeo que elle assy o muyto desejaua, mas que nom podia ser senão depois da forteleza acabada porque ElRey assy lho defendia; mas que tanto que fosse acabada folgaria muyto, por vêr hum tamanho Rey e senhor como elle era, e tamanho seu amigo.

O Gouernador despedio dom Gracia e o mandou a Cochym, que fosse despedir as naos da carga, que era já em dezembro, e désse auiamento a concertar 'armada dos nauios que auia de leuar ao estreito. E o Gouernador fiqou assy embarcado no mar, perto da terra, que bem via o que se fazia na terra, em que se deu tal auiamento que sendo vinte dias de dezembro era çarrada toda a forteleza em roda n'altura de dous homens, e a torre da menagem no primeyro sobrado e nas bombardeyras muy fremosa artelharia, e assy na torre da guarda da porta, que tambem estaua posta no primeyro sobrado. Mandou a ElRey pedir licença pera hir a Cochym despedir as naos do Reyno, e escreuer a ElRey o que com elle tinha feito, e auiar outras cousas que comprião elle despachar, e que quando tornasse então se verião ambos: do que ElRey ouve prazer, e lhe mandou muyto refresco. O Gouernador fez capitão da forteleza Francisco Nogueira, que nom auia de vencer o ordenado senão depois de o muro estar no andar das ameas, e fez feitor Gonçalo Mendes, e escriuães, e almoxerife, e todolos outros officiaes necessarios, que nom auião vencer seus ordenados senão depois de aposentados dentro na forteleza; polo que todos dauão muyto auiamento e pressa na obra. E pôs nome á forteleza a Conceição, porque em bespora de Nossa Senhora da

[1] * todo * Autogr. [2] * desejo * Id.

Conceição, sete dias de dezembro, dom Gracia pôs a primeyra pedra no alicerce, com orações e benções do padre frey Domingos de Sousa.

O Gouernador chegado a Cochym foy visitar ElRey, e dar conta do que deixára feito em Calecut, e lhe mostrou os apontamentos; com que ElRey ouve prazer. O Gouernador entendeo no despacho das naos, e visitaua o embaixador do Preste e lhe fazia muyta honra; e mandou pera o Reyno preso em menagem, que se apresentasse a ElRey, Antonio Real, e Diogo Pereira; e Lourenço Moreno quisera mandar, e por estar pera morrer o nom mandou: dizendo que fossem ante ElRey fazer, [1] * boas * as mentiras que lhe tinhão escritas. E fez partir algumas naos que estauão carregadas, e deixou recado a dom Gracia que como as naos da carga partissem se fosse a Goa com toda a gente e nauios que auião d'hir pera ò estreito; e elle se tornou a Calecut, onde já achou a forteleza * com * as torres sobradadas, e o muro easy no andar das ameas, e a mais da gente aposentada dentro. Então logo ElRey mandou rogar ao Gouernador que se vissem; o que se ordenou o dia pera ysso. Polo que ElRey se veo meter em huma casa dentro na cidade, hum tiro de bésta da forteleza, per huma rua direita, e toda a gente d'ElRey fiqou da casa pera dentro pera' cidade, e dentro com ElRey seus regedores, védor da fazenda, e o caimal á porta. Depois d'ElRey assy estar na casa, o Gouernador sayo da forteleza com toda a gente armada, e 'artelharia toda prestes, se comprisse. O Gouernador, com sua guarda diante e com muytos fidalgos, foy entrando pola rua, deixando a gente, que elle só entrou na casa com Pero d'Alpoym, e Manuel de Lacerda, Gonçalo d'Almeida, Alexandre d'Atayde lingoa, e Manuel de Crasto. O Gouernador leuaua na cinta hum cris d'ouro e pedraria que tinha, que valia vinte mil * cruzados *, e huma saya de malha secreta debaixo da camisa; o qual entrando, ElRey se aleuantou de seu estrado, em que estaua assentado segundo seu costume. O Gouernador chegou com sua grande cortesia, ElRey lhe tomou a mão direita antre as suas e 'apertou nos peitos, que he a mór honra que lhe podia fazer, e o fez assentar na borda do estrado, fallandolhe palauras de muyto amor, e que o tomaua por amigo como a propio pay; e o Gouernador com seus grandes comprimentos * e * offerecimentos de todolos seruiços que lhe podesse fazer. Então ElRey lhe

[1] * bom * Autogr.

deu hum collar de pedraria que valia dez mil cruzados, e riqos pannos branqos de seu vestir, e outros pera o capitão da forteleza e os que estauão com o Gouernador.

Então lhe disse o Gouernador, e fallando com os regedores, que elle pola muyta confiança que tinha na sua boa verdade, por ser tão alto Principe Çamorym, folgára de fazer ally aquella forteleza por seu aprazimento e vontade, a qual era sua, *e* n'ella estaua Francisco Nogueira, honrado fidalgo, por capitão, com a gente que tinha, tudo pera fazerem o que lhe mandasse, que fosse seruiço d'ElRey de Portugal seu irmão, que d'agora pera sempre se chamarião irmãos; que lhe rogaua que mandasse acabar a forteleza, pois era sua. Ao que ElRey se muyto offereceo, e lhe pedio licença pera mandar a Meca duas naos de pimenta, que estas lhe pedia pera nunqua mais lhe pedir outras. O Gouernador lhe disse que se tiuera ouro antes lhas carregaria d'elle que de pimenta pera Meca; que pois dizia que mais nom pediria outras, lhe aprazia. Do que ElRey ouve muyto prazer; com que se despedirão na porta da casa, onde ElRey se pôs em seu andor, e o Gouernador se tornou á forteleza, em que logo mandou concertar o collar e pannos em huma arquinha, que mandou a Cochym a dom Gracia que o mandasse nas naos pera' Raynha, com suas cartas pera ElRey. Então ordenou pera' forteleza cento e vinte homens per todos, com mais os officiaes, todos aposentados dentro na forteleza, com igreja dentro, sómente de fóra huma casa, afastada da forteleza hum jogo de bolla, em que se fazia poluora o condestable e bombardeiros; a que fiqou muy fermosa artelharia e em todo auondada a forteleza do que compria, e fazenda do Reyno pera se vender e pagar a gente de seus vencimentos, soldo e mantimentos. E deixou apontamento ao capitão que lhe fizesse duas galés de vinte e cinco banqos, e deixou hum mestre d'ellas, e que a madeira e ferro tudo se pedisse a ElRey emprestado, e mórmente carpinteiros, porque o Gouernador fazia fundamento de fazer as galés á custa d'ElRey, o qual deu tudo quanto lhe pedirão; e deixando tudo muyto bem prouido se partio pera Goa, onde chegando achou tudo de paz, e que a gente das terras derrador vinhão aos passos a vender vaqas, carneiros, galinhas, e todas cousas de comer, que lhe pagauão á sua vontade, sem ninguem lhe fazer força nem aggrauo, que assy o tinha o capitão por regimento; e tambem a gente da ilha hia ás terras derrador a comprar, e tudo muyto

pacifiquo, com que a cidade estaua muy abastada. Do que o Gouernador auendo muyto prazer escreueo suas cartas aos tanadares das terras derrador, que todo o que ouvessem mester de Goa o mandassem buscar por seu dinheiro seguramente, porque elle outro tanto faria, se elles fossem contentes, pagando seus direitos acostumados, e ysto com toda boa paz que quigessem. Os quaes tanadares, que são como rendeiros que pagão muyto dinheiro ao Hidalcão, lho fizerão saber, de que elle foy contente, porque estauão suas rendas muy faltas. Polo que então fiqou assy segura a paz antre todos, com que Goa foy muyto aleuantando, e nobrecendo em muyta maneyra d'auondamento de todolas cousas.

Estando assy o Gouernador, chegou dom Gracia em janeiro, que trouxe de Cochym toda' armada e gente que auia de hir pera o estreito, em *que* forão vinte e quatro velas, naos grossas, e nauio, e huma galé, e huma galeota, e hum bargantym, e huma carauella latina, de que forão capitães dom Gracia, Lopo Vaz de Sampayo, Pero d'Alboquerque, dom João d'Eça, Fernão Gomes de Lemos, Ayres da Silua, Simão d'Andrade, Duarte de Mello, Gracia de Sousa, Jorge da Silueira, dom João de Lima, Jorge de Brito, Antão Nogueira, Manuel de Lacerda, Ruy Gafuão, João Gomes Cheiradinheiro na latina, Diogo Fernandes de Beja na nao do Gouernador, Gonçalo Pereira, Pero da Fonseca de Crasto, João d'Atayde, Aluaro de Crasto; e d'esta sorte muytos fidalgos e caualleiros, gente muy lustrosa, em que fez em toda' armada mil e setecentos homens portuguezes com a gente do mar, e seiscentos homens malauares, em que auia muytos christãos a soldo, que dom Gracia trouxe de Cochym per mandado do Gouernador, e de Goa quatrocentos canarins, homens de guerra todos, huns e outros apercebidos de suas armas, que o Gouernador leuaua pera ajuda do trabalho dos nauios e agoadas, e n'armada muyto prouimento das cousas necessarias e mórmente de mantimentos; e deixou em Goa quatrocentos portuguezes, e mil e quinhentos homens da terra com seus capitães, e os passos muyto prouidos, e tudo bem prouido, com que se arrecadauão todas as rendas, que vinha todo á mão do feitor, e mórmente o rendimento dos cauallos que era muy grande, de que deixou grande defesa que nenhuns cauallos se leuassem de Goa a vender a nenhuma parte, sómente sayssem pera fóra os que os mercadores de fóra viessem comprar a Goa, os quaes quando vinhão trazião mercadarias que rendião direitos nos passos, e Mandouim que era

casa d'alfandega. E porque viessem a Goa muytos cauallos, mandou muytos cartazes por elle assinados a Baticalá, e a Chaul, e Dabul, dando grandes seguros e liberdades aos mercadores que trouxessem cauallos a Goa, e grandes penas e perdimentos se os leuassem a outras partes; polo que muytos mercadores, por nauegarem seguros, buscauão cauallos pera carregar pera Goa.

CAPITULO XLI.

COMO PARTIO DE GOA O GOUERNADOR COM 'ARMADA PERA O ESTREITO DO MAR ROXO, E O QUE PASSOU NA VIAGEM, E COMBATEO A CIDADE D'ADEM Á ESCALA VISTA, QUE NOM PÔDE TOMAR, E O QUE MAIS PASSOU.

Sendo o Gouernador prestes com sua armada, como dixe, recolhida a gente, e 'armada toda fóra na barra, deu a todos os capitães regimento do que auião de fazer, e partio da barra a vinte e oito de janeiro do anno de 1513, e fez seu caminho á ilha de Çacotorá, e tomou no porto do Çoco onde primeyro estiuera nossa forteleza, onde achou a gente de paz, que vinhão vender cousas de comer, a que o Gouernador defendeo que lhe nom fizessem mal nem força; onde fez sua agoada, e teue pratica com os capitães, dizendo que elle hia determinado cometer a cidade d'Adem, a vêr se a podia entrar e destroir, em que acharião riqueza com que toda' armada se carregasse de riqas fazendas, porque n'ella fazião escala todolas naos que hião e vinhão do estreito, e que a cidade era tão possante de muyta gente, ę ella tão forte que *por* temor de nada nom acharião no Rey nenhum modo de concerto; que por tanto lhe parecia bem que chegando logo desembarcassem e cometessem a cidade, que com ajuda de Nosso Senhor a entrarião e tomarião. A ysto ouve outros pareceres deferentes, dizendo que era bem primeyro auerem falla com o Rey da cidade, e que podia ser que acharião algum bom concerto com que se escusasse pelejar. Contra o que foy o Gouernador, dizendo que tal nom esperassem, porque nada auião d'achar senão guerra, que por tanto outra cousa nom auia de fazer senão chegando logo desembarcar e fazer a obra. E com este proposito partirão; e foy costeando a costa d'Arabia feliz, com que se pôs a balrauento d'Adem; então arribou á outra costa d'Arabia persia, em que está Adem, e forão á vista da cidade amanhecendo, que sayndo o sol era fremosa cousa de

vêr, que está assentada ao longo da praya do mar, que faz como baya apracelada, que nom podem chegar os batés senão com mea maré; e da frontaria fremoso muro com muytos cubellos redondos, e da mão direita vai o muro entestar em huma piçarra de penedia talhada a pique, e da outra banda vai entestar em outra penedia, onde tem hum morro que fiqua em ilheo com prea mar, porque maré vazià fiqua todo em sequo. Pera além d'este morro vai hum esteiro onde se metem as naos a carregar, que estão emparadas do ponente e leuante, que n'aquella costa ventão com muyta força, que fazem mal ás naos que estão de fóra. Ao pé d'este morro hum baluarte roqueiro, que tiraua muyta artelharia ao longo da praya, que guarda o porto. D'este baluarte sobe hum muro em voltas até o cymo do morro, onde está hum castello que tira artelharia pera todas partes. A cidade per dentro he chã, com fremosa casaria de muytos sobrados e genelas, e per cima terrados. Ao longo do muro, per dentro, corre huma rua per todo, que fieão as casas afastadas do muro, de que decem escadas a esta rua. N'este muro tem a cidade duas portas grandes muy lauradas, ambas juntas, sobre as quaes estauão as casas do regedor da cidade, chamado Miramergem; casas de grandes lauores. No meo da cidade huma grande mesquita, que parece do mar, com hum muy alto alcorão. A cidade será de comprido ao longo da praya tanto como hum tiro de camello, e de largura como ametade, assentada ao sopé de huma serra de pedra talhada, que faz muytos piquos, sobre que tem noue castellos em que fazem almenaras de fogos pera a banda do mar, no tempo da monção dos nauegantes, que de noite nom passem o porto polo nom verem. Estes castellos fazem defensão á cidade, em que estão capitães e gente, porque da outra banda he terra chã; com que outros vesinhos, tendo guerra com a cidade, de cyma d'esta serra lhe podião deitar tantas galgas de pedra que a destroirião, porque está muyto ao sopé da serra. Vem d'esta serra hum caminho pera a cidade cortado na pedra, em cyma do qual tem tres castellos sobre tres portas que ha no caminho, que se fechão de noite, que per outra nenhuma parte podem [1] * entrar * na cidade senão por este caminho. Antre o morro do mar e a cidade he o varadoiro das naos, que metem polo esteiro. A cidade será de dez mil visinhos. Tem Rey per sy, sem obrigação d'outro;

[1] * estar * Autogr.

he muy riqo do grande trato da cidade, e a mór sostancia de mercadaria são mantimentos, que aquy acodem per caso da muyta gente tratantes que sempre estão na cidade, e que *os* leuão pola terra dentro, que os vem buscar e trazem outras mercadarias; e a mór carregação dos mantimentos lhe vem polo mar em geluas, que são barqas pequenas, que os trazem da costa d'Arabia feliz, que he a terra do abexim, dos lugares de Barbora e Zeyla, que lhe vem da terra dentro, que he a milhor manteiga, azeite d'aruores, e gado viuo, que tudo trazem a vender 'Adem, polo que he muy auondada de todolas cousas, sómente d'agoa que nom tem, que lha trazem em odres e camellos de dentro da terra; polo que cada hum tem em suas casas tanques de naos, e grandes jarras, em que arrecolhem cada hum a que ha mester, que tem muyta em [1] *abastança*, porque nom custa muyto o carreto. E porque a gente pobre nom tem em que assy recolher muyta agoa, e se viesse guerra, que da serra nom ouvessem agoa, aueria grande mal no pouo miudo, pera resguardo d'ysto tem a cidade huma casa apartada fóra, muy forte, argamassada como cisterna, que tem grã cantidade d'agoa, que auondára o pouo hum anno. Est'agoa está sempre guardada por resguardo. Esta agoa que se mete n'esta casa he d'esmolas que os mouros fazem quando morrem e sendo viuos, e tambem se paga das penas da justiça dos malfeitores. D'esta casa pera dentro pera' cidade vai hum cano, per debaixo da terra cortado na pedra, perque vem 'agoa quando querem vazar a casa pera' lauar. Fiz d'ysto lembrança porque me pareceo grande primor do regimento da cidade; da qual sendo vista nossa armada tamanha, ouverão grande espanto, e todolos homens principaes se ajuntarão com o regedor, porque o Rey nom estaua na cidade, que era hido a Zebid que he d'ahy perto, onde estaua por capitão hum seu cunhado.

O Miramergem era homem caualleiro e muyto entendido, e praticando com todos, cada hum [2] dizendo seu parecer, tratando da saluação das naos que tinhão no mar com muytas mercadarias, o que lhe todos muyto recramauão, e o mouro lhes disse que elle trabalharia por lhas saluar quanto pudesse, mas que nada auia de perder da liberdade da cidade, nem de sua honra, por caso de lhe saluar as naos.

[1] *astança* Autogr. [2] Por disse. Idiotismo que já outras vezes assignalámos.

A nossa armada gastou o dia todo até chegar a sorgir no porto, porque o vento lhe era escasso. O Gouernador, usando de manha, mandou João Gomes e o bargantym que fossem diante, e se as naos do porto quigessem fogir as fizessem estar, seguras que lhe nom auião de fazer mal; o que assy fizerão. Nossa armada sorgio chegada á praya o mais que pôde, onde logo da terra veo hum barco com bandeyra branca, em que vinha hum mercador de Cananor que no porto tinha duas naos, que por ser de Cananor se offereceo a vir com recado, que de fóra pedio licença pera entrar, que o Gouernador mandou entrar, o qual disse ao Gouernador: « Senhor, diz Miramergem, regedor da cidade, que he o que que- » « res, ou que vens aquy buscar a seu porto com tanta armada? » O Gouernador lhe respondeo que aquella armada era d'ElRey de Portugal, senhor da India, e elle era seu Gouernador, e vinha em busca d'armada dos rumes, e que pois ally os nom achaua os auia de hir buscar até Suez, e se os achasse os queimar viuos. E porque todolos Reys e senhores da India obedecião a ElRey de Portugal, com boa paz que lhe fazia, e senão com crua guerra que lhe fazia a fogo e sangue, com que os destroia até que por força lhe obedecião, que por tanto folgaria que elle fosse homem de razão e quigesse com elle assentar boa paz, dando obediencia a ElRey de Portugal; que por ysso lhe viria muyto bem e proueito á sua cidade, porque ElRey de Portugal era senhor de todo o mar, e por elle nom nauegauão senão os que erão seus amigos. Com a qual reposta ouvida por Miramergem tornou logo a mandar o mouro com hum presente de carneiros, galinhas, e limões, dizendo que ElRey nom estaua na cidade, que inda que lhe mandasse recado nom tornaria tão asinha, porque era longe, mas pois que hia buscar os rumes que fosse embora, e que quando tornasse acharia ElRey, *e* então com elle faria seus concertos. O Gouernador lhe respondeo que bem sabia que ElRey estaua na cidade, mas se elle quigesse obedecer o faria Rey da cidade. Em quanto foy este recado o Gouernador mandou aos capitães que concertassem seus bateys e gente, porque logo auia de hir a terra, que bem sabia a reposta que o mouro auia de dar; a qual nom tardou, e mandou dizer que elle sendo regedor era Rey d'Adem, e que em quanto viuesse nom auia de tomar outro senhor senão o que tinha. Estando assy o mouro dando o recado, do baluarte do pé do morro começarão a tirar muytos tiros e dos muros e baluartes da cidade, com que alguns entra-

rão nas naos e fizerão algum mal. O Gouernador mandou que os nossos tirassem com pouqua carga, porque os pilouros nom passassem e cayssem dentro da cidade; o que assy fazendo todos os nauios d'armada deitarão tantos pelouros dentro na cidade que cayrão muytas cásas, e matarão muyta gente. O Gouernador deu sinal aos capitães que ante menhã, ouvindo huma trombeta, se viessem em seus bateys á sua nao, trazendo cada batel sua escada, porque em todas as naos vinhão escadas de tres entenas, que podião sobir quatro homens a la par, que o Gouernador mandára fazer em Cochym, e vaivens, e picões, e alauancas. E o Gouernador mandou aos mestres que como fosse noite mudassem os nauios a outras ancoras, porque os tiros dos mouros os nom achassem onde estauão apontados.

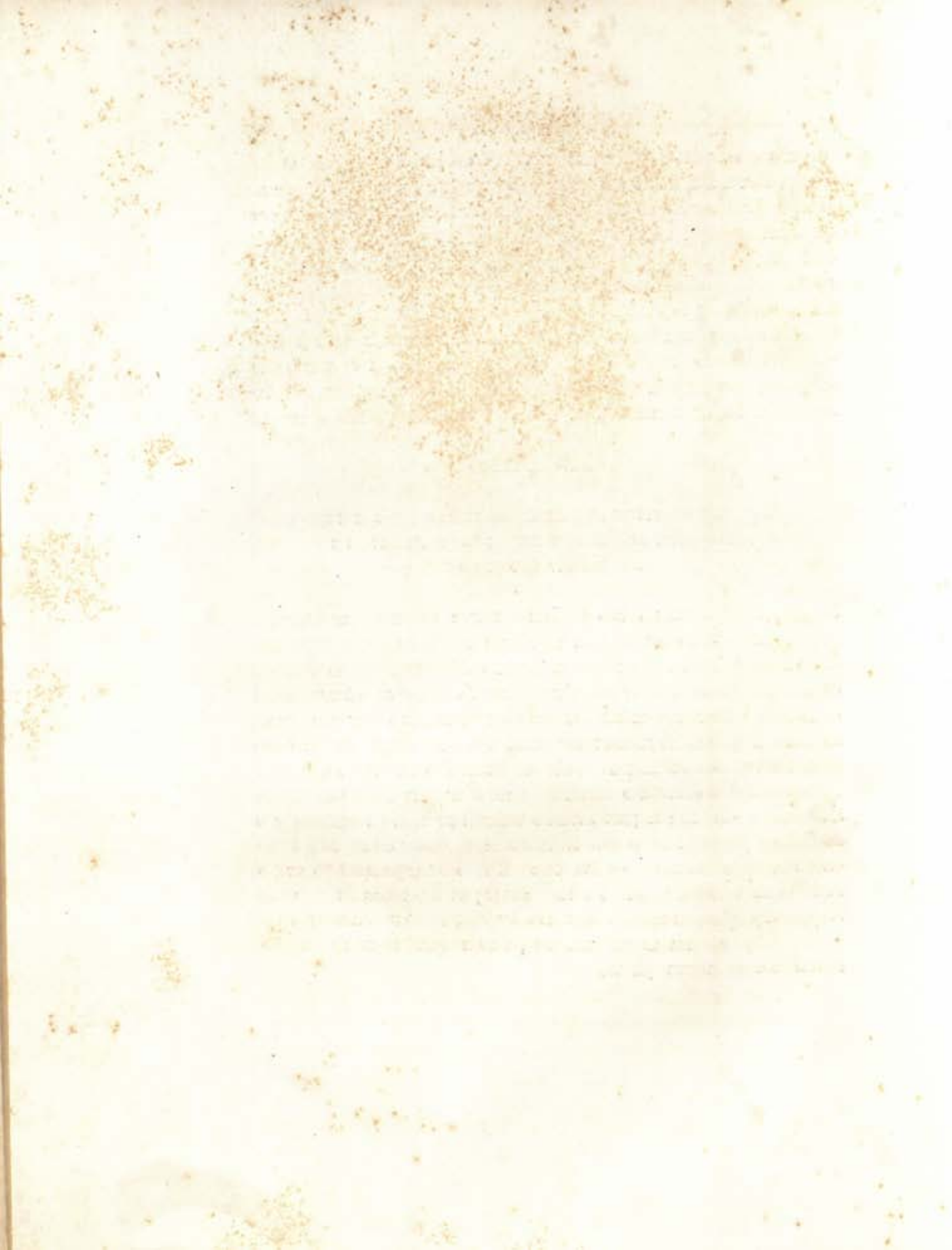
Recolhidos os capitães a seus nauios, a gente gastou toda a noite com fazer cedulas e testamentos, e concertar suas armas e almas pera o perigo da morte que temião, e tambem porque o dia era pera ysso, que era quinta feira d'endoenças.

Ao outro dia, sexta feira d'endoenças, ante menhã, o Gouernador mandou tanger a trombeta, a que logo vierão os capitães em seus bateys com sua gente armada; e porque o Gouernador tinha já dito a cada capitão com quem se auião d'ajuntar, assy juntos, hum padre de cyma da borda da nao lhe fez a confissão geral e assolução; com que forão a terra e desembarcarão na praya muyto á sua vontade, porque era prea mar e da cidade nom sayo ninguem a lhe tolher a desembarcação, antes os mouros se acuparão a tapar as portas com paredes por dentro, fazendose fortes dentro nos muros e atrauessando as ruas com tranqueiras, que muyto auião medo que os nossos auião de entrar a cidade. Gracia de Sousa, cobiçoso de ganhar a honra, se fallou com João Pereira, o mulato criado da ifante, de que já fiz menção atrás, e lhe muyto rogou que lhe leuasse seu guião e muyto trabalhasse por ser o primeyro que se pusesse em cyma do muro. O que o mulato assy comprio, que inda o Gouernador nom era desembarcado quando elle já estaua sobido antre as ameas no muro, bradando victoria! victoria! Portugal! Portugal! O que sendo dito ao Gouernador, dixe: «Bento seja o ventre que «tal filho pario!» Desembarcou toda a gente, e dom Gracia tomou á mão esquerda com seiscentos homens de seu esquadrão, com quatro escadas, e foy a huma porta que achou atupida por dentro com parede, e aruo-

rou as escadas, porque a gente começou a sobir com sómente adargas e espadas, porque nom podião leuar as lanças; o que outro tanto fez o Gouernador com outra tanta gente, em que Gracia de Sousa se [1] * apressou * com sua escada, que foy o dianteyro, e Simão d'Andrade, Lopo Vaz de Sampayo, dom João de Lima, Ayres da Silua, e outros fidalgos; e Jorge da Silueira em outra escada, e Fernão Gomes de Lemos, e Diogo Fernandes de Beja, e com outros fidalgos; e em outra escada Pero d'Alboquerque, João Gomes Cheiradinheiro, dom João d'Eça, Aluaro de Crasto, Antão Nogueira, Payo Correa, Jeronymo de Sousa, Pero Correa, Joanne d'Atayde, Diogo Soares de Mello; outra escada de Diniz Fernandes de Mello com Tristão de Miranda, Pero da Fonseca, Antonio Raposo, João de Figueiró, Diogo Mendes d'Orta, e outros caualleiros; e antre estes esquadrões Manuel Fidalgo, e Ruy Gonçalues com trezentos homens da ordenança. Anriqu'Homem, filho de Jan'Homem o nomeado em Portugal, que seruia por cabo d'esquadra na ordenança, tomou cem homens da ordenança com seus piques, e com muyto trabalho sobio pola piçarra em que entestaua o muro da mão esquerda, e sobio em cyma, que descobrio toda a cidade, onde nom achou por onde decer pera dentro nem hir ter ao muro, porque a penedia era cortada a pique, e se deixou estar, que fazia assombramento aos mouros, e estaua olhando se os do muro se melhorauão, porque foy grande má fortuna as escadas ficarem curtas, que com muyto trabalho hum homem sobia antre as ameas, e os que sobião dauão mão aos outros que sobião, no que auia muyto vagar; mas o cometimento dos nossos era tão feruente que sem embargo do trabalho e perigo nom tinhão soffrimento, cometendo todos pera sobir e entrar, cobiçosos de ganhar a honra como o mulato que primeyro que todos aleuantou no muro o guião de Gracia de Sousa. Com o qual trabalho entrando os nossos, os mouros acodirão ao muro, d'onde os nossos ás cotiladas e estocadas os fizerão decer abaixo. O segundo guião que sobio ao muro foy de Jorge da Silueira, que elle aleuantou com suas mãos, e depois se aleuantarão cinqo guiões sem gente, que nom podia sobir, e os que entrauão corrião polo muro e se punhão em hum cubello em que estaua já Gracia de Sousa, Jorge da Silueira, Simão d'Andrade, Lopo Vaz de Sampayo, Ayres da Silua, dom João de Lima, e

[1] * apossou * Autogr.

com elles até setenta homens, onde já tinhão lanças, e de nada se aproueitauão, antes recebião muyto mal, porque o cubello era aberto deuasso de dentro, e defronte d'elle e do muro a terra era tão alta como elle, que departia a rua que corria ao longo do muro, onde acodio o Miramergem com muytos mouros, que com frechas e pedras cobrião os nossos e os muyto ferião e encrauauão, a que os nossos nom tinhão mais que o emparo de suas adargas, que todos nom tinhão, e se emparauão com as costas, aguardando que a gente sobisse pera decerem abaixo e dar na cidade; mas as frechas erão tantas, e tão de perto, que como o homem parecia com a cabeça antre as ameas lhe pregauão frechas no rostro e olhos, com que alguns cayrão das escadas, que como assy estauão carregadas da muyta gente armada forão rendendo até que quebrauão, e cayão huns em cyma d'outros e se ferirão. E os que podião corrião a sobir per outras escadas, com que todas forão quebradas em pouqo espaço; e porque * foy * a escada derradeyra de dom Gracia, que quebrou, * e * os alabardeyros da guarda do Gouernador com as pontas das alabardas ajudauão a sustentar a escada, quando quebrou muytos homens ficarão espetados nas alabardas, que morrerão, e muytos feridos. O que assy sendo polo querer de Nosso Senhor * que * todas as escadas quebrassem, dom Gracia, e o Gouernador acodirão ao pé do cubello pera o abrir com picões, e acharão huma bombardeira que logo abrirão, por onde entraua hum homem, porque logo entrou Pero d'Alboquerque, dom João d'Eça, e o padre Mergulhão com huma cruz posta em huma aste, e entrarão até vinte homens, que correrão e sobirão pola escada ao muro. O que foy grande erro, que nom deuêrão sobir até nom estar dentro muyta gente, porque já estauão abrindo no muro outra bombardeira; mas os mouros, vendo os nossos que sobião ao muro que entrauão por baixo, acodirão sobre a rua, deitando grandes pedras com que entupirão a rua, e com muyta palha acesa e leynha, que ninguem pôde mais entrar. O que do muro era dito ao Gouernador, que estaua com grande dŏr do mal que via, e Jorge da Silueira lhe bradou dizendo: « Senhor, secorrenos, senão todos aquy morreremos. » O Gouernador respondeo: « E eu tambem morrerey, porque vos nom posso secorrer. De- » « ceyuos por essas cordas. » Que logo marinheiros lhe derão acyma, em pontas de pique atados huns nos outros, que os do cubello tomarão, e voltarão derrador das ameas, per que se deitauão abaixo, e com tanta

Adem

pressa que muytos cayão, e dom Gracia bradou a Gracia de Sousa que se decessem todos. Elle respondeo: « Não são homem que hey de fogir á » « morte per cordas. » Então se sayo polo muro, e assy Jorge da Silueira, e dom João de Lima, e Lopo Vaz de Sampayo, João Pereira, Ayres da Silua, Diniz Fernandes de Mello, e outros, que serião até trinta homens, e já muytos feridos, e correrão o muro, e decerão pola escada abaixo á rua, e forão buscar a bombardeira per que já erão saydos os que entrarão. O que vendo os mouros acodirão abaixo á rua, onde os nossos se meterão com elles ás cutiladas e lançadas, e os fidalgos na dianteyra, onde Gracia de Sousa nom podia pelejar com a lança, porque nom podia largar 'adarga, que era como rodella feita como as adargas dos malauares, porque a trazia encrauada no braço com as frechas que 'atreuessauão, onde ally foy morto de hum zaguncho d'arremesso; onde huns [1] * pelejando, e outros buscando * saluação pola bombardeira perque sayrão. Mas o bom capitão Jorge da Silueira, vendo cayr Gracia de Sousa acodio sobre elle polo saluar, ás lançadas com muytos mouros. Indaque muyto ferido, estimou mais a honra que a vida; onde cayo de huma pedrada que lhe derão, e foy morto, e todos feridos os que sayrão pola bombardeira; e ficarão dentro mortos os ditos bons capitães, com corenta homens mortos na rua, e em cyma no cubello e muro, onde os mouros sobirão, e puserão os guiões que tomarão e as cabeças dos mortos nas pontas das lanças, tirando muytas frechadas e pedradas; e começarão a tirar com muyta artelharia, mórmente hum tiro que corria ao longo do muro. O Gouernador mandou a dom Gracia que com sua gente fizesse caminho pera as portas da cidade; 'o que elle assy hindo, o Gouernador mandou sua bandeyra, que o fez tornar e recolher. E o Gouernador com grande pressa fazia recolher a gente aos bateys; do que os homens agastados se queixarão porque assy os apressaua, pois da cidade nom saya ninguem que lhe fizesse mal. Elle respondia: « Quero » « que vejão os mouros que vos faço embarquar e recolher per força, » « e nom que himos fogindo. » Com que fez recolher toda a gente nos bateys, e os corpos dos mortos, que antes quis os sepultar no mar que os mouros n'elles fazerem gazua.

[1] Idiotismo. Correctamente se escreveria: * huns pelejauão, e outros buscauão *

O Miramergem mandou despir as armas aos mortos, em que conheceo os capitães pola riqueza das armas, e mandou leuar os corpos acyma, e defronte do cubello onde pelejarão os mandou enterrar, Jorge da Silueira e Gracia de Sousa ambos juntos, e sobre elles mandou fazer sepulturas de pedra [1] * como de * mouros honrados, com degráos, e ás cabeceiras pedras altas com letras cortadas que contauão o feito; e seus guiões todos, que forão cinquo que ficarão dentro, os puserão em páos sobre as sepulturas; e todos os outros mortos enterrados junto com elles, com cada coua huma pedra á cabeceira, e letras que dizião, *frangue*, que quer dizer christão. Ysto foy visto depois per alguns portuguezes que lá forão, quando lá foy Heitor da Silueira, como adiante direy.

CAPITULO XLII.

DO QUE FEZ O GOUERNADOR DEPOIS DE NOM TOMAR A CIDADE D'ADEM, E SE PARTIO, E FOY ENTRAR O ESTREITO DO MAR ROXO, E O QUE FEZ ATÉ TORNAR.

Recolhidos os nossos com seu mal, o Gouernador mandou curar os feridos, que forão todos os capitães e fidalgos que entrarão na cidade, d'onde o crelgo Mergulhão, que entrou com a cruz, sayo com ella metida debaixo do braço ferido de duas frechadas. O Gouernador mandou que fossem roubar e queimar as naos que estauão na praya e no esteiro; ao que forão os bateys, em que acharão roupas finas de Cambaya, beirames brancos e de cores, e tafeciras de seda, e beatilhas, e outras sortes de roupas de preço, em que todos se encherão e ouverão muyto proueito, e queimarão as naos carregadas d'outras roupas baixas e mercadarias que muyto valião; no que se detiuerão tres dias. E partio a primeyra oitaua da pascoa pera o estreito, e ao outro dia entrou as portas do estreito. E chamãose portas porque a terra de huma banda e da outra se vai ajuntando, que fiqa o mar tão estreito d'ambas as partes que fiqa em largura, de huma banda a outra, de hum tiro de camello.

Entrando nossa armada, o Gouernador foy sorgir da mão direita em hum bom porto onde estão humas casinhas de palha, em que estão

[1] * com * Autogr.

pilotos que tomão os mouros quando entrão, que os leuão polo estreito dentro aos portos que querem; mas nas casas nom se achou ninguem, que indaque o Gouernador trazia bons pilotos que tomára em Goa, que lhe derão mercadores nossos amigos, que bem sabião a nauegação de todo o estreito, folgára de tomar outros. O Gouernador foy o primeyro que entrando pôs bandeyras e estendartes, e fez salua com 'artelharia miuda, e mandou ao mestre que désse ao pito, e mandou a toda a gente que rezassem hum credo, dando louvores a Nosso Senhor serem elles os primeyros portuguezes que entrarão as portas do estreito com armada e a real bandeyra de Portugal; e mandou ao bargantym que ficasse, e assy o dixesse a todos os nauios, que o mesmo fizerão até chegar a sorgir no porto dos pilotos, a que chamão robães. E porque esta foy a primeyra entrada de portuguezes n'este estreito, d'elle darey alguma conta. D'estas portas do estreito pera dentro he ysto hum braço do mar que lá entra, que chega até Suez onde se acaba, que he das portas oitenta legoas. Dentro são as agoas tão craras que se vê quanto está no fundo, indaque sejão vinte braças, que em pouqos logares ha, porque todo he baixo; e de largo até vinte legoas no mais largo, que nauegando por elle sempre se vê a terra d'ambas as bandas, indo polo meo, per onde tem ilhas, e restingas d'area, e baixos de um coral branco que os nauios rompem quando dão n'elle, sem lhe fazer dano. Nauegão este estreito per dous canaes que tem, hum da mão esquerda, que corre a costa d'Arabia feliz, que he das terras do Preste João, em que tem pouqas pouoações e seruentias, porque elle habita na terra dentro, que está muy longe do mar. Os mouros senhoreão estas terras da praya, em que tem portos em que ha trato dos mouros que nauegão, e mais pera o cabo ha cidades e portos de grande trato, que rendem pera o Turqo; do que em outra parte adiante direy mais, no tempo que os nossos o nauegarão.

Da outra banda da mão direita corre outro canal, que he de longo da costa d'Arabia, que tem mais cidades e portos de mór trato. D'esta banda está o porto de Judá, que tem grande escala, e a cidade de Moca, e o Toro, que todos tem grande trato de mantimentos que se gastão pola terra dentro, os quaes lhe vem em barcos pequenos a que chamão geluas, que nauegão por dentro d'este estreito, que indaque são fraqos barqos nauegão seguros, porque de noite nom andão, e n'este estreito nom ha tromentas, sómente treuoadas fortes de vento, seqas, que de ven-

tura choue, e as passão em muytos abrigos que tem. N'este estreito nom ha mais que dous ventos, que são de monção muy forte: ponente, e leuante. Nas ilhas do mar em pouqas se acha agoa. As terras d'ambas as partes são muy seqas, sem verduras, de grandes serranias. Outras muytas sostancias ha n'este estreito, que adiante direy.

Estando nossa armada assy surta na ilha dos pilotos, sendo noite sem lua, se aleuantou em oriente huma cruz feita de noue estrellas, mais resplandicentes que todas as do Céo, e foy correndo o Céo assy per seu compasso sem nunqua se apartarem, que amanhecendo se forão metendo debaixo em ponente, correndo per cyma das terras do Preste João. O que sendo visto de toda' armada, com muyta deuação fizerão salua com orações, vendo sinal tão marauilhoso, dizendo o Gouernador que Nosso Senhor nos mostraua o caminho que auiamos de fazer. Ao outro dia o Gouernador com os capitães se forão na galé, carauella, bargantym, e nos bateys, á outra banda das portas na terra do Preste, onde ajuntarão pedras e fizerão altar, e frey Domingos disse missa e pregação em louvor da vera cruz, que todos ouvirão com muyta deuação; onde o Gouernador mandou fazer huma cruz em huma entena alta, que aleuantou no lugar onde estaua o altar, que * he * huma ponta de terra alta, em que a cruz fiqou posta e esteue muyto tempo, que depois sempre foy vista, que de podre cayo.

O Gouernador se tornou 'armada e se fez á vela polo estreito dentro; e porque auia n'armada falta d'agoa, o Gouernador perguntou onde a tomarião. Elles dixerão que na ilha de Camarão auia muyta e boa, e tinha bom porto pera toda 'armada; e nauegando pera lá, o Gouernador disse aos pilotos que cada noite lhe dessem porto em que sorgisse, porque 'armada nom auia de andar de noite. Polo que então arribarão á terra, e dobrarão huma ponta que fazia abrigo do vento que leuauão, e sorgio toda 'armada. Onde acharão duas naos de Zeyla que ally vierão carregadas de mantimentos; de que os mouros fogirão a nado, mas os bateys os forão tomar e catiuarão muytos, que se tomarão pera o seruiço das bombas; e nas naos tomarão molheres e moços da terra do Preste, que os mouros lá tomauão e os vinhão a vender, que o Gouernador nom quis que catiuassem, e deixou hĩr liures pera terra. E tomarão agoa das naos e os mantimentos, e lhe puserão fogo. Ao outro dia amanhecendo se fez 'armada á vela, e hia a carauella diante sempre soandando,

porque os pilotos escreuião o caminho que fazião e fundo que achauão, que lho mandaua o Gouernador; e hindo assy a carauella deu em fundo de oito braças, e logo tornou a dar em quatro, ao que fez sinal, mas a nao Serra, em que hia o Gouernador na dianteyra, nom se póde guardar e toqou no baixo em que deu tres pancadas, que logo derão com as velas de romania em baixo, e sorgio huma ancora, sobre que a nao afilou, e fiqou em hum poço de oito braças. O que vendo assy 'mainar a nao supitamente e tirar bombardadas, Lopo Vaz de Sampayo, dom João d'Eça, Pero d'Alboquerque, Fernão Gomes de Lemos, que vinhão perto, assy amainarão e sorgirão, e acodirão com os bateys, e derão toas á nao, com que a puserão a fundo de quinze braças. No que Diogo Fernandes de Beja, que era capitão da nao do Gouernador, muyto trabalhou, andando ferido de huma espingardada que lhe derão em Adem polos peitos, de que trouxe o pilouro em quanto viueo; e assy o Gouernador, que vendo a nao em tamanho perigo se encomendou a Nossa Senhora, e fez esmola de mil cruzados pera fazer huma casa de Nossa Senhora da Serra, e derão outras esmolas, com que depois fez a capella de Nossa Senhora da Serra, em Goa sobre as portas da cidade, e por sua deuação n'ella mandou sepultar seu corpo, como adiante direy.

Ao outro dia 'armada fez vela, e sobre a tarde chegou á ilha de Camarão, de que sayrão humas geluas fogindo, que logo forão tomadas, que hião carregadas de mouros que fogião de duas naos que estauão no porto, onde entrou e sorgio toda' armada, que era muyto bom porto em grande baya e bom fundo, onde estaua hum palmar grande de tamaras, e muytos poços de boa agoa. A ilha era de cinqo legoas, em que acharão muytas cabras que trazião ally seus donos, porque na terra lhas tomão os que mais podem; e tem estas geluas em que as leuão a vender a terra; o que foy grande bem pera a gente d'armada. E polos grandes desejos que o Gouernador tinha de chegar a Judá, fezse á vela pera hir estar em huma ilha chamada Ceibão, que estaua mais auante, onde nom póde chegar porque os ventos erão fraqos, e andou gastando o tempo até mayo, com que se tornou a Camarão com toda' armada, onde esteue mayo, junho, e julho, sem nunqua auer chuva, onde por a terra ser doentia lhe morreo muyta gente, de sómente duas tres febres com grande dôr de peitos, que nom foy doença conhecida, que era sangue que acodia aos peitos e causaua febre, que se lhe acodirão com sangrias nom

morrêra tanta gente, que forão mais de quinhentos homens portuguezes, e os malauares e canarins casy todos, dos trabalhos e máo comer. E esta doença, este tempo que 'armada esteue em Camarão foy o tempo do inuerno d'este estreito, que nunqua lhe choueo, que tambem he o inuerno da India. Polo que forçadamente enuernou no estreito n'esta ilha de Camarão, em que padecião fome e trabalhos de doenças.

D'aquy mandou o Gouernador João Gomes na carauella, com seu pilpto, que fosse descobrir a ilha de Dalaca, que era muyto nomeada; o qual foy e ouve falla com a gente da ilha, que o chamauão a terra brandindo suas armas, que todos andauão armados. D'esta ilha parecia a terra do Preste d'ahy a tres legoas; com que João Gomes se tornou ao Gouernador a lhe dar recado do que achára.

Estando assy o Gouernador, hum homem d'armas, chamado Fernão Dias, fallou ao Gouernador, dizendo que andára muyto tempo catiuo no estreito de Gibraltar, e sabia bem os costumes dos mouros, e mórmente dos cacizes, e suas lendas e orações, que se lhe désse licença, o mandasse pôr em terra carregado de ferros como catiuo, e elle que hia fogido, elle trabalharia com que fosse a Portugal per via do Cairo e Veneza, e daria nouas a ElRey de sua armada e trabalhos; com que o Gouernador ouve prazer, e lhe fez mercê de dinheiro com que comprou algumas pedras d'anés, que saluaria e venderia onde pudesse, porque dinheiro nom podia saluar. E o Gouernador lhe deu seu assinado de crença, e mandou a carauella que o foy pôr de noite no esquife em terra, que nom foy sentido, e se tornou antes d'amanhecer. Este homem, sendo achado na terra assy com ferros, porque sabia bem fallar a lingoa, disse que fogira dos frangues que * o * trouxerão catiuo de sua terra d'Africa, que fôra lá caciz; e lhe começou a rezar as orações de Mafamede e de seu alcorão, com que crerão que era mouro caciz, e lhe fizerão esmolas. Com o qual modo foy correndo as terras, e chamaua ao alcorão, e fazia todos os modos de caciz santo; com que passou a Portugal e deu nouas a ElRey das cousas; com que lhe fez muyta mercê, e o tomou por seu e lhe deu comedía, com que o tornou a mandar á India, que fez muyto seruiço, que foy muytas vezes por espia a este estreito em naos de mouros em trajos de caciz, e sempre fez muytos seruiços em tempos d'outros Gouernadores, e porem morreo muyto pobre, que eu o conheci.

CAPITULO XLIII.

COMO O GOUERNADOR COM SU'ARMADA SE PARTIO DA ILHA DE CAMARÃO EM QUE ENUERNOU, E TORNOU 'ADEM, E TODO O QUE FEZ ATÉ TORNAR A GOA, E EM DIO SE VIO COM MELIQUIAZ, E DEIXOU HY FEITOR, E EM CHAUL DESPACHOU EMBAIXADOR DE XEQUESMAEL.

Sendo meado julho, o Gouernador com su'armada, fraqua da muyta gente que lhe morrêra, com bom tempo sayo fóra das portas e foy sorgir em huma ilha que está defronte das portas, onde achou bom porto abrigado do vento que trazia; onde o Gouernador, com alguns capitães, com dom Gracia, forão em terra, em que nom auia gente, e acharão hum grande tanque de pedra laurada e hum poço, que estauão atupidos de terra que parecia de muyto tempo, e descobrirão da outra parte da ilha huma grande baya em que podião estar cem naos abrigadas de todolos ventos, e sobre a baya, que era pera a banda das portas, fazia hum morro alto, sobre que o Gouernador mandou pôr huma cruz alta em huma entena, que parecia de todas partes. O que fez em louvor da cruz que lhe aparecêra, e lhe pôs nome a ilha de Santa Cruz. D'aquy despedio o Gouernador João Gomes na carauella, e Antonio Ferreira no nauio Ajuda, e Antonio Raposo no nauio Ferros, que fossem descobrir os portos de Zeyla e Barbora, que são duas cidades que estão fóra das portas na fralda das terras do Preste João, em que os mouros fazem grande carregação de mantimentos, que leuão a vender 'Adem e polo estreito dentro, de que hão grande proueito. Os quaes forão e acharão nos portos muytas naos e geluas que estauão carregando, de que a gente fogio pera terra, onde acodio muyta gente armada a que os nossos tirarão muytos tiros, com que todos fogirão. Os nauios se carregarão de muyto arroz, trigo, manteigas, mel muyto bom em jarras de coiro, e derão fogo a tudo, e se tornarão ao Gouernador, que acharão sobre Adem, onde os bateys acodirão aos nauios e leuarão mantimento, que toda' armada se proueo, e mórmente muytos carneiros seqos chacinados.

O Gouernador chegado 'Adem vio muytas naos que depois vierão da India, que estauão varadas na ribeira, e os mouros tinhão feito no morro do mar outras torres, e o baluarte aleuantado, de que tirauão

muyta artelharia. Sobre que o Gouernador teue pratica com os capitães que nom deuião de soffrer que cuidassem os mouros que já lhe tinhamos medo, e dom Gracia, que ysto atiçou, o Gouernador o mandou com os bateys e gente, com que foy ao baluarte e * o * tomou, e sobio á forteleza de cyma, que os mouros nom aguardarão e fogirão pola outra banda; ao que acodirão os bateys e matarão muytos n'agoa. E dom Gracia mandou com 'artelharia do morro tirar á cidade, que toda ficaua descuberta; com que lhe fez grande damno e matou muyta gente. No que se gastou todo o dia, em que dom Gracia deitou do morro abaixo toda' artelharia, que era de ferro, de camara, que mandou recolher nos bateys e leuar ás naos, que o Gouernador mandou deitar ao mar hindo seu caminho, que era artelharia que nom seruia aos nossos.

N'esta noite veo de terra a nado hum homem abexim, que foy leuado ao Gouernador, que lhe dixe que era christão da terra do Preste, de que lhe deu tanta conta com verdade que o Gouernador lhe fez bom gasalhado, e o abexim lhe disse que os mercadores donos das naos estauão * com * grande medo de lhe queimar as naos, e que tinhão auido licença d'ElRey, que estaua na cidade, que elles lhe viessem resgatar as naos porque lhas nom queimassem; e que por amor de Deos elle se arriscára por lhe vir dar recado, que se os mouros viessem elle pedisse por resgate d'ellas dezoito portuguezes catiuos que tinha ElRey, que trouxera de Zebid quando agora viera, e os tinha carregados de ferros nos pés, e mãos, e pescoços, metidos em huma cisterna debaixo do chão; os quaes soube que forão tomados em hum bargantym que com tromenta se perdeo nos ilheos de Caniquim, que he perto d'Adem, que erão da companhia de hum capitão que andaua guerreando Ormuz, e que vindo pera Çacotorá lhe dera tromenta que trouxe o bergantym a perdição. O que ouvido polo Gouernador, foy lembrado que Duarte de Lemos lhe dera conta de como de sua companhia, hindo pera Çacotorá com temporal, lhe desaparecêra hum bargantym de que era capitão hum Gregorio da Quadreira, que nunqua mais d'elle soube parte, com vinte e tres portuguezes que com elle andauão; e ouve muyto prazer com o auiso que lhe trouxera o 'bexim, com muyta esperança que os poderia liurar de catiuos. Ao abexim muyto honrou, e mandou vestir, e por lhe dar muyta enformação das cousas do Preste o mandou ao Reyno, com que ElRey muyto folgou.

Ao outro dia pola menhã, veo de terra hum mouro honrado em huma almadia, com bandeyrinha branca com que entrou na nao do Gouernador, e se deitando a seus pés lhe dixe que elle vinha com recado dos senhores d'aquellas naos que estauão varadas e no porto, que lhe pedião seguro; que lhes nom fizesse mal, pois erão mercadores estrangeiros que tratauão per todas partes e nom fazião mal; que por ysso lhe daria ajuda de dinheiro pera a despeza de sua armada, e o que concertasse logo o traria da terra. O Gouernador lhe respondeo que elle nom fazia mal senão a quem nom obedecia áquella bandeyra d'ElRey de Portugal que trazia, e porque Miramergem lhe nom obedecêra, cometera a lhe tomar a cidade, e lha nom tomou porque sua gente nom pôde entrar porque suas escadas ficarão curtas, que nom chegarão ao muro; mas que lhe prometia, que se elle tornasse a vêr Adem, que elle traria escadas tão compridas que pusessem a sua gente em cyma das casas de Miramergem, e [1] *dentro* em sua mesquita auia de mandar queimar as barbas de quantos mouros tomasse. E porque elles erão mercadores nom merecião que lhe fizessem mal, e se os achára no mar nada lhe fizera; mas porque elles ally estauão n'aquella cidade, que nom obedecia a ElRey seu senhor, que por ysso merecião que lhe queimassem suas naos; e que pois as querião resgatar, era contente que o dinheiro que por ellas lhe auião de dar o déssem a ElRey d'Adem, e resgatassem de seu poder dezoito portuguezes que tinha catiuos, que lhe nom tinhão feito mal, e que lhos trouxessem e logo se partiria sem mais bolir em nada. E que por tanto, pois erão mercadores que vinhão dar muyto proueito a ElRey d'Adem, que lho fossem rogar que désse os catiuos, porque se elle os nom désse suas naos serião queimadas, e que a culpa ficaua a ElRey.

Com o qual recado o mouro tornado a terra nom tornou mais com reposta; do que o Gouernador indinado determinou mandar queimar as naos; polo que, praticando n'ysso com os capitães, lhe dixerão que as naos se nom podião queimar sem custar a vida d'alguns portuguezes, que deuia escusar, pois tantos ficauão por popa. O Gouernador lhe dixe que nom auia ficar tamanha falta em seu descredito, pois os mouros já tinhão o medo de lhe queimar as naos, e que vierão com resgate que

[1] *dem* Autogr.

lhe fazia, o que elles nom estimarão; que por tanto nom auião de ficar com opinião que por temor lhe nom queimauão as naos. Então chamou Diniz Fernandes de Mello, patrão mór da India, e como em modo de rogo, lh'encomendou que com a gente do mar tomassem a empreza de lhe hir queimar as naos da terra, e que lhe daua todo o roubo que achassem em quatro naos que estauão no mar. E pera ysto forão chamados todos os mestres e pilotos, que todos forão contentes, e como foy noite s'embarcarão nos bateys, e leuarão canarins que se offerecerão a dar fogo nas naos, com que leuarão saquinhos de poluora, com murrões, e panellas de poluora, tudo escondido que o fogo nom luzia; e dando conta ao Gouernador o como o auião de fazer, o Gouernador mandou a dom Gracia que com os bateys fosse dar no porto e fizesse aluoroço a que acodissem os mouros, pera entanto os canarins, que auião de hir a terra a nado, pola praya poderem hir mais seguros. O que assy foy feito, que sendo huma hora ante menhã, que era maré chea, os bateys forão ao esteiro detrás onde estauão no mar as quatro naos, ao que acodirão muytos mouros que estauão em guarda das outras na terra, e Diniz Fernandes de Mello, valente caualleiro, com João Gomes Cheiradinheiro, que o quis ajudar, sayrão na praya, onde ouverão peleja com os mouros, que foy grande reuolta, com que os canarins, que sayrão na baya a nado a saluamento, chegarão ás naos e lhe deitarão fogo, com que se acendeo grande; ao que voltarão os mouros 'apagar, com que os nossos lhe ficando nas costas fizerão muyto mal. Todauia Diniz Fernandes, e João Gomes se nom apartarão da praya, em que se recolherão os canarins que puserão o fogo, com que arderão duas naos, que os mouros forão muytos que o apagarão. Com que dom Gracia do mar mandou que se recolhessem, e forão roubar as naos, em que carregarão os bateys de boas roupas quanto puderão; e porque lá nom tornassem, dom Gracia mandou pôr fogo ás naos do mar, e recolheo todos os bateys com que se tornou ao Gouernador, que ouve muyto prazer com o feito, e logo se fez á vela com os traquetes em quanto se hião descarregando os bateys; e dando as velas todas veo correndo a costa até atrauessar pera a costa de Cambaya sendo já em agosto.

Na qual trauessa o tempo creceo tanto que era casy tromenta á popa, onde a nao Ajuda de Pero da Fonseca abrio tanta agoa que com bombas e baldes a nom podião vencer com as escotilhas abertas; ao que

forão bradar ao Gouernador que lhe acodisse, que se hião ao fundo. O Gouernador, temendose que se perderia 'artelharia d'ElRey que a nao tinha, que valia muyto, o Gouernador lhe disse que trabalhassem por saluar as vidas, porque da nao nom auião de sayr senão em porto seguro, que se nom perdesse 'artelharia que era fazenda d'ElRey; e mandou o bargantym correr todos os nauios, defendendo aos capitães que nom se abalroassem com a nao de Pero da Fonseca, sô pena de pagarem a perda que ElRey n'ysso recebesse; com que todos fogião da nao, que fez tanta agoá que a nom puderão vencer. Então pregarão as escotilhas e se forão abalroar com Pero d'Alboquerque, que se acupou com muyta diligencia, e saluou 'artelharia da nao, e a gente o fato, e logo se foy ao fundo; o que sabido do Gouernador que tudo era saluo ouve prazer.

E correndo seu caminho foy tomar em Mangalor, acyma de Dio, e foy correndo a costa, e por nom escorrer Dio, á boca da noite sorgio; o que nom virão alguns nauios que hião diante, e correrão, que forão amanhecer na barra de Dio; o que visto por Meliquiaz se apercebeo com grande presente de refrescos. O Gouernador á mea noite fez vela, e veo á barra de Dio ás dez horas, onde logo tirou as capitanias aos capitães que vierão diante, dizendo que era desmandado de máo ensino os capitães chegarem a sorgir em porto diante de seu Capitão mór, que regimento era os nauios ficarem detrás de noite e seguir o forol de seu Capitão mór. Meliquiaz, que estaua prestes, chegando o Gouernador lhe mandou pera cada nauio huma fusta carregada de vaquas, carneiros, galinhas, arroz, manteiga, açuquere, ortaliça, agoa, e leynha, e pera a nao do Gouernador duas fustas, e lhe mandou huma adaga e treçado com suas cintas tudo d'ouro, e pera os capitães adaga de bainhas de prata e conteiras e punho d'ouro, e cofres de madre perola, e assy pera o sacretario e escriuães do Gouernador, pera cada hum tudo bem repartido; o que tudo Cide Alle, o torto, apresentou ao Gouernador e perante elle repartio por todos. O Gouernador tinha vontade pera fallar com Meliquiaz, e buscou achaque pera se deter alguns dias, e mandou aos mestres que fossem a terra concertar os bateys grandes, que dos trabalhos fazião tanta agoa que se hião ao fundo; os quaes os mestres vararão na praya, e com os carpinteiros e calafates trabalhauão; mas Meliquiaz lhe mandou dar muytos carpinteiros, e ferreiros, e pregadura, e breu. E Meliquiaz mandou pedir licença ao Gouernador pera lhe hir fallar; do

que o Gouernador ouve prazer, e ao outro dia veo Meliquiaz em huma fustinha esquipada, muyto bem vestido, com dous pages e quatro mouros honrados, o qual chegando perto da nao elle mesmo a saluou, a que da nao responderão com atabales e trombetas. E o Gouernador estaua assentado na tolda da nao com aparato, com sua guarda e os capitães, que receberão Meliquiaz ao bordo da nao, a que o Gouernador fez muyta honra, e o mandou assentar no banco com os capitães, onde ouve praticas de louvores e offerecimentos, e outras praticas, sem nunqua Meliquiaz lhe dar conta do despacho que Tristão de Gá ouvera d'ElRey de Cambaya; e o Meliquiaz, querendo por todolas vias ganhar muyto, pedio ao Gouernador que em Dio tiuesse feitor pera vender e comprar o que ouvesse mester. O Gouernador, que tinha vontade, lho encareceo, mas por fazer seu rogo mandou fiqar em Dio por feitor Fernão Martins Auangelho, e por seu escriuão Jorge Correa, moço da camara d'ElRey. Então mandou dizer aos capitães e mestres que cada hum deixasse suas mercadarias ao feitor, e homem com ellas pera entregar e receber, porque o feitor sómente auia de fazer as compras e vendas; polo que lhe ficarão muytas mercadarias d'ElRey e de partes; e porque Fernão Martins Auangelho era muyto auisado, lh'encomendou que tudo soubesse e lho escreuesse; e com muytas amizades e comprimentos d'antre o Gouernador e Meliquiaz se partio, e do caminho despedio hum nauio que mandou a Goa dar nouas de sua vinda, e *a* Cananor e Cochym, e elle com a mais armada foy ter em Chaul, onde o xeque lhe mandou visitação de muyto refresco, onde ahy achou Tristão de Gá, que tinha mandado a ElRey de Cambaya, como atrás já dixe; e com Tristão de Gá veo embaixador d'ElRey de Cambaya. E Tristão de Gá deu conta ao Gouernador que fôra bem recebido d'ElRey, mas resfriára quando lhe fallára que désse forteleza em Dio; mas que depois lhe daua huma ilha em que a fizesse, mas elle a nom aceitára; e lhe deu huma carta de Melicopim de grandes offerecimentos; e que Meliquiaz era o que daua peitas aos regedores d'ElRey porque nom consentissem que ElRey désse forteleza em Dio. O embaixador pedia ao Gouernador licença pera estar em Malaca d'assento feitoria de Cambaya, e seguramente pera lá nauegassem as naos de seus portos, e que lhe désse a sua nao meril. O Gouernador deu bom despacho ao embaixador, e lhe [1] *mandou dar* a

[1] *mandára* Autogr.

nao que estaua no rio de Goa, já que nom prestaua, e fez mercê ao embaixador com que se tornou muy contente.

Aquy em Chaul soube o Gouernador que este anno partirão de Calecut pera Meca muytas naos carregadas de pimenta e drogas, e que com temporal que lhe deu todas tornarão á costa da India, e que huma d'ellas estaua em Dabul; de que o Gouernador ouve muyta paixão, com determinação de todas as tomar, como tomou polos rios onde se colherão, em que tomou muyta pimenta e drogas; e nom quis fazer mal á gente d'ellas por amor d'ElRey de Calecut, que nom quis que em começo de noua amizade ouvesse escandolo. Ao que mandou dom Gracia queixarse com ElRey de Calecut porque consentíra tantas naos partir de seu Reyno pera o estreito, com tanta pimenta e drogas; que o fizera contra postura da paz, e que por amor de sua amizade lhe nom queimára as naos. ElRey de Calecut fiqou enuergonhado, sem ter que responder, sómente que elle dera licença ás naos porque lhe dizião que assy tinhão estas licenças; que elle lho mandára perguntar, e lhe disserão que sim, que podia dar estas licenças que elles assy tinhão.

Esta cousa foy fulminada por esta maneyra: o Rey de Cananor, e de Cochym mórmente, ouverão muyto pesar por o assento da paz de Calecut, vendoa tão firmada com forteleza; porque folgauão que Calecut estiuesse mal com os nossos, porque tendo elles contenda antre huns e outros forçadamente os nossos os auião d'ajudar; e esta industria dauão os officiaes da feitoria ao Rey de Cochym, por lhe mostrarem boa amizade, com que lhes fazia mercê, e quando as naos hião pera o Reyno ElRey de Cochym escreuia bens d'elles a ElRey nosso senhor, e elles tambem escreuião a ElRey que o Rey de Cochym era pesaroso com a paz de Calecut, apontando rezões falsas da verdade; polo que ElRey, nas cartas que escreuia ao Gouernador, sempre lhe dizia que os concertos de Calecut fossem sem escandolo d'ElRey de Cochym. A qual cousa entendida polo Gouernador o soffrio, e callou em sy pera seu tempo, e a ElRey daua taes rezões porque fizera a paz de Calecut com que ElRey o ouve por bem, e entendeo as falsidades que lhe seus officiaes escreuião.

Aquy em Chaul estaua hum embaixador de Xequesmael, que viera visitar os Reys da India, e despedido do Hidalcão veo a Chaul aguardar polo Gouernador, a que fez saber de sua estada: o que já sabia o Gouernador, e mandou dizer que folgaua com sua vinda, e que qual dia

elle quigesse lhe fallaria. O que o embaixador estimou por grande honra o Gouernador aguardar polo dia que elle quigesse, que o embaixador disse que nom seria senão quando sua senhoria mandasse. Polo que o Gouernador lhe assinou o dia, o qual elle ordenou, e se embarqou na galé muyto concertada á popa com alcatifas, e armada de veludos de Meca, com os capitães vestidos louçãos, e o Gouernador com pelote e loba aberta roçagante, que então se costumauão, tudo de damasco preto barrado de veludo preto, e na cabeça huma crispina de fio d'ouro e preto, e em cyma huma grã gorra de veludo preto, das antigas, e na cinta hum cris d'ouro e pedraria que valia quinze mil cruzados, e ao pescoço hum collar d'adobens grosso, e a barba branca e comprida com hum nó nas pontas, com que tinha muy honrada presença. E entrarão no rio com elle todos os bateys com gente da soiça, com seus piques aleuantados e metidos polos bordos por parecerem mais, e entrarão quatro nauios pequenos e com bandeyras, com a viração; e sorgio no meo do rio, onde veo o embaixador muyto vestido, acompanhado do xeque, com muyta gente e barqos enramados, que os capitães nos bateys forão receber no caminho com trombetas; que chegando a galé tirou muyta artelharia, e os nauios e bateys: o qual entrando fez ao Gouernador grande acatamento, o qual se aleuantou, e o tomou pola mão e o assentou no banco da popa, onde elle estaua assentado, recostado a humas almofadas de brocado forradas de citym cremysim. Em pé diante do Gouernador com o barrete fóra estaua o secretario, e Ucefe, judeu lingoa, homem de muyto credito, que sabia todolas lingoas e todolos modos dos mouros. Onde o embaixador mostrou chapa de crença, e dixe de palaura a sostancia da embaixada, dizendo que o Xequesmael tiuera pezar morrer em Ormuz o messigeiro que lhe mandaua, e que ouvindo a grande conquista que fazia aos que nom obedecião á bandeyra d'ElRey de Portugal, * que * lhe fazia tanta guerra com tão pouqo exercito que trazia, elle auia muyto desejo * de * ter sua amizade e * ser * muyto amigo com ElRey de Portugal; que lhe pedia que lhe mandasse hum dos seus caualleiros que trazia na guerra, com que muyto folgaria de o ver e com elle fallar; e que a ysto vinha a elle. O Gouernador respondeo com palauras de muytas grandezas que ouvia do Xequesmael, e que elle se hia a Goa, e que de lá lhe mandaria a reposta com hum homem que com elle fosse; que agardasse ally em Chaul. O embaixador lhe dixe, que

se ally o nom despachasse, que de força elle auia de hir a Goa, pera da sua mão receber o messigeiro que auia de mandar, e d'elle lhe deixar hum assinado, que assy o mandaua o Xequesmael. Então o Gouernador dixe que por elle nom tomar o trabalho de hir a Goa ally o despacharia; do que o embaixador lhe mostrou grandes contentamentos. O Gouernador lhe deu muytas peças de brocados, e veludos de cores de Meca, com que o despedio; e o Gouernador esteue no rio por despachar o embaixador, pera o que enlegeo por messigeiro, pera hir com o embaixador, Miguel Ferreira, homem caualleiro de boa desposição e parecer de pessoa, homem que o Gouernador conhecia que era soficiente pera o tal encargo; ao qual fez mercê em nome d'ElRey de mil pardaos d'ouro pera seu apercibimento, e gasto de quatro homens portuguezes que leuou pera seu seruiço, e antre elles hum chamado João Ferreira, seu parente, homem pera ysso; por resguardo que se Miguel Ferreira perigasse elle ficar em seu lugar. O Miguel Ferreira se concertou de riquos vestidos de seda, e riqa espada e punhal d'ouro d'esmalte, e aos criados muyto bem vestidos, e quatro escrauos, e seu esquife e cama bem concertada, e todolas cousas de seu seruiço que todo lhe ordenou o Gouernador, ao qual deu notauel regimento, em que lhe mandou que nunqua se pusesse a olhar cousa que visse, nem por ysso nada perguntasse; mas dessimuladamente seus escrauos, que sabião fallar, o perguntassem e soubessem tudo muyto bem, e elle o pusesse em escrito pera sua lembrança; e nada fallasse João Caldeira, que hia por lingoa, senão o que lhe elle mandasse; e que nunqua risse de cousa que visse, nem de chocarreiros, nem da sua mão lhe désse nada; e que désse aos que pedissem por amor de Deos; e que se nom mostrasse menencorio contra nenhum dos seus ante gente, e se algum se queixasse d'elles em presença lhe désse castigo em dobro do que merecessem; e que nunqua fallasse mais que responder ao que lhe perguntassem; e que de cousa boa nem má que visse se espantasse, nem se pusesse a olhar, sómente correr a vista polas cousas; e do que lhe perguntassem se era [1] * boa * qualquer cousa que lhe perguntassem, dissesse que si; e * ao * senão do ouro quando lho perguntassem [2] * dissessé * os malles que d'elle nacião; e muyto gabasse os cauallos e armas; e que nom cospisse estando fallando com homens que o visitassem; e que sempre perguntasse ao embaixador o que

[1] * bom * Autogr. [2] * disse * Id.

auia de fazer, por nom fazer erro nos costumes da terra; e que o seu comprador fosse comprar com outro moço do embaixador; e que se muyto escusasse de hir comer a banquetes, e quando forçadamente comesse em algum comesse muyto pouqo, e nunqua bebesse senão agoa; e que sobre todolas cousas se guardasse de conhecer molher, e que se o Xequesmael lho cometesse lhe désse todolas rezões pera o nom fazer, e o nom fizesse: o que sobre todo lhe defendia. E que do que lhe pedissem tudo désse; e tomasse quanto lhe désse o Xequesmael, com mostrar muytos contentamentos de palauras. E que a casa em que estiuesse aposentado, se nom tiuesse hospede, tiuesse sempre a porta fechada; e que onde visse fazer mal rogasse que o nom fizessem, e que nunqua saysse fóra da casa senão quando o chamassem; e que todo este regimento muytas vezes noteficasse aos seus pera saberem e nom errarem; e que nom entrasse sobre alcatifas senão descalço, e quando estiuesse ante o Xequesmael fizesse quanto elle mandasse; e outras muytas sostancias que comprião no caminho que auia de hir: cousas de grandes auisos. E lhe deu a carta pera o Xequesmael que dizia d'esta maneira:

«Xequesmael, senhor grande sobre os grandes senhores, e Rey e» «senhor de muytos Reys, e nenhum mayor que ti. A tua cabeça e sau-» «de e casa seja sempre salua, e teus imigos debaixo de teus pés. Afon-» «so d'Alboquerque escrauo do grande Rey de Portugal, senhor do mar» «grande e das terras da India de junto do mar, muyto poderoso con-» «tra seus imigos, e ajudador de seus amigos, assy como unha e car-» «ne; que quando hão mester sua ajuda por elles auentura seus Rey-» «nos e gentes, e com sua propia pessoa quando compre; o que assy» «manda a mym seu escrauo que eu faça, ao que me offereço pera te» «seruir com vinte mil homens que trago nas suas armadas de naos e» «galés, [1] * com que * fauoreço e guardo seus bons amigos, Reys e se-» «nhores d'estas partes da India, e aos que são máos e seus imigos lhes» «faço guerra, polo mar e pola terra, com fogo e sangue, matando, ca-» «tiuando as gentes, destroindo as terras e cidades: com tudo ysto es-» «tou muy prestes pera fazer teu mandado, querendo tu amizade e ir-» «mindade com ElRey de Portugal meu senhor, porque elle, assy como» «he grande Rey e senhor, folga muyto com 'amizade e conhecimento» «dos grandes Reys e senhores, como tu hes. A tua carta me fez mayor»

[1] * como * Autogr.

«meu coração, com que fiquey mais esforçado e grande, porque tuas»
«grandezas se fallão por todo o mundo, com que meu desejo era gran-»
«de pera auer tua falla. E pois, grande senhor, porque desejas vêr por-»
«tuguezes, hum entreguey ao teu embaixador, são e valente guerreiro,»
«dos que comigo trago na guerra, [1] *ao qual* pergunta por minhas»
«obras, porque nom he nosso costume contar o que fazemos. Quando»
«tu, senhor, mandares, e vir teu recado, farey tua vontade com muy-»
«to prazer do seruiço d'ElRey meu senhor. E tua vida *e* saude seja»
«quanto tu quigeres.»

E sendo Miguel Ferreira de todo despachado veo embaixador onde estaua o Gouernador, e lho entregou com seus criados e escrauos, do que de todo deu seu assinado, dizendo que assy lho mandaua o Xequesmael; com que o Gouernador o despedio com suas honras. E o Gouernador deixou na costa Lopo Vaz de Sampayo com a carauella latina e cinqo nauios, que ficasse d'armada na costa e corresse até Dio, e nom fizesse mal ás naos de Cambaya e lhe désse cartazes se lhos pedissem, dizendo que por amor de Meliquiaz; e as naos do estreito que tomasse trouxesse a Goa. Em que fez muytas prezas, mórmente huma nao grande carregada de marfim, que vinha da costa de Melinde; e acabada a monção, que se hia pera Goa, no rio de Dabul tomou duas naos que partião pera Meca carregadas de gengiure e drogas, que valerão muyto dinheiro, que leuou a Goa.

O Gouernador partio de Chaul e se foy a Goa, onde lhe fizerão grande recebimento; mas achou grandes queixumes de Pero Mascarenhas, e casados muy aggrauados: com que o Gouernador nom quis entender com rigor de justiça, sómente o tirou de capitão, e mandou que se fôsse estar na sua capitania de Cochym, e fez capitão de Goa dom João d'Eça; e Jorge d'Alboquerque, que estaua por capitão de Cochym, mandou por capitão de Malaca, que partio na monção d'abril com quatro nauios e cento e vinte homens, e muytas monições, e roupas de Cambaya pera o feitor de Malaca mandar a Maluco e a Banda nos junqos dos mercadores, que a frete trazião o crauo de Maluco e drogas de Banda, onde o feitor mandaua homens que arrecadauão as fazendas, em que se dobraua o proueito dez vezes; o que o feitor de Malaca tudo mandaua a Cochym, pera a carga das naos do Reyno.

[1] *aos* Autogr.

Depois do Gouernador chegar a Goa, d'ahy a pouqos dias, veo huma galueta que trouxe cartas ao Gouernador de Fernão Martins Auangelho, que ficára por feitor em Dio, em que lhe daua nouas que soubera de mercadores seus amigos que o Rey d'Adem, temorizado de tornar lá nossa armada, se fazia muyto forte, e que mandára chamar a Dio todas suas nauegações que logo se fossem pera elle, e mandára buscar secorro ao Rey de Zeyla e Barbora. E que Meliquiaz se temia muyto que ElRey de Cambaya lhe désse forteleza em Dio, * e * era hido á côrte com riqas peças pera dar'aos regedores, que estoruassem que nom désse forteleza em Dio, que tambem fazia muyto forte. E que tambem tinha sabido que o embaixador do Xequesmael trouxera messagens pera o Rey d'Ormuz, e de Cambaya, e ao Hidalcão, aos quaes mandára presentes, e grandes offerecimentos d'amizades, e lenda de hum grande caciz, em que dizia que tinha verdadeira oração de sua ley emendada da que era, em que se auia de nomear Ale e nom Mafamede, dando a ysto suas rezões; e o Xequesmael, por alcançar as graças d'esta obra que fazia de seu Ale de que tinha noua crença, o notefiqou por seus embaixadores a estes Reys que tomassem esta noua ley, e pera confirmação, os que a aceitassem, trouxessem seu carapução: o que todo logo concedêra e obedecêra o Rey d'Ormuz, per conselhos de Cojatar e Resnordim; e por * que * elle Gouernador n'ysto nom fizesse algum estoruo, o embaixador passára a India 'assentar com elle a noua amizade que pedia o Xequesmael; e que o embaixador que fôra' ElRey de Cambaya, nom fôra bem despachado, nem o do Hidalcão, que disse que a seita que tinha era a boa, que sempre se guardára per todo o mundo, e que elle a nom auia de mudar.

O Gouernador, ouvidas estas nouas as praticou com dom Gracia seu sobrinho, em que ambos assentarão que se aprecebesse sua armada o milhor que pudesse ser, e com a gente que viria este anno do Reyno, e que sabendo mais nouas, se outra cousa nom sucedesse, tornarião a tomar Adem, pois já estaua com tanto medo; porque sendo Adem tomada, e posta na obediencia d'ElRey nosso senhor, ficaua o estreito de Meca rematado, e segura a passagem dos rumes á India. O que se tambem praticou com outros capitães e fidalgos que a todos pareceo muyto bem, o que assy sendo, chegarão as naos do Reyno, que forão estas.

ARMADA

DE

JOÃO DE SOUSA DE LIMA,

ANNO DE 1513.

CAPITULO XLIV.

Sendo vinte e dous dias de setembro d'este anno, chegarão á barra de Goa tres naos do Reyno, e por Capitão mór d'ellas João de Sousa de Lima, e outra Anrique Nunes de Lião, e João d'Abreu, da ilha da Madeira. Estas tres sómente; e outra nao de que era capitão Francisco Correa, filho de Braz Afonso Correa corregedor de Lisboa, que partindo de Moçambique pera a India se apartou da companhia, se perdeo que nunqua mais apareceo; e porque a nao era noua e boa de vela, e nom ouve tromenta n'esta trauessa, [1] *se* presumio que podia auer desastre de fogo. N'estas naos veo pouqa gente; com que o Gouernador fiqou descontente vendo tão pouqua armada e gente; as quaes logo despachou e mandou pera Cochym a tomar a carga, e mandou com ellas dom Gracia seu sobrinho, e com elle todolos nauios d'armada que auião d'auer corregimento de varação e madeira, porque a madeira de Goa nom era

[1] *e* Autogr.

boa como a de Cochym; ao qual deu poderes de gouernador, e lhe mandou que fosse visitar ElRey de Calecut da sua parte, e darlhe boas desculpas e rezões porque tomára as naos de seus mercadores, que tomou nos rios com a pimenta e drogas; e muyto encomendar ao feitor que as galés fossem acabadas pera o verão que vinha de 1514, que auia de leuar ao estreito de Meca, pera onde se fazia presles. O que dom Gracia tudo comprio enteiramente; porque era homem de forte condição, e os homens lhe acatauão tanto como ao Gouernador, e despachou as naos do Reyno, e varou os nauios d'armada no inuerno de todo quanto compria.

O Gouernador fiquou em Goa com toda a gente que nom quis que fosse a Cochym, assentando, por conselho, que no verão que vinha tornasse sobre Adem, com ajuda da gente que aueria d'armada que viesse do Reyno, e ajuntar todo seu poder, e tornar a tomar Adem; o que todo assy assentou per conselho de todolos capitães e fidalgos, pera o que em Goa fez grande prouimento do que auia mester, que fez muytas escadas fortes de troços que se enxeriāo e fazião quão compridas querião, e fez mantas, e banqos pinchados, e cestos de canas da feição de toneis, abertos por ambas as cabeças, pera em pé, cheos de terra, fazer bastiães pera estancias; fez muytos picões, alauancas, enxadas; fez padezes de campo, e muyta poluora, e pilouros; proueo os almazens em muyta auondança das cousas todas que comprião pera fornimento d'armada, que tudo recolheo antes d'inuerno, e sobre tudo muytos mantimentos; e dentro na forteleza mandou concertar os engenhos das moendas, e fornos em que se fez muytos biscoitos, em que moyão e trabalhauão os mouros catiuos d'ElRey e homens portuguezes amassadeiros, e tudo com muyto regimento, e grandes casas em que se recolhião estes biscoitos.

E porque a manifesta perda d'Adem, e mal dos nossos, fôra nom terem com que tirar aos mouros que os frechauão no muro, tomou muyto trabalho em fazer espingardeiros, porque auia espingardas e os homens nom usauão d'ellas, porque nom sabião tirar com ellas. Mandou apregoar que o homem que tiuesse espingarda e quigesse seruir d'espingardeiro lhe daua cada mez hum cruzado, além do que tiuesse, e lhe daua priuilegios de bombardeiros; e fez hum caualleiro honrado, chamado João de Freitas, [1] «anadel», com escriuão e meirinho. Ao que logo se

[1] «anavel» Autogr.

ajuntarão muytos, e o Gouernador lhe ordenou barreira aos domingos, e aos sabados primeyros do mês mandaua dar a cada hum meo arratel de poluora e meo de chumbo, *e* hum cruzado na mão do [1] *anadel* ao que ganhaua a barreira. Este regimento mandou a Cochym, e Cananor, em que se fizerão muytos espingardeiros.

E costumou cada mez duas vezes sayr ao campo com toda a gente em soiça, onde elle tambem hia com seu pique ás costas metido antre todos, e quando se recolhia fazia primeyro ajuntar, e contar e atar, todos os piques, e leuar ao almazem, onde estauão em cauides muyto guardados.

O Gouernador estaua aposentado nas casas do Sabayo, que tinhão grande sala em que daua mesa a todolos fidalgos, e a mais de quatrocentos homens, porque a mesa fazia volta por outra banda. E assy dauão mesa todolos capitães, e o capitão da forteleza, onde todos os homens andauão agasalhados, e tinhão obrigação acompanharem seus capitães, que nom tinhão em que entender senão no concertar de suas armas; e o Gouernador fazia mercês aos capitães da fazenda d'ElRey pera ajuda de seu gasto, e os homens cada hum recebia cada mez hum cruzado de seu mantimento, com que se muyto bem repairauão, e cad'anno pagos de seus soldos vencidos. E tanto trazião os homens o ponto da honra e cauallaria, que todas suas gentelezas erão quem teria mais riqas armas, e ao domingo, por galantaria, se armauão de riqas armas e cubertas de jorneas de seda, e rebuçados os rostros com lenços hião aguardar o Gouernador, e hião com elle á igreja, e tornauão com elle da missa; o que o Gouernador lhe muyto grangeaua e honraua, pedindolhe por mercê que se dessem a conhecer; o que alguns nom querião fazer, e os despedia com grandes honras, e os que se descobrião os leuaua a jantar e assentaua junto de sy, fazendolhe muytas honras.

O Gouernador sempre comia com trombetas e atabales. Diante das casas auia hum grande terreiro onde estauão os naiques, capitães da gente da terra, cada hum dozentos piães, que estauão derrador do terreiro com suas armas, que cada domingo vinhão dar vista ao Gouernador, e estauão assy postos em ordem derrador do terreiro, com seus tangeres e trombetinhas, que são muyto guerreiros, e antre elles hum que tangia hu-

[1] *anavel* Autogr.

ma trombeta de cobre de duas braças, direita, que era ouvida sobre todos, que fazia hum som de guerra espantoso, que esta tangia de quando em quando.

E tambem vinhão a terreiro muytas molheres bailadeiras com seus tangeres, que a ysso ganhão sua vida, que bailauão e cantauão em quanto duraua o comer; ysto ao jantar e cea, com muytas tochas de pannos metidas em huns canos de cobre, que ceuão com ageite que pera ysso trazem em pequenos barris de cobre; e assy vinhão ao terreiro dar vista vinte e quatro alifantes, que auia na cidade de trabalho, que em Goa se tomarão alguns, e outros vierão de prezas que naos leuauão de Ceylão a vender a Cambaya por grande mercadaria, os quaes assy vinhão estar no terreiro e fazer ao Gouernador suas cortezias até acabado jantar, que todos se hião.

E assy ao domingo á tarde o Gouernador saya ao campo, com toda a gente que auia de cauallo, a escaramuçar e ensayar a caualgar nas sellas, que erão da feição dos mouros; e caualgauão os fidalgos e capitães nos cauallos que ElRey tinha em suas estrebarias, com seus seruidores a que chamão farázes, que os alimpão e lhe dão seu comer; tudo com muyta ordem, como já disse, que todos tinhão suas cubertas e armaduras de guerra pera pelejar, como já disse. E querendo o Gouernador caualgar pera o campo daua o sino duas badeladas, e os fidalgos mandauão seus criados á estrebaria, e lhe leuauão os cauallos selados e concertados; e tornando do campo os tornauão á estrebaria, e se tornauão do campo de noite vinha o Gouernador com muytas tochas, e com sua guarda diante, e os naiques com a pionagem da terra com seus tangeres fazendo grande estrondo, e chegando ás casas * era * recebido com trombetas e atabales.

Nom consentia o Gouernador que nenhum capitão andasse a cauallo, porque hindo a pé hia acompanhado da gente de sua mesa, que nom tinhão outro trabalho mais que hir á missa assy acompanhados, e se tornauão ás casas do Gouernador, que tinhão muytos degraos no terreiro, em que se assentauão a praticar, e passear até que o Gouernador vinha a jantar, que lhe fallauão, e se hião pera suas casas com sua gente a jantar.

O Gouernador se aleuantaua ante menhã, e com sua guarda a pé hia ouvir missa, e caualgaua só, com huma cana na mão e hum som-

breiro palhete na cabeça, e com seus alabardeiros hia correr a ribeira e os muros, vêr as obras que se fazião, que tudo via por seu olho e mandaua fazer. Trazia após sy quatro escriuães, criados d'ElRey, com tinta e papel, fazendo mandados e despachos, que assinaua assy a cauallo como andaua; e eu Gaspar Correa, que esta lenda faço, fuy assy seu escriuão. Tinha grande oratoria; escreuia a ElRey dandolhe conta das cousas, até das bombardas quebradas; escreuia aos duques, e condes, a todolos do conselho, dandolhe miuda conta de todo o estado da India, e cousas que comprião; e aos veadores da fazenda, dos prouimentos que auia na India e que auião mester prouer, escreuia cad'anno por quatro vias. Do que escreuia [1] * fiqauão * menutas aos escriuães, que depois cotejaua com as repostas que lhe vinhão, que nada ficaua em esquecido que não prouesse.

Nom consentia que nenhum homem tratasse nem andasse fóra do seruiço d'ElRey, porque todos trazião o ponto na honra da guerra e caualaria. Auia hum Antonio Fernandes Tassalho, e Diogo Fernandes Peteira, e João Aluares de Caminha, e Ruy Paes: estes tratauão per hum aluará d'ElRey, que lhe daua essa licença, e dizia que os auia por mortos em seu seruiço, que nom queria que em nada os acupassem, mas que as mercadarias e lugares per onde andassem seria per regimento do Gouernador, o qual com estes homens tinha muyta contenda, e os enuergonhando, que olhassem que andauão ganhando dinheiro polas terras que os caualleiros e fidalgos andauão ganhando ás lançadas, derramando seu sangue; e os mandaua que andassem nas naos da terra tratando em mercadarias da terra, e nom tocassem em nenhuma mercadaria nem fazenda do trato d'ElRey, sô pena de perdimento de sua liberdade, e os mandar em ferros ao Reyno; e que déssem fiança, primeyro que partissem, que nas terras per onde andassem nom fizessem força nem agrauo; e trouxessem d'ysto certidões dos officiaes dos portos em que entrassem, e como pagauão os direitos como os outros mercadores; e que auião de tornar a enuernar ás fortelezas d'ElRey; e das cousas que tratassem as que ElRey ouvesse mester pera seus almazens lho dessem polo que lhe custasse; e pera fiança de estas cousas comprirem, lhe mandou que fizessem em Goa humas cazas que valessem mil cruzados. [2] * Chamaualhe *

[1] * fiqam * Autogr. [2] * chamalhe * Id.

atentadores de Satanás, que fazião cobiçar aos caualleiros que andassem a ganhar e nom a pelejar; porque quando na India ouvesse portuguezes tratantes o credito de suas honras seria perdido nos feitos da guerra, e antre todos aueria bulras e demandas, em que se perde a verdade dos bons, ElRey perderia seu credito, e Deos * aueria * muytos desseruiços. E fallaua cousas que depois parecerão profecias. Em que lhe trouxerão tres portuguezes que forão tratar, e os mandou meter nas galés aferrolhados a banquo, e lhe tomaua as fazendas e mandou dar no esprital pera gasto dos doentes.

E se o Gouernador via corôa aberta 'algum homem, corria com elle e o nom queria vêr, dizendo que o homem que trazia corôa aberta trazia detriminação de mal fazer; que os bons feitos sem corôa se liurauão. Se conhecia hum homem por soberbo, ou brigoso, o mandaua embarquar pera o Reyno, dizendo que os nom queria na India, por nom fazer justiça de seus malles. Se hum homem fazia algum crime e se colhia a casa d'algum fidalgo, logo mandaua o meirinho que lho fosse pedir, e se lho nom daua lhe mandaua tomar a menagem, e nunqua mais auia de sayr fóra da casa, até que nom entregasse o malfeitor que se [1] * colhia * a sua casa; dizendo que por seu fauor, e colheita de sua casa, se fizera o mal. Tinha o Gouernador grandes contendas com os capitães da carreira sobre os aggrauos que no caminho fazião aos homens, e os castigaua com lhe fazer pagar grandes penas. Chamaualhe caixeiros empapeladores; tomaualhe todolos vinhos pera ElRey; tinha sobre elles grande vigia ácerca de mercadarias defesas, que chegando as naos logo mandaua apregoar que ninguem as vendesse, sô pena de perdimento da fazenda e ordenados, nem menos as comprassem; porque os capitães da carreira se vinhão aproueitar, e se tornauão praguejando dos que na India ficauão pelejando. E sendo despachados pera lhe entregar as vias pera ElRey, os chamaua e conuidaua a jantar, dizendo como em zombaria: «Senhor» «foão, vamos jantar e molharês comigo na escudela. Entregarvoshey» «pera ElRey nosso senhor os euangelhos, e lá lhe direys as 'pistolas. [2]»

Foy o Gouernador muy auenerado e acatado dos fidalgos depois que veo dom Gracia, e muy aguardado, que ante menhã o aguardauão, quando saya, a darlhe vista como se fôra ElRey nosso senhor. O Gouerna-

[1] * colhe * Autogr. [2] contracção de * epistolas * Id.

dor muyto encomendauá aos capitães que aos homens de suà companhia nom consentissem que fossem brigosos, e se ouvessem paixões os fizessem amigos; e sobre tudo lhe defendia o jogo, sómente tauolas e enxadrês. Viuião os homens tão pacifiqos, que nom auia mais que hum meirinho com a vara na mão, e hum moço que lhe trazia a espada. Auia hum homem com nome de ouvidor, sómente por representar vara de justiça.

Os muros da cerqua da cidade erão feitos da guisa dos mouros, com ameas redondas de pedra e barro, que a gente da terra cobrião d'ola e palha cad'anno, porque nom cayssem com a chuva; no que muyto gastauão. Polo que o Gouernador os chamou, e lhe disse que elle faria os muros de feição que escusassem os cobrir pera o inuerno; que elles fizessem o gasto, e sayrião do trabalho e gasto de cada anno. Do que forão contentes; polo que á sua custa d'elles fez o muro e ameas como ora estão.

E fez outras muytas e boas cousas, como homem que as fazia em cousa sua propia, que esperaua deixar porque erão de sua honra.

Postoque o Gouernador tinha entendimento assy repartido por tantas cousas, era sempre lembrado do principal, com muyto cuidado da enxecução que [1] * desejaua * de dar em Adem. Porque nom cuidassem os mouros que elle nom era lembrado, em Goa ajuntou armada de oito velas, de que mandou Capitão mór Pero d'Alboquerque seu sobrinho, e com elle Vicente d'Alboquerque, Simão d'Andrade, Fernão Gomes de Lemos, Antonio Raposo, Aluaro d'Atayde, Pero de Faria, nos milhores nauios que póde concertar, com muyta artelharia e mantimentos, e todo o necessario pera quatrocentos homens que com elle mandou; e lhe deu regimento que fosse andar na costa d'Arabia feliz, e fosse guerrear Barbora e Zeyla, e corresse até o porto d'Adem, e tudo queimasse e roubasse, e se fosse visitar Ormuz e lhe pedir as pareas que deuia, e se tornasse no cedo, e na costa de Dio aguardasse as naos de Meca, e até fim de setembro se tornasse á Goa. O que elle todo assy fez compridamente, como adiante em seu lugar direy.

Tambem o Gouernador, com lembrança do que Fernão Martins Auangelho lhe escreuêra ácerca de Meliquiaz, que fôra á côrte d'ElRey de

[1] * deseja * Autogr.

Cambaya estrouar que nom désse forteleza em Dio, quis o Gouernador desenganarse com ElRey, e mandou por embaixador Diogo Fernandes de Beja, e com elle Gemes Teixeira por segunda pessoa, e com elle vinte homens honrados pera sua companhia, que os leuasse a cauallo per onde quer que lhe pudesse dar cauallos; e deu a Diogo Fernandes dous mil pardaos pera seu gasto, e lhe deu grandes apontamentos do que auia de fazer, e pedir a ElRey forteleza em Dio. Diogo Fernandes de Beja era homem abastado e grandioso: fez muytos gastos de riquos vestidos, e cousas de seu seruiço de cama e mesa, e prata pera sua mesa, e tenda pera pousar; e deu aos homens pera seu vestido e se concertarem dinheiro. E o Gouernador a cada hum fez mercê, e lhe fez pagamento de seus vencimentos; com que todos forão muy concertados e com muytos seruidores; e lhe deu hum collar esmaltado, e assy hum punhal, cousa fremosa de vêr; e lhe deu hum bacio e gomil de prata d'agoa ás mãos, laurado dourado, muyto riquo, e huma peça de brocado de pello, de muyto preço; que erão peças que o Gouernador tinha, que lhe ElRey mandára pera ter em thesouro pera dar de presente a quem comprisse. E lhe deu dez peças de veludos, e cityns, e damascos de cores, pera dar aos regedores, com conselho de Melicopim nosso amigo, que tudo escreuia ao Gouernador os segredos do que lhe compria; ao qual o Gouernador escreueo, e encomendou que aconselhasse a Diogo Fernandes todo o que fallasse e fizesse.

E foy Diogo Fernandes com sua companhia, embarcado em huma fusta, desembarqar em Çurrate, d'onde mandou Pero Queimado e Ganda Chatim, [1] gentio de Goa, que hia por lingoa porque sabia bem fallar a lingoa dos guzarates; e mandou pedir seguro e licença a ElRey pera hir onde elle estaua com embaixada do Gouernador que leuaua. O senhor de Çurrate fez muyto bom gasalhado a Diogo Fernandes, e lhe daua em terra boas pousadas; mas elle nom quis, dizendo que em terra nom auia de sayr senão depois de ter recado d'ElRey. Pero Queimado chegou á cidade de Champanel, onde nom achou ElRey, que inda nom viera da cidade do Mandou, onde era hido com exercito de gente contra os res-

[1] Parece ser o mesmo interprete a quem nos *Com. d'Alboq.* Parte IV, Cap. XXI, se dá o nome de Ganapatim, e *Castanh.* no Liv. III, Cap. CXXVII, chama Anagapatu, e logo no Cap. CXXXI, appellida Ganapatu.

butos e patanes, que com elle tinhão guerra; e Pero Queimado foy fallar a Deruscão [1], principal regedor do Reyno, que hy estaua, onde tambem estaua Melicopim, que ficára doente e nom fôra com ElRey; o qual fallou com o regedor, e lhe deu conta que nosso embaixador estaua no porto de Çurrate, aguardando por licença pera poder vir a ElRey. No que o regedor proueo, e mandou hum capitão com cem homens que fosse ao porto de Çurrate, e trouxesse em sua companhia nosso embaixador, com todolos seus, fazendolhe todo bom gasalhado e pousadas nos lugares. Com o qual capitão Melicopim mandou hum seu filho, com cincoenta de cauallo pera que acompanhassem; e o regedor lhe mandou dizer que se fôsse pera onde elle estaua, e ahy aguardaria até vir ElRey, que nom tardaria muyto. O que assy fez Diogo Fernandes, que logo desembarqou, e lhe derão carretas em que elle foy com toda sua gente e fato. E as carretas, em que elle e os portuguezes forão, erão de muytos lauores, e paramentadas de pannos de seda, cubertas do sol, e as carretas de tal andar, porque a terra he campinas muyto chãs, [2] * que * a gente n'estas carretas vão dormindo tão assassegados como no chão.

Chegando 'alguns lugares em que auião de repousar, Diogo Fernandes por mostrar suas grandezas nom queria pousar nas casas, e fóra no campo mandaua armar sua tenda, que era do Reyno, de tres esteos, que era de lonas, que elle mandou forrar per fóra de pannos branquos e de cores entretalhados, e por dentro forrada de pannos de seda do estreito; que tinha dentro repartimentos de camara e sala, e apartamento pera a gente; na qual podião caber quinhentas pessoas; em que na sala estauão cadeiras rasas, e escabellos cubertos com alcatifas, e sua camara alcatifada, e leito dourado, com paramentos e colchas de seda, e almofadas de citys do Reyno, de cores. Onde seus seruidores e escrauos, que andauão muyto bem vestidos, punhão a copa com riqa prata e grande mesa, em que todos os homens com elle comião muytos comeres e manjares, que leuaua cozinheiros muyto bons; onde elle banqueteaua o capitão e o filho de Melicopim, e com muytas conseruas e vinhos finos cheirosos; onde derrador da tenda estauão cem canaris com suas armas, com seu naique, que o Gouernador lhe deu pera mayor fausto, gastando

[1] Em *Castanh.* Liv. III, Cap. CXXXI, se lê Destrocão, e Desturcão nos *Com. d'Alboq.* Parte IV, Cap. XXI. [2] * e * Autogr.

muyto largo, e dando muytas dadiuas. E com este [1] * aparato * chegando a Champanel, Melicopim o sayo a receber com muyta gente de cauallo, e o regedor o mandou receber com muyta gente, e entrando em sua casa o veo receber á porta fazendolhe muytas honras, e o mandou com Melicopim, porque com elle auia de pousar; mas Diogo Fernandes quisera estar no campo em sua tenda, mas Melicopim nom consentio, e Diogo Fernandes fez seu conselho.

Ao outro dia o regedor lhe mandou polo thesoureiro d'ElRey duas cabaias de pannos de seda riqas, huma pera elle, e outra pera Gemes Teixeira, e dous mil pardaos d'ouro pera seu gasto. Ao que Diogo Fernandes lhe respondeo com grandes agardicimentos de cortezias, escusandose de tomar nada, que o nom podia fazer, porque o regimento dos embaixadores d'ElRey de Portugal lhe defendia que nom tomassem nada, senão da mão do Rey ou senhor a que leuassem a embaixada. O que pareceo ao regedor boa reposta, e logo o regedor mandou recado a ElRey como ally estaua nosso embaixador. ElRey estaua na cidade do Mandou. Ouvido o recado do regedor lhe mandou que lhe désse todo o que ouuesse mester, e o mandasse onde estaua; o que assy foy feito. E dado recado a Diogo Fernandes, tomou cauallos que lhe deu Melicopim pera todos os homens, e carretas pera o fato, porque auia lama, que chouia. No qual caminho puserão doze dias, e chegando perto da cidade do Mandou, Melicopim mandou recado a Çodamacão, regedor da côrte, em como hia o nosso embaixador em sua companhia; o qual lhe mandou que se fosse com elle pousar em huma sua horta, em que auia grandes paços, em que todos se bem aposentarão, porque aquelle dia ElRey era hido á caça, e como viesse lhe diria de sua chegada, como fez, que ao outro dia depois de jantar o Çodamacão lhe mandou dizer que fossem a ElRey, que os queria vêr; polo que Diogo Fernandes, que era gentil homem, e Gemes Teixeira, se vestirão em seus riquos vestidos, e todos seus homens todos a cauallo, com Melicopim, com muyta gente, forão á cidade, onde á entrada o recebeo o capitão da guarda d'ElRey com muyta gente, com que foy até a porta dos paços, entrando em hum grande pateo, onde o regedor veo aos receber, e os leuou onde ElRey estaua, em huma grande varanda que estaua sobre hum fremoso jardim. Estaua

[1] * aparacho * Autogr.

a varanda toda alcatifada, paramentada de pannos de brocadilhos, onde ás paredes estauão acostados os principaes fidalgos da côrte, riqos de vestidos; onde no cabo da varanda estaua ElRey recostado em hum catele cuberto de hum panno d'ouro riqo; ElRey vestido de branco, com huma touquinha branca na cabeça, huma adaga d'ouro na cinta, hum arco troquisco dourado na mão, com huma frecha com que estaua folgando.

Diogo Fernandes leuaua huma jornea de cetym cremisym forrada * de * damasco encarnado, com muytas pontas d'ouro e alfojar polas mangas; e gorra de veludo encarnado, com chaparia d'ouro e penna branca; e jubão de cetym encarnado, muyto cortado, forrado de tafetá azul, com muytas pontas nos golpes; calções de tafetá azul com rosas d'ouro; e nos pés pantufos de veludo, que deixou fóra das alcatifas, e foy descalço; e na cinta huma riqa espada d'ouro: Gemes Teixeira casy d'este teor. Hião diante os mais bem vestidos homens, que em huma toalha sobre as mãos leuauão o collar, e o punhal, e o bacio, e gomil. O que o regedor, que hia diante, offereceo a ElRey, que mandou que o collar pusesse sobre o catele, e o punhal tomou elle na mão, e tirou da bainha, com que mostrou que folgaua, e o esteue olhando, e o esmalte que nunqua vira; e o bacio, e gomil, e peça, pôs junto do catele. Os embaixadores chegando ao meo da varanda lhe fizerão sua grande cortezia, e outra lhe fizerão chegando duas braças perto d'ElRey, que se soergueo hum pouqo, e tendeo a mão direita, mostrando muyta honra e prazeres; e elles com hum joelho no chão, lhe perguntou da saude do Gouernador, e os despedio que se fossem a repousar, que logo os despacharia. Com que se despedirão, e assy acompanhados se tornarão pera casa do regedor, que os agasalhou. Depois dos nossos saydos da varanda, ElRey mandou desenrolar a peça do brocado, de que fiqou tão contente que dixe que na India nom auia tal panno.

O regedor esta noite banqueteou os nossos, e a Melicopim, onde durou o comer até mea noite, com muytos tangeres e bailadeiras, e chocarreiros, em que a festa foy muy grande.

Ao outro dia pola menhã veo o regedor onde estauão os embaixadores, e lhe vestio riqas cabaias que lhe ElRey mandou, e * trouxe * de pannos de seda de muytas sortes cabaias pera todolos homens, até os seruidores e escrauos, e cinco mil pardaos d'ouro pera seu gasto. O que todo o embaixador duvidou de tomar, mas Melicopim lhe disse que tudo tomasse

com muytos contentamentos, porque se o nom fizesse estimaria ElRey desprezarem suas cousas: o que então assy o fizerão. Então Diogo Fernandes mandou ao regedor quatro peças, duas de veludo, huma de cetym, outra de damasco, todas de cores defferentes; do que o regedor lhe mandou em retorno riqos pannos de seda e brancos, *e* a cada hum huma adaga gornecida d'ouro.

Ao outro dia á tarde o regedor os leuou a ElRey assy vestidos em suas cabaias; a que ElRey mostrou muyto prazer, e lhe disse que fallasse com o regedor sua embaixada, e que os despacharia logo: com que os despedio.

E tornados a sua pousada, dixe ao regedor sua embaixada, dizendo que o Gouernador muyto [1] *desejaua* o meter em muyta paz e amizade com ElRey de Portugal, que muyto folgaua de ter amizade e conhecimento com os grandes Reys, como elle era; e por assento de boa amizade ter trato em suas terras e portos, pera fazerem seus proueitos, e seus nauegantes e naturaes, porque sem assy terem boa paz e amizade elle nom deixaria nauegar o mar, de que era senhor ElRey de Portugal. E porque a ElRey tinhão feitos malles e enganos, em matando os portuguezes e lhe roubando suas feitorias, como teria sabido que lhe fizerão em Calecut, e em Malaca, e em Ormuz, *e* Coulão, confiando nas verdades dos Reys que ysto fizerão; que por tanto compria em Dio lhe dar forteleza, onde estiuessem seguros os homens e fazendas, porque se assy nom tiuesse seguridade com forteleza nom podia confiar que 'amizade era verdadeira. O regedor disse que todo apresentaria a ElRey, e lhe daria a reposta, o que foy d'ahy a tres dias, que lhe deu o despacho, que dizia ElRey que forteleza em Dio nom daria; mas que lha daria em outro qualquer porto e cidade sua que quigesse; que a nomeasse, e que logo lhe daria o despacho. Diogo Fernandes disse que o Gouernador o mandára pedir forteleza em Dio, e nom lhe dissera que a tomasse em outro lugar; que pois ElRey nom era contente, com essa reposta se tornaria; o que elle, como principal regedor do Reyno de Cambaya, deuia bem de olhar o que erraua ou acertaua na reposta que ElRey daua; porque nom tendo Cambaya paz no mar que teria muyta perda na terra, porque ElRey de Portugal era senhor do mar, e por elle

[1] *deseja* Autogr.

nom auião de nauegar senão seus amigos. Perguntou o regedor se tendo forteleza em Dio as naos de Cambaya nauegarião pera Adem e pera o estreito. Diogo Fernandes disse que não, porque Adem e o estreito erão de nossos imigos com que tinhamos guerra; porque a boa amizada auia de ser amigo d'amigo e imigo d'imigo; mas que as nauegações de Cambaya, tirando Adem e o estreito, nauegarião pera todolas outras partes que quigessem, com que tinhamos amizade. Ao que o regedor lhe respondeo que elle nom auia de tornar a fallar a ElRey mais em outros despachos; que bem se podião hir. 'O que Diogo Fernandes lhe disse que o despacho lhe désse pera leuar ao Gouernador, porque logo se queria partir. Ao que lhe disse o regedor que se fossem despedir d'ElRey; e elle os leuou, e Melicopim lhe aconselhou que nom mostrassem a ElRey descontentamento, sómente lhe muyto agardecessem logo os despachar. O que assy fizerão, e ElRey lhe disse palauras d'honra e contentamentos, e os despedio. Com que se tornarão a casa do regedor, que lhe deu carta d'ElRey pera o Gouernador, e huma adaga d'ouro, e vinte adagas outras somenos pera os capitães, e pera elles outras adagas e peças; e lhe deu mil pardaos d'ouro pera o gasto do caminho; e que se fossem a Çurraté, onde lhe mandaua dar embarcação; e que leuassem huma ganda, que lhe lá daria, que ElRey mandaua ao Gouernador, porque nunqua outra vira. Derãolhe muytas carretas e encaualgaduras; com que se partirão, e em sua companhia hum capitão d'ElRey com cem homens, que os acompanhou até se embarcarem.

Despedioos Melicopim, que lhe deu carta pera o Gouernador, em que lhe dizia que as dadiuas de Meliquiaz tinhão tomado os corações dos regedores e conselheiros, pera que aconselhassem ElRey que nom désse forteleza em Dio; e mandou ao Gouernador riqas cousas de Cambaya, em que foy hum catele de lauor de madre perola, cousa riqa, com varandas e paramentos; cousa pera ElRey. E Diogo Fernandes lhe deu quatro peças de cetys e veludos, e deu huma peça de cetym amarello ao capitão que os acompanhou. Com que se partirão, e chegarão a Çurrate em mayo, que era já inuerno; polo que enuernarão, e em passando o inuerno, em setembro, forão a Goa em duas fustas e outros barcos, em que foy a ganda, que desembarcando em Goa fez espanto sua vista. Esta ganda, e o catele, mandou o Gouernador a ElRey. E porque assy era espantosa a vista da ganda, ElRey a mandou ao Papa; que era alimaria mansa, baixa

de corpo, hum pouqo comprido, os coiros pés e mãos d'alifante, a cabeça como de porquo comprida, e os olhos junto do focinho, e sobre as ventas tinha hum corno, grosso e curto, e delgado na ponta; comia herua, palha, arroz cozido. O Gouernador recebeo Diogo Fernandes com muyta honra, dizendo que Dio nom se auia d'auer senão com alguma muyta apressão que ouvesse em Cambaya, que d'outra maneyra nom podia ser, em quanto Meliquiaz fosse viuo. O que assy foy, como adiante se verá por estas lendas.

CAPITULO XLV.

DO QUE FEZ O GOUERNADOR EM GOA DURANDO O VERÃO, E PROUEO MALACA COM SECORRO, QUE ESTAUA DE CERQUO, E DESPACHOU EMBAIXADORES QUE LHE VIERÃO DE BISNEGÁ, E OUTROS DO HIDALCÃO.

O Gouernador, como seu coração nom tinha vagar nas cousas que auia de fazer, e nom tinha nenhum repouso, com que daua muyto trabalho á gente, do que elle era em muyto conhecimento, por ter os homens contentes pera o trabalho que auia de vir, fez hum pagamento geral a toda a gente; ao que fez repartição a cada hum segundo sua calidade, a saber: aos da ordenança a cada hum dez pardaos; e aos cabos de esquadra trinta, e aos capitães cento; aos capitães das mesas trezentos, e aos fidalgos a cada hum cento; aos mestres, e criados d'ElRey e das casas reaes, a cincoenta pardaos; os mestres, e pilotos, e aos d'ElRey, a trinta pardaos; aos outros homens sem moradia vinte pardaos, e assy aos officiaes da ribeira; e aos marinheiros a quinze, e grometes dez, e pagens. Os officiaes lhe hião á mão, dizendo que nom tinhão tanto vencido, que lhes pagaua d'ante mão. Dizia o Gouernador que postoque o nom tinhão vencido o tinhão merecido. Fazia muytas honras a hum homem que conhecia por bom caualleiro, e gabaua seus feitos em pubrico, porque outros cobiçassem outra tanta honra; defendia * o jogo *, e dizia mal dos homens que jogauão; dizia que a certa perdição do homem era jogar, e a certa perdição da molher era ser golosa. Corria muyto com hum homem se sabia que era brasfamador e praguento; fauorecia muyto as molheres, que lhe nom fizessem malles e forças, e acodia muyto a ysso, e nom consentia que estiuessem ençarradas com os homens; mandaua aos padres que depois de jantar na igreja lh'ensinassem a oração. Auia huma meirinho

com vara que as chamaua e regía nas procissões. Erão todas as molheres solteiras muyto riquas, porque os homens erão muyto dados a ellas, mórmente ás malauares, que erão mais conuersauês. Queixauase o Gouernador com ElRey porque nom daua passagem ás molheres de Portugal pera' India, porque ganhassem este bem que tinhão as molheres da terra, que soube n'este anno que valião suas fazendas passante de cincoenta mil cruzados, e seu cabedal erão pannos branqos, e de seda, e o mais era ouro em cadeas e manilhas; porque auia molher que hia á igreja e leuaua tres e quatro escrauas carregadas d'ouro. Muytas d'estas, assy negras e molheres solteiras, ouve muytas que casarão na India com honrados caualleiros e fidalgos. Cousa muy de notar querer Nosso Senhor que assy fosse, porque em nossas partes os homens nos casamentos antes querem honra e bondade que riquezas, e'se huma molher tinha fumo de andarem com ella d'amores a nom querião vêr, e por ysso perdia casamento; e quererem os homens as molheres d'esta terra, negras e de máo uso, e polo querer de Nosso Senhor, taes que depois de casadas ganhauão corôa de muyta honra de castidade, mórmente nas malauares! Sómente os filhos e filhas d'esta mistura sayrão tão errados da bondade de seus pays e mães; ao que alguns ouve que atrebuirão a causa d'ysto 'o grande mimo em que estas mães e pays criauão seus filhos, que trazião vestidos de seda, cubertos d'ouro, com moços e pages; o que tudo os pays fazião por comprazerem a suas molheres, a que erão muy afeiçoados; polo que, criados assy em mimos e policia, sayão muy danados em máos costumes. No que o Gouernador entendeo com muyta prudencia, e escreuia a ElRey todas estas sostancias, pedindolhe que [1] *ouvesse* por bem propor ley que todo o filho nacido n'estas partes, como chegasse á idade de doze annos, se fosse viuer ao Reyno, e a estas partes nom tornasse senão sendo de vinte e cinco annos, que era idade de reger fazenda segundo a Ordenação; e trarião o bom ensino do Reyno, com que serião homens perfeitos.

Tambem o Gouernador proueo sobre muytos meninos, que auia na cidade, desemparados de pays, que erão filhos de molheres solteiras, que nom conhecião nem sabião quem erão os pays, e tambem filhos d'outras molheres pobres, e perecião as crianças á mingoa. Proueo n'ysto, e fez

[1] *ouve* Autogr.

bolsa d'esmolas, a que tambem apricaua penas de dinheiro pera criação d'estes meninos; a qual estaua em mão dos juizes, de que se daua esmola ás molheres pera criação d'estes meninos, d'arroz, e dinheiro, e pannos, cada mez, per rol com muyto regimento, e mestre pago que os ensinaua a lêr e escreuer e a boa doutrina; e sendo ensinados os entregauão ao juiz dos orfãos, que os dessem onde seruissem per soldadas ou a bem fazer; e tudo com bom regimento. E tambem deu pera a criação d'estes meninos partes nas prezas que se fazião no mar, que se partirão.

Tambem fez a capella de Nossa Senhora da Serra, que elle prometeo por sua deuação quando se saluou nos baixos do estreito, sobre que andou com a nao Serra em que hia; e a fez sobre a porta que se chamaua dos baçães, que era a principal pera os arraualdes; e a mandou fazer sobre a porta, ficando a seruentia por baixo, e a mandou fazer d'abobada muyto forte, e com amêas, que ficaua como torre pera defensão da porta. Pera rendimento d'esta capella tomou chão da banda de fóra além da ponte que auia da porta pera fóra sobre a caua, e na encruzilhada da rua que faz, onde depois se fez praça e pilourinho, tomou chão, em que mandou fazer corenta e oito boticas, doze pera cada rua, seis de hum cabo e seis do outro; da qual renda se auia de ornamentar a capella e pagar o capellão, que cada dia auia de dizer huma missa resada; e * deu * regimento que os juizes da cidade acabando seus tres annos tomassem conta das despezas da capella, e do remanecente, elles, por tomar a conta, ouvessem seis mil réis, e o que remanecesse se entregasse na bolsa dos meninos. O que assy deixou retificado em seu testamento quando morreo, que se mandou enterrar n'esta capella, onde jaz. Mas esta esmola dos meninos se peruerteo, que seu filho, que ficou no Reyno, o quis antes pera sy que não pera os meninos nem pera outra nenhuma esmola. Do que adiante mais contarey em seu lugar; porque Lopo Soares, que socedeo na gouernança, veo com tenção de desfazer suas cousas.

Passandose estas cousas, em janeiro, veo a Goa embaixador de Bisnegá com presente ao Gouernador pera assentar grandes pazes, por caso de muyta necessidade que tinhão de cauallos, que todos leuauão os mercadores do Balagate, que mandaua o Hidalcão, que todos tomaua. Sabido polo Gouernador a rezão da vinda do embaixador, e o que trazia,

deu ordem como o mandou aposentar no arraualde, nas casas de Crisna, hum gentio que era tanadar mór e justiça dos gentios, que tinha grandes casas, em que o Gouernador mandou dar prouimento de mantimento ao embaixador e 'os seus em muyta abastança; e ordenou com o Crisna o dia que o embaixador lhe auia de leuar o presente com grandes aparatos, que foy por esta maneyra, a saber: que o capitão da cidade, com toda a gente de cauallo e com seus alabardeiros, trarião o embaixador; diante virião os naiques com mil piães da terra, esgrimindo com suas armas, com seus atabaques e tangeres e trombetinhas, e detrás os alifantes todos em fio hum após outro, todos cobertos com alcatifas, e em cyma seus naires, que trazião nas mãos bacios de prata d'agoa mãos e em cyma cada hum sua peça, que erão duas manilhas dos pés e duas dos braços, e huma arelhana com huma joya pera o pescoço, e hum fio de perolas, e hum gemedar, que era huma arma que elles trazem na cinta como punhal, tudo gornecido d'ouro com pedraria, que foy estimado em cinquoenta mil pardaos. Com a qual ordem forão ás casas do Gouernador, onde estauão com elle muytos fidalgos, e lhe tangerão atabales e trombetas, onde chegando ao terreiro das casas a forteleza tirou muyta artelharia; e decerão nos degraos das casas, e homens portuguezes tomarão os bacios com as peças e as leuarão diante do embaixador, que o capitão leuaua pola mão até chegar ante o Gouernador, que estaua em sua camara alcatifada e paramentada, e elle vestido de damasco preto, loba e pelote barrado de veludo preto, e seu collar e cris d'ouro, como já atrás contey. O embaixador entrando a porta da camara, o Gouernador se aleuantou da cadeira em que estaua assentado, e esteue em pé, fazendolhe o embaixador grande çalema, e chegando mais perto tornou a fazer outra. Então o Gouernador deu hum passo, e tomou o embaixador pola mão, o qual lhe apresentou as peças, dizendo que ElRey de Bisnegá como grande amigo lhe mandaua aquellas peças, e lhe rogaua que as tomasse como amigo, que elle com sua mão lhas auia de vestir. O Gouernador disse, que por muyto folgar com sua amizade, era contente. Então o embaixador com sua mão lhe pôs ao pescoço 'arelhana e o fio de perolas, e o gemedar na cinta, e nos braços e pernas as manilhas, que se abrião e fechauão com fechos. Então lhe deu huma carta em folha d'ouro, com palauras *e* firmezas de grandes amizades e offerecimentos, e lhe pedindo a passagem dos cauallos pera sua terra. O Gouerna-

dor o despedio com suas cortezias, dizendo que logo o despacharia; o qual mandou leuar assy acompanhado como viera com suas honras.

O Gouernador tinha [1] * ordenados a gente da ordenança, que estauão * prestes com seus piques e atambores e pifaros, que o embaixador chegando á rua direita entrarão os da ordenança pola porta da cidade, que vinhão de fóra; com que o embaixador esteue quêdo agardando que acabassem de entrar, e aguardou espaço de duas horas, porque a gente corria pola rua direita e tornaua a sayr pola porta do Mandouim, e corrião derrador da cidade e tornauão a entrar pola porta da cidade, nom quebrando o fio, tirando muytas espingardas. O embaixador e os seus contauão a gente, que passarão de dez mil homens; que a gente acabou d'esgotar, então sayo o embaixador e se foy a sua casa, espantado de vêr tanta gente, e porque o capitão lhe disse que sempre assy andauão por se nom desacostumarem das armas.

O Gouernador despachou logo o embaixador com grande retificação das pazes, e quanto aos cauallos mandasse comprar quantos quigesse per seus compradores, e os leuasse seguros, assy por mar como por terra; de que lhe mandou sua carta assinada e asselada. E o embaixador lhe disse que ElRey folgaria de vêr huma lança, e espada, e adarga com que os nossos pelejauão na guerra. Do que muyto aproue ao Gouernador, e lhe mandou huma espada d'ambolas mãos, e hum pique e huma rodella, dizendo o Gouernador que aquellas erão as armas da guerra, que tambem tinhão outras mais pequenas pera folgar, que trazião quando nom pelejauão. E ao embaixador deu peças de seda do Reyno, e huma peça de grã; com que o despedio muyto contente. O Rey de Bisnegá fiqou espantado com os seus, vendo as armas com que os nossos pelejauão, que nom era muyto vencerem tantas guerras.

O presente mandou logo o Gouernador presente sy empapelar e meter em bocetas, e tudo dentro em hum caixão pregado e assellado, entregue ao feitor pera o mandar a ElRey nas naos da carga; dizendo aos capitães que erão presentes, que aquillo erão premicias da India, que erão de seu dono que era ElRey nosso senhor: o que elle assy o sempre faria em quanto viuesse.

O Hidalcão, sabendo o grande presente que o Rey de Bisnegá man-

[1] * ordenados que a gente da ordenança estauão * Autogr.

dára ao Gouernador, pera com elle assentar grande amizade, e auer d'elle os cauallos, que era o mór mal que lhe podia fazer, porque estauão imigos; o Hidalcão, confiado que antes o Gouernador aceitaria sua amizade que d'ElRey de Bisnegá, por ser seu comarcão, lhe mandou seu embaixador com sua carta de crença, dizendo que lhe nom deuia d'engeitar sua paz que lhe tinha dada, pois n'elle nunqua ouvera quebra depois que lha dera; mas elle era agrauado porque no concerto fòra que nom tolhessem as nossas armadas que as naos que trazião cauallos entrassem em Dabul, o que nom lhe guardára, e muytas naos lhe tomarão, que fizerão vir a Goa; e que tinha sabido que o Rey de Narsinga lhe mandára messagem com presente pera que se reuelasse contra elle, e lhe désse todos os cauallos pera com ysso lhe fazer mór guerra; que tudo era em sua mão, mas que elle deixaua tudo n'elle Gouernador, que fizesse tudo como muyto sesudo que era, que nom faria senão verdade do que deuia e mais compria ao seruiço d'ElRey de Portugal e bem de Goa, com que tinha visinhança. O Gouernador, entendendo bem estas contendas, se quis aproueitar do tempo, e logo muy breuemente despedio João de Sousa e João Teixeira com sua crença, e mandou dizer a ElRey de Bisnegá que o Hidalcão lhe mandára seu embaixador, e pedir sua ajuda contra elle n'esta guerra que lhe queria fazer, pera o que se offerecia a pagar a toda a gente, que lhe désse, trinta pardaos d'ouro cada mês, e mantimento de graça, e lhe daua as terras firmes de Goa pera pagamento dos cauallos que lhe vendessem, e fazia outras móres auantagens, que erão muyto seruiço d'ElRey de Portugal, que elle nom podia engeitar, porque ElRey seu senhor d'ysso lhe pediria grande conta. O que tudo lhe fazia saber o que passaua, pola amizade que antre elles era assentada; que por tanto, por elle Gouernador se poder com rezão escusar do que o Hidalcão lhe pedia, [1] *ouvesse* por bem lhe dar o porto de Baticalá ou Bracelor, que erão pequenas cousas pera seu tamanho Reyno; e que em qualquer d'estes portos lhe désse cad'anno trinta mil pardaos d'ouro, dos direitos dos cauallos que seus compradores leuassem; e que com lhe ysto conceder se escusaria do que lhe o Hidalcão pedia. E como assy despachou esta messagem, andou pairando a reposta do Hidalcão, por vêr primeyro o que lhe o Rey de Bisnegá respon-

[1] *ouve* Autogr.

dia; o qual, ouvido este nouo recado, tambem o Rey de Narsinga detardou a reposta, por vêr primeyro o que o Gouernador respondia; no que se passou tanto tempo até que João Teixeira morreo de peçonha que lhe derão, e João de Sousa assy esteue pera morrer, com que se tornou a Goa, dizendo o Rey de Bisnegá que elle mandaria reposta ao Gouernador, como mandou, dizendo que pois do recado que lhe mandára nom pretendia mais que segurar os direitos dos cauallos, pera que lhe pedia Bracelor ou Baticalá, que elle era mais seu amigo, que nom lhe queria dar tanto trabalho; que dentro em Goa lhe mandaria pagar os cauallos e seus direitos em dinheiro, ouro, ou prata, ou como elle quigesse; e quanto ao soldo que o Hidalcão prometia aos portuguezes que o ajudassem, elle tinha juntos cem mil homens a que pagaua soldo, e estaua prestes pera logo hir sobre o Hidalcão; que se portuguezes folgassem de hir com elle os leuaria por sua honra, todos a cauallo, com cincoenta pardaos cada mês que lhe daria, e nom pera pelejarem, que tinha gente que lhe sobejaua. Com esta reposta fiqou o Gouernador muy atalhado, vendo que ElRey de Bisnegá lhe fallaua muyto a proposito, e nom tinha que lhe responder.

N'esta muyta detença que ouve em o Gouernador agardar a reposta do Rey de Bisnegá, de que logo o Hidalcão teue auiso d'estes messigeiros, mas nom soube a sostancia da mensagem, mandou a seu embaixador que pedisse reposta ao Gouernador, e se lha nom désse lhe pedisse licença e logo se fosse. A mãe do Hidalcão, que era molher que regia o Reyno, nom consentio que o filho mandasse este recado; mas ella mandou recado ao Gouernador por huma messigeira, com sua carta com muytos offerecimentos d'amizades, pedindo que as assentasse com seu filho, e muyto lhe rogando que despachasse o embaixador com reposta, e désse licença á sua messigeira que lhe comprasse alguns cauallos, que auia mester pera sua pessoa, E assy he que n'este Balagate as molheres d'estado andão em cauallos, bem concertadas e cubertas quanto compre. O Gouernador lhe deu logo a licença, e que logo se fosse, e dixesse a sua senhora que nom despachára os embaixadores por ter muytas outras acupações; que logo os despacharia. E assy o fez, com tenção que quando tornasse se determinaria, e faria o partido com quem lho milhor fizesse. Então os mandou hir com a reposta que mandaua ao Hidalcão por João Gonçalues de Castello Branco, que mandou acompanhado e autori-

sado como compria, com cauallos e seruidores; e lhe respondeo ao Hidalcão, que por caso da visinhança e amizade que com elle desejaua de ter, lhe daria todolos cauallos que viessem a Goa, com tanto que lhe largasse as terras firmes de Goa, e o passo da serra do Gate, pera as ter seguras. E que quanto ao que dizia que 'armadas tolhião que as naos entrassem em Dabul, ysso fazia huma fusta de portuguezes ladrões que andauão aleuantados, que elle nom podia tomar pera os mandar queimar, que se colhião por seus portos; que se lá os tomassem que os enforcassem. A este ponto mandou o Hidalcão por todos seus portos aos tanadares que quantos portuguezes se colhessem aos portos que todos tomassem, e os mandassem a Goa, a bom recado, entregar ao Gouernador ou ao capitão da cidade.

Passando assy estas cousas, vierão a Goa por terra messigeiros do Rey de Pegú, e de Siam, pedindo ao Gouernador confirmação d'amizade, e seguro pera suas nauegações hirem tratar em Malaca e por todas partes. Com que o Gouernador fez muytas honras aos embaixadores, e lhe deu os seguros que lhe pedião, guardando Bandá e Maluco, que quando lá estiuessem nauios com portuguezes tratando elles nom bolissem em nada, até os portuguezes nom acabarem de carregar. Per estes embaixadores lhe veo huma carta de Manuel Fragoso, que estaua em Siam tratando cousas do feitor de Malaca, em que lhe daua conta de muytas cousas da terra e tratos, e certificaua que Malaca estaua de guerra; ao que o Gouernador logo proueo, e escreueo a Cochym a dom Gracia que despachasse pera Malaca Jorge de Brito, Francisco de Mello, Martim Guedes, que fossem carregados d'artelharia, e poluora, e monições, quantas pudessem leuar. E que [1] * fosse * por seu Capitão mór Jorge d'Alboquerque, que hia pera capitão de Malaca, com outros nauios que em Malaca auião de ficar todos, pera se virem os que lá estauão, que pudessem vir pera' India carregados, e os que fossem muyto podres os desfizessem; e que Ruy de Brito, capitão, se viesse pera a India; e proueo outros officios e cousas que comprião, e dozentos homens ordenados pera ficarem em Malaca, e se viessem os doentes e aleijados. Partio Jorge d'Alboquerque de Cochym em março, que era tempo de monção, e com bons tempos nauegando foy tomar no porto de Pacem, que [2] * leuaua * por re-

[1] * foy * Autogr. [2] * leua * Id.

gimento que visitasse o Rey de Pacem, que era nosso amigo, como já atrás fiqua contado; onde chegando auia pouquos dias que se aleuantára hum seu vassallo que era muyto poderoso, que trazia muyta gente, e lhe queria tomar o Reyno; o que sabido d'ElRey que nossa armada estaua no porto ouve muyto prazer, e mandou visitar o Capitão mór e lhe pedir secorro, que lhe valesse, pois era vassallo e amigo d'ElRey de Portugal, e hum seu criado lhe queria tomar o Reyno e lhe fazia guerra, e elle hia pera capitão de Malaca, que lhe tanto compria ter o Reyno de Pacem pacifiquo, pera bem de seu trato. O qual recado ouvido por Jorge d'Alboquerque teue sobre ysso conselho com seus capitães, que ouvindo que da guerra nom podião ter mais que trabalhos, todos forão em conselho que fosse seu caminho, como hia ordenado, secorrer a forteleza de Malaca, a que hia ordenado per mandado do Gouernador, que era sua tamanha obrigação, e nom entendesse em outra cousa, mórmente n'esta que era de guerra, em que podia aquecer alguma fortuna com que ouuesse de perder alguma gente, e punha a risco de nom hir secorrer Malaca, como hia. Jorge d'Alboquerque era homem de boa encrinação, e ouve que seria deshumanidade nom secorrer a este Rey que lho pedia, e mórmente sendo nosso amigo, e estando em seu porto com tanta armada, que nom o fazendo [1] * ficaua * em grande falta e descredito o estado dos portuguezes; polo que, por todolos inconuinientes que lhe apontauão, nom deixaria de fazer este secorro a este Rey. Então mandou fazer a gente prestes, com que nos bateys, e muytas embarcações que lhe o Rey mandou, foy em terra com toda a gente. O Rey veo receber ao desembarquar, pedindolhe misericordia. Jorge d'Alboquerque lhe disse que por elle ser amigo e vassallo d'ElRey de Portugal, por ysso ajudaria com aquelles caualleiros com que hia secorrer Malaca, e tudo deixaria perder polo seruir. Ao que ElRey lhe deu seus grandes agardicimentos. Com que se forão pera o arrayal, onde logo ordenarão hir dar no arrayal dos imigos, antes que se ajuntassem outros mais que chamassem a secorro. Então todos comerão muyto comer que ElRey deu, e acabando o jantar se puserão em ordem de batalha; o que Jorge d'Alboquerque todo ordenou sua gente em duas batalhas, em que deu a dianteira a Jorge de Brito, e Martim Guedes e Francisco de Mello com a gente dos seus

[1] * fica * Autogr.

nauios, e elle com o restante da gente, que todos erão passante de quatrocentos homens, que parecião mil com a gente do mar e escrauos. E Jorge d'Alboquerque disse a ElRey que a sua gente partisse em duas batalhas, que fossem cerqar o arrayal dos imigos; tanto que os nossos pelejassem fossem dar n'elles: no que o Rey se muyto bem ordenou.

Vendo os imigos os nossos desembarcar, logo se fizerão fortes no arrayal quanto poderão, e vendo os nossos hir assy postos em batalha armados, que elles inda nom tinhão visto, ouverão grande espanto; mas porque erão muytos sayrão do arrayal, confiados que se lhe fosse mal se tornarião a recolher, e se defenderião, que estauão muy fortes. Jorge d'Alboquerque leuaua trombetas que hião tangendo, e sendo perto dos imigos, que tirauão muytos espingardões, Jorge d'Alboquerque bradou Santyago, e mandou recado a Jorge de Brito e aos outros que rompessem batalha. O que assy fizerão todos: bradando Santyago, com as lanças baixas forão cometer os imigos, que [1] * sentirão * o picar dos fayns, com que o caminho fiqou coberto d'elles, que erão gente desarmados dos corpos, sómente espadas compridas, lanças de canas, e zerauatanas de peçonha; os quaes, sentindo o mal que lhe os nossos fazião, logo se recolherão pera o arrayal, que era de grandes tranqueiras, onde os nossos chegarão com sua furia com que hião após os imigos, que se puserão em grande defensão, tirando com muytos tiros de berços que tinhão; o que os nossos nom arreceando cometerão os imigos fortemente. A gente d'ElRey, vendo os nossos pegados na tranqueira, tomando coração forão abalroar o arrayal polas bandas, pelejando, matando muytos. O que vendo o regedor, que estaua ally, logo fogio em cyma de hum alifante, e toda sua gente após elle, os quaes a gente d'ElRey foy seguindo até os matos. Jorge d'Alboquerque nom consentio que os nossos seguissem o alcanço, e meteose ElRey no arrayal, onde os nossos descançarão hum pouco; onde logo veo recado do regedor que daua a obediencia a ElRey, e d'ysto mandou hum filho em penhor. O que Jorge d'Alboquerque tudo assentou em muyta seguridade, estando em terra oito dias; a que o Rey deu ricas peças, e aos capitães, porque á outra gente o Rey deu o despojo do arrayal. E Jorge d'Alboquerque se tornou a recolher aos nauios com grandes obrigações que lhe fez ElRey, e se partio pera Malaca, sem

[1] * sentindo * Autogr.

perder n'este feito mais que dous homens, e alguns feridos : que foy muyto acertado feito pera o muyto credito com que Jorge d'Alboquerque sempre, estando em Malaca, foy muyto temido ; onde quando chegou já este feito era sabido, e por ysso a cidade e forteleza lhe fez grande recebimento ; e a terra estaua pacifica das guerras passadas, que já atrás fiqua dito. Ruy de Brito fez entrega da forteleza a Jorge d'Alboquerque, e outros officiaes que se mudarão, que se vierão pera' India no tempo da monção, como adiante direy. Despachadas estas cousas, e outras que socederão, se çarrou o inuerno.

O Gouernador *estaua* em Goa com toda a gente e capitães, que dauão mesas como já disse, e o Gouernador dando muyto auiamento nas cousas d'armada, com muyta vontade de a fazer a mais poderosa que ser pudesse, com tenção de cometer a cidade d'Adem, e a tomar ; no qual trabalho se passou o inuerno até que chegarão as naos do Reyno, que forão estas abaixo decraradas.

ARMADA

DE

CHRISTOUÃO DE BRITO,

ANNO DE 1514.

CAPITULO XLVI.

Em vinte e dous dias d'agosto d'este anno, chegou á barra de Goa Francisco Pereira, Rosticão d'alcunha, e deu noua que partirão do Reyno quatro naos, em que vinhão capitães Manuel de Mello, e Luiz Dantas, e por Capitão mór Christouão de Brito, que com Manuel de Mello forão tarde tomar Cananor, e d'ahy se forão a Cochym a carregar, e a nao de Luiz Dantas veo a Goa. Veo n'estas naos hum embaixador que ElRey d'Ormuz, e Cojatar, tinhão mandado por terra a ElRey com suas cartas de vassalagem, pedindo a ElRey que lhe confirmasse sua paz pera sempre; que pagaria cad'anno, com forteleza que daria, com condição que nunqua lhe mais pedissem outra nenhuma cousa. O qual messigeiro era homem gauicero de nação, homem auisado, que deu a ElRey muy larga conta de todo o feito d'Ormuz, e d'outras muytas cousas da India e Turquia, que ElRey * lhe * fez mercê, e a rogo d'ElRey se fez christão, e se

chamou Nicoláo de Ferreira. E ElRey lhe deu o habito de Christo, com tença pera lhe pagar o feitor d'Ormuz, e lhe deu embarcação na nao de Christouão de Brito, e lhe fez muyta mercê; com cartas muy encarregando ao Gouernador que lhe fizesse toda' honra, (sobre o que ElRey respondeo ao Rey d'Ormuz muyto compridamente) e lhe mandou que se fosse tomar posse d'Ormuz, e n'elle fazer forteleza, e que tudo fizesse com boa paz: e respondeo a ElRey que todolas cousas da India, da paz e da guerra, tinha postas na mão do Gouernador; que a elle escreuia ò como auia de fazer suas cousas. Vendo o Gouernador ysto fiqou atalhado dos pensamentos que tinha, que era tomar d'Ormuz muyta vingança, segundo achasse que lá passasse Pero d'Alboquerque, que tinha mandado a pedir as pareas, vendo que Cojatar se secorrêra a ElRey por terra com seu messigeiro; e ouve muyto prazer vendo polas cartas d'ElRey que era contente das cousas que tinha feitas em Ormuz. E despachou Luiz Dantas que se fosse a Chaul a vender muyta fazenda, que trazia d'ElRey e da Raynha, o qual chegando á barra de Chaul se perdeo na lagea que está na barra; e porque hião na nao homens de Goa, que hião dando auiso ao piloto que se guardasse da lagea, e elle de fantesioso os nom quis ouvir, o capitão Luiz Dantas hia junto d'elle. Sentindo que a nao deu na pedra, remeteo a elle com hum punhal pera o matar, e com duas punhaladas se deitou ao mar e morreo, e a nao se perdeo com muyta fazenda. O Gouernador sobre as perdições das naos, que os pilotos perdião e errauão a nauegação, escreuia a ElRey, e dizia que pois enforcauão hum homem por huma manta d'Alemtejo que furtaua, porque nom enforcarião hum piloto que por nom saber, ou contumacia de marinheiro, deitaua a perder huma nao com tantas vidas.

Em fim de setembro chegou a Goa Aluaro d'Atayde, da companhia de Pero d'Alboquerque, a que elle dera licença que se viesse a Goa de meo do golfam atrauessando pera Dio, porque nom podia vencer a Goa com quatro bombas; o qual entrou no rio sem sorgir na barra, e sorgindo diante da cidade bradarão que se hião ao fundo, com que lhe acodirão tantos bateys que n'este dia e noite foy de todo descarregado e logo foy varado. Aluaro d'Atayde deu nouas da viagem que fizera Pero d'Alboquerque, o qual com toda' armada foy fazer agoada em Çacotorá, onde achou a terra de paz e fez agoada, e d'ahy se foy ao cabo de Gardafuy, e correo a costa tomando muytas naos, em que andou gastando o

tempo, que depois não pôde hir ao porto d'Adem porque os ventos lhe erão contrairos; polo que então se foy a Ormuz, sem fazer nenhum mal nos portos; onde chegou em mayo com seis naos de mouros, grandes, que tomára com muyta gente e molheres e familia, que hião de Calecut e d'outros rios, que nom leuauão cartazes; de que a gente leuaua recolhida polas naos d'armada com o milhor das fazendas.

Chegando assy, sorgio no porto com bandeyras, e fez salua d'artelharia; que ElRey logo mandou visitar com refresco, e que folgaua com sua vinda, porque elle era vassallo d'ElRey de Portugal, e estaua a seu seruiço com aquella cidade, de que lhe daria o que lhe comprisse. De que Pero d'Alboquerque lhe mandou seus agardecimentos, e dizer que tinha necessidade de casas em que metesse as mercadarias e gente que trazia pera vender; que por tanto lhe rogaua que lhe désse o logar da forteleza que o Gouernador começára, porque era casa d'ElRey de Portugal. ElRey respondeo que na cidade escolhesse quaesquer casas que quigesse, que todas lhe daria, mas nom o logar da forteleza, por quanto Çafardim seu irmão, que reynou antes d'elle, tinha mandado por terra embaixador a ElRey de Portugal, com carta de vassallagem, e pedir que pera sempre fosse sua paz guardada, e que pagaria pera sempre os quinze mil xarafins de pareas, com tanto que lhe nom anouassem mais seus capitães outro nenhum trebuto; e que as fazendas dos portuguezes ao entrar e sayr em Ormuz fossem franqas de todos direitos. E que sobre todas cousas pedia a ElRey que mandasse fazer forteleza em qualquer logar da cidade que quigesse, e nom fosse onde estaua começada, que lhe tomaua o melhor logar de suas casas em que moraua; que todas estas cousas tinha mandado pedir a ElRey e esperaua que ElRey lhas désse; e que este anno esperaua pola reposta; e que entanto nom auia de fazer outra cousa. Polo que lhe requeria, da parte d'ElRey de Portugal, que até nom vêr reposta d'ElRey lhe nom fizesse mal na cidade; que estaua prestes pera tudo o que mais quigesse. Sobre o que ouve recados e debates, em que ouve concrusão que as mercadarias forão descarregadas nas casas da feitoria que primeyro fôra, onde Tristão de Gá, feitor d'armada, com Diogo Peres escriuão, as vendeo, e fez muyto dinheiro, e mórmente no resgate dos catiuos, de que os marinheiros mais dispostos ficarão nos nauios d'armada pera os trazerem per'as galés, que Pero d'Alboquerque leuaua por regimento; e em quanto se assy vendião as

[1] * mercadarias, Pero * d'Alboquerque com quatro nauios mais pequenos, e com terradas e pilotos da terra, fôra correr e descobrîra o estreito da Persia até Baharem, e se tornára a Ormuz, e com paz se despedíra d'El-Rey, que lhe pagára trinta mil xarafins que deuia de dous annos de pareas. [2] *E em* agosto se partirão d'Ormuz caminho da costa de Dio; e por elle fazer tanta agoa, Pero d'Alboquerque, do golfam, o mandára que se viesse a Goa.

Pero d'Alboquerque veo ter á costa de Cambaya acyma de Dio, onde agardou as naos de Meca, em que fez grandes prezas que veo vender a Chaul, em que fez muyto dinheiro com que se veo a Goa, em que entregou na feitoria quatrocentos mil cruzados da parte que coube a El-Rey, e as partes todas pagas; mas quando chegou a Goa nom achou o Gouernador, que era hido a Cochym.

O Gouernador, vendo as cartas d'ElRey e o que em seu conselho assentára, que era conforme ao que o Rey d'Ormuz lhe mandára pedir, o que todo ElRey descarregaua sobre o Gouernador, que o fizesse melhorado se pudesse, pera o que mandaua que a Ormuz *fosse* com armada e todo o mór poder que tiuesse, e que pois o logar em que estaua começada a forteleza era tão principal, e de mór poder que em outra nenhuma parte da cidade, ahy fosse acabada e feita, mas que muyto trabalhasse com taes modos que fosse com toda paz; e sobre ysto outras muytas sostancias que ficauão a cargo do que o Gouernador milhor lhe parecesse: elle, como era ardente no seruiço d'ElRey, por dar mais breue auiamento se embarqou em huma galé noua que tinha feita em Goa, de que fez capitão Siluestre Corço, homem estrangeiro, que ElRey mandára este anno porque muyto sabia de galés, e com elle huma galeota noua de que fez capitão Vasco Fernandes Coutinho, e outra galeota noua de que fez capitão Manuel da Costa, e hum bargantym nouo de que era capitão Gonçalo Figueira. Com estas quatro velas se partio de Goa e foy ter ao porto de Baticalá, onde no porto estauão muytas naos que carregauão com cartazes, onde vio estar huma nao com huma bandeyra das quinas de Portugal, e perguntando que nao era lhe disserão que de hum riqo chatim morador em Baticalá, que a carregaua pera Ormuz. O Gouernador fallou com o seu judeu, o lingoa, que tiuesse modo como ouvesse do

[1] * mercadarias vendyo Pero * Autogr. .[2] * e que em * Id.

chatim como lhe ouvesse em Baticalá cinco mil rubis de corja de marca grande. Estes rubis são miudos, que encastoão derrador d'outras peças grossas, e estes de marca grande, que são vinte peças a corja, valem a corja a trinta e corenta cruzados a corja, que nos cinco mil que o Gouernador queria pera mandar á Raynha, que lhos mandaua pedir, era 250 corjas, que valião quinze mil pardaos.

E pera os auer com o dinheiro do chatim, e sem trabalho, fallou ysto em secreto com o judeu lingoa. Então, vindo de terra visitação do Rey com muyto refresco, que lhe mandou per hum seu regedor, tambem chegou o chatim dono da nao com dous barcos carregados de fardos d'arroz e d'açuquere, e muytas galinhas, e fruitas verdes e de conserua, que offereceo ante o Gouernador. O judeu em segredo disse ao Gouernador que era o dono da nao que tinha a bandeyra; o Gouernador se fez muyto menencorio contra elle, e lhe perguntou se a nao era sua. Disse que si. Então lhe perguntou quem lhe dera aquella bandeyra. Respondeo que o Visorey dom Francisco a dera a hum seu irmão, que morrêra e lha deixára pera sua honra, e que por honra de sua chegada a mandára pôr na nao. Disse o Gouernador: «Teu irmão teue merecimento» «pera ter essa honra»; mas elle que a nom tinha, e sem licença pusera bandeyra d'ElRey na sua nao, por ysso lhe mandaria queimar a nao, e a elle cortar as mãos. E logo mandou, que ally presente elle, hum mouro da galé lhas cortasse. Polo que logo o chatim foy tomado, e lhe puserão as mãos sobre hum banco pera lhas cortarem, e ouve detença em se buscar o cutello; polo que entanto o lingoa se deitou aos pés do Gouernador, lhe pedindo misericordia, que o chatim bradaua a todos os fidalgos que estauão com o Gouernador, que todos lho pedirão; com que o Gouernador fez que contra sua vontade lhe perdoaua, mas que o auia de trazer a banco na galé. *E* o leuarão á proa da galé, onde o aferrolharão em hum banco, onde elle muyto apertaua com o lingoa, em tanta maneyra que de todo foy perdoado, e que se fosse pera terra. Ao qual, se embarcando, o lingoa disse que lá polos outros chatins buscasse trezentas corjas de rubis de marca grande, que o Gouernador auia mester pera mandar pera Portugal. Com que se foy a terra, e nom tardou muyto que tornou com os rubis, e outros de mór preço que apresentou ao Gouernador, que mandou ao lingoa que os guardasse e lhos pagasse logo. 'O que o lingoa leuou o chatim á proa da galé, e sobre

huma tauoa lhe pôs muytos xarafins, que tomasse quanto custarão os rubis; o que nada quis tomar o chatim, inda que o lingoa o muyto aprefiou, e s'embarcou e foy pera terra, onde o Gouernador mandou ao feitor d'armada, que estaua em terra, que presente ElRey chamasse o chatim, e lhe pagasse os rubis, que erão dezoito mil pardaos; mas o chatim nom quis tomar pagamento, dizendo que tinha de seu dozentos mil pardaos pera seruir o Gouernador; que nom queria senão honra e seguro pera sua nao, que leuasse a bandeyra, e a tiuesse nos portos em que estiuesse. O que o feitor mandou dizer ao Gouernador, que lhe mandou o seguro com as honras da bandeyra que pedia, que o feitor deu ao chatim, com que fez grandes festas, e deu ao feitor boas peças. D'aquy forão duas naos da terra carregadas d'arroz, açuquere, ferro, manteigas, que leuarão a Goa pera prouimento d'armada, e tudo por tal preço que agora vale o quatrodobro, que he o anno de 1560. Deus seja muyto louvado.

Partiose o Gouernador, e chegando a Cananor lhe escaceou o vento, que nom pôde entrar na baya, e sorgio sobre a ponta, porque era já muyto chegado a terra, e sorgirão os outros, que ficarão, mais ao mar. Foy a noite cerrando, o vento se foy rodeando ao mar, que fiqou em trauessão na costa, e tromenta desfeita em tal maneyra que a galé arrancou quatro fateixas que tinha, e foy com a popa em terra sobre grandes penedias, onde a resaca do mar que tornaua da terra empurraua a galé pera o mar, com que ás vezes ficaua atrauessada, com que a galé de todo ficaua perdida, com grandes balanços, que a gente se nom podia ter senão atados ás perchas: em que a tormenta foy tal que os homens se confessauão huns aos outros, todos bradando senhor Deus misericordia! Vendo o Gouernador que nom auia saluação senão por misericordia de Nosso Senhor, se mandou atar pola cinta com huma corda muyto comprida, e no cabo d'ella meter tres padezes furados, dizendo que se ally morresse e algum se saluasse dixesse que seu corpo estaua atado do cabo d'aquella corda.

Estauão com elle dez ou doze fidalgos, cada hum chorando sua morte e pecados. Elle, fallando com todos, [1] * dizia * «Dirão as rega-» «teiras de Lisboa: Grande senhor he o Gouernador da India! E elle» «está atado pola cinta, enforcado em dous padezes, que digão onde jaz» «o corpo do Gouernador morto.»

[1] * dizendo * Autogr.

Assy como era grande a tempestade do mar, em amanhecendo supitamente voltou a terra, com tão forte vento, que trazia as aruores e casas ao mar; com que o mal se dobrou, porque o mar de hum cabo muy alto, e o vento em contrairo muy [1] * possante, causou * a galé abrir per muytas partes, sendo noua. Mas o vento foy logo acalmando, com que de Cananor vierão almadias que leuarão a galé pera dentro; onde ao outro dia o veo vêr ElRey em huma ramada fóra da forteleza, acompanhado de suas honras, onde se fallarão com suas grandes honras, e lhe deu cartas d'ElRey, que vierão nas naos. E porque esta foy a primeyra vez que se virão ambos, ElRey lhe deu hum collar de pedraria, e outras riqas peças; com que se despedirão com firmezas de grandes amizades; e o collar e pannos mandou o Gouernador meter em hum caixão pregado e asselado, pera o leuarem á Raynha dona Maria, que lhe mandaua por ysso muytos agardicimentos e fauores.

N'este Cananor soube o Gouernador que hum homem vinha de Chaul em hum zambuco carregado de linho, que o feitor mandaua a Cochym, e hindo de noite ao longo da costa o leme tomou humas redes que jazião no mar, ao que acodirão os pescadores que andauão nas almadias, e forão a nado tirar as redes do leme; ao que o homem, de máo, lhe tirou com pedras, e cayo ao mar e se afogou. Os negros do zambuco, vendoo morto, fogirão. O zambuco foy dar á costa, onde se perdeo, e foy o linho roubado ahy junto na terra de Cananor, de que algum linho mandou o feitor de Cananor apanhar pola praya. O que sendo dito ao Gouernador do homem que era morto e o linho roubado, nom lhe dizendo a verdade do mais que passaua, crendo que os pescadores fizerão todo o mal e a gente da terra, mandou o Gouernador chamar Mamalle, regedor do mar de Cananor, que tinha o trato das ilhas do cairo, e diante da porta da feitoria lhe mandou fazer huma risca em roda derrador dos pés, e lhe mandou que pola cabeça d'ElRey de Cananor d'ahy se nom saysse até primeyro trazer á feitoria cinco mil pardaos, e nom fallasse palaura até os nom trazer; o que o mouro assy fez que logo os mandou trazer. Então lhe disse: « Mamalle, todo aquelle dinheiro has de perder » « se me nom trazes aquy o zambuco e o linho, e boa vingança do por- » « tuguez morto. » O mouro, sem responder, se foy á terra onde se per-

[1] * possante que causou * Autogr.

deo o zambuco, e queimou todas as casas em que achou linho, que ajuntou muyto, que trouxe com o zambuco quebrado, e trouxe cem pescadores da terra atados, que todo apresentou ao Gouernador no mar, porque já estaua embarcado, dando muytas desculpas que nom achára mais em que fazer vingança. O Gouernador, inda se mostrando menencorio, mandou que se [1] * fosse ao * feitor que lhe désse a metade do dinheiro, e da outra metade [2] * comprassem * gengiure pera' carga. Com que o mouro se foy contente, que lhe pareceo que muyto pior fosse, porque auia grande medo ás paixões do Gouernador.

E porque estas vinganças tomaua dos mouros, auião tamanho medo, que se hum portuguez fosse em huma almadia de Goa a Cochym, nom auia ninguem que lhe fizesse mal, e fogião d'onde o vião; em tal maneyra, que os propios mouros, se passauão por lugar que se temião que outros mouros cossairos lhe farião mal, vestiãose em trajos de portuguezes, e punhão barretes vermelhos nas cabeças; porque os ladrões, auendo vista dos trajos dos nossos, cuidando que erão portuguezes fogião.

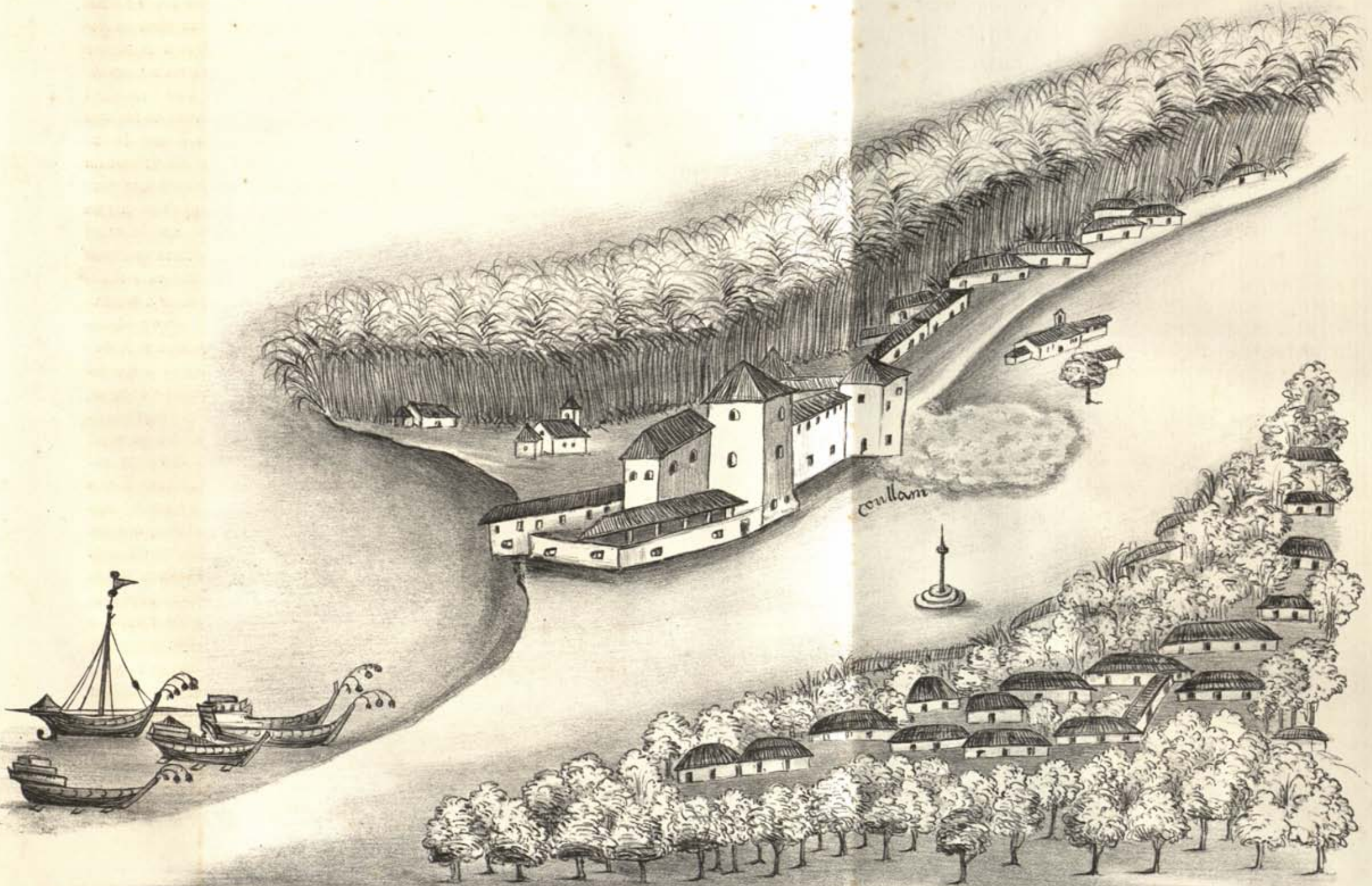
Foy o Gouernador ter a Calecut, onde a forteleza já era casy acabada; onde desembarqou, e mandou visitar ElRey polo capitão, e o Rey o mandou visitar per hum regedor, com grande presente de cousas de comer, e muyto pedir que lhe désse licença pera mandar a Meca duas naos de pimenta e drogas, pois as outras nom passarão, e lhas tomára, e as galés estauão acabadas; e pois elle da sua parte comprira, que lhe désse a licença que dera, pois nom ouvera effeito. O Gouernador nom se quis escusar com boas rezões que tinha pera ysso, e quis conseruar sua amizade, e lho concedeo, com tanto que partindo fossem vistas polo feitor, que nom leuarião cada huma mais que mil quintaes de pimenta, e outros tantos de drogas, e esto depois das naos da carga partidas. ElRey mandou dizer que as naos carregarião e estarião no porto até que elle tornasse de Cochym, que as visse, ou mandasse vêr: do que o Gouernador foy contente.

E logo se partio pera Cochym, onde chegado foy visitado d'ElRey, que elle ao outro dia foy vêr, e teue com elle grandes requestas sobre 'armada do Çamorym, de que estaua queixoso; de que lhe deu taes rezões de desculpas, e alegandolhe os seruiços que lhe o Visorey dom Fran-

[1] * fosse e ao * Autogr. [2] * comprasse em * Id.

cisco e elle tinhão feitos, que ElRey fiqou deuendo muyto. Então o Gouernador lhe deu conta como ElRey o mandaua hir com grande armada a Ormuz, muyto lh'encarregando a carga, porque elle tinha muyto que entender n'armada. E porque a carga ouvesse milhor despacho, mandou Luiz Dantas na nao são Pedro que fosse carregar a Coulão, onde mandou por feitor Heytor Rodrigues com trinta homens, caualleiro honrado da criação do bispo de Coimbra, ao qual deu regimento que muyto se metesse na amizade dos regedores da Raynha, que mandauão a terra, e com presentes a elles e á Raynha trabalhasse com alguns bons modos, sem força se pudesse, fizesse com suas licenças huma casa forte, em que se recolhesse com a fazenda que tiuesse, em tal modo que depois, se pudesse, aleuantasse huma torre forte de menagem, que se tornasse em forteleza com boas amizades e dessimulações; e ysto lh'encarregou em segredo, e á Raynha e regedores mandou presentes, e escreueo cartas, muyto lhe rogando que a fazenda e feitoria d'ElRey estiuesse em alguma boa casa forte, em que estiuesse segura do fogo e d'outro mal. Do qual Heytor Rodrigues logo contarey seu feito, por nom tornar atrás no tempo que se passou.

Heytor Rodrigues, acabando de carregar a nao em Calecoulão, se foy com seu fato em tones polo rio ao logar de Coulão, que he o porto das naos dos mercadores da terra; onde se aposentou em humas casas que lhe derão, que lhe pareceo o milhor lugar pera fazer a forteleza no modo que leuaua por regimento, e tanto trabalhou que ouve licença da Raynha pera ally fazer huma casa de pedra, cuberta de telha, pera seu aposento e n'ella ter segura do fogo a fazenda d'ElRey que tinha; e deuagar ajuntou muyta pedra e madeira, de que mandou laurar portas e genellas, e teue modo como ouve berços e falcões, e dous camellos, e poluora e pilouros, de huma fusta velha que deu á costa ahy junto do porto, que dizia que passaua pera Ceylão, e deu manhosamente na terra em que se perdeo, que assy partio de Cochym pera ysso ordenada. Assy recolhia a d'outros nauios que vinhão ao porto fengidamente, que de Cochym lhe trazião artelharia, que descarregaua de noite, e soterraua porque nom fosse vista; e tendo tudo prestes, pedio ao regedor que lhe assinasse o lugar que a Raynha lhe daua pera fazer a casa, o que lhe o regedor assinou e mostrou, o qual logo mandou cerquar de páos e canas, com huma porta fechada; e dentro fez grandes ramadas, em que

se agasalhou toda' sua gente e escrauos; e pedio pedreiros que lhe o regedor deu, e trabalhadores que muyto bem pagaua, com que abrio os alicerces da obra que esperaua aleuantar, por *que* tinha hum mestre portuguez que pera ysso leuára de Cochym; e os alicerces enchia até sobre terra, e os cobria com terra porque os negros os nom vissem; e abrio todos os alicerces que ouve mester, e foy aleuantando as paredes á casa, em que fazia bombardeiras que tapaua; e cobrio a casa de canas e ola, e per dentro fez outras paredes e casas, em que apartadamente meteo as mercadarias, que pera ysso lhe trouxerão muytas de Cochym, que acupassem muytas casas, mórmente muytas ballas d'algodão, que he a principal mercadaria que se trata na terra. O regedor, que ás vezes hia fallar com o feitor, vendo assy feitas as casas nom tomaua nenhuma sospeita. Entrando o inuerno cessou da obra, dizendo que no verão a faria; e recolheo muyta pedra e cal, e despedio os pedreiros e carpinteiros da terra, porque nom vissem a obra que se fazia, porque elle tinha já pedreiros e carpinteiros que mandára vir de Cochym nos tones, que sempre correm polos rios de Coulão a Cochym; e com as portas fechadas ergueo as paredes da torre da menagem altura de dous homens, que se nom vião de fóra, e com suas bombardeiras em que logo assentou artelharia, que cobria com páos e canas, tantas que nom parecia; *e* abrio huma coiraça pera a praya, e fez portas muy fortes com alçapão, e aleuantou as paredes de hum cubello que estaua mais dentro na terra; o que tudo fez no inuerno, com tal modo que nunqua foy sentido. E mandou recado a Pero Mascaranhas, capitão de Cochym, que como o tempo désse lugar lhe mandasse huma carauella com muyta artelharia e gente, carregada de ballas d'algodão, que parecesse que a ysso hia, e n'ella fossem trinta pedreiros. O que todo assy foy feito, que chegou a carauella ao porto a dez d'agosto de 515, de que desembarcarão os algodões, que punhão as ballas derrador da obra, e com os pedreiros, e trinta homens que forão na carauella, com muyta pressa fez a obra, aleuantando as paredes da torre da menagem e cubello do sobrado pera cyma, que logo parecerão de fóra, que descobrião a pouoação. O que sendo visto, o forão dizer á Raynha, que logo mandou seu recado ao feitor, dizendo que lhe nom dera licença senão pera fazer huma casa, e elle fazia muytas, que erão forteleza; que logo tudo tornasse a desfazer, que lhe nom ficasse mais que huma só casa pera feitoria, e outra pera elle e

coullam

sua gente, e nom tiuessem sobrados; e elle respondeo á Raynha que nom tinha nada feito do que lhe dizião, e que ter sobrados nom fazia mal, onde auia verdade de boa amizade. E ouve muytos recados dessimulados do feitor, que em tanto daua grande pressa na obra, com a gente prestes pera o que comprisse. Ao que a Raynha mandou seus regedores que fossem derrubar a obra que estaua feita. Ao que ouve grande aluoroço; ao que o feitor mandou recado á Raynha que nom lhe mandasse fazer mal, porque o que elle tinha feito nom era pera lhe tomar sua terra, senão pera estar segura a fazenda d'ElRey e os portuguezes, com os mouros roins que auia na terra; que olhasse que já ally em sua terra, e com sua guarda, já os mouros matarão portuguezes, ao que os seus ajudarão, e que inda o nom tinhão pago; e que quem viesse derrubar as paredes primeyro auia de derrubar quantos portuguezes ally estauão. E se concertou o milhor que pôde, e pôs hum camello no sobrado da torre, e falcões, e assy no sobrado do cubello e na coiraça do mar. Ao que acodirão os regedores com muyta gente e mouros que cometerão os nossos, com que logo se tirou a cerqua dos páos e canas, e os tiros per baixo começarão a lauorar, que fez o campo franqo, e a carauella do mar que fazia grande ajuda. Do que logo foy recado a Cochym; ao que Pero Mascaranhas escreueo cartas á Raynha, que olhasse quanta perda lhe viria tendo guerra com os portuguezes, que sempre se vingauão; e que se seus portos nom tratassem e nauegassem que ella nom teria Reyno; que por tanto lhe respondesse o que queria fazer, porque o que estaua feito elle em pessoa o hiria acabar. A Raynha nom respondeo, nem a guerra nom cessou, em que os nossos cortarão muytas palmeiras e aruores, com que fizerão grande campo diante do castello, que nom cessaua a obra, que se foy acabando muy forte, porque cortauão a pedra em huma ponta que entraua no mar nas costas do castello; e no cabo da coiraça se fez hum cubello que guardaua todo o porto, e a torre e casas se cobrião de pasta de chumbo, e sempre durou a guerra até a vinda das naos do Reyno do anno de 1515. E comtudo o castello se acabou, a que se pôs nome São Thomé, porque ahy junto estaua huma casa que fizera hum dicipulo de São Thomé.

N'este inuerno, que dom Gracia enuernou em Cochym, hum bom caualleiro, chamado João Delgado, auendo [1] * conuersação * com huma

[1] * confrecassam * Autogr.

molher da terra, solteira, que d'elle fogia por elle ser forte de [1] * condição, fez * com ella muytas demasias, e brigas com outros homens a que se ella acolhia; com que dom Gracia auia muyta paixão, por serem cousas fóra de sua condição. Sobre que amoestou o João Delgado algumas vezes; de que elle se nom cauidou, mas vindo ella de hum palmar a tomou por força a hum homem com que vinha, e a meteo em huma casinha de hum malauar, e dormio com ella por força, que pola amansar lhe deu hum portuguez d'ouro, que ella nom quis tomar. Polo que ella se foy queixar a dom Gracia, estando na ribeira perante muyta gente, que dom Gracia ouve muyta paixão, e o mandou prender na forteleza, por castigo sómente, sem proceder contra elle. Do que o João Delgado se mostrou muy enjuriado, e fallou contra dom Gracia más palauras, porque era homem assomado, iroso; polo que dom Gracia lhe mandou deitar grossos ferros, e meter só em huma casinha, onde estaua a bom recado; e lhe mandou dizer que assy auia d'estar até vir o Gouernador, e se nom viesse a Goa o auia de mandar, que elle lhe tirasse os ferros. E assy estaua quando o Gouernador chegou a Cochym. Do que o Gouernador, sabendo que assy estaua em prisão, ouve muyto pesar, porque era homem honrado, e caualleiro da casa d'ElRey, e homem de bons feitos por sua lança todo o tempo do Visorey dom Francisco, mórmente em Dio no feito dos rumes, em que este João Delgado muyto fez.

Chegando o Gouernador a Cochym, João Delgado lhe mandou dizer que o mandasse soltar, e castigasse dom Gracia polo mal e deshonras que lhe tinha feito. O Gouernador lhe respondeo que elle fallára taes demasias contra dom Gracia que elle estaua o queixoso e enjuriado; mas que já estaua fóra d'essa paixão; que lhe mandasse seu recado como fosse rezão, e que elle que o prendêra o mandaria soltar. Ysto que lhe o Gouernador respondeo foy com vontade de elle o fallar a dom Gracia, que com elle se reconciliasse, e o mandasse soltar, com que ficassem amigos. João Delgado, que era homem agastado, vendo a reposta do Gouernador se indinou muyto contra elle, parecendolhe que folgaua com que lhe tinha feito dom Gracia, e por ysso o nom queria soltar sem vontade de dom Gracia. Com o qual pensamento o diabo entrou em seu coração, determinado aos matar ambos, se pudesse; porque o diabo lhe

[1] * condiçam sobre o que elle fez * Autogr.

mostrou caminho, porque a casa em que estaua preso tinha uma fresta pera detrás sobre hum pateo da cozinha do Gouernador, onde os escrauos da cosinha vinhão lauar os tachos e espetos; onde o João Delgado tinha falla com hum mouro da cosinha, a que daua dinheiro algumas vezes, e lhe vendia comer da cosinha, porque era do cosinheiro. E o que lhe daua era em hum cordel que João Delgado deitaua da fresta, e lhe daua ciroulas e camisas polo que lhe daua; polo que tinha com elle esta amizade. Com o qual fallou João Delgado, dizendo: «Tu andas car-» «regado de ferros, como eu estou. Se tu podesses deitar no comer do» «Gouernador o que te eu der, logo seu coração será bom pera nos man-» «dar soltar, e quantos em seu poder tiuerem ferros.»

O mouro bem lhe pareceo ysto falso, e seria peçonha; mas por sua vingança, e de seus parentes, folgou, indaque fosse pera matar; e lhe disse que o deitaria no que o Gouernador ouvesse de comer, e dom Gracia, e Pero Mascaranhas, porque todos comião com o Gouernador. João Delgado lhe disse que todos ficarião seus grandes amigos pera lhe fazerem muyto bem; e lhe fez muytas juras que era cousa de bem querer. Então o mouro disse que o faria, e João Delgado lhe deitou solimão pisado em pó, atado em hum paninho; de que o mouro teue cuidado, e o deitou em huns ouos doces que leuarão á copeira, onde os repartio o copeiro em bacios, que era hum homem cafre da criação do Gouernador, chamado Antonio Fernandes, que os mandou á mesa per derradeyro, e em os repartindo comeo hum bocado por golodice, e porque tinha o estamago vazio logo lhe fez abalo d'arrauesar; mas pareceolhe que *era* por o estamago *estar* em jejum, e se foy a sua pousada em que logo arrauesou. Os ouos forão á mesa, de que o Gouernador comeo pouqos bocados, e deitou o bacio pera hum [1] *fidalgo* que comia perto d'elle. Dom Gracia, Pero Mascaranhas, tambem comerão pouqo. Porque estauão fartos, e os estamagos cheos, nom sentirão nada; mas recolhendose a suas pousadas sentirão mal nos estamagos, e começarão 'arrauesar e sayr; o que sabido que era o mal em todos acodio hum bacharel do Gouernador, e vendo o que arrauesou disse que fôra peçonha, e assy o affirmou vendo os arrauesados dos outros. Ao que o Gouernador logo deu alicorne, que trazia metido em huma manilha d'ouro no braço esquerdo; que derão a todos, com que todos forão remediados de perigo de morte.

[1] *filgo* Autogr.

Como foy sentido que era peçonha, Pero d'Alpoym acodio logo á cosinha, e pôs a bom recado todos os cosinheiros e seruidores, carregados de ferros em casas fechadas, que ninguem com elles fallasse. Dizia o fisico que se comerão os ouos na entrada da mesa, que achára a peçonha os estamagos vazios, que nenhum pudera escapar, porque no arrauesado via que a peçonha fòra muyta, e que era solimão.

Então mandou o Gouernador o ouvidor com o sacretario, com hum escriuão, que fizessem de todo auto, e fossem atromentados os cosinheiros, e achando algum que confessasse, que fosse muyto atromentado que dissesse quem lha dera, com prometimentos da vida e alforria. O que todo lhe primeyro noteficauão antes que os açoutassem. Polo que o mouro, confiando n'alforria que lhe dauão, sem aguardar nada, disse ao ouvidor que lhe désse liberdade como prometia, e que elle diria o que era. Polo que o taballião, chamado Jeronymo Nunes, fez auto das cousas que o mouro confessou sem ninguem lho perguntar, e depois o que respondeo ás perguntas, que todos assinarão, em que disse que João Delgado lhe dera o que elle deitára nos ouos, e as cousas de bens que João Delgado dizia que lhe o Gouernador por ysso faria. Polo que o mouro foy posto a bom recado.

O Gouernador em sua casa andaua muy triste, e com muytos pensamentos de quem lhe podia buscar a morte com peçonha; dizendo que já era hum saco de palha, que andaua pera cada dia hir á coua, e nom podia muyto tardar; que deuião d'aguardar, e nom querelo matar com peçonha. E sendolhe dito o que o mouro dizia ouve grande paixão, por ser João Delgado; e mandou que tudo estiuesse em segredo.

Ao outro dia pola sésta, o Gouernador, com o ouvidor, e sacretario, e o taballião, e eu, que era seu escriuão, e com dous seus criados, foy á casa onde o João Delgado estaua preso; e o Gouernador só foy a cyma, e nós ficámos todos ao pé da escada, que era baixinha a casa; e mandou 'o taballião que escreuesse tudo o que elle fallasse e o preso respondesse. Entrando o Gouernador, o João Delgado estaua assentado em hum esquife de catele, e nom fallou nem se aleuantou. O Gouernador se assentou logo á entrada da casa em hum banqo, onde o João Delgado nom podia chegar, que estaua preso em huma corrente. O Gouernador querendo fallar, fallou o preso primeyro, dizendo: « Assy me Deos aju- »
« de, que nom cuidey que tiuesses tão pouqa vergonha que me viesses »

«vêr o rostro n'estes ferros em que me meteo o vosso virtuoso sobri-»
«nho, que he tal como vós, e vós tal como elle; mas assy como ten-»
«des perdida a vergonha de vossas vergonhas, assy tão sem vergonha»
«entraes a me vêr. Será pera me mandar deitar mais ferros?» D'esta sostancia lhe disse muytas e desacatadas palauras, muy deshonestas, antremetendo seus muytos seruiços que tinha feitos, com muytas feridas, em sua companhia e com dom Francisco Visorey; que se suas fallas nom forão tão concertadas nom ouvera ninguem que o nom julgára por homem fóra de seu siso, aos desacatamentos que fallaua ao Gouernador, que sempre esteue calado, respondendolhe pouqas palauras, atentando se soltaua alguma palaura da peçonha. João Delgado bem tinha sentido a reuolta da peçonha, e quando lhe o Gouernador n'ysso tocaua lhe respondia com outros desuios, em modo que nunqua largou palaura que o podesse danar, porque tudo fallaua com muyto concerto. O Gouernador lhe disse per derradeyro: «João Delgado, vós pedistes peçonha pera»
«vos matardes; de que tenho muyto pesar. Se me dixerdes quem vola»
«deu, logo aquy vos darey real perdão, e mandarey soltar.» O preso respondeo: «Com os paruos aueys de fallar essas falsidades, que vós»
«em mym nom tendes poder pera me condenar, nem tenho que me»
«perdoar.» Mas parece que de trouado de sua paixão, ou por dar ao Gouernador em que entender, lhe disse: «Se vós, Afonso d'Alboquer-»
«que, soubesseys quantos vos buscão a morte e são imigos mortaes,»
«nom tomáreys sospeita em mym, que vos affirmo que homens princi-»
«paes, de vossa amizade e conuersação, vos buscão a morte, e vola»
«hão de dar.» Tudo foy escrito polo taballião ao pé da escada, em que todos assinámos. Com que o Gouernador se sayo.

E logo mandou tirar o preso da casa em que estaua, e foy metido em huma logea, bem vigiado polos homens da guarda; porque tomou o Gouernador sospeita, das palauras do preso, que aueria homens que lhe querião mal e lhe furtarião o preso. Ao outro dia o mandou á polé, que confessasse o que dizia o cosinheiro, mas elle tudo negou com forte coração. Polo que foy tornado a casa, e o Gouernador lhe mandou dizer que d'elle nom queria saber mais que quem lhe leuára a peçonha, e que se lho nom dizia por vontade, que a polé lho faria dizer por força. Ao que o preso lhe respondeo: «Se com tromento o fallasse, nom seria valioso.» Que fizesse, que pera tudo era poderoso. Estando assy o preso n'esta

noite com pensamentos do diabo, como desesperado, pedio aos homens que o guardauão que lhe dessem tinta e papel, que queria fazer hum escrito pera o Gouernador; o que elles assy crendo lhe derão papel e huma escreuaninha, e elle se pôs a escreuer, e dessimuladamente, quando vio tempo, tirou hum caniuete que tinha a escreuaninha, e com elle se ferio pola garganta, por se matar. Ao que acodirão, e lhe tomarão o caniuete, e lhe curarão a ferida, que era por huma ilharga da garganta, e tiuerão n'elle boa vigia. Então o Gouernador fez ajuntar em sua casa todolos milhores fidalgos que auia, e ante todos mandou lêr o feito, e a todos fez requerimento que elles julgassem o caso, e todos assinassem, porque todo junto auia de mandar a ElRey; polo que todos dessem seus votos jurados. O que assy todos fizerão, e casy todos o condenarão por trédor a ElRey nosso senhor, em cometer matar seu Gouernador; polo que merecia morte de trédor. O que todo se pronunciou por sentença em que todos assinarão: o que elles fizerão parecendolhe que o Gouernador o mandaria em ferros com os autos ao Reyno n'estas naos.

Em quanto se ysto passaua, o Gouernador mandou a dom Gracia que toda' armada pusesse fóra na barra, e fizesse embarqar toda a gente, e capitães e fidalgos, pera logo partir, como partio dom Gracia com toda' armada, que nom fiqou mais que os officiaes obrigados á forteleza. E ao outro dia o Gouernador mandou degolar e esquartejar o preso, ao pé de huma mangueira que seruia de picota, que estaua onde agora está a capella da casa da Santa Misericordia, porque ally era a praça; com pregão de trédor ao estado d'ElRey nosso senhor. E os quartos forão postos per fóra da pouoação, pendurados em palmeiras, com o mesmo pregão na lingoa da terra.

CAPITULO XLVII.

COMO O GOUERNADOR, DESPACHANDO AS COUSAS DE COCHYM, SE PARTIO PERA GOA, ONDE AJUNTOU SU'ARMADA, E PARTIO PERA ORMUZ; E DO QUE PASSOU NO CAMINHO ATÉ CHEGAR Á CIDADE.

Acabadas as cousas de Cochym, como dito he, o Gouernador se partio derradeyro de todos, e se foy despedir d'ElRey, e lh'entregar a forteleza como era costume, e lhe encarregar o despacho das naos, pera que auia auondança de pimenta; e se partio em outubro, e foy a Calecut, d'onde já dom Gracia leuára as galés nouas que se ahy fizerão; onde proueo na forteleza o que compria, e polo capitão se mandou despedir d'ElRey, e elle o mandou visitar polo seu védor da fazenda. A que o Gouernador muyto mandou encomendar a forteleza, e gente que n'ella deixaua tudo a seu seruiço; e se partio, e foy a Cananor, em que tambem proueo em todo o que compria. E se partio, e passou por Baticalá, d'onde mandou leuar arroz branco pera mantimento de oitocentos homens malauares, que vinhão de Cochym com dom Gracia; homens d'espadas, adargas, lanças, arquos e frechas, por soldo de seiscentos réis cada mez, de que lhe fez pagamento de cinqo meses d'ante mão; gente limpa, com seus dous capitães homens christãos. Em Goa tinha já feitos quatrocentos homens d'armas canarís, que o Gouernador enganaua, dizendo que os auia mester pera pelejar, e elle os leuaua pera ajudarem ao trabalho do nauegar dos nauios, que erão muy faltos de marinheiros portuguezes. E assy chegando a Goa achou já ahy Pero d'Alboquerque com sua armada, que viera do estreito com grã riqueza de presas que fizera, e com muytos mouros, de que forão esquipadas as galés e os nauios d'armada pera o trabalho da bomba. Onde já os nauios de Pero d'Alboquerque estauão varados, e se concertauão com tanta pressa que de todo forão acabados pera hirem a Ormuz, porque o Gouernador assy o deixára mandado quando se partio pera Cochym. E assy achou em Goa muytas naos de mouros, que trouxerão cauallos d'Ormuz, com os seguros que elle mandára a Cambaya. Com que ouve muyto prazer, vendo que os mouros confiauão em seus cartazes: com que aos mercadores fazia muytas honras e fauores, e por lhes fazer milhores vontades, lhe franqueou que

nom pagassem nenhuns direitos das mercadarias, que trouxessem as naos dos cauallos que fossem de dez pera cyma; e lhe mandaua dar dos almazens todolas cousas que ouvessem mester pera corregimento de suas naos, quando o nom achassem na cidade; e que carregassem suas naos de todolas mercadarias e mantimentos que quigessem, em Goa e por toda a costa da India, que nom fossem cousas defesas. Mandaualhe dar graciosamente todolos petrechos da ribeira pera varação de suas naos, e tudo lhe fazia polos segurar em nossa amizade, porque se acrecentasse o trato dos cauallos de Goa, polo grande proueito que d'ysso vinha a El-Rey, de que o Gouernador era grande amigo.

Aqueceo que se furtarão duas jarras grandes do bengaçal de hum mouro, as quaes mandarão furtar Vasco Fernandes Coutinho, e Ayres da Silua, e as mandarão meter nas galés de que erão capitães, que estauão ahy na ribeira. O mouro, suspeitando a verdade, que das galés lhe furtarão as jarras, que erão pera agoa, se foy a queixar a dom João d'Eça, capitão, o qual nom quis n'ysso fazer deligencia; polo que o mouro se foy queixar ao Gouernador, das jarras que lhe furtarão. Elle andaua acupado, e dixe ao mouro que se fosse ao capitão e lhas faria dar. Dixe o mouro que já lho dixera, e que o nom quigera ouvir. De que o Gouernador ouve muyta paixão, e decendo do cauallo pera jantar, tornou a caualgar; leuando o mouro comsigo se foy á ribeira onde estauão as galés, e mandou vir fóra os sota comitres e os mestres dos nauios, que estauão ahy perto, e lhe mandou que logo ally lhe trouxessem as jarras, senão que juraua polas barbas que se lhas nom trazião as auia de hir buscar elle em pessoa, e que onde as achasse auia de mandar desorelhar quem as tiuesse. Do que auendo medo os comitres, disserão que os capitães lhe mandarão que de noite as leuassem, que elles as pagarião a seus donos. E logo as puserão em terra, e entregarão ao mouro. E mandou que cada comitre pagasse vinte pardaos ao mouro, dizendolhe que outra vez nom fizessem o mal que seu capitão mandasse, que n'ysso lhe nom auião d'obedecer; e aos capitães tirou seis meses do ordenado da galé, e cada hum pagou cem pardaos ao mouro, que logo pagarão a pé quedo; e a dom João d'Eça, porque sendo capitão nom fez justiça ao mouro que lhe pedia, mandou que pagasse cem pardaos pera a bolsa dos meninos.

E dizia que assy como elle, á custa do sangue e trabalho dos por-

tuguezes guerreaua os mouros porque nos ouvessem medo, que assy tambem, á custa de quem aos mouros amigos fizesse mal, os auia de conseruar, e fazer bons amigos com força de direita justiça, e hum pouqo sobeja, porque lhe nom dessem trabalho.

O Gouernador todo seu mór cuidado era deixar Goa muy prouida, e grande, poderosa, que ficasse muyto segura; polo que proueo em todolas cousas muy abastadamente, e mórmente nos passos da ilha, em que fez capitão de Banestarim dom Sancho de Noronha, pobre fidalgo, que este anno viera do Reyno; e fez capitão do passo sequo João Gonçalues de Castello Branco, que tornára do caminho de Bisnegá, que adoeceo pera morrer; e de Pangim Diogo Lobo, tambem homem fidalgo, que viera este anno; e em Naruhá Manuel de Sampayo, homem fidalgo, valente caualleiro; e em todos estes passos artelharia e bombardeiros, tanadares e piães pera guarda dos passos, com seus pagamentos ordenados, e grão regimento a todos o que auião de fazer, e obedecer ao capitão de Goa. E porque sentio que a gente auia de ter necessidade pera suas embarcações, mandou do dinheiro que trouxe Pero d'Alboquerque fazer hum pagamento geral a toda a gente, e fidalgos, e capitães, assy pola ordem do outro pagamento que já dixe. E entrou n'este pagamento toda a gente da cidade; com que todos ficarão muyto contentes. E fez outras auondanças com que de todo o pouo era muyto amado.

Ouve detença no corregimento dos nauios do estreito, e com outras acupações, em que se foy gastando o tempo até o mês de janeiro de 1515, que mandou sayr 'armada pera fóra do rio, fazendo recolher nos nauios repartidos os canaris e malauares polos nauios e naos, muyto encomendando aos capitães que lhe fizessem bom trato, que erão gentes que nunqua andárão em embarcações. Tendo toda a gente recolhida, chamou todos os capitães, e lhe pedio rol de toda a gente que tinhão; em que se achárão mil e oitocentos homens portuguezes com a gente do mar, e mil canaris e malauares, e passante de mil escrauos, homens que na guerra ajudauão a seus senhores; com que o Gouernador muyto folgaua, porque se hum homem caya ferido o seu escrauo o aleuantaua e leuaua ás costas, e os desembarcauão e embarcauão, e leuauão o comer e agoa, e ajudauão a leuar as armas. Os capitães d'armada forão estes, a saber: Vicente d'Alboquerque, sobrinho do Gouernador, por capitão da sua nao Nazaré; dom Gracia de Noronha, que depois foy Visorey da

India; e Lopo Vaz de Sampayo, que tambem foy Gouernador da India, como em seu tempo direy; Diogo Fernandes de Beja, Ayres da Silua, Simão d'Andrade, Fernão Gomes de Lemos, Pero d'Alboquerque, Pero de Faria, todos capitães de naos grandes; Duarte de Mello, Antonio Raposo, Jorge de Brito, Pero Ferreira, Aluaro de Crasto, Antão Nogueira, Aluaro d'Atayde, Nuno Martins Raposo, todos nauetas pequenas; João de Meira, João Pereira de Lacerda, Fernão de Resende, Francisco Pereira, Artur de Crasto, carauellas, tres redondas e duas latinas; Siluestre Corço, Natalim de Bacham, homens estrangeiros que este anno ElRey mandára pera andarem em galés, e Jeronymo de Sousa, em galés; e Pero de Bacham, seu irmão d'elles, capitão de hum bargantym; e Manuel da Costa, feitor d'armada, capitão de huma galeota; Fernandeanes capitão de hum catur que hia amarrado por popa da capitaina: que todas forão vinte e sete velas, afóra o catur.

Os quaes capitães, e fidalgos outros muyto honrados que auia n'armada, o Gouernador ajuntou a conselho na sua nao, ante os quaes, com o sacretario presente, a que mandou o Gouernador que fizesse auto, porque lhe auia de dar estormento, sendo assy juntos, o Gouernador fallou, dizendo: « Senhores capitães, e nobres fidalgos, que seruis ElRey nos- »
« so senhor com as pessoas e riscos da vida; compre ao seruiço de »
« Deos e de Sua Alteza que o siruaes com vossos bons conselhos, e do »
« que eu disser vossos pareceres me darês per vossos assinados.

« Polo que digo que por ElRey nosso senhor mo ter escrito per »
« muytas vezes, e sobre conselho perfeito, me mandou que fossemos con- »
« quistar o estreito do mar Roxo, e tomar a cidade d'Adem, e n'ella to- »
« mando posse fizesse forteleza com que ficasse fechado o estreito de »
« Meca, que nunqua mais d'elle pudesse sayr cousa que passasse á In- »
« dia, que nos pudesse danificar. Do qual mandado costrangido, o an- »
« no passado me apercebi d'armada e todo' poder d'ElRey nosso senhor, »
« com que fomos ao estreito, e passamos os trabalhos que vistes, e co- »
« metemos Adem á escala vista, fazendo todo nosso poder com risco das »
« vidas pola tomar, que a Nosso Senhor aprouve nom nola dar em nos- »
« sas mãos n'aquelle tempo; com que a deixámos pera quando fôr sua »
« vontade, e nos tornámos, e eu com muyta dôr de nom auer effeito a »
« obra começada, logo mandey armada com Pero d'Alboquerque, que »
« tornasse a conquistar o mar do estreito, em quanto eu ficaua fazendo »

« este aprecebimento d'armada, que ora temos aquy, como vedes, pera »
« com ajuda de Nosso Senhor tornarmos a rematar o feito d'Adem, e »
« çarrar com ella tomada as portas do estreito, que he o fim do man- »
« dado d'ElRey nosso senhor. Do que n'estas naos me he vindo outra »
« cousa em contrairo, e manda ElRey nosso senhor que com todo seu »
« poder, assy como aquy estamos juntos, vá assentar a cidade d'Ormuz »
« segundo fórma de seus apontamentos, e conforme as patentes que Sua »
« Alteza manda, em reposta dos petitorios que lhe fez ElRey d'Ormuz »
« per seu embaixador Nicolao de Ferreira, que presente está. O que até »
« esta hora tenho posto em obra, e estou de caminho. E porque Sua »
« Alteza me confunde em muy grande carga, dizendo que das cousas »
« faça o que fôr mais seu seruiço; o que eu nom posso fazer sem os »
« pareceres de vossas mercês, pera ysso sois aquy juntos, pera bem olhar- »
« des o que mais compre ao seruiço de Sua Alteza, que he a conquis- »
« ta e feito d'Adem e do mar Roxo, ou hir assentar e rematar Ormuz. »

Ouvido todo, como dito he, antes de ninguem dizer, o Gouernador mandou a Nicolao de Ferreira que dixesse o que tinha sabido das cousas d'Ormuz: o qual disse que Çafardim seu senhor o mandára a ElRey de Portugal com suas cartas, pera assentar as cousas da paz e amizades que [1] * desejaua * ter pera sempre; e sendo partido, o dito Çafardim fôra morto com peçonha, e Cojatar principal regedor do Reyno, em que ficára por principal regedor do Reyno Resnordim, homem parsio nacido na Persia, que dentro na cidade tinha sobrinhos e primos, homens de muyto poder, mórmente hum chamado Rexamed, que tinha sabido que se queria apoderar do regimento do Reyno, pera que mataria o tio, e depois ElRey, pera ficar feito Rey; e que o Resnordim tinha já entiligencias com o Xequesmael, pera fazer que tomassem seu carapução e oração em logar d'obidiencia, que tinha fantesia que de todolos Reys da India auia d'auer esta honra, sobre o que lhes mandaua seus embaixadores e presentes, polo que tambem o mandára a elle Gouernador, pera que tendo sua amizade nom lhe impedir sua negociação; e que tudo assy passaua em verdade; no que deuião determinar o que lhe parecesse mais seruiço d'ElRey nosso senhor.

Acabado de fallar Nicolao de Ferreira, foy assentado por todos os

[1] * deseja * Autogr.

capitães que hir a Ormuz era o que mais compria ao estado da India e seruiço de Sua Alteza. Do que todo feito auto polo sacretario, todos assinárão, com que se tornárão a suas embarcações. N'esta noite o Gouernador fez hum regimento que eu escreui, que deu a cada capitão, do caminho que farião se de sua companhia se perdessem; e muyto lhe encarregando que se afastassem das galés, e as nom tocassem, por lhe nom danificar as apelações, e outras muytas cousas e resguardos, porque se nom perdessem de noite de sua companhia, que era o que mais compria. Assinados os regimentos, eu os fui entregar aos capitães, que tambem auião de seguir o forol que leuaua dom Gracia. Com que 'armada se fez á vela da barra de Goa, quarta feira de cinza tres dias de feuereiro do anno de 1515.

Nauegando seu caminho, tinha cuidado o gazeiro da gauea em amanhecendo contar 'armada se falecia alguma vela, e o bradaua da gauea, dizendo: «Toda 'armada he a vista!» Aqueceo que hum dia disse o gageiro: «Falecem d'armada onze velas.» O que ouvindo o Gouernador ouve muyta paixão, e mórmente porque nom parecião as galés; logo dizendo que elle nom tinha culpa se as galés nom parecessem, pois ElRey nosso senhor se tanto confiaua dos estrangeiros corcezes, que nom tem Deos nem Rey senão quando querem. Foy o sol aleuantando, e as velas nom aparecião, com que o Gouernador nom repousaua, e mandou arribar, dizendo que podião descayr, porque o vento era escasso. E sendo bespora se ouve vista, que hião muyto a julauento, e foy arribando até as velas tornarem a seu caminho; e se meterão n'armada. O Gouernador mandou aos trombetas que nom tangessem a nenhum dos nauios, aindaque viessem saluar.

Ao outro dia o primeyro que veo saluar da companhia foy João Pereira, capitão de huma carauella que *este* anno veo de Portugal, e saluando por popa duas vezes, que as trombetas nom respondérão, mandou arribar. Ao que o Gouernador, que estaua na sua varanda, lhe bradou: «Nom quero que vos saluem; e vós, dum vilão muyto roim, »
«mestre e piloto, eu vos hey de mandar açoutar com o meu forol na»
«cabeça, e vosso capitão mo pagára, senom que anda azougado de cor-»
«rimento, e por tanto lhe quito esta, que he a primeyra.» A cada hum dos outros que vinha saluar lhe dizia fortes palauras com que os reprendia. O Siluestre corso se concertou com os capitães das outras galés

que nom fossem saluar ao Gouernador senão todos juntos, armados e concertados de guerra. O que assy fizerão, e de noite se forão concertando, que sendo hum domingo, ficando muyto atrás até que toda 'armada saluou, então veo o corso diante, e as outras galés e galeotas após elle, que trazia a manta armada na proa da galé, e toda' artelharia carregada com pilouros, e a gente armada, e muytas bandeyras, e a gauea da galé com bandeyra, e a galé apadezada, e per antre os padezes deitados pera fóra muytos piques, com que a galé vinha muy crespa e guerreira com grande artimão, e as outras galés assy concertadas d'esta sorte; o que o Gouernador, vendo como assy vinhão as galés tão fremosas, estaua com grande prazer.

Chegando o corso por popa da nao muyto perto, o corso armado d'armas brancas, com elmo e penacho, e espada d'ambolas mãos, posto sobre a manta, bradou aos homens da sua gauea, sem saluar, que lhe dissessem que gente lhe parecia a da nao. Elles lhe bradárão que erão ratinhos da Beira: ao que lhe disse que bradassem que amainassem da parte d'ElRey Baco, senhor das adegas dos bons vinhos. O que elles assy bradando á nao, o Gouernador, que estaua no chapiteo da nao, * respondeo * que lhe obedecia, e queria paz, e nom amainaua por nom perder caminho. Então disse o corso que logo lhe mandassem o feitor da nao com o liuro e mostra das mercadarias, e que obedecesse e amainasse logo. O Gouernador, com grande prazer, * disse * que obedecia com sua bandeyra, * a * qual mandou trazer e pôr na popa da nao, que era a sua bandeyra real, e mandou amainar o traquete da gauea, e disse que mandasse a barquinha e mandaria o que pedia. Polo que prestesmente com muytà ligeireza a galé foy á banda, e deitou a barqueta fóra com seis marinheiros com os remos nas mãos, com que forão a bordo da nao, e o Gouernador lhe mandou meter dentro huma pipa de vinho, com que tornando a galé foy á banda e recolheo a barqueta assy como vinha; e logo a pipa foy atrauessada na coxia, e aberta com muytos furos por ambas as cabeças, e todos leuando o que podião, que em breue espaço foy vazia, e logo quebrada com machados e deitada ao mar; bradando o corso aos da gauea que a nao era de boa preza, porque trazia mercadaria de boa parte. E se desuiando da nao, mandou dar fogo a toda' artelharia, que tirou fremosamente, o que assy fizerão as outras galés, que foy grande prazer. Com que assy forão dar vista a dom Gracia, que sempre

hia apartado de toda 'armada, que tambem lhe deu barris de vinho. E assy forão seu caminho.

Aqueceo que assy hindo, hum dia acertou de atrauessar por diante da nao de dom Gracia o nauio de Vasco Fernandes Coutinho; e porque a nao lhe tomou o vento, que nom passou, ouve na nao bradar, orça! orça! e reuolta. Ao que sayo depressa dom Gracia da sua camara, e vendo o nauio assy atrauessado na sua proa, e elle era homem colerico e fantastico, de paixão que lhe então [1] * chegou, mandou * dar fogo a hum camello com que passou o nauio, chamando a Vasco Fernandes Coutinho cachoparrão sandeu, que atrauessaua pola proa da sua nao sem nenhum acatamento. Vasco Fernandes lhe respondeo: « Sabeys, [2] * qão » « sandeu, que se nom foreys tio do Gouernador nom chamáreys tal? * » Porque o Vasco Fernandes se tinha em conta de valente caualleiro, como de feito o era. E depois forão amigos, que o Gouernador os fez.

Seguio 'armada seu caminho e foy ter á vista do porto de Mascate, onde mandou os batés a terra com os marinheiros a tomar agoa e leynha, que o xeque já tinha prestes, com muytos fardos de tamaras e refresco, com que o xeque veo á nao; que deu noua que Rexamed gouernaua e mandaua o Reyno, e tinha ElRey da sua mão posto em huma casa, e que esperauão que o mataria e ficaria apossado no Reyno, porque tinha recolhidos na cidade quinhentos frecheiros da Persia, e outra muyta gente de gornição. Da qual noua o Gouernador fiqou agastado, e logo se partio, e chegou á vista d'Ormuz a horas de meo dia, e por o vento ser pouqo chegou com toda 'armada a sorgir a horas d'Aue Marias a longo da cidade, hindo o Gouernador ceando; e a cabo se foy acyma ao chapiteo, e mandou tanger as trombetas, que acabando tirou a nao fremosamente; o que assy fez toda 'armada, em que alguns tiros grossos deitarão pedras per cyma da cidade. E por ser já escuro parecia que as naos ardião. A cidade tinha todas as ruas que sayão á praya tapadas com paredes fortes, e muyta artelharia assentada em bombardeiras, de ferro e metal.

Ao outro dia amanheceo toda 'armada com muytas bandeyras e padezes, e muytos piques e lanças por bordo aruoradas, e corpos d'armas

[1] * chegou polo que mandou * Autogr. [2] * cão * Assim escripto no texto, trocado o *c* pelo *q*. Id.

brancas postas per lugares, que parecião de fóra, reluzindo quando lhe daua o sol; as galés chegadas com as proas na praya defronte das casas d'ElRey, com suas mantas armadas, e escadas de cordas com degráos de páo, penduradas, e n'elles postos corpos d'armas brancas, que parecião homens que sobião ao carro das vergas em que estauão postas, que estauão repicadas tão altas como as casas d'ElRey. Os [1] * capitães forão * á nao do Gouernador, que a tolda estaua armada de pannos de tapeçaria de Frandes, e huma copeira de muyta prata posta á bitacora, que este anno lhe viera do Reyno, que elle mandára pedir a ElRey de seu ordenado, queixandose da perda que recebia em dar de comer em procelanas. E das bandas estauão em cyma dos pannos pendurados corpos de riqas armas, e coiraças, com seus capacetes, e fraldas, e coxotes, e espadas nas cintas, e adargas, cousa fremosa de vêr; e abaixo em cauides muytas lanças, e piques e alabardas, tudo muyto limpo e luzente, porque dentro na nao hia coiraceiro e armeiro com suas tendas, que sempre trabalhauão; bancos per toda a tolda, cubertos com alcatifas pera assento dos fidalgos, e huma cadeira do Gouernador, gornecida de veludo preto, e retroz e ouro, posta em grande alcatifa; cuberta a tolda com huma vela. Onde o Gouernador assentado com os capitães, logo de terra veo hum barqo pequeno em que vinha hum mouro honrado assentado em huma alcatifa, e com elle hum homem portuguez vestido em hum [2] * balandrao * de grã, que chegando perto da nao do Gouernador se aleuantou em pé, * e * com o barrete na mão, disse: «Deos salue o se-» «nhor Gouernador, nao, e companha.» Ao que lhe responderão as trombetas e atabales, e toda a gente com muyto aluoroço vendo fallar homem portuguez; que logo entrarão na nao, que o Gouernador recebeo com muyto prazer, que era Miguel Ferreira que fôra por embaixador ao Xequesmael, que auia dous meses que era chegado a Ormuz, e em sua companhia hum embaixador com grande presente pera o Gouernador. O mouro que veo com Miguel Ferreira era criado do embaixador, que o mandaua visitar, a que o Gouernador fez muyta honra, e mandou muytos agardecimentos ao embaixador, e que como fosse tempo se verião ambos. Com que o mouro se tornou no barqo, e Miguel Ferreira fiqou com o Gouernador, dandolhe conta de sua viagem e das cousas d'Or-

[1] * capitães que forão * Autogr. [2] * balandra * Id.

muz como estauão. Então Miguel Ferreira mostrou hum caderno de todo o que passára até tornar a Ormuz, o qual caderno eu houve a meu poder, em que contaua *o seguinte*.

CAPITULO XLVIII.

QUE CONTA DO QUE PASSOU MIGUEL FERREIRA EM SEU CAMINHO, E COM O XEQUESMAEL, ATÉ TORNAR A ORMUZ, E CONCERTOS QUE SE TRATARÃO ATÉ O GOUERNADOR EM HUMA GALÉ FALLAR COM O REGEDOR RESNORDIM.

Partio Miguel Ferreira de Chaul em huma nao, em companhia do embaixador de Xequesmael e outro embaixador do Hidalcão, e todos forão aportar a Ormuz onde ElRey os mandou bem agasalhar, e d'ahy passarão á terra firme, que se chama o Mogostão, onde fiqou doente o embaixador do Hidalcão, e elles forão seu caminho em camellos, porque nom se seruem dos cauallos por a terra ser muyto fragosa; e nos camellos leuão huns ceirões feitos de verga, em que vão assentados e dormem quando querem, com toldos por amor do sol, e ally leuão sua agoa e mantimento. E caminhando achauão grandes lugares e pouoações, casas de barro cubertas de palha. Alguns lugares tinhão castellos de pedra, muros baixos, fraca cousa; as terras desaproueitadas, por os senhores serem tiranos. E estes senhores são muytas vezes remudados, porque ninguem tem patrimonio; sómente lhe dá o Xequesmael terras pera suas comedías em quanto lhe apraz, a cada hum segundo tem gente de gornição. As terras são muy pouoadas d'alimarias, e caças, e aues de muytas sortes. Ha terras muy frias de grandes neues, pouqua leynha, mingoadas de mantimentos. Seu mór mantimento são tamaras, porque nos valles ha muytas palmeiras, e muy pouqo arroz. A qualquer lugar que chegauão o capitão mandaua diante recado, dizendo que leuaua hum portuguez que seu senhor mandára buscar á India. Dando este recado ao senhor da terra, os vinhão receber ao caminho com sua gente, e erão aposentados nas milhores casas do lugar, e lhe fazião seruiço de cousas de comer. Caminhauão depois que o sol aquecia até que arrefecia, por caso dos grandes frios. O capitão fazia todo o gasto.

Assy caminhando por esta maneyra, Miguel Ferreira mandou açoutar hum seu escrauo, o qual por ysso em hum lugar buscou peçonha,

e lha deu pera o matar. Elle sentido da peçonha, o capitão fez muyta diligencia com muytos remedios, e todauia esteue á morte, no que se detiuerão tres mezes que nom caminharão; com que o capitão teue grandes trabalhos por sua saude, e choraua, dizendo que seu senhor lhe auia de mandar cortar a cabeça, por sua doença. Miguel Ferreira lhe fazia grandes seguranças.

O Xequesmael ouve muyto aluoroço sabendo que hia Miguel Ferreira, e vendo que tanto tardaua mandou saber, e tornandolhe com reposta que a detença era por caso da [1] * doença, o Xequesmael mandou * que lho leuassem metido em andas, e nom morresse, senão que todos por ysso auia de mandar matar a todos. Então foy metido em humas andas, forradas de peles per dentro e per fóra, com pannos, e feltros, e coiros, com que hia muy abafado e quente, sem lhe entrar nenhum ar; as quaes andas leuauão homens de lugar em lugar. Com que assy caminharão até chegar perto de huma cidade chamada Xiraz, onde dixerão que estaua o Xequesmael, e sendo oito legoas da cidade veo ao caminho hum senhor d'aquella terra, que andaua na guerra com sua gente, que erão cinco mil homens de cauallo armados, diante do qual vinha huma batalha de gente de pé, que erão dez mil homens, e atrás outra batalha de dez mil de cauallo com seus capitães, tangeres, bandeyras. Toda esta gente armada, e mórmente os cauallos acubertados e concertados em muyta ordem, decerão pera junto do caminho per que hia Miguel Ferreira, que já hia bem da enfermidade, e nas andas leuaua abertura per que tudo via.

Sendo a gente perto do caminho, o capitão aleuantou a lança que * tinha * hum guião, e 'afinqou no chão; com que toda a gente esteue quêda, e o capitão sayo adiante muyto loução, e só, veo vêr Miguel Ferreira, que lhe fallou com sua cortesia, e elle se offereceo que o acompanharia com a gente até onde estaua seu senhor. De que Miguel Ferreira lhe deu os agardecimentos, e foy seu caminho, e o capitão companheiro lhe foy contando que aquelle capitão com aquella gente era continuo na guerra, e tinha terras de que pagaua aquella gente, e que d'estes capitães tinha o Xequesmael vinte, com outras tantas gentes, e terras em que cada hum se sostinha e recolhia com sua gente quando nom pelejauão; mas que os capitães sempre estauão na côrte com ElRey; que este man-

[1] * doença ao que o Xeques mandou * Autogr.

dára ElRey que lhe viesse dar vista. N'este dia forão pousar huma legoa da cidade, onde de noite lhe veo visitação do Xequesmael, [1] * perguntando * por sua saude, e que se esforçasse que logo seria são. Elle respondeo que pedia a Deos saude por vêr hum tamanho senhor como elle era, nomeado por todo o mundo. Com a qual reposta ElRey muyto folgou; e mandou o seu fisico mór que o fosse vêr, o qual fisico mór era o mór senhor do Reyno, porque deu saude ao Xequesmael de huma grande doença que [2] * teue *, de moço de pouca idade, em hum ouvido, que lhe durou muytos annos, sem nunqua auer remedio de muytos mestres que [3] * curauão *; até que, de agastado, quando algum mestre o vinha curar lhe prometia de o fazer grande senhor, e senão que o auia de mandar matar; polo que tinha muytos mortos. Com esta condição este se obrigou; sómente pedio vinte dias d'espaço [4] * pera * lhe fazer cura, e que então lhe diria se o daria são ou não. ElRey foy d'ysso contente, e o mestre fez suas mézinhas, e aos doze dias dixe que o daria são, e senão que o mandasse matar como os outros, « e te digo que te curarey ; » « e se antes de hum mês nom deitares polos narizes hum bicho, que te » « faz o mal, nunqua em quanto viueres serás são. » Fez o mestre sua cura, e o bicho sayo aos vinte dias, com que ElRey fiqou são de grandes dôres que tinha no ouvido. Ao que ElRey fez grandes festas em toda a Persia; polo que ElRey em todas suas terras deu senhorio ao fisico, com que era o mór senhor do Reyno.

Ao outro dia Miguel Ferreira caminhou pera Xiraz, onde ElRey estaua, onde no caminho per mandado d'ElRey o fisiqo o foy vêr, acompanhado de quinhentos de cauallo, e com elle o gozil mór d'ElRey. O fisiqo mandou aleuantar o panno das andas, e vio o rostro a Miguel Ferreira, e tornou a cobrir as andas, e disse ao gozil que lhe fôra dado peçonha, e o gozil logo mandou apartar o capitão que hia com Miguel Ferreira, e lhe mandaua cortar á cabeça, e os seus criados forão chorar a Miguel Ferreira que querião matar seu senhor. Miguel Ferreira abrio o panno, e bradou que lho entregassem e lhe nom fizessem mal; o que assy foy feito. Chegando á cidade, que era muy grande e * de * fermosas casas, per mandado do fisiquo foy metido em humas que erão quentes como casas de banhos, que nom entraua nenhum ar, sómente a claridade lh'entraua por vidraças, que elle de dentro via quanto auia de fó-

[1] * perguntam * Autogr. [2] * tive * Id. [3] * couravam * Id. [4] * que * Id.

ra; onde o fisiqo o nom vio mais, sómente da botica lhe mandaua as mézinhas, e hum homem tinha d'elle cuidado, e do seu gasto e dos criados, que nada gastauão. E logo se foy achando bem; onde ElRey mandou dar dous mil xarafins pera seu gasto. E porque já estaua são, lhe derão casas muyto boas em huma orta, que tinha grande pomar de muytas fruitas e aruores, onde Miguel Ferreira muyto folgou, e nunqua saya fóra polo assy leuar por regimento, e o tinha de sua condição folgar de estar sempre em casa; e tinha hum seu escrauo branqo, gentil homem e muy bem vestido, que era seu lingoa, porque sabia muyto fallar o parseo. Aquy dentro á casa mandaua ElRey molheres fremosas musicas, que lhe hião cantar e bailar, que fallauão e gracejauão com Miguel Ferreira; mas elle as despedia com dadiuas e cortezes palauras, sem nunqua com ellas entender, porque lhe hia muyto encarregado em seu regimento, e elle o tinha de sua condição ser muyto honesto em seu viuer.

Auendo já hum mês que Miguel Ferreira estaua em sua perfeita saude, ElRey o mandou hir a sua casa, porque tambem querião hir outros embaixadores que erão vindos d'outras partes; ao qual dia que foy se vestio muyto riqo, em pelote de cetym roxo, e sua espada d'ouro e punhal, e gorra de veludo cremesym com riqua estampa e pena branca, e roupão do mesmo cetym roxo, e ciroilas de cetym cremesym, e pantufos forrados de cetym, e esto porque descalço auia d'entrar nas alcatifas do estrado d'ElRey; e os seus criados vestidos de grã, barrados de veludo verde, com suas gorras, * e * espadas douradas; e o lingoa, que auia de fallar, com pelote de damasco amarello, e seus calções e gorra.

E sendo o dia á tarde que auia de hir a ElRey, vierão por elle o fisico mór e o gozil, e foy em meo d'antre ambos e outros senhores, com muyta gente de cauallo; e veo hum cauallo d'ElRey com gorniçoes d'ouro e prata; e ally se ajuntarão outros embaixadores que o Xequesmael mandou que fossem com elle, que até então os nom quis ouvir, os quaes hião após Miguel Ferreira, e chegados aos paços decerão em hum grande pateo lageado de pedras brancas, da grandura do Recio de Lisboa duas vezes, sobre o qual todo em roda auia grandes casas d'ElRey, de grandes varandas, genellas, goritas, torres de cantaria lauradas e pintadas, e curucheos dourados, que bem parecião casas de grande Rey. O pateo estaua cheo de gente armada, que parecião dez mil.

Sobirão a huma grande sala onde estaua nobre gente, e a sala per

cyma com fremosas pinturas d'ouro e prata, e passarão a outra sala no andar d'esta, assy riqamente pintada por cyma e polas paredes, na qual casa auia huma alcatifa que tomaua todo o chão d'ella. N'esta casa nom entrarão senão os embaixadores e os grandes senhores que hião diante de Miguel Ferreira, os quaes todos n'esta casa fizerão suas cortezias, poendo as mãos sobre as faces, abaixando as cabeças até o chão; e tornandose a leuantar se apartarão pera as bandas, e o fisico e o gozil andarão adiante com Miguel Ferreira em meo, porque além d'esta casa auia inda outra, e o Xequesmael estaua em outra além, de que as portas todas estauão abertas huma em direita d'outra, e ElRey estaua assentado defronte da porta vendo os embaixadores. E chegando á porta d'esta casa, que era ante camara da em que estaua ElRey, veo de dentro o regedor do Reyno, e tomou Miguel Ferreira pola mão, e o meteo dentro na ante camara só, que nom entrou outrem com elle, onde entrado fez sua mesura com o joelho até o chão: qué estaua alcatifada e armada de veludos e brocados, onde acostados ás paredes estauão os regedores e principaes officiaes do Reyno, e da casa d'ElRey; e o moço lingoa ficou á porta. O Xequesmael estaua assentado em huma banca cuberta de hum panno d'ouro, e a casa dentro com pouqua claridade. Á [1] * porta * d'esta camara estaua o regedor que [2] * fallaua *; Miguel Ferreira estaua em pé, e o moço que fallaua em joelhos junto com elle. ElRey mandou a Miguel Ferreira que se assentasse em huma alcatifa, que estaua em cyma d'outra que tomaua toda a casa. Miguel Ferreira tornou a fazer outra grande cortesia, e se assentou com hum joelho no chão, e ElRey mandou que se assentasse á sua vontade. Miguel Ferreira tornou a fazer outra cortesia, e se assentou. Então [3] * fallou * ElRey com o regedor, e o regedor fallaua com Miguel Ferreira, e lhe perguntou como estaua de sua saude. Elle respondeo que estaua em perfeita saude, pois que com seus olhos via sua real pessoa, polo que ficaua maior e mais honrado que quantos homens vierão de Portugal á India. Então desemburilhou huma carta de hum lenço, com que a tomou na mão e aleuantou quanto pôde, e o regedor a tomou e leuou a ElRey, e dentro se abrio huma porta ou genela, com que a casa fiqou mais crara, com que mais pareceo a pessoa d'ElRey e a casa dentro, que reluzia em ouro; e ElRey

[1] * a par * Autogr. [2] * fala * Id. [3] * fala * Id.

despedio Miguel Ferreira, e se fechou a porta, e Miguel Ferreira se tornou fóra onde estaua o gozil e o fisiquo, que o tornarão a leuar com suas honras, e o leuarão a outras casas muy nobres, que estauão junto de huma grande praça. O Xequesmael fiqou muy contente das grandezas que o Gouernador lhe daua em sua carta. Ao outro dia hum védor da fazenda, com muyta gente de cauallo, leuou Miguel Ferreira pola cidade, e lha andou mostrando, que era do tamanho d'Euora quatro vezes, de nobre casaria e grandes praças, e casas dos grandes senhores, e toda cerquada de altos muros e torres, e per fóra outra cerqua de muro e torres, e per fóra outro muro sem torres, em modo que erão tres cerquas, e de huma a outra largura em que caberia toda a gente da cidade, e as portas trocadas, com reuezes com grandes torres, e sempre n'ellas porteiros; em que auia mais de corenta portas.

N'esta cidade tinha ElRey quatro aposentos de sua pessoa, de riqos paços. O védor da fazenda deu hum homem que sempre estiuesse em sua casa, e fosse com os seus moços pola cidade a comprar tudo o que auia mester; que este homem pagaua, sem Miguel Ferreira gastar nada, o qual era sempre muyto visitado do capitão que com elle fôra da India, que o muyto ensinaua do que auia de fazer, e que fizesse quanto lhe ElRey mandasse, e nada engeitasse.

ElRey, desejoso que Miguel Ferreira dormisse com molher de que lhe podia ficar filho ou filha, lhe mandou huma molher de sua casa, branca e muy fermosa, com riqas joias e pannos, e com ella duas criadas; e lhe mandou dizer que parecia mal o homem estar sem molher, que por tanto lhe mandaua aquella, que era criada de sua casa, que d'ella se seruisse em quanto quigesse. Miguel Ferreira lhe mandou grandes agardecimentos e cortesias, pedindolhe muyto afincadamente que tal lhe nom mandasse, porque era casado em Portugal, e que quando se partíra lhe fizera jura e prometera nom tocar outra molher até tornar; pedindo muytos perdões nom poder fazer o que Sua Alteza mandaua. O que ElRey lhe teue muyto a grande bem; mas que o fazia por guardar primor de sua pessoa. Assy esteue Miguel Ferreira espaço de dous meses, que era inuerno com pouquas chuvas.

Entrado o verão, ElRey foy á caça hum dia, com aues e montaria: com elle muytos senhores, que era grão numero de gente. ElRey hia assentado em hum andor aos hombros d'homens, em que se podia assen-

tar em cadeira quando queria, todo forrado de folha d'ouro e pedraria, cuberto com panno de brocado, e outra cubertura mais alta d'outro panno, por resguardo do sol; ElRey vestido de camisas brancas compridas, e em cyma em huma rica cabaia, e na cinta huma adaga d'ouro e pedraria, e na cabeça touquinha branca; detrás d'ElRey cem cauallos selados gornecidos d'ouro e prata, cubertos com telizes de pannos de seda de côres, compridos até mea perna, que pages leuauão a destro; e detrás o seu estribeiro mór. Toda a gente hia afastada polas bandas casy meo tiro de bésta. ElRey mandou hir Miguel Ferreira antre elle e a gente, só com seu lingoa. Hia detrás d'ElRey o regedor, com que hia fallando, e perguntando a Miguel Ferreira cousas de Portugal. E chegando a hum grande campo onde auia de ser a caça, o caçador mór apartou a gente per ordem derrador do campo, que fiqou em meo espaço de duas legoas e mais; ElRey se pôs no meo do campo ao pé de huma grande aruore, em cyma da qual tinha huma casinha em que se pôs alto, que via todo o campo; e com elle estauão homens com aues de todas sortes, e muy fremosos e grandes falcões, e lebréos, e galgos, e onças caçadoras; onde ally estaua Miguel Ferreira com huma lança, que lhe ElRey mandou dar pera matar a caça.

A gente per fóra correrão e baterão os matos, com que deitarão as alimarias pera o campo, per onde corrião e andauão de huma parte pera outra, de que nom podião fogir, que a gente tinhão cercado, que de todas partes lhe bradauão e tangião cornetas e bozinas; com que a gente com muyta ordem se veo çarrando pera onde estaua ElRey, que o campo ficando pequeno era cheo de muytos porqos, veados, gazellas, lebres, e outras muytas sortes d'alimarias, a que ElRey mandaua deitar os cães, e pelejauão e aferrauão a caça, e recolhia hum e mandaua deitar outro em ajuda, e assy as onças, que tudo vinha ter ante ElRey.

E tendo este desenfadamento hum pedaço, mandou ElRey largar o campo pera as alimarias fogirem, então a gente de cauallo que as corressem, e matassem com suas lanças, e arcos *com* frechas, que correndo vão tirando.

D'aquy se passou ElRey a outro campo, caçando com as onças, que caçadores leuauão assentadas nas ancas dos cauallos; as quaes vendo a caça, que os caçadores nom podem vêr, saltavão no chão, e o corpo muy rasteiro, escondendose que a caça a nom veja, sendo perto, de hum pulo

filhão a prea, e a degolão, e bebem o sangue, e se tornão a recolher a seu proprio caçador. Chegarão a humas grandes alagoas, onde auia muytas aues de muytas sortes, grandes e pequenas, em que se fez grande caça; com que se ElRey tornou pera' cidade, onde no caminho o aguardauão os seus cortesãos, que quando chegou á cidade leuaua mais de dez mil de cauallo. Entrou na cidade de noite, em que nas genelas auia tantas candeas que fazião dia craro; onde chegado ElRey a seus paços, mandou hir Miguel Ferreira pera sua casa, com muyta gente que o acompanhou.

Então, d'ahy a huns dias, ElRey mandou Miguel Ferreira com hum seu grande senhor, que fosse vêr algumas cousas que auia em seu Reyno; no que andou gastando todo o verão, em que lhe mostrarão cousas muy largas de contar. E foy ao Reyno d'Armenia, que he apartado sobre sy, onde vio grande fremosura d'homens e molheres; onde vio huma grande igreja de cantaria de grandes lauores, e per dentro de muytas pinturas d'ouro, em meo da qual estaua, sobre muytos degraos cercados de grades de prata, hum moimento aberto por todas as partes, forrado de folha d'ouro e muyta pedraria, e nas aberturas humas vidraças de cristal perque se via o que dentro estaua, que era hum corpo em ossos. E perguntando elle per esta cousa, lhe disserão que o corpo era de hum santo homem, que fizera aquella casa e outras muytas em toda' Armenia, e que viuendo fazia milagres, segundo tinhão em sua lenda, que segundo presunção póde ser são Bertolameu, segundo o que se achou na lenda de são Thomé, que adiante direy. E vendo Miguel Ferreira muytas cousas se tornou a ElRey, e lhe pedio que o despachasse, porque tinha muy grão desejo de na India contar ao Gouernador, e ás gentes, tão grandes cousas como tinha visto. Do que ElRey tomou muyto prazer, e logo o despachou, com mercê de cinco mil xarafins e riqas peças, e com elle mandou seu embaixador, que ally tinha grande presente pera lhe dar. Postoque Miguel Ferreira contou outras muytas cousas, e cada dia contaua, escreui estas que me parecerão que abastaua.

Passada a noite em contar estas cousas, ao outro dia pola menhã o Gouernador mandou Miguel Ferreira que se fosse pera sua pousada e [1] * estiuesse * com o embaixador; e mandou com elle Duarte Vaz, criado

[1] * estiue * Autogr.

d'ElRey, que sabia fallar o parseo, e que fossem ambos, e [1] * dissesse * a ElRey e Resnordim que elle tinha ally o embaixador que seu irmão Çafardim mandára a ElRey de Portugal com messagem, e porque se tornára christão, que mandasse arrefem, e que hiria a terra [2] darlhe a reposta que trazia; e que tambem dissesse a ElRey que elle auia de mandar vigiar a ilha, e que se achasse gente de gornição que toda auia de fundir no mar; que por tanto elle assy o mandasse apregoar na cidade. No que o Gouernador teue bom cuidado, que as galés toda a [3] * noite vigiauão * a ilha em roda, que cousa nenhuma entraua. ElRey desejoso de saber a reposta, o regedor Resnordim mandou logo hum seu filho, muyto autorizado e bem vestido, e com elle hum mouro honrado, chamado Acem Alle, muyto da priuança d'ElRey, e com o moço dous pages.

Tanto que o arrefem veo á nao do Gouernador elle * o * recebeo com gasalhado, e no cabo da tolda lhe derão huma cadeirinha rasa, em que se assentou, em que o mouro estaua espantado do que via. Então mandou a terra o embaixador, muyto vestido de roupas de seda, e com elle Pero d'Alpoym que seruia de sacretario, e Alexandre d'Atayde o lingoa, e o Duarte Vaz no batel, assentados em alcatifa. E partindo, de bordo lhe fizerão salua com trombetas e atabales, que chegando á praya veo o gozil com muyta gente, e o recebeo e leuou ante ElRey, que estaua em seu estrado e junto com elle o Rexamed, homem branco, de valente corpo, e máo sembrante d'homem soberbo; e tambem estauão homens principaes da casa: que recebeo ElRey os nossos com honra, e fez muyto gazalhado ao seu embaixador, que lhe deu as cartas que trazia, com que ElRey mostrou prazer, vendo n'ellas que ElRey lhe confirmaua pera sempre sua paz e amizade, que mandaua ao Gouernador que tudo com elle assentasse. Então ElRey, com muyto prazer, mandou Duarte Vaz com recado que lhe faria prazer em lhe deixar lá estar o embaixador

[1] * disse * Autogr. [2] No autographo, ás palavras « darlhe a reposta » seguem-se immediatamente estas: « ElRey desejoso etc. » até « e com o moço dous pages, e que tambem dissesse a elrey etc. » fechando o paragrapho onde diz « que cousa nenhuma entraua. » Deixando-se intacta esta intermissão difficultava-se a intelligencia do texto; porque a ameaça, com que o governador da India adubou, segundo o seu costume, o recado transmittido por Duarte Vaz, era stulta se partisse do atterrado rei d'Ormuz para o *terrivel* Albuquerque. A inversão, de que nos accusâmos, fará claro o que sem ella seria escuro ou absurdo. [3] * noite se vigiaua * Autogr.

aquella noite, que folgaria de lhe contar as cousas de Portugal. O Gouernador, ouvindo o prazer e honra com que ElRey recebêra o embaixador, lhe mandou dizer que era contente de lhe fazer esse seruiço, e outros maiores que esperaua de lhe fazer; e que o tiuesse quantos dias quigesse. E lhe mandou o arrefem, dizendo que tudo fiaua d'elle, que sua verdade era milhor que do refem, a que mandou dar huma peça de cetym cremesym. O qual se foy apresentar a ElRey, de que ouve muyto prazer, vendo a confiança que o Gouernador n'elle tomaua, e o pay do arrefem, Resnordim, que era presente, disse: «Toda' verdade tem os» «portuguezes quando lhe fazem verdade.»

Contando o embaixador a ElRey as cousas que vira em Portugal, dizião os outros que lhe derão beberagem com que visse aquellas cousas, e mórmente quando dizia que muytas vezes entraua onde estaua ElRey com a Raynha, e suas filhas, e damas fermosas; de que se muyto espantauão. Dizia Rexamed que dizia aquellas cousas porque se tornára cafre christão. E porque Nicolao de Ferreira trazia muyto encomendado d'ElRey o assento das cousas d'Ormuz, elle o fallou muyto com ElRey, o que o Rexamed nom consentia, dizendo que ElRey nom faria senão sua honra e bem de sua gente. E ElRey quizera mandar deitar o pregão que gente de fóra nom entrasse na ilha, como lhe o Gouernador mandára dizer, mas Rexamed o nom consentio. Ao que Nicolao de Ferreira lhe disse que aquillo nom era bom pera paz, e se queria guerra que olhasse 'armada e gente que estaua no porto.

E ao outro dia mandou ElRey ao Gouernador muyto refresco, e rogar que folgaria que estiuesse em terra descançando do trabalho do mar. Este recado foy per conselho do Rexamed; do que lhe o Gouernador mandou muytos agardicimentos, e dizer que * por * ser muyto acostumado de andar no mar nunqua folgaua d'estar na terra, mas que os seus capitães se enfadauão; polo que lhe rogaua que pera elles lhe mandasse dar casas ao longo da praya, onde estarião de dia folgando, e que á noite se tornarião a estar em suas naos. ElRey, ouvido este recado, porque desejaua de segurar sua vida, que o podia fazer com o fauor dos nossos, disse que lhe parecia bem. Mas Rexamed foy contra ysso; a que os outros ajudarão, que nom ousauão fallar contra ysso; ao que fauoreceo Resnordim, porque os regedores d'este Reyno d'Ormuz costumauão a fazerem meninos reys, e elles erão em todo poderosos, e como o Rey hia

crecendo, que queria entender em seu Reyno, logo lhe quebrauão os olhos, e fazião seu filho Rey, se o tinha, e senão outro direito herdeiro assy menino, com que elles erão sempre Reys. E d'estes Reys, assy cegos per esta maneyra, auia em Ormuz mais de trinta, e cegos os metião em huma casa, onde lhe dauão mantença pobremente até que morrião. E este que ora reynaua era abexim da parte da mãe, chamado Turuxa, de idade de vinte e dous annos, bem assombrado; e porque já queria mandar o Reyno o querião cegar como os outros, e nom era já feito porque os grandes temião o Rexamed que se faria Rey, que era máo e tyranno, e tinha muytos parentes que da sua mão tinha a soldo com muyta gente, e estaua já de posse do tesouro, e tinha já ElRey como preso, que nom saya fóra senão quando elle queria; e o Rey estaua já esperando cada hora que o auião de cegar, o qual vendo chegar nossa armada teue muyta esperança de se saluar d'este mal. O Rexamed foy muy toruado vendo chegar nossa armada, e dessimulou, com tenção que faria com ElRey tomar todo o assento que o Gouernador quigesse, porque aginha se despachasse e fosse pera a India, e então elle mataria ElRey, e se apossaria do Reyno, e assentaria com o Gouernador quando elle quigesse. E postoque tinha estes pensamentos, muyto contrariou que os nossos nom pousassem na terra: e assy o assentarão todos; o que o Rey nom [1] * póde * contrariar. Mas como ElRey estaua muy temorizado do mal que sabia certo que lhe auia de fazer, ao que nom tinha saluação senão meterse nas mãos do Gouernador, e nom tinha de quem se fiar pera o mandar descobrir ao [2] * Gouernador, n'ysto * determinado, dixe aos seus que elle nom queria com o Gouernador contendas nem guerra, pera lhe destroirem a cidade como já outras vezes fizerão, mas com mansidão e bons concertos auia d'acabar suas cousas. Então mandou dar todas as casas da praya aos capitães, em que se aposentarão, que vinhão nos bateys desembarqar á porta das casas, em que os capitães se aposentarão cada hum com sua gente, e tambem os capitães da ordenança com sua gente, com grande defeza que nenhum homem fosse á cidade, sómente hum comprador de cada capitão. E tambem derão casas pera a gente da nao do Gouernador. Polo que então ElRey mandou destapar todolas ruas da cidade, que estauão tapadas.

[1] * podendo * Autogr. [2] * governador e nisto * Id.

Então o Gouernador mandou dizer a ElRey que elle queria estar polos concertos passados, que fizera com seu irmão Çafardim, e Cojatar; que elle tomasse n'ysso sua determinação. ElRey lhe mandou dizer que por messages nom se podião fazer aquellas cousas, que era necessario que se vissem; sobre o que Resnordim lhe hiria fallar, mas que elle, velho e tropego, nom podia sobir á nao; que ouvesse por bem que se vissem junto da terra em huma galé. Do que aprouve ao Gouernador, que se meteo na galé do corço que estaua muy concertada, com seus alabardeiros e dom Gracia, e outros fidalgos. Então mandou a terra Diogo Fernandes de Beja que estiuesse refem em terra; e o leuarão nos bateys Lopo Vaz de Sampayo, e Pero d'Alboquerque, e Simão d'Andrade, onde na praya estaua já o regedor, que entrou com elles nos bateys, e Diogo Fernandes com o gozil se foy pera casa d'ElRey. 'O regedor recebeo o Gouernador com muyta honra e estiuerão grande espaço tratando as cousas; porque elle nom consentia que ElRey désse a forteleza que estaua começada, por ter suas casas sobr'ella; e o Gouernador n'ysso aprofiando, porque nom auia outro lugar pera ella. E ouve debates sem concrusão, mas ficarão em bom começo. Com que o regedor se tornou pera todo assentar com ElRey, a que o Gouernador deu hum ramal de contas d'ouro cheas d'ambre, grossas como collar, e hum bacio de prata d'agoa ás mãos dourado; com que se foy muyto contente a terra, e se veo Diogo Fernandes; e ElRey * ficou * muyto contente, vendo que os concertos virião ao fim que elle desejaua, e mórmente porque se tratára que ambos se vissem em terra.

O Gouernador muytas vezes vinha a terra no seu esquife, e entraua nas suas casas sem ninguem o acompanhar, e ahy estaua passando a sésta, porque as calmas erão muy grandes, e nas casas auia catauentos muy frios; e ahy o mandaua ElRey visitar com muytas fruitas e conseruas; e passada a calma se tornaua á nao. O Miguel Ferreira deu conta ao Gouernador miudamente das cousas de Rexamed; e assy lho dizia Nicolao de Ferreira, e que a cousa estaua em tempo per ElRey fazer quanto lhe pedissem. O Gouernador com esta enformação quiz vêr o que achaua, e mandou dizer a ElRey que o embaixador do Xequesmael lhe queria dar sua embaixada, o que nom podia fazer senão como compria á honra d'El-Rey; que lhe désse licença pera na ponta fazer cerqa em que estiuesse até o receber. Do que aprouve a ElRey, e disse que si: ao que todolos

seus lhe forão á mão, e elle ousadamente lhe respondeo que já lhe tinha dito que auia de fazer as cousas com o Gouernador como nom visse arder o fogo em sua cidade, como já víra, e nom ouvera quem o apagasse senão ElRey seu irmão com seus grandes trabalhos, nos quaes elle se nom auia de meter.

CAPITULO XLIX.

COMO FOY FEITA FORTELEZA COM CESTOS NA PONTA, E CERQUADA A PRAYA PER AMBAS AS [1] * PARTES * ONDE O GOUERNADOR RECEBEO O EMBAIXADOR E PRESENTE DO XEQUESMAEL, DE QUE FEZ MERCÊ AOS CAPITÃES.

Como o Gouernador teue licença d'ElRey, logo como foy noite o Gouernador, em hum esquife, andou polas naos fazendo embarquar nos bateys os cestos de cana como toneis, que já disse, e muytos padezes, e falcões, e peças grossas, e muytos pilouros e poluora, e enxadas e gamelas, e toda a gente do mar e bombardeiros; e sem aluoroço nem sendo sentidos se foy á ponta, onde tudo desembarqou; atrauessando a praya até 'agoa com cestos postos em pé, e dentro metidos páos altos, e os cestos cheos d'area, que erão todos iguaes, e per cyma postas tauoas pera andaimo, e nos páos outros atrauessados e postos padezes, e nas pontas dos páos bandeyras, e antre os cestos assentados tiros grossos, que tirauão de longo das prayas per ambas as partes. Dentro n'esta cerqua ficou a casa que de primeyro se armára pera torre da menagem, onde estauão dentro grandes tanques de madeira pera ter agoa. N'esta noite forão chegados a terra quanto puderão os nauios pequenos, e galés, com as proas em terra e 'artelharia prestes pera o que comprisse, e na ponta desembarcados os malauares e canarís com suas armas, com seus capitães e mantimento. N'ysto se deu tal diligencia que quando amanheceo já tudo estaua acabado, de feição que se podia defender a todo o poder que viesse.

O que sendo visto polos mouros ficarão muy espantados, e o Rexamed se foy a ElRey muy iroso, dizendo que olhasse o que tinha feito, que já sua cidade dera aos portuguezes; o que assy cramou Resnordim, e todos. ElRey estaua muyto contente em seu coração, e respondeo:

[1] * prayas * Autogr.

«Mais folgo eu porque aquillo se fez com paz, que se fôra feito com»
«guerra já vós outros fores todos mortos; e antes eu quero a vós ou-»
«tros, que sois meus amigos, que a minha cidade, que por ella me vem»
«buscar pera me fazerem mal.» O que todos lhe nom puderão contradizer; mas o Rexamed o nom podia soffrir, e dizia a ElRey que désse a Gouernador o seu tesouro, antes que fazer sua cidade catiua. ElRey lhe respondeo que o faria de muyto boamente se o Gouernador quigesse.

Então o Gouernador mandou chamar Miguel Ferreira, e lhe disse que fallasse com o embaixador que ao outro dia o queria vêr, que seria dentro na tranqueira, que pera ysso a fizera. E dizendolhe Miguel Ferreira o presente que lhe auia de trazer, o Gouernador lhe disse a ordem em que todo auia de vir. Pera este recibimento foy feito hum estrado grande de tres degráos, paramentadas as paredes derrador com hum rico drosel; o estrado alcatifado, e o Gouernador assentado em cadeira gornicida, vestido em sayo e loba de damasco preto, e seu collar, e crís d'ouro, como já disse, com sua barba grande comprida muyto branca; ao redor do estrado os capitães e fidalgos, bem atabiados de suas pessoas, com espadas na cinta, e detrás seus pages com lanças e adargas, e todos com barretes fóra.

Posto o Gouernador n'este apparato, mandou aos canarís e malauares, com suas gentes armadas, *que* se puserão de longo da praya, da banda do mar, e da banda da terra ao longo das casas d'ElRey, armados com seus piques, bandeyras, pifaros, atambores, e os malauares e canarís com seus atabaques, dando gritas que fazião espanto. Então foy dom Gracia de Noronha com toda a outra gente armada a casa do embaixador, onde cada huma peça de seda punhão nos braços a hum homem, aberta, e os homens de dous em dous. Primeyramente diante *hião* as trombetas tangendo, e logo dous mouros em rocis, que leuauão sobre as ancas duas onças caçadoras prezas nas trelas; e logo após elles quatro cauallos ginetes, sellados e enfreados, gornições de prata, acubertados até mea perna de cubertas de laminas assentadas sobre acolchoado d'algodão, e enuernizadas que reluzião como ouro, *e em* cyma dos arções dianteyros huma saya de malha fina; e logo vinhão os homens de dous em dous, com as peças nos braços, as primeyras tafetás, então cetys e damascos com rosas d'ouro, e então brocadilhos, e então brocados riqos, que todos serião quatrocentas peças; e atrás dous ba-

cios d'agoa mãos, cheos de pedras troquezas por laurar, e atrás hum bacio e hum gomil d'ouro, que ambos pesarão sessenta marcos, e huma adaga e traçado com suas cintas, tudo d'ouro e pedraria, que foy estimado em vinte mil cruzados, e huma cabaia de brocado da propia pessoa do Xequesmael, muy rica; e atrás o embaixador nobremente vestido, que trazia a carta do Xequesmael em folha d'ouro, enrolada, metida nas voltas da touqa; e detrás d'elle Miguel Ferreira, com dom Gracia e Pero d'Alboquerque; e detrás muyta gente armada com lanças e adargas. E n'esta ordem vierão polas principaes ruas da cidade até que sayrão á praya e forão de longo d'ella; e a gente lhe deu rua, e forão polo meo; ao que a gente lhe fez salua com grandes gritas e tangeres, e 'armada do mar, que estaua embandeyrada, com muyta artelharia, que tirou fremosamente. Com que chegando á forteleza, entrarão diante dous mouros honrados do embaixador, os quaes ante o estrado do Gouernador fizerão grandes cortesias, e lhe fizerão salua com brados e palauras de grandes louvores, fazendo apresentação das peças, que tomauão dos braços dos homens e as punhão no estrado, até chegar o embaixador, que na borda do estrado fez ao Gouernador grande cortesia, abaixando a cabeça até o chão. O Gouernador nom se bolio da cadeira em que estaua, sómente com a mão lhe disse que andasse. Então o embaixador tirou a carta da touqa em que a trazia, e 'aleuantou na mão quanto pôde. Largando os çapatos foy pera o Gouernador, e no meo do estrado tornou a fazer outra cortezia. Então o Gouernador se leuantou em pé, e tendeo a mão direita, a qual lhe o embaixador toquou com as pontas dos dedos, com que foy á boca e beijou, que he a mór cortezia que se podia fazer, e então beijou a carta, e a pôs sobre a cabeça, e a deu ao Gouernador, e lhe apresentando a cabaia, dizendo que o Xequesmael lhe rogaua, como bom amigo, que a vestisse e trouxesse com o traçado e adaga. O Gouernador, mostrando muyto prazer, tudo tomou, e deitou a cabaia sobre sy, abraçando as mangas polo pescoço, e pôs o treçado e adaga com as cintas, dizendo ao embaixador que nom vestia a cabaia porque a nom podia vestir senão Rey [1] * como * elle, mas que a guardaria e mostraria por sua grande honra; e a carta tomou, e meteo no seyo; e despedio o embaixador com suas honras, com que foy tornado a sua casa com Miguel Ferreira, que sempre com elle estaua.

[1] * com * Autogr.

E o Gouernador esteue assentado até que tornou dom Gracia, a que disse que seu trabalho e dos senhores capitães merecião o presente, de que a todos fez mercê em nome d'ElRey, todo junto sem nada lhe tirar, sómente a cabaia, que disse que por todos faria huma vestimenta pera Nossa Senhora da Serra, e as sayas de malha pera o ifante dom Luiz, e o bacio e gomil pera' Raynha, e as onças e os caçadores pera ElRey d'Ormuz. Estas peças, que o Gouernador tomou do presente, mandou aualiar e pagar aos capitães, que tudo em soma valeo passante de sessenta mil cruzados; onde os lapidarios antre as troquezas acharão peças de muyto preço. O que foy a mór mercê que nunqua se fez na India.

CAPITULO L.

DE COMO FOY CONCERTADO VISTA ANTRE ELREY E O GOUERNADOR, E SE VIRÃO EM HUMA CASA, ONDE FOY MORTO REXAMED: E O QUE SE MAIS PASSOU COM ELREY ATÉ O GOUERNADOR O APOSENTAR DENTRO EM SEUS PAÇOS COM GENTE DE GUARDA.

O Gouernador, como estaua magoado d'Ormuz de que desejaua tomar vingança, e sabendo o estado em que estaua ElRey, em que d'elle podia tirar muyto dinheiro, lhe fez presente das onças e caçadores em seus rocis, que lhe mandou com trombetas diante per Nicolao de Ferreira, e lhe dizer que lhe fazia seruiço d'aquellas onças, porque ninguem podia caçar com ellas senão elle, que era Rey, e auia de ser em quanto viuesse; e como amigo lhe pedia lh'emprestasse algum dinheiro pera gastar até que vendesse as mercadarias que trazia. E lhe mandou muytos agardicimentos polas onças, e lhe mandou cem mil xarafins, que logo mandou que contassem e os leuasse logo: ao que Rexamed se mostrou muyto prazenteiro, porque tinha já ordenada traição ao Gouernador; e foy á casa do tesouro d'ElRey, e tirou o dinheiro que estaua contado em saquinhos de cinco mil xarafins, coseitos e assellados. Em quanto o Rexamed foy dar o dinheiro, teue o Rey lugar, e disse ao Nicolao de Ferreira que ao Gouernador compria que ambos se vissem e fallassem, porque Rexamed os queria matar a ambos; que Acem Alle lhe fallaria mais. Com que o Nicolao de Ferreira se tornou ao Gouernador com o dinheiro e o recado. De que do caso d'este mouro já o Gouernador tinha

toda' enformação per Miguel Ferreira; com que o Gouernador entendeo que compria auer este mouro ás mãos, pera assentar as cousas d'Ormuz em paz e como quigesse.

Os capitães repartirão o presente antre sy, ficando os outros fidalgos e gente desconsolados. O que o Gouernador sentindo, mandou a Manuel da Costa, feitor d'armada, fazer pagamento geral a toda a gente segundo seus graos, na ordem que já contey que fizera os pagamentos em Goa; o que mandou pagar á porta da tranqueira em mesa, com trombetas, que muytos mouros estauão olhando; e pagauão cada dia á tarde. Ao que então o Gouernador mandou dizer a ElRey que lhe faltára dinheiro pera acabar de pagar; que lhe emprestasse mais dinheiro. Polo que ElRey lhe mandou dar outros cem mil xarafins, com os quaes veo Acem Alle, que deu ao Gouernador o recado d'ElRey ácerca do Rexamed. O Gouernador lhe mandou dizer que elle tinha já tudo bem sabido, e porque desejaua de lhe segurar a vida dessimulaua com suas cousas, até achar tempo desposto pera o saluar da morte ou cegueira, e o fazer Rey perfeito em seu Reyno, pera sempre em quanto viuesse; e n'ysto descançasse, e nenhum escandolo fizesse ao Rexamed, porque o nom matasse ou se aleuantasse com sua gente que tinha dentro em Ormuz; que assy sendo tudo seria destroido; que por tanto se concertassem como ambos se vissem, onde então seria presente Rexamed, onde o prenderia e lho entregaria em poder. Do qual recado ElRey fiqou muy alegre, e fez mercê ao Acem Alle.

Então o Gouernador ajuntou os capitães com dom Gracia em conselho secreto, em que lhe disse que elle tinha Ormuz em sua mão pera n'elle e d'ElRey fazer quanto quigesse; * mas *, por grande enconueniente que auia pera [1] * ysso, lhe deu * particular conta do feito de Rexamed, dizendo que o mouro nom se podia matar, nem hilo buscar, sem auer n'ysso muyto trabalho e morte de gente, porque o mouro tinha dentro em casa d'ElRey dous irmãos, homens principaes, e primos com irmãos noue, todos homens acompanhados de muyta gente, que Rexamed pagaua da sua mão, elle poderoso na cidade mais que ElRey. Polo que elle n'ysso consirando lhe parecia que compria pairar as cousas com tanta dessimulação até que elle lhe viesse fallar, e então o tomar e prender,

[1] * ysso, em que lhe deu * Autogr.

até assentar as cousas d'Ormuz como compria. Sobre o que, auendo duuidas e pareceres deferentes, debaterão muyto, e todauia aprouarão a tenção do Gouernador, que seria pairar as cousas tão seguras ao entender do mouro que elle nom ouvesse nenhum sentimento, porque se nom aleuantasse; o que nom faria sem primeyro matar ElRey, que era a cousa que se mais auia de segurar; e pera ysto ser se mouerião taes concertos fengidos de que o mouro ouvesse contentamento, e que os affirmasse elle com ElRey e Resnordim, e pera ysso o Gouernador e ElRey se vissem em huma casa onde o mouro seria presente, onde então o prenderião, e se comprisse o mandarião a Portugal por milhor seguridade do estado d'Ormuz. E n'ysto todos assentarão. Polo que o Gouernador lhes encomendou aos capitães que em suas companhias buscassem homens forçosos pera liar o mouro, porque algum d'elles capitães nom ouvessem perigo querendo tomar o mouro: no que todos se concertarão pera os buscar cada hum dos seus. Então o Gouernador fengio hum falso recado, e mandou por Acem Alle que elle era muyto em conhecimento do muyto dinheiro que lhe tinha dado, com que por muytos annos nom era rezão que pagasse pareas, pois era tão bom amigo d'ElRey de Portugal, o qual lhe dizia em muytas cartas, que trouxera Nicolao de Ferreira, que achando em Ormuz boas amizades, e os emprestimos que ouvesse mester, nom bulisse em nada dos contratos passados, até elle mandar o que lhe parecesse mais seu seruiço; e por esta rezão, por assy achar n'elle tão bom emprestimo, lhe fazia a saber que logo se queria partir pera' India, a fazer huma cousa que muyto compria a seruiço d'ElRey, segundo huma sostancia que lhe escreuêra o Xequesmael; mas que lhe rogaua lhe fazer mais emprestimo de dinheiro que auia mester na India, d'onde lhe mandaria o pagamento em pimenta, e drogas, e mercadarias do Reyno, que lhe mandaria carregadas em suas naos, ou a seus mercadores que com elle mandasse. E que nas cousas d'Ormuz nom fallassem mais até nom tornar a vir recado d'ElRey seu senhor. Mas que pera estas cousas ficarem atadas, e seguras, compria que ambos se vissem, e tudo affirmassem, assinado por elle e por Resnordim, e Rexamed, e seu gozil, e seu caciz mór; que por tanto, primeyro que tudo ysto fôsse, tomasse com todos conselho, e lhe mandasse a reposta auido seu conselho.

Este recado deu Acem Alle a ElRey presente todos os seus; com *que* Rexamed ouve grande prazer em seu coração, vendo que o Go-

uernador o metia nas cousas dos concertos, e mórmente com a noua de dizer que logo se queria partir pera' India, o que o mouro cuidou que era toda' verdade; e auido conselho antre todos, e ElRey com seu grande prazer de se vêr com o Gouernador, que esperaua que era sua verdadeira saluação, todos concordirão, e o Rexamed mais que todos, que logo se leuasse o emprestimo ao Gouernador, que era com ysto resgatar e liurar a cidade de muyto mal, que lhe podia fazer tanta armada e gente como o Gouernador tinha; e mais porque Ormuz com este assento ficaua liure até vir recado d'ElRey de Portugal, que auia de tardar muyto tempo. E pois o Gouernador queria logo pagar os emprestimos, e leuar mercadores a que pagaria em pimenta e drogas, era grande bem; que d'ysso elle daria seu cartaz. E perguntarão 'Acem Alle quanto dinheiro o Gouernador agora queria. Disse que outros dous mil xarafins, que logo o Rexamed mandou dar do tesouro, que estiuessem em poder de Resnordim, e os darião quando se vissem. Resnordim dixe que nom era costume entregar dinheiro perante ElRey; polo que logo o derão 'Acem Alle que o leuasse, como leuou, e [1] * perguntasse * ao Gouernador o dia e a casa em que se auião de vêr. O Gouernador mandou recolher o dinheiro, e respondeo que a casa auia de ser a em que elle pousaua, que estaua na praya, e tinha dentro no meo hum pateo em que ambos falarião; onde estarião com elle sómente oito capitães sem terem nenhumas armas, e teria a porta da praya elle, * e o * Rey teria a porta das casas que hia pera a cidade, em que estaria a sua gente; e elle entraria n'esta casa com Resnordim e Rexamed, e o seu caciz mór e outros, quaes elle quigesse que fossem, outros oito, assy todos sem armas; onde fallarião, e concertarião e assinarião seus papeis, e se despedirião, pera logo se partir. O que sendo assy dito a ElRey, folgou que assy fosse, e muyto mais Rexamed, com o aluoroço que trazia na traição, que ordenaua, de matar o Gouernador. E o dia seria pera se verem qual ElRey quigesse, porque logo auia de despachar o embaixador de Xequesmael, e logo se partir. Do que ElRey muyto folgou, porque tambem * era * sudito e [2] * daua * obediencia ao Xequesmael, e por sinal d'obediencia elle e todos os de seu Reyno trazem o carapução do Xequesmael, que he comprido mais de hum palmo, da grossura de hum brandão, com de-

[1] * perguntar * Autogr. [2] * da * Id.

bruns per dentro cheos d'algodão, que o fazem dereito e duro, que trazem na cabeça e sobre elle a touqua, que ha de ser de seda ou panno vermelho; o qual carapução traz ElRey, e todo' homem de seu Reyno, sô pena de morte. N'estes dias que se passauão estas cousas, sempre Miguel Ferreira estaua com o embaixador, que estaua auisado do Gouernador que visse e entendesse do embaixador o que lhe parecia de suas cousas; o qual dizia que pois o Gouernador era tanto amigo com o Xa Esmael nom deuia de fazer mal a Ormuz, pois daua obediencia, e trazia seu carapução. Dizialhe Miguel Ferreira que o Gouernador nunqua seria contra ysso, e folgaua muyto por assy ser vassallo com seu carapução, sómente que o Gouernador queria fazer ally huma forteleza, pera que os turqos do Soldão nom viessem tomar Ormuz; o que se assy fosse, então o Reyno ficando em poder dos turqos ficaria fóra da obediencia do Xequesmael. Do que o embaixador estaua contente, e porque nom saya fóra de casa, sempre perguntaua a Miguel Ferreira o que passaua, e Miguel Ferreira lhas contaua como entendia que auia de folgar.

E pois sendo concordado o dia das vistas, o mouro Rexamed, indinado na traição que trazia em seu coração, que era matar o Gouernador, fallou com ElRey, dizendo que elle queria fazer presente ao Gouernador, que lhe leuaria a casa quando estiuesse só, sem os capitães, pola sésta; porque o presente nom lho désse a elles, como fizera do presente do Xa Esmael; e lhe leuaua o presente pera lhe pedir o regimento do Reyno, morrendo Resnordim. O que ouvido por ElRey logo entendeo que era alguma traição, que o mouro queria fazer estando o Gouernador só pola sésta, e disse ao mouro que lhe parecia muyto bem; que o Gouernador lhe faria quanto elle pedisse. Com que o mouro logo ordenou o presente, que auião de ser muytas peças de seda, que cada lascarim leuaria nos braços, com seu treçado e cofo que sempre trazião, e entrando muytos, e o Rexamed fallando ao Gouernador e lhe apresentando as peças, que nom leuaria armas mais que huma adaga, remeteria com o Gouernador e o mataria, ficando com seus lascarins senhor das casas: ao que lhe acoderião de fóra seus irmãos, que estarião de fóra com muyta gente que pera ysso terião prestes. Do que todo ElRey ouve auiso, e o mandou dizer ao Gouernador por Acem Alle; do que o Gouernador mandou a ElRey muytos agardecimentos, dizendo que o coração do bom Rey era tão eicyllente que nom consentia traição, e deu ao mouro dez portugue-

zes de mercê, que mostrou a ElRey, e que dizia que elle se guardaria da traição do mouro.

O Gouernador deu conta a dom Gracia d'esta cousa e aos capitães; que portanto compriá que quando entrassem nas casas, pera a vista d'ElRey, fossem armados secretamente: polo * que * alguns leuauão camisas mouriscas com que cobrião as armas. E porque o mouro nom cometesse sua traição o Gouernador se [1] * deixaua * estar na nao, e se vinha * a * terra se tornaua logo, e mandando na praya concertar alguns bateys.

E pois sendo chegado o dia das vistas, que foy em dezoito d'abril, em amanhecendo o Gouernador se veo ás casas, que já estauão concertadas, e o pateo armado de ricos pannos de Frandes, e alcatifado, e armado hum sobreceó grande que todo cobria, e o Gouernador com seus vestidos, e collar, e cris na cinta, e béca de veludo, e crispina d'ouro, e gorra, e assy os capitães vestidos loução sobre as armas secretas; que forão dom Gracia, a que o Gouernador encarregou que tiuesse a porta da banda da cidade por onde ElRey auia d'entrar, que a fechasse tanto que ElRey fosse dentro com os seus; e era Pero d'Alboquerque, Fernão Gomes de Lemos, Diogo Fernandes de Beja, Ayres da Silua, Simão d'Andrade, Lopo Vaz de Sampayo, Vasco Fernandes Coutinho. Nas casas per dentro estaua muyta gente com a guarda do Gouernador. Fiqou no mar por Capitão mór d'armada Vicente d'Alboquerque, e toda prestes com 'artelharia e bombardeiros, com os outros capitães em cada nauio, com as proas pera terra; e na forteleza estaua por capitão Aluaro de Crasto com Diniz Fernandes de Mello, patrão mór, com cem homens portuguezes, e os canaris e malauares, com bombardeiros e 'artelharia prestes. E os capitães da ordenança estauão com toda sua gente prestes, recolhida, fechada dentro em suas casas, que erão muy grandes; e tudo assy feito e ordenado em muyto segredo, porque os mouros nom tomassem alguma sospeita, ou se viessem com enganos tambem os achassem. Como assy tudo esteue prestes, o Gouernador mandou recado a ElRey que estaua aguardando por elle; o qual logo veo a cauallo ricamente vestido, e todos os seus a pé, e atrás vinha seu gozil com muyta gente armada, e com elle os dous irmãos de Rexamed; e seus primos ficauão nas casas d'ElRey com muyta gente armada. Com ElRey veo o embaixador do Xa

[1] * deixa * Autogr.

Esmael, que o mandára elle chamar pera estar presente aos concertos, e chegando ElRey, dom Gracia lhe fez grandes cortesias, e ElRey se deceo e pôs á porta, e com sua mão hum e hum meteo dentro os que auião d'estar com elle, e o primeyro foy Rexamed, com o embaixador, e Resnordim e dous cacizes, e seu capitão do mar, e outros, que por todos forão oito. O mouro Rexamed, que primeyro entrou, com seu máo aluoroço que trazia, sem aguardar por ElRey, foy direito ao pateo onde achou o Gouernador que estaua em pé com os capitães. O mouro leuaua a tiracollo hum cofo, e na cinta hum treçado e huma adaga, e pendurada huma bainha de faquas, e na mão huma machadinha, todas estas peças gornecidas d'ouro e pedraria de muyto preço, e vestida huma riqua cabaia de brocado. O qual chegando ao pateo, qne vio o Gouernador, foy ante elle, e lhe fez grande çalema, e o Gouernador lhe disse polo lingoa Alexandre d'Atayde, que ahy estaua, que se fóra concertado que ninguem auia de trazer armas, elle como as trazia? O mouro disse que elle só as trazia por seu costume, mas que as tiraria logo. O Gouernador disse que nom, que as tiuesse embora. O mouro se tornou pera onde estaua ElRey á porta, pera se sayr; mas a porta era já fechada, e ElRey com dom Gracia e os outros vinha pera o pateo: com que o mouro tornou com elles. Chegando ElRey, o Gouernador o recebeo com grande cortesia, que tambem lhe fizerão os capitães, e se apartou ElRey, e chegou Resnordim e os outros, cada hum per sy a fazer suas çalemas. O mouro com desacordo tornou outra vez a fazer çalema ao Gouernador, e tocar os dedos da mão direita. O Gouernador lhe tomou a mão com ambas as mãos, e tirou por elle, e o empuxou pera os capitães, dizendo: «Tomaio lá.» O mouro, tomandolhe o Gouernador a mão, tirou por ella, e sė alargou da mão do Gouernador, e lançou a mão esquerda ao collar do Gouernador, e com a mão direita foy pera lhe tirar o cris da bainha, e errando, que o nom tomou, foy pera arrancar o treçado, que arrancou até o meo; ao que os capitães forão com elle ás punhaladas, tantos punhaes que huns ferirão outros nas mãos, e o mouro cayo morto. O que vendo ElRey, e os outros, cuidarão que [1] *tambem* os auião de matar, e correrão á porta pera abrir e se sayrem; mas dom Gracia os reteue: com que elles de dentro derão brados aos mouros que estauão de fóra, dizendo que os nossos a todos matauão; o que ouvido dos mou-

[1] *tam* Autogr.

ros, derão grandes brados, pondo muyta força a querer quebrar a porta, e forão pola cidade appelidando que acodissem, que matauão ElRey. Ao que se aleuantou toda a cidade com grande aluoroço, e todo o pouo posto em fogida, e acodindo muytos mouros ás casas; o que ouvido polos capitães da ordenança, sayrão logo com sua gente armada, e piques, e tomárão a principal rua da mesquita grande; e tambem sayo muyta gente armada das casas dos capitães, que acodirão sobre os mouros que combatião á porta, e os fizerão afastar, e todos se forão meter nas casas d'ElRey, em que se fizerão fortes; que erão os irmãos e parentes do mouro Rexamed, que erão muytos.

O Gouernador, vendo o grande medo d'ElRey, e dos outros, os segurou. O espanto d'ElRey foy porque o Gouernador lhe mandára dizer que sómente auia de prender o mouro e o mandar pera Portugal. E quando assy o vio matar cuidou que tudo era falso. ElRey muy trouado perguntou ao Gouernador se a elle prendia. O Gouernador lhe disse que elle estaua já preso em poder de Rexamed, e que já estaua solto e perfeito Rey em seu Reyno, e lhe faria muytos seruiços, porque era bom Rey; mas que a todos seus imigos auia de fazer como áquelle que ally jazia, que lhe queria quebrar os olhos e tomar seu Reyno; que elle o assentaria em seu reynado, seguro e forte pera sempre, e a seus amigos. E logo vestio a ElRey humas coiraças de cetym branco com suas mãos, e lhe cengio huma espada dourada, e hum punhal gornecido d'ouro, e lhe deitou ao pescoço huma cadea d'ouro de rocaes esmaltada, e junto com elle hum seu page, com huma lança e adarga com capacete, e dizendo: «Senhor Turuxá, Rey d'Ormuz, agora sois feito caualleiro, e» «com estas armas que vos dou, e com a boa amizade d'ElRey de Por-» «tugal, eu em seu nome, com estes seus caualleiros, e fidalgos, todos» «vos seruiremos até morrer; e portanto mandai cortar as cabeças a» «quantos volo merecerem, e nom ajaes medo de ninguem, em quanto» «fordes bom amigo com ElRey meu senhor.» Ao que ElRey, e os que com elle estauão, se querião deitar a seus pés. Então o Gouernador leuou ElRey e os seus acyma ao terrado das casas, e mandou que o mouro deitassem fóra na praya, que primeyro ally foy despojado, que cada hum apanhou o que pôde, do que alguns ficarão riqos. Eu lhe tomey hum lenço, a que elles chamão rumal, que o mouro trazia na mão, laurado d'ouro e branco, porque me dauão vinte xarafins.

Posto ElRey no terrado fallou aos seus, que estauão armados derrador da casa, e lhes disse que estiuessem seguros e contentes, porque elle era feito Rey d'Ormuz sem medo de trédores, porque o Gouernador era seu verdadeiro pay. E porque era já casy meo dia, mandou que lhe trouxessem de comer e pera toda a gente. O gozil, e todos, derão grandes brados d'alegria, e louvores ao Gouernador, e forão correndo pola cidade e dando a bõa noua d'ElRey. Com * que * a gente segurou do aluoroço em que estaua; sómente a gente do Rexamed estauão muy fortes nas casas d'ElRey, que passauão de tres mil almas, e ysto fizerão porque o mouro, quando foy com ElRey, disse a seus irmãos que se ouvesse alguma reuolta se recolhessem ás casas, e se fizessem fortes, e d'ellas se nom sayssem sem seu recado. Porque o sol era grande, foy armado hum sobreceo, em que ElRey estaua assentado em sua * almofada *, e com alcatifas em que o Resnordim, e os outros, estauão assentados, fallando com os debaixo.

Como assy a cousa esteue mansa, dom Gracia abrio a porta, e sayo toda a gente com os capitães pera fóra, e o Gouernador disse a ElRey que [1] * mandasse * dizer aos irmãos de Rexamed que logo se sayssem de suas casas, porque já o trédor seu irmão era morto. O que ElRey lhe mandou dizer per hum dos cacizes, o qual dando o recado que o trédor era morto, lhe tirarão com frechas, fallando deshonras a ElRey. Com que o caciz tornado a ElRey, que lhe disse a reposta, ElRey ouve muyta paixão, e dixe ao Gouernador que mandasse a sua gente que os fossem matar todos, e deitar fóra da ilha. O Gouernador, com grande fero, disse a ElRey que se elle largasse sua gente que o fossem fazer, que se soltarião pola cidade, e n'este dia lhe nom ficaria pedra sobre pedra. Então disse ElRey que elle mandasse o que se fizesse, porque elle era seu filho.

Então o Gouernador mandou os cacizes que lhe fossem dizer que se sayssem das casas, senão que elle os hiria queimar dentro n'ellas. Elles tinhão já sabido que o mouro era morto, e mandarão dizer que lhe désse o corpo do morto, e embarcações pera se passarem á terra firme, e que logo o farião. No que assy foy feito concerto: ao que logo ElRey mandou o gozil que lhe foy dar terradas, em que se embarcarão com sua fa-

[1] * manda * Autogr.

milia. Em quanto se ysto fazia veo o comer d'ElRey, que os mouros trouxerão em grandes tachos e bacias arròs cozido com carneiros inteiros e em pedaços, assados e cozidos, em tanta maneyra que comeo toda a gente, assy na terra, como na praya em que estauão os malauares e canarís, até os da forteleza; e leuarão pera as naos, e ysto em tanta maneyra que sobejou. E leuarão ao terrado muyto comer pera ElRey em grandes bacias de prata, que ElRey rogou ao Gouernador que se assentasse, que estaua armado, e comesse e descançasse. O Gouernador lhe disse nom costumauão os portuguezes a se sentar em quanto andauão armados. Então correo 'adarga polo braço, e tomou hum bacio, e meteo na caldeira do arroz e tomou hum pouqo, e encostou a lança ao hombro, e comeo hum pouqo, sómente porque ElRey visse que comia o seu comer. O arroz cozido foy estimado em quatrocentos fardos, e os carneiros quinhentos; cousa muyto pera notar em tão pouqo espaço de tempo fazerse tal cousa. Eu soube que se fizera todo este comer nas casas grandes que tinhão cozinheiros, repartido o arroz e carneiros com pena de morte que logo fosse feito; e de cada casa o trazião em suas grandes bacias, que cada bacia trazião seis homens per argolas.

Acabado o comer, mandou o Gouernador saber se as casas d'ElRey erão já despejadas. Vierãolhe dizer que sómente as molheres e familia embarcarão, mas que os mouros estauão fortes, dizendo que primeyro que se sayssem das casas lhe auião de dar o corpo de Rexamed, e senão que ally auião de morrer todos. Do que o Gouernador muyto iroso mandou logo ás naos trazer grandes escadas, pera hir entrar as casas, que cada huma leuauão muytos canarís junto das casas; mas o Gouernador, querendo escusar huma só morte de hum homem, que nom queria auenturar, mandou o capitão de Xequesmael que lhe fosse dizer que logo se sayssem, e s'embarcassem, e huma só terrada estiuesse no mar pera leuar o corpo do mouro, que lá lho mandaria leuar; e n'ysto lhe fallaua verdade, e que elle embaixador assy lhe ficasse em sua palaura, porque assy o compriria. O que todo lhe foy dizer, e lhe jurando por vida de seu senhor que o corpo lhe leuarião ao mar; mas que huma só terrada o fosse tomar, porque huma só fusta o auia de leuar. Então os mouros, temendo o enxercicio das escadas que vião pera' obra, então se embarcarão, e ficarão as casas despejadas. Então o Gouernador mandou João da Pena que no catur leuasse o corpo morto, que jazia na praya

nú ; dizendolhe o Gouernador que o leuasse e entregasse aos mouros, mas que fizesse modo como o elles nom leuassem. E mandou Fernandeannes no bargantym em guarda do catur, e que, se viessem mais terradas que huma só, lho nom dessem, e o deitassem ao mar. Ao que forão no meo do mar ; vierão os irmãos em huma terrada a receber o corpo, que o virão, * e * derão grandes gritos de prantos, e querendo entrar no catur, pera o tomarem, João da Pena nom consentio, e lho deu a bordo ; que em o tomando os mouros o catur se arredou, e cahyo ao mar com dous mouros pegados n'elle, com que se forão ao fundo, e o catur e bargantym se tornarão, e a terrada esteue todo o dia deitando muytos mergulhadores em busca dos mortos, que nom acharão nenhum, porque os leuou a corrente d'agoa, que muyto corria por baixo. Ao que fazendo grandes prantos, chegarão outras terradas, de que se deitarão ao mar muytos homens, e molheres, e parentes, que ally quizerão morrer e hir com elles ao inferno.

O Gouernador perguntou a ElRey se Rexamed tinha filhos. Elle dixe que hum só menino, que hia nas terradas com sua mãe ; e que das suas casas lhe leuauão muytas molheres, e escrauos, e cousas de casa. Ao que o Gouernador a grã pressa mandou as galés, e galeota, e bargantym, que fossem tomar a dianteyra ás terradas, e as fizessem estar quêdas, e que se o nom quigessem fazer que todas metessem no fundo. No bargantym forão dez homens d'ElRey, que entrassem em todas as terradas até que achassem o filho de Rexamed, e lho trouxessem, e se a mãe com elle quigesse vir a trouxessem em huma terrada com toda sua casa, e que em cousa nenhuma nom tocassem. O que assy se fez com muyta diligencia, que as galés largando as amarras se fizerão á vela e remo, e tomarão a dianteyra a todas as terradas, que logo todas amainarão. Chegou o bargantym com os mouros d'ElRey, que logo acharão a mãe e menino em huma terrada com toda sua familia, que tudo trouxerão ao Gouernador ; e os mouros corrião e buscauão huma terrada, e tomauão algumas cousas que achauão d'ElRey, e como huma era buscada a fazião partir á vela ; com que tornarão a Ormuz dez terradas carregadas de cousas da casa d'ElRey.

E o menino, que era de dous annos, trouxerão ao Gouernador, e elle o entregou a ElRey, dizendo : « Senhor, este he filho de trédor, e » « quando fôr grande sua mãe lhe dirá que tu lhe mataste seu pay ; e por «

« tanto, senhor, dizem os que muyto sabem: a quem matares o pay nom »
« lhe criês o filho. E se este criares, he braza de fogo que metes em teu »
« seyo, que em algum tempo te queimará. » ElRey mandou entregar a mãe e filho ao seu gozil, de que se muyto fiaua por ser muyto seu parente: e n'ysto se passou todo o dia até sol posto. Então o Gouernador mandou trazer trinta cauallos muyto bons, acubertados, que leuou de Goa em huma taforea com seu estribeiro, e elle caualgou com os capitães; e ElRey tambem mandou trazer seus cauallos, em que caualgou com os seus, e muytos fidalgos, e com muytas tochas acezas, porque era já de noite, e com toda a gente armada, que as armas reluzião com a claridade do fogo, e a gente da ordenança diante, forão polas ruas da cidade ás casas d'ElRey, que por sua cirimonia estauão fechadas; e de cyma de hum alto terrado, huns moços de grandes fallas em altas vozes lhe cantarão huma arenga de grandes louvores e benções, que acabada derão de dentro grande grita, tangendo muytos atabaques e trombetas. Com que abrirão as portas, e entrarão em hum grande pateo, em que decerão dos cauallos, e o Gouernador tomou ElRey pola mão e o leuou dentro á sua camara, e presente Resnordim, e seu gozil, e cacizes, e outros principaes homens do Reyno, lhe disse o Gouernador: « Se- »
« nhor Soltão Turuxá, tu hes Rey e senhor d'este Reyno d'Ormuz e seu »
« senhorio, e pera sempre o serás em quanto Deos te der vida, que ou- »
« trem ninguem te poderá tirar; ao que te eu ajudarey com todo o po- »
« der d'ElRey de Portugal, que assy mo manda, porque he teu grande »
« amigo. Polo que eu serey amigo de teus amigos e imigo de teus imi- »
« gos. E pera guarda de tua pessoa, se mandares, aquy dormiremos to- »
« dos, armados assy como estamos. » Ao que ElRey e todolos seus lhe derão grandes louvores, abraçandose ElRey com o Gouernador, dizendo que era seu verdadeiro pay, e que d'elle e de seu Reyno podia fazer como de proprio filho; que elle se fosse muyto embora a repousar de seu tanto trabalho, que elle ficaua tão seguro que dormiria com as portas abertas; e que obedecia a tudo o que elle mandasse. Então o Gouernador deixou com ElRey Pero d'Alboquerque com dozentos homens, que vigiarão toda a noite a quartos na antecamara d'ElRey, dormindo Pero d'Alboquerque á porta da camara, por resguardo d'alguma traição que podia auer; e o Gouernador com toda a gente se recolherão pera suas casas, e o Gouernador se foy dormir á sua nao.

CAPITULO LI.

DAS GRANDES DADIUAS QUE ELREY FEZ AO GOUERNADOR, QUE ELLE REPARTIO POLOS CAPITÃES E GENTE MUY LARGAMENTE, PORQUE LOGO OS METEO NO TRABALHO DO FAZIMENTO DA FORTELEZA, EM QUE DEU GRANDE ORDEM AO TRABALHO, E SENDO MEA FEITA DESPACHOU O EMBAIXADOR DO XEQUESMAEL, COM QUE MANDOU FERNÃO GOMES DE LEMOS POR EMBAIXADOR.

Ao outro dia Pero d'Alboquerque se despedio d'ElRey e se foy á sua pousada, onde ElRey lhe mandou cinco mil xarafins de mercê, e vinte xarafins pera cada homem que com elle estiuerão na vigia. E mandou ao Gouernador dozentos mil xarafins, que repartisse com os capitães e gente do trabalho do dia passado; o qual dinheiro mandou entregar a Manuel da Costa, feitor d'armada. Do qual dinheiro repartio mercê de mil xarafins a cada capitão, e aos fidalgos suas marqas a trezentos cada hum, e aos mestres pilotos a cada hum cento, e a toda a outra gente a cada hum quinze xarafins, sómente aos malauares e canarís a cinco xarafins; o que tudo deu de mercê. ElRey, sabendo a repartição que fizera o Gouernador, lhe mandou cem mil xarafins, dizendo que pois elle pagára os trabalhos alheos á sua gente, nom era rezão elle ficar sem paga; polo que lhe mandaua aquelles cem mil xarafins. De que o Gouernador lhe mandou muytos agardicimentos, e perante sy os mandou entregar ao feitor, dizendo aos fidalgos: «* De * tudo quanto nos tem» «dado ElRey, que são agora setecentos mil [1] * xarafins, hey * de dar» «conta a ElRey nosso senhor, porque são seus; e a conta que lhe hey» «de dar são os bons seruiços e muytos trabalhos de vossas mercês, e» «d'estes pobres seus vassallos. E porque todo pende sobre mym, he» «rezão que tenha lembrança da gente que na India guarda suas forte-» «lezas, e que este anno virão da India com tanta pobreza, como todos» «viemos; e prouimento pera os espritaes, que he a mais certa pousa-» «da pera elles» que como o tempo désse lugar proueria n'ysso.

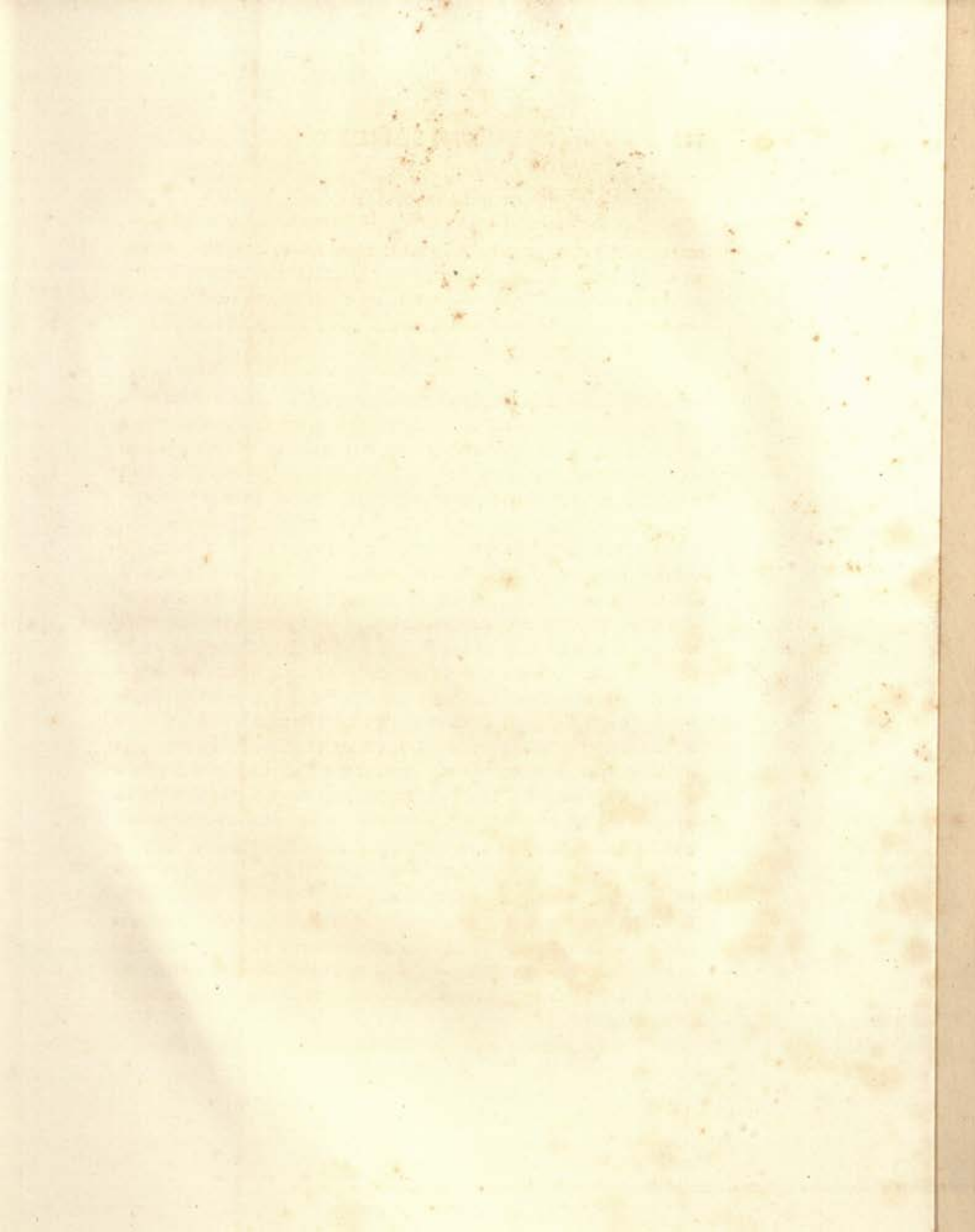
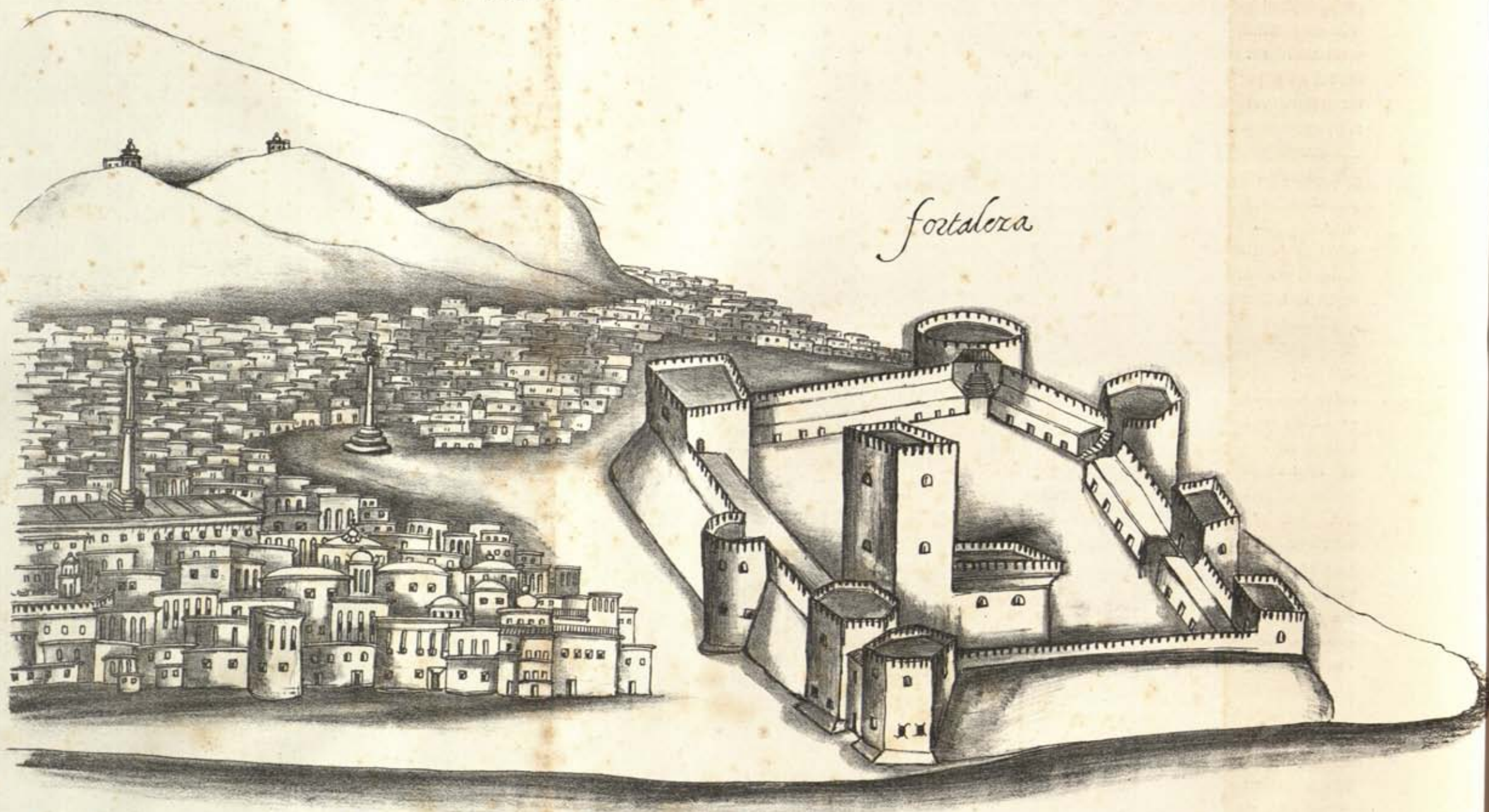
E logo ordenou meterse no trabalho do fazimento da forteleza, e repartio os batés, que cada dia fossem cinqo carregar de pedra e a des-

[1] * xarafins de que hey * Autogr.

carregar na praya, e gente da terra, que era bem paga polo feitor, que arrancaua a pedra; sómente a gente do mar que a carregaua e descarregaua, e repartidos os bateys n'este trabalho, com que dauão muyto auiamento. E ordenou dous nauios que andassem ao acarreto da pedra de gesso, que cozião em fornos como cal, e era pisado e feito em pó, e assentada a pedra na parede em sequo, e o pó em bacias feito em polme, que deitauão per antre as pedras, que logo em continente secaua, tão forte que se cortaua com picões.

Logo repartio mestres pedreiros, e começarão a medir alicerces, que logo se começarão 'abrir, de que o Gouernador fez concerto com os capitães e gente da ordenança, que abrissem os alicerces e de noite vigiassem a quartos, e nom fizessem outro nenhum trabalho. No que seus capitães se ordenarão e repartirão ao trabalho, que lhes vinha de cinqo em cinqo dias. E porque muytos alicerces auião de ser dentro n'agoa, que auião de ser feitos com hum barro pisado e peneirado, cozido, que posto na obra 'agoa do mar o nom desfazia, mas ficaua como propia pedra, no que se deu grande auiamento que os mestres da terra com os trabalhadores * o * fazião em muyta auondança, e todo o que fazião no propio dia se gastaua, porque amassado, se ficaua pera outro dia, já se nom podia laurar.

Tendo todas estas pertenças juntas, e grande cantidade de tudo, e o primeyro lanço do alicerce [1] * aberto, aos * tres dias de mayo, dia de Santa Cruz, o Gouernador tomou a enxada nas mãos, e dom Gracia, e os capitães, que acabando o padre de cantar huma oração da enuocação de Santa Cruz, o primeyro foy o Gouernador que começou a cauar, e os outros capitães com elle, que cauarão hum pouqo, e então entrarão os trabalhadores que abrirão todo o lanço. E querendo assentar pedra, que foy aos seis dias do mês, depois de os padres rezarem orações, e deitarem benções e agoa benta, o Gouernador deitou hum panno sobre os hombros, em que lhe puserão huma pedra que leuou abaixo ao alicerce, e com suas mãos assentou onde os mestres lhe dixerão, debaixo da qual elle meteo com sua mão cinqo portuguezes d'ouro; e logo dom Gracia, e os outros capitães, cada hum trouxerão pedras ás costas, que assentarão onde lhe mandauão. Então o Gouernador repartio os capitães

[1] * aberto que aos * Autogr.

Ormuz.
fortaleza

com suas gentes, e com os malauares e canarís, em doze quadrilhas, que cada dia trabalhassem duas, porque caysse hum dia de trabalho de cinquo em cinqo dias, que seriāo trezentos homens portuguezes, e malauares e canarís, que seu trabalho era trazer á obra o barro e gesso, e os malauares e canarís acarretar a pedra. E porque nos alicerces se gastaua muyta pedra, mandou que os mestres nos bateys, com os bragas das galés, dessem hum caminho de pedra de dia; e os contramestres, com os marinheiros e grometes, dessem outro caminho de noite; com que nunqua ouve falta de pedra. E o dia que os capitāes nom trabalhauāo estauāo presentes na obra, com seus pages com lanças e adargas.

E a primeyra obra que se aleuantou forāo dous cubellos na trauessa da praya, antre os quaes fiqou a porta assy na praya, com seu alçapāo, e em cyma torre de gorita pera defensão da porta; e hum d'estes cubellos fiqou fundado dentro no mar, em que de baixa mar a grã pressa se abrio o alicerce; e foy oitauado e largo, sobradado. Onde logo se armou altar, e «foy» feita igreja da enuocação de Nossa Senhora da Conceição, que assy o mandára ElRey dom Manuel, e pera ysso mandára hum sino que tomou da Conceição de Lisboa, que tinha derrador os doze apostolos dourados, que este foy o primeyro sino que se pôs na Conceição de Lisboa. D'este cubello correo hum panno de muro ao longo da praya, todo fundado dentro no mar, de que o alicerce e a parede até sobre agoa era feito de barro, e d'ahy pera cyma feito com gesso, e o muro de doze pés de largo. Os capitāes lhe disserāo ao Gouernador que erāo fraquos, que deuiāo de ser mais grossos. Elle respondeo: «Estes assy co-» «mo vedes, se os guardarem com verdade e sem tirania, são tão for-» «tes que sobejāo; mas se n'estas terras se nom guardar verdade e hu-» «manidade, a soberba nos derrubará quantos muros tiuermos, por mais» «fortes que sejāo. Portugal he muyto pobre, e os pobres cobiçosos se» «conuerterāo em tyranos. As cousas da India fazem grandes fumos:» «hey medo que polo tempo em diante o nome que agora temos de guer-» «reiros se torne em tyranos cobiçosos.»

No cabo d'este muro pera' ponta se fez outro cubello forte, e atrauessando a ponta se fez huma torre quadrada, debaixo da qual fiqou hum postigo pera seruiço da ponta, de que logo fizerāo adro pera a gente que morria, que enterrado na area em sós dous dias se comia hum corpo, que era cousa d'espanto. E d'esta torre do postigo correo o muro

até o mar, em que se fez hum cubello redondo 'o pé, e em cyma oitauado, com grossos tiros, que corrião ao longo da praya da outra banda da cidade; e d'este cubello fez volta o muro pera dentro pera' cidade, em que a forteleza fazia quadra, em que no meo se fez outra torre quadrada pera aposento do alcaide mór, e no cabo d'este muro huma torre oitauada, muy forte, porque ficaua no amago da cidade; que se fez alta, que do sobrado descobria toda a cidade. D'esta torre correo hum muro direito a entestar no cubello da porta, e no meo d'este muro, que ficaua fronteiro ás casas d'ElRey, foy feito outro cubello forte. O Gouernador corria com o abrir dos alicerces, e os encher de pedra e barro até sobre terra, em que n'estes alicerces da banda da terra se achauão alicerces velhos, que dauão tanto trabalho aos desfazer como se forão de pedra viua, porque erão feitos de barro; e porque se fazia toda a obra á roda o trabalho da gente era muy grande; e tanto que as bombardeiras erão çarradas logo n'ellas se assentaua 'artelharia que compria, de que tinha cargo o condestabre da forteleza, que o Gouernador fez com trinta bombardeiros. E porque o Gouernador sempre andaua na obra, a gente trabalhaua com muyta vontade; onde mandaua trazer almoços e merendas, com muyto pão de trigo muyto bom, que os mouros fazião como bolos, e uvas, e figos, mangas, e tamaras maduras, e ysto em auondança pera todos os que trabalhauão. Ao que ElRey tambem fazia grande ajuda com muytos grandes cestos de fruitas, que o Gouernador com seu olho repartia por todos.

E porque assy o trabalho era grande, e grandes calmas, adoecia a gente, e morria muyta. Mórmente os malauares, que por sua natureza se lauauão muytas vezes, e Ormuz nom tinha agoa, adoecião de sarna de que morrião; e os portuguezes de febres: ao que foy dito ao Gouernador que os fisiquos nom visitauão os doentes como era rezão, e lhe pedião dinheiro. E porque elles tinhão ordenado d'ElRey pera graciosamente curar os doentes, o Gouernador os mandou chamar todos, e lhes perguntou porque rezão lhe morria tanta gente; ao que lhe elles derão muytas rezões, ao que lhe o Gouernador respondeo: «Vós leuaes ordenado de fisiqos e nom sabeys conhecer a doença dos homens que seruem ElRey nosso senhor. E pois assy he, eu vos quero ensinar de que doença morrem.» Mandoulhe carregar ás costas grandes pedras, e que as leuassem acyma ao muro, onde os fez trabalhar todo o dia até a noite.

Então lhes disse: «Os que escreuerão os liuros das medicinas,» «porque vós aprendestes a leuar dinheiro, nom souberão da doença do» «trabalho; e pois volo hoje ensiney, d'aqui em diante curai a gente» «d'esta doença, e dailhe do vosso dinheiro, que ganhaes folgando. E» «ysto vos encomendo como amigos, porque vos nom queria vêr meti-» «dos a banqo n'aquellas galés.» Com o qual assombramento nunqua mais pedião dinheiro aos doentes.

Durando o trabalho da obra, o Gouernador mandou no bazar da cidade fazer huma picota sobre hum masto, com muytos degraos derrador, e no masto postas argolas e ganchos pera enforcar, e hum cepo preso por cadea, pera cortar n'elle mãos e cabeças; o que sendo acabado, o Gouernador, de noite, com pouqos homens o foy vêr, e chegando a elle pôs os joelhos no primeyro degrao, e com o barrete na mão, disse: «Deos te salue pera sempre, e acrecente em verdade, vara da real jus-» «tiça d'ElRey nosso senhor, per Deos querida e amada pera punição» «dos máos, e conseruação e guarda dos bons, que pouco podem!» E se tornou á forteleza, e mandou dizer a ElRey que os malfeitores mandasse castigar n'aquella picota que estaua no bazar, porque todos o vissem e ouvessem medo. Com o que ElRey muyto folgou, e assy o mandou fazer.

Auia na cidade muyta gente damnada do máo pecado de Sodoma, o que a ElRey mandou o Gouernador rogar que tal nom consentisse, ao que ElRey mandou dizer ao Gouernador que lhe daua todo poder que n'ysso fizesse o que quigesse. Polo que o Gouernador logo mandou deitar muytos pregões, por toda a cidade, que estes se fossem logo fóra da cidade, porque sendo achados faria justiça d'elles; apregoado na lingoa da terra, dandolhe tres dias d'espaço, dando suas fazendas a quem os descobrisse. Polo que se forão; mas achando algum de que as molheres fazião accusações, o Gouernador os mandaua atar nos collares da picota, e meterlhe uma frecha atrauessada nos narizes. Dizia que aquelles erão galinhas chócas; e erão açoutados per toda a cidade, e os tornauão a pôr na picota, e ahy estauão até que seus parentes os leuauão a embarcar e leuar fóra da ilha; em modo que a cidade ficou limpa d'elles, porque as molheres os buscauão e descobrião; polo que ellas [1] *dizião grandes* bens ao Gouernador e portuguezes, porque erão amigos das

[1] *diziam ao Gouernador grandes* Autogr.

molheres. Polo que muytas se fazião christãs pola boa conuersação que lhe os nossos fazião, ás quaes o Gouernador muyto fauorecia e fazia mercê.

Como a forteleza foy çarrada toda em roda altura de dous homens, mandou o Gouernador trabalhar na torre da menagem, que fiqou logo junto da porta da forteleza, e foy aleuantada em outro sobrado muy alto, que ficaua o terrado de cyma por cyma das casas d'ElRey; e em cyma mandou fazer huma casinha pera a poluora, e em cyma se fez campanario, em que se pôs o sino que já dixe. Então fez capitão da forteleza Pero d'Alboquerque, e Jorge da Silua alcaide mór, e Manuel da Costa feitor, e fez almoxarife do almazem João de Bryones, [1] * e alcaide do mar Diogo Espinel, que trazia doze piães canarís com lanças, e a que deu grande auiso na via das cousas da cidade; no que o meirinho tinha muyto cuidado. Quando vinhão as terradas com agoa da terra firme, que trazem em tanques, e na praya a descarregão em jarras pequenas, os mouros, em as trazendo pera terra, com a mão lhe deitauão dentro agoa do mar pera as acabar d'encher, com que 'agoa ficaua solobra, que causaua mal á gente. A estes, como n'ysto erão achados, lhe pregauão huma mão na picota, onde estaua até noite; com que nom fazião tal engano ao pouo. *

Passandose estes trabalhos, que era já o mês de junho, o embaixador do Xequesmael pedio ao Gouernador que o despachasse; no que logo entendeo, e lhe escreueo sua carta em que dizia assy:

« Ó Xa Esmael, Rey, e senhor alto sobre todos teus imigos, que sempre sejão debaixo de teus pés, como a herua do campo debaixo dos pés dos cauallos. Teu embaixador a mym veo, em companhia do meu que lá mandey, e de tua grandeza, com riqas cousas, que nom som pode-

[1] Para tornar bem clara a passagem marcada com os asteriscos, uma das mais tôscas de Gaspar Correa, fizemos-lhe as alterações que verá quem a comparar com o seguinte fiel transumpto do original:

* e alcayde do mar Diogo espinell a q̃ deu grande avyso na vya das cousas da cydade q̃ trazia xij piaes e canarys cõ lamcas / no q̃ omeyrinho tynha m.^{to} cuydado q̃ quando vynham as terradas com agoa da t.^{ra} fyrme q̃ trazem ẽ tanqes / na praya a descarregam ẽ Jarras pequenas a q̃ os mouros em as trazendo pera t.^{ra} cõ amão lhe deytavam demtro agoa do mar pera as acabar demcher cõ q̃ agoa fycava sobobra q̃ causava mal a gente a estes como nysto eram achados lhe pregavam hũa mão na picota omde estava ate noyte com q̃ nom faziam tall ẽgano ao povo // *

roso pera com outras te visitar segundo tua grandeza, porque minhas riquezas som trabalhos da guerra, em que ando continuo os dias e noites, ao qual seruiço me offereço com quanto poder d'ElRey meu senhor trago no mar e na terra; o que inteiramente comprirey no que me mandares, porque ElRey de Portugal, meu senhor, auerá muyto prazer sabendo tua boa vontade que tens de sua amizade; e eu as tuas cousas farey sobre as que eu mais estimo. E por conseruação de tua boa amizade, fiz, com muyto trabalho, huma forteleza n'esta cidade d'Ormuz, pera seguridade que lhe nom fação mal os turquos do Soldão, se a ella vierem ter; com que teu seruiço fique pera sempre guardado, com todo o que me mandares como a teu proprio vassallo. Teus dias Deos dos Ceos os faça muytos, e com a saude em acrecentamento de teu estado, como desejas. Amen.»

A qual carta o Gouernador mostrou aos capitães, com que teue pratica sobre esta messagem e reposta, que era bem lhe responder por embaixador; o que assy todos approuarão. Onde logo Fernão Gomes de Lemos pedio ao Gouernador lhe fizesse mercê o mandar com esta embaixada. Do que aprouve ao Gouernador, que era elle homem auto pera ysso; e lhe deu por escriuão Gil Simões, moço da camara d'ElRey, homem galante e muyto manhoso no jogar das armas; e deu a Fernão Gomes quinze homens portuguezes pera seu seruiço. E mandou de presente ao Xequesmael hum arnês branco enteiro, dourado por partes, e huma riqua espada esmaltada, e lança e adarga gornecida como conuinha, e huma espingarda muyto louçã de todo concertada; e hum dos homens era o milhor espingardeiro que auia na India, que auia de tirar com ella ante o Xequesmael; e dous cães de metal encarretados, e poluora e pilouros, e hum moço catiuo, que os sabia carregar e tirar com elles. E lhe mandou huma riqua cadeira de brocado do Reyno, que pera ysso mandou fazer, com duas almofadas do teor, e huma sela gineta com o carapação de cetym cremisym, laurado de fio d'ouro de riqo lauor, e riqos cordões como pertencia. E deu a Fernão Gomes grande regimento de todo o que compria, segundo a enformação que lhe dera Miguel Ferreira; e que dixesse ao Xequesmael que nom tinha outras peças com que o seruir, senão com aquellas que erão de seu officio, com que o seruiria.

Fernão Gomes pedio esta viagem cobiçoso das grandes mercês que

o Xequesmael fazia a Miguel Ferreira, que elle nom quiz aceitar. O Gouernador o entregou ao embaixador, que d'elle deu seu assinado; a que o Gouernador fez mercê de huma fina peça de grã, e outra de cetym cremisym, e outra de veludo preto, e outra de veludo amarello; com que os despedio d'Ormuz, e forão seu caminho muyto auenerados, que chegando ao Xequesmael, que elle soube que o Gouernador fizera forteleza em Ormuz, foy muy agastado, e se indinou *a ponto* de a todos mandar matar; do que se amansou, porque soube da maneyra que a forteleza se fizera, que nom fôra per força, nem guerra. E huma só vez forão ante o Xequesmael, que lhe fizerão apresentação das cousas, de que o Xequesmael nom amostrou contentamento, e lhe disse que lhe daria reposta com que se tornasse; o que foy d'ahy a vinte dias, que sempre estiuerão metidos em huma casa dandolhe seu gasto; e lhe mandou dar mil xarafins de mercê, e dizer que se tornasse, e dixesse que elle lhe responderia per hum seu criado. E se partirão em companhia de hum criado de casa do Xequesmael, com que chegarão a Ormuz, e d'ahy se foy á India, onde já gouernaua Lopo Soares, que succedêra na gouernança da India; e assy fiqou embalde o trabalho que Fernão Gomes foy tomar, cobiçoso de n'ella enriquecer, e vir com a honra que veo Miguel Ferreira.

O Gouernador foy continuando o trabalho da obra. No qual tempo fogirão d'Ormuz, e se passarão á terra firme, quatro homens portuguezes que se *meterão* em huma barquinha de galé, que furtarão, enganados per enduzimento de hum mouro, que lhe prometeo grandes castellos de vento. O que sendo dito ao Gouernador ouve muy grande paixão, e mandou dizer a ElRey, que pois tantos prazeres e mercês lhe tinha feitos, lhe muyto rogaua que lhe nom ficasse este tamanho pesar; que elle daria quanto dinheiro lhe pedissem porque estes homens lhe tornassem ás mãos. O que tambem mandou chamar o gozil, e mandou dizer a Resnordim, que n'ysso puzerão tal diligencia que de dez legoas pola terra firme dentro lhos tornarão a trazer, já fanados. Polo que o Gouernador mandou leuar a barquinha mesma ao pé da picota, e dentro n'ella metidos os portugzezes, atados de pés e mãos, e afogados os que se confessarão, e a barquinha coberta de leynha e posto o fogo com pregão: «Justiça que manda fazer ElRey nosso senhor, que manda quei-» «mar esta barquinha, porque passou homens fogidos á terra firme.» De

que os mouros ficarão muyto espantados, vendo o muyto trabalho que o Gouernador tomára por tornar 'auer estes homens pera d'elles fazer justiça.

Tanto que entrou o mês de julho, o Gouernador mandou concertar a carauella de Fernão de Resende, e n'ella mandou pera' India Antonio da Fonseca, seu escriuão da puridade, a que deu cincoenta mil xarafins, e lhe mandou que se fosse a Goa, e que chegando as naos do Reyno a toda a gente que n'ellas viesse, e o quigessem tomar, lhe désse a todos mesa nas suas casas do Sabayo; e prouesse o esprital de todo o gasto que ouvessem mester os doentes; e fizesse pagamento de soldo aos homens pobres, com que se remediassem até elle hir d'Ormuz.

O Gouernador, como começou a forteleza, mandou dizer a ElRey que mandasse a seus corretores que lhe vendessem humas drogas, e pimenta, e mercadarias, que trouxera pera vender. Do que ElRey mandou recado ao gozil, o qual logo repartio as fazendas polos mercadores principaes da cidade, as quaes dom Gracia tinha nas suas casas, que dixe ao gozil que a elle trouxessem o pagamento: o que elle assy fez, que a fazenda toda valia té vinte mil xarafins; mas dom Gracia a encarregou em taes preços que fez n'ellas mais de oitenta mil pardaos, que lhe o Gouernador deixou na mão em pagamento de seus vencimentos; com que elle pedio licença ao Gouernador pera se hir á India a fazer cousas que lhe comprião chegando as naos do Reyno, que o Gouernador entendeo que seria pera fazer alguns empregos, e lhe deu licença que se fosse na nao Belém que estaua a quatro bombas, em que dom Gracia mandou dar corregimento o milhor que pôde, e o Gouernador mandou embarquar na nao homens muyto doentes, e assy tambem todolos Reys d'Ormuz cegos; esto por rogo d'ElRey de Ormuz, porque a cidade estiuesse mais pacifica, e fóra ElRey de seus requerimentos; aos quaes pera cada hum ElRey deu despeza pera cad'anno, que entregaria ao feitor d'Ormuz que o mandasse a Goa; o que todo o Gouernador meteo em muyto bom regimento, com que todos forão em Goa repairados até que todos morrerão. E tambem com elle mandou embarquar Miguel Ferreira, a que deu o bacio e gomil d'ouro, que leuasse a ElRey a Portugal, e fosse dar conta a ElRey do que passára na Persia. Mas elle chegando a Goa se desaueo com dom Gracia; polo que elle lhe tomou as peças, e nom quis elle as leuasse a ElRey; e fiqou na India, perdendo as muytas mercês que El-

Rey por ysso lhe ouvera de fazer. E o Gouernador deu a dom Gracia todos seus poderes na justiça e fazenda, e nas naos da carga, que todo lhe mandou que prouesse.

CAPITULO LII.

COMO FOY DADA AO GOUERNADOR HUMA CARTA D'ELREY D'ADEM, FALSA, COM CERTA NOUA DE RUMES; DE QUE SE O GOUERNADOR MUYTO APROUEITOU, E FEZ COUSAS QUE MUYTO COMPRIÃO AO ASSENTO D'ORMUZ.

Estando assy o Gouernador em seu trabalho fazendo a forteleza, e muy agastado porque lhe erão já mortos do trabalho trezentos homens portuguezes e casy todos os malauares, e a obra nom era inda mea feita da que compria deixar feita antes que se partisse d'Ormuz, e mórmente pera 'agoa, mandou abrir dentro na forteleza duas cisternas, que leuassem quatro mil pipas d'agoa, que era a cantidade que auia mester a gente que auia de ficar na forteleza, auendo cerquo de guerra, em que cada dia os homens auião mester duas jarras d'agoa de dous almudes cada huma, huma d'agoa boa pera beber, e outra somenos pera gastar; a qual agoa toda se compraua a dinheiro, que os mouros trazem a vender á cidade, da terra firme, e de bom preço [1] * por cada * jarra. E pera esta tão certa necessidade conueo a fazer estas cisternas, feitas de baixo do chão, com muy grossos alicerces e paredes de pedra e barro, cubertas com abobada, com suas portas fechadas. No que o Gouernador deu muyto auiamento no trabalho com a gente da terra.

Onde assy estando, lhe mandou Resnordim huma carta, dizendo que chegára huma terrada d'armada que andaua em Calayate em guarda dos nautaques, e dizia o capitão da terra que com tempo se perdêra ahy huma nao, que vinha d'Adem com recado ao Gouernador, que trazia aquella carta; que ahy morrêra * a gente *. A qual vista polo Gouernador, bem entendeo que era falsa e manhosamente feita. Na qual ElRey lhe dizia que elle sabia certo que elle Gouernador auia de tornar ao estreito com tamanho poder, que auia de destroir 'armada dos rumes se os achasse, ou senão tomarlhe a sua cidade d'Adem, que sómente queria tomar pera

[1] * porque cada * Autogr.

n'ella fazer forteleza, e n'ella ter armada poderosa com que defendesse 'os rumes nom sayrem fóra das portas do estreito; e porque elle tinha sabido que esta era a causa, elle era contente de lhe obedecer e lh'entregar Adem, com tanto que elle a defendesse dos rumes, que tambem lha querião tomar pera n'ella se fazerem fortes, e terem armada com que lhe defendessem que armada nem barquo seu nom entrasse no estreito. E porque elle estaua certo auer de passar estes trabalhos, era contente antes com elle que com os rumes ter amizade e toda sujeição. Polo que lhe fazia saber, que sabido polo Soldão que elle Gouernador [1] * entraua * com armada no estreito, ouve muyta paixão, e mandára seu capitão, chamado Soleimão, que com cincoenta galés, e muyta gente que já estaua prestes, fosse em sua busca a Ormuz, onde sabia que estaua; e que de caminho lhe tomassem Adem, ou quando tornassem. Que ysto lhe fazia saber porque tinha assentado com elle fazer todo concerto, antes que com os rumes; e que a ysto sómente mandaua esta nao.

O Gouernador vendo a carta, postoque conheceo que era manhosa, folgou muyto com ella, pera fazer com ella o que tinha por fazer, e nom achaua caminho como ora tinha com esta carta, que era tomar a ElRey d'Ormuz muyta artelharia que tinha, grossa e miuda de metal, de que tinha sabido que a principal estaua soterrada; e que deixando elle esta artelharia em poder d'ElRey, era grande inconuiniente, pera quando a ElRey d'Ormuz lhe viesse huma má vontade, ter com que dar trabalho á forteleza. E por este respeito se deu por muy achado da carta, e se mostrou com ella muy agastado, e mandou dizer a ElRey que tinha muyto que fallar com elle; ao que elle respondeo que estaua muy prestes pera quando quigesse.

O Gouernador tratou conselho com os capitães, dandolhe conta d'esta cousa, e que muyto compria tomar a ElRey esta artelharia, sem embargo da tão boa amizade que ElRey tinha mostrado, com tantas larguezas de tanto dinheiro que tinha dado, porque estaua timido que lhe tirasse o Reyno, e fizesse d'elle Rey o filho maior de Çafardim, seu irmão que elle matára com peçonha, e se apossára do Reyno tiranamente, que de direito era do filho de Çafardim, que tinha dous, em que o maior era de dez annos, com que o Rexamed tomaua nome que o queria fazer

[1] * entra * Autogr.

Rey, por ser seu o Reyno e o tomar a este; mas a verdade era que o fazendo elle assy, por o moço ser pequeno o deixaria reynar até que fosse em idade pera mandar, que então o cegaria como era de costume: e elle Gouernador, por bom resguardo e freo pera máos pensamentos, se os tiuesse ElRey, queria recolher estes moços, e os ter da sua mão, pera que ElRey sempre andasse a direito caminho; e pera estas cousas ficarem seguras estaua ordenado hir fallar com ElRey, e lhe pedir 'artelharia, dizendo que 'auia mester pera estar na forteleza, porque a que tinha em terra a queria recolher n'armada, e se concertar pera hir buscar os rumes, e pelejar com elles no mar. O que todo bem praticado, ordenou que o capitão Pero d'Alboquerque ficaria com gente na forteleza, e elle hiria fallar com ElRey; e que Lopo Vaz de Sampayo, com Simão d'Andrade, com cem homens, ficassem á porta dos paços, e que em cyma nas varandas ficasse dom João de Lima, que já era são, que auia muyto tempo que estaua doente pera morrer; e com elle ficasse Ayres da Silua, e Vicente d'Alboquerque, com outros cem homens; e Pero de Faria e Manuel Galuão, e Antão Nogueira, e Aluaro d'Atayde, e João Pereira de Lacerda, com outros fidalgos, entrarião com elle onde ElRey estiuesse. E deixou na praya Diniz Fernandes de Mello com os bateys, e gente do mar, e os capitães das galés, pera com muyta diligencia recolherem 'artelharia, que sabia que ElRey lhe auia de dar.

O Gouernador foy com toda a gente armada, como sempre todos andauão com suas armas pola cidade de dia e de noite, entrando pola porta dos paços, que era perto da porta da forteleza, * onde * o veo receber Resnordim, e o gozil, homem mancebo, chamado Raix Xarafo, que lhe fizerão suas grandes cortezias. O Gouernador sobio com elles a cyma, onde ElRey o veo receber á porta da casa onde estaua com seus officiaes de sua casa; a que o Gouernador fez grandes honras, e se assentarão ambos em huma banqa d'estrado, em que ElRey estaua assentado com todo seu estado. Então o Gouernador, polo lingoa Alexandre d'Atayde, e Nicolao de Ferreira, fallou perante todos com ElRey, dizendo que elle tinha bem visto sua verdadeira amizade, com tantas bondades e larguezas de tanto dinheiro como lhe tinha dado, com que elle e os Gouernadores da India, que depois d'elle fossem, assy serião todos muy obrigados ao seruir, e gastar todo o poder d'ElRey de Portugal polo conseruar e acrecentar em seu Reyno, e o defenderem de seus contrairos; que nom podia deixar de

os ter, e que nom podião escusar que em Ormuz nom ficarião alguns da valia de Rexamed; que era mal [1] *atento*, que muytas vezes que hia á sua mesquita, e pola cidade, e estaua em suas varandas e genellas, que sem muyto trabalho o podião matar com huma frecha. Os seus ysto nom olhauão: elle como bom amigo d'ysto se lembrára; polo que deuia de defender, com pena de morte, que nenhuma pessoa na çidade trouxesse armas, sómente os seus bem conhecidos, e que estes per nenhuma maneyra nom trouxessem arqos e frechas, porque algum nom fosse peitado e se auenturasse ao matar. O que a ElRey muyto contentou, e 'os seus lhe pareceo muyto bem que logo assy fosse apregoado, como foy. O que o Gouernador assy ordenou pera que a cidade estiuesse mais segura d'aleuantamento contra os nossos, que andauão sempre armados, e auião d'andar.

Então disse o Gouernador a ElRey que lhe mandasse ally trazer os filhos de Çafardim seu irmão, os quaes logo lhe trouxerão; a que o Gouernador fez bom gazalhado, e disse a ElRey: «Estes são teus sobri-» «nhos, filhos de teu irmão, e dereitos herdeiros d'este Reyno; o que» «elles nom serão em quanto tu fores viuo, porque hes feito Rey da mão» «d'ElRey nosso senhor, que assentou sua boa amizade com Çafardim,» «polas cartas e mesagem que Çafardim e Cojatar mandarão a ElRey» «meu senhor, por terra per Nicolao de Ferreira, que aquy está, que» «tornou com a reposta d'ElRey meu senhor, firmada toda' paz com os» «quinze mil xarafins de pareas, como elle mandou pedir. E pera eu» «assentar a firmeza d'estas pazes com forteleza, assy como Çafardim» «prometeo, eu assy vim com est'armada e poder que vês; e chegando» «aquy achey que Çafardim era morto com peçonha, segundo me affirma-» «rão, e a ti, feito Rey, casy pera te cegar ou matar Rexamed, e então fa-» «zer hum d'estes Rey, que o era de direito, *e* então elle gouernar e» «mandar o Reyno até que matasse ou cegasse este. Então faria est'ou-» «tro assy em quanto fôsse menino, usando sempre d'este modo pera» «reynar á sua vontade. Mas Deos te quis liurar d'estes malles que tão» «certos estauão pera ti; e pois agora estás seguro, vigiate de á trai-» «ção te matarem. E porque se acontecer algum mal, ou moiras de tua» «doença, porque algum trédor se nom aposse do Reyno, matando es-»

[1] *o tento* Autogr.

«tes teus sobrinhos, que são verdadeiros herdeiros d'este Reyno depois»
«de [1] *tua* morte, eu agora [2] *os* entrego a Raix Xarafo, que elle»
«me dará conta d'elles, que estarão guardados dentro na forteleza em»
«bom aposento, com sua mãy e seruidores como compre a sua honra,»
«com auondança de seu mantimento, que lhe mandarás dar em auon-»
«dança, como quem elles são.» Do que ElRey se mostrou muyto contente e todolos seus, dizendo que era muyto bem feito tudo pera segurança e assecego do Reyno.

O Gouernador ordenou ysto assy, porque estes moços erão fréo pera ElRey nom poder esquerdear, porque fazendo algum desmando e aleuantamento o capitão da forteleza o desapossaria do Reyno, e aleuantaria por Rey hum d'estes, o mais velho, que o era por direito; e com este sobrosso ElRey nom ousaria de fazer algum erro contra o que ficaua assentado e per elle firmado.

Então lhe disse o Gouernador que elle estaua ordenado a pelejar com os rumes que o vinhão buscar, os quaes elle nom auia d'agardar em Ormuz, mas os auia de hir buscar ao caminho, polo que tinha falta d'artelharia, que 'auia mester pera leuar n'armada e deixar na forteleza, que auia de ser em tal maneyra que defendesse a cidade, se os rumes nom topasse, e elles viessem ter á cidade; que por tanto lhe muyto rogaua que lhe emprestasse a que tinha, que erão tantas peças grossas de camara, e tantas sem camara, e tantos falcões. Tudo assy por conta lhe pedio o Gouernador porque lha nom negasse. ElRey com ysto fiqou tão atalhado que nom soube fallar nada, senão que folgaua muyto que lhe dessem toda quanta tinha; porque o Gouernador disse que a grossa deixaria na forteleza e os falcões e peças pequenas [3] *leuaria*. O Resnordim, porque sempre temêra que o Gouernador auia de tomar esta artelharia, a tinha escondida e soterrada; mas vendo a conta que o Gouernador d'ella daua, disse que a grossa, porque nom seruia, estaua soterrada, que seria grande trabalho de a tirar. O Gouernador lhe disse que mandasse amostrar onde estaua, e que os marinheiros a tirarião, que estauão nos bateys que elle trouxera pera a leuar. Ao que Resnordim nom teue que responder, e mandou abrir as logeas onde estauão, e

[1] *sua* Autogr. [2] *o* Id. [3] Manifesta-se mais a falta d'esta, ou d'outra palavra similhante, pelo que se lê no principio do cap. LIII.

Diniz Fernandes, e os corços capitães das galés, e gente do mar, com muyta diligencia a puserão toda na praya, que erão cento e quarenta peças, em que as trinta erão camellos e maiores que camellos, e o demais esperas, e falcões, e berços grandes; e toda a mais d'esta artelharia era de camara, tres de cada peça, que todas as camaras e peças miudas logo forão metidas nos bateys, e leuadas á forteleza, e sómente ficárão aquella noite na praya porque se nom puderão carregar, o que se fez ao outro dia. E o Gouernador, fallando com ElRey cousas de seu contentamento, disse a Resnordim que vendesse aos mercadores pimenta e drogas sortadas e contias de cada huma, e assy mercadarias do Reyno, em que se montassem até duzentos mil xarafins, que este anno lhe pagaria, dos emprestimos que lhe ElRey tinha feitos; e que pera o anno lhe faria outro pagamento, porque todo junto nom podia pagar tanto dinheiro, porque esperaua de hir 'Adem buscar os rumes, se agora os nom achasse. Com que se despedio d'ElRey, que mostrou ficar muyto contente, postoque alguns dos seus tiuerão muyto pesar d'artelharia, e o disserão a ElRey, que lhe deu sua desculpa, dizendo que elle nom podia fazer outra cousa senão fazer tudo quanto lhe o Gouernador mandasse, porque nom o querendo elle fazer, o Gouernador era poderoso, e lho faria fazer por força, de que aueria escandolos e malles, que elle auia de escusar em quanto viuesse; e que 'artelharia que lhe o Gouernador pedíra por conta era porque já outrem lho tinha dito; polo que elle nom lha podia negar. E que se soubesse quem a descobríra ao Gouernador que logo o mandaria matar e toda sua geração. O que auia de fazer a toda' pessoa que lhe fizesse erro. E ysto tão indinadamente o fallou, que todos lhe ouverão grande medo, que bem entenderão que assy o fallaua com o fauor que tinha do Gouernador.

CAPITULO LIII.

COMO O GOUERNADOR ADOECEO Á MORTE, E FALLOU COM OS CAPITÃES O QUE FIZESSEM DEPOIS DE SUA MORTE, E PROUEO EM TODOLAS COUSAS DA FORTELEZA, ONDE DEIXOU TODA A GENTE E 'ARMADA, E ELLE SE PARTIO PERA' INDIA.

Foyse o tempo gastando n'estas cousas. O Gouernador mandou assentar na forteleza 'artelharia grossa que tomára a ElRey, porque a vissem os mouros que lá entrassem, que sómente era Acem Alle, e alguns criados d'ElRey quando mandaua algumas fruitas; dando o Gouernador grande pressa á obra, sobre que estaua todo o dia. Era o Gouernador grande amigo com Nicolao de Ferreira, que o achaua muy verdadeiro em todas as cousas, polo que o mais do tempo de noite com elle estaua praticando nas cousas do Reyno, que miudamente lhe elle contaua, porque sempre andou na côrte, e muyto na priuança d'ElRey. E o Gouernador lhe perguntaua do que no Reyno se fallaua de suas cousas: elle lhe dizia que ElRey fallaua n'ellas com tanto gosto, e tantos louvores, que dizia que era rezão que o mandasse hir pera o Reyno, e lhe dar descanso em hum condado, e estar sempre com elle, pera lhe dar conselho nas cousas da India; e esto lhe dizia affirmandolhe que ElRey o auia de mandar hir. Do que o Gouernador recebia tristeza, dizendo: «Nom ha» «honra em Portugal que seja igual á da gouernança da India. Póde em» «Portugal auer descanso do trabalho do corpo; mas o meu corpo que» «dias póde viuer pera gostar de descanso? E que mór póde auer pera» «mym, que acabar meus dias, que já serão muy pouqos, n'estes traba-» «lhos, que são os que me auiuão os espiritos?»

O Gouernador tomou n'ysto tanto entendimento e maginação, que ElRey cuidando que lhe fazia mercê o mandaria, segundo o que lhe affirmaua Nicolao de Ferreira, que de todo assentou que auia d'achar na India outro Gouernador quando fôsse; o que nom senteria tanto, como se o Gouernador que viesse metesse mão na gouernança sem elle primeyro lha entregar, e fazer sua residencia. E d'esta desconfiada maginação, que n'elle entrou, lhe deu tanto agastamento que adoeceo de camaras, que n'elle muyto empetrárão por ser velho e homem muyto gastado

das carnes; com que esteue alguns dias, que nom sayo fóra, nem com elle estauão mais que Pero d'Alpoym, e os de sua casa; e ysto em tal maneyra que per fóra dizião que elle era morto e o encobrirão. Com que na gente e nos mouros auia desmandos: o que todo o Gouernador sabia; polo que lhe conueo mostrarse, e ás vezes se punha deitado a huma jenella que vinha sobre a obra, e ally estaua fallando com os capitães e com os officiaes, porque a jenella era baixa.

E porque era já agosto, erão as calmas tamanhas que morrião muytos homens de camaras. Com que o Gouernador tornou a impiorar, e se confessou, e commungou, e se ordenou como homem desconfiado da vida; polo que mandou vir á casa em que jazia, e lhe disse: « Senhores » « nobres fidalgos, eu estou n'este ponto, que vêdes, e tenho comprido » « com minha consciencia quanto a Nosso Senhor aprouve. Agora me fi- » « ca sómente a obrigação que todos temos a ElRey nosso senhor; e de » « huma hora pera a outra me póde faltar esta falla; polo que me con- » « vem, em quanto a Deos apraz que a tenha com vossas mercês, aquy » « ordenar o que me parecer que he seruiço de Deos, e d'ElRey nosso » « senhor. E porque eu nom falleça nom deixando posto em ordem o que » « tanto compre, lhe requeiro da parte d'ElRey nosso senhor, que falle- » « cendo d'esta vida, vossas mercês obedeção, como á minha pessoa, » « qualquer de vossas mercês que eu em minha alma escolherey pera fi- » « car n'esta gouernança após mym; porque se ysto nom obedecerdes » « já vêdes os malles que d'ysso virão e socederão; de que a Deos e a » « ElRey darês grande conta. Ao que me dai reposta de vossas vonta- » « des. » E ysto fallaua o Gouernador com muytas lagrimas, que a todos deu muyta paixão. Ao que todos responderão que obedecerião tudo o que elle mandasse pera seruiço de Deos e d'ElRey. Do que Pero d'Alpoym fez auto pubrico, que era secretario; e o Gouernador a todos tomou a mão direita, e menagem que obedecerião á pessoa que elle deixasse ordenado em seu logar; em que todos assinarão, e os despedio com palauras de muyto amor, com que se forão a suas pousadas. Então fez Nicolao de Ferreira guarda mór d'ElRey, com trinta homens com que sempre guardasse a pessoa d'ElRey, de dia e de noite, e por onde quer que fôsse, e como titor dos filhos de Çafardim, de que teria grande cuidado.

Então tomou a menagem a Pero d'Alboquerque, capitão da forteleza, a que deu bom ordenado, e ao feitor e alcaide mór, e todolos outros

officiaes com seu regimento, e que sómente se arrecadassem d'ElRey os quinze mil xarafins de pareas cad'anno, que bastaua pera pagamento de todolos ordenados, e soldo e mantimento de quatrocentos homens, que ordenou á forteleza, com dous xarafins de mantimento por mês, e ainda sobejaua. E deu ao capitão cincoenta mil xarafins, que tiuesse em tesouro pera o que comprisse; e em todolas cousas deu grande boa ordem e regimentos a todos os officiaes, e nas cisternas dous mil tonés d'agoa, e muytos mantimentos, e ordenou que Ayres da Silua ficasse por capitão mór de toda' armada e gente que auia de ficar em Ormuz até toda' obra da forteleza * ser acabada *, que o capitão o mandaria hir pera' India; onde então ficaria huma galeota e o bargantym, e o catur, e huma carauella, a que o capitão daria as capitanias, e n'estas velas por Capitão mór do mar Aluaro de Crasto; e nom ficarião na forteleza mais que os quatrocentos homens que ordenára; porque, feita conta, dos quinze mil xarafins sobejauão tres mil, com os pagamentos e todas despezas feitas.

E porque os capitães mouerão prática que Ormuz deuêra de pagar mais pareas, o Gouernador lhes dixe que ElRey nosso senhor as assentára a Çafardim, polo que elle nom podia fazer outra cousa; e indaque pudera elle o nom fizera, porque valião mais de outros quinze mil xarafins as fazendas dos portuguezes que nom auião de pagar direitos, e serião muyto mais, se Deos fôsse seruido. « Porque apôs nós virão outros » « que ganharão muyto dinheiro n'esta terra onde nós tanto trabalhamos, » « dou muytos louvores a Nosso Senhor, per sua grande misericordia e » « tanta mercê como nos tem feita; porque o fazimento d'esta forteleza » « tem custado passante de dozentos mil xarafins, e os pagamentos e mer- » « cês das gentes outros tantos, e cincoenta mil que mandey pera come- » « rem os pobres que vierem do Reyno, e cem mil que dom Gracia le- » « uou pera a carga, e cincoenta mil que aquy deixo pera resguardo do » « que comprir; a demasia que tenho será d'ella o que fôr de mym. Tu- » « do nos deu Deos, per sua misericordia, com a mão d'ElRey d'Ormuz, » « que praza a Deos que lhe nom seja mal agardecido, com lhe quere- » « rem tomar outros mais; porque cubiçou Lucifer ser tão bom como » « Deos, e por ysso cayo nas profundezas. »

CAPITULO LIV.

COMO O GOUERNADOR SE PARTIO D'ORMUZ PERA' INDIA, E O QUE PASSOU NO CAMINHO ATÉ CHEGAR Á BARRA DE GOA, ONDE FALLECEO, E FOY SEPULTADO NA SUA CAPELLA DA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA DA SERRA.

O Gouernador, tendo todolas cousas d'Ormuz assy bem ordenadas, e assy a forteleza de todo o necessario e muy fremosa artelharia portugueza, porque toda a que tomára ElRey nom era qentesia pera seruir, e toda embarqou e trouxe á India; e sendo já o muro da forteleza toda em roda no andar das ameas, e * faltando * sómente erguer as torres e per dentro fazer aposento da gente, o que era já na entrada de nouembro: por elle tomar conselho do mestre que no mar se acharia melhor, se foy embarqar na nao Frol da Rosa, de que era capitão Diogo Fernandes de Beja, que era muyto seu amigo, e em sua companhia dom João de Lima, Lopo Vaz de Sampayo, Simão d'Andrade, Pero de Faria, e Fernandeanes no bargántym. E [1] * estas erão * naos grandes e velhas, em que se embarcarão a mór parte dos fidalgos: toda a outra gente e armada fiqou. E se embarqou pola sésta, que ninguem o vio, e se fez á vela, e tornou a sorgir longe á vista da cidade, d'onde mandou dom João de Lima, e Lopo Vaz de Sampayo, e per elles mandou dizer a ElRey que lhe perdoasse nom se hir despedir d'elle, porque a doença o apertára tanto que nom pudera al fazer senão meterse no mar; mas que onde quer que estiuesse faria todo seu seruiço; que lhe [2] * deixaua * ally sua forteleza com * o * capitão Pero d'Albuquerque, seu sobrinho, pera fazer todo o que lhe elle mandasse. O Gouernador disse aos capitães que como ElRey os despedisse logo se tornassem, porque logo de noite se auia de partir. ElRey, ouvido o recado do Gouernador ouve muyta paixão de assy hir doente, que se soubera elle o fôra vêr antes que se embarcára; e lhe mandou seus agardicimentos, e deu aos capitães peças de seda, e fotas. Com que os despedio, e elles se forão despedir do capitão, e se tornárão ao Gouernador, e toda' armada se fez á vela e foy sorgir onde estaua o Gouernador, e os capitães todos se forão despedir d'elle, e

[1] * estas que erão * Autogr. [2] * deixa * Id.

elle a todos fallando palauras d'amor e despedimento; com que auia muytas lagrimas, que o Gouernador nom podia reter. Pero d'Alpoym lhe disse que nom tomasse paixão, que era mal pera sua doença. Elle respondeo: «Eu nom posso reter as lagrimas n'este despedimento, que me» «parece que he pera sempre.» E sendo todos despedidos se tornarão ao porto, e logo chegou ao Gouernador Acem Ale com huma terrada carregada de muytas fruitas secas, e conseruas, que lhe ElRey mandou, e outra terrada carregada de refresco pera a gente. De que o Gouernador lhe mandou muytos agardicimentos; e como foy noite se fez á vela caminho da India.

E com elle s'embarcárão alguns fidalgos, porque erão seus amigos, mas nom tinhão capitanias, que vinhão com o Gouernador praticando passatempos por lhe tirarem sua paixão, e lhe dizendo que seus seruiços erão taes, que se ElRey o mandasse hir auia de ser pera o fazer grande senhor, com titulo de grande honra, em que descansasse de seus grandes trabalhos em sua velhice; mas o Gouernador n'ysto era contra todos, dizendo: «Portugal he pequeno, e esses titulos d'honras, que elle» «tem, todos tem donos; e que todos estiuerão vagos, nom ha cousa em» «Portugal d'honra, que valha ametade da grandeza da gouernança da» «India. E de meus seruiços, se são taes como me dizeys, nom tinhão» «mais dereita mercê que me deixar acabar estes meus pouqos dias assy» «seruindo, e que eu em meus dias nom visse na India outro milhor» «que eu. Nunqua verês Gouernador da India que em Portugal valha» «ametade da terça parte do preço que tem na India; e por tanto vos-» «sas mercês verão o pago que me Portugal dará. E apostarey que se» «Gouernador he chegado á India, que o achemos com as mãos metidas» «na gouernança, sem agardar por mym que lhe désse minha residen-» «cia; porque Portugal nom faz Gouernador nouo senão por desfazer o» «velho. E postoque o ElRey mande com grandes resguardos d'ysto, o» «cabo da Boa Esperança tem tal condão que o Gouernador, [1] *que o» «passa* pera cá lhe faz os sentidos tão grandes, que nunqua lhe mais» «lembra se Portugal naceo no mundo. Eu bem sey que hey d'achar con-» «tra mym muytos contra, porque em Portugal nunqua fiz offerendas a» «nenhum santo senão a ElRey nosso senhor, e a sua molher, e filhos,»

[1] *o pesa* Autogr.

«porque as premicias da India a elles as mandey; e fiz meu fundamen-»
«to n'ysto, esperando verdadeira saluação, sem querer de ninguem ne-»
«nhuma ajuda: no que bem sey que errey contra mym, e não á obri-»
«gação de meu regimento, porque n'elle ElRey me mandaua que pri-»
«meyro désse aos seus; o que assy fazendo, me nom ficaua pera fazer»
«aos recommendados dos regentes de Portugal, que acoimarão meus pec-»
«cados ante ElRey como quizerem, e ElRey ouvirá suas orações mais»
«que minhas offertadas obras com tantos sacreficios, per vossas mercês»
«manifestado.»

E assy vindo atrauessando o golfam toparão com huma nao que vinha de Dabul, e hia pera a costa de Melinde, a que perguntarão por nouas de naos de Portugal. Disserão que a Goa viera hum Gouernador com muytas naos, e capitães pera fortelezas, que estiuera em Goa hum mês e se fôra pera Cochym; e nom souberão os mouros mais dizer, e o Gouernador mandou que se fossem seu caminho embora.

Com as quaes nouas se dobrou o mal ao Gouernador, e foy impiorando, e conhecendo sua morte fez huma cedola concertando as cousas de su'alma, e n'ella pedio ao Gouernador que fosse nom mandasse que se fizesse leilão de seu fato, porque nom vissem suas calças rotas que tinha. Mandou que o enterrassem na sua capella de Nossa Senhora da Serra, da enuocação da Conceição; e que das rendas que n'ella tinha postas se pagasse hum capellão, que cada dia lhe dixesse huma missa rezada, e fosse prouida a capella de todo o necessario quanto lhe comprisse. E que os juizes de Goa, acabando o tempo de seus julgados, tomassem conta ao memposteiro da capella, e o que achassem que remanecesse que se metesse na bolsa dos orfãos filhos de portuguezes desemparados, como já atrás tenho decrarado que elle ordenou esta esmola. E que a ElRey nom pedia nenhuma satisfação, por quanto lhe muyto deuia por tamanha mercê de tão grande honra em o fazer Gouernador da India; sómente que se algum se queixasse que lhe dera perda com poder de Gouernador, que o mandasse satisfazer, e desencarregar sua consciencia, de seus ordenados que tinha vencidos, e nom merecidos, pois nom morrêra ás lançadas por seu seruiço. Fez seu testamenteiro a Pero d'Alpoym, e lhe mandou que seu fato leuasse ao Reyno, onde vissem as alfayas que tinha de sua casa, e o entregasse a dona Isabel d'Alboquerque sua irmã, pera criação de hum menino que criaua em sua casa; e o que tiuesse de

seus ordenados, depois de pagas suas obrigações, se alguma cousa ficasse, fosse pera criação d'este menino; porque dizião que era seu filho. E mandou outras cousas de verdadeiro christão, e com todo arrependimento de seus peccados.

E assy lidando com a morte, todos seus desejos era antes que morresse chegar á barra de Goa. Com que assy nauegando forão tomar na barra de Dabul, em que mandou tirar a bandeyra da gauea, dizendo que obedecia a outra que já estaua na India; e sem tomar terra foy ao longo da costa com pouqo vento. De noite passou huma fusta, que vinha de Goa e hia pera Chaul, e passando junto da outra nao lhe perguntarão por nouas do Reyno. Responderão: «Veo Lopo Soares por Gouernador,» «e capitães pera as fortelezas: pera Goa dom Goterre de Monroy, que» «metêra de posse, e pera Cananor Simão da Silueira, e Aluaro Telles» «pera Calecut, e pera Cochym Diogo Mendes de Vascogoncellos, que» «foy preso ao Reyno.» E foy passando, sem se querer deter nem perguntar nada.

Tudo ysto ouvio o Gouernador, porque era perto da sua nao, e fallando com Diogo Fernandes de Beja lhe disse: «Que vos parece, se-» «nhor Diogo Fernandes? Boas nouas são aquellas pera mym, que os» «homens que mandey presos, e de que escreui mal, vem honrados e» «beadantes! Certamente que grandes são meus pecados ante ElRey.» «Pois estou mal ante elle por amor dos homens, e mal com os homens» «por amor d'elle, compreme acolher á igreja.» E aleuantou as mãos a Deos, e se virou a outra parte, dizendo: «Mais merecem meus peca-» «dos.» D'ahy a hum pouqo mandou a Pero d'Alpoym trazer a cedola, e perante sy mandou que a çarrasse, e em cyma lhe fizesse approuação, em que assinou com os fidalgos que hy estauão. E mandou que o vestissem no habito de Santyago, de que era caualleiro. O que se fez, e lhe calçarão huns borzeguins bayos, e calçarão humas esporas douradas, e hum sayo de damasco preto debaixo do manto, e huma crispina de preto e ouro na cabeça, e em cyma huma gorra de veludo preto, e aos hombros huma béca de veludo preto: o que todo elle assy o mandou que auia de ser enterrado, como foy.

E porque era já perto de Goa, mandou o bargantym que fosse lá, e trouxesse frey Domingos de Sousa vigairo geral, e mestre Afonso fisiquo, e lhe trouxessem algum vinho vermelho do Reyno. Hido o bargan-

tym pedio hum crucificio que tinha defronte, e o tomou nas mãos com muytas lagrimas, dizendo: «Senhor, por tua grande misericordia, e» «piadade, te aprouve derramar o teu precioso sangue na cruz, por re-» «missão dos pecadores; peçote, por tua tanta bondade, que n'esta san-» «ta redenção que ao mundo fizeste minha alma pecadora seja salua.» E sempre rezando muytas orações, n'este dia chegou á barra de Goa. Entrando n'agoada, que pareceo Nossa Senhora da ilha de Diuar, que lhe disserão, elle se aleuantou da cama, e sobraçado chegou á porta da camara, em que se encostou com o hombro, e se abaixou, que vio a casa de Nossa Senhora: aleuantou as mãos, e fez oração, e se tornou á cama, e se tornou 'abraçar com o crucificio, e pedio a candea, resando o *miserere mei Deus*, com que foy calando a palaura; e dizendo *credo*, deu 'alma em a nao largando 'ancora, que foy em vinte e sete de dezembro d'este presente anno de 515.

Sendo assy fallecido, foy muy chorado dos que erão presentes. E foy vestido como elle mandou, posto na tolda em hum esquife sobre huma alcatifa, com duas tochas acezas á cabeceira. E Pero d'Alpoym se foy logo á cidade no esquife bem esquipado, e foy dar ordem á coua e a seu enterramento. O que sabido, na cidade se aleuantarão grandes prantos por todolas casas e ruas, porque de todos era muy amado.

Partido Pero d'Alpoym, Diogo Fernandes de Beja mandou pôr huma bandeyra na quadra. A que logo vierão os capitães das outras naos, que todos fizerão seus prantos como se forão seus irmãos; e elles ordenarão logo o leuarem á cidade. E foy concertado o batel com alcatifas de popa, onde o puserão, assentado em huma cadeira muyto direito, com almofadas que lhe meterão derrador; e todos os capitães no batel, e seus bateys com a gente após elle, e na proa do batel sua bandeyra real com que entraua nas batalhas. E forão á cidade, onde, e no caminho, acharão outros bateys e barcos, em que vinhão muytos fidalgos e homens casados, que com elle tornarão com seus grandes prantos, com que chegarão ao caez da cidade, onde estaua dom Goterre, capitão, com toda a gente com muytas tochas porque era já de noite, e estauão os crelgos com sua cruz, e frades de são Francisco, que este anno erão vindos do Reyno pera fazerem hum mosteiro na cidade, como adiante contarey. Onde assy chegando, toda a gente fez grande pranto, e por todolas ruas as molheres casadas e solteiras, que era cousa espantosa. Os capitães o

leuarão assy assentado na cadeira, posto sobre hum palanquim, que era visto de todo o pouo; e Joanne Mendes Botelho, caualleiro da criação d'Afonso d'Alboquerque, seu alferez, lhe leuaua a bandeyra diante. Foy enterrado em sua capella, onde n'esta noite lhe foy feita sobre a coua huma tumba de cinquo degraos cobertos de veludo preto, e em cyma hum sobreceo assy de veludo preto, com huma cruz branca no meo, e n'ella pendurada sobre a tumba sua bandeyra real; e a capella toda armada de pannos pretos, onde ao outro dia se ajuntou moltidão do pouo com grandes prantos, christãos e gentios, que dizião que Deos o auia lá mister pera guerras, e por ysso o leuára. Todos dizião grandes lastimas, e quando se achauão agrauados vinhão a bradar e chamar por elle, que lhe fizesse justiça; o que continuarão muytos tempos. O capitão, e muytos homens fidalgos que este anno vierão do Reyno, ouverão espanto vendo estas cousas; e dom Goterre disse: «ElRey nom tinha verdadeira» «enformação de quem era Afonso d'Alboquerque; que se elle fôra co-» «mo no Reyno d'elle dizião nom fôra tão amado d'este pouo como ve-» «mos.»

Afonso d'Alboquerque passaua de setenta annos; homem de bom corpo, sequo de carnes, o rostro comprido corado, a barba muyto branca, comprida que lhe chegaua á cinta. Era muyto prudente em todolas cousas, e escreuia muyto; conuersauel á gente; estimaua muyto os homens caualleiros; muy entendido nas negociações dos mouros e gentios. Ante menhã ouvia missa, e só a cauallo com os de sua guarda visitaua as obras, e ribeira, e almazens. Muy amigo do proueito d'ElRey, que nada os seus officiaes despendião senão por seus mandados. Era supito em sua paixão e logo arrependido. Tratou verdade; amigo da justiça, de liberal condição pera dar o seu; nom tinha estado de despacho, que na rua sobre o joelho assinaua os mandados; era muy reguroso contra homens brigosos; grangeaua muyto os mercadores mouros e gentios, pera os segurar em boa paz e amizade; era piadoso aos pobres. Todolos presentes que lhe derão os Reys e senhores da India mandaua a ElRey e á Raynha, ou os repartia polos capitães e fidalgos. Noue annos andou na India, tres que conquistou o Reyno d'Ormuz, hum anno que lhe o Visorey dom Francisco nom deu a gouernança; e gouernou cinqo nom acabados, em que tomou Goa duas vezes e a fortificou, e Calecut, Malaca, Ormuz; o primeyro que entrou o estreito de Meca. Em seu tempo

nenhum homem andou fóra do seruiço d'ElRey, [1] *e muyto* honraua os seus criados e das Raynhas. Muy zeloso d'acrecentar as cousas da India; homem sem cobiça. Nom tinha porta fechada, nem porteiro de dia, senão quando dormia depois de jantar, que nos dias da semana era muy pouqo. Nom tinha nenhum modo d'estado. Escreuia pera ElRey, e Raynha, e pera os do conselho, e pera os veadores da fazenda, e por nom se acupar de dia escreuia de noite com seus escriuães, e daua conta a ElRey até das bombardas quebradas.

Sabido no Reyno de sua morte, ElRey mostrou d'ysso grande sentimento, e lhe nobreceo hum filho que tinha, que Afonso d'Alboquerque ouvera sendo mancebo em huma mulher d'Africa, chamado Braz, que se criaua em casa de sua tia dona Isabel d'Alboquerque, que andaua no estudo. ElRey o pôs em grandes honras, e lhe pôs nome Afonso d'Alboquerque, como seu pay, de que o fez ligitimo herdeiro de seu pay, e lhe mandou pagar cento e oitenta mil cruzados que deuião a seu pay de seus ordenados e quintaladas de pimenta. E lhe deu quatrocentos mil réis de juro, que pera sempre durassem nos morgados d'esta casa, de que o herdeiro sempre teria o nome Afonso d'Alboquerque, e se fosse molher se chamaria Alfonsa d'Alboquerque, porque sempre durasse e fosse lembrado o nome de tão bom vassallo; e lhe fez muytas mercês outras. E ElRey tomou todolos criados d'Afonso d'Alboquerque no fôro em que o seruião, e lhes pagou quanto lhe deuião do seruiço da India. Do que adiante contarey mais outras cousas, e mercês que ElRey fazia a Afonso d'Alboquerque, que contarey em seu lugar.

[1] *e que muito* Autogr.

LENDA DE LOPO SOARES

QUE DO REYNO VEO POR GOUERNADOR DA INDIA

NA SOCEÇÃO DE AFONSO D'ALBOQUERQUE,

ANNO DE 1515.

JESUS CHRISTOS.

CAPITULO I.

Em oito de setembro de 1515 chegou á barra de Goa 'armada do Reyno, em que veo por Gouernador da India Lopo Soares, homem nobre fidalgo, que já veo á India no anno de 1504 por Capitão mór de huma armada, como tenho contado no liuro primeyro, que tornou a Portugal com toda 'armada a saluamento, em que leuou a ElRey muyta riqueza. Ao qual ElRey dom Manuel deu a gouernança da India a requerimento do barão d'Aluito, e outros do conselho que n'ysso meteo; e esto por grande odio que tinha 'Afonso d'Alboquerque. Dessimulando, dizia a ElRey que era rezão, que Afonso d'Alboquerque tinha grandes seruiços feitos, e era homem muyto velho que podia fallecer, e ficaria a India muy desemparada; que por tanto deuia de prouer a India com outro Gouernador, e mandar hir pera o Reyno Afonso d'Alboquerque, e lhe dar descanso a seus seruiços, com huma grande honra como merecia. Estas erão as palauras do barão e dos outros que o ajudauão; postoque a tenção era

ás vessas, que bem sabia que mór mal se nom podia fazer 'Afonso d'Alboquerque, que tiralo da grande honra que tinha na gouernança da India. E tanto n'ysto trabalhou, que fez a ElRey dar a gouernança da India a Lopo Soares, de que era grande amigo e primo com irmão. Do que a Raynha dona Maria nom soube nada senão depois d'ElRey ter dado palaura; do que ella ouve grande paixão, e o muyto contradixe, dizendo que guardasse a ley de seu Reyno, que os corretores que nas troquas dos bons cauallos fazião enganos por outros piores o deuião pagar com bom castigo; que tirar Afonso d'Alboquerque da India elle o sentiria. E tanto ysto a Raynha sentio que o escreueo a ElRey dom Fernando, e á Raynha dona Isabel, que o muyto estranharão a ElRey per suas cartas. Dom Martinho de Castello Branco, védor da fazenda, que depois foy conde de Villa Noua, e Pero Correa, veador da casa da Raynha, que erão grandes amigos d'Afonso [1] * d'Alboquerque, com * a Raynha, tanto fizerão com ElRey que daua vinte mil cruzados a Lopo Soares, e que largasse a India. O que Lopo Soares quizera fazer; mas o barão lho nom consentio, dizendo que nom trocasse a honra por dinheiro; que a India lhe daria quanto quigesse. Sobre que a Raynha teue muyto tempo desgosto do barão.

Partio Lopo Soares de Lisboa em sete d'abril, com sua armada de doze naos e tres nauios, de que vierão capitães dom Goterre de Monroy, fidalgo castelhano, pera capitão de Goa, com alabardeiros de sua guarda; e Simão da Silueira, capitão de Cananor; e Aluaro Telles, que já andára na India, pera capitão de Calecut; e Diogo Mendes de Vascogoncellos, que o Gouernador mandára preso a Portugal, pera capitão e feitor de Cochym; e Jorge de Brito, copeiro mór d'ElRey, pera capitão de Malaca; e Fernão Peres d'Andrade, capitão mór de Antonio Lobo Falcão, e de Jorge Mascaranhas, pera todos tres hirem assentar a China; e dom Aleixo de Menezes, sobrinho de Lopo Soares, pera capitão mór do mar; e Christouão de Tauora pera capitão de Çofala; e dom João da Silueira, Aluaro Barreto, Francisco de Tauora, Simão d'Alcaceua. Com toda esta armada Lopo Soares chegou a Moçambique, onde logo fiqou Christouão de Tauora pera se hir a Çofala, e se vir Francisco Marecos, que lá estaua por capitão. Aquy em Moçambique achou Bastião de Sousa

[1] * Alboquerque e com * Autogr.

com dous nauios, de que erão capitães Francisco da Veiga, e Luiz Amado, que o anno passado partirão do Reyno após Christouão de Brito; que ElRey mandaua por Capitão mór Bastião de Sousa, com feitor e officiaes ordenados com regimento, pera correr a ilha de São Lourenço, e assentar tratos, e andarem tratando pera Çofala e pera a costa de Melinde. Mas o nauio de Luiz Amado, que era o feitor, se perdeo que nunqua mais apareceo; e porque Bastião de Sousa chegou tarde a Moçambique enuernou, e nom fez nada. O que o Gouernador nom ouve por bem andar n'aquelle trato, e o leuou pera' India, e prouendo as cousas de Moçambique se partio pera' India com toda' armada, na qual vinha Matheus, o embaixador que a mãy do Preste mandára com o leynho da cruz a ElRey, que Afonso d'Alboquerque mandára a Portugal, como já tenho escrito na lenda d'Afonso d'Alboquerque.

O qual embaixador ElRey mandou, e com elle, por embaixador ao Preste, Duarte Galuão, chronista mór de Portugal, homem muy soficiente pera tal encargo, pera assentar as cousas como comprião; e com hum muy riquo presente pera o Preste, a saber: huma cama pera sua pessoa, com paramentos de pannos de Frandes de fina verdura, pera paramentar a camara, de seda e ouro; e sobreceo do teor; e corrediças de tafetá azul e amarello; e cobritor de damasco amarello antretalhado de veludo preto, atrocelado d'ouro; e dous colchões d'Olanda, e seus lençoes, e huma colcha branca de muytos lauores; e trauesseiro e almofadas de lauores d'ouro, muyto riqua cousa. E huma cadeira gornecida de brocado raso, e crauação de prata branca; e dous coxis do mesmo teor; e hum estoque gornecido d'ouro d'esmalte; e seis almofadas de camilha, de cetys auelutados de côres de huma banda, e da outra de cetys de côres rasos; e mais huma mesa d'estado, de peças, marchetada, de Frandes, obra muy delicada, com hum panno de fina verdura d'ouro e seda, feito em Frandes, que cobria toda a mesa; e tres esquipações de toalhas e guardanapos, e toalhas de mãos e fruiteiros, todas lauradas d'ouro, e tudo comprido pera o seruiço da mesa, até as faqas. E dous vestidos inteiros, quanto compre pera vestir hum homem da camisa até capa; hum d'elles de pannos finos forrados de pannos de seda e d'ouro, e o outro de pannos de brocado e seda, com riqua opa, e forros de martas; e huma riqua espada, e cintas pera a trazer; e hum arnez branco dourado por partes, com seu elmo com grande penacho d'argentaria d'ouro; e humas

coiraças postas em brocado riquo, e as laminas douradas, gornição d'ouro d'esmalte: e huma saya de malha com as franjas de malha d'ouro; e riqo capacete, forradas as bordas de chapas d'ouro anilado; e huma sela de brida de veludo cremesym, com suas retranqas e franjas tudo atrocelado com fio d'ouro, com testeira d'aço pera o cauallo; e huma sela gineta comprida de todo o necessario, de prata e ouro; e duas adargas com riqos cordões e broslas, per dentro forradas de cetym cremisym, lauradas de fio d'ouro; e duas rodellas de Frandes douradas, com embraçamentos de brocado; e vinte lanças de ferros dourados. E mais hum pontifical de missa de brocado raso, frontal, capa, e vestimentas; e toda' prata necessaria pera o seruiço do altar e missa, e costodia, tudo dourado, até campainha e caixa de corporaes; e dous liuros de rezar, hum enluminado, com riqas brochas d'esmalte, e outro chão; e hum retauolo de portas, da grandura do altar, do Crucificio e da Saudação de Nossa Senhora. E quatro pannos d'armar, de Frandes, de seda e d'ouro, da historia do Nacimento de Nossa Senhora, e da *Salue Regina*. O qual presente se dixe que no Reyno custára passante de trinta mil cruzados. Tudo bem enfardelado, e embarcado, entregue a Duarte Galuão, e a Lopo Soares grande apontamento que fosse ao estreito com grossa armada pôr o embaixador nas terras do Preste, com seu escriuão e vinte homens de seruiço, muy sabidos em todolas artes das armas, e musiqos de tangeres e fallas, e todolos officios macaniqos. Tudo ysto se perdeo por mingoa de Lopo Soares, que nada ouve effeito, como em seu lugar direy; e Lopo Soares o nom pagou.

CAPITULO II.

COMO LOPO SOARES GOUERNADOR CHEGOU Á BARRA DE GOA COM SUA ARMADA, E O QUE FEZ, PORQUE AHY NOM ESTAUA O GOUERNADOR AFONSO D'ALBOQUERQUE, QUE ESTAUA EM ORMUZ.

Chegando assy 'armada do Reyno á barra de Goa, sabido na cidade que vinha nouo Gouernador, nom ouve nenhum aluoroço, antes em todos grande tristeza, porque todos muyto amauão Afonso d'Alboquerque; e os vereadores lhe fizerão seu recebimento de pálio, por cumprimento de seu regimento. Os do pouo fallauão, dizendo: «ElRey auerá o pago do»

« mal que fez á India em lhe tirar seu pay, que a tem criada com tan- »
« to trabalho. » O Gouernador meteo de posse de sua capitania de Goa a dom Goterre, e tirou dom João d'Eça que a seruia, e lhe deu nao em que se fôsse pera o Reyno. E logo o Gouernador entendeo em todolas cousas de justiça e fazenda, que Diogo Pereira, que vinha por secretario, o metia n'estas cousas, dizendo que nom podia agardar que Afonso d'Alboquerque viesse d'Ormuz, como de feito veo em dezembro, como já em seu lugar disse. O Gouernador vinha endustriado em desfazer em todolas cousas d'Afonso d'Alboquerque, pera mostrar que erão erradas e que fôra ElRey bem aconselhado em o mandar hir pera o Reyno; e tinha o Gouernador muyto pezar, nom achando nada de que lançar mão, com esta má tenção que trazia per consequencia do barão. E desfez logo a bolsa da criação dos meninos; com que as mães d'elles fazião cramores.

E estando em Goa até entrada d'outubro, se partio pera Cochym, dando licença a todos que nauegassem e fossem tratar per onde quigessem. A noua de Gouernador nôuo, e que ElRey mandaua hir pera o Reyno Afonso d'Alboquerque, foy grande desgosto pera os Reys da costa da India, que erão todos muyto amigos com Afonso d'Alboquerque. O Gouernador chegou a Cananor, onde ElRey o mandou visitar per hum seu regedor, e o Gouernador meteo na capitaina Simão da Silueira, e a sua nao deu a Jorge de Mello, que se foy n'ella pera o Reyno. E ElRey de Calecut ouve grande paixão por vir outro Gouernador, e disse em pubrico de muytos, estando o feitor presente, que tinha tanto pesar de vir outro Gouernador, que se soubera que tal auia de ser que nunqua dera forteleza, e que se a pudera tornar a desfazer, sem quebra de sua honra, a desfizera; e sabendo que o Gouernador estaua em Cananor e auia d'hir a Calecut, se foy á serra. O Gouernador foy ter em Calecut, e o capitão, e o feitor, e officiaes, o forão vêr á nao, e lhe contarão a paixão que ElRey ouvera de nom gouernar Afonso d'Alboquerque, e por ysso se fôra á serra. O Gouernador meteo na capitania da forteleza Aluaro Telles, e na sua nao mandou hir pera o Reyno Francisco Nogueira; e o Gouernador mandou que duas galés, que estauão começadas, que as tauoassem polos fundos, e calafetassem pera as leuarem 'acabar em Cochym; dizendo que se achasse causa pera aleuantar a forteleza que 'auia de desfazer, porque ally era bem escusada. Disselhe Francisco No-

gueira : «Senhor, nunqua os trabalhos da India tiuerão repouso senão» «depois d'esta forteleza feita, e se a desfizerdes dareys grande conta a» «Deos, e a ElRey, dos malles que por ysso virão á India.» O Gouernador era homem de pouqas rezões, e o que dizia nom queria que outrem lho contradixesse, e respondeo a Francisco Nogueira : «Quando vos pe-» «dir conselho então mo dareys.» Elle respondeo : «Senhor, ysto que» «dixe a Vossa Senhoria, o dixe porque assy o hey de dizer a ElRey» «nosso senhor a primeyra vez que lhe fallar; porque sey que ElRey de» «Calecut nunqua dera forteleza, se soubera que Afonso d'Alboquerque» «nom auia d'estar na India.» Ao que lhe nom respondeo o Gouernador. E logo se foy a Cochym, onde lhe fizerão seu recebimento, e Pero Mascaranhas tinha já tomado pousada fóra da forteleza, que logo o Gouernador lhe deu nao em que se foy pera o Reyno, e meteo de posse da capitania a Diogo Mendes de Vascogoncellos, que era capitão e feitor. ElRey mandou visitar o Gouernador por hum regedor, e o Gouernador lhe mandou seus agardecimentos, e que o hiria vêr e dar suas cartas. Quando a ElRey de Cochym disserão que vinha outro Gouernador, e mandauão hir Afonso d'Alboquerque, disse : «ElRey meu irmão auerá mes-» «ter Afonso d'Alboquerque pera outra cousa melhor, e por ysso o man-» «dará hir.» Disselhe o feitor : «Senhor, nom he ysso; mas ElRey tem» «outros fidalgos a que quer fazer mercê.» ElRey respondeo : «Nom he» «bom conselho tirar hum bom, e meter outro que nom sabe que tal» «será. Quem me mal aconselhar sua cabeça mo pagará. E assy o deue» «fazer ElRey meu irmão quando ysto achar.» O Gouernador foy d'esto sabedor, que sentindo os [1] * desgostos * d'estes Reys, que tinhão d'Afonso d'Alboquerque nom auer de gouernar, era por ysso muy agastado, vendo que d'elles auia de ser mal ajudado, porque assy estauão desgostosos. E se disse que quando souberão que Afonso d'Alboquerque era morto, o Rey de Calecut disse : «Fez Deos muyto bem de recolher pera» «sy Afonso d'Alboquerque, pois lhe dauão máo galardão.» O Gouernador foy polo mar em hum batel vêr ElRey, o qual o veo esperar na ponte do peso da pimenta, onde o Gouernador lhe fazendo suas cortezias, e lhe dando as cartas d'ElRey e a copa, mostrou ElRey que folgaua, e disse aos seus : «N'estas cartas veremos porque ElRey meu ir-»

[1] * destos * Autogr.

«mão fez mal a Afonso d'Alboquerque.» O Gouernador fallou a ElRey na carga, porque tinha muytas naos. ElRey lhe respondeo: «Eu tenho» «esse cuidado; o feitor bom faz boa carga.» E com poucas palauras se despedirão, e o Gouernador tomou muyta acupação no auiamento das naos da carga. Onde dom Gracia de Noronha foy fallar ao Gouernador como chegou, e pedio embarcação. Ao que o Gouernador em todo o satisfez, com muytos comprimentos d'honras; e depois o mandou visitar por dom Aleixo, quando lhe derão nouas que Afonso d'Alboquerque era fallecido; a qual leuou a Cochym Simão d'Andrade, que lhe pareceo que o Gouernador folgaria com a noua.

O qual partio de Goa a outro dia que Afonso d'Alboquerque foy enterrado, e entrou no rio de Cochym com sua nao muyto louçã de bandeyras, tirando muyta artelharia, e sayo em seu batel vestido muyto loução, que era homem galante de sua condição, e acompanhado com sua gente foy ao Gouernador, e lhe disse que Afonso d'Alboquerque fallecêra chegando á barra. O Gouernador se mostrou por ysso pesaroso, e dixe a Simão d'Andrade: «Mal me parece hum homem como vós, a que» «Afonso d'Alboquerque nom terá feitas más obras, mostrardes prazer» «de sua morte, sendo vosso Gouernador, e com prazer e louçainhas me» «trazerdes as nouas.» Simão d'Andrade era homem auisado, e leuaua bem cuidada a reposta, se o Gouernador lho nom agardecesse, ou estranhasse como fez; ao que respondeo ao Gouernador: «Senhor, o pra-» «zer que trago Vossa Senhoria o entende ás vessas, que se o entendêra» «direitamente, como he, bem sey que me nom reprendêra; porque Afon-» «so d'Alboquerque me fez muytas mercês que merecerão meus serui-» «ços, e muytas mais pola grande nobreza de que usaua, que foy tal» «que nunqua ninguem lhe fará auantagem; e por esta rezão, e polas» «muytas honras que nos elle ensinou a ganhar, a todos quantos estamos» «na India, em seus gloriosos feitos, todos somos obrigados a mostrar» «muyto prazer em sua tão honrada morte, acabando seus dias em sua» «gouernança da India, de que o ninguem nom desapossou, sómente» «Deos, que o recolheo pera sy, e lhe dará a gloria polos muytos ser-» «uiços que lhe fez; que depois de Vossa Senhoria, nunqua outro virá» «que chegue a metade de seus merecimentos e gloriosos feitos.» O Gouernador lhe respondeo: «Bem desfizestes a roda.»

O Gouernador dous dias nom sayo fóra, e foy estar a hum muy

honrado saymento que fez dom Gracia, onde estiuerão todolos fidalgos; mas sem embargo d'estas falsas mostras desfazia nas cousas d'Afonso d'Alboquerque quanto podia. Desfez os capitães da ordenança, dizendo que ordenança nem soiça na India era apressão pera os homens. Chegou a Cochym Pero d'Alpoym com todo o fato e criados d'Afonso d'Alboquerque, com seu dó, que dom Gracia tudo recolheo; mas o Gouernador mandou que se fizesse leilão de todo seu fato, que foy assaz pobreza de vêr. Dom Gracia dixe a dom Aleixo na igreja onde o topou: «O Go-» «uernador vosso tio mandou fazer leilão do fato velho d'Afonso d'Al-» «boquerque. A tenção lhe nom agardeço; mas no que fez mais acre-» «centou a honra de meu tio, que todo o pouo vio que nom tinha elle» «riquas peças da India, porque tudo desestimaua por mór primor de» «sua honra.» Mandou o Gouernador tomar a Pero d'Alpoym duas arqas cheas de papeis, que erão menutas das cartas que Afonso d'Alboquerque escreuia ao Reyno, e as mandou pregar, e embarcar em outra nao, e com ellas o lingoa Alexandre d'Atayde; e mandou que tudo se entregasse ao corregedor da casa da India.

O Gouernador deu viagem a dom Aleixo que fosse prouer Ormuz com todos seus poderes, e lhe deu que leuasse oito naos, em que deu licença que carregasse mercadarias da terra, em que ouve grande carregação; e Simão d'Andrade com sua nao tambem foy n'esta conserua. Estes homens, que carregarão nas naos com hum feitor de dom Aleixo, estando em Baticalá fazendo carregação de muyto arroz, e ferro, e açuquere que he a principal fazenda, tendo muyta carrega, e que já estaua tudo na barra pera embarcarem, os negros da terra, cobiçosos em roubar, e tambem foutos porque Afonso d'Alboquerque era morto, aleuantarãose contra os portuguezes, e matarão e ferirão muytos, que se acolherão a nado aos bateys em que fogirão polo rio fóra; e valeo o roubo que tomarão na terra mais de dez mil pardaos. O que depois o Gouernador assentou em paz, porque vindo o Gouernador ao porto, que hia pera Goa, ElRey de Baticalá o mandou visitar á barra com muytos barqos carregados de refresco, e muytos fardos d'arroz e açuquere, e lhe mandou tres negros velhos muyto bem vestidos, que parecessem homens honrados, e mandou ao Gouernador pedir muytos perdões do que se fizera, dizendo que nom tinha culpa, porque estaua d'ahy dez legoas fóra de Baticalá quando se fizera o mal; que lhe mandaua aquelles tres mercado-

res, que erão os principaes que achára culpados no mal que se fizera; que os mandasse enforcar, porque suas molheres e filhos tinha todos presos pera lhe fazer outro tanto. Os negros hião ensinados, que se deitarão no chão ante o Gouernador, com grandes brados pedindo misericordia. Ao que todos ajudarão, dizendo ao Gouernador que a vingança n'aquelles era nenhuma pera vinte e quatro portuguezes que erão mortos, e dez mil cruzados de fazenda roubada; e pera bom castigo auia de queimar e destroir Baticalá, ou o dessimular e dar liure paz. O Gouernador, como nom trazia o sentido em ser na India muyto guerreiro, mandou agardicimentos a ElRey, e lhe mandou os negros, dizendo que lhe nom fazia mal, nem elle o fizesse a suas molheres e filhos; mas que olhasse muyto bem pola guarda de sua gente, porque se outra tal se fizesse elle só lho auia de pagar; porque elle derrubaria, e queimaria Baticalá por terra, que o faria em cinza. Com a qual reposta ElRey lhe mandou muytos offerecimentos, e assentou a terra; com que as naos acabarão de carregar; que esta foy a principal causa com que dom Aleixo fez com todos que o Gouernador tornasse 'assentar a terra; com que foy a Ormuz, e fez muyto seu proueito, como adiante direy. Tanto que as naos do Reyno forão partidas, o Gouernador entendeo em outras cousas.

CAPITULO III.

COMO O GOUERNADOR DESPACHOU PERA CAPITÃO DE MALACA JORGE DE BRITO, E FERNÃO PERES D'ANDRADE PERA' CHINA, E DOM ALEIXO SEU SOBRINHO, COM SEUS PODERES PERA HIR PROUER ORMUZ; E FOY A GOA PROUER O QUE COMPRIA, *E* SE TORNOU A COCHYM.

PARTIDAS as naos do Reyno, o Gouernador despachou pera capitão de Malaca Jorge de Brito, que n'ella veo prouido por ElRey, em huma nao, e em outra foy Antonio Pacheco pera capitão mór do mar, que *chegarão a* saluamento a Malaca, e entrarão em seus cargos; e na nao de Jorge de Brito se veo Jorge d'Alboquerque, que lá estaua por capitão. E partidos estes pera Malaca, o Gouernador se partio pera Goa, que era em dezembro, e foy a Calecut, que era o Rey que mais sentio a morte d'Afonso d'Alboquerque; e porque nom tinha inda reposta do seu naire que mandára a Portugal, nem o Gouernador lhe consentia que mandasse

duas naos a Meca, sem pimenta nem drogas, que Afonso d'Alboquerque lhe tinha dadas, o Gouernador quiz assentar estas cousas com ElRey, e que se vissem ambos; mas o Rey, polos desgostos que tinha, dizia que nom tinha que assentar com o Gouernador, porque o assento de suas cousas o nom auia de fazer senão com ElRey de Portugal, pois Afonso d'Alboquerque era morto, e o Gouernador lhe nom guardaua seus papeis que tinha. O Gouernador ensistio que ambos se vissem, e dizia que ElRey viesse á forteleza; ElRey dizia que o Gouernador fosse ás suas casas: sobre o que ouve grandes debates, com que o Gouernador se mostrou indinado, dizendo que recolheria a gente e derrubaria a forteleza. Ao que lhe os fidalgos da India, que ally estauão, forão á mão ao Gouernador, mórmenté Lopo Vaz de Sampayo, Fernão Peres, Vicente d'Alboquerque, Ayres da Silua, Ruy Galuão, Jeronymo de Sousa, todos lhe disserão que em Calecut nom podia bolir nada sem vontade d'ElRey, polo grande poderio que tinha de gente, porque custaria mais caro que o do Marichal. Com que o Gouernador concertou, e foy fallar a ElRey em huma casa ahy perto na entrada da cidade, com cinco homens com cada hum, e nom concordirão em nada; mas depois o Gouernador lhe deu a licença das naos.

D'aquy se foy o Gouernador a Cananor, e proueo o que compria, e d'ahy a Baticalá, onde assentou paz como já disse, e d'ahy se foy a Goa. Logo n'este anno se aleuantarão ladrões da terra em barqos, que andauão ao salto do que podião tomar. O Gouernador com tempo se meteo em Angediua, onde despedio dom Aleixo pera Ormuz com sete naos carregadas de suas mercadarias pera Ormuz, com seus poderes pera todo prouer, e arrecadar as pareas. D'aquy se foy o Gouernador a Goa com toda 'armada.

Os casados, sabendo que ao Gouernador pedíra ElRey apontamento que fizesse todos izames sobre Goa, e achando que nom era seu proueito a largasse, com dadiua que daria o Hidalcão, ou senão que a desfizesse por terra, elles os casados fizerão huns apontamentos do rendimento que rendia o Mandouim, que era 'alfandega, e das rendas das tanadarias dos passos, e dos dereitos dos cauallos; e com ysto apontamentos muy viuos porque Goa se deuia de soster, e muyto mais nobrecer pera sostentar o estado da India; offerecendose todos a defendela de toda' guerra, com sómente lhe deixarem estar 'artelharia que tinha; e tu-

do apontado com grandes requerimentos e protestos. Com que os vereadores fizerão ao Gouernador grande falla, e os fidalgos, e capitão da cidade, que a todos pareceo bem, *e* o Gouernador nom entendeo em nada.

Estando assy em Goa, cada dia auia muytas brigas, e matauão, e ferião os criados do Gouernador, porque praticando em cousas da India, que elles fallauão mal d'Afonso d'Alboquerque, nom o podião soffrir os homens da India, e sobre ysso vinhão ás brigas. Tudo o Gouernador sabia, de que auia grande paixão; e sabendo as venerações que as gentes da terra hião fazer á sepultura d'Afonso d'Alboquerque, a que punhão froles e heruas cheirosas, e fallauão com elle como se estiuesse viuo, e lhe fazião queixumes, por fazer as gentes perder este credito, assentou de lhe desfazer sua sepultura, dizendo que aquella capella era d'abobada e forte, e estaua sobre a porta da cidade, e que se mouros com traição entrassem n'ella seria causa de se tomar a cidade. E porque os fidalgos sabião a tenção do Gouernador, que era destroir as cousas d'Afonso d'Alboquerque, sobre que elle nom tomaua seus pareceres, nom hião á mão. Então me disse a mym Gaspar Correa, que eu era védor das obras da cidade, que derrubasse a capella, e que a ossada d'Afonso d'Alboquerque a deitasse debaixo de huma aruore grande que hy estaua, ou o fosse deitar na igreja. Eu lhe disse que bolir com seus ossos que o mandasse fazer polos crelgos, que o demais eu o faria; e que a capella se nom podia derrubar porque era d'abobada, e auia mester gastar muyto dinheiro 'armarlhe dentro o simpres de madeira, pera a desfechar do ençarramento d'abobada. Do que elle ouve paixão. Então me mandou que serrasse as traues da capella, e desfizesse o sobrado. O que fiz, e assy esteue a capella sem sobrado muyto tempo; e me mandou que lhe derrubasse as suas boticas, que estauão fóra da porta, dizendo que erão ally perjudiciaes, se mouros entrassem na ilha e fossem guerrear a cidade. O que assy fiz, que as derribey. E mandou que as boticas se fizessem além da ponte do ribeiro d'agoa, que era d'ahy hum tiro de bésta. A ysto lhe nom hião á mão os fidalgos, porque sabião sua má tenção que tinha ás cousas d'Afonso d'Alboquerque.

CAPITULO IV.

COMO O GOUERNADOR SE TORNOU A COCHYM, ONDE ENUERNOU, E SE APERCEBEO DE ARMADA PERA HIR AO ESTREITO; E DO QUE FERNÃO PERES PASSOU EM SUA VIAGEM, E OUTRAS COUSAS QUE N'ESTE TEMPO SE PASSARÃO PER OUTRAS PARTES.

O Gouernador gastou o tempo em Goa até fim de feuereiro do anno de 516, que se tornou a Cochym, d'onde mandou Fernão de Resende na carauella que fosse a Moçambique, onde mandou regimento aos capitães que viessem do Reyno se fossem ao estreito de Meca em busca d'elle, porque lá auia d'hir com armada a tomar Judá. Então despachou Fernão Peres d'Andrade pera' China, como vinha ordenado; e mandou com elle hum Thomé Pires, filho do boticairo d'ElRey dom João, que era muyto da sua amizade, e por elle *ser* homem muyto prudente, e muyto corioso de saber todolas cousas da India, por ysso veo com elle embarcado pera hir n'esta viagem da China, que em Portugal se fallauão grandes cousas da China que o Thomé Pires cobiçou de hir saber e vêr, pera as escreuer, como depois foy, e adiante d'elle contarey. Partio Fernão Peres sua viagem, e em sua companhia Simão d'Alcaceua, e Antonio Lobo Falcão, e Jorge Mascaranhas, e foy demandar Pacém, onde auia d'achar sua carga de pimenta feita, porque tinha mandado em companhia de Jorge de Brito hum frolentim chamado Joanes, na nao d'Antonio Pacheco, o qual fez muyta carga, a qual lhe ardeo tendo a nao carregada. Polo que chegando Simão Pires, que nom achou carga, nem tinha tempo pera fazer outra, que ficaua sem monção pera hir á China, então determinou hirse a Bengala. E porque leuaua messagem pera o Rey de Pacém lhe mandou com ella Joanes, que lhe leuou hum carta d'ElRey de Portugal, em reposta d'outra sua, em que ElRey lhe retificaua sua amizade, e com presente de coral e cousas de seda. E na carta ElRey lhe pedia que em Pacém consentisse estar sua feitoria, que auia mester pera o trato da pimenta que ahy se auia de tomar pera' China. A qual messagem o Rey recebeo com grandes honras e festas, que mandou fazer pola amizade d'ElRey de Portugal, e muyto contente que em sua terra estiuesse feitoria, e quantos portuguezes quigessem. Do que deu sua carta, assinada

com seus regedores. E tudo assy acabado, Fernão Peres se partio, e foy a Malaca, pera de lá hir a Bengala, onde chegado, e sabendo o capitão Jorge de Brito que elle se queria hir a Bengala, lhe fez taes requerimentos que forçadamente o fez partir pera' China, por ter noua que estaua lá catiuo Rafael Prestrelo, com trinta portuguezes, que lá era hido. Do que Fernão Peres se nom pôde escusar, indaque era já passada alguma da monção; e se partio de Malaca leuando d'ahy a carga, e em sua companhia Manuel Falcão, e Antonio Lobo Falcão, e Duarte Coelho em hum junqo, e os nauios bem concertados e armados; e partio em agosto do anno de 516, e foy ter na enseada de Concamchina, em que entrou de noite, onde milagrosamente escaparão de se perder em huns baixos, e andarão em pairo muytos dias por o vento lhe ser contrairo, *e* por já nom ter monção se tornou a Malaca, e Duarte Coelho com sua licença se foy no seu junqo a Siam. Onde em Malaca já estaua Rafael Prestrelo com grande riqueza, porque fez de proueito de hum vinte; e a terra com muyta paz e os chys muyto boa gente.

Jorge d'Alboquerque, que inda estaua em Malaca, ouve licença de Jorge de Brito que Anrique Leme, seu parente, fosse fazer huma viagem a Martabão, em huma sua nao que tinha muyto bem concertada. A qual licença lhe deu, e partio Anrique Leme muyto bem concertado, e com sessenta homens portuguezes; e hindo sua viagem, no caminho tomou hum junqo de mercadores de Pegú, que leuou pera de Martabão o mandar a Malaca carregado d'arroz, em que faria muyto proueito; mas chegando á costa nom pôde tomar o porto de Martabão, e foy tomar na boca do rio de Pegú, que da barra á cidade são cem legoas polo rio acyma, e vinte legoas da barra está outra cidade, que se chama Cosmim, em que se comprão e vendem, e tratão os mercadores. Onde assy chegando Anrique Leme, mandou o batel, com seu piloto e portuguezes, concertar com o regedor de Cosmim pera ahy vender e comprar. Do que lhe muyto aprouve, e logo lhe deu grande casa na borda d'agoa, em que fizessem sua feitoria. O que assy assentado, logo no batel vierão mercadores da terra com muytas amizades e com carta do regedor; polo que então mandou em terra hum feitor, com doze homens com mercadaria, com que foy a terra, e começarão a vender e comprar alaquere, beijoym, procelana de mercadaria, e tudo em muyta paz.

Os donos do junqo tomado, que estaua com a nao na barra, saben-

do que os nossos o tinhão assy na barra, e o carregauão d'arroz, se forão queixar a ElRey como consentia em sua terra ladrões, que andauão a roubar polo mar, e lhe tomarão o seu junqo, e ainda sem medo nem vergonha ousauão entrar em seu rio, e estauão vendendo os roubos que fazião no mar. Do que ElRey indinado mandou recado ao regedor de Cosmim que prendesse os nossos, e se pelejassem os matassem. O que o regedor pôs por obra, e os quizera tomar por manha, mas o piloto que andaua na terra, que era homem jáo, que soube d'ysto, deu auiso ao feitor, que se pôs a recado, agardando que viesse o batel pera se recolher. Mas o regedor nom esperou nada, e com muyta gente deu na feitoria, em que os nossos defenderão a porta com espingardas que tinhão, e ás lançadas, que os ajudauão seus escrauos que tinhão, com que erão vinte e cinco pessoas; com que nom tão sómente se defenderão, mas fizerão fogir os negros, porque os pegús he fraqua gente. Polo que então lhe deitarão fogo sobre a casa, que era cuberta de palha, que começou 'arder, com que os nossos forão desbaratados, e se colherão ao rio dandolhe 'agoa pola cinta; onde os negros nom ousauão entrar com elles, mas erão as pedras e azegayas d'arremesso tantas que por milagre de Nosso Senhor nom forão mortos. O que durou tres horas, até que com a maré veo o batel, que nom sabia parte da briga, a que os nossos se recolherão, e com dous berços que trazia tirarão á cidade; com que fizerão muyto mal, e se forão á nao. Com que logo determinou Anrique Leme se partir, e de noite com a maré se foy pera' barra, e nom pôde sahir fóra. Onde ao outro dia vierão polo rio muyta gente em paraos, que era o rio cheo; trazendo jangadas d'ola e palha pera queimar a nao, que vierão abalroar com infinidade de frechas, pedras, azegayas d'arremesso, que erão tantas que os nossos nom ousauão parecer, mas com o medo do fogo pelejauão fortemente. Com que a nao começou a tirar com 'artelharia, com que fez n'elles grande destroição. Os paraos nom trabalhauão senão por cortar o cabo ao batel, e a huma champana que estaua por popa, em que carretauão a fazenda. A nao, do muyto tirar d'artelharia, que era nao velha, abrio tanta agoa que a nom podião vencer á bomba; com que os nossos forão em grande agonia, que acupados na bomba nom auia quem pelejasse. Então com esta necessidade, de noite, com a maré, o piloto se auenturou, e tirou a nao fóra da barra, que fazia muyta agoa que a nom puderão vencer. Com que então recolheo os

homens que estauão no junqo, a que puserão o fogo, de que a gente se deitou a nado e saluou na terra, e Anrique Leme se embarqou na champana e batel, e em huma manchua, com toda a gente e o milhor fato que pôde, e com berços e falcões concertou as embarcações. O que acabado, a nao se foy ao fundo, e os nossos forão nauegando ao longo da costa, e atrauessarão para a costa de Çamatra, e lhe deu tempo com que se perdeu a manchua e o batel com alguns portuguezes, e Anrique Leme na champana foy ter a Pedir com cincoenta portuguezes, onde o Rey lhe fez bom gasalho, e ahy estiuerão até ahi vir ter Fernão Peres d'Andrade, como adiante direy.

O Gouernador fiqou em Cochym enuernando com toda a gente, apercebendo sua armada pera passar ao estreito, fazendo grande apercebimento de petrechos e monições de guerra, e muytos mantimentos, que se fizerão em Cochym e Goa; e o Gouernador fazendo alardos de gente armada, com galantarias, e canas, e jogos de choqua, com banquetes, e prazeres, que os fidalgos fazião per seu passatempo. N'este inuerno falleceo Diogo Mendes, capitão de Cochym, e o Gouernador deu a capitania a Ayres da Silua, e porque nom quis ser feitor, deu o cargo de feitor a Lourenço Moreno.

N'este inuerno Gaspar da Silua, homem fidalgo, com seu irmão Christouão de Sousa, e Lopo de Brito, e Jorge de Brito seu irmão, e Pero Ferreira, e outros, que forão oito per todos, com seus criados se embarcarão em tones, com muyto comer e beber, e com béstas e espingardas se forão folgar polos rios á caça dos pauões, que auia muytos, que os malauares nom matão, que tem elles que são aues dos seus pagodes. E andando assy nas terras do Diamper matando os pauões, hum caimal lhe mandou dizer que se embarcassem, e nom lhe andassem matando seus pauões, que erão do seu pagode. O que elles nom estimando, hião pola terra tirando, e os tones polo rio; e veo hum pauão ferido, e cayo junto da casa do caimal; de que elle ouve grande paixão, e foy aos fidalgos com sua gente, e sendo perto lhe disse que logo se embarcassem. O que elles disserão que logo embarcarião, e hião assy tirando. O que vendo o caimal que nom fazião seu mandado, veo a elles fazendolhe ameaças com as espadas e zagunchos que se embarcassem, sem os querer ferir. Com que os muyto apertarão; ao que seus criados quizerão resistir, em modo que vierão a briga, e os fidalgos metidos

n'agoa se acolherão aos tones com muyto trabalho, ficando na terra mortos quatro dos seus criados. Com que se tornarão a Cochym, que o Gouernador logo a todos mandou prender na forteleza, onde os teue todo o inuerno, porque forão sem sua licença.

Tambem n'este inuerno, em Goa, o capitão dom Goterre mandou á terra firme matar Fernão Caldeira, que lá andaua. De que foy a causa, que hindo dom Goterre pera' India, na sua nao hia hum Fernão Caldeira, que fôra da criação d'Afonso d'Alboquerque, que elle lá mandára preso por mexericos dos officiaes d'ElRey, o qual se liurou ante ElRey, e lhe fez mercê por muytos seruiços que tinha feitos em Goa, onde era casado e tinha sua molher e casa; o qual chegando a Moçambique, passando em terra, tiuerão pratica de perfias, em que o Fernão Caldeira fallou mal contra o dom Goterre, que lhe prometeo que lho auia de pagar. Com medo do qual o Fernão Caldeira se desembarqou da nao, e tresmudou seu fato escondidamente em outra nao, em modo que nada soube o dom Goterre senão depois de vir per caminho. O Fernão Caldeira se meteo em huma embarcação, e se foy a Chaul pera ahy agardar Afonso d'Alboquerque quando viesse d'Ormuz, e se meter com elle, e andaria saluo do dom Goterre. O que assy fez, e morrendo Afonso d'Alboquerque na barra, o Fernão Caldeira nom ousou de hir a Goa, onde já era capitão dom Goterre, e se passou á terra firme, e se pôs em Pondá, cinqo legoas de Goa, onde o Ancoscão capitão de Pondá lhe fazia muyta honra, e de Goa lhe hia cada dia recado de sua molher e casa. E postoque o dom Goterre se tornaua a reconciliar com elle, e lhe daua seu seguro, nom se quis fiar de nada, e se deixou estar, com proposito de ahy passar o tempo, até que dom Goterre acabasse a capitania e se fosse pera Portugal. Mas o dom Goterre, d'ysto magoado, determinou de mandar matar o Fernão Caldeira á terra firme: o que concertou com hum João Gomes, que era cousa sua, e elle o fizera escriuão da feitoria, que era valente homem, que se concertou pera ysso e fingidamente se aleuantou em perfia com o capitão, em modo que arremeteo pera o espancar, e o João Gomes fogio e se foy a Pondá, dizendo grandes malles do capitão, e a Fernão Caldeira que se guardasse muyto bem, e nom andasse nunqua senão com a pessoa do Ancoscão, porque dom Goterre tinha jurado de o mandar matar. Com que o Fernão Caldeira andaua muyto d'auiso, e agasalhou em sua pousada ao João Gomes, que o ca-

pitão muyto mandaua pedir ao Ancoscão pera o mandar enforcar. E assy andou passante de hum mês, até que hum dia, decendo o Ancoscão pera baixo pera Banestarim com sua gente a folgar com muyta gente a cauallo, em que vinha o Fernão Caldeira e João Gomes, que em pratica se alongárão diante hum bom pedaço, o João Gomes vio que era bom tempo, e atrauessou o Fernão Caldeira com a lança, e lançou a correr pera Banestarim. O que sendo dito ao Ancoscão, correo, e mandou correr os seus que alcançarão o João Gomes, e lho leuarão atado. O Ancoscão lhe perguntou porque fizera aquella traição a seu amigo, com que comia e pousaua. Elle lhe respondeo que fizera o que lhe mandára o capitão, que era seu senhor. O Ancoscão lhe mandou cortar a cabeça e atar ao rabo do seu cauallo, e leuar a Banestarim, e lhe dissesse aos do passo que fossem por elle e o leuassem ao capitão, que visse o pago que ouvera sua traição. Com que o Ancoscão fiqou de quebra com o capitão, e quigera aleuantar guerra se lhe dera licença o Hidalcão; mas tolhia muytas cousas que nom fossem vender a Goa, e deixaua que lá fossem comprar por mostrar que nom estaua aleuantado; e nom queria que nenhum portuguez entrasse na casa onde elle estaua, e chamaualhe trédores.

CAPITULO V.

COMO DOM ALEIXO DE MENEZES CHEGOU A ORMUZ, E O QUE LÁ PROUEO, E AS NOUAS QUE SOUBE DOS RUMES, COM QUE SE TORNOU Á INDIA.

Dom Aleixo foy a Ormuz com as naos de sua conserua, onde chegou a saluamento, onde já estaua Simão d'Andrade, que fôra em huma nao carregada com sua fazenda, com prouisão do Gouernador, isento de dom Aleixo. Onde assy chegado, descarregarão as mercadarias d'ElRey na feitoria, e as outras cada huma recolheo as suas, e as vendeo á sua vontade, sem pagar nenhuns direitos, que erão franqueadas. Onde Pero d'Alboquerque, capitão, fez honra do recebimento a dom Aleixo, que com elle pousou na forteleza, que já por fóra era toda acabada, sómente por dentro se fazião inda algumas obras d'aposento da gente. Dom Aleixo foy logo visitado d'ElRey, e elle o foy vêr, a que deu hum riqo treçado d'ouro, e peças de brocados da Persia, e assy aos capitães. E porque as cousas d'Ormuz estauão muy assentadas e tudo muyto prouido, nom te-

ue dom Aleixo nada que fazer. E porque leuaua parentes e amigos d'obrigação pera lhe dar mesa, se passou a humas casas grandes na cidade, onde primeyro estiuera Afonso d'Alboquerque, onde daua grande mesa. Hindo n'esta viagem pera Ormuz hum Martim Afonso, homem fidalgo, na nao de dom Aleixo, ouve palauras com hum Francisco de Gá, tambem homem fidalgo, que lhe deu huma bofetada, e ouve brigas, a que dom Aleixo acodio, e os apartou; e porque o Martim Afonso fòra o culpado e soberbo, que de palaura muyto enjuriára ao Francisco de Gá, dom Aleixo mandou ao Martim Afonso passar a outra nao, o qual como chegou a Ormuz se muyto queixou a Simão d'Andrade de sua deshonra, e sobre ysso dom Aleixo o mandar como degredado fóra da nao, e trazia em sua guarda e companhia; polo que Simão d'Andrade o recolheo pera sua companhia, que tambem daua mesa a muytos homens, e lhe disse que nom arreceasse tomar sua vingança em qualquer lugar que pudesse, que elle o ajudaria; de modo que quando o Simão d'Andrade hia a casa de dom Aleixo, hia muy acompanhado, e em sua companhia o enjuriado, e o Francisco de Gá nom se apartaua da ilharga de dom Aleixo. Mas o enjuriado, com o fauor que tinha, determinado em sua vingança, estando dom Aleixo comendo com muyta gente, entrou o Martim Afonso de Mello com uma mea espada nua escondida, e por detrás dos moços que seruião á mesa chegou ao Francisco de Gá, que estaua na mesa comendo, e lhe deu huma cotilada muy grande polo rostro, de que cayo, e o Martim Afonso muy prestesmente fogio. Ao que correo dom Aleixo com toda a gente da mesa, que sem duvida fòra morto se o alcançarão; mas elle se colheo á casa de Simão d'Andrade, que acodio á porta com muyta gente que com elle comia, e nom consentio entrar muytos homens que hião diante de dom Aleixo, até elle chegar, que chegando Simão d'Andrade lhe dixe: «Senhor dom Aleixo, a que vindes a» «prender hum homem que vingou sua enjuria?» Dom Aleixo disse: «Si, mas em minha casa não.» Simão d'Andrade lhe respondeo que fizera muyto bem, pois elle o trazia d'elle guardado. Dom Aleixo nom era muyto colerico, como deuera ser a tal reposta, e tomou a mão a Simão d'Andrade e o mandou preso pera' forteleza, o que Simão d'Andrade dessimulou, dizendo que hiria, e fez detença até que saluou o Martim Afonso, que o deitou por outra porta, e foy posto em saluo nas casas d'ElRey. E sobre o Simão d'Andrade se nom querer hir pera' forteleza,

dizendo que em sua casa estaria preso, se passarão muytos debates, e dom Aleixo em pessoa tornou a casa do Simão d'Andrade com muyta gente, e da rua lhe mandou dizer, que sob pena do caso maior, logo elle só se saysse da casa e se fosse á [1] * forteleza. Hia o dom Aleixo * muy afrontado; com que o Simão d'Andrade com dous moços se sayo, e foy meter na forteleza, onde lhe mandou dom Aleixo tomar a menagem assinada na torre da menagem, e lhe mandou socrestar toda sua fazenda, e deu a capitania da sua nao a outro. Sobre que ouve muytos requerimentos e protestos, amostrando Simão d'Andrade hum aluará do Gouernador, de separado e isento dos poderes de dom Aleixo; mas dom Aleixo nada lhe guardou, e preso em outra nao o leuou pera' India 'apresentar ante o Gouernador, que tudo ouve por bem feito.

Estando assy dom Aleixo em Ormuz, soube nouas certas que Mirocem, capitão dos rumes que dom Francisco d'Almeida desbaratára em Dio, se fôra ao estreito, e se aposentára em Judá, e o Turquo lhe mandou que ahy estiuesse até que o elle acupasse, porque elle auia de mandar armada á India, que deitasse os portuguezes fóra d'ella. Do que o [2] * Mirocem teue cuidado *; per mandado do Turco ordenou outra armada muy grande em que ouve muyta detença, porque a madeira e pertenças d'armada tudo vinha da grã cidade do Cairo, e no Toro se fundio muyta artelharia, que era melhor que trazela tão longe por terra; muytos tiros grossos, e falcões, e berços que são como os nossos falcões; e a mais d'esta artelharia de camara por ser mais prestes. E tendo toda esta armada concertada, que erão trinta galés e muyta gente, deu a capitania d'ella a Soleimão baxá, que elle mandára espiar a India em trajos d'homem trabalhador, e vio tudo, e tornou ao Turqo, dizendo que nossa

[1] * forteleza *ja* o dom Aleixo * — Embora isto se pudesse lêr no original, pareceu melhor lição a que adoptámos, presuppondo a troca, bem facil ao correr da penna, de palavras tão similhantes. [2] Trasladada a passagem como primeiramente o auctor a escreveu, ler-se-hia: * do que o Rey de Misey teue cuidado * — Mas Gaspar Corrêa, emendando-a depois, ou accrescentando-lhe o que vai em italico, deixou-a como se segue: * do que o Rey de *q̃Miro*sey teue cuidado * — As emendas auctorisam a crer que o auctor, querendo substituir o nome do rei de Misey, em que se não falla antes nem depois, pelo de Mirocem, que é quem figura n'esta narrativa, se esqueceu, comtudo, de riscar as palavras *que o Rey*; e sendo assim, não ha duvida que deverá ser lida conforme a damos.

armada era fraqua cousa, e que abastauão trinta galés, bem concertadas, pera destroir toda nossa armada em huma só calmaria. Ao qual deu a capitania d'esta armada, e o mandou que se fosse a Judá onde estaua Mirocem, e faria com elle o que lhe tinha mandado em hum regimento. E partio esta armada de Suez em outubro do anno de 1515, e chegando onde estaua Mirocem se foy com elle, com duas naos que tinha feitas como as nossas, e hum galeão, e se forão á ilha de Camarão, onde o Mirocem mostrou a Soleimão o regimento do Turqo, que lhes mandaua que n'aquella ilha fizesse huma forteleza, pera que n'ella nom entrassem os portuguezes a tomar agoa, como já fizerão; e que n'ella ficasse Mirocem com quinhentos homens. Na qual acupação se meterão, e a fizerão muy forte.

E estando assy no trabalho, o Mirocem que estaua magoado do Rey d'Adem, que o nom quizera recolher, nem dar nada quando veo da India desbaratado, escreueo huma carta de feros e ameaços ao Rey d'Adem, dizendo que lho auia de pagar. Polo que o Rey d'Adem mandou enforcar o que leuou a carta, e defendeo que ninguem fosse vender mantimentos a Camarão; com que se indinarão, e o Mirocem se concertou com dous mil homens soldados, a que prometeo a cada hum cem cruzados, se lhe tomassem [1] * Zebid * que era d'ElRey d'Adem, que estaua sete legoas pola terra dentro. E com este concerto foy lá, e tomou a cidade, em que matou hum filho d'ElRey d'Adem, e muyta gente, e tomarão muyto despojo. O que sendo acabado os soldados pedirão a Mirocem cada hum os cem cruzados da promessa; do que elle se escusou porque nom tinha dinheiro, dizendo que nom era rezão lhe dar os cem cruza-

[1] * Azeby * se acha no autographo. O nome d'esta cidade da Arabia, escripto por diversos modos, mas sempre começando por Z, e acabando quasi sempre em *t* ou *d*, se póde ver nos *Commentarios d'Alboquerque*, nas *Decadas de Barros*, nas *de Couto*, na *Asia de Faria e Sousa*; e no *Itinerario de Luiz Barthema*, *Viagem d'um Comitre Veneziano*, e *Carta d'André Corsali ao duque* Lourenço de Medicis, impressos no *Primo Volume delle Navigatione et Viaggi* de Ramusio. Seguindo a regra de uniformar, quanto fosse possivel, os nomes proprios, que os nossos historiadores escreveram com grande variedade, segundo lhes soavam ao ouvido, pronunciados indistinctamente por homens instruidos ou indoutos, escrevemos * Zebid *, encostando-nos á auctoridade de *Corsali*, que navegou e descreveu o Mar Vermelho, e á de *Castanheda*, que é o escriptor que tem mais pontos de contacto com Gaspar Corrêa.

dos, pois todos ouverão muyto despojo; mas os soldados, nom tendo conta com ysso, o quiserão matar, e elle se colheo ao castello, e pedio tregoa pera mandar a Camarão polo dinheiro. O que elles agardarão, e o Mirocem escreueo a Soleimão o que passaua. Ao que lhe acodio com messigeiro, e sua carta prometendo aos soldados que lhe daria o dinheiro; que largassem a Mirocem. Mas elles nom entenderão com ysso, em modo que o Mirocem fogio de noite, e se tornou a Camarão, d'onde então escreueo aos soldados que se fossem por terra sobre Adem, e a fossem tomar, que elles hião com armada polo mar; mas elles nom quigerão; mas os capitães ambos, com a gente e armada que tinhão forão sobre Adem, e lhe fizerão muyta guerra com artelharia, e nom foy muytos dias, porque fazia mal aos nauios, e sayrão em terra, e lhe tomarão o morro do mar, d'onde com artelharia lhe fizerão grande damno, e lhe derrubarão hum grande lanço de muro, per que bem puderão entrar a cidade, e nom ousarão porque tinhão pouqua gente, e a cidade tinha muyta. Então se tornarão pera Camarão. Todas estas nouas soube dom Aleixo, com que se fez prestes, e partio pera India dar estas nouas ao Gouernador, que era bom tempo pera passar ao estreito, e tomar estes rumes em Camarão. O qual deixou prouido o que compria, e se despedio d'ElRey, e do capitão Pero d'Alboquerque, que estaua com muyta magoa sabendo os auexamentos que o Gouernador fazia ás cousas de seu tio Afonso d'Alboquerque. O qual n'estas naos mandou hum seu criado com dinheiro, que cobrisse a sepultura d'Afonso d'Alboquerque com veludo preto, e lhe fizesse grades derrador, e concertasse a capella de todo o que comprisse; e dixe a dom Aleixo quando se d'elle despedio: «Se-» «nhor, dizey ao senhor Gouernador vosso tio, que os rumes estão em» «Camarão sem nenhum medo, porque estão vivos; que lhe peço, por» «mercê, que deixe estar em paz os ossos de meu tio Afonso d'Albo-» «querque, que estão na coua.» Dom Aleixo respondeo: «Senhor, eu» «seruirey vossa mercê em tudo o que me mandar, e n'ysso, que he» «tanta rezão, farey o que vossa mercê ouvirá.»

E se partio, e com suas naos chegou a Goa, onde esteue dous dias, e sem desembarqar se foy a Cochym, porque chegou na entrada de setembro; onde em Cochym deu conta ao Gouernador das nouas que trazia, com que o Gouernador logo deu muyta pressa ás cousas de sua armada pera se hir a Goa, e partir pera o estreito.